AUTORA *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

FOURTH WING



REBECCA YARROS

Planeta

AUTORA *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

FOURTH WING



REBECCA YARROS

Planeta



REBECCA YARROS

Tradução
Nuno Carvalho

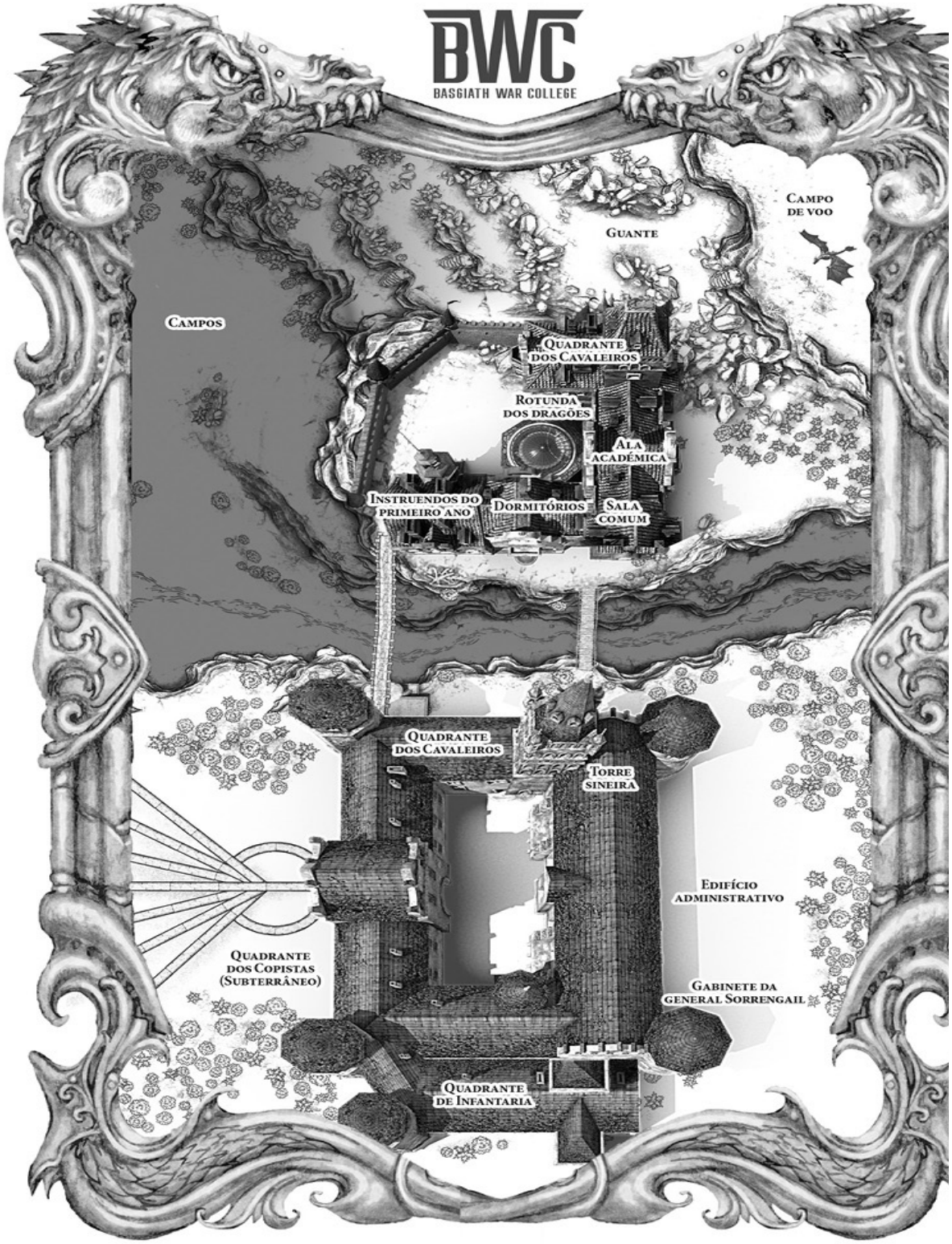
Planeta

Quarta Asa é uma aventura fantástica absolutamente eletrizante no mundo feroz e competitivo de uma escola de guerra para cavaleiros de dragões, que conta com a descrição de elementos relativos a guerras, batalhas, combates corpo a corpo, situações de perigo, sangue, violência intensa, feridas sangrentas, mortes, envenenamentos, linguagem explícita e atividades sexuais. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos deverão ter isto em conta e preparar-se para entrar na Escola de Guerra de Basgiath…

Para o Aaron.
O meu Capitão América.
Em todas as mobilizações, em todas as mudanças,
nos pontos altos mais soalheiros, nos pontos baixos mais negros,
fomos sempre tu e eu, miúdo.

Aos artistas.
Vocês têm o poder de moldar o mundo.

O texto que se segue foi fielmente transcrito do navarrês para a língua moderna por Jesinia Neilwart, conservadora do Quadrante dos Copistas da Escola de Guerra de Basgiath. Todos os acontecimentos são verdadeiros e os nomes foram preservados para honrar a coragem dos que não resistiram. Que as suas almas sejam confiadas a Malek.


BWC
BASGIATH WAR COLLEGE
CAMPO DE VOO
GUANTE
CAMPOS
QUADRANTE DOS CAVALEIROS
ROTUNDA DOS DRAGÕES
ALA ACADÉMICA
INSTRUENDOS DO PRIMEIRO ANO
DORMITÓRIOS
SALA COMUM
QUADRANTE DOS CAVALEIROS
TORRE SINEIRA
EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO
QUADRANTE DOS COPISTAS (SUBTERRÂNEO)
GABINETE DA GENERAL SORRENGAIL
QUADRANTE DE INFANTARIA

Um dragão sem o seu cavaleiro é uma tragédia.
Um cavaleiro sem o seu dragão é um cadáver.
– Artigo Primeiro, Parágrafo Primeiro
O Código dos Cavaleiros de Dragões



CAPÍTULO I

O Dia do Alistamento é sempre o mais mortífero. Talvez seja por isso que o nascer do Sol está especialmente belo esta manhã. Porque sei que poderá ser o último que vejo.

Aperto as alças do meu saco de lona e subo, não sem dificuldade, as escadas largas da fortaleza de pedra a que chamo casa. Quando chego ao corredor de pedra que conduz ao gabinete da general Sorrengail, já tenho o peito a palpitar e os pulmões inflamados com o esforço. Foi isto que seis meses de treino físico intenso me deram: a capacidade de subir a custo seis lanços de escadas com um fardo de quase 14 quilos às costas.

Estou tão fodida.

Os milhares de jovens de vinte anos à espera junto aos portões para entrar no quadrante que escolheram para servir o reino são os mais inteligentes e os mais fortes de Navarre. Centenas deles preparam-se desde que nasceram para integrarem o Quadrante dos Cavaleiros e terem a oportunidade de pertencerem a um grupo de elite. Eu tive exatamente seis meses.

Os guardas, impassíveis, alinhados junto às paredes do corredor no cimo do último lanço de escadas evitam olhar-me nos olhos quando passo, o que não é novidade nenhuma. Além disso, ser ignorada é o melhor cenário possível para mim.

A escola de Guerra de Basgiath não é conhecida por ser simpática para… bem, para ninguém, nem sequer para quem tem a mãe em posição de comando.

Todos os oficiais navarreses, independentemente da formação que desejem receber – para curandeiros, copistas, soldados de infantaria ou cavaleiros –, são moldados dentro destas paredes cruéis ao longo de três anos, onde apuram as capacidades de usar armas para protegerem as nossas fronteiras montanhosas das tentativas de invasão violenta do reino de Poromiel e dos seus cavaleiros de grifos. Os fracos não sobrevivem neste lugar, sobretudo no Quadrante dos Cavaleiros. Os dragões certificam-se disso.

– Estás a mandá-la para a morte certa! – diz uma voz ressoante do outro lado da densa porta de madeira do gabinete da general e eu solto um suspiro. Só há uma mulher no Continente suficientemente insensata para levantar a voz à general, mas deveria estar na fronteira com a Divisão Este. A *Mira.*

Ouve-se uma resposta surda no gabinete e eu estendo a mão para o puxador.

– Ela não vai ter hipótese – grita a Mira quando eu empurro a porta pesada e a transferência do peso do saco que trago às costas por pouco não me derruba. *Merda.*

A general solta uma imprecação de trás da secretária e eu agarro-me às costas do sofá de capa carmesim para me equilibrar.

– Caramba, mãe, ela nem sequer pode aguentar-se em pé com o saco – atira a Mira, a apressar-se para vir ter comigo.

– Eu estou bem! – As minhas faces aquecem de vergonha e faço um esforço para me aprumar. Voltou há cinco minutos e já está a tentar salvar-me. *Porque tu precisas de ser salva, sua idiota.*

Não quero nada disto. Não quero nem um bocadinho desta merda do Quadrante dos Cavaleiros. Não tenho nenhuma vontade de morrer. O melhor seria reprovar no teste de admissão a Basgiath e ir diretamente para o exército com a maioria dos recrutas. Mas *sou capaz* de me aguentar com o saco e *vou* ser capaz de me desenrascar.

– Oh, Violet. – Olhos castanhos cheios de preocupação fitam-me de cima para baixo e mãos fortes agarram-me os ombros.

– Olá, Mira. – Um sorriso pinta-me os cantos da boca. Ela pode estar aqui para dizer adeus, mas estou contente por ver a minha irmã pela primeira vez em muitos anos.

Os olhos da Mira enternecem-se e os dedos dobram-se nos meus ombros como se me fosse envolver num abraço, mas ela recua e vira-se para se pôr ao meu lado e olhar para a nossa mãe.

– Não podes fazer isto.

– Já está feito. – A mãe encolhe os ombros e as dobras do uniforme preto feito à medida sobem e descem com o movimento.

Solto um riso escarninho a ver a esperança de um adiamento a esfumar-se. Não que eu devesse estar à espera, ou sequer ter a esperança, de obter um grão de misericórdia que seja de uma mulher que se fez famosa pela falta dela.

– Então desfaz o que está feito – diz a Mira com os dentes cerrados. – Ela passou a vida inteira a treinar para ser copista. Não foi criada para ser cavaleira.

– Bem, não tem nada que ver contigo, pois não, tenente Sorrengail? – A mãe entrelaça as mãos em cima da superfície imaculada da secretária e inclina-se ligeiramente quando se levanta, a olhar para nós com os olhos entrefechados e avaliadores que refletem os dragões gravados nas enormes pernas da mobília. Não preciso do poder proibido da leitura de mentes para saber exatamente o que ela vê.

Com 26 anos, a Mira é a versão mais nova da nossa mãe. É alta, tem músculos fortes e poderosos tonificados por anos de treino de luta e centenas de horas passadas no dorso do seu dragão. A pele da Mira praticamente brilha de saúde e o cabelo loiro escuro está cortado curto como o da mãe para melhor se adequar ao combate. Mas, mais do que a aparência, a Mira ostenta a mesma arrogância, a firme convicção de que pertence ao céu. É uma cavaleira da cabeça aos pés.

É tudo o que eu não sou, e o abanar de cabeça reprovador da mãe é o sinal de que preciso para saber que está de acordo com esta ideia. Eu sou demasiado baixa. Demasiado frágil. As curvas que tenho deveriam ser músculo e o meu corpo traiçoeiro torna-me embaraçosamente vulnerável.

A mãe caminha na nossa direção, com as botas pretas engraxadas a brilhar nas luzes mágicas que tremeluzem nas arandelas. Pega na ponta da minha trança comprida, solta um riso escarninho ao ver a secção logo acima dos meus ombros onde os cabelos castanhos começam a perder a vivacidade da cor, que se vai desvanecendo devagar num prateado metálico e frio nas pontas, e depois larga-a.

– Pele sem brilho, olhos sem brilho, cabelo sem brilho. – O olhar dela tolhe-me completamente toda a confiança que eu pudesse ter. – É como se aquela febre

te tivesse levado toda a cor e toda a força. – Uma faísca de dor perpassa-lhe pelos olhos e as sobrancelhas franzem-se. – Eu disse-lhe para te tirar daquela biblioteca.

Não é a primeira vez que a ouço a maldizer a doença que quase a matou quando estava grávida de mim ou a biblioteca que se tornou a minha segunda casa graças ao meu pai, depois de ambos terem sido colocados aqui em Basgiath, ela como instrutora e ele como copista.

– Eu adoro aquela biblioteca – replico. Já passou mais de um ano desde que o coração do meu pai acabou por ceder e os Arquivos continuam a ser o único lugar que sinto como casa nesta fortaleza gigantesca, o único lugar onde sinto a presença do meu pai.

– A falar como a filha de um copista – diz a minha mãe em voz baixa e eu vejo-a: a mulher que ela era quando o meu pai estava vivo. Mais terna. Mais afável… pelo menos com a família.

– Eu sou filha de um copista. – As minhas costas estão a gritar comigo, pelo que deixo o saco escorregar dos ombros, pouso-o no chão e inspiro completamente pela primeira vez desde que saí do meu quarto.

A minha mãe pestaneja e a mulher um pouco mais terna que acabei de ver desaparece, deixando apenas a general.

– És filha de uma cavaleira, tens 20 anos e hoje é o Dia do Alistamento. Eu vou deixar-te acabar a formação, mas, como te disse na primavera passada, não quero ver uma das *minhas* filhas a entrar no Quadrante dos Copistas, Violet.

– Porque as copistas não chegam aos pés das cavaleiras, não é? – resmungo, perfeitamente ciente de que os cavaleiros representam o topo da hierarquia social e militar. Montar dragões que deixam as pessoas carbonizadas por tudo e por nada ajuda.

– Exatamente! – A habitual compostura da minha mãe sofre um abalo. – E se te atreveres a entrar no túnel para o Quadrante dos Copistas hoje, arranco-te de lá por essa trança ridícula e levo-te para o parapeito com as minhas próprias mãos.

Sinto o estômago a dar voltas.

– O pai não ia querer isto! – defende a Mira, com o pescoço a afoguear-se.

– Eu amava o teu pai, mas ele morreu – diz a mãe, como se estivesse a apresentar o boletim meteorológico. – Duvido que ele tenha algum querer neste

momento.

Eu inspiro o ar, mas não digo nada. Discutir não me levará a lugar nenhum. Nunca ouviu patavina do que eu disse sempre que falei com ela, e hoje não vai ser diferente.

– Enviar a Violet para o Quadrante dos Cavaleiros é o equivalente a uma sentença de morte. – Parece que a Mira ainda não se deu por vencida. A Mira *nunca* se dá por vencida em nenhuma discussão com a mãe, e o mais frustrante é que a mãe sempre a respeitou por isso. Dois pesos e duas medidas para a vitória. – Não é suficientemente forte, mãe! Já partiu o braço este ano, torce uma articulação semana sim, semana não e não tem altura suficiente para montar nenhum dragão suficientemente grande para a manter viva numa batalha.

– A sério, Mira? – Mas. Que. Raio. As unhas cravam-se-me nas palmas das mãos quando enrolo as mãos em punhos. Saber que as minhas possibilidades de sobrevivência são mínimas é uma coisa. Ver a minha irmã a atirar-me as minhas imperfeições à cara é outra. – Estás a dizer que eu sou *fraca*?

– Não. – A Mira aperta-me a mão. – Só… frágil.

– Isso não melhora nada. – Os dragões não se vinculam a mulheres *frágeis.* Carbonizam-nas.

– A tua irmã é baixa. E depois? – A mãe olha para mim de cima a baixo e observa o corte generoso da túnica creme com cinto e das calças que escolhi esta manhã para a minha possível execução.

Eu resfolego.

– Agora estamos a fazer uma lista dos meus defeitos, é?

– Eu nunca disse que era um defeito. – A mãe vira-se para a minha irmã. – Mira, a Violet lida com mais dor antes do almoço do que tu durante uma semana inteira. Se alguma das minhas filhas é capaz de sobreviver no Quadrante dos Cavaleiros, é ela.

As minhas sobrancelhas erguem-se. Parecia mesmo um elogio, mas com a minha mãe, nunca tenho muitas certezas.

– Quantos candidatos a cavaleiros morrem no Dia do Alistamento, mãe? Quarenta? Cinquenta? Estás assim tão ansiosa por enterrar mais um filho? – pergunta a Mira, a ferver de raiva.

Encolho-me ao ver a temperatura da sala a gelar, cortesia do poder de sinete de manipular tempestades que a minha mãe canaliza pelo seu dragão, Aimsir.

Sinto um aperto no peito ao lembrar-me do meu irmão. Ninguém se atreve a fazer referência ao Brennan ou ao dragão dele há cinco anos, altura em que morreram a lutar contra a rebelião de Tyrrendor no sul. A minha mãe tolera-me e respeita a Mira, mas adorava o Brennan.

E o meu pai também. Começou a sentir dores no peito logo depois da morte do Brennan.

O maxilar da minha mãe cerra-se e os olhos furiosos ameaçam retaliação quando ela os põe na Mira.

A minha irmã engole em seco, mas não se deixa intimidar na competição de olhares.

– Mãe – começo. – Ela não quis dizer que…

– Saia. Imediatamente. Tenente. – As palavras da mãe são nuvens suaves de vapor no gabinete gelado. – Antes que eu a declare ausente da sua unidade sem autorização.

A Mira apruma a postura, acena uma vez e roda com precisão militar. Depois dirige-se a passo largo para a porta sem dizer mais nada e agarra um pequeno saco de ombros antes de sair.

É a primeira vez que a minha mãe e eu estamos sozinhas em meses.

Os olhos dela fixam-se nos meus e a temperatura sobe quando ela inspira profundamente.

– Estiveste entre os 25 por cento melhores em velocidade e agilidade durante o exame de admissão. Não vais ter problemas. Nenhum Sorrengail tem problemas. – Passa com as costas dos dedos pelo meu rosto, quase sem me tocar na pele. – És tão parecida com o teu pai – sussurra antes de aclarar a garganta e recuar alguns passos.

Calculo que não haja prémios de mérito em serviço para a disponibilidade emocional.

– Não vou poder reconhecer-te nos próximos três anos – diz, voltando a sentar-se na ponta da secretária. – Afinal, como general comandante de Basgiath, vou ser uma oficial muito superior a ti.

– Eu sei. – Não é isso o que mais me preocupa neste momento, tendo em conta que ela quase não me reconhece atualmente.

– E também não vais receber nenhum tipo de tratamento especial só por seres minha filha. Quando muito, vão ser ainda mais duros contigo para que proves o

teu valor. – A minha mãe arqueia a sobrancelha.

– Bem sei. – Ainda bem que estive a treinar com o major Gillstead desde que a minha mãe tomou esta decisão já lá vão alguns meses.

Ela suspira e força um sorriso.

– Então acho que nos vamos ver no vale durante a Debulha, candidata. Embora calcule que à noite já vais ser cadete.

Ou uma mulher morta.

Nenhuma de nós o diz.

– Boa sorte, candidata Sorrengail. – A minha mãe volta para trás da secretária, num gesto de dispensa.

– Obrigada, general. – Levanto o saco para cima dos ombros e saio do gabinete. Um guarda fecha a porta nas minhas costas.

– Está completamente louca – diz a Mira do centro do corredor, a meio do local onde estão colocados dois guardas.

– Eles vão dizer-lhe que disseste isso.

– Como se não soubessem já – resmunga ela entre os dentes cerrados. – Vamos. Só temos uma hora até todos os candidatos terem de se apresentar e eu vi milhares à espera junto aos portões quando vinha em cima do meu dragão. – Começa a andar conduzindo-me pela escada de pedra e pelos corredores até ao meu quarto.

Bem… o meu *antigo* quarto.

Nos 30 minutos em que estive fora, todos os meus pertences foram colocados em caixas que estão empilhadas num canto. Sinto um murro no estômago. Ela empacotou a minha vida inteira.

– É eficiente como o caralho, tenho de o reconhecer – murmura a Mira entre dentes antes de se virar para mim e me fitar de cima a baixo em avaliação. – Tinha esperança de a convencer a não avançar com isto. O Quadrante dos Cavaleiros não é para ti.

– Sim, já te ouvi a dizer isso. – Olho para ela com a sobrancelha levantada. – Muitas vezes.

– Desculpa. – A minha irmã estremece, baixa-se e esvazia o saco.

– O que estás a fazer?

– O que o Brennan fez por mim – diz com a voz baixa, e eu sinto o pesar a tolher-me a garganta. – Sabes usar uma espada?

Abano a cabeça.

– São demasiado pesadas. Mas sou muito rápida com punhais. – Mesmo muito rápida. Como um relâmpago. O que me falta em força, compenso em velocidade.

– Já calculava. Boa. Agora pega no saco e descalça essas botas horríveis. – Vasculha as coisas que trouxe e dá-me botas novas e um uniforme preto. – Usa isto.

– Qual é o problema das minhas coisas? – pergunto sem deixar de largar o saco. Ela abre-o de imediato, e arranca do interior tudo o que eu lá tinha guardado com mil cuidados. – Mira! Levei a noite inteira a fazer isso!

– Estás a levar coisas de mais e as tuas botas são um perigo. Vais escorregar logo do parapeito com essas solas tão lisas. Pelo sim pelo não, mandei fazer um par de botas de cavaleira com sola de borracha para ti e, minha querida Violet, ainda bem que o fiz, porque o cenário não é agradável. – Começam a voar livros, que aterram junto às caixas.

– Bem, eu só posso levar o que for capaz de carregar e quero esses livros! – Lanço-me para o livro seguinte antes de ela ter a oportunidade de o atirar e, por pouco, consigo salvar a minha coleção preferida de contos negros.

– Estás disposta a morrer por isso? – pergunta, os olhos a endurecer.

– Eu consigo carregá-los! – Nada disto faz sentido. Eu deveria dedicar a minha vida aos livros, não atirá-los para o canto para ficar com o saco mais leve.

– Não, não consegues. Tens pouco mais do que o triplo do peso do saco, o parapeito tem mais ou menos 45 centímetros, uma altitude de 60 metros e, da última vez que olhei lá para fora, havia nuvens a adensar-se. Não vão adiar nada disto só por poder chover e a ponte poder ficar um pouco mais escorregadia, mana. Vais cair. E morrer. Agora, vais ouvir o que eu te digo? Vais juntar-te aos outros candidatos mortos na leitura do rol amanhã de manhã? – Não há sinal da minha irmã mais velha na cavaleira que vejo à minha frente. Esta mulher é perspicaz, astuta e um tudo-nada cruel. Esta é a mulher que sobreviveu aos três anos com apenas uma cicatriz, provocada pelo seu próprio dragão durante a Debulha. – Porque não vais passar disso. Mais um túmulo. Mais um nome marcado na pedra. Livra-te dos livros.

– Foi o pai que me deu este – murmuro, levando o livro ao peito. Talvez seja uma infantilidade, só uma coletânea de histórias que nos protegem do apelo

da magia e chegam até a demonizar dragões, mas é a única coisa que me resta.

A minha irmã suspira.

– Esse é aquele velho livro de lendas populares sobre aqueles vermes que manipulam magia negra no dorso de serpes? Não o leste já umas mil vezes?

– Talvez mais – admito. – E são *venéficos*, não vermes.

– O pai e as alegorias dele – diz ela. – É bom é que não tentes canalizar poderes antes de seres uma cavaleira vinculada, que os monstros de olhos vermelhos não se vão esconder debaixo da tua cama à espera de te raptarem para te levarem para o exército negro nos seus dragões de duas patas. – A Mira pega no último livro que eu guardei no saco e estende-mo. – Livra-te dos livros. O pai não te pode salvar. Tentou. Eu também tentei. Decide-te, Violet. Vais morrer copista? Ou viver como uma cavaleira?

Eu olho de relance para os livros que tenho nos braços e faço uma escolha.

– És uma chata do caraças. – Coloco os contos num canto, mas fico com o outro volume nas mãos e olho para a minha irmã.

– Uma chata do caraças que te vai manter viva. Para que é esse? – pergunta em jeito de desafio.

– Para matar pessoas. – Devolvo-lho.

Um sorriso leve espalha-se no rosto dela.

– Boa. Podes ficar com esse. Agora, troca de roupa enquanto eu trato do resto desta confusão. – O sino toca bem lá no alto. Temos 45 minutos.

Visto-me depressa, mas tenho a sensação de que todas as peças de roupa pertencem a outra pessoa, embora seja óbvio que foram feitas à minha medida. A minha túnica é substituída por uma camisa preta justa que me cobre os braços e as minhas calças arejadas são trocadas por calças de pele que se colam a cada curva. De seguida, a Mira aperta-me um corpete em forma de colete em cima da camisa.

– Assim não há fricção – explica.

– Como o equipamento que as cavaleiras usam em batalha. – Tenho de admitir, a roupa dá-me um ar de durona, por muito que eu me sinta como uma impostora. *Meus deuses, isto está mesmo a acontecer.*

– Exatamente, porque é isso o que vais fazer. Entrar numa batalha.

A combinação de pele e de um tecido que não reconheço cobre-me desde a clavícula até pouco depois da cintura, envolve-me os seios e passa-me por cima e

pelo lado dos ombros. Passo o dedo pelas bainhas escondidas costuradas diagonalmente ao longo da caixa torácica.

– Para os teus punhais.

– Só tenho quatro. – Agarro-os da pilha que está no chão.

– Vais conquistar mais.

Deslizo os punhais para dentro das bainhas, como se as minhas costelas se tivessem tornado armas. O desenho é engenhoso. Com bainhas nas costelas e nas minhas coxas, o acesso às facas é muito fácil.

Mal me reconheço ao espelho. Pareço uma cavaleira. E continuo a sentir-me uma copista.

Minutos depois, metade das coisas que eu tinha guardado no saco está empilhada em cima das caixas. A Mira voltou a organizar-me o saco, descartando tudo o que considerava desnecessário e quase tudo o que tivesse algum cariz sentimental enquanto vomitava conselhos sobre como sobreviver no quadrante. Depois, surpreende-me ao fazer o gesto mais sentimental de sempre: manda-me sentar entre os joelhos dela para poder fazer uma coroa com as minhas tranças.

É como se eu fosse criança outra vez e não uma mulher adulta, mas faço-lhe a vontade.

– O que é isto? – Testo o material em cima do meu coração, arranhando-o com a ponta da unha.

– Uma coisa que eu desenhei – explica ela, a puxar-me a trança até o escalpe me doer. – Mandei-a construir especialmente para ti com as escamas do Teine costuradas, por isso tem cuidado.

– Escamas de dragão? – Viro a cabeça para ela num movimento súbito. – Como? O Teine é enorme.

– Por acaso conheço um cavaleiro que tem o poder de transformar coisas muito grandes em coisas bem pequenas. – Um sorriso travesso pinta-lhe os olhos. – E coisas pequenas… em coisas muito maiores.

Eu reviro os olhos. A Mira sempre foi mais aberta sobre os homens da vida dela do que eu… sobre os dois da minha.

– A sério, assim tão maior?

Ela ri-se e puxa-me a trança.

– Cabeça para a frente. Deverias ter cortado o cabelo. – Puxa os fios de cabelo com força e volta ao trabalho. – É um inconveniente em treino de combate e batalha, além de ser um enorme alvo. Mais ninguém tem um cabelo com as pontas prateadas como o teu e já te vão ter em ponto de mira.

– Sabes muito bem que o pigmento natural parece abandoná-lo gradualmente, independentemente do comprimento que tenha. – Os meus olhos são igualmente indecisos, um tom claro de avelã com cambiantes variáveis de azul e âmbar, nenhuma das quais parece favorecer a cor verdadeira. – Além disso, tirando a preocupação de todas as outras pessoas em relação à cor, o meu cabelo é a única coisa em mim que é perfeitamente saudável. Se o cortasse pareceria que estaria a castigar o meu corpo por finalmente fazer alguma coisa bem, além do que não sinto exatamente a necessidade de esconder quem sou.

– Nem tens de sentir. – A Mira agarra-me a trança com força, puxa-me a cabeça para trás e ficamos com os olhos postos uma na outra. – És a mulher mais inteligente que eu conheço. Não te esqueças disso. O teu cérebro é a tua melhor arma. Só tens de ser mais esperta do que os outros, Violet. Estás a ouvir-me?

Eu assinto com a cabeça e ela deixa de me puxar o cabelo, termina a trança e levanta-me enquanto continua a resumir anos de conhecimento em 15 minutos apressados em que quase nem faz uma pausa para respirar.

– Tens de estar sempre atenta. Não faz mal nenhum estares calada, mas certifica-te de que reparas em tudo e em todos à tua volta e usa essa observação em teu benefício. Leste o Códice?

– Algumas vezes. – O regulamento do Quadrante dos Cavaleiros é muito mais curto do que os das outras divisões. Provavelmente porque os cavaleiros têm dificuldade em respeitar as regras.

– Ainda bem. Então sabes que os outros cavaleiros te podem matar a qualquer momento e os cadetes mais ferozes *vão* tentar fazê-lo. Menos cadetes significa melhores oportunidades na Debulha. Nunca há dragões suficientes dispostos a vincular-se e, seja como for, nenhuma pessoa que seja descuidada ao ponto de poder morrer por culpa própria é digna de um dragão.

– Exceto se estiver a dormir. Atacar um cadete que esteja a dormir é um delito digno de execução. Artigo Terceiro…

– Sim, mas isso não significa que estejas em segurança à noite. Dorme com isto vestido se puderes. – Bate na parte da frente do meu corpete.

– O preto da cavalaria tem de ser merecido. Tens a certeza de que não devo vestir a minha túnica hoje? – Passo as mãos por cima da pele.

– O vento lá em cima no parapeito fará de qualquer tecido a mais uma vela. – Estende-me o meu saco, agora muito mais leve. – Quanto mais apertada for a tua roupa, melhor será para ti quando estiveres lá em cima, ou quando fores para o tapete e começares os treinos de combate. Nunca tires a couraça. *Nunca* deixes de usar os punhais. – Aponta para as bainhas nas coxas dela.

– Alguém haverá de dizer que não as mereci.

– És uma Sorrengail – responde ela, como se fosse razão suficiente. – Não ligues ao que dizem.

– E não achas que usar as escamas de um dragão é fazer batota?

– Depois de subires ao torreão, batota é uma palavra sem significado. Só existe a sobrevivência ou a morte. – Ouve-se a campainha a soar: só faltam 30 minutos. A Mira engole em seco. – Está quase na hora. Estás pronta?

– Não.

– Eu também não estava. – O canto da boca dobra-se com um sorriso enviesado. – E passei a vida inteira a treinar para esse momento.

– Eu não vou morrer hoje. – Atiro o saco para cima dos ombros e respiro com menos dificuldade do que de manhã. Não há dúvida de que é muito mais fácil de carregar.

Os corredores da secção administrativa central da fortaleza estão sinistramente silenciosos quando os percorremos e descemos os diferentes lanços de escadas sinuosas, mas o barulho do exterior aumenta à medida que vamos chegando aos andares inferiores. Pelas janelas, vejo milhares de candidatos a abraçar os entes queridos e a fazer as despedidas nos campos de erva imediatamente abaixo do portão principal. Pelo que vi nos anos anteriores, a maioria das famílias fica agarrada aos candidatos até ao último toque do sino. As quatro estradas que conduzem à fortaleza estão atravancadas com cavalos e carruagens, sobretudo no ponto de convergência à frente da escola, mas são as carruagens vazias na extremidade dos campos que me dão a volta ao estômago.

São para os corpos.

Imediatamente antes de contornarmos a última esquina que dará para o pátio, a Mira detém-se.

– O que é… *uau*. – Puxa-me ao encontro do peito dela e abraça-me com força na privacidade relativa do corredor.

– Amo-te, Violet. Lembra-te de tudo o que eu te disse. Não sejas mais um nome no rol de mortes. – A voz dela treme e eu envolvo-a nos meus braços com um abraço apertado.

– Eu fico bem – prometo.

Ela assente com a cabeça e o queixo bate-me no cimo da cabeça.

– Eu sei. Vamos.

É a última coisa que diz antes de se afastar e encaminhar-se para o pátio apinhado junto ao portão principal da fortaleza. Instrutores, comandantes e até a nossa mãe estão informalmente reunidos, à espera de que a confusão além do portão se transforme na ordem aquém. De todas as portas da escola de guerra, o portão principal é o único por que nenhum cadete vai passar hoje, uma vez que cada quadrante tem entrada e instalações próprias. Caramba, os cavaleiros têm uma cidadela própria. Trastes pretensiosos e egocêntricos.

Sigo a Mira e apanho-a ao fim de algumas passadas mais apressadas.

– Vê se encontras o Dain Aetos – diz-me a Mira quando atravessamos o pátio e nos dirigimos para o portão aberto.

– O Dain? – Não consigo deixar de sorrir ao pensar em voltar a ver o Dain e o meu batimento cardíaco acelera. Passou um ano, período durante o qual senti falta dos seus olhos castanhos e doces e da forma como ele se ri, da maneira como todo o corpo acompanha os lábios. Senti falta da nossa amizade e dos momentos em que pensei que poderia transformar-se em algo mais, no contexto certo. Senti falta da forma como olha para mim, como se eu fosse alguém em quem vale a pena reparar. Senti, enfim, falta dele.

– Estou fora do quadrante há três anos, mas, pelo que sei, ele está a safar-se bem e vai manter-te a salvo. Deixa-te desses sorrisos – censura-me a Mira. – Ele vai ser do segundo ano. – Abana-me o dedo. – Não te metas com pessoal do segundo ano. Se queres dar umas quecas, e deverias fazê-lo – diz-me com as sobrancelhas levantadas – muitas vezes, tendo em conta que nunca se sabe o que os dias irão trazer, vai para a cama com alguém do teu ano. Não há nada pior do

que cadetes a dizer por aí que andaste à procura de segurança na cama dos mais velhos.

– Quer dizer que posso levar para a cama todos os instruendos do primeiro ano que me apetecer – digo com um leve sorriso. – Só não do segundo e terceiro anos.

– Exatamente. – A minha irmã pisca-me o olho.

Atravessamos os portões, deixamos a fortaleza e juntamo-nos ao caos organizado à nossa frente.

Cada uma das seis províncias de Navarre enviou a respetiva quota de candidatos para o serviço militar. Alguns apresentam-se como voluntários. Alguns são enviados como castigo. A maioria é recrutada. A única coisa que temos em comum aqui em Basgiath é termos passado no exame de admissão – tanto no teste escrito como no teste de agilidade em que eu ainda não acredito que passei –, o que significa que, pelo menos, não vamos acabar como forragem para a infantaria na linha da frente.

A expectativa deixa a atmosfera tensa quando a Mira me conduz pelo caminho de pedras da calçada gastas em direção à torre sul. A escola principal foi construída na vertente do Monte de Basgiath, como se tivesse sido entalhada na cumeada. A extraordinária estrutura que se estende ao longo do monte eleva-se sobre a multidão de candidatos ansiosos que esperam pela chamada junto das famílias lacrimosas, com muralhas de pedra da altura de vários andares – construídas para proteger a torre no interior da fortaleza – e os torreões de defesa em cada um dos cantos, um dos quais alberga os sinos.

A maioria da multidão começa a fazer fila junto à base do torreão norte, onde fica a entrada para o Quadrante dos Soldados de Infantaria. Uma parte da turba dirige-se para o portão que está atrás de nós, onde fica o Quadrante dos Curandeiros que ocupa a extremidade sul da escola. Sinto a inveja a comprimir-me o peito quando vejo algumas pessoas a entrar no túnel central que dá para os arquivos em baixo da fortaleza para integrar o Quadrante dos Copistas.

A entrada para o Quadrante dos Cavaleiros não passa de uma porta fortificada na base da torre, exatamente igual à entrada da infantaria a norte. Mas enquanto os candidatos à infantaria podem entrar diretamente para o nível do solo do seu quadrante, nós, os candidatos a cavaleiros, temos de *subir*.

A Mira e eu juntamo-nos à fila para o Quadrante dos Cavaleiros, à espera para nos registarmos, e cometo o erro de olhar para cima.

Bem acima de nós, a atravessar o vale do rio que divide a escola principal da cidadela ainda mais alta e imponente do Quadrante dos Cavaleiros na cumeada sul, está o parapeito, a ponte de pedra que está prestes a separar os candidatos a cavaleiros dos cadetes ao longo das próximas horas.

Não consigo acreditar que estou prestes a atravessar aquela coisa.

– Bem, andei eu a preparar-me para o exame escrito para copista estes anos todos. – A minha voz transpira sarcasmo. – Devia era ter andado a brincar na trave de equilíbrio.

A Mira ignora-me e a fila vai avançando com os candidatos a desaparecerem do outro lado da porta.

– Não deixes que o vento te tolha o passo.

Dois candidatos à nossa frente; uma mulher soluça quando o companheiro a arranca de um jovem. Depois o casal afasta-se da fila e desce o monte em lágrimas em direção à multidão de entes queridos que ocupam as bermas das estradas. Não há mais pais à nossa frente, só algumas dezenas de candidatos a dirigir-se para os escrivães.

– Não tires os olhos das pedras à tua frente e não olhes para baixo – diz a Mira, com as linhas de expressão a contrair-se. – Abre os braços para te equilibrares. Se o saco escorregar, larga-o. Se for para cair, antes o saco do que tu.

Eu olho para trás de nós e parece que houve centenas de pessoas a juntar-se à fila no espaço de minutos.

– Talvez os devesse deixar ir primeiro – sussurro quando o pânico me dá um soco no coração. O que raio estou eu a fazer?

– Não – responde a Mira. – Quanto mais esperares naqueles degraus – aponta para a torre –, maiores serão as probabilidades de o teu medo aumentar. Atravessa o parapeito antes que o terror se apodere de ti.

A fila avança e o sino volta a tocar. São oito horas.

Como seria de prever, os milhares de pessoas atrás de nós dividiram-se completamente pelos quadrantes que selecionaram, todos alinhados para assinarem o pergaminho e começarem o serviço.

– Concentra-te – dispara a Mira e eu viro imediatamente a cabeça para a frente. – Isto pode parecer severo, mas não procures amizades neste lugar,

Violet. Cria alianças.

Só há duas pessoas à nossa frente: uma mulher com um saco bem cheio, cujas maças do rosto altas e cara oval me fazem lembrar representações de Amari, a rainha dos deuses. O cabelo castanho-escuro está preso em várias filas de tranças curtas que lhe pendem sobre a pele igualmente escura do pescoço. O segundo é o homem loiro e musculado que tinha a mulher a chorar em cima dele. Tem um saco ainda maior às costas.

Olho para a secretária dos escrivães à frente de ambos e os meus olhos arregalam-se.

– É o…? – sussurro.

A Mira olha de relance e pragueja baixinho entre dentes cerrados.

– O filho de um separatista? É. Estás a ver aquela marca brilhante que lhe começa em cima do pulso? É uma relíquia da rebelião.

Levanto as sobrancelhas em surpresa. As únicas relíquias de que ouvi falar referem-se a quando um dragão usa magia para marcar a pele do cavaleiro ou cavaleira a que está vinculado. Mas essas relíquias são um símbolo de honra e poder e normalmente têm o formato do dragão que as legou. As marcas no pulso do filho do separatista são volutas e traços que parecem mais um aviso do que a representação de um laço.

– Foi um *dragão* que fez aquilo? – sussurro.

Ela faz que sim com a cabeça.

– A mãe diz que o dragão do general Melgren fez o mesmo a todos eles quando lhes executou os pais, mas não estava propriamente aberta a falar mais sobre o tema. Não há como castigar as crianças para dissuadir mais pais de cometer traição.

Parece… cruel, mas a primeira regra da vida em Basgiath é nunca questionar um dragão, uma vez que eles tendem a carbonizar qualquer pessoa que considerem malcriada.

– A maioria das crianças marcadas com relíquias da rebelião são de Tyrrendor, claro, mas há algumas das outras províncias cujos pais também se tornaram traidores… – O sangue esvai-se-lhe do rosto e ela agarra as alças do meu saco, virando-me para eu a olhar. – Acabei de me lembrar. – A voz baixa e inclino-me para a frente com o coração aos saltos perante a urgência do tom que está a usar. – Não te aproximes do Xaden Riorson.

O ar sai-me dos pulmões em longas golfadas. Este nome…

– *Esse* Xaden Riorson – confirma ela, o medo a permear-lhe o olhar. – Está no terceiro ano e não hesitará em matar-te assim que descobrir quem és.

– O pai dele foi o Grande Traidor. Foi ele que *liderou* a rebelião – digo, baixinho. – O que é que o Xaden está a fazer aqui?

– Todos os filhos dos chefes foram alistados como castigo pelos crimes dos pais – sussurra a Mira quando nos arrastamos para o lado e avançamos com a fila. – A mãe disse-me que não estavam à espera de que o Riorson fosse capaz de ultrapassar o parapeito. Depois pensaram que seria morto por um cadete, mas assim que o dragão dele o escolheu… – Abana a cabeça. – Bem, a partir daí não há muito que se possa fazer. Subiu ao posto de chefe de divisão.

– Que grande treta – resmungo.

– Ele jurou fidelidade a Navarre, mas eu acho que isso não o vai impedir de fazer algo contra ti. Assim que chegares ao outro lado do parapeito, porque *vais* conseguir atravessá-lo, vai à procura do Dain. Ele vai integrar-te na esquadra dele e, com um pouco de sorte, vais ficar longe do Riorson. – A Mira aperta-me melhor as alças. – Não. Te. Aproximes. Dele.

– Registado. – Assinto com a cabeça.

– Próximo – chama uma voz de trás da mesa de madeira onde estão pousados os registos do Quadrante dos Cavaleiros. O cavaleiro marcado que não conheço está sentado ao lado de um copista que conheço, e as sobrancelhas grisalhas do capitão Fitzgibbons erguem-se no rosto engelhado. – Violet Sorrengail?

Eu assinto com a cabeça, pego na pena e assino a primeira linha em branco que vejo no pergaminho.

– Mas eu pensei que ias para o Quadrante dos Copistas – diz o capitão Fitzgibbons em voz baixa.

Sinto inveja da túnica em tons de creme que ele tem vestida e não consigo encontrar palavras para dizer.

– Não foi essa a decisão da general Sorrengail – intervém a Mira.

Os olhos do provecto homem enchem-se de tristeza.

– É uma pena. Eras uma promessa tão grande.

– Valham-nos os deuses – diz o cavaleiro ao lado do capitão Fitzgibbons. – É a Mira Sorrengail? – Fica de queixo caído e eu consigo sentir o cheiro da veneração daqui.

– Sou. – A Mira assente com a cabeça. – Esta é a minha irmã, Violet. Vai entrar para o primeiro ano.

– Se sobreviver ao parapeito. – Alguém atrás de mim sorri baixinho. – O vento pode levá-la imediatamente com ele.

– Combateu em Strythmore – diz o cavaleiro atrás da secretária, embasbacado. – Condecoraram-na com a Ordem da Garra por ter eliminado aquela bateria atrás das linhas do inimigo.

Os risos baixos param.

– Como eu estava a dizer… – A Mira pousa a mão na minha zona lombar. – Esta é a minha irmã, Violet.

– Já conhece o caminho. – O capitão assente com a cabeça e aponta para a porta aberta no torreão. O interior parece sinistramente escuro e luto contra o impulso de correr a sete pés.

– Sim, conheço o caminho – assegura-lhe ela, conduzindo-me para lá da mesa para que o idiota das risadinhas atrás de mim possa assinar o rol.

Paramos à entrada e viramo-nos uma para a outra.

– Não morras, Violet. Detestaria ser filha única. – Abre um sorriso rasgado e vai-se embora, perambulando para lá da fila de candidatos embasbacados, que, entretanto, tinham ficado a saber quem ela era e o que tinha feito.

– Não é fácil estar à altura de tamanhas expectativas – diz a mulher à minha frente, que tinha acabado de entrar na torre.

– Pois não – concordo antes de agarrar nas alças do saco e entrar na escuridão. Os meus olhos adaptam-se rapidamente à luz débil que vem das janelas equidistantes ao longo da escada em caracol.

– Sorrengail como a…? – pergunta a mulher a olhar por cima do ombro quando começamos a subir as centenas de degraus que nos poderão conduzir à morte.

– Precisamente. – A escada não tem corrimão, pelo que mantenho a mão na parede de pedra à medida que vamos chegando cada vez mais alto.

– A general? – pergunta o loiro à nossa frente.

– Nem mais – respondo com um sorriso breve. Uma pessoa a quem a mãe se agarra assim durante tanto tempo não pode ser assim *tão* má, não é?

– Uau. E que belas peles. – Ele retribui o sorriso.

– Obrigada. Foi a minha irmã que mas ofereceu.

– Imagino quantos candidatos terão caído das escadas e morrido ainda antes de chegar ao parapeito – diz a mulher, a olhar para baixo no centro das escadas quando já estamos a grande altura.

– Dois no ano passado. – Levanto a cabeça quando ela olha de relance para trás. – Bem, três se contarmos com a rapariga sobre a qual um deles aterrou.

Os olhos castanhos da mulher inflamam-se, mas volta a virar-se para a frente e continua a subir as escadas.

– Quantos degraus temos de subir? – pergunta.

– Duzentos e cinquenta – respondo e subimos em silêncio durante mais cinco minutos.

– Nada mal – diz ela com um sorriso aberto quando nos aproximamos do cimo e a fila para. – Chamo-me Rhiannon Matthias, já agora.

– Dylan – responde o loiro com um aceno entusiasmado.

– Violet. – Lanço-lhes um sorriso tenso, ignorando flagrantemente a sugestão que a Mira me tinha dado para evitar amizades e me limitar a criar alianças.

– Tenho a sensação de que esperei a vida inteira por este dia. – O Dylan ajeita o saco nas costas. – Nem acredito que estou prestes a fazer isto. É um sonho tornado realidade.

Certo. Como seria de esperar, todos os outros candidatos estão entusiasmados por estarem aqui. Este é o único quadrante em Basgiath que não aceita recrutas, só voluntários.

– Foda-se, eu mal posso esperar. – O sorriso da Rhiannon faz-se mais aberto. – Quem é que não quer montar um *dragão*, afinal?

Eu. Em teoria, até parece divertido. É verdade que sim. As aberrantes probabilidades de sobrevivência ao curso é que me deixam o estômago às voltas.

– Os teus pais aprovam? – pergunta o Dylan. – Porque a minha mãe anda a implorar-me que mude de ideias há *meses*. Estou sempre a dizer-lhe que terei melhores possibilidade de progredir enquanto cavaleiro, mas ela queria que eu fosse para o Quadrante dos Curandeiros.

– Os meus pais sempre souberam que era isto que eu queria, de maneira que sempre me apoiaram. Além disso, têm a minha irmã gémea para mimar. A Raegan já concretizou o sonho dela: casou e está à espera de um bebé. – A Rhiannon volta a olhar para mim. – E tu? Deixa-me adivinhar. Com um nome como Sorrengail, aposto que foste a primeira voluntária este ano.

– Fui mais uma voluntária à força. – A minha resposta é muito menos entusiasmada do que a dela.

– Estou a ver.

– E os cavaleiros têm melhores regalias do que os outros oficiais – digo ao Dylan quando a fila avança mais um pouco. O candidato dos risinhos atrás de mim alcança-nos, a suar e vermelho. *Vejam só quem se deixou de risadinhas.* – Melhor salário, maior tolerância na política de uniformes – continuo. Ninguém liga ao que os cavaleiros e as cavaleiras usam, desde que seja preto. As únicas regras que os cavaleiros têm de seguir são as que li no Códice e memorizei.

– E o direito de te considerares a maior das duronas – acrescenta Rhiannon.

– Isso também – concordo. – Tenho quase a certeza de que nos distribuem um ego juntamente com as peles de voo.

– Além disso, ouvi dizer que os cavaleiros podem casar-se mais cedo do que os oficiais dos outros quadrantes – acrescenta o Dylan.

– É verdade. Logo depois da conclusão do curso. – Se sobrevivermos. – Acho que tem algo que ver com a vontade de dar continuidade às linhagens. – A maioria dos cavaleiros mais bem-sucedidos já tiveram antepassados no quadrante.

– Ou talvez seja porque tendemos a morrer mais cedo do que os membros dos outros quadrantes – graceja a Rhiannon.

– Eu não vou morrer – diz o Dylan com muito mais confiança do que a que eu sinto quando o vejo a puxar um colar com uma aliança a balançar na corrente de dentro da túnica. – Ela disse que dava azar pedi-la em casamento antes de me vir embora, pelo que estamos à espera até à graduação. – Beija a aliança e volta a enfiar a corrente dentro da gola. – Os próximos três anos vão ser compridos, mas vão valer a pena.

Eu guardo o meu suspiro para mim, embora talvez seja a coisa mais romântica que já ouvi.

– Tu podes conseguir atravessar o parapeito – diz o tipo atrás de mim com uma expressão trocista. – Mas esta aqui, se vier uma brisa, vai parar ao fundo da ravina.

Reviro os olhos.

– Cala-te e foca-te em ti – atira a Rhiannon, cujos pés estalam na pedra quando subimos os degraus.

Vemos finalmente o cimo das escadas, a entrada iluminada por uma luz difusa. A Mira tinha razão. Aquelas nuvens vão fazer estragos e temos de chegar ao outro lado do parapeito antes delas.

Mais um passo, mais um estalido dos pés da Rhiannon.

– Deixa-me ver as tuas botas – digo baixinho para que o imbecil atrás de mim não me consiga ouvir.

Ela franze a testa e os olhos castanhos enchem-se de confusão, mas mostra-me as solas das botas. São lisas, tal como as que eu estava a usar antes de falar com a Mira. Sinto um soco no estômago.

A fila volta a avançar e para quando estamos a pouca distância da abertura.

– Qual é o tamanho que calças? – pergunto.

– O quê? – A Rhiannon olha para mim a pestanejar.

– Os teus pés. Quanto é que calças?

– O 39 – responde ela com duas rugas a formar-se entre as sobrancelhas.

– Eu uso o 37 – digo depressa. – Vai doer como o diabo, mas quero que leves a minha bota esquerda. Troca comigo. – Tenho um punhal na direita.

– Desculpa? – Ela olha para mim como se eu tivesse ficado louca, o que talvez não esteja longe da verdade.

– Estas botas são botas de cavaleira. Vão agarrar-se melhor à pedra. Vais ficar com os dedos encolhidos e num estado lastimoso, mas, pelo menos, a possibilidade de caíres se começar a chover será menor.

A Rhiannon relanceia para a porta aberta – e para o céu cada vez mais escuro – e depois volta a olhar para mim.

– Estás disposta a trocar uma bota?

– Só até chegarmos ao outro lado. – Olho para lá da porta aberta. Vejo três candidatos a atravessar o parapeito com os braços esticados para os lados. – Mas temos de ser rápidas. A nossa vez está quase a chegar.

A Rhiannon cerra os lábios para ponderar por um segundo, depois aceita e trocamos as botas esquerdas. Ainda estou a acabar de apertar os atacadores quando a fila volta a avançar e o tipo atrás de mim me dá um empurrão nas costas que me envia porta fora para lá do patamar.

– Toca a andar. Há quem tenha coisas para fazer do outro lado. – A voz dele mói-me a presença de espírito que me restava.

– Não vou perder tempo contigo – murmuro entre dentes enquanto me equilibro ao sentir o vento a fustigar-me a pele nesta manhã de verão com o ar denso da humidade. *A trança foi boa ideia, Mira.*

O cimo do torreão é completamente despojado, as ameias a aparecer e a desparecer ao longo da estrutura circular à altura do meu peito sem, portanto, estorvarem a vista. A ravina e o rio parecem subitamente muito distantes. Quantas carruagens é que puseram lá em baixo à espera? Cinco? Seis? Eu conheço as estatísticas. O parapeito representa o fim de cerca de 15 por cento dos candidatos. Todas as provas no quadrante – incluindo esta – são concebidas para testar a capacidade dos cadetes para montarem um dragão. Se alguém não for capaz de atravessar a ponte estreita de pedra de uma ponta à outra, então é claro que também não conseguirá manter o equilíbrio e combater no dorso de um dragão.

E o que dizer da taxa de mortalidade? Acho que um em cada dois cavaleiros julga que a glória compensa o risco, ou tem a arrogância de pensar que não vai cair.

Não faço parte de nenhum dos grupos.

Levo as mãos ao estômago para combater a vontade de vomitar, inspiro pelo nariz e expiro pela boca enquanto caminho pelo beiral atrás da Rhiannon e do Dylan com os dedos a roçar na cantaria ao longo do sinuoso caminho até ao parapeito.

Há três cavaleiros à espera na entrada, que não passa de uma abertura na parede do torreão. Um, com os braços nus, regista os nomes à medida que os candidatos saem do torreão para a traiçoeira travessia. Outro, que rapou o cabelo todo tirando uma crista no centro, dá instruções ao Dylan quando ele se posiciona para a travessia a bater com a mão no peito como se a aliança que escondeu debaixo da roupa lhe pudesse dar sorte. Espero que dê.

O terceiro vira-se para mim e o meu coração para de um momento para o outro.

É alto, tem o cabelo preto puxado desordenadamente para trás por ação do vento e sobrancelhas escuras. A linha do maxilar é forte e está coberta por uma pele trigueira luminosa e barba curta escura e, quando cruza os braços sobre o tronco, os músculos do peito e dos braços agitam-se e latejam de uma forma que me deixa a boca seca. E os olhos… os olhos têm a cor de ónix salpicada de tons

dourados. O contraste é sensacional, diria até deslumbrante. Todo ele o é. Tem feições tão marcadas que parecem ter sido esculpidas, mas são extraordinariamente perfeitas, como se um artista tivesse passado a vida inteira a trabalhar nele e pelo menos um ano dessa vida tivesse sido passado a burilar-lhe a boca.

É o homem mais sublime que eu já vi.

E como vivo numa escola de guerra já vi *muitos* homens.

Até a cicatriz diagonal que lhe divide a sobrancelha esquerda e marca o canto superior da face serve apenas para o tornar ainda mais atraente. Mais escaldante. Uma brasa. Daqueles que nos leva por maus caminhos e nos deixa a salivar por mais. De repente, não consigo lembrar-me muito bem porque é que a Mira me disse para só ir para a cama com pessoal do meu ano.

– Vemo-nos no outro lado! – diz o Dylan por cima do ombro com uma expressão de entusiasmo antes de caminhar para o parapeito com os braços bem abertos.

– Pronto para a próxima, Riorson? – pergunta o cavaleiro com os braços nus.

Xaden Riorson?

– Estás pronta para isto, Sorrengail? – pergunta a Rhiannon, a avançar.

O cavaleiro de cabelo preto vira os olhos para os meus, rodando completamente na minha direção, e o meu coração retumba pelas razões erradas. O pulso esquerdo nu do cavaleiro revela uma relíquia da rebelião com curvas e contracurvas que desaparece debaixo do uniforme preto e volta a aparecer junto à gola, onde se estende em espiral pelo pescoço acima e acaba na linha do maxilar.

– Oh, merda – sussurro, e ele semicerra os olhos, como se me conseguisse ouvir apesar do uivo do vento que me fustiga a trança presa.

– Sorrengail? – Ele dá um passo na minha direção e eu olho para cima… e depois ainda mais para cima.

Deuses do céu, não lhe chego sequer à clavícula. É enorme. Tem de ter bem mais de 1,90 metros.

Sinto-me exatamente o que a Mira me chamou – *frágil* –, mas assinto uma vez com a cabeça e o ónix que lhe cintila nos olhos transforma-se em ódio frio e puro. Quase que consigo sentir toda aquela aversão a esvair-se-lhe da pele e a flutuar na minha direção como uma água de colónia demasiado intensa.

– Violet? – pergunta a Rhiannon, já a seguir em frente.

– És a filha mais nova da general Sorrengail. – A voz dele é cava e acusatória.

– E tu és o filho do Fen Riorson – retruco, sentindo a certeza desta revelação a entranhar-se-me nos ossos. Levanto o queixo e faço o que posso para conter todos os músculos do corpo e não começar a tremer.

Ele não hesitará em matar-te assim que descobrir quem és. As palavras da Mira rodopiam-me no crânio e o medo deixa-me um nó na garganta. Ele vai empurrar-me para o precipício. Vai pegar em mim e atirar-me deste torreão abaixo aqui e agora. Nunca vou ter a oportunidade de atravessar o parapeito sequer. Vou morrer por ser exatamente aquilo que a minha mãe nunca chegou a ter coragem de me dizer que eu era: fraca.

O Xaden inspira com força e o músculo do maxilar lateja uma vez. Duas vezes.

– A tua mãe prendeu e deu ordens para a execução do meu pai.

Alto. Como se *ele* fosse o único a ter direito ao ódio nesta situação? A raiva percorre-me as veias.

– O teu pai matou o meu irmão mais velho. Parece que estamos quites.

– Nem por isso. – Lança-me um olhar furioso que se detém em mim como se estivesse a memorizar cada detalhe do meu rosto ou a procurar alguma debilidade. – A tua irmã é uma cavaleira. Acho que isso explica as peles.

– Acho que sim. – Não desvio o olhar, como se vencer este jogo de olhares me garantisse que entro para o quadrante sem ter de atravessar o parapeito que está atrás dele. Seja como for, vou atravessá-lo. A Mira não vai perder ambos os irmãos.

As mãos dele fecham-se em punhos e os músculos retesam-se.

Eu preparo-me para o golpe. Ele pode atirar-me desta torre abaixo, mas não lhe vou facilitar a tarefa.

– Estás bem? – pergunta a Rhiannon com o olhar a saltitar entre mim e o Xaden.

Ele olha-a de relance.

– Vocês são amigas?

– Conhecemo-nos nas escadas – diz ela, a endireitar os ombros.

O Xaden olha para baixo, repara nas botas desfasadas e levanta uma sobrancelha. As mãos relaxam.

– Interessante.

– Vais matar-me? – Levanto mais um pouco o queixo.

O olhar dele colide com o meu quando as torneiras do céu se abrem e a chuva cai em dilúvio encharcando-me o cabelo, as peles e inundando as pedras à nossa volta em poucos segundos.

Ouve-se um grito a lacerar o ar. Eu e a Rhiannon viramos subitamente a atenção para o parapeito ainda a tempo de vermos o Dylan a escorregar.

Solto um grito abafado, com o coração a palpitar-me na boca.

O Dylan consegue segurar-se e fica com os braços agarrados à ponte de pedra e os pés a espernear à procura de um ponto de apoio que não existe.

– Usa os braços para subires ao parapeito, Dylan! – grita a Rhiannon.

– Oh, meus deuses! – A minha mão voa para a boca, mas o Dylan deixa de conseguir agarrar-se à pedra molhada e escorregadia, cai e desaparece de vista. O vento e a chuva abafam qualquer som que o corpo dele pudesse fazer ao embater no solo do vale. E também abafam o som do meu grito surdo.

O Xaden nunca tira os olhos do meu rosto, a observar-me com uma expressão que não consigo interpretar quando volto a virar-me para ele.

– Porque haveria de gastar energia a matar-te se o parapeito vai fazer esse trabalho por mim? – Um sorriso malicioso dobra-lhe os lábios. – É a tua vez.

Existe a ideia errónea de que no Quadrante dos Cavaleiros quem não mata morre. Os cavaleiros, como um todo, não têm como objetivo matar outros cadetes… a menos que haja uma carência de dragões num dado ano ou determinado cadete seja um risco para a divisão. É então que as coisas podem ficar interessantes.

– Guia para o Quadrante dos Cavaleiros do Major Afendra (edição não autorizada)



CAPÍTULO II

Não vou morrer hoje.

Estas palavras tornaram-se o meu mantra e repetem-se na minha cabeça quando vejo a Rhiannon a dar o nome ao cavaleiro que faz o registo à entrada do parapeito. O ódio no olhar do Xaden queima-me o rosto como uma chama verdadeira e nem a chuva que me bate com violência na pele a cada rajada de vento alivia o calor que sinto ou o arrepio de pavor que me sacode a coluna.

O Dylan está morto. Não passa de um nome. Em breve será apenas mais uma pedra nos imensos cemitérios que ocupam ambos os lados das estradas que vêm dar a Basgiath, mais um aviso aos candidatos ambiciosos que preferem arriscar a vida com os cavaleiros a escolher a segurança de qualquer outro quadrante. Agora percebo porque a Mira me aconselhou a não fazer amigos.

A Rhiannon agarra ambos os lados da abertura do torreão, depois olha para mim por cima do ombro.

– Espero por ti do outro lado – grita para se fazer ouvir na tempestade. O medo que lhe brilha nos olhos é o reflexo do meu.

Sai para o parapeito e começa a caminhar, e, embora eu tenha consciência de que hoje ele tem as mãos cheias, faço uma oração silenciosa a Zihnal, o deus da sorte.

– Nome? – pergunta o cavaleiro na beira do parapeito enquanto o colega segura um manto por cima do pergaminho numa tentativa vã de o manter seco.

– Violet Sorrengail – respondo sob o estrondo de um trovão, um som estranhamente reconfortante. Sempre adorei as noites em que as chuvas tempestuosas batem na janela da fortaleza, ao mesmo tempo a iluminar e a ensombrar os livros junto dos quais me enrolava, embora esta carga de água me possa custar a vida. Num relanceio rápido, vejo os nomes do Dylan e da Rhiannon a começar a esborratar-se no local onde a água e a tinta se encontraram. É a última vez que o nome do Dylan será escrito num local que não seja uma lápide. Haverá outro rol ao fim do parapeito para que os copistas tenham as estatísticas de vítimas de que tanto gostam. Noutra vida, seria eu a ler e a registar os dados para análise histórica.

– Sorrengail? – O cavaleiro levanta a cabeça e as sobrancelhas erguem-se em surpresa. – Como a General Sorrengail?

– Essa mesma. – Caramba, já estou a ficar saturada com isto e sei muito bem que ainda vai piorar. Não há como evitar a comparação com a minha mãe, sobretudo sabendo que ela é a comandante deste lugar. Pior ainda, provavelmente vão pensar que sou uma cavaleira naturalmente dotada como a Mira ou uma estratega brilhante como o Brennan. Ou então vão olhar bem para mim, perceber que eu não tenho nada que ver com o resto da minha família e declarar aberta a época de caça.

Pouso as mãos em ambos os lados do torreão e arrasto os dedos pela pedra. Ainda está quente do sol da manhã, mas está a arrefecer rapidamente por ação da chuva, lisa, mas não escorregadia devido ao crescimento de musgo ou algo parecido.

À minha frente, a Rhiannon está a fazer o seu caminho, com as mãos esticadas para o lado para manter o equilíbrio. Já fez provavelmente um quarto do percurso e o vulto vai-se tornando mais difuso à medida que avança sob a chuva.

– Pensava que ela só tinha uma filha – diz o outro cavaleiro a inclinar o manto ao sermos fustigados por mais uma rajada de vento. Se está este vento todo aqui

em que tenho metade do corpo protegida pelo torreão, estarei prestes a enfrentar incontáveis tormentas ao longo do parapeito.

– Acontece muito. – Inspiro pelo nariz, expiro pela boca numa tentativa de acalmar a respiração e abrandar o coração sobressaltado. Se entrar em pânico, morro. Se escorregar, morro. Se… *oh, que se foda.* Não posso fazer mais nada para me preparar para isto.

Dou um único passo em direção ao parapeito e agarro a parede de pedra quando sou açoitada por mais uma rajada de vento que me vira de lado contra a abertura do torreão.

– E achas que vais ser capaz de montar um dragão? – troça o candidato idiota atrás de mim. – Que grande Sorrengail, com esse equilíbrio todo. Tenho pena da divisão em que venhas a parar.

Eu recupero o equilíbrio e aperto as alças do meu saco.

– Nome? – pergunta de novo o cavaleiro, mas eu sei que não está a falar comigo.

– Jack Barlowe – responde o que está atrás de mim. – Não te esqueças do meu nome. Um dia vou ser chefe de uma divisão. – Até a voz exala arrogância.

– É bom que comeces a andar, Sorrengail – ordena a voz cava do Xaden.

Olho por cima do ombro e vejo-o com o olhar furioso fixado em mim.

– A menos que precises de um empurrãozinho. – O Jack lança-se para a frente com as mãos no ar. Caramba, ele vai-me empurrar do parapeito.

O medo percorre-me as veias e eu avanço, deixando a segurança do torreão e aventurando-me para o parapeito. A partir de agora não há como voltar atrás.

O meu coração bate com tanta força que o ouço a tamborilar nos ouvidos.

Não tires os olhos das pedras à tua frente e não olhes para baixo. O conselho da Mira reverbera na minha cabeça, mas é difícil levantar os braços para me equilibrar e segui-lo quando cada passo que dou pode ser o último. Abro os braços para me equilibrar, depois dou passos curtos e controlados tal como treinei com o major Gillstead no pátio. Mas, com o vento, a chuva e a 200 metros de altitude, isto não tem nada que ver com o treino. As pedras sob os meus pés são irregulares em alguns locais, ligadas por argamassa nas juntas, o que faz com que seja mais fácil de tropeçar, mas concentro-me no caminho à minha frente para tirar os olhos das botas. Reteso os músculos para fixar o centro de gravidade e manter uma postura aprumada.

Sinto a cabeça a flutuar e a pulsação a subir em flecha.

Calma. Tenho de manter a calma.

Não sou capaz de cantarolar, nem sequer de trautear como deve ser, pelo que não posso cantar para me distrair, mas sou uma académica. Não há nenhum lugar tão calmo como os Arquivos, pelo que é nisso que penso. Factos. Lógica. História.

A tua cabeça já sabe a resposta, por isso acalma-te e deixa que se lembre dela. Era o que o meu pai me dizia sempre. Preciso de algo que impeça que o lado lógico do meu cérebro decida dar meia-volta e voltar imediatamente para o torreão.

– O Continente tem dois reinos… e estamos em guerra há 400 anos – recito, fazendo uso de informação simples e básica que me foi martelada para que me recordasse facilmente dela na preparação para o teste de copista. Passo a passo, vou avançando pelo parapeito afora. – Navarre, o meu reino natal, é o reino maior, com seis províncias ímpares. Tyrrendor, a nossa maior e mais austral província, partilha a fronteira com a província de Krovla, que fica no reino de Poromiel. – Cada palavra contribui para me acalmar a respiração e estabilizar a pulsação, o que ajuda a atenuar as tonturas que sinto.

– A este encontram-se Braevick e Cygnisen, que são as outras duas províncias de Poromiel, servindo os Montes de Esben de fronteira natural. – Passo pela linha pintada que marca o meio do caminho. Estou no ponto mais alto, mas não poso pensar nisso. *Não olhes para baixo.* «Para lá de Krovla, para lá do nosso inimigo, encontram-se os Baldios, um deserto…

Os trovões racham os céus, o vento açoita-me e eu sacudo os braços.

– Merda!

O meu corpo inclina-se para a esquerda com a força da ventania e baixo-me para o parapeito. Agarro-me às bordas e agacho-me para não me desequilibrar numa tentativa de me tornar o mais pequena possível enquanto o vento uiva à minha volta e em cima de mim. Com o estômago a dar voltas, sinto que os pulmões ameaçam começar a hiperventilar levados pelo pânico que está prestes a apoderar-se de mim.

– Dentro de Navarre, Tyrrendor foi a última província a aderir à aliança e a jurar fidelidade ao Rei Reginald – grito para o vento uivante, a obrigar a minha consciência a continuar a avançar, não obstante a ameaça deveras real de

uma ansiedade paralisante. – Foi a única província a tentar a secessão 627 anos depois, que, se tivesse sido coroada de êxito, teria deixado o nosso reino indefeso.

A Rhiannon ainda está à minha frente, no que eu creio ser o ponto dos três quartos. Ela merece conseguir chegar ao fim.

– O reino de Poromiel é composto sobretudo de planícies aráveis e terrenos pantanosos e é conhecido pelos têxteis excecionais, pelos infindáveis campos de cereais e pelas pedras preciosas únicas que são capazes de amplificar magias menores. – Lanço um olhar rápido para as nuvens escuras no céu antes de seguir em frente, devagar, a colocar cuidadosamente um pé à frente do outro. – Por sua vez, as regiões montanhosas de Navarre oferecem uma abundância de minério, madeira robusta das nossas províncias orientais e veados e alces sem fim.

O meu passo seguinte solta alguns pedaços de argamassa e paro com os braços a balançar até recuperar o equilíbrio. Engulo em seco e testo o meu peso antes de voltar a avançar.

– O Acordo de Comércio de Resson, assinado há mais de 200 anos, assegura a troca de carne e madeira de Navarre por tecidos e produtos agrícolas de Poromiel quatro vezes por ano no posto avançado de Athebyne na fronteira entre Krovla e Tyrrendor.

Daqui consigo ver o Quadrante dos Cavaleiros. As enormes fundações de pedra da cidadela sobem pela montanha até à base da estrutura, onde sei que este caminho vai dar se eu conseguir terminá-lo. Limpo a chuva do rosto com o tecido de pele do meu ombro e olho de relance para trás para ver onde está o Jack.

Está parado na marca do primeiro quarto com o corpo entroncado completamente imóvel… como se estivesse à espera de alguma coisa. Tem as mãos nas ilhargas. O vento parece não lhe afetar o equilíbrio de forma nenhuma. Sortudo de merda. Seria capaz de jurar que o vejo a esboçar um sorriso à distância, mas talvez seja só a chuva que me cai nos olhos.

Não posso ficar aqui. Se quiser viver para ver o nascer do Sol, tenho de continuar em frente. Não posso deixar que o medo se apodere do meu corpo. Comprimo os músculos das pernas para me equilibrar, largo a pedra debaixo de mim com cuidado e levanto-me.

Braços para fora e seguir em frente.

Tenho de chegar o mais longe possível antes da próxima rajada de vento.

Olho para trás por cima do ombro para ver onde está o Jack e sinto o sangue a gelar.

Virou costas e está de frente para o próximo candidato, que cambaleia perigosamente quando ele se aproxima. O Jack agarra no rapaz desengonçado pelas alças do saco demasiado cheio e eu fico a vê-lo, com os músculos tolhidos de choque, a atirar o descarnado candidato do parapeito como se de um saco de grão se tratasse.

Um grito chega-me aos ouvidos por um instante antes de se sumir quando o rapaz desaparece do alcance da vista.

– A seguir és tu, Sorrengail! – brada o Jack, e eu tiro os olhos da ravina e vejo-o a apontar para mim com um sorriso sinistro nos lábios. De seguida, avança na minha direção, com a passada larga a consumir a distância que nos separa a uma velocidade aterradora.

Mexe-te. Não percas tempo.

– Tyrrendor ocupa o sudoeste do Continente – recito enquanto sigo, decidida, mas em pânico, pelo caminho estreito e deslizante, com o pé esquerdo a escorregar levemente no início de cada passada. – Composto por terreno árido e montanhoso e a fazer fronteira com o mar Esmeralda a oeste e o oceano Árctilo a sul, Tyrrendor é quase impenetrável. Embora esteja dividido geograficamente pelos Penhascos de Dralor, uma barreira de proteção natural…

Sou fustigada por mais uma rajada de vento e o meu pé escorrega do parapeito. Sinto o coração a sobressaltar-se. O parapeito vem ao meu encontro quando tropeço e caio. Bato com o joelho na pedra e grito devido à sensação de dor. As minhas mãos procuram atabalhoadamente um ponto de apoio enquanto a perna esquerda pende da borda desta ponte infernal e vejo o Jack cada vez mais perto. É então que cometo o erro de olhar para baixo e começo a sentir náuseas.

A água escorre-me pelo nariz e pelo queixo abaixo, e chapeja na pedra antes de cair em direção ao rio que esventra o vale 60 metros mais abaixo. Engulo em seco, com o nó na garganta a crescer, e pestanejo, a tentar a todo o custo controlar a pulsação.

Não vou morrer hoje.

Agarro as bordas da pedra e abraço todo o peso do corpo que sei que posso abraçar às pedras deslizantes para puxar a perna para cima. Consigo chegar com o arco do pé à passagem pedonal. A partir daqui não há factos suficientes no

mundo para me acalmar a cabeça. Tenho de ser capaz de colocar o pé direito debaixo do corpo, porque é o que tem mais tração, mas, se der um passo em falso, não demorarei a descobrir qual é a temperatura do rio.

Morres com o impacto.

– A próxima és tu, Sorrengail! – ouço atrás de mim.

Eu ganho impulso na pedra e rezo para que as minhas botas encontrem o caminho quando me ponho em pé com um salto. Se cair, muito bem, será um erro meu. Mas não vou deixar que este idiota me mate. *É melhor chegar ao outro lado, onde irei encontrar o resto dos assassinos.* Nem toda a gente no quadrante me irá tentar matar, claro, só os cadetes que acham que eu posso ser um risco para a divisão. Há uma razão para os cavaleiros venerarem a força. Uma esquadra, um pelotão ou uma divisão é tão eficaz como o seu elo mais fraco e, se esse elo quebrar, coloca toda a gente em perigo.

O Jack ou pensa que eu sou esse elo ou é um traste instável que tem prazer em matar. Provavelmente ambos. Seja como for, tenho de me apressar.

Abro os braços para o lado, concentro-me no fim do caminho, o pátio da cidadela, onde a Rhiannon está a chegar em segurança, e aligeiro o passo, não obstante a chuva. Mantenho o corpo comprimido, o tronco firme, e, por uma vez, fico feliz por ser mais baixa do que a maioria.

– Vais gritar até chegar lá a baixo? – troça o Jack, ainda a gritar, mas com a voz mais próxima. Está a ganhar-me terreno.

Não tenho tempo para ter medo, de maneira que o bloqueio, a imaginar que atiro a emoção para dentro de uma cela fechada a sete chaves na minha cabeça. Já vejo o final do parapeito, os cavaleiros que me esperam à entrada da cidadela.

– É impossível que uma pessoa que nem sequer consegue carregar um saco cheio tenha passado no exame de entrada. És um equívoco, Sorrengail – grita o Jack, com uma voz cada vez mais clara, mas eu não me arrisco a abrandar para ver qual é a distância a que ele se encontra de mim. – O melhor é eu eliminar-te já, não achas? É um ato muito mais piedoso do que deixar que os dragões vão atrás de ti. Vão começar por comer cada uma dessas pernas raquíticas enquanto ainda estiveres viva. Vá lá – insiste. – Será um *prazer* dar-te uma ajuda.

– O caralho é que vais – murmuro entre dentes. Faltam apenas três ou quatro metros para chegar à parte exterior das enormes muralhas da cidadela. A minha bota esquerda escorrega e eu cambaleio, mas só perco uma fração de segundo

antes de voltar a seguir em frente. A fortaleza aparece imponente atrás daquelas muralhas grossas, esculpida na montanha numa formação em L de edifícios altos de pedra, construída para resistir ao fogo, por razões óbvias. As muralhas que rodeiam o pátio da cidade têm três metros de espessura e dois metros e meio de altura, com uma abertura… e eu estou mesmo. A. Chegar.

Contenho um soluço de alívio quando vejo a pedra a elevar-se de ambos os lados.

– Achas que vais ficar em segurança lá dentro? – A voz do Jack é áspera… e está próxima.

Segura pelas paredes de ambos os lados, corro os últimos três metros, a sentir o coração a palpitar com a adrenalina que me leva o corpo ao expoente máximo e ouço os passos dele a investir na minha direção. O Jack lança-se para o meu saco, mas não o alcança, e a mão dele bate-me na anca quando chegamos à borda. Precipito-me para a frente e salto os 30 centímetros que separam o parapeito elevado do pátio abaixo, onde há dois cavaleiros à espera.

O Jack urra de frustração, num som que me aperta o peito ofegante como um torno.

Eu rodo e saco o punhal da bainha junto às costelas no preciso momento em que o Jack derrapa e para no parapeito acima de mim com a respiração agitada e o rosto afogueado. Os olhos azuis, glaciais e semicerrados, dardejam vontade de matar quando ele me fita, furioso… e vê a ponta do meu punhal, que está agora a furar o tecido dos culotes que traz vestidos… e a acariciar-lhe os tomates.

– Acho. Que vou estar. Em segurança. Por enquanto – consigo dizer com a respiração entrecortada, os músculos a tremer, mas a mão mais do que firme.

– Será? – O Jack vibra de raiva, as densas sobrancelhas louras a abater-se sobre os olhos azuis gelados, cada pedaço daquele corpo monstruoso inclinado na minha direção. No entanto, não dá mais nenhum passo.

– É ilegal um cavaleiro fazer mal a outro. Seja numa formação num quadrante ou na presença. De um cadete de patente mais elevada. Em missão de supervisão – recito do Códice, ainda com o coração na boca. – Uma vez que o referido ato diminuirá a eficácia da divisão. E, dada a multidão atrás de nós, penso que é claro que podemos afirmar que se trata de uma formação. Artigo Terceiro, Parágrafo…

– Estou-me nas tintas! – O Jack agita-se, mas eu não cedo, e o meu punhal corta-lhe a primeira camada dos culotes.

– Sugiro que penses melhor! – Ajusto a minha postura para o caso de ele não o fazer. – Posso escorregar.

– Nome? – pergunta a cavaleira ao meu lado numa voz arrastada, como se nós fôssemos a coisa menos interessante que ela viu o dia inteiro. Eu olho para ela por um milissegundo. Ela empurra os cabelos vermelhos como fogo que lhe pendem junto ao queixo para trás da orelha com uma mão e segura o rol com a outra, enquanto observa a cena a desenrolar-se. As três estrelas de quatro pontas bordadas no ombro do manto que a cobre dizem que está no terceiro ano. – És bastante pequena para uma cavaleira, mas parece que conseguiste.

– Violet Sorrengail – respondo, mas cem por cento do meu foco está de novo virado para o Jack. A chuva pinga do sulco mais baixo da testa dele. – E antes que perguntes, sim, sou *essa* Sorrengail.

– Não me surpreende depois de ver essa manobra – diz a mulher, com uma pena como a que a minha mãe usa em cima do rol.

Talvez seja o elogio mais simpático que já recebi.

– E como te chamas? – pergunta novamente. Tenho quase a certeza de que está a falar com o Jack, mas estou demasiado ocupada a observar o meu adversário para relancear para ela.

– Jack. Barlowe. – Os lábios não ostentam nenhum sorrisinho sinistro nem soltam nenhuma provocação sobre o prazer que lhe dará matar-me. Não há nada a não ser a mais pura malícia na expressão dele, uma promessa de retaliação.

Um arrepio de apreensão alça-me os pelos do pescoço.

– Bem, Jack – diz o cavaleiro à minha direita, devagar, a cofiar os cabelos aparados da pera escura. Não traz nenhum manto vestido e a chuva encharca-lhe a coleção de emblemas cosidos ao casaco de cabedal coçado. – A cadete Sorrengail pôs-lhe os tomates entre a espada e a parede, e não só num sentido. E tem razão. Os regulamentos estipulam que os cavaleiros em formação terão de respeitar-se em todos os momentos. Se a quiseres matar, terás de o fazer num tapete de treino de combate ou nos teus tempos livres. Isto, claro, se ela decidir deixar-te sair do parapeito. Porque, tecnicamente, ainda não estás no recinto, pelo que ainda não és um cadete. Mas ela é.

– E se eu decidir partir-lhe o pescoço logo que desça daqui? – ronca o Jack com um olhar que mostra que não hesitará em fazê-lo.

– Terás a oportunidade de conhecer os dragões mais cedo do que estavas à espera – responde a ruiva com um tom suave. – Aqui não ficamos à espera de julgamentos. Executamos imediatamente.

– Em que é que ficamos, Sorrengail? – pergunta o cavaleiro à minha direita. – Vais pôr aqui o Jack a começar como eunuco?

Merda. Em que é que ficamos? Não o consigo matar do ângulo em que me encontro e arrancar-lhe os tomates só o vai deixar a odiar-me ainda mais, se é que tal é possível.

– Vais respeitar as regras? – pergunto ao Jack. Sinto a cabeça a zumbir e o braço demasiado pesado, mas mantenho a faca no alvo.

– Acho que não tenho escolha. – Um canto da boca inclina-se num trejeito de desprezo, e a postura relaxa quando as mãos se erguem, as palmas viradas para fora em rendição.

Eu baixo o punhal, mas mantenho-o na mão e pronto quando me afasto para o lado e me coloco junto à ruiva com o rol.

O Jack desce para o pátio, bate com o ombro no meu ao passar por mim e inclina-se na minha direção.

– És uma mulher morta, Sorrengail, e vou ser eu quem te vai matar.

Os dragões azuis descendem da extraordinária linhagem dos Gormfaileas. Conhecidos pelo seu extraordinário tamanho, são os mais implacáveis, sobretudo no caso do Cauda de Punhal Azul, cujos espigões em forma de faca na ponta da cauda são capazes de esventrar um inimigo com um movimento rápido.

– Guia de Campo para a Draconidade do Coronel Kaori



CAPÍTULO III

Se o Jack me quiser matar, terá de se pôr na fila. Além disso, tenho a sensação de que o Xaden Riorson vai querer chegar primeiro.

– Não vai ser hoje – respondo ao Jack com o cabo do punhal bem firme na mão e, não sei bem como, consigo conter um calafrio quando ele se inclina na minha direção e inspira. Está a farejar-me como o raio de um cão. Depois faz uma expressão de escárnio e dirige-se para a multidão de cadetes, cavaleiros e cavaleiras em celebração que se reuniram no pátio de dimensões apreciáveis da cidadela.

Ainda é cedo, provavelmente serão umas nove horas, mas já dá para perceber que não há tantos cadetes como havia candidatos à minha frente na fila. Tendo em conta a presença avassaladora de roupas de pele, também estão aqui os instruendos do segundo e terceiro anos a ver quem são os recém-chegados.

A chuva faz-se chuvisco, como se só tivesse aparecido para tornar o teste mais difícil da minha vida ainda mais árduo… mas a verdade é que passei.

Estou viva.

Consegui.

O meu corpo começa a tremer e sinto uma dor palpitante no joelho esquerdo, que foi aquele com que bati no parapeito. Dou um passo e o joelho ameaça ceder. Tenho de o ligar antes que alguém repare.

– Acho que já fizeste um inimigo – diz a ruiva, a mudar a besta que tem pendurada ao pescoço de posição com um ar desinteressado. Vira-se para mim e olha-me de cima a baixo com os perspicazes olhos de avelã por cima do pergaminho. – Se fosse a ti, mantê-lo-ia debaixo de olho.

Eu faço que sim com a cabeça. Vou ter de mantê-lo debaixo de olho e de estar sempre de orelha em pé.

O candidato seguinte aproxima-se vindo do parapeito quando alguém me agarra nos ombros e me vira para o outro lado.

Já tenho o punhal em riste quando me apercebo de que é a Rhiannon.

– Conseguimos! – Ela abre um sorriso rasgado e aperta-me os ombros.

– Conseguimos – repito com um sorriso forçado. Sinto as coxas a tremer, mas consigo embainhar o punhal junto às costelas. Agora que estamos aqui, e que somos ambas cadetes, poderei confiar nela?

– Nem sei como te agradecer. Houve pelo menos três vezes em que eu teria caído se não me tivesses ajudado. Tinhas razão, essas solas eram lisas como a merda. Já viste as pessoas por aqui? Juro que acabei de ver uma instruenda do segundo ano com faixas cor-de-rosa no cabelo e há um tipo que tem escamas de dragão tatuadas por todo o bíceps.

– A conformidade é para a infantaria – digo quando ela entrelaça o braço no meu e me puxa ao encontro da multidão. Sinto o joelho a arder e a dor a irradiar pela coxa acima até à anca e pela perna abaixo até ao pé, pelo que vou a coxear com o peso a cair para o lado da Rhiannon.

Raios.

De onde veio esta indisposição? Porque é que eu não consigo deixar de tremer? Vou cair não tarda nada. Não estou a ver como é que vou conseguir manter-me em pé com este sismo nas pernas ou o zumbido que me mói a cabeça.

– Por falar nisso – diz ela, a olhar para baixo. – Temos de trocar de botas. Há um banco.…

Uma figura alta num uniforme preto imaculado afasta-se da multidão e caminha, decidida, na nossa direção e, embora a Rhiannon a consiga evitar, eu tropeço e vou de encontro ao peito dela.

– Violet? – Mãos fortes agarram-me os ombros para me ampararem e eu olho para um par de bem conhecidos mas admiráveis olhos castanhos, completamente esgazeados de choque.

O alívio percorre-me o corpo e tento sorrir, mas o que sai é provavelmente um esgar distorcido. Parece mais alto do que era no verão passado, a barba que lhe cobre o maxilar é nova e todo ele está mais cheio de uma forma que me deixa a pestanejar… ou talvez seja apenas a minha visão a ficar cada vez menos clara. O sorriso belo e fácil que foi protagonista em demasiadas fantasias do meu passado está longe da expressão carrancuda que lhe cerra os lábios neste momento e tudo nele parece um pouco mais… áspero, mas fica-lhe bem. A linha do queixo, o feitio da testa, até os músculos dos bíceps são firmes sob os meus dedos, que o tateiam na busca de equilíbrio. Algures no ano que passou, o Dain Aetos passou de atraente e giro a *lindo*.

E eu estou prestes a vomitar-lhe nas botas.

– O que diabo estás aqui a fazer? – pergunta com a voz forte, e o choque nos olhos transforma-se em algo estranho, algo letal. Este não é o rapaz com quem eu cresci. Agora é um cavaleiro do segundo ano.

– Dain. Que bom ver-te. – É um eufemismo, mas os tremores fazem-se convulsões, a bílis sobe-me à garganta e as tonturas só pioram a indisposição. Os meus joelhos cedem.

– Caramba, Violet – murmura ele entre dentes, a puxar por mim para me ajudar a levantar. Com uma mão nas minhas costas e a outra debaixo do meu cotovelo, conduz-me rapidamente para longe da multidão e para dentro de um nicho na muralha, junto ao primeiro torreão defensivo da cidadela. É um lugar escondido na penumbra com um banco duro de madeira, no qual ele se senta para depois me ajudar a tirar o saco das costas.

A minha boca enche-se de saliva.

– Vou vomitar.

– Põe a cabeça entre os joelhos – ordena o Dain num tom brusco que não estou habituada a vê-lo usar, mas obedeço. Ele afaga-me a zona lombar aos círculos enquanto eu inspiro pelo nariz e expiro pela boca. – É da adrenalina. Mais um minuto e passa. – Ouço passos a aproximar-se na gravilha. – Quem diabo és tu?

– Sou a Rhiannon. Sou… amiga da Violet.

Eu fixo os olhos na gravilha debaixo das minhas botas desiguais e faço força para que o magro teor do meu estômago não saia de onde está.

– Ouve-me, Rhiannon. A Violet está bem – garante o Dain. E se alguém perguntar, diz-lhe exatamente o que eu acabei de dizer: que é só a adrenalina a sair-lhe do corpo. Compreendido?

– Ninguém tem nada que ver com o que se passa com a Violet – replica ela num tom tão incisivo como o dele. – Por isso, não vou dizer merda nenhuma. Sobretudo tendo em conta que foi graças a ela que eu consegui atravessar o parapeito.

– É bom que estejas a ser sincera – avisa ele, com uma acutilância na voz que é difícil de conciliar com os círculos reconfortantes que faz nas minhas costas.

– Eu poderia perguntar-te apenas quem raio és *tu* – retruca ela.

– É um dos meus amigos mais antigos. – Os tremores abrandam devagar e a indisposição diminui, mas eu não tenho a certeza se é coisa do momento ou da minha posição, pelo que mantenho a cabeça entre os joelhos a desapertar os atacadores da bota esquerda.

– Oh – responde a Rhiannon.

– E um cavaleiro do segundo ano, *cadete* – rosna o Dain.

Ouço a gravilha a estalar, como se a Rhiannon tivesse dado um passo atrás.

– Ninguém te consegue ver aqui, Vi, por isso fica à vontade – diz o Dain com a voz baixa.

– Porque vomitar-me toda depois de sobreviver ao parapeito e ao cretino que me queria atirar dele abaixo seria considerada uma fraqueza. – Levanto-me devagar e sento-me bem aprumada.

– Exatamente – responde ele. – Estás ferida? – O olhar do Dain varre-me de uma ponta à outra com uma intensidade desesperada, como se tivesse de examinar cada centímetro por ele próprio.

– Tenho o joelho dorido – admito num sussurro, por estar a falar com o Dain. O Dain que eu conheço desde os nossos cinco ou seis anos. O Dain cujo pai é um dos conselheiros em que a minha mãe mais confia. O Dain que me ajudou tanto quando a Mira saiu de casa para vir para o Quadrante dos Cavaleiros e também quando o Brennan morreu.

Ele pega-me no queixo com o polegar e o indicador e vira-me a cara para a esquerda e para a direita para a inspecionar.

– Só isso? Tens a certeza? – As mãos dele passam-me pelas ilhargas e param nas costelas. – Estás a usar *punhais*?

A Rhiannon descalça a minha bota e mexe os pés a suspirar de alívio.

Eu faço que sim com a cabeça.

– Três nas costelas e um na bota. – Graças aos deuses, não tenho a certeza de que estaria aqui neste momento se não os tivesse trazido.

– Hum. – O Dain deixa cair as mãos e olha para mim como se nunca me tivesse visto antes, como se eu fosse uma perfeita estranha, mas depois pestaneja e aquela expressão desaparece. – Troquem as vossas botas. Estão ambas com um aspeto ridículo. Vi, confias nesta aqui? – Acena com a cabeça para a Rhiannon.

Ela poderia ter esperado por mim na segurança das muralhas da cidadela para me atirar para a ravina tal como o Jack tentou fazer, mas não o fez.

Eu assinto com a cabeça. Confio na Rhiannon tanto quanto é possível confiar noutra instruenda do primeiro ano por aqui.

– Muito bem. – O Dain levanta-se e vira-se para ela. Também ele tem bainhas de ambos os lados da indumentária de pele, mas todas estão preenchidas por punhais, ao contrário das minhas, que estão vazias. – Chamo-me Dain e sou o chefe da Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Segunda Divisão.

Chefe de esquadra? As minhas sobrancelhas alçam-se de súbito. As patentes mais elevadas entre os cadetes do quadrante são a de chefe de divisão e chefe de pelotão. Ambas as posições são ocupadas por cavaleiros de elite do terceiro ano. Os cavaleiros do segundo ano podem chegar a chefes de esquadra, mas só se forem excecionais. Todos os outros não passam de cadetes antes da Debulha – que é quando os dragões escolhem a quem se vão vincular – e de cavaleiros depois. As pessoas morrem com demasiada frequência neste lugar para se porem a atribuir patentes prematuramente.

– O teste do parapeito deverá terminar nas próximas duas horas, dependendo da velocidade com que os candidatos o atravessam ou caem. Vai ter com a ruiva com o rol, normalmente anda com uma besta pendurada ao ombro, e diz-lhe que o Dain Aetos te pôs a ti e à Violet Sorrengail na esquadra dele. Se ela colocar algum entrave, diz-lhe que está em dívida comigo por eu lhe ter salvado o coiro na Debulha do ano passado. Eu levo a Violet para o pátio daqui a pouco.

A Rhiannon relanceia para mim e eu assinto com a cabeça.

– Vai lá antes que alguém nos veja – diz o Dain, a levantar a voz.

– Já vou – responde ela, a enfiar o pé na bota e a apertar os atacadores à pressa enquanto eu faço o mesmo com a minha.

– Atravessaste o parapeito com uma bota de cavaleira grande de mais para ti? – pergunta o Dain, a olhar fixamente para mim com furiosa incredulidade.

– Ela teria morrido se não tivéssemos trocado. – Levanto-me e estremeço ao sentir o meu joelho a reagir e a tentar ceder.

– E tu vais morrer se não encontrarmos uma forma de te tirar daqui. – Estende-me o braço. – Segura-te a mim. Tenho de te levar para o meu quarto. Vais ter de ligar esse joelho. – Levanta as sobrancelhas. – A não ser que tenhas encontrado alguma cura milagrosa de que eu não tenha conhecimento no ano que passou.

Eu abano a cabeça e agarro-lhe no braço.

– Caramba, Violet. *Caramba.* – Prende-me o braço discretamente à ilharga dele, pega no meu saco com a mão livre e conduz-me a um túnel no final do nicho na muralha exterior que eu ainda nem tinha visto. Luzes mágicas tremeluzem nas arandelas ao passarmos e apagam-se quando nos afastamos. – Não deverias estar aqui.

– Bem sei. – Permito-me coxear um pouco, dado que agora ninguém nos consegue ver.

– Deverias ter ido para o Quadrante dos Copistas – diz com os dentes cerrados de fúria, enquanto me conduz pelo túnel da muralha. – O que diabo aconteceu? Diz-me, por favor, que não te ofereceste como *voluntária* para o Quadrante dos Cavaleiros.

– O que achas que aconteceu? – respondo em desafio quando chegamos a um portão de ferro forjado que parece ter sido construído para não deixar entrar um trol… ou um dragão.

O Dain pragueja.

– A tua mãe.

– A minha mãe. – Faço que sim com a cabeça. – Todos os Sorrrengails são cavaleiros, não sabias?

Chegamos a uma escada em caracol e o Dain conduz-me pelo primeiro e segundo andares acima até parar no terceiro e abrir outro portão, que range com o som de metal em metal.

– Este é o andar do segundo ano – explica em voz baixa. – O que significa…

– Que eu não deveria estar aqui, claro. – Chego-me um pouco mais a ele. – Não te preocupes, se alguém nos vir, eu digo que fui dominada pela luxúria à primeira vista e não conseguia esperar nem mais um segundo para te puxar as calças para baixo.

– Sempre tão espertinha. – Ele esboça um sorriso forçado quando nos dirigimos para o corredor.

– Eu posso lançar uns gemidos a dizer *oh, Dain* quando estivermos no teu quarto só por uma questão de credibilidade – acrescento, e, na verdade, não estou a brincar.

Ele resfolega e pousa o meu saco à frente de uma porta de madeira antes de fazer um movimento de torção com a mão à frente da maçaneta. Ouve-se o clique de uma fechadura.

– Tens poderes – digo.

Não é nenhuma novidade, claro. O Dain é um cavaleiro do segundo ano, e todos os cavaleiros são capazes de executar magias menores assim que os respetivos dragões decidem canalizar o seu poder… mas trata-se do… Dain.

– Não precisas de ficar tão surpreendida. – Revira os olhos e abre a porta, antes de pegar no meu saco e me ajudar a entrar.

O quarto é simples, com uma cama, uma cómoda, uma secretária e um roupeiro. Não tem nenhum toque pessoal a não ser alguns livros em cima da secretária. Reparo com um ligeiro assomo de satisfação que um deles é o volume sobre a língua krovlan que lhe dei antes de ele partir no verão passado. O Dain sempre teve jeito para as línguas. Até o cobertor que lhe cobre a cama é simples, do mesmo preto usado pelos cavaleiros, como se, ao dormir, ele se pudesse esquecer da razão por que está aqui. A janela é em forma de arco e eu dirijo-me para ela. Vejo o resto de Basgiath do outro lado da ravina pelo vidro transparente.

É a mesma escola de guerra, mas está a um mundo de distância. Há mais dois candidatos no parapeito, mas eu desvio o olhar antes de me interessar por eles e acabar por vê-los a cair. Há um limite para o número de mortes que uma pessoa é capaz de aguentar num só dia e, caramba, já atingi o meu.

– Tens alguma ligadura aqui dentro? – Estende-me o saco.

– Foi o major Gillstead que mas deu – respondo a assentir com a cabeça ao mesmo tempo que me sento na borda da cama feita com esmero e começo

a vasculhar o saco. Felizmente para mim, a Mira é infinitamente mais eficaz do que eu a fazer malas, e as ligaduras são fáceis de encontrar.

– Faz de conta que estás em casa. – O Dain abre um sorriso e recosta-se na porta fechada com um tornozelo sobre o outro. – Por muito que deteste ver-te aqui, tenho de dizer que é mais do que agradável ver o teu rosto, Vi.

Levanto a cabeça e os nossos olhares cruzam-se. A tensão que me tem comprimido o peito ao longo da última semana – diabos, dos últimos seis meses – dissipa-se e, por um segundo, somos só nós.

– Tive saudades tuas.

Talvez esteja a revelar uma fragilidade, mas não me interessa. Seja como for, o Dain sabe quase tudo o que há para saber sobre mim.

– Sim. Eu também tive saudades tuas – diz ele em voz baixa com os olhos mais ternos.

O meu peito comprime-se e há uma afinidade entre nós, uma sensação quase tangível de… expectativa quando ele olha para mim. Talvez, ao fim destes anos todos, estejamos finalmente em sintonia no desejo que sentimos um pelo outro. Ou talvez ele esteja apenas aliviado por ver uma velha amiga.

– É melhor ligares essa perna. – Vira-se para a porta. – Eu não vou olhar.

– Não é nada que não tenhas visto já. – Arqueio a anca e sacudo o corpo para tirar as calças de pele das coxas e deixá-las por baixo do joelho. Merda. O joelho esquerdo está inchado. Se fosse outra pessoa a dar aquele tropeção, acabaria com uma mancha negra, talvez até um arranhão. Mas eu? Tenho de fazer alguma coisa para que a minha rótula não saia do sítio. Não são só os meus músculos que estão fracos. Os ligamentos que ajudam a manter as articulações no lugar também não servem para merda nenhuma.

– Sim, bem, não estamos a dar uma escapadinha para nadar no rio, pois não? – diz ele em jeito de provocação. Crescemos juntos em todos os postos em que os nossos pais foram colocados e, independentemente de onde estávamos, conseguíamos encontrar sempre um lugar para nadar e árvores para trepar.

Eu aperto a ligadura em cima do joelho, depois enrolo-a e prendo a articulação tal como sempre fiz desde que atingi a idade suficiente para aprender com os curandeiros. É um movimento já muito repetido que seria capaz de executar a dormir e a familiaridade do ato seria quase tranquilizadora, se não significasse que eu estava a começar a minha vida no quadrante com uma lesão.

Logo que acabo de a apertar com a pequena braçadeira de metal, ponho-me a pé, puxo as calças de pele para cima até me cobrirem as nádegas e abotoo-as.

– Tudo coberto.

Ele vira-se e olha de relance para mim.

– Estás… diferente.

– É desta roupa de pele – respondo a encolher os ombros. – Porquê? Diferente é mau? – Demoro um segundo a fechar o saco e a puxá-lo para cima dos ombros. Obrigado, deuses, com o joelho ligado, a dor é mais fácil de aguentar.

– É só… – Ele abana a cabeça devagar, a cutucar o lábio inferior com os dentes. – Diferente.

– Ora, Dain Aetos. – Eu sorrio abertamente, dirijo-me para ele e agarro a maçaneta da porta ao lado dele. – Já me viste em roupa de banho, vestidos de verão e até vestidos de baile. Estás a querer dizer-me que a tua cena é a pele?

Ele faz uma expressão de troça, mas há um ligeiro rubor a cobrir-lhe as faces quando a mão se pousa na minha para abrir a porta.

– Estou contente por ver que o ano que passámos longe um do outro não te tolheu a língua.

– Oh – atiro por cima do ombro já a sair do quarto –, consigo fazer muitas coisas com a língua. Ficarias impressionado. – O meu sorriso é tão largo, que quase que dói e, por um segundo, esqueço-me de que estamos no Quadrante dos Cavaleiros ou que acabei de sobreviver ao parapeito.

Os olhos dele acendem-se. Talvez também se tenha esquecido de onde estávamos. Seja como for, a Mira sempre deixou claro que os cavaleiros e as cavaleiras não se perdem em inibições atrás destas paredes. Não há muitas razões para nos coibirmos de fazer o que quer que seja quando sabemos que podemos não chegar ao dia de amanhã.

– Temos de te tirar daqui – diz ele, a abanar a cabeça como se precisasse de a esvaziar. Depois volta a fazer o movimento com a mão e eu ouço a fechadura a trancar-se. O corredor está vazio e conseguimos chegar rapidamente às escadas.

– Obrigada – digo eu quando começamos a descer. – O meu joelho está muito melhor agora.

– Continuo a não conseguir acreditar que a tua mãe tenha achado boa ideia mandar-te para o Quadrante dos Cavaleiros. – Estou praticamente a sentir a raiva que borbulha dentro dele quando descemos as escadas. Não há nenhum

corrimão do lado dele, mas parece não se importar com isso, embora baste um passo em falso para lhe acabar com a vida.

– Eu também não. Anunciou a decisão sobre o quadrante que eu deveria escolher na primavera passada depois de eu ter passado no exame de admissão inicial e comecei imediatamente a trabalhar com o major Gillstead. – Vai ficar tão orgulhoso quando ler os róis e vir que eu não apareço em nenhum.

– Há uma porta no fundo destas escadas, abaixo do patamar principal, que conduz à passagem para o Quadrante dos Curandeiros mais lá em cima da ravina – diz ele quando nos aproximamos do primeiro andar. – Vamos por lá para ires para o Quadrante dos Copistas.

– O quê? – Paro quando os meus pés tocam na pedra polida do patamar do andar principal, mas ele continua a descer.

Já está três passos atrás de mim quando se apercebe de que não estou com ele.

– O Quadrante dos Copistas – diz devagar, a virar-se para mim.

Este ângulo torna-me mais alta do que ele, pelo que baixo a cabeça para o olhar, furiosa.

– Eu não posso ir para o Quadrante dos Copistas, Dain.

– Desculpa? – As sobrancelhas dele erguem-se em flecha.

– Ela não vai admitir uma coisa dessas. – Abano a cabeça.

A boca do Dain abre-se, depois fecha-se e os punhos cerram-se junto às ilhargas.

– Este lugar vai matar-te, Violet. Não podes ficar aqui. Toda a gente vai compreender. Tu não te apresentaste como voluntária… na verdade.

A ira eriça-se pela minha espinha acima e o meu olhar entrefecha-se nele. Sem querer saber quem voluntariou ou deixou de me voluntariar, disparo:

– Primeiro, sei muito bem quais são as probabilidades de me safar aqui dentro, *Dain*, e, segundo, normalmente, 15 por cento dos candidatos nem sequer sobrevivem ao parapeito e eu estou aqui vivinha da silva, pelo que acho que já venci as probabilidades.

Ele recua mais um passo.

– Eu não estou a dizer que não arrasaste só por teres chegado até aqui, Vi. Mas tens de sair daqui. Na primeira vez que te puserem num tapete de treino de combate, não vais conseguir dar conta do recado e isso vai acontecer antes de os

dragões sentirem que és… – Ele abana a cabeça e desvia o olhar com o maxilar a cerrar-se.

– Sou *o quê?* – Os pelos do meu pescoço encrespam-se. – Vá, não te acanhes. Quando sentirem que sou *menos do que* os outros? É isso que queres dizer?

– Raios partam. – Passa com a mão pelos caracóis castanho-claros muito curtos. – Deixa de me pores palavras na boca. Sabes muito bem o que eu quero dizer. Mesmo que sobrevivas à Debulha, não há garantia de que um dragão se vincule a ti. Para dizer a verdade, no ano passado tivemos 34 cadetes não vinculados que têm andado pelos cantos à espera de recomeçarem o ano com os instruendos deste ano para terem uma nova oportunidade de se vincularem. E são todos completamente saudáveis…

– Não sejas um idiota. – Sinto o estômago caído. Só por ele poder ter razão não significa que eu o queira ouvir… ou que deseje que digam que *não sou saudável*.

– Estou a tentar manter-te viva! – grita ele, e a voz ecoa na pedra das escadas. – Se conseguirmos ir até ao Quadrante dos Copistas já, ainda poderás ter um excelente resultado no teste deles e terás uma história fantástica para contar quando fores beber uns copos. Se eu te levar de volta para ali – aponta para a porta que dá para o pátio –, não vou poder fazer mais nada. Não te posso proteger aqui. Pelo menos, não completamente.

– Não estou a pedir-te que me protejas! – Alto… não era isso o que eu queria? Não foi essa a sugestão da Mira? – Porque é que disseste à Rhiannon para me colocar na tua esquadra, se a única coisa que querias era levar-me daqui às escondidas pela porta das traseiras?

O torno que me comprime o peito aperta-se um pouco mais. Depois da Mira, o Dain é a pessoa que me conhece melhor no Continente inteiro, e até ele pensa que eu não me vou safar aqui dentro.

– Para que ela fosse embora e eu te pudesse tirar daqui! – Ele sobe dois degraus, diminuindo a distância que nos separa, mas a postura dos ombros não revela nenhum tipo de cedência. Se a determinação tivesse uma forma física, seria a do Dain Aetos neste preciso momento. – Achas que quero ver a minha melhor amiga a morrer? Achas que vai ser divertido ver o que eles te vão fazer, sabendo que és a filha da general Sorrengail? As peles que estás a usar não fazem de ti uma cavaleira, Vi. Eles vão fazer-te em pedaços, e, se não o fizerem, os

dragões tratarão do assunto. No Quadrante dos Cavaleiros, ou chegas à graduação ou morres, sabes disso muito bem. Deixa-me salvar-te. – Toda a postura do Dain é de prostração e a súplica que lhe faz brilhar os olhos dilui alguma da minha indignação. – Deixa-me salvar-te, por favor.

– Não podes – sussurro. – Ela disse que me arrastaria para aqui de novo. Ou saio daqui como cavaleira ou como nome esculpido em pedra.

– Ela não estava a falar a sério. – O Dain abana a cabeça. – É impossível que estivesse a falar a sério.

– Estava, sim. Nem a Mira a conseguiu dissuadir.

Ele perscruta-me os olhos e retesa-se, como se tivesse visto a verdade lá dentro.

– Merda.

– Sim. Merda. – Encolho os ombros, como se não fosse sobre a minha vida que estamos a falar.

– Está bem. – Consigo vê-lo a fazer mover as engrenagens na cabeça, a adaptar-se à informação. – Logo descobriremos o que fazer. Por enquanto, anda comigo. – Pega-me na mão e leva-me para o nicho onde nos tínhamos escondido. – Vai lá para o pátio conhecer os outros cadetes do teu ano. Eu vou voltar para trás e entro pela porta do torreão. Não vão demorar a descobrir que nos conhecemos, mas não dês munições a ninguém. – Aperta-me a mão e larga-a, antes de se afastar sem dizer mais nada e desaparecer dentro do túnel.

Eu agarro as alças do saco que trago às costas e dirijo-me para o pátio parcialmente banhado pelo sol. As nuvens estão a abrir-se, os chuviscos são cada vez mais finos e eu caminho em direção aos cavaleiros e cadetes com a gravilha a estalar debaixo das botas.

O enorme pátio, que poderia muito bem albergar um milhar de cavaleiros, é exatamente igual ao que o mapa dos Arquivos mostrava. Com a forma de uma gota de água angulosa, tem uma extremidade arredondada delimitada por uma enorme muralha exterior com pelo menos três metros de espessura. Em cada um dos lados há corredores de pedra. Eu sei que o edifício de quatro andares esculpido na montanha com a extremidade arredondada é para os académicos, e o da direita, que se ergue sobre o penhasco, é o dos dormitórios, para onde o Dain me levou. A imponente rotunda que liga os dois edifícios também serve de entrada para a sala comum, o refeitório e a biblioteca mais atrás. Fecho a boca,

aberta de espanto, e viro-me para a muralha exterior. Há um estrado de pedra à direita do parapeito ocupado por dois homens fardados que reconheço tratar-se do comandante e o comandante-executivo, ambos com a indumentária militar completa e as medalhas a cintilar à luz do sol.

Demoro alguns minutos a encontrar a Rhiannon no meio da multidão crescente. Está a falar com outra rapariga, cujo cabelo preto retinto é tão curto como o do Dain.

– Ora, cá estás tu! – O sorriso da Rhiannon é genuíno e cheio de alívio. – Estava preocupada. Está tudo… – Ela levanta as sobrancelhas.

– Estou pronta. – Assinto com a cabeça e viro-me para a outra mulher, que a Rhiannon me apresenta. Chama-se Tara e vem da província de Morraine, que fica ao longo da costa do Mar de Esmeralda, mais a norte. Tem o mesmo ar de confiança da Mira e os olhos dançam de entusiasmo quando ela e a Rhiannon falam sobre a obsessão que partilham pelos dragões desde a infância. Eu presto atenção ao que dizem, mas só o suficiente para me lembrar dos pormenores se precisarmos de fazer uma aliança.

Passa uma hora, depois outra, de acordo com os sinos de Basgiath, que conseguimos ouvir daqui. É então que o último cadete chega ao pátio, seguido pelos três cavaleiros do torreão exterior.

O Xaden está entre eles. Não é só pela altura que se destaca no meio desta multidão, mas também pela forma como todos os outros cavaleiros parecem andar à volta dele, como se fosse um tubarão e todos os outros fossem peixes a dar-lhe um amplo espaço de manobra. Por um segundo, não consigo deixar de me perguntar qual será o sinete, o poder único resultante do vínculo com o dragão, que recebeu e se é por isso que até os cavaleiros do terceiro ano parecem fugir-lhe precipitadamente da frente enquanto ele se dirige a passo decidido para o estrado com uma elegância mortífera. Já há dez cavaleiros no estrado e, pela forma como o comandante Panchek se chega à frente e olha para nós…

– Acho que estamos prestes a começar – digo à Rhiannon e à Tara, que se viram para olhar para o estrado. Toda a gente faz o mesmo.

– Vocês fazem parte do contingente de 301 candidatos que sobreviveram ao parapeito e se tornaram cadetes hoje – começa o comandante Panchek com o sorriso de um político e a mover o braço na nossa direção. O homem sempre falou com as mãos. – Bom trabalho. Houve 67 que não sobreviveram.

Sinto o peito a comprimir-se e o meu cérebro desfaz-se em cálculos. Quase vinte por cento. Terá sido a chuva? O vento? É mais do que a média. *Sessenta e sete* pessoas morreram a tentar chegar aqui.

– Ouvi dizer que este cargo é só um trampolim para ele – sussurra a Tara. – Ele quer o posto da Sorrengail e depois o do general Melgren.

O general comandante de todas as forças de Navarre. Os olhos miúdos e brilhantes do Melgren deixaram-me desconfortável sempre que nos encontrámos ao longo da carreira da minha mãe.

– O do general Melgren? – sussurra a Rhiannon do outro lado.

– Nunca irá conseguir – digo eu em voz baixa enquanto o comandante nos dá as boas-vindas ao Quadrante dos Cavaleiros. – O dragão do Melgren dá-lhe o poder de sinete de ver o resultado de uma batalha antes de ela acontecer. Não há como bater esse poder e não se pode ser assassinado se se souber que vai acontecer.

– Como diz o Códice, agora vão começar o verdadeiro crisol! – brada o Panchek numa voz que chega às 500 pessoas que eu calculo que estejam no pátio. – Vão ser testados pelos vossos superiores, perseguidos pelos vossos colegas e conduzidos pelos vossos instintos. Se sobreviveram à Debulha, e se forem escolhidos, serão cavaleiros. Depois, veremos quantos de vocês chegam à graduação.

As estatísticas dizem que cerca de um quarto de nós viverão até à graduação. Há anos melhores e anos piores, mas, mesmo assim, nunca faltam voluntários para o Quadrante dos Cavaleiros. Todos os cadetes neste pátio acham que têm o que é preciso para pertencerem à elite, ao melhor que Navarre tem para oferecer… para montarem um dragão. Não consigo deixar de pensar, pelo mais breve dos segundos, se também eu terei. Talvez eu possa fazer mais do que apenas sobreviver.

– Os vossos instrutores vão ensinar-vos – promete o comandante Panchek, com a mão a varrer a fila de professores em pé junto às portas da ala académica. – A aprendizagem depende de cada um de vocês. – Aponta-nos o dedo indicador. – A disciplina depende das vossas unidades e o vosso chefe de divisão tem a última palavra. Se eu tiver de intervir… – Um sorriso lento e sinistro abre-se-lhe no rosto. – Vocês não vão querer que eu intervenha. Dito isto, vou deixar-vos com os vossos chefes de divisão. Querem um conselho? Não morram. –

Desce do estrado com o comandante executivo e deixa apenas os cavaleiros no palco de pedra.

Uma mulher morena com ombros largos e um ar de marcado desprezo avança, os cravos prateados nos ombros do uniforme brilham sob a luz do sol.

– Chamo-me Nyra e sou a chefe de divisão principal do quadrante e a chefe da Primeira Divisão. Chefes de pelotão e chefes de esquadras, assumam as vossas posições imediatamente.

Sinto um empurrão no ombro quando uma pessoa passa a abrir caminho entre mim e a Rhiannon. Outras seguem-na até termos cerca de cinquenta pessoas à nossa frente, espaçadas entre elas em formação.

– Pelotões e esquadrões – sussurro para a Rhiannon, para o caso de ela não ter crescido numa família militar. – Três esquadrões em cada pelotão e três pelotões em cada uma das quatro divisões.

– Obrigada – responde a Rhiannon.

O Dain está num pelotão da Segunda Divisão, virado para mim, mas a evitar olhar-me nos olhos.

– Primeira Esquadra! Pelotão Garra! Primeira Divisão! – brada a Nyra.

Um homem que está mais perto do estrado levanta a mão.

– Cadetes, quando chamarem o vosso nome, entrem em formação atrás do chefe da vossa esquadra – ordena a Nyra.

A ruiva com a besta e o rol dá um passo em frente e começa a chamar os nomes. Um a um, os cadetes saem do meio da multidão e alinham-se na formação e eu vou contando ao mesmo tempo que faço juízos precipitados com base na indumentária usada e na arrogância exibida. Parece que cada esquadra será composta por quinze ou dezasseis pessoas.

O Jack é chamado para o Pelotão Labareda da Primeira Divisão.

A Tara é chamada para o Pelotão Cauda pouco antes de iniciarem a chamada para a Segunda Divisão.

Solto um suspiro de alívio quando o chefe de divisão avança e eu reparo que não é o Xaden.

A Rhiannon e eu somos ambas chamadas para a Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Segunda Divisão. Entramos todos em formação rapidamente, alinhados num quadrado. Um olhar rápido diz-me que temos um chefe de esquadra – o Dain, que não está a olhar para mim –, uma chefe-executiva de

esquadra, quatro cavaleiros que parecem ser do segundo e do terceiro ano e nove instruendos do primeiro ano. Uma das cavaleiras com duas estrelas no uniforme, com metade do cabelo rapado e a outra metade cor-de-rosa, tem uma relíquia da rebelião que começa no pulso, serpenteia pelo antebraço e desaparece debaixo do uniforme, mas desvio os olhos para ela não me apanhar especada a olhar.

Ficamos em silêncio enquanto as restantes divisões são chamadas. O Sol já vai bem alto e tosta-me a pele debaixo da indumentária de couro. *Eu disse-lhe para te tirar daquela biblioteca*. As palavras que a minha mãe me dirigiu de manhã perseguem-me, mas a verdade é que nunca me poderia ter preparado para isto. Tenho exatamente dois tons quando falamos de sol: pálida e queimada.

Quando a ordem chega, viramo-nos todos de frente para o estrado. Tento manter o foco na escrivã, mas os meus olhos precipitam-se para a direita como traidores que são e a minha pulsação acelera.

O Xaden observa-me com um olhar frio e calculista. Dá a sensação de que está a planear a minha morte do local em que se encontra como chefe da Quarta Divisão.

Eu levanto o queixo.

Ele ergue a sobrancelha marcada pela cicatriz. Depois diz algo ao chefe da Segunda Divisão até que os chefes de todas as divisões se juntam a eles no que é claramente uma discussão acalorada.

– Sobre o que é que achas que estão a falar? – sussurra a Rhiannon.

– Silêncio – diz o Dain entre dentes.

A minha espinha retesa-se. Não posso esperar que ele seja o *meu* Dain neste lugar, muito menos nestas circunstâncias, mas não é por isso que o tom deixa de ser áspero.

Por fim, os chefes das divisões viram-se para nós e a leve inclinação dos lábios do Xaden deixa-me imediatamente maldisposta.

– Dain Aetos, leva a tua esquadra contigo e troca de lugar com o da Aura Beinhaven.

Alto. O quê? Quem é a Aura Beinhaven?

O Dain assente com a cabeça e vira-se para nós.

– Sigam-me. – Di-lo uma vez e, de seguida, começa a caminhar resoluto à frente da formação, obrigando-nos a apressar o passo atrás dele. Passamos por outra esquadra a caminho de… de…

O ar enregela-se-me nos pulmões.

Estamos a caminho da Quarta Divisão. A divisão do Xaden.

Ao fim de um minuto, talvez dois, assumimos o nosso lugar na nova formação. Eu obrigo-me a respirar. Aquele raio daquele rosto arrogante e tão bem desenhado do Xaden exibe um sorriso presunçoso.

Estou completamente à mercê do filho do Fen Riorson, uma subordinada na cadeia de comando dele. Pode castigar-me da forma que quiser pela ínfima infração, nem que seja imaginária.

A Nyra olha para o Xaden quando termina a atribuição de tarefas e ele assente com a cabeça, dá um passo em frente e quebra finalmente o nosso jogo de olhares. Estou quase certa de que foi ele que ganhou, já que o meu coração está a galopar como um cavalo em fuga.

– Agora, vocês são todos cadetes. – A voz do Xaden espalha-se pelo pátio com mais força do que as outras. – Olhem bem para a vossa esquadra. Essas são as únicas pessoas que o Códice prevê que não vos vão matar. Mas não é por eles não poderem acabar com a vossa vida que outros não o farão. Querem um dragão? Terão de o merecer.

A maioria dos outros dá vivas, mas eu não abro a boca.

Houve sessenta e sete pessoas que caíram ou que morreram de outra maneira qualquer hoje. Sessenta e sete pessoas como o Dylan, cujo corpo será recolhido pelos pais ou enterrado no sopé da montanha debaixo de uma pedra simples à frente dos olhos deles. Não consigo encontrar energia para dar vivas pela perda destas pessoas.

Os olhos do Xaden cruzam-se com os meus e sinto um aperto no estômago antes de ele desviar o olhar.

– E aposto que se sentem uns valentes, não é assim, novatos?

Mais vivas.

– Sentem-se invencíveis neste momento, não é verdade? – grita o Xaden. – Pensam que são intocáveis! Estão prestes a fazer parte da elite! São os poucos entre muitos! Os eleitos!

Ouve-se uma ronda de vivas, cada vez mais alta, a cada afirmação.

Não. Não são apenas vivas, é o som de asas a bater no ar e a dominá-lo.

– Oh, deuses, são lindos – sussurra a Rhiannon ao meu lado quando eles aparecem e o céu se enche de dragões.

Passei a vida inteira rodeada de dragões, embora sempre à distância. Não toleram humanos que não tenham escolhido. Mas estes oito? Estão a voar diretos a nós… a toda a velocidade.

E quando eu penso que estão prestes a voar por cima de nós, eles projetam-se na vertical, açoitam o ar com as enormes asas translúcidas, e param, lançando rajadas de vento tão poderosas que por pouco não caio de costas no momento em que eles pousam na muralha semicircular exterior. As escamas do peito dos dragões ondulam com o movimento e as presas afiadíssimas fincam-se em ambas as extremidades da parede. Agora percebo porque é que as paredes têm três metros de espessura. Não é uma barreira. A extremidade da fortaleza é um raio de um *poleiro*.

Fico de boca aberta. Nos cinco anos em que aqui vivi, nunca vi isto, mas a verdade é que nunca me deixaram ver o que acontece no Dia do Alistamento.

Alguns cadetes gritam.

O meu rosto enche-se de vapor quando o dragão azul-marinho diretamente à minha frente expira pelas amplas narinas. Os cintilantes cornos azuis erguem-se em cima da cabeça numa curva larga e letal e as asas dilatam-se por um momento antes de se recolherem com a ponta da articulação superior encimada por uma presa ameaçadora. As caudas dos dragões são igualmente fatais, mas não as consigo ver deste ângulo nem sequer perceber a raça de cada um sem essa pista.

São todos mortíferos.

– Vamos ter de voltar a chamar os pedreiros – murmura o Dain entre dentes ao ver o muro a desfazer-se sob as garras dos dragões e pedras do tamanho do meu tronco a embater com estrondo no pátio.

Há três dragões com diferentes tons de vermelho e dois em tons de verde – como o Teine, o dragão da Mira – um castanho, como o da minha mãe, um cor de laranja e o enorme dragão azul-marinho à minha frente. São todos descomunais e lançam uma vasta sombra sobre a cidadela, a semicerrar os olhos dourados na nossa direção em total avaliação.

Se não precisassem que nós, humanos insignificantes, desenvolvêssemos as capacidades de sinete que obtemos com a vinculação e erguêssemos as guarnições de proteção que eles potenciam em redor de Navarre, tenho quase a certeza de que nos comeriam a todos e acabariam com esta história. Mas eles

gostam de proteger o Vale – a vasta depressão atrás de Basgiath em que os dragões se sentem em casa – de grifos impiedosos e nós gostamos de viver, de maneira que aqui estamos nós na mais improvável das parcerias.

O coração ameaça saltar-me do peito e estou completamente de acordo com ele, porque eu também queria fugir. É absolutamente ridículo pensar que terei de *montar* uma daquelas criaturas.

Um cadete sai disparado da Terceira Divisão e começa a correr aos gritos em direção à torre de menagem de pedra atrás de nós. Viramo-nos todos para o vermos a tentar chegar à enorme porta abobadada no centro do edifício. Quase que consigo ver daqui as palavras esculpidas no arco superior, mas já as sei de cor. *Um dragão sem o seu cavaleiro é uma tragédia. Um cavaleiro sem o seu dragão é um cadáver.*

Depois de vinculados, os cavaleiros não podem sobreviver sem os respetivos dragões, mas a maioria dos dragões consegue viver sem problemas depois de nós. Escolhem com cuidado precisamente para não sentirem a humilhação de estarem vinculados a um cobarde, isto partindo do princípio de que um dragão seria capaz de admitir ter cometido um erro.

O dragão vermelho à esquerda abre a ampla boca e revela dentes tão grandes como eu. Aquela mandíbula poderia esmagar-me como se eu fosse uma uva se quisesse. Da língua irrompem chamas e de seguida o dragão sopra uma labareda macabra em direção ao cadete em fuga.

É um monte de cinza na gravilha ainda antes de conseguir chegar à sombra da torre.

Sessenta e oito mortos.

Sinto o calor das chamas a crestar-me o rosto quando viro a cara para me focar no que está à minha frente. Se mais alguém tentar fugir e for executado da mesma forma, eu não quero ver. Ouço mais gritos à minha volta. Cerro o maxilar com toda a força que tenho para não emitir nenhum som.

Sinto mais dois sopros de calor, um à minha esquerda e depois outro à minha direita.

E vão setenta.

O dragão azul-marinho parece inclinar a cabeça na minha direção e é como se aqueles olhos dourados entrefechados pudessem ver o medo que me revira o estômago e a dúvida que me envolve o coração atrás da máscara de valentia que

tento manter. Aposto que até consegue ver a ligadura que tenho no joelho. Sabe que estou em desvantagem, que sou demasiado pequena para lhe subir pela perna dianteira e o montar, demasiado fraca para voar em cima do seu dorso. Os dragões sabem-no sempre.

Mas não vou fugir. Não estaria aqui se desistisse sempre que alguma coisa parecesse impossível de ultrapassar. *Não vou morrer hoje.* As palavras repetem-se na minha cabeça tal como tinha acontecido antes de subir ao parapeito e quando o estava a atravessar.

Puxo os ombros para trás e levanto o queixo.

O dragão pestaneja, o que pode ser um sinal de aprovação, ou de aborrecimento, e desvia o olhar.

– Mais alguém tem vontade de mudar de ideias? – grita o Xaden, a perscrutar as filas restantes de cadetes com o mesmo olhar astuto do dragão azul-marinho atrás dele. – Não? Excelente. Cerca de metade de vocês estará morta por esta altura do ano que vem. – Tirando alguns soluços inoportunos à minha esquerda, a formação fica em silêncio. – Depois, um terço de vocês morrerá no ano seguinte e o mesmo acontecerá no vosso último ano. Ninguém aqui quer saber quem é a vossa mamã ou o vosso papá. Até o segundo filho do Rei Tauri morreu durante a Debulha. Por isso, digam-me outra vez: sentem-se invencíveis agora que conseguiram chegar ao Quadrante dos Cavaleiros? Intocáveis? De elite?

Ninguém dá vivas.

Sinto mais uma rajada de calor – desta vez diretamente no meu rosto – e todos os músculos no meu corpo se retesam, a preparar-se para a carbonização. Mas não são chamas… é só vapor e sopra sobre as tranças da Rhiannon quando os dragões terminam uma expiração simultânea. Os culotes do instruendo do primeiro ano à minha frente escurecem e a cor espalha-se pelas pernas dele abaixo.

Querem assustar-nos. Missão cumprida.

– Porque vocês não são intocáveis nem especiais para eles. – O Xaden aponta para o dragão azul-marinho e inclina-se ligeiramente para a frente, como se nos estivesse a contar um segredo quando os meus olhos se cruzam com os dele. – Para eles, vocês não passam de presas.

É no tapete de treino de combate que os cavaleiros medram ou mirram. Afinal de contas, nenhum dragão respeitável iria escolher um cavaleiro que não fosse capaz de se defender e nenhum cadete respeitável permitiria que tamanha ameaça para a divisão continuasse a treinar.
– Guia para o Quadrante dos Cavaleiros do Major Afendra
(edição não autorizada)



CAPÍTULO IV

– Elena Sosa, Brayden Blackburn. – O capitão Fitzgibbons está a ler o rol de mortes, acompanhado por outros dois copistas no estrado enquanto nós estamos em formação silenciosa no pátio, com os olhos semicerrados devido ao sol matinal.

Esta manhã, estamos todos vestidos com a indumentária preta dos cavaleiros, e eu só tenho uma estrela de quatro pontas prateada na gola, a marca dos instruendos do primeiro ano e uma insígnia da Quarta Divisão no ombro. Ontem, depois de o teste do parapeito terminar, atribuíram-nos uniformes padrão: túnicas e calças justas e leves para o verão, bem como outros acessórios, mas nada de peles de voo. Não adianta atribuírem os uniformes protetores para combate, que são mais grossos, quando metade de nós não estará aqui quando chegar a altura da Debulha em outubro. O espartilho couraçado que a Mira me fez não está previsto nos regulamentos, mas eu integro-me perfeitamente entre as centenas de uniformes modificados à minha volta.

Depois das últimas 24 horas e de uma noite na camarata do primeiro andar, começo a perceber que este quadrante é uma estranha mistura de hedonismo de

quem sabe que pode morrer amanhã e brutal eficiência em nome da mesma razão.

– Jace Sutherland. – O capitão Fitzgibbons continua a ler e os copistas ao lado dele transferem o peso de um pé para o outro. – Dougal Luperco.

Acho que estamos algures na casa dos cinquenta, mas perdi a conta quando ele leu o nome do Dylan há alguns minutos. Este é o único memorial que os nomes terão, a única vez em que serão referidos na cidadela, pelo que tento concentrar-me, guardar cada nome na memória, mas são demasiados.

A minha pele está tensa de usar a couraça a noite inteira como a Mira sugeriu, e sinto dores no joelho, mas resisto à tentação de me dobrar e ajustar a ligadura que consegui colocar na privacidade não existente do meu beliche na camarata de instruendos do primeiro ano, antes que todos os outros acordassem.

Somos 156 instruendos do primeiro ano no primeiro andar da caserna e temos as camas dispostas em quatro filas bem definidas no espaço aberto. Embora o Jack Barlowe tenha sido colocado nas camaratas do terceiro andar, não vou deixar que nenhum deles veja as minhas fraquezas. Pelo menos, enquanto eu não souber em quem poderei confiar. Os quartos privados são como as peles de voo: só temos direito a um se sobrevivermos à Debulha.

– Simone Casteneda. – O capitão Fitzgibbons fecha o pergaminho. – Confiamos as suas almas a Malek. – O deus da morte.

Pestanejo. Devemos estar mais próximos do fim do que eu pensava.

Não existe nenhuma conclusão formal para a formação, nenhum momento final de silêncio. Os nomes no pergaminho deixam o estrado com os copistas e o silêncio é quebrado quando os chefes da esquadra se viram e começam a dirigir-se às respetivas esquadras.

– Espero que tenham tomado o pequeno-almoço, porque não terão outra oportunidade de comer antes do almoço – diz o Dain, os olhos a cruzar-se com os meus por uma fração de segundo antes de ele os desviar, a fingir indiferença.

– Ele é bom a fingir que não te conhece – sussurra a Rhiannon ao meu lado.

– É – respondo no mesmo tom. Um sorriso dobra-me os cantos da boca, mas mantenho uma expressão o mais indiferente possível sem deixar de o observar com intensidade. O sol tremula-lhe no cabelo acastanhado-claro e, quando ele vira a cabeça, vejo uma cicatriz ao longo do queixo, que a barba disfarça e que, por alguma razão, não vi ontem.

– Cavaleiros do segundo e terceiro anos, parto do princípio de que sabem para onde ir – continua o Dain enquanto os copistas seguem caminho pela beira do pátio à minha direita para voltarem para o seu quadrante. Ignoro a vozinha que protesta dentro de mim e diz que aquele deveria ser o *meu* quadrante. Ficar a pensar no que poderia ter acontecido não me vai ajudar a sobreviver e a ver o Sol a nascer amanhã.

Ouve-se um burburinho e aquiescência dos instruendos mais veteranos à nossa frente. Como instruendos do primeiro ano, estamos nas últimas duas filas do pequeno quadrado que compõe a Segunda Esquadra.

– Instruendos do primeiro ano, pelo menos um de vocês deve ter memorizado o horário das aulas que vos foi distribuído ontem. – A voz do Dain é ribombante e eu tenho dificuldade em conciliar este chefe sério e severo com o rapaz engraçado e sorridente que sempre conheci. – Mantenham-se juntos. Espero que estejam todos vivos quando nos encontrarmos no ginásio de treino de combate.

Foda-se, quase que me tinha esquecido de que vamos fazer treino de combate hoje. Só temos ginásio duas vezes por semana, de maneira que, desde que consiga sair incólume da sessão de hoje, fico à vontade por mais dois dias. Pelo menos, vou ter tempo para assentar antes de sermos obrigados a ultrapassar o Guante: o aterrador obstáculo vertical que nos disseram que teremos de ultrapassar quando as folhas mudarem de cor daqui a dois meses.

Se formos capazes de superar o Guante, caminharemos pelo desfiladeiro natural mais acima que nos levará para o campo de voo para a Apresentação, onde os dragões deste ano que estejam dispostos a vincular-se poderão ver pela primeira vez os cadetes sobreviventes. Dois dias depois, terá lugar a Debulha no vale abaixo da cidadela.

Eu olho em volta para ver os meus novos colegas de esquadra e não consigo deixar de pensar em qual de nós conseguirá chegar ao campo de voo e, mais tarde, ao vale, se é que algum vai conseguir chegar tão longe.

Não antecipes os problemas de amanhã.

– E se não estivermos? – pergunta o espertinho do primeiro ano atrás de mim.

Não me dou ao trabalho de olhar, mas a Rhiannon olha e revira os olhos quando se vira para a frente de novo.

– Nesse caso, não vou perder tempo a decorar o teu nome, porque será lido em voz alta amanhã – responde o Dain a encolher os ombros.

Uma instruenda do segundo ano à minha frente solta um riso abafado, num movimento que sacode dois pequenos brincos em arco que lhe pendem do lobo esquerdo, mas a colega de cabelo cor-de-rosa fica em silêncio.

– Sawyer? – O Dain olha para o instruendo do primeiro ano à minha esquerda.

– Eu levo-os para lá. – O cadete alto e esguio, cuja tez clara está coberta por uma constelação de sardas acrescenta um aceno curto à resposta. O maxilar sardento palpita e eu sinto um assomo de solidariedade a apertar-me o peito. É um dos repetentes, um cadete que não se vinculou a um dragão durante a Debulha e tem de fazer o ano inteiro de novo.

– Toca a andar – ordena o Dain; a nossa esquadra dispersa-se mais ou menos ao mesmo tempo que os restantes e o pátio deixa de ser uma formação ordenada para passar a ser uma multidão de cadetes a falarem uns com os outros. Os instruendos do segundo e terceiro anos, incluindo o Dain, seguem para outra direção.

– Temos cerca de vinte minutos para chegar à aula – grita o Sawyer aos outros instruendos do primeiro ano. – Quarto andar, segunda sala à esquerda na ala académica. Peguem nas vossas merdas e não se atrasem. – Não se dá ao trabalho de esperar para confirmar se o ouvimos antes de se pôr andar em direção às camaratas.

– Aquilo deve custar – diz a Rhiannon quando nos dispomos a seguir os outros em direção à caserna. – Ficar para trás e ter de fazer isto tudo novamente.

– É melhor do que estar morto – diz o espertinho ao passar à nossa direita, com o cabelo castanho-escuro a bater na pele trigueira da testa a cada passo. Chama-se Ridoc, se bem me lembro das breves apresentações que fizemos antes do jantar ontem à noite, e é o cadete mais baixo da esquadra.

– É verdade – respondo quando já estamos a chegar ao engarrafamento que se formou à porta.

– Eu ouvi um instruendo do terceiro ano dizer que, quando um instruendo do primeiro ano sobrevive à Debulha sem vínculo, o quadrante deixa-o repetir o ano e tentar de novo se ele quiser – acrescenta a Rhiannon e eu não posso deixar de pensar na determinação que seria necessária para sobreviver ao primeiro ano e depois estar disposto a repeti-lo só para ter a oportunidade de um dia se tornar um cavaleiro. É bem possível que ele morra à segunda tentativa.

Ouve-se um pássaro a chilrear à esquerda e olho por cima da multidão com o coração aos saltos porque reconheço o tom imediatamente. *Dain*.

O canto volta a soar e eu calculo que venha de um lugar próximo da porta da rotunda. Está no cimo das escadas largas e no segundo em que os nossos olhares se cruzam, ele avança para a porta com um subtil aceno de cabeça.

– Eu vou… – começo a dizer à Rhiannon, mas ela já seguiu o meu olhar.

– Eu pego nas tuas coisas e encontro-me contigo aqui. Estão debaixo do teu beliche, não é? – pergunta ela.

– Não te importas?

– O teu beliche é ao lado do meu, Violet. Não custa nada. Vai! – Lança-me um olhar conspirativo e dá-me um toque de ombro.

– Obrigada! – Dou-lhe um sorriso rápido e passo com dificuldade pela multidão até me conseguir libertar na extremidade. Por sorte, não havia muitos cadetes a dirigir-se para o refeitório, o que significa que não havia muitos olhos postos em mim depois de entrar por uma das quatro portas gigantes da rotunda.

Os meus pulmões sugam o ar com urgência. O lugar é muito parecido com as representações que vi nos Arquivos, mas não existe nenhum desenho nem nenhum meio artístico que seja capaz de demonstrar a enormidade deste lugar e o primor de cada pormenor. A rotunda poderá ser a obra de arquitetura mais bonita não só da cidadela, mas de toda a Basgiath. O espaço tem três andares de altura, do chão polido de mármore ao teto de vidro abobadado que deixa passar a luz suave da manhã. À esquerda há duas enormes portas em arco para a ala académica e à direita há outras duas semelhantes que dão para os dormitórios e, ao fim de meia dúzia de degraus, há quatro entradas à minha frente que dão para a sala comum.

Dispostos de forma equidistante em redor da rotunda, a brilhar com diferentes cores – vermelho, castanho, cor de laranja, azul e preto – estão seis imponentes pilares esculpidos com a forma de dragões, representados como se estivessem a cair do teto. No centro, entre as bocas com dentes arreganhados na base de cada pilar, há espaço suficiente para colocar quatro esquadrões, mas o lugar está vazio neste momento.

Passo pelo primeiro dragão, lavrado em mármore vermelho-escuro, e uma mão agarra-me o ombro para me puxar para trás do pilar onde há um espaço entre a garra e a parede.

– Sou só eu. – O Dain fala com uma voz baixa e calma e vira-me para olhar para ele. Todos os traços do seu rosto irradiam tensão.

– Já calculava, uma vez que foste tu que me chilreaste. – Sorrio e abano a cabeça. O Dain usa este sinal desde que éramos pequenos e vivíamos perto da fronteira de Krovlan quando os nossos pais estavam destacados na base militar com a Divisão Sul.

Ele franze a testa enquanto olha, perscrutador, para mim, sem dúvida à procura de novas lesões.

– Só temos alguns minutos antes de este lugar encher. Como está o teu joelho?

– Dói, mas eu sobrevivo. – Já tive feridas muito piores e ambos o sabemos, mas não adianta dizer-lhe para se acalmar quando é óbvio que isso não vai acontecer.

– Ninguém tentou meter-se contigo ontem à noite? – A preocupação dobra-lhe a testa e cruzo os braços para resistir à tentação de lhe alisar as rugas com os meus dedos. A apreensão que ele demonstra esmaga-me o peito como uma pedra.

– Seria assim tão mau se tentassem? – digo em jeito de provocação, obrigando-me a abrir um pouco mais o sorriso.

Ele deixa cair os braços para as ilhargas e suspira com tanta força, que o som ecoa na rotunda.

– Sabes bem que não é a isso que me estou a referir, Violet.

– Ninguém tentou matar-me ontem à noite, Dain, nem sequer magoar-me. – Recosto-me na parede e tiro algum peso do joelho. – Tenho a certeza de que estávamos todos muito cansados e aliviados para termos energia para começarmos a chacinar-nos uns aos outros. – A camarata ficou em silêncio muito rapidamente depois de as luzes se apagarem. A exaustão emocional do dia tem as suas vantagens.

– E comeste, certo? Eu sei que eles vos enxotam dos dormitórios muito depressa depois de os sinos tocarem às seis horas.

– Comi com o resto dos instruendos do primeiro ano e, antes de pensares sequer em dar-me um sermão, voltei a ligar o joelho debaixo dos lençóis e fiz tranças no cabelo antes de os sinos tocarem. Tenho vindo a reger-me pelas horas dos copistas há *anos*, Dain. Eles acordam uma hora antes. Na verdade, até me

apetece apresentar-me como voluntária para trabalhar no serviço de pequeno-almoço.

Ele relanceia para a trança com a ponta prateada que prendi num puxo junto ao cabelo mais escuro perto da coroa da minha cabeça.

– Deverias cortá-lo.

– Não comeces. – Abano a cabeça.

– Há uma razão para as mulheres usarem cabelo curto aqui, Vi. Assim que alguém consegue agarrar-te o cabelo num tapete de treino de combate…

– O meu cabelo é a *última* das minhas preocupações num tapete de treino de combate – replico.

O Dain arregala os olhos.

– Estou só a tentar manter-te a salvo. Tens sorte de eu não te ter atirado para as mãos do capitão Fitzgibbons há bocado para lhe pedir que te levasse daqui para fora.

Ignoro a bravata de ameaça. Estamos a perder tempo e eu preciso de uma informação dele.

– Porque é que a nossa esquadra foi transferida da Segunda Divisão para a quarta, ontem?

Ele retesa-se e desvia o olhar.

– Diz-me. – Preciso de saber se estou a imaginar uma situação que não existe.

– Foda-se – murmura ele entre dentes, a passar a mão pelo cabelo. – O Xaden Riorson quer-te morta. Toda a chefia o sabe desde ontem.

Não. A minha reação não é exagerada.

– Trocou a esquadra para me poder aceder diretamente. Para poder fazer o que quiser sem que ninguém o questione. Sou a vingança dele contra a minha mãe. – O meu coração nem sequer se sobressalta com a confirmação do que eu já sabia. – Era o que eu pensava. Só precisava de ter a certeza de que não me estava a deixar levar pela minha imaginação.

– Não vou deixar que nada te aconteça. – O Dain dá um passo em frente, pousa-me a mão em concha na face, com o polegar a afagar-me a maçã do rosto num movimento tranquilizador.

– Não podes fazer grande coisa. – Afasto-me da parede com um impulso para ficar mais longe dele. – Tenho de ir para a aula. – Ouço algumas vozes a ecoar na rotunda quando os cadetes começam a passar.

O maxilar dele palpita por um segundo e a pele entre as sobrancelhas volta a franzir-se.

– Faz o que puderes para não dares nas vistas, sobretudo quando estiveres na aula de Sumário de Batalha. É claro que as cores do teu cabelo acabam por te denunciar, mas é uma aula que todo o quadrante faz. Vou ver se um dos instruendos do segundo ano pode fazer vigia…

– Ninguém me vai assassinar durante uma aula de História. – Reviro os olhos. – A academia é o lugar em que não tenho de me preocupar. O que é que o Xaden vai fazer? Tirar-me da aula e espetar-me uma espada no meio do corredor? Ou achas mesmo que me vai apunhalar no meio da aula de Sumário de Batalha?

– Não ficaria muito admirado. Ele é *um sanguinário* do caralho, Violet. Porque é que achas que o dragão dele o escolheu?

– O azul-marinho que pousou atrás do estrado ontem? – O meu estômago embrulha-se. A maneira como aqueles olhos dourados me avaliaram…

O Dain assente com a cabeça.

– A Sgaeyl é um Cauda de Punhal Azul e é… implacável. – Engole em seco. – Não me interpretes mal. O Cath consegue ser bastante violento quando se enfurece, como acontece com todos os Caudas de Espada Vermelhos, mas a maioria dos dragões não se mete no caminho da Sgaeyl.

Eu fixo os olhos no Dain, tanto na cicatriz que lhe define o maxilar como nos olhos severos que conheço tão bem e tão mal.

– O que foi? – pergunta ele. As vozes à nossa volta fazem-se mais altas e há mais passos de um lado para o outro.

– Tu já te vinculaste a um dragão. Tens poderes que eu nem sequer conheço. Abres portas com magia. És chefe de uma esquadra. – Profiro as frases lentamente, na esperança de que penetrem, de que eu consiga perceber verdadeiramente até que ponto ele mudou. – Para mim é um bocado difícil olhar para ti e ver o… Dain que eu conheço.

– Continuo a ser o mesmo. – A postura torna-se mais serena e ele levanta a manga curta da túnica para revelar a relíquia de um dragão vermelho no ombro. – Só que agora tenho isto. Quanto aos poderes, o Cath canaliza uma quantidade muito significativa de magia em comparação com alguns outros dragões, mas estou longe de ser proficiente. Não mudei assim tanto. Quanto a magias menores potenciadas pela vinculação da minha relíquia, consigo fazer as coisas típicas,

como abrir portas, aumentar a minha velocidade e usar canetas de tinta permanente em vez daquelas penas tão inconvenientes.

– Qual é o teu poder de sinete? – Todos os cavaleiros são capazes de fazer magia menor quando o seu dragão começa a canalizar-lhes poderes, mas o sinete é a única capacidade que se destaca, a habilidade mais forte que resulta de cada vínculo exclusivo entre o dragão e o cavaleiro.

Alguns cavaleiros têm sinetes semelhantes. Manipulação de fogo, manipulação de gelo e manipulação de água são apenas alguns dos poderes de sinete mais comuns e todos são úteis em batalha.

E depois há os sinetes que tornam um cavaleiro extraordinário.

A minha mãe consegue manipular o poder das tempestades.

O Melgren consegue antever o resultado das batalhas.

Não posso deixar de pensar de novo em qual será o sinete do Xaden… e se ele o irá usar para me matar quando eu não estiver à espera.

– Eu consigo ler as memórias recentes das pessoas – admite o Dain em voz baixa. – Não consigo ler a mente das pessoas como como um intínsico nem nada disso. Tenho de lhes tocar com as mãos, para não representar um risco de segurança. Mas o meu sinete não é do conhecimento de todos. Acho que me vão usar nos serviços de informações. – Aponta para a insígnia da bússola que tem no ombro debaixo da da Quarta Divisão. Usar aquele emblema indica que o sinete é demasiado confidencial. Eu só não tinha reparado nele ontem.

– Não acredito. – Sorrio e respiro para me acalmar ao lembrar-me de que o uniforme do Xaden não tinha nenhuma insígnia.

Ele assente com a cabeça e um sorriso entusiasmado define-lhe os lábios.

– Ainda estou a aprender e, claro, quanto mais perto estiver do Cath melhores são as minhas aptidões, mas sim. Basta pousar as mãos nas têmporas de uma pessoa e posso ver o que ela viu. É… incrível.

Um sinete como este fará mais do que distinguir o Dain dos outros. Fará dele uma das ferramentas de interrogatório mais valiosas de que dispomos.

– E ainda dizes que não mudaste – digo em jeito de provocação.

– Este lugar distorce quase tudo numa pessoa, Vi. Acaba com as tretas e as delicadezas e revela quem somos realmente lá no fundo. É isso que eles querem. Querem cortar os teus vínculos anteriores para que a tua lealdade se cinja à tua divisão. É uma das muitas razões por que os instruendos do primeiro ano não

podem corresponder-se com a família e com os amigos, senão sabes bem que te teria escrito. Mas não é um ano que me vai fazer deixar de pensar que tu és a minha melhor amiga. Eu continuo a ser o Dain e, por esta altura do ano que vem, tu vais continuar a ser a Violet. Nós vamos continuar a ser nós.

– Se eu continuar viva – gracejo quando os sinos tocam. – Tenho de ir para a aula.

– Sim, e eu vou chegar atrasado ao campo de voo. – Faz um gesto para o fim do pilar. – Bem, o Riorson não deixa de ser chefe de divisão. Vai perseguir-te, mas encontrará uma forma de o fazer dentro das regras do Códice, pelo menos quando houver pessoas a olhar. Eu e a… – As faces do Dain coram. – … Amber Mavis, que é a atual chefe da Terceira Divisão, éramos muito bons amigos no ano passado e digo-te uma coisa: o Códice é sagrado para eles. Agora, vai tu primeiro. Vemo-nos no ginásio de treino de combate. – Lança-me um sorriso tranquilizador.

– Até logo. – Retribuo o sorriso e viro-me sobre o calcanhar, contorno a base do enorme pilar e dirijo-me para a rotunda já bastante composta. Há mais de duas dezenas de cadetes cá dentro a dirigir-se de um edifício para o outro e demoro um segundo a situar-me.

Encontro as portas da academia entre os pilares cor de laranja e pretos e sigo na direção delas, misturando-me com a multidão.

Os pelos na parte de trás do meu pescoço levantam-se e sinto um arrepio na espinha quando atravesso o centro da rotunda. Depois detenho-me. Há cadetes a andar à minha volta, mas os meus olhos fixam-se mais acima, depois dos degraus que conduzem à sala comum.

Oh, merda.

O Xaden Riorson está a fitar-me com os olhos semicerrados, as mangas do uniforme enroladas nos braços imponentes sempre cruzados sobre o peito, a ameaça bem patente no braço coberto de relíquias quando um instruendo do terceiro ano ao lado dele diz algo que ele ignora ostensivamente.

Fico com o coração na boca. Estamos separados por cerca de seis metros. Sinto os dedos a agitar-se, prontos para agarrar uma das facas embainhadas junto às costelas. É aqui que ele o vai fazer? No meio da rotunda? O chão de mármore é cinzento, pelo que o pessoal de limpeza não terá muita dificuldade em esfregar o sangue.

Ele inclina a cabeça e estuda-me com aqueles olhos inexoravelmente tétricos, como se estivesse a decidir qual é a minha maior vulnerabilidade.

Deveria fugir, não? Mas, se mantiver esta posição, pelo menos consigo vê-lo a chegar.

Os olhos dele desviam-se dos meus, relanceiam para a direita, e ele levanta uma sobrancelha na minha direção.

O meu estômago afunda-se quando o Dain aparece vindo de trás de um pilar.

– O que é que estás… – começa a dizer o Dain ao chegar perto de mim com a testa franzida de perplexidade.

– Cimo das escadas. Quarta porta – interrompo-o com um murmúrio entre dentes.

O olhar do Dain dispara para cima e pragueja baixinho, embora não muito subtilmente, ao aproximar-se de mim num momento em que o movimento à nossa volta abranda. Menos pessoas significa menos testemunhas, mas eu não sou suficientemente idiota para pensar que o Xaden não me vai matar em frente de um quadrante inteiro se quiser.

– Eu já sabia que os vossos pais eram chegados – brada o Xaden, com um sorriso cruel a dobrar-lhe os lábios. – Mas vocês os dois não podiam ser um bocadinho mais discretos?

Os poucos cadetes que ainda se encontram na rotunda voltam-se para olhar para nós.

– Deixem-me adivinhar – continua o Xaden, a olhar sucessivamente para mim e para o Dain. – Amigos de infância? Primeiros amores da adolescência, porventura?

– Ele não pode magoar-te sem razão, certo? – sussurro. – Sem razão e depois de chamar um quórum de chefes de divisão, porque tu és um chefe de esquadra. Artigo Quarto, Parágrafo Três.

– Correto – responde o Dain, sem se dar ao trabalho de baixar a voz. – Mas tu não.

– Tinha esperança de que fosses mais cuidadoso a esconder para onde pendem os teus afetos, Aetos. – O Xaden começa a descer as escadas.

Merda. Merda. *Merda*.

– Foge, Violet – ordena o Dain. – *Já*.

Eu saio disparada.

Sabendo que estou em desacordo direto com as ordens do general Melgren, oponho-me oficialmente ao plano apresentado no relatório de hoje. Esta general não é da opinião de que os filhos de chefes da rebelião devam ser obrigados a testemunhar as execuções dos pais. Nenhuma criança deverá assistir à morte do pai ou da mãe.

– A rebelião de Tyrrendor, um relatório oficial para o Rei Tauri escrito pela general Lilith Sorrengail



CAPÍTULO V

– Bem-vindos à vossa primeira aula de Sumário de Batalha – diz esta manhã a Professora Devera no vão da enorme sala de aulas, com o ombro a ostentar uma insígnia num tom vívido de púrpura do Pelotão Labareda que combina na perfeição com o cabelo curto. É a única aula ministrada no anfiteatro que ocupa a extremidade em curva da ala académica e uma das duas salas na cidadela que tem capacidade para albergar todos os cadetes. Não há nenhum assento que não ranja e todos se encontram ocupados. Os instruendos do terceiro ano com funções de responsabilidade estão em pé encostados às paredes atrás de nós, mas cabemos todos.

Não tem nada que ver com a de História na hora anterior, na qual havia apenas três esquadrões de instruendos do primeiro ano, mas, pelo menos, os novatos na nossa esquadra estão todos juntos. Agora o que era bom era que eu me conseguisse lembrar de nome de toda a gente.

O Ridoc é fácil de lembrar, já que passou toda a aula de História a dizer graçolas. Espero que tenha juízo suficiente para não tentar fazer o mesmo nesta. A Professora Devera não gosta de brincadeiras.

– No passado, não era incomum os cavaleiros serem chamados para o campo de batalha antes da graduação – continua a Professora Devera, antes de fechar a boca ao passar em frente de um mapa do Continente com seis metros de altura pregado à parede do fundo, com a indicação da intricada rede de postos avançados de defesa de que dispomos ao longo das fronteiras. As dezenas de luzes mágicas que iluminam o espaço conseguem fazer esquecer perfeitamente a falta de janelas e fazem reflexo na grande espada que ela tem amarrada às costas.

– E os escolhidos eram cavaleiros do terceiro ano que tinham passado algum tempo a acompanhar divisões avançadas, mas nós esperamos que vocês terminem a formação a saber exatamente o que temos de enfrentar. E também não interessa saber apenas onde cada divisão está destacada. – Toma o seu tempo e estabelece contacto visual com todos os instruendos do primeiro ano que vê. A divisa no ombro indica que é capitã, mas eu sei que vai chegar a major antes de deixar o ensino rotativo neste lugar, dada a quantidade de medalhas que tem cravadas no peito. – Têm de compreender a política dos nossos inimigos, as estratégias de defesa dos ataques constantes aos nossos postos avançados e têm de ter um conhecimento alargado tanto das batalhas mais recentes como das atuais. Se não forem capazes de dominar estes temas básicos, não vão fazer nada no dorso de um dragão. – Ela arqueia uma sobrancelha preta alguns tons mais escura do que a pele profundamente castanha.

– Sem pressão – murmura a Rhiannon ao meu lado, a tirar notas furiosamente.

– Nós safamo-nos – prometo-lhe num sussurro. – Os instruendos do terceiro ano só foram enviados para postos avançados nas regiões do interior do reino como reforços, nunca para a linha da frente. – Sempre estive suficientemente atenta às conversas da minha mãe para ter esta consciência.

– Esta é a única aula que terão todos os dias, porque é a única aula que irá importar se forem chamados para o serviço antecipadamente. – O olhar da Professora Devera varre a sala de uma ponta à outra e para quando se cruza com o meu. Ela arregala os olhos por um momento, mas, logo de seguida, lança-me um sorriso e um aceno de aprovação antes de continuar. – Por se tratar de uma aula diária baseada na informação mais atualizada, também responderão perante o Professor Markham, que não merece senão o vosso maior respeito.

Ela acena para que o copista avance e este dirige-se para o lado dela num uniforme em tons de creme que contrasta visivelmente com o uniforme preto da Professora Devera. O Professor Markham inclina-se quando ela lhe sussurra algo ao ouvido e as sobrancelhas densas levantam-se-lhe acentuadamente quando vira rapidamente a cabeça na minha direção.

Não vejo nenhum sorriso de aprovação quando os olhos cansados do coronel se fixam nos meus, mas apenas um suspiro que me enche o peito de dolorosa pena quando o ouço. Eu deveria ser a sua aluna estrela no Quadrante dos Copistas, o seu maior feito antes de ele se reformar. Não deixa de ser deveras irónico que eu seja agora a que menos probabilidades tem de ser bem-sucedida neste quadrante.

– É dever dos copistas não apenas estudar e compreender o passado, mas também dar a conhecer e registar o presente – diz ele, a esfregar a cana do nariz abatatado depois de desviar finalmente o olhar desiludido do meu. – Sem descrições precisas das nossas linhas da frente, sem informação fiável que permita tomar decisões estratégicas e, mais importante ainda, sem dados verídicos que nos ajudem a documentar a nossa história em prol de gerações futuras, estamos condenados, não só enquanto reino, mas também enquanto sociedade.

E é precisamente por isso que eu sempre quis ser copista. Mas agora não interessa muito.

– Primeiro tema do dia. – A Professora Devera dirige-se para o mapa e faz um movimento rápido com a mão que lança uma luz mágica diretamente sobre a fronteira oriental com a província de Braevick, em Poromiel. – A Divisão Este sofreu um ataque ontem à noite perto da aldeia de Chakir, levado a cabo por um grupo de grifos e cavaleiros braevis.

Oh, merda. Ouve-se um burburinho a ecoar na sala e eu mergulho a minha pena no tinteiro que está na secretária à minha frente para poder tirar notas. Mal posso esperar por começar a canalizar o poder dos dragões para poder usar o tipo de canetas que a minha mãe tem na secretária e que eu tanto cobiço. Um sorriso dobra-me os lábios. Ser cavaleira poderá ter as suas regalias, afinal. *Vai* ter.

– Como é natural, alguma informação é censurada por razões de segurança, mas o que vos podemos dizer é que as guarnições falharam ao longo da cumeada

dos Montes de Esben. – A Professora Devera afasta as mãos e a luz expande-se e ilumina as montanhas que formam a nossa fronteira com Braevick. – Permitiram não só que o grupo entrasse no território navarrês, mas também que os cavaleiros canalizassem e manipulassem os seus poderes algures pela meia-noite.

Ouve-se um burburinho dos cadetes, sobretudo dos do primeiro ano e o meu estômago afunda-se. Os dragões não são as únicas criaturas capazes de canalizar poderes aos respetivos cavaleiros. Os grifos de Poromiel partilham essa capacidade, mas os dragões *são* os únicos capazes de canalizar poderes às guarnições que tornam todas as outras magias a não ser a deles impossíveis dentro das nossas fronteiras. É por causa deles que as fronteiras de Navarre são algo circulares: o poder dos dragões irradia-se a partir do Vale, e só até determinado ponto, mesmo com esquadrões destacados em todos os postos avançados. Sem essas guarnições, estaríamos fodidos. Começaria a época de caça aberta às aldeias navarresas e as forças invasoras de Poromiel viriam pelas montanhas abaixo. Aqueles crápulas gananciosos nunca estão satisfeitos com os recursos que têm. Querem sempre os nossos também e, enquanto não aprenderem a ficar satisfeitos com os acordos comerciais celebrados, não teremos a possibilidade de acabar com o alistamento em Navarre. Não teremos a possibilidade de conhecer a paz.

Mas se não estamos em nível máximo de alerta é porque eles devem ter reerguido, ou, pelo menos, estabilizado, as guarnições.

– Foram mortos 37 civis no ataque na hora que passou até a esquadra da Divisão Este conseguir chegar, mas os cavaleiros e os dragões conseguiram rechaçar o grupo – conclui a Professora Devera a cruzar os braços à frente do peito. – Com base nesta informação, que perguntas fariam? – Levanta um dedo. – Para começar, só quero intervenções de instruendos do primeiro ano.

A minha primeira pergunta seria por que raio falharam as guarnições, mas é pouco provável que vão responder a uma pergunta destas numa sala cheia de cadetes que não têm nenhum privilégio em matéria de segurança.

Estudo o mapa. A Serra de Esben é a mais alta cadeia montanhosa ao longo da nossa fronteira com Braevick, o que faz com que seja o lugar menos provável para um ataque, sobretudo porque os grifos não se dão tão bem com a altitude como os dragões, provavelmente por serem uma mistura de águia com leão e não suportarem o ar mais rarefeito das altitudes mais elevadas.

Há uma razão para termos sido capazes de rechaçar todas as grandes invasões do nosso território ao longo dos últimos 600 anos e termos conseguido defender a nossa terra nesta interminável guerra que já dura há 400 anos. As nossas capacidades, tanto as magias menores como os poderes de sinete, são maiores porque os nossos dragões são capazes de canalizar mais energia do que os grifos. Então porque haveriam de atacar naquela cadeia montanhosa? O que é que levou à falha das guarnições naquela região?

– Vamos, instruendos do primeiro ano, mostrem-me que têm mais do que apenas bom equilíbrio. Mostrem-me que têm as competências de pensamento crítico necessárias para estarem aqui – pede a Professora Devera. – É mais importante do que nunca que estejam prontos para o que está para lá das nossas fronteiras.

– Esta foi a primeira vez que as guarnições falharam? – pergunta uma instruenda do primeiro ano duas filas à minha frente.

A Professora Devera e o Professor Markham olham um para o outro antes de ela se virar para a cadete.

– Não.

O meu coração salta-me para a boca e a sala fica em absoluto silêncio.

Não é a primeira vez.

A rapariga aclara a garganta.

– E com que… frequência falham?

Os olhos astutos do professor Markham entrefecham-se nela.

– Isso é informação que está acima da sua condição, cadete. – Vira a atenção para a nossa secção. – Próxima pergunta relevante para o ataque que estamos a discutir?

– Quantas baixas sofreu a divisão? – pergunta um instruendo do primeiro ano ao fundo da minha fila à direita.

– Um dragão ferido. Um cavaleiro morto.

Volta a ouvir-se um burburinho na sala. Sobreviver à recruta não significa sobreviver ao serviço. Estatisticamente, a maioria dos cavaleiros morre antes de chegar à idade da reforma, sobretudo ao ritmo a que os cavaleiros têm caído ao longo dos últimos dois anos.

– Porque é que fez essa pergunta? – pergunta a Professora Devera ao cadete.

– Para saber de quantos reforços vão precisar – responde ele.

A Professora Devera assente com a cabeça, vira-se para o Pryor, o instruendo do primeiro ano mais submisso da nossa esquadra, que tem a mão no ar e a baixa rapidamente, franzindo as sobrancelhas escuras.

– Queria fazer uma pergunta?

– Queria. – Ele assente com a cabeça, atirando alguns caracóis de cabelo preto para os olhos, depois abana-a. – Não. Deixe estar.

– Tão decidido – goza a Luca, a mais traiçoeira instruenda do primeiro ano da nossa esquadra, que eu tento evitar a *todo* o custo, a inclinar a cabeça enquanto os cadetes se riem em redor de ambos. A Luca dobra um dos cantos da boca num sorriso afetado e afasta o longo cabelo castanho de cima do ombro num movimento que não tem nada de fortuito. Tal como eu, ela é uma das poucas mulheres no quadrante que não cortou o cabelo. Invejo-lhe a confiança de que o cabelo não será usado contra ela, mas não a atitude, e conheço-a há menos de um dia.

– Ele é da nossa esquadra – repreende a Aurelie, pelo menos acho que é assim que ela se chama, com os olhos pretos pragmáticos a entrefechar-se na Luca. – Mostra alguma lealdade.

– Por favor. Nenhum dragão se vai vincular a um tipo que nem sequer consegue decidir se vai fazer uma pergunta. E viste-o no pequeno-almoço ao início da manhã? Atrasou a fila inteira porque não conseguia escolher entre o *bacon* e a salsicha. – A Luca revira os olhos debruados de rímel.

– Os cadetes da Quarta Divisão acabaram de se meter uns com os outros? – pergunta a Professora Devera, a levantar uma sobrancelha.

– Pergunta a que altitude está a aldeia – sussurro à Rhiannon.

– O quê? – A testa dela franze-se.

– Pergunta lá – respondo, a tentar manter o conselho do Dain em mente. Juro que consigo senti-lo a olhar para a parte de trás do meu pescoço sete filas atrás de mim, mas não me vou virar para olhar, sobretudo porque sei que o Xaden também está algures lá em cima.

– Qual é a altitude da aldeia? – pergunta a Rhiannon.

As sobrancelhas da Professora Devera erguem-se quando se vira para a Rhiannon.

– Markham?

– Um pouco menos de 3000 metros – responde ele. – Porquê?

A Rhiannon lança-me um demorado olhar de soslaio e aclara a garganta.

– É só porque parece uma altitude um pouco elevada de mais para um ataque planeado com grifos.

– Boa – sussurro.

– De facto, é uma altitude um pouco elevada para um ataque planeado – diz a Professora Devera. – Porque é que não me diz porque é que a altitude é um inconveniente, cadete Sorrengail? E talvez queira fazer as suas perguntas de agora em diante. – Aponta-me um olhar que me deixa a contorcer no assento.

Todas as cabeças da sala se viram na minha direção. Se alguém tivesse alguma sombra de dúvida sobre quem eu era, agora já não tem. *Fantástico.*

– Os grifos não são tão fortes a essa altitude e a capacidade de canalizarem os seus poderes também não – digo. – É um lugar em que não faz sentido atacarem a menos que *soubessem* que as guarnições iriam falhar, sobretudo tendo em conta que a aldeia deve ficar a… o quê… uma hora de voo do posto avançado mais próximo? – Relanceio para o mapa para me certificar de que não estou a dizer nenhum disparate. – Chakir fica ali, não é? – *Formação de copista para a vitória*.

– É. – Um canto da boca da Professora Devera dobra-se num sorriso cúmplice. – Desenvolva essa linha de raciocínio.

Um segundo.

– A Professora não disse que a *esquadra* de cavaleiros demorou uma hora a chegar? – Semicerro o olhar.

– Disse. – Ela olha para mim com expectativa.

– Então já estavam a caminho – digo atabalhoadamente, reconhecendo imediatamente que o que acabo de dizer parece um disparate. Sinto o calor a subir-me às faces quando ouço o burburinho de risos abafados à minha volta.

– Sim, porque isso faz sentido. – O Jack vira-se no assento na fila da frente e ri-se abertamente de mim. – O general Melgren sabe o resultado de uma batalha antes de ela acontecer, mas nem ele sabe quando vai acontecer, otária.

Sinto os risos dos meus colegas a reverberar-me nos ossos. Quero enfiar-me debaixo desta secretária ridícula e desaparecer.

– Vai-te foder, Barlowe – dispara a Rhiannon.

– Não sou eu que penso que a presciência existe – replica ele num tom escarninho. – Que os deuses nos ajudem se essa aí vier a subir para o dorso de

um dragão. – Uma nova ronda de risos a toda a volta deixa-me o pescoço a arder.

– Porque é que achas isso, Violet? – O Professor Markham estremece. – Porque é que acha isso, cadete Sorrengail?

– Porque não há uma forma lógica de eles conseguirem chegar lá numa hora a não ser que já estejam a caminho – aponto, lançando um olhar de fúria para o Jack. Ele e os risos dele que se fodam. Posso ser mais fraca do que ele, mas, caramba, sou muito mais inteligente. – Seria preciso pelo menos metade desse tempo para acender os sinais luminosos nas montanhas e chamar ajuda, e não há nenhuma esquadra que esteja sem fazer absolutamente nada e só à espera de ser chamado. Mais de metade dos cavaleiros estariam a dormir, o que significa que já estavam a caminho.

– E porque é que eles haveriam de estar já a caminho? – instiga a Professora Devera, cuja luz nos olhos me diz que eu estou no caminho certo e me dá confiança para levar o meu raciocínio um pouco mais longe.

– Porque, por alguma razão, sabiam que as guarnições estavam a fender-se. – Levanto o queixo com a esperança de estar certa ao mesmo tempo que rezo a Dunne, a deusa da guerra, para estar errada.

– Isso é a história mais… – começa o Jack.

– Ela tem razão – interrompe a Professora Devera, e o silêncio abate-se sobre a sala. – Um dos dragões na divisão sentiu que a guarnição estava a falhar e a divisão fez-se ao caminho. Se não o tivesse feito, o número de baixas teria sido muito mais elevado e a destruição da aldeia muito mais alargada.

Sinto uma pequena borbulha de confiança a encher-me o peito, que não demora a ser rebentada pelo olhar carrancudo do Jack a lembrar-me de que não se esqueceu da promessa de que me iria matar.

– Instruendos do segundo e terceiro anos, é a vossa vez – aponta a Professora Devera. – Vamos ver se conseguem ser um pouco mais respeitosos para com os vossos colegas mais novos. – Levanta uma sobrancelha para o Jack antes de começarem a chover perguntas atrás de nós.

Quantos cavaleiros foram mobilizados para o local?

Qual foi a causa de morte da única baixa fatal?

Quanto tempo foi preciso para expulsar os grifos da aldeia?

Ficou algum vivo para ser interrogado?

Aponto todas as perguntas e respostas e a minha cabeça vai organizando todos os factos a pensar no tipo de relatório que escreveria se estivesse no Quadrante dos Copistas, na informação que seria importante registar e no que seria irrelevante.

– Qual era o estado da aldeia? – pergunta uma voz grave vinda do fundo do anfiteatro.

Os pelos do meu pescoço eriçam-se num sinal de que o meu corpo reconhece a ameaça imediata atrás de mim.

– Riorson? – pergunta o Professor Markham, a olhar para o cimo da sala com os olhos protegidos das luzes mágicas.

– A aldeia – reafirma o Xaden. – A Professora Devera disse que os danos teriam sido mais alargados, mas qual foi o estado em que ficou? Foi queimada? Destruída? Se o objetivo fosse estabelecer uma base de operações, não a demoliriam, por isso, é importante conhecer o estado da aldeia para determinarmos o motivo do ataque.

A Professora Devera sorri em aprovação.

– Os edifícios por onde já tinham passado tinham sido queimados, e os restantes estavam a ser saqueados quando a divisão chegou.

– Estavam à procura de alguma coisa – diz o Xaden com total convicção. – E não era nenhum tesouro. Aquela não é uma zona de mineração de pedras preciosas, o que nos faz pensar: o que é que nós temos que eles tanto quererão?

– Exatamente. É aí que reside o busílis. – A Professora Devera olha em volta da sala. – E é por isto que o Riorson é chefe de divisão. É preciso mais do que força e coragem para se ser um bom cavaleiro.

– Então qual é a resposta? – pergunta um instruendo do primeiro ano à minha esquerda.

– Não sabemos – responde a Professora Devera a encolher os ombros. – É só mais um elemento que adensa o mistério que não conseguimos decifrar: porque é que os nossos constantes apelos à paz são rejeitados pelo reino de Poromiel. O que é que eles procuram? Porquê *aquela* aldeia? Foram eles os responsáveis pelo colapso da guarnição ou já estava a falhar? Amanhã, para a semana, para o mês que vem, haverá mais um ataque, e talvez venhamos a ter mais alguma pista. Recorram à história se procuram respostas. Estas guerras já foram dissecadas e examinadas. A aula de Sumário de Batalha é para situações fluidas. Nesta aula,

queremos que aprendam quais são as perguntas a fazer para que *todos* vocês tenham a possibilidade de voltar para casa vivos.

Há algo no tom da Professora que me diz que não são só os cavaleiros do terceiro ano que poderão vir a ser chamados para o serviço este ano e sinto um arrepio nos ossos.

– Tu sabias mesmo todas as respostas de História e, pelos vistos, todas as perguntas a fazer na aula de Sumário de Batalha – diz a Rhiannon, a abanar a cabeça quando estamos junto ao tapete de treino de combate depois do almoço a ver o Ridoc e a Aurelie a andar em círculos em estudo mútuo, vestidos com as peles de combate. Em termos de tamanho, a refrega é equilibrada. A estatura do Ridoc é relativamente baixa e a Aurelie tem uma compleição parecida com a da Mira, o que não me surpreende porque é um legado do pai dela. – Nem sequer vais ter de estudar para os testes, pois não?

O resto dos instruendos do primeiro ano está ao nosso lado, mas os do segundo e terceiro estão em volta dos outros tapetes. Não há dúvida de que estão em vantagem nestas circunstâncias, tendo em conta que já tiveram pelo menos um ano de treino de combate.

– Eu fui preparada para ser copista. – Encolho os ombros e o colete que a Mira me fez cintila ligeiramente com o movimento. Tirando as ocasiões em que as escamas refletem a luz debaixo da malha de camuflagem, combina na perfeição com as camisas que nos foram atribuídas pelo centro de distribuição ontem. Todas as mulheres estão vestidas da mesma maneira neste momento, embora os cortes das peles sejam escolhidos com base nas preferências de cada uma.

A maioria dos homens está em tronco nu, porque eles pensam que as camisas dão ao adversário algo para agarrar. Pessoalmente, não vou discutir essa lógica de pensamento e vou limitar-me a apreciar o que vejo… com todo o respeito, claro, o que significa manter os olhos focados no tapete da minha esquadra e não nas restantes vinte dispostas no enorme ginásio que ocupa o primeiro andar da ala académica. Uma parede é composta inteiramente por janelas e portas, todas elas abertas para deixar o ar circular, mas o calor continua sufocante. O suor escorre-me pela espinha debaixo do colete.

Estão aqui três esquadrões de cada divisão esta tarde e, sorte a minha, a Primeira Divisão enviou a sua terceira esquadra, entre a qual se conta o Jack

Barlowe, que tem estado a olhar para mim com cara de poucos amigos a dois tapetes de distância desde que eu entrei.

– Suponho que isso quer dizer que não estás preocupada com a parte académica – diz a Rhiannon, com as sobrancelhas a erguer-se na minha direção. Também ela escolheu um colete de pele, mas o dela cobre-lhe a clavícula e envolve-lhe o pescoço, deixando os ombros nus para ganhar liberdade de movimento.

– Deixem de andar à volta um do outro como se estivessem a dançar e ataquem! – ordena o Professor Emetterio do outro lado do tapete, onde o Dain observa a contenda entre a Aurelie e o Ridoc junto da Cianna, a chefe-executiva da nossa esquadra. Graças a Deus que o Dain tem a camisa vestida, porque eu não preciso de mais nenhuma distração quando chegar a minha vez.

– Estou preocupada com isto – digo à Rhiannon, a apontar o queixo para o tapete.

– A sério? – Lança-me um olhar cético. Tem as tranças amarradas num puxo pequeno na nuca. – Pensei que, como Sorrengail que és, serias um perigo num combate corpo a corpo.

– Não propriamente. – Com a minha idade, a Mira já ia com doze anos de treino de luta corpo a corpo. Eu tenho uns imensos seis meses de experiência, o que não seria tão importante se eu não fosse tão frágil como uma chávena de chá de porcelana, mas é o que temos.

O Ridoc atira-se para cima da Aurelie, mas ela baixa-se, estica a perna e faz-lhe uma rasteira. Ele cambaleia, mas não cai. Roda num ápice e agarra um punhal com a mão.

– Não vamos usar facas hoje! – grita o Professor Emetterio ao lado do tapete. É só o quarto professor que conheci, mas é indubitavelmente o que mais me intimida. Ou talvez seja só a matéria que ele ensina que me faz ver aquela compleição compacta como gigante. – Estamos em fase de aferição!

O Ridoc resmunga e embainha a faca mesmo a tempo de evitar um gancho de direita da Aurelie.

– A morena tem um soco forte – diz a Rhiannon com um sorriso de aprovação antes de olhar de relance para mim.

– E tu? – pergunto no momento em que o Ridoc desfere um golpe seco nas costelas da Aurelie.

– Merda! – Ele abana a cabeça e recua um passo. – Não te quero magoar.

A Aurelie leva a mão às costelas, mas levanta o queixo.

– Quem disse que me magoaste?

– Conteres os murros não a vai ajudar em nada – diz o Dain, a cruzar os braços. – Os Cygnis na fronteira nordeste não lhe vão dar tréguas só por ser mulher se ela cair de cima do dragão atrás das linhas do inimigo, Ridoc. Vão matá-la na mesma.

– Vamos! – grita a Aurelie, a chamar o Ridoc com um movimento dos dedos dobrados. É óbvio que a maioria dos cadetes treinou a vida inteira para entrar no quadrante, sobretudo a Aurelie, que se esquiva a um soco do Ridoc e se contorce para lhe dar um golpe rápido nos rins.

Au.

– Bem… caramba – murmura a Rhiannon entre dentes, a lançar um novo olhar para a Aurelie antes de se virar para mim. – Eu sou bastante boa no tapete. A minha aldeia fica na fronteira com Cygnisen, pelo que aprendemos todos a defender-nos quando somos bastante novos. Física e Matemática também não são problema. Mas História? – Abana a cabeça. – Aquela aula pode ser a minha morte.

– Ninguém te vai matar por reprovares a História – digo eu a ver o Ridoc a investir sobre a Aurelie e a atirá-la para o tapete com força suficiente para me fazer estremecer. – Já eu provavelmente vou morrer nestes tapetes.

A Aurelie envolve as pernas nas dele e, não sei como, consegue usá-lo como alavanca para ficar por cima dele e desferir-lhe uma sequência de murros na cara. O sangue espirra para cima do tapete.

– Talvez eu te possa dar algumas dicas para sobreviveres ao treino de combate – diz o Sawyer, que está do outro lado da Rhiannon, a passar as mãos sobre a barba de um dia que não chega a cobrir-lhe as sardas. – Mas História está longe de ser minha disciplina preferida.

Vejo um dente a voar e começo a ficar maldisposta.

– Chega! – grita o Professor Emetterio.

A Aurelie rola de cima do Ridoc e põe-se em pé. Leva os dedos ao lábio aberto e examina o sangue, depois estende a mão para o ajudar a levantar-se.

Ele agarra-lhe a mão.

– Cianna, leva a Aurelie aos curandeiros – ordena o Professor Emetterio. – Não vale a pena perder um dente durante a aferição.

– Vamos fazer um acordo – diz a Rhiannon, a fixar os olhos castanhos nos meus. – Vamos ajudar-nos uns aos outros. Nós ajudamos-te no combate corpo a corpo se tu nos ajudares com História. Parece-te bem, Sawyer?

– Completamente.

– Combinado. – Engulo em seco ao ver um dos instruendos do primeiro ano a limpar o tapete com uma toalha. – Mas acho que estou a ficar com a melhor parte desse acordo.

– Ainda não me viste a tentar memorizar datas – graceja a Rhiannon.

Um par de tapetes mais à frente, alguém solta um grito aflitivo, e todos nós nos viramos para ver o que se passa. O Jack Barlowe está a fazer uma gravata a um colega do primeiro ano. O outro rapaz é mais pequeno e mais magro do que ele, mas não deixa de ser uns bons 20 quilos mais pesado do que eu.

O Jack puxa os braços com força sem deixar de ter as mãos agarradas à cabeça do outro.

– Aquele tipo é tão idi… – começa a Rhiannon.

Ouve-se o repugnante estalar de ossos em todo o ginásio e o instruendo do primeiro ano fica inerte nos braços do Jack.

– Valha-nos Malek – sussurro quando o Jack o deixa cair ao chão. Começo a perguntar-me se o deus da morte vive aqui, tantas são as vezes que o nome dele é invocado. O meu almoço ameaça reaparecer, mas inspiro pelo nariz e expiro pela boca, uma vez que não me parece que possa meter a cabeça entre os joelhos neste lugar.

– O que é que eu disse – grita o instrutor a precipitar-se para o tapete. – Partiste-lhe o raio do pescoço!

– Como é que eu haveria de saber que ele tinha um pescoço tão frágil? – defende-se o Jack.

És uma mulher morta, Sorrengail, e vou ser eu quem te vai matar. A promessa que ele me fez ontem desliza-me pela memória.

– Olhos para a frente – ordena o professor Emetterio, mas o tom é mais afável do que antes e desviamos todos o olhar do cadete morto. – Não têm de se habituar àquilo – diz-nos. – Mas vão ter de seguir em frente nestes casos. Tu e tu. – Aponta para a Rhiannon e para outro instruendo do primeiro ano da nossa

esquadra, um homem entroncado com cabelo preto-azulado e traços bem definidos. Merda, não me lembro do nome dele. Trevor? Thomas, talvez? Há pessoas novas de mais para eu me conseguir lembrar de quem é quem neste momento.

Olho de relance para o Dain, mas ele está a olhar para o par que sobe ao tapete.

A Rhiannon não demora muito tempo a despachar o outro cadete e deixa-me de boca aberta sempre que evita um murro e desfere o dela. É rápida e dá pancadas fortes, o tipo de combinação fatal que a distinguirá dos demais, tal como a Mira.

– Rendes-te? – pergunta ao cadete com a mão à frente da garganta dele pronta para o golpe final depois de o deitar de costas.

Tanner? Tenho quase a certeza de que é algo que começa com um T.

– Não! – grita ele, a enrolar as pernas na Rhiannon e a fazê-la cair de costas no tapete. Mas ela dá uma cambalhota e põe-se imediatamente a pé antes de voltar a colocá-lo na mesma posição, desta vez com a bota apontada ao pescoço.

– Não sei, Tynan, talvez seja melhor renderes-te – diz o Dain com um sorriso bem aberto. – Está a dar-te uma sova das antigas.

Ah, isso mesmo. Tynan.

– Vai-te foder, Aetos! – atira o Tynan, mas a Rhiannon empurra-lhe a bota contra a garganta e a última palavra sai sufocada. Todo ele se pinta de diferentes tons de vermelho.

Sim, o Tynan tem mais ego do que juízo.

– Ele rende-se – grita o Professor Emetterio e a Rhiannon recua e estende a mão ao Tynan.

O Tynan aceita-a.

– Tu. – O professor Emetterio aponta para a instruenda do segundo ano com o cabelo cor-de-rosa e a relíquia da rebelião. – E tu. – O dedo vira-se para mim.

Ela é pelo menos uma cabeça mais alta do que eu, e, se o resto do corpo estiver tão tonificado como os braços, estou completamente fodida.

Não posso deixar que as mãos dela cheguem perto de mim.

O meu coração ameaça saltar-me do peito de tanto bater, mas eu faço que sim com a cabeça e subo para o tapete.

– Tu consegues – diz a Rhiannon, a pousar-me a mão no ombro ao passar por mim.

– Sorrengail. – A rapariga com o cabelo cor-de-rosa olha para mim com os olhos verdes-claros semicerrados como se eu fosse algo que ela raspou da sola da bota. – É bom que pintes o cabelo se não queres que toda a gente saiba quem é a tua mãe. És a única esquisitoide de cabelo prateado no quadrante.

– Nunca disse que me importava que todos soubessem quem é a minha mãe. – Circundo a instruenda do segundo ano no tapete. – Estou orgulhosa do trabalho dela na proteção do nosso reino, tanto dos inimigos de fora como dos de dentro.

O maxilar dela cerra-se com esta boca, e no meu peito há uma bolha de esperança que se inflama. Os marcados, como ouvi algumas pessoas esta manhã chamar aos que trazem relíquias da rebelião nos braços, culpam a minha mãe por os pais deles terem sido executados. Seja. Odeiem-me. A minha mãe diz muitas vezes que, assim que deixamos a emoção entrar numa luta, já perdemos. Nunca rezei tanto para que minha mãe tivesse razão, por muito que lhe corra gelo nas veias.

– Sua cabra – atira ela entre dentes. – A tua mãe *assassinou* a minha família.

Lança-se para a frente e tenta desferir-me um golpe largo, que eu evito com um passo rápido em rotação para o lado e as mãos no ar. Fazemos o mesmo movimento mais algumas rondas, eu aplico alguns golpes e começo a pensar que o meu plano poderá funcionar.

Ela rabuja baixinho com o fundo da garganta quando a evito mais uma vez e levanta o pé ao encontro da minha cabeça. Eu baixo-me sem dificuldade, mas ela atira-se ao tapete e estende o outro pé de baixo para cima, que me bate em cheio no peito e me faz cair de costas. Quando bato no tapete com um baque seco, ela já está em cima de mim. É rápida como o raio.

– Não podes usar os teus poderes aqui, Imogen! – grita o Dain.

A *Imogen* está a fazer o que pode para me matar.

Os olhos estão em cima dos meus e sinto algo duro a deslizar rapidamente sobre as minhas costelas enquanto ela me abre um sorriso. Mas o sorriso não demora a fechar-se quando ambas baixamos a cabeça e eu não consigo deixar de reparar num punhal a voltar a ser embainhado.

A couraça acabou de me salvar a vida. *Obrigada, Mira.*

O rosto da Imogen é uma máscara de perplexidade por um segundo, tempo suficiente para eu lhe dar um murro na face e rolar para longe dela.

A minha mão arde de dor, embora eu não tenha sequer a certeza de que tenha enrolado os dedos num punho como deve ser, mas esqueço o assunto quando já estamos ambas em pé.

– Que tipo de couraça é essa? – pergunta ela com os olhos postos nas minhas costelas enquanto andamos às voltas sem nunca desviarmos a atenção uma da outra.

– É a minha. – Baixo-me e esquivo-me de mais uma investida, ainda que não veja claramente os movimentos dela.

– Imogen! – grita o Professor Emetterio. – Se voltares a fazer isso, eu vou…

Desta vez, desvio-me para o lado errado e ela apanha-me e leva-me ao chão. O tapete esmaga-me o rosto e o joelho dela enterra-se nas minhas costas ao mesmo tempo que me puxa o braço direito para trás de mim.

– Rende-te! – grita.

Não posso. Se eu me render no primeiro dia, o que acontecerá no segundo?

– Não. – Agora é a mim que me falta juízo, como aconteceu com o Tynan, e eu sou muito mais frágil.

Ela puxa-me o braço com mais força e a dor abafa todo o raciocínio, tolhendo-me toda a visão periférica. Eu grito ao sentir os ligamentos a esticar-se, a rasgar-se e, finalmente, a estalar.

– Rende-te, Violet! – grita o Dain.

– Rende-te! – exige a Imogen.

A sufocar com o peso dela nas minhas costas, viro a cabeça para o lado e ela torce-me o ombro. Sou imediatamente tomada pela dor.

– Ela rende-se – diz o Emetterio. – Já chega.

Volto a ouvir o som macabro de ossos a estalar, mas, desta vez, os ossos são meus.

É minha opinião que, de todos os poderes de sinete de que os cavaleiros dispõem, o de reparação é o mais valioso, mas não podemos dar-nos ao luxo de ser complacentes quando estamos na presença de tal sinete.
Porque os reparadores são raros e os feridos não.
– Guia Moderno para os Curandeiros do Major Frederick



CAPÍTULO VI

Ondas de agonia assaltam-me o braço e o peito quando o Dain me leva ao colo pela passagem inferior coberta que nos leva do Quadrante dos Cavaleiros para o Quadrante dos Curandeiros do outro lado da ravina. Basicamente, é uma ponte de pedra, coberta e ladeada de mais pedra, o que acaba por fazer dela um túnel suspenso com algumas janelas, mas eu não estou a raciocinar com clareza suficiente para o apreciar porque passamos por ele à pressa e o Dain nunca dá um passo menor do que o outro.

– Estamos quase a chegar – diz-me num tom tranquilizador a segurar-me com firmeza, mas não sem cuidado, na caixa torácica e debaixo dos joelhos enquanto eu me deixo levar com o braço entorpecido pousado no peito.

– Toda a gente te viu fora de ti – sussurro, a tentar a todo o custo bloquear o sofrimento como já fiz tantas vezes no passado. Normalmente, basta construir uma muralha mental em volta da dor lancinante que sinto no corpo e dizer a mim própria que a tormenta só existe dentro dessa redoma onde eu não a possa sentir, mas desta vez não está a funcionar muito bem.

– Eu não estava fora de mim. – Dá três pontapés na porta quando chegamos à entrada.

– Puseste-te a gritar e trouxeste-me para aqui como se eu significasse alguma coisa para ti. – Centro a atenção na cicatriz que ele tem no maxilar, na barba curta sobre a pele morena, em tudo o que seja capaz de me distrair da destruição total do meu ombro.

– E tu significas alguma coisa para mim.

Dá outro pontapé.

E agora toda a gente o sabe.

A porta abre-se e a Winifred, uma curandeira que esteve ao meu lado tantas vezes que não as posso contar, afasta-se para o lado para que o Dain me possa levar para o interior.

– Outra lesão? Estou a ver que vocês lá no Quadrante dos Cavaleiros estão empenhados em encher-nos as camas… oh, não, Violet? – Os olhos dela arregalam-se.

– Olá, Winifred – consigo dizer apesar da dor.

– Por aqui. – Ela conduz-nos para a enfermaria, um longo corredor de camas, metade das quais estão cheias de pessoas vestidas com a indumentária preta dos cavaleiros. Os curandeiros não têm magia e dependem unicamente de tinturas e formação médica para fazerem os melhores curativos possíveis, mas os reparadores têm. Espero que o Nolon esteja por aqui esta noite, uma vez que é ele que me tem reparado ao longo dos últimos cinco anos.

O sinete de reparação é extraordinariamente raro entre os cavaleiros. Estes cavaleiros têm o poder de arranjar, restaurar e recuperar tudo para que volte ao seu estado original: de tecidos rasgados a pontes pulverizadas, passando por ossos humanos partidos. O meu irmão, Brennan, era um reparador… e poderia ter-se tornado um dos maiores de sempre.

O Dain pousa-me com cuidado na cama para a qual a Winifred nos conduz, depois a Winifred dobra-se sobre a ponta do colchão junto à minha anca. Todas as linhas de expressão no rosto dela são uma fonte de conforto quando me afaga a testa com a mão calejada.

– Helen, vai chamar o Nolon – ordena a Winifred a uma curandeira na casa dos quarenta que vai a passar.

– Não! – reage o Dain, com o pânico a reforçar-lhe o tom.

Desculpa?

A curandeira de meia-idade olha para o Dain e para a Winifred, claramente indecisa.

– Helen, esta é a Violet Sorrengail e se o Nolon descobrir que ela esteve aqui e não o fores chamar, bem… tu é que sabes – diz a Winifred numa voz de tenor enganadora calma.

– Sorrengail? – repete a curandeira com a voz aguda.

Tento focar-me no Dain não obstante a palpitação que sinto no ombro, mas a sala está a começar a andar à roda. Quero perguntar-lhe porque é que ele não haveria de querer o meu ombro reparado, mas sinto outra onda de dor que ameaça deixar-me inconsciente e a única coisa que consigo fazer é gemer.

– Vai chamar o Nolon ou ele vai deixar que o dragão te coma viva, cara rabugenta e tudo, Helen. – A Winifred levanta uma sobrancelha grisalha e ignora o Dain, que continua a insistir para que não chame o reparador.

A mulher empalidece e desaparece.

O Dain puxa uma cadeira para junto da minha cama e a cadeira raspa no chão com um som horrível.

– Violet, eu sei que estás com dores, mas talvez…

– Talvez o quê, Dain Aetos? Queres vê-la a sofrer? – repreende a Winifred. – Eu disse-lhe que dariam cabo de ti – murmura, já dobrada na cama junto a mim, com os olhos cinzentos cheios de preocupação a avaliar-me. A Winifred é a melhor curandeira de Basgiath e é ela que prepara todos os tónicos que receita… além disso, ao longo dos anos, já me viu metida em mais sarilhos do que os que sou capaz de contar. – Mas será que me ouviu? Claro que não. A tua mãe é teimosa como o raio.

Ela pega-me no braço aleijado e eu estremeço quando o levanta poucos centímetros e me pica o ombro.

– Bem, não há dúvida de que está partido. – A Winifred solta uma interjeição de reprovação e levanta as sobrancelhas ao olhar para o meu ombro. – E parece que precisamos de um cirurgião para tratar desse ombro. O que aconteceu? – pergunta ao Dain.

– Treino de combate – explico eu em poucas palavras.

– Tu cala-te. Guarda as energias. – A Winifred volta-se de novo para o Dain. – Faz-te útil rapaz, e puxa essa cortina à nossa volta. Quanto menos pessoas a virem ferida, melhor.

Ele põe-se a pé num pulo e obedece imediatamente, puxando o tecido azul à nossa volta para formar um quarto pequeno, mas funcional, e separar-nos dos outros cavaleiros que foram trazidos para a enfermaria.

– Bebe isto. – A Winifred tira um frasco com um líquido âmbar do cinto. – Vai atenuar-te a dor enquanto vemos o que temos de fazer.

– Não pode pedir-lhe que a repare – protesta o Dain quando a vê a tirar a rolha do frasco.

– Nós os dois andamos a repará-la há cinco anos – diz ela em tom de repreensão a preparar-se para me dar o conteúdo do frasco. – Não comeces a dizer-me o que posso e o que não posso fazer.

O Dain passa uma mão por baixo das minhas costas e a outra por baixo da minha cabeça para me ajudar a levantar ligeiramente para que o líquido possa descer. Quando o engulo, sinto o sabor amargo do costume, mas sei que vai dar conta do recado. O Dain volta a pousar-me na cama e vira-se para a Winifred.

– Eu não a quero ver a sofrer, é por isso que estou aqui. Mas se está ferida com esta gravidade, com certeza poderemos ver se os copistas a aceitam, ainda que depois do prazo. Só passou um dia.

Ao perceber o que o estava a levar a não querer a intervenção de um reparador, a minha raiva faz-me esquecer a dor tempo suficiente para gritar:

– Não vou para os copistas.

Depois suspiro e fecho os olhos ao sentir um zumbido agradável a percorrer-me as veias. Não tarda a haver distância suficiente entre mim e a dor para pensar um pouco mais claramente e forço os olhos a abrirem-se novamente.

Pelo menos, penso que não tarda, mas há uma conversa a decorrer a que é claro que eu não prestei atenção, pelo que é óbvio que passaram alguns minutos.

A cortina volta a abrir-se e o Nolon entra, bastante dobrado sobre a bengala. Sorri para a esposa, com os dentes brancos a brilhar em contraste com a pele castanha.

– Mandaste chamar-me, minha… – O sorriso dele esbate-se quando me vê. – Violet?

– Olá, Nolon. – Faço um esforço para esboçar um sorriso. – Eu até acenaria, mas um dos meus braços não funciona e o outro pesa-me mesmmmommuito. – Santos deuses, estou a arrastar as palavras?

– Soro *leigheas*. – A Winifred lança um sorriso contrafeito ao marido.

– Ela está contigo, Dain? – O Nolon vira-se com um olhar acusador para o Dain e eu sinto que voltei a ter 15 anos e que fui arrastada para a enfermaria por ter partido o tornozelo enquanto estávamos a tentar trepar um lugar qualquer que não deveríamos estar a trepar.

– Sou o chefe da esquadra dela – responde o Dain, a apressar-se a sair da frente do Nolon para que ele possa aproximar-se de mim. – Colocá-la às minhas ordens foi a única coisa em que consegui pensar para a manter em segurança.

– Não te estás a sair muito bem, pois não? – diz o Nolon com os olhos semicerrados.

– Era dia de aferição no combate corpo a corpo – explica o Dain. – A Imogen, que é do segundo ano, deslocou-lhe um ombro e partiu-lhe o braço.

– No dia de aferição? – resmunga o Nolon, a cortar o tecido da minha camisa de manga curta com um punhal. O homem tem pelo menos 84 anos de idade, e continua a vestir-se com a indumentária preta dos cavaleiros munida de todas as armas.

– Amãedelaera. Umadas separa… separa… ssseparatissstass – explico devagar, a tentar, sem conseguir, falar com clareza. – E eusssouuumaSorrengail, pelo que eupercebo.

– Eu não percebo – resmunga o Nolon. – Nunca concordei com a forma como eles recrutaram aqueles miúdos para o Quadrante dos Cavaleiros como castigo pelos pecados dos pais. Nós nunca forçámos os instruendos a entrar nesse quadrante. Nunca. E por muito boas razões. A maioria dos cadetes não sobrevive… e desconfio que o objetivo era esse. Não obstante, não eras tu que deverias sofrer pela honra da tua mãe. A general Sorrengail salvou Navarre quando capturou o Grande Traidor.

– Quer dizer que não a vai reparar, não é? – pergunta o Dain em voz baixa para que ninguém o ouça do outro lado da cortina. – Estou só a pedir que os curandeiros façam o seu trabalho e deixem que a natureza demore o tempo de que precisa. Sem magia. Se ela voltar para lá engessada ou tiver de se defender enquanto o ombro sara depois da operação de reconstrução, não vai ter hipóteses. Da última vez, demorou quatro meses a recuperar. Esta é a nossa oportunidade de a tirar do Quadrante dos Cavaleiros enquanto ainda respira.

– Eunãovouparaoscopitas. – O que eu gostaria de não arrastar as palavras. – Copitas – tento de novo. – COPITAS. – Oh, que se foda. – Reparem-me.

– Nunca deixarei de te reparar – promete o Nolon.

– Só. Desta. Vez. – Concentro-me em todas as palavras. – Se. Os outros. Virem. Que. Estoussempre. A precisar. De reparação. Vão. Pensar. Que sou. Fraca.

– E é por isso que temos de aproveitar esta oportunidade para te tirar de lá! – O pânico acentua-se na voz do Dain e o meu coração afunda-se. Ele não me pode proteger de tudo, e se me vir a quebrar, se um dia me vir a morrer, vai ficar arrasado. – Saíres daqui e ires diretamente para o Quadrante dos Copistas é a tua melhor hipótese de sobrevivência.

Olho para o Dain com uma expressão de fúria e escolho cuidadosamente as palavras.

– Não vou. Sairdoquadrante. Doscavaleiros Para depois. A minha mãe. Memandarparalá. Denovo. Eu fico. – Viro a cabeça e o quarto anda à roda quando procuro o Nolon.

– Repare-me… mas sódestavez.

– Sabes que vai doer como o diabo e vai continuar a doer por mais um par de semanas, não sabes? – pergunta o Nolon, a sentar-se na cadeira ao lado da minha cama e com os olhos postos no meu ombro.

Eu assinto com a cabeça. Não é a minha primeira reparação. Quando se é tão frágil como eu sou desde que nasci, a dor da reparação só é superada pela dor da ferida original. Basicamente, isto é mais uma terça-feira para mim.

– Vá lá, Vi – suplica o Dain em voz baixa. – Troca de quadrante, por favor. Se não o fizeres por ti, fá-lo por mim, porque eu não intervim com a rapidez que deveria. Deveria tê-la travado. Não te posso proteger.

Gostaria de ter percebido qual era o plano dele antes de ter tomado a poção da Winifred, para me poder ter explicado melhor. Ele não tem responsabilidade em nada disto, mas vai arcar com a culpa como faz sempre. Em vez disso, respiro fundo e digo:

– Já fiz a minhaescolha.

– Volta para o quadrante, Dain – ordena o Nolon sem levantar a cabeça. – Se ela fosse outro cadete qualquer do primeiro ano, já não estarias aqui.

O olhar angustiado do Dain fixa-se no meu e eu insisto.

– Vai. Encontro-me contigo naformação amanhã demanhã.

Seja como for não quero que ele veja isto.

Ele engole a derrota e inclina a cabeça em assentimento, depois vira-se e sai pelo espaço entre as cortinas sem dizer mais nada. Eu espero sinceramente que a escolha que fiz hoje não acabe por destruir o meu melhor amigo mais tarde.

– Pronta? – pergunta o Nolon já com as mãos a pairar sobre o meu ombro.

– Cerra os dentes nisto. – A Winifred segura num pedaço de couro à frente da minha boca e eu abro-a para o receber entre os dentes.

– Cá vamos nós – murmura o Nolon, a levantar as mãos sobre o meu ombro. A testa franze-se-lhe de concentração antes de fazer um movimento de torção.

Uma agonia fremente apodera-se do meu ombro. Os meus dentes fincam-se no couro e grito, faço força por um segundo, depois dois, antes de desmaiar.

A camarata está quase cheia quando chego num momento em que a noite já vai alta, com o braço direito ao peito a palpitar apoiado numa ligadura azul-clara que me torna um alvo ainda maior, se tal for possível.

Os braços ao peito dizem que somos *fracas*. Que somos *frágeis*. Que somos *um risco para a divisão*. Se eu me vou abaixo tão facilmente no tapete, o que acontecerá se chegar ao dorso de um dragão?

O Sol já se pôs há muito tempo, mas o brilho suave de luzes mágicas ilumina as outras instruendas do primeiro ano que se preparam para ir dormir. Sorrio para uma rapariga com um pano com marcas de sangue junto ao lábio inchado e ela devolve-me um esgar de sofrimento.

Conto três beliches vazios na nossa fila, mas isso não significa que as cadetes tenham morrido, não é assim? Poderão estar no Quadrante dos Curandeiros tal como eu estava, ou talvez estejam nos aposentos de banho.

– Estás aqui! – A Rhiannon pula da cama, já vestida com os calções e a camisola de dormir, e os olhos iluminam-se de alívio quando me veem.

– Estou aqui, sim – asseguro-lhe. – Já tenho uma camisa a menos, mas estou aqui.

– Podes ir buscar outra ao centro de distribuição amanhã. – Ela tem ar de quem me vai abraçar, mas relanceia para a ligadura que tenho ao ombro, recua um passo e senta-se no seu beliche ao mesmo tempo que eu me sento no meu a olhar para ela. – É muito mau?

– Vai doer nos próximos dias, mas, se o mantiver imobilizado, vou ficar bem. Já vou estar completamente curada quando começarmos os confrontos no

tapete.

Tenho duas semanas para perceber como evitar que isto volte a acontecer.

– Eu ajudo-te na preparação – promete ela. – És a única amiga que tenho aqui dentro, de maneira que preferia que não morresses quando as coisas começarem a ficar sérias. – Um canto da boca dobra-se num sorriso seco.

– Vou fazer o possível para que isso não aconteça. – Sorrio apesar da dor latejante que sinto no ombro e no braço. O efeito do tónico já passou há muito tempo e a dor está a começar a ficar insuportável. – E eu ajudo-te com História. – Apoio o peso na mão esquerda, que desliza para debaixo da almofada.

Há algo lá em baixo.

– Vamos ser imparáveis – declara a Rhiannon, com o olhar a acompanhar a Tara, a rapariga curvilínea de cabelo preto que está a passar à frente dos nossos beliches.

Eu retiro um pequeno caderno… não, um diário, com uma nota dobrada que diz *Violet* com a letra da Mira. Abro a nota com uma mão.

Violet

Deixei-me ficar tempo suficiente para ler os róis de manhã e tu não apareces lá, graças aos deuses. Não posso demorar-me. Precisam de mim na minha divisão e, mesmo que eu pudesse ficar, não me deixariam ver-te. Subornei um copista para ir ao teu beliche às escondidas. Espero que saibas que tenho orgulho em ser tua irmã. O Brennan escreveu este diário para mim no verão antes de eu entrar no quadrante. Salvou-me e poderá salvar-te a ti também. Acrescentei os meus próprios apontamentos de sabedoria conquistada a muito custo aqui e ali, mas a maioria é dele e eu sei que haveria de querer que ficasses com ele. Ele haveria de te querer viva.

Beijo,
Mira

Eu engulo apesar do nó na garganta e pouso a nota de lado.

– O que é isso? – pergunta a Rhiannon.

– É do meu irmão. – As palavras saem-me a custo dos lábios quando abro a capa. A minha mãe queimou tudo o que lhe pertencia quando ele morreu, como manda a tradição. Já passaram anos desde a última vez que vi o traço arrojado da letra do Brennan, mas aqui está ele. Sinto um aperto no peito e uma nova onda de dor perpassa-me pelo corpo. «O livro do Brennan», leio na primeira página e depois viro para a segunda.

Mira,

És uma Sorrengail, pelo que vais sobreviver. Talvez não tão espetacularmente como eu, mas nem todos podem atingir o meu nível, não é? Fora de brincadeiras, aqui está tudo o que eu aprendi. Guarda bem este caderno. Esconde-o. Tens de te manter viva, porque a Violet está de olho em ti. Não podes deixar que ela te veja a cair.

Brennan

As lágrimas humedecem-me os olhos, mas pestanejo para as conter.

– É só o diário dele – minto, enquanto o vou folheando. Consigo ouvir o tom irónico e sarcástico que costumava usar à medida que vou lendo o que escreveu na diagonal, como se ele estivesse aqui, a aligeirar todos os perigos com um piscar de olhos e um sorriso de orelha a orelha. Caramba, as saudades que eu tenho dele. – Morreu há cinco anos.

– Oh, isso é… – A Rhiannon inclina-se na minha direção com os olhos cheios de compreensão. – Nós também nem sempre queimamos tudo. Às vezes, sabe bem ter alguma coisa, sabes?

– Sim – sussurro. Ter isto é *tudo*, mas sei bem que a minha mãe o atirará para a fogueira se alguma vez o encontrar.

A Rhiannon volta a sentar-se na cama dela e abre o livro de História, e eu volto para a história do Brennan, a começar pela terceira página.

Sobreviveste ao Parapeito. Boa. Fica atenta ao longo dos próximos dias e não faças nada que atraia atenções. Esbocei um mapa que te mostra não só onde estão as salas de aula, mas também onde os instrutores se encontram. Eu sei que os desafios te deixam nervosa, mas, com esse teu gancho de direita, não precisas de ter medo de nada. Os emparelhamentos podem parecer aleatórios, mas não são. O que os instrutores não te dizem é que decidem os desafios com uma semana de antecedência, Mira. É verdade que qualquer cadete pode pedir um desafio, mas os instrutores vão definir os emparelhamentos com o intuito de ir eliminando os mais fracos. Isso significa que quando os combates corpo a corpo começarem a sério, os

instrutores já sabem quem vais defrontar quando chegar a tua vez. O segredo é o seguinte: se souberes para onde procurar e conseguires sair sem seres vista, saberás contra quem vais lutar e poderás preparar-te da melhor maneira.

Inspiro com força e devoro o resto da entrada com a esperança a renascer dentro do meu peito. Se eu souber contra quem vou lutar, posso começar o combate ainda antes de subirmos ao tapete. A minha cabeça começa a funcionar e a congeminar um plano.

Duas semanas. É o tempo que tenho para ir atrás de tudo o que preciso antes de os desafios começarem, e ninguém conhece a base de Basgiath como eu. Está tudo aqui.

O meu rosto dobra-se num sorriso lento. Já sei como sobreviver.

Com o objetivo de manter a paz no seio de Navarre, não podem ser adscritos a nenhuma esquadra de nenhum quadrante mais de três cadetes com relíquias da rebelião.
– Anexo 5.2, Código de Conduta da Escola de Guerra de Basgiath

Além das alterações do ano passado, doravante, o encontro de marcados em grupos de três ou mais elementos será considerado um ato de conspiração sediciosa e, portanto, uma ofensa capital.
– Anexo 5.3, Código de Conduta da Escola de Guerra de Basgiath



CAPÍTULO VII

–Raios – murmuro entre dentes quando bato com o dedo do pé numa rocha e tropeço sobre a erva que me dá pela cintura e que cresce junto ao rio debaixo da cidadela. A Lua está cheia e bonita, a iluminar-me o caminho, o que também significa que estou a suar em bica dentro deste manto que me mantém oculta para o caso de haver mais alguém cá por fora depois da hora de recolher.

O rio Iakobos corre revolto em resultado do escoamento de águas de verão dos picos mais elevados, e as correntes são rápidas e mortais nesta altura do ano, sobretudo junto à íngreme queda de águas da ravina. Não admira que aquele instruendo do primeiro ano tenha morrido quando caiu ao rio ontem durante o nosso tempo livre. A nossa esquadra é a única que ainda não perdeu ninguém desde o Parapeito, mas sei que é pouco provável que esta estatística se mantenha durante muito tempo nesta escola implacável.

Junto a pesada bolsa que trago comigo à ligadura de peito e aproximo-me do rio, ao longo do velho renque de carvalhos onde sei que há trepadeiras cheias de

bagas *fonilee* que não demorarão a amadurecer. Quando estiverem maduras, as bagas roxas serão amargas e pouco comestíveis, mas, se forem colhidas antecipadamente e postas a secar, darão uma excelente arma no arsenal crescente que nove noites de fugas sub-reptícias já me deram. Foi exatamente por isso que trouxe o livro de venenos comigo.

Os desafios começam para a semana e eu preciso de todas as vantagens que conseguir obter.

Depois de avistar a rocha que usei como marco de referência ao longo dos últimos cinco anos, conto as árvores na margem do rio.

– Uma, duas, três – sussurro, até chegar ao carvalho de que preciso. Os ramos são largos e altos, havendo alguns que chegam a pender sobre o rio. Por sorte, é fácil trepar até ao mais baixo, sobretudo com a erva estranhamente pisada no solo.

Quando tiro o braço direito da ligadura e começo a trepar o carvalho à luz da lua e da memória, sinto uma picada de dor no ombro. A dor não demora a amainar e fazer-se desconforto, tal como aconteceu todas as noites que passei com a Rhiannon a dar-me sova atrás de sova no tapete. Espero que amanhã o Nolon me deixe arrumar a ligadura de vez.

A planta que dá a baga que eu procuro é muito parecida com uma hera enrolada em volta do tronco do carvalho, o que pode ser enganador, mas já trepei esta árvore vezes suficientes para saber que estou no sítio certo. A questão é que nunca tive de a trepar com um manto às costas. É uma maçada. O tecido fica preso em quase todos os galhos à medida que vou subindo e devagar, mas sem olhar para trás, passo pelo ramo largo onde costumava passar horas a ler.

– Merda! – O pé escorrega-me na casca e o coração sobressalta-se-me por um segundo antes de os meus pés encontrarem apoios mais seguros. Seria muito mais fácil fazer isto durante o dia, mas não posso correr o risco de ser apanhada.

A casca arranha-me as mãos à medida que vou chegando mais alto. Cá em cima, as pontas das folhas da trepadeira são brancas e mal se veem no luar entrecortado pela folhagem, mas eu sorrio de felicidade quando encontro exatamente o que procurava.

– Aqui estás tu. – As bagas roxas parecem uma bela lavanda ainda a florescer. Perfeito. Finco as unhas no ramo acima de mim e consigo deixar de balançar tempo suficiente para pegar num frasco vazio que trago na bolsa e tirar-lhe

a rolha com os dentes. Depois arranco bagas suficientes da trepadeira para encher o recipiente e volto a fechá-lo com a rolha. Com estas bagas, os cogumelos que já colhi esta noite e os outros produtos que já tinha conseguido obter, devo ser capaz de sobreviver ao próximo mês de desafios.

Já estou quase a chegar ao chão, faltam só alguns ramos, quando avisto movimentos mais abaixo e paro. Espero que seja só um veado.

Mas não é.

Dois vultos em mantos pretos – pelos vistos, é o disfarce da noite – caminham sob a proteção da árvore. O mais pequeno encosta-se ao ramo mais baixo e tira o capuz, revelando uma cabeça meio rapada de cabelo cor-de-rosa que eu conheço demasiado bem.

É a Imogen, a colega de esquadra que quase me arrancou o braço há dez dias.

Sinto um aperto no estômago, que começa a revirar-se quando o segundo cavaleiro também tira o capuz.

É o Xaden Riorson.

Oh, merda.

Deve haver uns 4,5 metros entre nós e nada – nem ninguém – por perto para o impedir de me matar. O medo cerra-me a garganta e tolhe-me a respiração e eu agarro-me aos ramos à minha volta até ficar com os nós dos dedos brancos, a pensar se será mais vantajoso conter a respiração para que ele não me ouça ou cair da árvore depois de desmaiar por falta de oxigénio.

Começam a falar, mas não ouço o que dizem devido ao murmúrio do rio. Os meus pulmões enchem-se de alívio. Se não os consigo ouvir, eles também não me conseguem ouvir a mim, pelo menos se eu ficar quieta. Mas basta que o Xaden olhe para cima e serei reduzida a cinzas, literalmente se ele decidir dar-me de comer ao seu Cauda de Punhal Azul. O luar pelo qual estava tão agradecida há poucos minutos tornou-se agora o meu maior fator de risco.

Devagar, com cuidado, sem fazer barulho, desvio-me da luz salpicada do luar e subo para o ramo mais acima para me esconder na penumbra. O que é que o Xaden está aqui a fazer com a Imogen? Serão amantes? Amigos? Não tenho nada que ver com o assunto, mas não consigo deixar de pensar se ela será o tipo de mulher que o atrai: uma mulher cuja beleza só é ultrapassada pela brutalidade. Merecem-se um ao outro, caramba.

O Xaden vira costas ao rio, como se estivesse à procura de alguém, e a verdade é que não demoram a chegar mais cavaleiros, que se reúnem debaixo da árvore. Apertam as mãos uns aos outros, todos com mantos pretos às costas. E têm todos relíquias de rebelião.

Arregalo os olhos quando os conto. São mais de vinte, alguns do terceiro ano, dois ou três do segundo e o resto do primeiro. Eu conheço as regras. Os marcados não se podem reunir em grupos com mais de três elementos. Estão a cometer um crime capital só por estarem juntos. É óbvio que é uma reunião de algum tipo, e eu sinto-me como um gato agarrado desesperadamente aos ramos folhados desta árvore enquanto os lobos andam em círculos lá em baixo.

Esta reunião poderia ser completamente inofensiva, certo? Talvez estejam com saudades de casa, como os cadetes da província de Morraine que passam todos um fim de semana no lago próximo só porque lhes faz lembrar o oceano de que têm tantas saudades.

Ou talvez os marcados estejam a congeminar um plano para destruir Basgiath e acabar o que os pais deles começaram.

Posso ficar aqui sentada e ignorá-los, mas, se eles estiverem ali a conspirar, a minha transigência – o meu medo – pode levar à morte de muitas pessoas. O mais correto é contar tudo ao Dain, mas eu nem sequer consigo ouvir o que estão a dizer.

Merda. Merda. Merda. O meu estômago agita-se, maldisposto. Tenho de me aproximar deles.

Sempre posicionada do outro lado do tronco e sem me desviar da penumbra que me envolve, desço para um ramo inferior à velocidade de uma preguiça e a conter a respiração ao testar cada ramo com uma fração do meu peso antes de me apoiar completamente nele. As vozes dos cadetes lá em baixo continuam a ser abafadas pelo rio, mas consigo ouvir o que fala mais alto, um homem alto com o cabelo preto cujos ombros ocupam o dobro do espaço de qualquer instruendo do primeiro ano, que está à frente do Xaden com uma divisa de terceiro ano ao ombro.

– Já perdemos o Sutherland e o Luperco – diz ele, mas não consigo perceber a resposta.

Preciso de descer dois ramos mais abaixo para perceber claramente o que dizem. Sinto o coração a martelar como se estivesse a tentar saltar-me das

costelas. Estou suficientemente perto para que qualquer um deles me veja se olhar para cima com olhos de ver – bem, menos o Xaden, que está de costas para mim.

– Gostem ou não, vamos ter de nos manter juntos se quiserem viver até à graduação – diz a Imogen. Um pequeno pulo para a direita e poderia retribuir aquela impiedosa manobra com que me deslocou o ombro com um pontapé rápido na cabeça.

O problema é que, neste momento, o valor que dou à minha vida é superior ao meu desejo de vingança, pelo que mantenho os pés onde estão.

– E se descobrirem que nos andamos a encontrar? – pergunta uma instruenda do primeiro ano com tez de azeitona e os olhos a disparar em todas as direções em redor do círculo.

– Fazemos isto há dois anos e nunca descobriram – responde o Xaden a cruzar os braços e a recostar-se no ramo mais baixo à minha direita. – Ninguém vai descobrir nada a menos que um de vocês dê com a língua nos dentes. E se isso acontecer, eu vou saber. – A ameaça é óbvia no tom. – Como o Garrick disse, já perdemos dois instruendos do primeiro ano por negligência nossa. Somos apenas 41 elementos no Quadrante dos Cavaleiros e não queremos perder nenhum de vocês, mas é o que vai acontecer se vocês não tiverem cuidado. As probabilidades nunca nos são favoráveis e, acreditem, todos os outros navarreses do quadrante vão andar à procura de razões para vos chamarem traidores ou vos obrigarem a falhar.

Ouvem-se murmúrios de assentimento e o meu fôlego entrecorta-se com a intensidade que o Xaden traz na voz. Caramba, não quero admirar o que quer que seja no Xaden Riorson, mas aqui está ele a ser irritantemente admirável. Idiota.

Tenho de admitir que seria agradável ter um cavaleiro com patente superior da província de onde venho a preocupar-se por saber se eu e os meus conterrâneos vivíamos ou morríamos.

– Quantos de vocês estão a levar sovas valentes nos combates corpo a corpo? – pergunta o Xaden.

Quatro mãos disparam para o ar, nenhuma das quais pertencente ao instruendo do primeiro ano com o cabelo loiro espetado, os braços cruzados e a cabeça bem acima da maioria dos restantes. Liam Mairi. Está na Segunda

Esquadra, Pelotão Cauda da nossa divisão e já é o melhor cadete do nosso ano. Atravessou o parapeito praticamente a correr e destruiu todos os adversários no dia de aferição.

– Merda – pragueja o Xaden e eu daria tudo para ver a expressão do rosto dele quando leva a mão à cara.

O grande – Garrick – suspira.

– Eu já os ensino. – Reconheço-o finalmente. É o chefe do Pelotão Labareda da Quarta Divisão. Meu superior direto acima do Dain.

O Xaden abana a cabeça.

– És o nosso melhor combatente…

– *Tu* é que és o nosso melhor combatente – contesta um instruendo do segundo ano ao lado do Xaden com um sorriso rápido. É muito bem-parecido, com a pele morena coroada por uma nuvem de caracóis pretos e um sem-fim de insígnias no que consigo ver do uniforme por baixo do manto. Tem traços suficientemente próximos dos do Xaden para eu aventar a possibilidade de serem parentes. Primos, será? Se bem me lembro, o Fen Riorson tinha uma irmã. Merda, como é que o tipo se chamava? Passaram anos desde que li os registos, mas acho que começava por B.

– O combatente mais desleal, talvez – atira a Imogen, cheia de sarcasmo.

Quase todos se riem e até os instruendos do primeiro ano esboçam um esgar.

– Implacável como o caralho se quiseres ser mais precisa – acrescenta o Garrick.

Há um consenso de assentimentos com a cabeça, incluindo um do Liam Mairi.

– O Garrick é o nosso melhor combatente, mas a Imogen não lhe fica muito atrás e é muito mais paciente – aponta o Xaden, numa observação que me parece ridícula, já que ela não me pareceu nada paciente quando me partiu o braço. – Por isso, vocês os quatro vão dividir-se entre eles os dois para os treinos. Um grupo de três não vai atrair atenções indesejadas. Estão a ter problemas com mais alguma coisa?

– Eu não posso fazer isto – diz um instruendo do primeiro ano alto e esguio a enrolar os ombros para a frente e a levar os dedos finos à cara.

– O que queres dizer com isso? – pergunta o Xaden com uma inflexão de impaciência na voz.

– Não posso fazer isto! – O mais pequeno abana a cabeça. – A morte. A luta. Nada disto! – O timbre de voz faz-se mais agudo a cada afirmação. – Um tipo partiu o pescoço a outro à minha frente no dia de aferição! Quero ir para casa! Não me podem ajudar a fazer *isso*?

Todas as cabeças se viram para o Xaden.

– Não. – O Xaden encolhe os ombros. – Não vais conseguir. É melhor aceitares isso agora e não me fazeres perder mais tempo.

Mal consigo abafar um resfôlego e alguns dos elementos do grupo nem se dão ao trabalho de tentar. Traste. De. Merda.

O rapaz mais pequeno parece devastado, e não consigo deixar de ter pena dele.

– Isso foi um bocado severo, primo – diz o cadete do segundo ano que é um pouco parecido com o Xaden com as sobrancelhas levantadas.

– O que queres que eu diga, Bodhi? – O Xaden vira a cabeça erguida para o lado com uma voz calma e serena. – Não posso salvar toda a gente, sobretudo uma pessoa que não está disposta a trabalhar para se salvar.

– Caramba, Xaden. – O Garrick esfrega a cana do nariz. – Que bela maneira de dar uma palestra de motivação.

– Se eles precisam de uma merda de uma palestra de motivação, ambos sabemos que não vão sair do quadrante a voar no dia da graduação. Sejamos sérios. Posso segurar-lhes as mãos, fazer um monte de promessas vãs, dizer-lhes que toda a gente vai conseguir chegar ao fim e essas tretas todas para os ajudar a dormir melhor, mas, na minha experiência, a verdade é muito mais valiosa. – Vira a cabeça e eu parto do princípio de que está a olhar para o instruendo do primeiro ano em pânico. – Na guerra, morrem pessoas. E a glória que os bardos cantam também não existe. São pescoços partidos e quedas de 60 metros. Não há romantismo nenhum na terra queimada e no cheiro a enxofre. Isto… – Faz um gesto para a cidadela. – … não é nenhuma história de encantar em que todos acabam vivos. Esta é a realidade dura, crua e fria. Nem todos os que aqui estão vão voltar para casa… ou para o que resta das nossas casas. E, não se iludam, estamos em guerra sempre que entramos no quadrante. – Inclina-se ligeiramente para a frente. – Por isso, se não se puserem finos e lutarem para sobreviver, não. Não se vão safar.

Só os grilos se atrevem a quebrar o silêncio.

– Agora, haja alguém que me dê um problema que eu seja capaz de resolver – ordena o Xaden.

– Aula de Sumário de Batalha – diz baixinho uma cadete que eu reconheço. O beliche dela fica apenas a uma fila do meu e do da Rhiannon. Merda… como é que ela se chama? Há demasiadas mulheres na camarata para me lembrar do nome de todas, mas tenho a certeza de que ela está na Terceira Divisão. – Não é que eu não consiga acompanhar, mas a informação… – Encolhe os ombros.

– É uma aula difícil – responde a Imogen, a virar-se para olhar para o Xaden. O perfil dela ao luar é quase irreconhecível e tenho dificuldade em conciliá-la com a pessoa que me desfez o ombro. Aquela Imogen é cruel, perversa até. Mas a forma como está a olhar para o Xaden e puxa alguns fios de cabelo para trás da orelha amolece-lhe os olhos, a boca, toda a postura.

– Aprendes o que te ensinarem – diz o Xaden à instruenda do primeiro ano com rispidez na voz. – Não te esqueças do que já sabes, mas recita o que quer que te digam.

Eu franzo o sobrolho. O que raio quer ele dizer com *aquilo*? A aula de Sumário de Batalha é uma das aulas que os copistas ministram para manter o quadrante atualizado no que respeita aos movimentos das tropas e das linhas de combate não confidenciais. As únicas coisas que nos pedem que recitemos são os eventos recentes e o conhecimento geral do que se passa perto da linha da frente.

– Mais alguém? – pergunta o Xaden. – É melhor falarem agora. Não temos a noite toda.

É então que eu percebo: tirando o facto de estarem reunidos num grupo de três ou mais elementos, não estão a fazer nada de *errado* neste lugar. Não há nenhuma conspiração, nenhum golpe, nenhum perigo. É só um grupo de cavaleiros mais velhos a aconselhar os instruendos do primeiro ano da sua província de origem. Mas se o Dain soubesse ficaria obrigado, de acordo com o código de honra, a…

– Quando é que podemos matar a Violet Sorrengail? – pergunta um tipo mais ao fundo.

O meu sangue congela.

O burburinho de assentimento entre o grupo provoca-me um arrepio de terror na espinha.

– Sim, Xaden – diz a Imogen com doçura, a levantar os olhos verdes-claros na direção dele. – Quando é que podemos finalmente exercer a *nossa* vingança?

Ele vira-se o suficiente para que eu o possa ver de perfil, bem como a cicatriz que lhe atravessa o rosto quando olha para a Imogen com os olhos semicerrados.

– Já vos disse, a jovem Sorrengail é *minha*, e tratarei dela quando chegar o momento.

O Xaden… vai tratar de mim? Os meus músculos derretem-se com o calor da indignação. Eu não sou um inconveniente que tenha de ser *tratado*. A minha curta admiração pelo Xaden acabou.

– Não aprendeste já essa lição, Imogen? – repreende o sósia do Xaden meio círculo mais à frente. – Pelo que sei, o Aetos pôs-te a esfregar pratos do jantar durante um mês por teres usado os teus poderes no tapete.

A cabeça da Imogen dispara na direção dele.

– A mãe dela é responsável pela execução da minha mãe e da minha irmã. Não me deveria ter limitado a deslocar-lhe o ombro.

– A *mãe* dela é a responsável pela captura de quase *todos* os nossos pais – riposta o Garrick, a cruzar os braços à frente do peito largo. – Não ela. Castigar crianças pelos pecados dos pais é típico de Navarre, não de Tyrrendor.

– Então somos recrutados pelo que os nossos pais fizeram há anos e atirados para esta escola que parece uma sentença de morte… – começa a Imogen.

– Caso não tenhas reparado, ela está na mesma escola que parece uma sentença de morte – retruca o Garrick. – Parece que já está a sofrer o mesmo destino.

Estarei mesmo a ouvi-los a discutir se eu deveria ser castigada por ser filha da Lilith Sorrengail?

– Não se esqueçam de que o irmão dela era o Brennan Sorrengail – acrescenta o Xaden. – Ela tem tantas razões para nos odiar como nós temos para a odiar a ela. – Olha para a Imogen cheio de intenção e para o instruendo do primeiro ano que levantou a questão. – E não vou voltar a dizer a mesma coisa. Sou *eu* que vou tratar dela. Alguém me quer contrariar?

O silêncio é rei.

– Ainda bem. Então voltem para a cama em grupos de três. – Acena com a cabeça e eles dispersam devagar, afastando-se em grupos de três como ele tinha ordenado. O Xaden é o último a ir embora.

Inspiro devagar. Com os diabos, talvez eu sobreviva mesmo a isto.

Mas tenho de me certificar de que se foram embora. Não mexo um músculo, mesmo quando sinto cãibras e os meus dedos ficam bloqueados ao contar até quinhentos na cabeça enquanto respiro o mais regularmente possível para acalmar os batimentos do meu coração palpitante.

Só quando tenho a certeza de que estou sozinha e vejo os esquilos a passar apressados no chão, é que acabo de descer a árvore e salto para a erva quando estou a pouco mais de um metro do solo. Zihnal deve ter um fraquinho por mim, porque sou a mulher com mais sorte do Continente…

Noto uma sombra atrás de mim a lançar-se na minha direção e abro a boca para gritar, mas o fluxo de ar é cortado por um cotovelo em volta do meu pescoço que me puxa contra um peito duro.

– Grita e morres – sussurra ele, e o meu estômago afunda-se quando o cotovelo é substituído pelo gume afilado de um punhal a ameaçar-me a garganta.

Fico paralisada. Reconheceria o timbre áspero da voz do Xaden em qualquer lugar.

– Sorrengail do caralho. – A mão dele puxa o capuz do meu manto para trás.

– Como é que sabias? – O meu tom é de completa indignação, mas enfim. Se me vai matar, eu não me vou deixar ir como uma pedinte de sorriso dengoso. – Deixa-me adivinhar, sentiste o cheiro do meu perfume. Não é isso que acaba sempre por denunciar a heroína nos livros?

Ele esboça um sorriso de escárnio.

– Eu domino as sombras, mas claro, foi o teu *perfume* que te denunciou. – Baixa a faca e afasta-se.

Eu solto um resfôlego.

– O teu sinete é de manipulação das sombras? – Não admira que tenha subido de patente tão rapidamente. Os manipuladores de sombras são incrivelmente raros e altamente cobiçados no campo de batalha, uma vez que são capazes de desorientar grupos inteiros de grifos, ou até de os abater, dependendo da força do sinete.

– O quê? Não me digas que o Aetos ainda não te disse para teres cuidado para não seres apanhada sozinha no escuro comigo?

A voz dele é como veludo áspero a passar-me na pele e eu fico arrepiada, depois saco o meu próprio punhal da bainha da minha coxa e levanto-o a rodar

na direção dele, pronta para me defender da morte.

– É assim que planeias *tratar* de mim?

– Andas a espiar, é? – Ele levanta uma sobrancelha e embainha o punhal como se eu não representasse nenhum tipo de ameaça para ele, o que só serve para me deixar ainda mais irritada. – Agora, talvez tenha mesmo de te matar. – Há um fundo de verdade naqueles olhos escarninhos.

Isto é uma grande… treta.

– Então vá lá e acaba com isso de uma vez. – Desembainho outro punhal, este de baixo do manto onde estava atado às minhas costelas e recuo um par de passos para ganhar distância para os atirar… se ele não me apressar.

O Xaden olha deliberadamente para um punhal, depois para o outro, antes de suspirar e cruzar os braços à frente do peito.

– Essa postura é a melhor defesa que consegues arranjar? Não admira que a Imogen por pouco não te tenha arrancado o braço.

– Sou mais perigosa do que tu pensas – respondo com absoluta jactância.

– Estou a ver. Estou a tremer tanto, que não me aguento. – O canto da boca dobra-se num trejeito trocista.

Cabrão. De. Merda.

Rodo os punhais na mão e agarro-os pelas pontas com os dedos, depois faço um movimento de pulso rápido e atiro-os para cada um dos lados da cabeça dele. Acabam ambos bem cravados no tronco da árvore atrás dele.

– Falhaste. – Nem sequer se mexe.

– Foi? – Levo as mãos às duas facas que me restam. – Porque é que não recuas dois passos e testas essa teoria?

A curiosidade acende-se nos olhos dele, mas desaparece no segundo seguinte, mascarada por uma indiferença fria e escarninha.

Todos os meus sentidos estão em alerta máximo, mas as sombras à minha volta não deslizam quando ele recua com os olhos fixados nos meus. As costas dele batem na árvore e os punhos dos meus punhais roçam-lhe as orelhas.

– Diz-me outra vez que eu falhei – ameaço, a pegar no punhal da mão direita pela ponta.

– Fascinante. Pareces toda frágil e quebradiça, mas, na verdade, és uma pequena bem violenta, não és? – Um sorriso de aprovação perpassa-lhe pelos lábios perfeitos ao mesmo tempo que as sombras que ele manipula sobem pelo

tronco do carvalho acima e assumem a forma de dedos. Arrancam os punhais da árvore e levam-nos para as mãos abertas do Xaden.

O meu fôlego abandona-me com uma expiração contundente. Ele tem o tipo de poder que poderia acabar comigo sem que tivesse de levantar um único dedo: manipulação de sombras. Tentar defender-me dele é um ato de futilidade risível.

Detesto que seja tão bonito, que as capacidades que tem sejam tão mortíferas ao vê-lo avançar na minha direção com as sombras a enrolar-se a cada passo. O Xaden é como uma daquelas flores venenosas que, segundo li, existem nas florestas de Cygnis, no leste de Navarre. O fascínio que ele exerce sobre mim é um aviso para não me aproximar, e não há dúvida de que estou demasiado perto dele.

Volto a segurar os punhais pelo cabo e preparo-me para atacar.

– Devias mostrar esse truquezinho ao Jack Barlowe – diz o Xaden, a virar as palmas das mãos para cima para me estender os meus punhais.

– Desculpa? – Isto é uma artimanha. Tem de ser uma artimanha.

Ele aproxima-se e eu levanto a faca. Sinto o coração a vacilar, o medo que me inunda o sistema deixa-me a pulsação irregular.

– O instruendo do primeiro ano que anda por aí a partir pescoços e que prometeu muito publicamente assassinar-te – esclarece o Xaden com a minha faca pressionada contra o manto que traz vestido ao nível do abdómen. Estende a mão para dentro do meu manto e enfia uma faca na bainha da minha coxa, depois afasta a aba e detém-se. O olhar dele fixa-se na parte da minha trança que me cai sobre o ombro e eu seria capaz de jurar que deixa de respirar por um instante antes de enfiar o outro punhal numa das bainhas das minhas costelas. – É provável que ele pense duas vezes sobre os planos para a tua morte se lhe atirares alguns punhais à cabeça.

Isto é… isto é… estranho. Tem de ser algum tipo de jogo com vista a confundir-me, certo? E, se assim for, está a jogá-lo como ninguém.

– Porque a honra da minha morte te pertence a ti? – pergunto em desafio. – Tu já me querias morta muito antes de esse teu clubezinho ter decidido reunir-se debaixo da minha árvore, pelo que imagino que já me tens praticamente enterrada na tua cabeça por esta altura.

O Xaden relanceia para o punhal que lhe está apontado à barriga.

– Estás a pensar contar a alguém o que sabes sobre o meu *clubezinho*? – Os olhos dele cruzam-se com os meus e não vejo nada a não ser uma morte fria e calculista lá no fundo.

– Não – respondo com sinceridade e a conter um arrepio.

– Porque não? – Ele inclina a cabeça para o lado a estudar-me o rosto como se eu fosse uma bizarria. – É ilegal a reunião de filhos de oficiais de separatistas em grupos de…

– Grupos de mais de três elementos. Bem sei. Vivo em Basgiath há mais tempo do que tu. – Levanto o queixo.

– E não te vais pôr já a correr para a tua mamã ou para o teu querido Dain para lhes dizer que nós estivemos *reunidos*? – O olhar dele entrefecha-se no meu.

Sinto o estômago a andar às voltas tal como tinha acontecido antes de subir para o parapeito, como se o meu corpo soubesse que a ação que eu decidir tomar irá determinar todo o resto da minha vida.

– Estás a ajudá-los. Não estou a ver qual é o castigo que isso merece. – Não seria justo para ele nem para os outros. Aquele encontrozinho era ilegal? Completamente. Deveriam morrer por isso? Claro que *não*. E é exatamente isso o que irá acontecer se eu os denunciar. Aqueles instruendos do primeiro ano serão executados só por terem pedido orientações e os cadetes mais velhos também só por terem ajudado. – Não vou contar a ninguém.

Ele olha para mim como se estivesse a tentar ver-me por dentro e eu sinto suores frios a comichar-me a cabeça.

Tenho a mão firme, mas os nervos tremem na expectativa do que os próximos trinta segundos poderão trazer. Ele pode matar-me aqui mesmo, atirar o meu corpo para o rio e ninguém saberá que eu desapareci até ser encontrada a jusante.

Mas não vou deixar que ele acabe comigo sem ir à luta, isso é seguro.

– Interessante – diz ele em voz baixa. – Vamos ver se cumpres a tua palavra, e se cumprires, infelizmente, parece que te fico a dever um favor. – Depois recua, vira-se e vai-se embora, dirigindo-se para as escadas do penhasco que conduzem à cidadela.

Alto lá. O quê?

– Não vais *tratar* de mim? – grito-lhe para as costas com as sobrancelhas levantadas.

– Hoje não! – atira ele por cima do ombro.

Eu esboço um sorriso de escárnio,

– Estás à espera de quê?

– Não tem piada se estiveres à espera – responde ele, a caminhar decidido para a escuridão. – Agora, volta para a cama antes que o chefe da tua divisão perceba que estás fora depois da hora de recolher.

– O quê? – pergunto com a boca aberta de espanto. – O chefe da minha divisão és *tu*!

Mas ele já desapareceu na penumbra e deixou-me a falar sozinha como uma tonta.

Nem sequer perguntou o que é que eu trazia na bolsa.

Um sorriso lento abre-se no meu rosto quando pouso o braço na ligadura e suspiro de alívio com o peso que me saiu dos ombros. *Uma tonta com bagas* fonilee.

O veneno tem uma arte que é muitas vezes esquecida. E tem que ver com o momento. Só um mestre é capaz de fazer a mistura certa e administrá-la para um efeito eficaz. Temos de ter em conta o tamanho do indivíduo bem como o método de administração.

– Usos Eficazes de Ervas Silvestres e Cultivadas do Capitão Lawrence Medina



CAPÍTULO VIII

Visto-me de manhã numa camarata feminina silenciosa com o Sol ainda mal a espreitar acima do horizonte nas janelas mais distantes. Pego no colete com escamas de dragão do gancho onde o deixei a secar na ponta da minha cama e visto-o por cima da minha camisa preta de manga curta. Ainda bem que me tornei bastante boa a apertar os cordões nas minhas costas, uma vez que a Rhiannon não está na cama dela.

Pelo menos uma de nós está a obter os orgasmos de que tanto necessita. Tenho quase a certeza de que há uma pessoa ou duas espalhadas por aí com os parceiros em alguns dos beliches mais cheios que vejo por aqui. Os chefes de esquadra falam muito sobre a imposição do recolher obrigatório, mas ninguém os respeita como deve ser. Bem, o Dain respeita. Está sempre atento a todas as regras.

O Dain. Sinto um aperto no estômago e sorrio ao acabar de prender a trança numa coroa. Vê-lo é a melhor parte do meu dia, mesmo nos momentos em que ele está longe de ser afável em público. Mesmo nos momentos em que ele não pensa em nada a não ser em tirar-me deste lugar.

Pego na minha bolsa ao sair, passo por filas de camas vazias que pertenciam às dezenas de mulheres que não sobreviveram até agosto e abro a porta.

Cá está ele.

Os olhos do Dain iluminam-se quando se desencosta da parede do corredor onde está obviamente à minha espera.

– Bom dia.

Não consigo conter o sorriso que me pinta os lábios.

– Não tens de me acompanhar para o serviço todas as manhãs, sabias?

– É a única altura do dia em que te posso ver sem ser o chefe da tua esquadra – replica ele enquanto caminhamos pelo corredor vazio e passamos pelos corredores que levam aos nossos quartos, se conseguirmos sobreviver à Debulha.

– Acredita, vale a pena acordar uma hora mais cedo, embora eu ainda não consiga perceber porque escolheste o serviço de pequeno-almoço em detrimento de todos os outros.

Encolho os ombros.

– Tenho as minhas razões. – Razões *muito, muito* boas. Embora seja verdade que sinto falta da hora de sono que tinha a mais antes de termos escolhido os nossos serviços na semana passada.

Uma porta à direita abre-se de repente e o Dain atira-se para a minha frente e empurra-me para trás dele com o braço, o que me faz bater com a cara nas costas dele. O Dain cheira a couro e sabão e…

– Rhiannon? – dispara.

– Desculpem! – A Rhiannon arregala os olhos.

Eu desenvencilho-me do braço do Dain e coloco-me ao lado dele para a poder ver.

– Estava a perguntar-me onde estarias esta manhã. – O meu sorriso alastra-se quando a Tara aparece ao lado dela. – Olá, Tara.

– Olá, Violet. – Ela acena-me com a mão e desce o corredor enquanto vai enfiando a camisa dentro das calças.

– Não é por acaso que temos uma hora de recolher, cadete – repreende o Dain e eu luto contra o impulso de revirar os olhos. – E sabes que ninguém deveria estar nos dormitórios privados antes da Debulha.

– Talvez tenhamos acordado mais cedo, apenas – riposta a Rhiannon. – Sabes, tal como tu, que estás aqui a esta hora. – Ela olha de mim para ele com um sorriso cheio de malícia.

O Dain esfrega a cana do nariz.

– Bem… volta lá para a camarata e faz de conta que estavas a dormir, está bem?

– Claro! – A Rhiannon aperta-me a mão ao passar por mim.

– Boa – sussurro-lhe rapidamente. A Rhiannon tem um fraquinho pela Tara desde que aqui chegámos.

– Eu sei, não é? – Ela afasta-se com um sorriso e depois vira-se para empurrar as portas do corredor.

– Quando me candidatei a chefe de esquadra, não estava a pensar que uma das minhas atribuições seria monitorizar as vidas sexuais dos instruendos do primeiro ano – murmura o Dain entre dentes e continuamos ambos em direção à cozinha.

– Oh, vá lá. Até parece que tu não eras do primeiro ano no ano passado.

Ele levanta as sobrancelhas e acaba por encolher os ombros.

– Também é verdade. E tu estás no primeiro ano agora… – Os olhos dele viram-se para mim quando já nos estamos a aproximar da entrada abobadada que dá para a rotunda e os lábios entreabrem-se como se estivesse prestes a continuar, mas depois desvia o olhar e roda para me abrir a porta.

– Ora, ora, Dain Aetos! Estás curioso em relação à minha vida sexual? – Deixo os meus dedos percorrerem as presas expostas do pilar em forma de dragão verde e contenho um sorriso ao passarmos.

– Não! – Ele abana a cabeça e depois para a pensar. – Bem… há uma vida sexual que deva suscitar curiosidade?

Subimos os degraus que dão para a sala comum e viro-me imediatamente antes de chegarmos à porta para olhar para ele. Está dois degraus à minha frente o que coloca os nossos olhos ao mesmo nível.

– Desde que cheguei aqui? – Toco com o dedo no queixo e sorrio. – Não tens nada com isso. Antes de eu chegar aqui? Também não tens nada com isso.

– Sim, também é verdade. – A boca dobra-se-lhe num sorriso que me faz desejar que ele tivesse alguma coisa que ver com isso.

Viro-me antes de fazer algo impensado, como fazer com que ele tenha alguma coisa que ver com isso. Continuamos para o refeitório e passamos pelas mesas de estudo vazias e pela entrada para a biblioteca. Não se aproxima da espetacularidade dos Arquivos dos copistas, mas tem todos os volumes de que eu preciso para estudar aqui.

– Estás pronta para hoje? – pergunta o Dain quando nos aproximamos da sala comum. – E para os desafios que começam esta tarde?

Sinto um nó no estômago.

– Eu desenrasco-me – asseguro-lhe, mas ele põe-se à minha frente e obriga-me a parar.

– Sei que tens andado a treinar com a Rhiannon, mas… – A preocupação franze-lhe a testa.

– Eu sei o que fazer – prometo, a olhá-lo nos olhos para que ele saiba que estou a falar a sério. – Não tens de te preocupar comigo. – Ontem à noite, o nome do Oren Seifert foi colocado ao lado do meu no exato local onde o Brennan disse que isso iria acontecer. É um rapaz alto e loiro da Primeira Divisão que maneja a faca de forma aceitável, mas tem um murro de meter respeito.

– Eu preocupo-me sempre contigo. – As mãos do Dain enrolam-se em punhos.

– Não te preocupes. – Abano a cabeça. – Eu sou capaz de me desenvencilhar sozinha.

– Só não quero ver ninguém a magoar-te outra vez.

As minhas costelas apertam-me o coração como um torno.

– Então não olhes. – Pego-lhe na mão calejada. – Não me podes salvar disto, Dain. Vou ser desafiada uma vez por semana como todos os outros cadetes. E não vai acabar por aqui. Não me podes proteger da Debulha, nem do Guante, nem do Jack Barlowe…

– Tens de te pôr a pau com esse. – O Dain faz um trejeito. – Evita esse traste afetado sempre que puderes, Vi. Não lhe dês uma desculpa para ir atrás de ti. Ele já é o responsável por demasiados nomes no rol de mortes.

– Então os dragões vão adorá-lo. – Escolhem sempre os mais perversos.

O Dain aperta-me a mão com carinho.

– Mantém-te longe dele, só isso.

Eu pestanejo. O conselho é muito diferente da abordagem do Xaden e da ideia de atirar alguns punhais à cabeça do Barlowe.

O Xaden. O nó de culpa que tenho no estômago desde a semana passada cresce um pouco mais. Pelo código, deveria contar ao Dain que vi os marcados debaixo do carvalho, mas não conto, não por ter dito ao Xaden que não o faria, mas porque manter o segredo me parece o mais correto.

Nunca guardei um segredo do Dain em toda a minha vida.

– Violet? Estás a ouvir-me? – pergunta o Dain, a levantar a mão para a fechar em concha no meu rosto.

Disparo os olhos na direção dos dele e repito:

– Queres que me mantenha longe do Barlowe.

Ele retira a mão e enfia-a no bolso das calças.

– Esperemos que ele se esqueça daquela pequena vingança contra ti.

– Os homens costumam esquecer que uma mulher lhes pôs uma faca à frente dos tomates? – Ergo-lhe uma sobrancelha.

– Não. – O Dain suspira. – Sabes que ainda não é tarde de mais para te levarmos para os copistas. O Fitzgibbons leva-te…

Os sinos tocam, a assinalar as cinco e um quarto e a salvar-me de mais uma sessão de súplica para que eu fuja para o Quadrante dos Copistas.

– Eu fico bem. Vemo-nos na formação. – Aperto-lhe a mão e deixo-o sozinho, já a caminho da cozinha. Sou sempre a primeira a chegar e hoje não é exceção.

Coloco o frasco de bagas *fonilee* secas e em pó que tinha na bolsa e começo o meu trabalho à medida que os outros trabalhadores vão chegando, rabugentos e com os olhos ensonados. O pó é quase branco, quase invisível quando assumo o meu lugar na fila de serviço uma hora depois, e completamente indetetável depois de o polvilhar sobre os ovos mexidos do Seifert quando ele se aproxima.

– Nunca se esqueçam do temperamento de cada raça quando decidirem quais são os dragões dos quais se vão aproximar e dos quais se devem afastar na Debulha – diz o Professor Kaori com os olhos negros e sérios a focar-se no próprio nariz enquanto estuda os novos recrutas por alguns instantes e antes de substituir a projeção de um Cauda de Punhal Verde que fez aparecer por outra de um Cauda de Escorpião Vermelho. O Professor Kaori é um ilusionista e o único professor do quadrante com a capacidade de sinete de projetar o que vê na cabeça, o que faz com que esta aula seja uma das minhas preferidas. É também a razão por que eu sabia exatamente quem era o Oren Seifert.

Sinto-me culpada por ter enganado descaradamente um professor quando lhe disse porque precisava de encontrar outro cadete? Não. Acho que é batota? Também não. Fiz exatamente o que a Mira sugeriu que eu fizesse e usei o cérebro.

O Cauda de Escorpião Vermelho que está no meio das nossas mesas em círculo é uma miniatura do original com não mais de 1,80 metros, mas é uma réplica exata da besta cuspidora de fogo que nos espera no Vale durante a Debulha.

– Os Caudas de Escorpião Vermelhos, como o Ghrian que aqui veem, são os que têm pavio mais curto – continua o Professor Kaori, com o bigode perfeitamente aparado a dobrar-se quando sorri para a ilusão como se se tratasse do verdadeiro dragão. Todos nós tiramos apontamentos. – Por isso, se o ofenderem, são…

– Almoço – diz o Ridoc à minha esquerda e a turma ri-se. Até o Jack Barlowe, que nunca deixou de olhar, furioso, para mim desde que a esquadra dele chegou à parte da sala que lhes está destinada há meia hora, solta uma gargalhada leve.

– Exatamente – responde o Professor Kaori. – Então qual é a melhor forma de nos aproximarmos de um Cauda de Escorpião Vermelho? – O Professor olha em volta da sala.

Eu sei a resposta, mas mantenho a mão na secretária, seguindo o conselho do Dain, que me disse para não dar nas vistas.

– É não nos aproximarmos – murmura a Rhiannon ao meu lado e eu deixo escapar um riso sussurrado.

– Preferem que nos aproximemos da esquerda e de frente, se possível – responde uma mulher de um dos outros esquadrões.

– Excelente. – O Professor Kaori assente com a cabeça. – Nesta Debulha, vai haver três Caudas de Escorpião Vermelhos dispostos a vincular-se. – A imagem muda à nossa frente e aparece um outro dragão.

– Quantos dragões há no total? – pergunta a Rhiannon.

– Cem, este ano – responde o Professor Kaori antes de voltar a mudar a imagem. – Mas alguns podem mudar de ideias durante a Apresentação daqui a cerca de dois meses, dependendo do que virem.

O meu estômago bate no chão.

– São menos 37 do que no ano passado.

Talvez ainda menos se não gostarem do nosso aspeto depois de termos de desfilar à frente deles para que nos possam estudar, dois dias antes da Debulha. Seja como for, depois desse evento costuma haver menos cadetes.

As sobrancelhas escuras do Professor Kaori levantam-se.

– Sim, cadete Sorrengail, são, e menos 26 do que há dois anos.

Há menos dragões a decidir vincular-se, mas o número de cavaleiros e cavaleiras a entrar no quadrante tem-se mantido. A minha cabeça devaneia. Os ataques nas fronteiras orientais estão a aumentar, de acordo com todas as aulas de Sumário de Batalha, no entanto, há *menos* dragões dispostos a vincular-se para defenderem Navarre.

– Eles dizem-nos porque não querem vincular-se? – pergunta outro instruendo do primeiro ano.

– Não, palerma – goza o Jack, os frios olhos azuis a fixar-se no cadete. – Os dragões só falam com os cavaleiros com que se vinculam e cada dragão só diz o nome completo ao respetivo cavaleiro. Já deverias saber isso nesta altura.

O Professor Kaori lança um olhar ao Jack que lhe cala a boca, mas não o impede de lançar um sorriso de desprezo ao outro cadete.

– Eles não partilham os seus motivos – diz o nosso instrutor. – E quem quer que tenha amor à vida, não lhes vai fazer nenhuma pergunta a que eles não estejam dispostos a responder.

– Esses números afetam as guarnições? – pergunta a Aurelie do lugar em que está sentada atrás de mim a bater com a pena na borda da secretária. Nunca está muito feliz quando está parada.

O maxilar do Professor Kaori lateja duas vezes.

– Não temos a certeza. O número de dragões vinculados nunca afetou a integridade das guarnições de Navarre no passado, mas não vos vou mentir e dizer que não estamos a detetar mais brechas quando vocês sabem da aula de Sumário de Batalha que estamos.

As guarnições estão a falhar a um ritmo que me deixa o estômago tenso sempre que a Professora Devera começa o nosso Sumário de Batalha diário. Ou estamos a ficar mais fracos ou os nossos inimigos estão a ficar mais fortes. Ambas as possibilidades significam que os cadetes nesta sala são mais necessários do que nunca.

Até eu.

A imagem muda para a Sgaeyl, o dragão-fêmea azul-marinho vinculado ao Xaden.

O meu estômago embrulha-se quando me lembro da forma como ela olhou para dentro de mim naquele primeiro dia.

– Não vão ter de se preocupar como deverão aproximar-se dos dragões azuis, uma vez que não há nenhum disposto a vincular-se nesta Debulha, mas deverão ser capazes de reconhecer a Sgaeyl se a virem – diz o Professor Kaori.

– Para podermos dar corda aos sapatos – diz o Ridoc com a voz arrastada.

Eu assinto com a cabeça enquanto os outros se riem.

– Trata-se de uma Cauda de Punhal Azul, o dragão mais raro entre os azuis, e, sim, se a virem sem o cavaleiro vinculado, deveriam… procurar outro sítio para estarem, sem dúvida. Dizer que é *implacável* não serve sequer para começar a descrevê-la, além do que não é daquelas que respeita o que nós pensamos que os dragões consideram ser a lei. Chegou a vincular-se com o parente de um dos cavaleiros com que se tinha vinculado no passado, o que todos sabemos que costuma ser proibido, mas a Sgaeyl faz o que quer, quando quer. De facto, se virem algum dragão azul, não se aproximem dele. Limitem-se a…

– Fugir – insiste o Ridoc, a passar com a mão pelo cabelo castanho caído.

– Fugir – concorda o Professor Kaori com um sorriso, e o bigode em cima do lábio superior treme ligeiramente. – Há uma mão-cheia de outros dragões azuis em serviço ativo, mas estão todos nos Montes de Esben a este, onde os combates são mais intensos. São assustadores, mas a Sgaeyl é o mais poderoso de todos.

Fico quase sem fôlego. Não admira que o Xaden seja capaz de manipular sombras: sombras capazes de puxar punhais de árvores, sombras que provavelmente são capazes de lançar alguns desses punhais. Mesmo assim… não me matou. Atiro o grão de calor que esta ideia me dá para longe, muito longe.

Provavelmente só para te confundir, um monstro a brincar com a presa antes de se lançar sobre ela.

– E o dragão preto? – pergunta o instruendo do primeiro ano ao lado do Jack. – Há um, não há?

O rosto do Jack ilumina-se.

– É esse que eu quero.

– Isso não vai importar muito. – O Professor Kaori abana o pulso e a Sgaeyl desaparece, substituída por um enorme dragão preto. Até a ilusão é maior e obriga-me a inclinar ligeiramente o pescoço para cima para lhe poder ver a cabeça. – Mas só para satisfazer a vossa curiosidade, uma vez que este é o único que irão ver na vossa vida. Este é o único dragão preto além do do general Melgren.

– É enorme – diz a Rhiannon. – A cauda é de moca?

– Não. É uma cauda de chicote de armas. Tem o mesmo poder esmagador de uma cauda de moca, mas aqueles espigões irão eviscerar uma pessoa com a mesma eficácia de uma cauda de punhal.

– O melhor de dois mundos – brada o Jack. – Parece uma máquina assassina.

– E é – responde o Professor Kaori. – E, para dizer a verdade, não o vi nos últimos cinco anos, pelo que esta imagem está mais do que um pouco desatualizada. Mas já que o temos aqui, o que me sabem dizer sobre os dragões pretos?

– São os mais inteligentes e esclarecidos – anuncia a Aurelie.

– São os mais raros – acrescento. – Não nasce nenhum há mais de… cem anos.

– Exato. – O Professor Kaori volta a rodar a ilusão e eu vejo um par de olhos amarelos furiosos à minha frente. – Também são os mais astutos. Não há como ludibriar um dragão preto. Este tem um pouco mais de cem anos, o que faz com que seja um dragão de meia-idade. É visto e admirado como um dragão de batalha entre os seus pares, e, se não fosse ele, provavelmente teríamos perdido durante a rebelião de Tyrrendor. Se além disso nos lembrarmos de que tem uma cauda de chicote de armas, percebemos que é um dos dragões mais letais de Navarre.

– Aposto que potencia um sinete e peras. Como é que nos aproximamos dele? – pergunta o Jack, a inclinar-se para a frente no assento. Os olhos são puro egoísmo, emulados pelos do amigo ao lado dele.

É a última coisa que este reino precisa: uma pessoa tão cruel como o Jack a vincular-se a um dragão preto. Não, obrigada.

– Não nos aproximamos – responde o professor Kaori. – Não aceita vincular-se desde que o antigo e único cavaleiro a que se vinculou foi morto durante uma sublevação, e a única forma de poderem estar perto dele é estando no Vale, o que não vai acontecer, porque serão carbonizados antes de passarem pelo estreito da montanha.

A ruiva pálida do outro lado do círculo mexe-se no assento e puxa a manga para baixo para esconder a relíquia da rebelião.

– Alguém deveria voltar a falar com ele de novo – insta o Jack.

– Não é assim que as coisas funcionam, Barlowe. Bem, existe apenas outro dragão preto, que está em serviço…

– O do general Melgren – diz o Sawyer. – Tem o caderno fechado à frente dele, mas não o posso censurar. Eu também dificilmente estaria a tirar apontamentos se estivesse a fazer esta aula pela segunda vez. – Codagh, certo?

– Sim – diz o professor Kaori a assentir com a cabeça. – O mais velho do refúgio deles e um cauda de espada.

– Mas, só por curiosidade. – O olhar azul glacial do Jack não se desvia da ilusão do dragão preto desvinculado ainda a ser projetada. – Que capacidade de sinete iria uma criatura destas atribuir ao seu cavaleiro?

O Professor Kaori fecha o punho e a ilusão desaparece.

– Não há como saber. Os sinetes são o resultado da química única entre o cavaleiro e o dragão e normalmente dizem mais sobre o cavaleiro do que sobre o dragão. Quanto mais forte for o vínculo e quanto mais forte for o dragão, mais forte é o sinete.

– Certo. Qual era o do cavaleiro anterior? – pergunta o Jack.

– O sinete do Naolin era a sifonagem. – Os ombros do Professor Kaori descaem. – Era capaz de absorver poder de várias fontes, de outros dragões, de outros cavaleiros, e depois podia usá-lo ou redistribuí-lo.

– Do caraças. – O tom do Ridoc carrega mais do que simples veneração.

– Era – concorda o Professor Kaori.

– O que é que mata alguém com esse tipo de sinete? – pergunta o Jack, a cruzar os braços à frente do peito largo.

O Professor Kaori olha de relance para mim.

– Ele tentou usar esse poder para ressuscitar um cavaleiro caído, o que não resultou porque não há nenhum sinete que permita a ressurreição, e esgotou-se ao fazê-lo. Para usar uma expressão a que se vão habituar depois da Debulha, teve um esgotamento e morreu ao lado do outro cavaleiro.

Há algo no meu peito que se agita, uma sensação que não sei explicar, mas que não consigo afastar.

Os sinos tocam a assinalar que a nossa hora acabou e começamos todos a arrumar as nossas coisas. Os esquadrões vão saindo para o corredor, esvaziando a sala, e eu levanto-me da minha secretária e penduro a bolsa ao ombro enquanto a Rhiannon espera por mim junto à porta com uma expressão de perplexidade no rosto.

– Foi o Brennan, não foi? – pergunto ao Professor Kaori.

O olhar dele enche-se de tristeza quando se fixa no meu.

– Foi. Morreu a tentar salvar o seu irmão, mas o Brennan já não tinha salvação.

– Porque é que ele haveria de fazer isso? – Troco a bolsa de ombro. – A ressurreição não é possível. Porque é que ele haveria de se matar, no fundo, se o Brennan já tinha morrido? – O meu coração é dominado por um acesso de dor que me tolhe o fôlego. O Brennan nunca teria desejado que alguém morresse por ele. Não estava na natureza dele.

O Professor Kaori encosta-se à secretária e cofia os pelos curtos e escuros do bigode a olhar fixamente para mim.

– Ser uma Sorrengail não é grande ajuda aqui dentro, pois não?

Eu abano a cabeça.

– Há uns quantos cadetes que não se importariam de me tirar, a mim e ao meu apelido, do pedestal.

Ele assente com a cabeça.

– Não vai ser assim depois de sair daqui. Após a graduação, irá descobrir que ser filha da general Sorrengail significa que os outros irão fazer praticamente tudo o que puderem para a manter viva, até satisfeita, não por adorarem a sua mãe, mas porque a temem ou querem entrar-lhe nas boas graças.

– Qual era o caso do Naolin?

– Um pouco de ambos. E às vezes é difícil para um cavaleiro com um sinete tão poderoso aceitar os limites que tem. Afinal, a vinculação é o que faz de nós cavaleiros, mas ressuscitar alguém? Faria de nós deuses. Algo me diz que Malek não aceita de bom grado que um mortal se meta no seu território.

– Obrigado por me responder. – Viro-me e caminho para a porta.

– Violet – chama o Professor Kaori e eu rodo para olhar para ele. – Dei aulas ao seu irmão e à sua irmã. Um sinete como o meu é demasiado útil na sala de aula para que eu possa ser mobilizado com uma divisão durante muito tempo. O Brennan era um cavaleiro fenomenal e um bom homem. A Mira é sagaz e muito dotada quando está no dorso de um dragão.

Eu faço que sim com a cabeça.

– Mas a Violet é mais esperta do que eles os dois.

Pestanejo. Não é muito frequente ser comparada com o meu irmão e com a minha irmã e acabar por cima.

– Pelo que vi de si a ajudar a sua amiga a estudar no refeitório todas as noites, parece que também poderá ser mais compassiva. Não se esqueça disso.

– Obrigada, mas ser esperta e compassiva não me vai ajudar no dia da Debulha. – Deixo escapar um riso autodepreciativo. – O Professor sabe mais sobre dragões do que qualquer outra pessoa no quadrante, provavelmente mais do que qualquer outra pessoa no Continente. Eles escolhem força e sagacidade.

– Eles escolhem por razões que acham melhor não partilharem connosco. – Levanta-se da secretária. – E nem toda a força é física, Violet.

Eu inclino a cabeça em assentimento porque não consigo lembrar-me de nenhuma palavra adequada para responder a esta lisonja cheia de boas intenções e vou ao encontro da Rhiannon que continua à porta. A única coisa que tenho como segura neste momento é que a compaixão não me vai ajudar no tapete depois do almoço.

Estou tão nervosa que seria capaz de vomitar aqui ao lado do tapete preto a ver a Rhiannon a deixar o adversário feito num oito. É um tipo da Segunda Divisão, e ela não demora quase tempo nenhum para lhe fazer uma gravata e o deixar sem ar. É um movimento que tentou inculcar-me a todo o custo ao longo das últimas duas semanas.

– Ela faz com que pareça fácil – digo ao Dain quando ele se põe ao meu lado e os nossos cotovelos roçam um no outro.

– Ele vai tentar matar-te.

– O quê? – Olho para cima e sigo o olhar dele para dois tapetes mais à frente.

Os olhos do Dain são punhais apontados ao Xaden, que não disfarça o aborrecimento ao olhar para a Rhiannon a apertar o pescoço do instruendo do primeiro ano da Segunda Divisão com mais força.

– O teu adversário – diz o Dain em voz baixa. – Ouvi-o a falar com alguns *amigos*. Acham que tu és um risco para a divisão por causa daquele rapazito, o Barlowe. – O olhar do Dain vira-se para o Oren, que me está a avaliar como se eu fosse o raio de um brinquedo que planeia partir.

Mas há uma nota esverdeada na tez do Oren que me faz sorrir.

– Eu fico bem – recito, porque esse é o raio do meu mantra. Não tenho nada vestido a não ser o colete com escamas de dragão que começo a sentir como uma segunda pele e as minhas peles de combate. Tenho os meus quatro punhais

embainhados e, se o meu plano correr bem, terei mais um para acrescentar à minha coleção em breve.

O instruendo do primeiro ano da Segunda Divisão perde os sentidos e a Rhiannon levanta-se vitoriosa a ouvir as nossas palmas. Depois debruça-se sobre o adversário e retira-lhe o punhal da ilharga.

– Parece que este é meu agora. Aproveita a soneca. – Dá-lhe uma palmadinha na cabeça, o que me faz rir.

– Não sei porque é que te estás a rir, Sorrengail – grita uma voz trocista atrás de mim.

Eu viro-me e vejo o Jack em pé com as pernas abertas encostado a uma parede de tábuas de madeira a cerca de três metros de distância, a ostentar um sorriso que só pode ser descrito como diabólico.

– Vai-te foder, Barlowe. – Mostro-lhe o dedo do meio.

– Espero sinceramente que venças o desafio de hoje. – Os olhos dele dançam com um brilho sádico que me deixa maldisposta. – Seria uma pena que outra pessoa te matasse antes de eu o poder fazer. Mas não ficaria surpreendido. As violetas são uns seres muito delicados e… frágeis, sabias?

Delicadas o caraças.

É provável que ele pense duas vezes sobre os planos para a tua morte se lhe atirares alguns punhais à cabeça.

Desembainho ambos os punhais das costelas e lanço-os na direção dele num movimento fluido. Vão parar exatamente aos locais que eu tinha em mente: um quase lhe arrancou a orelha e o outro ficou-lhe a dois centímetros dos tomates.

O medo esgazeia-lhe os olhos.

Eu sorrio sem vergonha e agito-lhe os dedos num aceno.

– Violet – diz o Dain entre dentes quando o Jack se desvia das minhas facas e se afasta da parede.

– Vais pagar por isto. – O Jack aponta para mim e vai-se embora com ar zangado, mas o subir e descer dos ombros é um pouco irregular.

Vejo as costas dele a afastar-se, vou buscar os meus punhais e embainho-os junto às costelas antes de voltar para o lado do Dain.

– O que raio foi isso? – pergunta ele em ebulição. – Eu disse-te para não fazeres ondas ao pé dele e tu… – Olha para mim a abanar a cabeça. – Decides deixá-lo ainda mais irritado?

– Não fazer ondas não me estava a levar a lado nenhum – digo a encolher os ombros quando o adversário da Rhiannon é carregado para fora do tapete. – Ele tem de perceber que eu não sou um risco para a divisão. – *E que será mais difícil de me matar do que ele pensa.*

Não há como ignorar o formigamento que sinto no escalpe e deixo que o meu olhar se desvie e se encontre com o do Xaden.

O raio do meu coração volta a titubear, como se o Xaden tivesse enviado sombras que me penetraram as costelas para o apertar. Ele levanta a sobrancelha marcada com a cicatriz e juro que vejo a ponta de um sorriso quando se vira e se dirige para o tapete seguinte para observar os cadetes da Quarta Divisão.

– Do piorio – diz a Rhiannon a caminho do outro lado. – Pensei que o Jack se ia cagar todo.

Eu abafo um sorriso.

– Deixa de lhe dar corda – repreende o Dain.

– Sorrengail. – O Professor Emetterio relanceia para o bloco de notas e ergue uma densa sobrancelha preta antes de continuar. – Seifert.

Engulo o pânico que ameaça subir-me pela garganta acima e subo para o tapete à frente do Oren, que agora está mesmo verde.

Mesmo a tempo.

Preparei-me o melhor que pude, liguei os tornozelos e os joelhos para prevenir algum ataque às pernas.

– Não leves isto a peito – diz ele quando começamos a andar em círculo, ambos com as mãos levantadas. – Mas não passas de um risco para a nossa divisão.

Lança-se contra mim, mas o trabalho de pés é lento e eu esquivo-me com um pulo e dou-lhe um murro nos rins antes de me apoiar sobre os calcanhares e agarrar um punhal.

– Não sou um risco maior do que tu – acuso.

O peito dele eleva-se uma vez e pérolas de suor escorrem-lhe pela testa, mas sacode-as e pestaneja muito rapidamente já a estender a mão para a faca.

– A minha irmã é curandeira. Eu ouvi os teus ossos a estalarem como galhos.

– Porque não vens descobrir? – Lanço-lhe um sorriso forçado e espero que volte a atacar, porque é a única coisa que ele sabe fazer. Já o vi em três sessões a alguns tapetes de distância. É um touro, só potência e nenhuma elegância.

Ele enrola o corpo todo como se fosse vomitar, cobre a boca com a mão vazia e respira fundo antes de se aprumar de novo. Eu deveria atacar, mas decido esperar. E é então que ele investe contra mim com a faca em riste em posição de ataque.

O meu coração bate acelerado enquanto espero os aflitivos momentos que ele demora a chegar até mim e consigo convencer o meu corpo a manter-se firme até ao último segundo. Ele baixa a faca e eu esquivo-me para a esquerda, abro-lhe uma ferida com o meu punhal na sequência do movimento, depois viro-me e dou-lhe uma patada nas costas, e ele voa para trás.

Agora.

Ele cai no tapete e eu aproveito imediatamente, fincando um joelho na coluna dele tal com a Imogen tinha feito comigo e colocando-lhe a faca à frente do pescoço.

– Rende-te.

Quem precisa de força quando tem velocidade e determinação?

– Não! – grita, mas o corpo ondula debaixo do meu e ele começa a vomitar tudo o que comeu desde o pequeno-almoço, que se espalha pelo tapete ao nosso lado.

Que nojeira de merda.

– Oh, meus deuses – grita a Rhiannon, num tom que transpira repugnância.

– Rende-te – exijo novamente, mas ele está seriamente ofegante e eu tenho de retirar a faca para não lhe cortar a garganta sem querer.

– Ele rende-se – declara o Professor Emetterio com o rosto contorcido de repulsa.

Embainho a minha faca e saio de cima dele, evitando as poças de vómito. Depois pego no punhal que o Oren deixou cair alguns metros mais atrás enquanto ele continua a vomitar. A faca é mais pesada e mais comprida do que as outras que tenho, mas agora é minha e eu fiz por merecê-la. Embainho-a num lugar vazio da minha coxa esquerda.

– Ganhaste! – diz a Rhiannon, a envolver-me num abraço quando eu saio do tapete.

– Ele está doente – digo eu a encolher os ombros.

– Prefiro sempre ter sorte a ser boa – replica a Rhiannon.

– Tenho de encontrar alguém para limpar isto – diz o Dain, com a tez a ficar macilenta.

Venci.

A escolha do momento certo é a parte mais difícil no meu plano.

Venço na semana seguinte quando uma rapariga entroncada da Primeira Divisão não se consegue concentrar tempo suficiente para me dar um murro como deve ser, graças a alguns cogumelos *leighorrel* e às suas propriedades alucinogénias que lhe foram parar ao almoço. Dá-me um bom pontapé no joelho, mas não é nada que alguns dias numa ligadura não curem.

Venço uma semana depois quando um rapaz alto da Terceira Divisão tropeça porque os enormes pés perdem toda a sensibilidade por momentos, cortesia de uma raiz de *zihna* que cresce no afloramento junto à ravina. No entanto, não escolhi o momento mais acertado e ele consegue atingir-me com alguns socos no rosto e deixar-me com um lábio rachado e uma nódoa negra que me fica marcada na bochecha por onze dias, mas, pelo menos, não me parte o maxilar.

Volto a vencer na semana seguinte quando uma cadete peituda fica confusa a meio do confronto, por ação de folhas de *tarsilla* que acabaram num chá que ela estava a tomar. É rápida, consegue atirar-me para o tapete e dar-me alguns pontapés extremamente dolorosos no abdómen que me deixam contusões coloridas e uma pegada bem definida nas costelas. Por pouco não me fui abaixo e fui ter com o Nolon no final, mas cerrei os dentes e liguei as costelas, determinada a não dar a ninguém uma razão para me ir eliminando como o Jack ou qualquer um dos marcados queriam.

Conquisto o meu quinto punhal, este decorado com um bonito rubi no cabo, no último desafio de agosto em que enfrento um tipo particularmente suado com um espaço entre os dentes da frente. A casca de uma árvore carmim que foi ter ao odre de água que ele usa deixa-o mole e débil. Os efeitos são um pouco parecidos de mais com os das bagas *fonilee* e é uma pena que todo o Pelotão Garra da Terceira Esquadra da Terceira Divisão esteja a padecer do mesmo transtorno estomacal. Deve ser algo viral, pelo menos é o que digo quando ele finalmente se rende à minha gravata depois de me deslocar o polegar e quase me partir o nariz.

Chegados ao meio de setembro, tenho uma ginga no passo quando me dirijo para o tapete. Venci cinco adversários sem matar nenhum, o que é algo que um

quarto do nosso ano não pode dizer ao fim de quase vinte nomes terem sido acrescentados ao rol de mortes no último mês, contando apenas instruendos do primeiro ano.

Enrolo os ombros doridos e espero a minha adversária.

Mas a Rayma Corrie da Terceira Divisão não aparece esta semana, como estava previsto.

– Desculpa, Violet – diz o Professor Emetterio, a esfregar a barba preta curta. – Estava previsto que enfrentasses a Rayma, mas ela foi levada para os curandeiros porque parece que não consegue andar a direito.

Raspas de um fruto chamado *walwyn* têm esse efeito quando são ingeridas cruas… por exemplo, quando são misturadas na cobertura da empada matinal.

– É… – *Merda.* – … uma pena. – Estremeço. *Serviste-lha demasiado cedo.* – Será melhor eu… – começo a dizer, já a recuar para sair do tapete.

– Eu não me importo de a substituir. – A voz. O tom. O formigamento gelado que sinto no escalpe…

Oh, não. Raios, não. Não. Não. *Não.*

– De certeza? – pergunta o Professor Emetterio, a olhar de relance por cima do ombro.

– Absoluta.

O meu estômago afunda-se.

E o Xaden sobe para o tapete.

Não vou morrer hoje.
– Adenda Pessoal de Violet Sorrengail ao Livro do Brennan



CAPÍTULO IX

Estou tão absolutamente fodida.

O Xaden avança – toda aquela envergadura, todo aquele arcaboiço – vestido com as peles de combate e uma camisa de manga curta justa que só faz com que as relíquias da rebelião pretas e cintilantes que lhe marcam a pele pareçam um aviso ainda maior, o que eu sei que é ridículo, mas, de alguma maneira, não deixa de ser verdade.

A pulsação sobe-me em flecha, como se o meu corpo soubesse a verdade que a minha cabeça ainda não aceitou na totalidade. Estou prestes a levar um enxerto de porrada… ou pior.

– Deliciem-se com o que vão ver – diz o Professor Emetterio, a bater palmas. – O Xaden é um dos nossos melhores lutadores. Vejam e aprendam.

– Claro que sim – murmuro entre dentes, com o estômago a andar às voltas como se tivesse sido eu a comer as raspas do *walwyn*.

Um canto da boca do Xaden dobra-se num sorriso pretensioso e os raios dourados que lhe brilham nos olhos parecem dançar. Este traste sádico está a gostar disto.

Tenho os joelhos, os tornozelos e o pulso ligados e o tecido branco que me protege o dedo em recuperação contrasta visivelmente com as minhas peles pretas.

– Não é bem do mesmo campeonato, não acham? – aponta o Dain ao lado do tapete, a tensão a transpirar em todas as palavras.

– Calma, Aetos. – O Xaden olha por cima do meu ombro para onde eu sei que está o Dain, que é o lugar onde está sempre quando eu estou no tapete, com uma expressão fria. O olhar que o Xaden lhe lança faz-me perceber que não tem sido muito duro quando olha para mim. – Ela vai estar inteira quando eu acabar de lhe dar uma *lição*.

– Não me parece nada justo que… – a voz do Dain eleva-se.

– Ninguém te mandou pensar, *chefe da esquadra* – riposta o Xaden a dirigir-se para o lado e a pegar em todas as armas que tem no corpo – e são muitas – para as entregar à Imogen.

O sabor amargo e ilógico do ciúme enche-me a boca, mas não tenho tempo para me deter nessa estranha particularidade, uma vez que faltam poucos segundos para ele se virar para mim de novo.

– Achas que não vais precisar disso? – pergunto, a agarrar as minhas facas. O peito dele é enorme, com ombros largos e braços altamente musculados ao lado. Um alvo tão grande deve ser fácil de atingir.

– Acho, porque parece-me que trouxeste armas suficientes para ambos. – Um sorriso perverso pinta-lhe os lábios quando ele estende a mão e dobra os dedos num movimento de chamamento. – Vamos lá.

O meu coração bate mais depressa do que as asas de uma cotovia quando assumo a posição de combate e espero que ele faça a primeira investida. Este tapete só tem seis metros de comprimento por seis metros de largura, mas todo o meu mundo se confina a ele e aos perigos que encerra.

O Xaden não faz parte da minha esquadra. Pode matar-me sem castigo.

Arremesso-lhe um punhal em direção ao peito ridiculamente bem esculpido.

Ele *agarra*-o, caramba, e faz que não a estalar a língua no céu da boca.

– Já conheço esse ataque.

Foda-se, o homem é rápido.

Tenho de ser mais rápida. É a única vantagem que tenho e a única coisa em que penso quando avanço numa combinação de golpes de faca e pontapés que a Rhiannon nunca deixou de me inculcar ao longo das últimas seis semanas. Ele esquiva-se com engenho da minha faca e agarra-me a perna. A terra anda à volta e eu caio de costas, um impacto súbito que me tira o ar dos pulmões.

Mas ele não vai para o ataque fatal. Em vez disso, deixa cair o punhal que tinha agarrado e chuta-o do tapete, e, um segundo depois, quando o ar me entra de

fininho nos pulmões, eu levanto-me de um pulo com mais um punhal e lanço-me à coxa dele.

Ele bloqueia a minha investida com o antebraço para depois me agarrar o braço com a outra mão e me tirar a faca dos dedos, antes de se inclinar até ter o rosto a poucos centímetros do meu.

– Estás à procura de sangue, não estás, Violência? – sussurra ele. Ouço metal a bater no tapete e ele pontapeia-o de trás da minha cabeça para fora do meu alcance.

Não está a pegar nos meus punhais para os usar contra mim; está a desarmar-me só para provar que é capaz. O meu sangue começa a ferver.

– Chamo-me *Violet* – sublinho, em ebulição.

– Acho que a minha versão condiz melhor contigo. – Larga-me o pulso e põe-se a pé, antes de me estender a mão.

– Ainda não acabámos.

O meu peito agita-se, ofegante, ainda a recuperar da forma como ele me tirou o fôlego, e aceito a oferta. Ele ajuda-me a levantar com um puxão, depois torce-me o braço e puxa-me contra o seu peito duro, imobilizando as nossas mãos juntas antes de eu ter a oportunidade de me equilibrar.

– Raios! – disparo.

Sinto um puxão na coxa e outro dos meus punhais pressionado na minha garganta quando já estou com a nuca encostada ao peito dele. O Xaden tem o antebraço a prender-me as costelas e poderia muito bem ser uma estátua, uma vez que não sinto nada a ceder em todo aquele corpo. Não adianta tentar bater com a cabeça para trás, porque ele é tão alto que iria apenas irritá-lo.

– Não confies numa única pessoa que te enfrentar neste tapete – adverte com os dentes cerrados, o fôlego quente a bater-me na orelha e, embora estejamos rodeados de pessoas, percebo que ele fala baixo por uma razão. Esta lição é só para mim.

– Mesmo alguém que me deva um favor? – retruco com a voz igualmente baixa. O meu ombro começa a queixar-se do ângulo pouco natural, mas não me mexo. Não lhe vou dar essa satisfação.

O Xaden deixa cair o terceiro punhal que me conseguiu tirar e chuta-o para a frente. Vai ter com o Dain, que já está com os outros dois na mão. Tem os olhos fixados no Xaden com uma expressão assassina.

– Sou eu que decido quando te vou conceder esse favor. Não és tu. – O Xaden larga-me a mão e recua.

Eu dou meia-volta e tento dar-lhe um soco na garganta, mas ele afasta-me a mão para o lado.

– Muito bem – diz com um sorriso, evitando o meu golpe seguinte, que não serviu sequer para lhe alterar a respiração. – Atacar a garganta é a tua melhor opção, se estiver exposta.

A fúria leva-me a tentar pontapeá-lo novamente seguindo o mesmo padrão, numa cedência à minha memória muscular, e ele volta a agarrar-me a perna, só que, desta vez, retira o punhal lá embainhado e deixa-o cair no tapete antes de me largar e de levantar uma sobrancelha desiludida na minha direção.

– Espero que aprendas com os teus erros. – Chuta o punhal para longe.

Só me restam cinco, todos embainhados nas costelas.

Pego num, coloco as mãos em posição de defesa e começo a andar à volta dele, mas, num gesto que me deixa os nervos em franja, o Xaden nem se dá ao trabalho de olhar para mim. Deixa-se ficar ali no centro do tapete, com as botas pregadas ao chão e os braços soltos enquanto eu me movo à volta dele.

– Vais ficar aí a saltitar ou vais atacar?

Ele que se foda.

Lanço o punhal para a frente, mas ele baixa-se e a arma passa-lhe mais de 15 centímetros por cima do ombro. Sinto um nó no estômago quando me agarra no braço, me puxa para a frente e me roda pelo lado do corpo dele. Voo por um segundo antes de embater no tapete, com as costelas a absorverem o impacto.

O Xaden torce-me o braço num movimento de domínio. Uma dor lancinante percorre-me o corpo e eu grito e deixo cair o punhal, mas ele ainda não acabou. Não, tem o joelho cravado nas minhas costelas e, embora me mantenha o braço imobilizado com uma mão, a outra puxa-me um punhal da bainha e atira-o para os pés do Dain, antes de pegar noutro e o pousar na pele macia onde o meu maxilar acaba e o meu pescoço começa.

De seguida, debruça-se sobre mim.

– Eliminar o inimigo antes da batalha é muito inteligente; tenho de o admitir – sussurra ele, com o fôlego quente a roçar-me a orelha.

Oh, deuses. Ele sabe o que eu tenho andado a fazer. A dor que sinto no braço não é nada comparada com a indisposição que me dá voltas ao estômago só de

pensar no que poderá fazer com o que sabe.

– O problema é que, se não te testares verdadeiramente aqui… – Raspa-me o punhal pelo pescoço abaixo, mas não sinto o sangue a escorrer e sei que ele não me cortou. – … não vais melhorar nada.

– Preferias que eu morresse, bem sei – riposto com a face pressionada contra o tapete. Isto não é apenas doloroso, é humilhante.

– E abster-me do prazer da tua companhia? – pergunta em tom trocista.

– Odeio-te, caralho. – As palavras saem-me dos lábios antes de eu conseguir fechar a boca.

– Não é isso que te torna especial.

A pressão sobre o meu peito e o meu braço amaina quando ele se levanta e pontapeia ambos os punhais na direção do Dain.

Mais dois. Só tenho mais dois, e agora a indignação e raiva que sinto superam em muito o medo.

Ignorando o braço estendido do Xaden, ponho-me a pé e os lábios dele dobram-se num sorriso de aprovação.

– Afinal, pode ser ensinada, a menina.

– A menina aprende depressa – replico.

– Isso é o que vamos ver. – Ele recua dois passos, criando mais espaço entre nós e volta a dobrar os dedos na minha direção.

– Já provaste o que tinhas a provar – atiro com a voz suficientemente alta para ouvir a Imogen a resfolegar.

– Ainda mal comecei, acredita. – Cruza os braços e apoia-se sobre os calcanhares, claramente à espera que eu avance.

Eu não penso, limito-me a agir. Aposto num ataque baixo e pontapeio-lhe as partes de trás dos joelhos.

Ele cai como uma árvore, um som mais do que satisfatório, e eu lanço-me na direção dele para tentar fazer-lhe uma gravata. Toda a gente precisa de ar, independentemente do tamanho que tenha. Agarro-lhe o pescoço com a dobra do cotovelo e aperto.

Em vez de ir para os meus braços, ele gira e agarra-me as coxas por trás, pelo que eu perco a vantagem e os nossos corpos rolam a toda a velocidade. É ele quem fica por cima.

Como não poderia deixar de ser.

Pousa o antebraço na minha garganta sem me cortar o ar, mas completamente capaz de o fazer, e prende-me a anca com a dele, tolhendo-me a força das pernas de ambos os lados das dele com a força que o peso do corpo exerce sobre as minhas coxas. É inamovível.

Tudo à nossa volta se desvanece e o meu mundo resume-se ao brilho arrogante do olhar dele. Só o vejo a ele, só o sinto a ele.

E não o posso deixar vencer.

Puxo um dos meus últimos punhais e lanço-me para o ombro dele.

Ele agarra-me o pulso e prende-o acima da minha cabeça.

Merda. Merda. MERDA.

Sinto calor a subir-me pelo pescoço e as faces a afoguear-se quando ele baixa o rosto até que os lábios fiquem a poucos centímetros dos meus. Consigo distinguir cada grão de ouro naqueles olhos ónix, cada curva e contracurva da cicatriz.

Cabrão. Lindo. Como. O. Caralho.

Fico sem ar e o meu corpo, esse traidor devasso, aquece. *Não sentes atração por homens tóxicos,* recordo a mim mesma, mas aqui estou, a ficar toda caidinha. Sinto-me atraída por ele desde o primeiro segundo em que o vi, se a ideia é ser sincera.

O Xaden crava os dedos no meu punho fechado e abre-o à força, antes de atirar o punhal a rebolar para o outro lado do tapete e de me largar o pulso.

– Pega no teu punhal – ordena.

– O quê? – Arregalo os olhos. Ele já me deixou indefesa e pronta para morrer.

– Pega. No. Teu. Punhal – repete, pegando-me pela mão para eu ir buscar o punhal que me resta. Os dedos dele dobram-se sobre os meus, que agarram o cabo da arma.

A minha pele irrompe em fogo ao sentir os dedos dele a enlaçar-se nos meus.

Tóxico. Perigoso. Quer matar-te. Não, não importa. A minha pulsação não deixa de se sacudir como se eu fosse uma adolescente.

– És minúscula. – Di-lo como se fosse um insulto.

– Bem sei. – Semicerro os olhos.

– Então deixa de tentar esses ataques em força que te deixam vulnerável. – Ele arrasta a ponta do punhal pela ilharga abaixo. – Uma estocada nas costelas teria

sido suficiente. – Depois guia as nossas mãos para trás das costas, de forma a fazer-se vulnerável. – Os rins também são uma boa opção deste ângulo.

Eu engulo em seco, a recusar-me a pensar em outras boas opções deste ângulo.

O Xaden conduz-nos as mãos para a cintura dele, com o olhar sempre posto no meu.

– O mais provável é que este seja o ponto fraco do teu adversário, se tiver uma couraça vestida. Estes são três lugares que poderias atacar com facilidade antes de o teu adversário ter tempo de te parar.

Também seriam feridas fatais e eu evitei-as a todo o custo.

– Estás a ouvir-me?

Faço que sim com a cabeça.

– Ainda bem. Afinal, não podes envenenar todos os inimigos que te aparecerem à frente – sussurra, e eu fico branca. – Não vais ter tempo de oferecer chá a um grifo braevi quando eles forem atrás de ti.

– Como é que sabias? – pergunto, por fim. Os meus músculos retesam-se, incluindo os das coxas, que por acaso continuam a envolver-lhe a anca.

Os olhos dele fazem-se mais foscos.

– Oh, Violência, és boa, mas já conheci mestres de venenos mais hábeis. O truque é não fazer as coisas de forma tão óbvia.

Os meus lábios entreabrem-se e contenho uma réplica. Ia dizer-lhe que tive o cuidado de não ser óbvia, mas calei-me.

– Acho que já lhe deste lições suficientes por hoje – berra o Dain, o que me lembra que estamos longe de estar sozinhos. Não, estamos a dar o raio de um espetáculo.

– Ele é sempre assim tão superprotetor? – resmunga o Xaden, a levantar-se alguns centímetros do tapete.

– Preocupa-se comigo. – Olho-o com uma expressão de fúria.

– Ele é um empecilho para ti. Não te preocupes. O teu segredinho do veneno está seguro comigo. – O Xaden levanta uma sobrancelha como que para me lembrar que eu também me comprometi a guardar um dos segredos dele. Depois guia-nos as mãos de volta para as suas costas e enfia a faca com o rubi no punho na respetiva bainha.

É um gesto aflitivamente… sensual.

– Não me vais desarmar? – pergunto em desafio quando me larga e se levanta um pouco mais, retirando o peso do corpo dele sobre o meu. As minhas costelas expandem-se e respiro livremente pela primeira vez em muito tempo.

– Não. Nunca gostei muito de mulheres indefesas. Acabámos por hoje. – Põe-se a pé e sai do tapete sem dizer mais nada, pegando nas armas que a Imogen lhe estava a guardar enquanto eu me levanto do tapete e fico de joelhos. Dói-me o corpo todo, mas lá me consigo levantar.

Os olhos do Dain brilham de alívio quando chego ao pé dele para pegar nos punhais que o Xaden me tirou.

– Estás bem?

Eu faço que sim com a cabeça e rearmo-me com os dedos a tremer. O Xaden teve a oportunidade e tinha todas as razões para me matar, mas já me deixou escapar *duas vezes*. Que tipo de jogo estará ele a jogar?

– Aetos – grita o Xaden do outro lado do tapete.

A cabeça do Dain levanta-se como um tiro e o maxilar cerra-se.

– O que ela precisa é de um pouco menos de proteção e de um pouco mais de instrução. – O Xaden fixa os olhos nos do Dain até ele assentir com cabeça.

O Professor Emetterio anuncia o desafio seguinte.

– Fiquei foi surpreendido por não te ter matado – diz o Dain à noite no quarto dele enquanto finca os dedos no músculo entre o meu pescoço e o meu ombro.

É uma dor deliciosa, vale bem a pena o sacrifício de vir para aqui às escondidas.

– Não me parece que ele fosse granjear grande respeito se me partisse o pescoço no tapete. – Os cobertores do Dain são suaves na minha barriga deitada na cama dele, nua da cintura para cima tirando a faixa que me constrange os seios e as costelas. – Além disso, não é o estilo dele.

As mãos do Dain param na minha pele.

– Porque tu sabes qual é o estilo dele?

O sentimento de culpa por guardar o segredo do Xaden dá-me um nó no estômago.

– Ele disse-me que não via nenhuma razão para me matar quando o parapeito o podia fazer por ele – respondo com sinceridade. – E, convenhamos, já teve

muitas oportunidades para me eliminar, pelo que já o teria feito se fosse esse o objetivo dele.

– Hum. – O Dain murmura com aquele tom tão dele e continua a trabalhar sobre os meus músculos tensos e doridos debruçado sobre o lado da cama. A Rhiannon treinou-me mais duas horas depois do jantar, e mal me conseguia mexer quando chegámos ao fim.

Parece que não fui a única que ficou assustada com o Xaden esta tarde.

– Achas que ele pode estar a conspirar contra Navarre e mesmo assim ter conseguido vincular-se à Sgaeyl? – pergunto, com a face pousada no cobertor dele.

– De início pensei. – As mãos do Dain descem pela minha coluna e apertam os nós que fizeram com que fosse quase impossível levantar os braços na última hora do treino desta noite. – Mas depois vinculei-me ao Cath e percebi que os dragões fariam tudo para proteger o Vale e os terrenos sagrados onde põem os ovos. Não há nenhuma hipótese de um dragão se ter vinculado ao Riorson ou a qualquer outro separatista se eles não estivessem a ser sinceros relativamente à intenção de protegerem Navarre.

– Mas um dragão consegue saber se alguém está a mentir? – Viro a cabeça para lhe conseguir ver o rosto.

– Consegue. – Sorri. – O Cath teria de saber porque está na minha cabeça. É impossível escondermos algo desse género ao nosso dragão.

– Ele está sempre na tua cabeça? – Eu sei que perguntar vai contra as regras, não se pode discutir nada sobre os vínculos, uma vez que os dragões são muito reservados, mas estou a falar com o Dain.

– Está – responde ele, com o sorriso a esbater-se. – Posso bloqueá-lo se precisar e depois da Debulha ensinam-nos a fazer isso… – A expressão dele vai-se abaixo.

– O que foi? – Sento-me, coloco uma das almofadas à frente do peito e recosto-me na cabeceira.

– Falei com o coronel Markham há pouco. – O Dain dirige-se para a cadeira junto à secretária, puxa-a e senta-se. Depois pousa a cabeça nas mãos.

– Aconteceu alguma coisa? – O medo arrepia-me a espinha. – Tem que ver com a divisão da Mira?

– Não! – A cabeça do Dain ergue-se de chofre e há tanta tristeza naqueles olhos, que eu viro os pés para fora da cama. – Não tem nada que ver com isso. Eu disse-lhe… que acho que o Riorson te quer matar.

Pestanejo e volto a recostar-me na cama.

– Oh, bem, isso não é uma grande novidade, pois não? Toda a gente que tenha lido uma história da rebelião é capaz de somar dois mais dois, Dain.

– Sim, bem, também lhe falei do Barlowe, e do Seifert. – Passa a mão pelo cabelo. – Não penses que eu não reparei na forma como o Seifert te atirou contra a parede antes da formação hoje de manhã. – Levanta uma sobrancelha na minha direção.

– Ele só está chateado por eu lhe ter tirado o punhal naquele primeiro desafio. – Aperto a almofada com mais força.

– E a Rhiannon disse-me que encontraste flores esmagadas na tua cama na semana passada? – Ele crava os olhos em mim.

Eu encolho os ombros.

– Eram só flores mortas.

– Eram *violetas* mutiladas. – A boca dele cerra-se; vou até ele e pouso-lhe as mãos na cabeça.

– Não traziam nenhuma nota a prometer matar-me nem nada disso – digo, em jeito de provocação, enquanto lhe afago o cabelo castanho.

Ele levanta a cabeça e olha para mim. As luzes mágicas dão-lhe mais brilho aos olhos acima da barba aparada.

– São ameaças.

Encolho os ombros.

– Todos os cadetes recebem ameaças.

– Nem todos os cadetes têm de ligar os joelhos todos os dias – riposta o Dain.

– Os feridos têm. – Franzo o sobrolho, com a irritação a florescer no meu peito. – E porque é que foste falar sobre isso com o Markham, afinal? Ele é um copista e não iria fazer nada mesmo que pudesse.

– Ele disse que ainda te levaria – desembucha o Dain, as mãos a voar para o meu quadril, para me segurar no lugar quando tento afastar-me. – Perguntei-lhe se ele te deixaria ir para o Quadrante dos Copistas para a tua própria segurança e ele disse que sim. Colocar-te-iam junto com os outros instruendos do primeiro

ano. Não terias propriamente de esperar até ao próximo Dia do Alistamento nem nada disso.

– Fizeste o quê? – Viro-me para me livrar das mãos dele e afastar-me do meu melhor amigo.

– Vi uma forma de te tirar do perigo e aproveitei-a. – Põe-se de pé.

– Foste falar com ele sem me dizer nada porque achas que eu não estou à altura. – A verdade das palavras aperta-me o peito como um torno e tira-me o fôlego. Em vez de me ajudarem, deixam-me fraca e ofegante. O Dain conhece-me melhor do que *ninguém*, e se *continuar* a achar que eu não sou capaz de fazer isto depois de me ter aguentado até agora…

As lágrimas humedecem-me os olhos, mas recuso-me a deixá-las cair. Em vez disso, baixo o queixo e pego no meu colete com escamas de dragão, visto-o por cima da cabeça, junto os cordões na zona lombar e aperto-os.

O Dain suspira.

– Eu nunca disse que acho que não vais ser capaz, Violet.

– Dizes isso todos os dias! – atiro. – Dize-lo quando me acompanhas da formação à aula, que eu sei que te atrasa para a linha de voo. Dize-lo quando gritas com o chefe da tua divisão por ele me levar ao tapete…

– Ele não tinha o direito de…

– É o *chefe da minha divisão!* – Enfio a túnica sobre a cabeça. – Tem o direito de fazer o quiser, incluindo executar-me.

– E é por isso que tens de te pôr a andar daqui! – O Dain entrelaça os dedos atrás do pescoço e começa a andar de um lado para o outro. – Eu tenho estado a observar, Vi. Ele está só a brincar contigo, como um gato brinca com um rato antes de o matar.

– Eu tenho-me aguentado até agora. – A minha bolsa está pesada, cheia de livros, quando a penduro ao ombro. – Ganhei todos os desafios…

– Exceto hoje em que ele esteve a limpar o chão contigo a seu bel-prazer. – Agarra-me os ombros. – Ou esqueceste-te da parte em que te tirou todas as armas para te mostrar a facilidade com que consegue derrotar-te?

Levanto o queixo e olho-o com uma expressão furiosa.

– Eu estava lá e sobrevivi quase dois meses neste lugar, o que é mais do que posso dizer sobre um quarto do meu ano!

– Sabes o que acontece na Debulha? – pergunta-me num tom mais baixo.

– Estás a chamar-me ignorante? – A ira fervilha-me nas veias.

– Não é só a vinculação – continua ele. – Atiram todos os instruendos do primeiro ano para os terrenos de treino, uns em que *nunca* estiveste, e depois espera-se que os instruendos do segundo e terceiro anos vos observem enquanto vocês decidem quais são os dragões de que se devem aproximar ou afastar.

– Eu sei como funciona. – Cerro o maxilar.

– Sim, bem, a verdade é que os instruendos do primeiro começam a exercer as suas vinganças e a eliminar quaisquer… riscos para a divisão com os cavaleiros a ver.

– Eu não sou nenhum risco, caramba. – Volto a sentir um aperto no peito, porque, no fundo, sei que, do ponto de vista físico, sou.

– Para mim, não – sussurra ele a levantar a mão em concha para o meu rosto. – Mas eles não te conhecem como eu, Vi. E nós vamos ter de ficar a *ver* os instruendos do primeiro ano, como o Barlowe e o Seifert, a ir atrás de ti. Eu vou ter de ficar a *ver*, Violet. – O tom rachado da voz do Dain leva-me toda a raiva que estava a acumular. – Não *podemos ajudar-vos.* Salvar-vos.

– Dain…

– E quando eles recolhem os corpos para o rol, ninguém vai registar *como* morreu cada cadete. Tanto pode cair sob a faca do Barlowe como sob a presa de um dragão.

Eu respiro com dificuldade num assomo de medo.

– O Markham diz que te colocam no Quadrante dos Copistas sem dizer nada à tua mãe até ao fim do primeiro ano. Quando ela descobrir, já terás sido nomeada copista. Depois disso não poderá fazer nada. – Levanta o outro braço de forma a segurar o meu rosto com ambas as palmas das mãos e levantá-lo na direção do dele. – Por favor. Se não o fizeres por ti, fá-lo por mim.

O meu coração titubeia e fico indecisa, embora os argumentos que ele usa me puxem para o que me está a sugerir. *Mas já chegaste a este ponto*, suspira uma parte de mim.

– Não te posso perder, Violet – sussurra ele, a encostar a testa à minha. – Não posso… de maneira nenhuma.

Fecho os olhos com força. Esta é a minha saída, mas eu não a quero aproveitar.

– Promete-me pelo menos que vais pensar nisso – suplica ele. – Ainda temos quatro semanas até à Debulha. Pensa nisso… pelo menos. – A esperança na voz

dele e a forma terna como me abraça baixa-me todas as defesas.

– Vou pensar nisso.

Não subestimes a dificuldade do Guante, Mira. Foi concebido para testar o teu equilíbrio, a tua força e a tua agilidade. Os tempos não interessam nem um bocadinho, a única coisa que importa é que chegues ao cimo. Atira-te para as cordas quando tiver de ser. Chegares em último lugar é melhor do que chegares morta.

– Página quarenta e seis, O Livro do Brennan



CAPÍTULO X

Eu olho para cima, e para cima e mais para cima, com o medo a enrolar-se no estômago como uma cobra pronta para atacar.

– Bem, aquilo é… – A Rhiannon engole em seco, com a cabeça inclinada para trás como a minha, ambas a olharmos para o ameaçador caminho de obstáculos lavrado na parte da frente de uma cumeada tão íngreme, que podia muito bem ser um penhasco. Aquele trilho sinuoso que mais parece uma armadilha mortal ergue-se à nossa frente, a subir em cinco ziguezagues diferentes com curvas de 180 graus, cada um deles a aumentar de dificuldade a caminho do topo da escarpa que divide a cidadela do campo de voo e do Vale.

– Fabuloso – suspira a Aurelie.

A Rhiannon e eu viramo-nos, ambas a olhá-la fixamente como se ela tivesse batido com a cabeça.

– Achas que este cenário infernal é *fabuloso*? – pergunta a Rhiannon.

– Estou há anos à espera disto! – diz a Aurelie com um sorriso aberto e os olhos pretos sérios a dançar sob o sol da manhã enquanto esfrega as mãos e transfere o peso de uma perna tonificada para a outra, exultante. – O meu pai, que era cavaleiro até se reformar no ano passado, costumava construir caminhos

de obstáculos como este para nós podermos treinar, e o Chase, que é o meu irmão, disse que era a melhor parte de estar aqui antes da Debulha. É uma verdadeira descarga de adrenalina.

– Ele está na Divisão Sul, certo? – pergunto, focada no caminho de obstáculos que sobe *pela vertente do raio do penhasco*. Parece mais uma armadilha mortal do que uma descarga de adrenalina, mas sim, podemos aceitar isso. Pensamento positivo para a vitória, não é?

– Sim. Basicamente, é trabalho de secretária tendo em conta o que veem na fronteira de Krovlan. – Ela encolhe os ombros e aponta para um local a cerca de dois terços do caminho. – Ele disse para ter cuidado com aqueles postes gigantes que se projetam da vertente do penhasco. Rodam e podemos ficar esmagadas entre eles se não formos suficientemente rápidas.

– Ah, bom, estava a perguntar-me quando é que chegariam as dificuldades – murmura a Rhiannon.

– Obrigada, Aurelie. – Localizo a série de troncos muito próximos uns dos outros com quase um metro de largura, projetados do terreno rochoso como um conjunto de degraus redondos que se elevam do chão para o ziguezague mais acima e faço que sim com a cabeça. Não perder tempo. Percebido. *Podias ter incluído essa pepita, Brennan.*

O caminho de obstáculos é a materialização do meu pior pesadelo. Pela primeira vez desde que o Dain me suplicou para me ir embora na semana passada, penso verdadeiramente na oferta do Markham. Não existem caminhos mortais no Quadrante dos Copistas, isso é certo.

Mas já chegaste até aqui. Ah, aqui está ela, a vozinha que anda a falar-me ao ouvido nos últimos tempos, a atrever-se a dar-me esperança de que poderei sobreviver à Apresentação.

– Continuo a não ter a certeza porque lhe chamam Guante – diz o Ridoc à minha direita, a soprar para as mãos fechadas em concha para dissipar o frio matinal. O sol não tocou nesta pequena reentrância, mas está a brilhar no último quarto do caminho.

– Para eliminar os elos mais fracos e garantir que os dragões continuam a ir à Debulha. – O Tynan sorri com desdém do outro lado do Ridoc e dobra os braços sobre o peito enquanto me olha muito deliberadamente.

Eu lanço-lhe um olhar furioso, mas depois desvio-o. O Tynan anda irritadiço desde que a Rhiannon o usou como saco de pancada no tapete na aferição.

– Para com essa merda, caramba – atira o Ridoc, chamando a atenção de toda a esquadra.

Levanto as sobrancelhas. Nunca vi o Ridoc a perder a paciência nem a usar outra estratégia que não fosse a do humor para acalmar as coisas.

– Qual é o teu problema? – O Tynan tira uma melena de cabelo denso e escuro dos olhos e vira-se como se pretendesse intimidar o Ridoc com o olhar, mas não funciona muito bem, uma vez que o Ridoc é duas vezes mais largo e quase um palmo mais alto do que ele.

– O meu problema? Achas que por teres travado amizade com o Barlowe e com o Seifert tens o direito de ser um idiota com uma colega da tua esquadra? – desafia o Ridoc.

– Exatamente. *Colega de esquadra.* – O Tynan aponta para o caminho de obstáculos. – Os nossos tempos não são classificados apenas individualmente, Ridoc. Também somos pontuados como esquadra, que é a forma como a ordem de Apresentação é decidida. Achas mesmo que haverá algum dragão disposto a vincular-se a um cadete que chega depois dos outros todos no cortejo?

Muito bem, ele tem razão. É uma merda, mas é verdade.

– Eles não nos estão a cronometrar para a Apresentação hoje, otário. – O Ridoc dá um passo em frente.

– Parem. – O Sawyer arrasta os pés entre os dois e dá um empurrão suficientemente forte no peito do Tynan para o deixar a cambalear de encontro à rapariga atrás dele. – Acreditem em alguém que conseguiu ultrapassar a Apresentação no ano passado: o vosso tempo não significa nada. O último cadete a chegar no ano passado não teve dificuldades em vincular-se e alguns dos instruendos da primeira esquadra a chegar ao campo foram deixados para trás.

– Alguma azia com isso, não? – pergunta o Tynan com um sorriso presumido.

O Sawyer ignora o remoque.

– Além disso, não se chama Guante por eliminar cadetes.

– Chama-se Guante porque é um penhasco que protege o Vale – diz o Professor Emetterio, a aparecer atrás da nossa esquadra com a cabeça rapada a brilhar sob o Sol cada vez mais alto. – Além disso, os verdadeiros guantes, luvas de armaduras feitas de metal, são escorregadios como o diabo e o nome pegou há

cerca de vinte anos. – Levanta uma sobrancelha para o Tynan e o Sawyer. – Vocês os dois já acabaram com a discussão? Porque vocês os nove têm exatamente uma hora para chegar ao cimo antes de outra esquadra ter a oportunidade de treinar, e pelo que vi da vossa agilidade no tapete, vão precisar de todos os segundos.

Ouve-se um burburinho de assentimento no nosso pequeno grupo.

– Como sabem, não vai haver confrontos corpo a corpo nas próximas duas semanas e meia até à Apresentação para se poderem concentrar aqui. – O Professor Emetterio vira uma página no pequeno caderno que traz com ele. – Sawyer, tu vais mostrar-lhes como é que se faz, uma vez que já conheces os cantos à casa. Depois vão o Pryor, a Trina, o Tynan, a Rhiannon, o Ridoc, a Violet, a Aurelie e a Luca. Um sorriso dobra-lhe a linha severa da boca quando acaba de anunciar todos os nomes da nossa esquadra e nós nos enfileiramos na ordem certa. – A vossa esquadra foi a única que permaneceu intacta desde o Parapeito, o que é incrível. O chefe da vossa esquadra deve estar muito orgulhoso. Esperem aqui por um segundo. – Ele passa por nós e acena para alguém em cima no penhasco.

Não há dúvida de que há alguém com um relógio.

– O Aetos está especialmente orgulhoso da Sorrengail. – O Tynan lança-me um sorriso escarninho assim que vê que o nosso instrutor não o consegue ouvir.

Eu fico a ferver.

– Bem, diz toda a merda que quiseres sobre mim, mas não metas o Dain em nada disso.

– Tynan – adverte o Sawyer a abanar a cabeça.

– Como se nenhum de vocês ficasse incomodado por o chefe da nossa esquadra andar a foder uma de nós? – O Tynan atira as mãos para cima.

– Não estou… – começo com a indignação a levar-me a melhor antes de poder respirar fundo. – Para dizer a verdade, não tens nada que ver com quem ando a dormir ou não, Tynan. – Mas, se vou ter a fama, não poderei ter algum do proveito? Se bem o conheço, o Dain está tão de acordo como este idiota na ideia de que a fraternização é desincentivada na cadeia de comando. Mas se realmente quisesse, faria alguma coisa nesse sentido, certo?

– Incomoda se significar que tens um tratamento privilegiado! – acrescenta a Luca.

– Por amor dos deuses – resmunga a Rhiannon, a esfregar a cana do nariz. – Luca e Tynan, calem-se. Eles não andam a dormir juntos. São amigos desde que eram crianças, ou não sabem o suficiente sobre a nossa chefia para saberem que o pai dele é assessor da mãe dela?

O Tynan arregala os olhos, como se estivesse verdadeiramente surpreendido.

– A sério?

– A sério. – Abano a cabeça e estudo o caminho.

– Merda. Peço… desculpa. O Barlowe disse…

– E esse foi o teu primeiro erro – interrompe o Ridoc. – Ouvir esse idiota sádico vai acabar por te matar. E tens sorte de o Aetos não estar aqui.

É verdade. O Dain não se limitaria a ficar ofendido com as presunções do Tynan e provavelmente atribuir-lhe-ia tarefas de limpeza por um mês. Ainda bem que está no campo de voo nesta altura do dia.

O Xaden dar-lhe-ia um enxerto de porrada com toda a certeza.

Pestanejo e atiro esta comparação e qualquer outro pensamento relacionado com o Xaden Riorson bem para trás das costas.

– Cá vamos nós! – O Professor Emetterio dirige-se para a frente da nossa fila. – Saberão o vosso tempo no cimo do caminho, se lá chegarem, mas lembrem-se de que ainda têm nove sessões de treino antes de vos classificarmos para a Apresentação daqui a duas semanas e meia, que é quando saberemos se os dragões vos consideram suficientemente valorosos ou não na Debulha.

– Não faria mais sentido deixar os instruendos do primeiro ano treinar isto logo depois do Parapeito? – pergunta a Rhiannon. – Enfim, para nos darem um pouco mais de tempo para nos prepararmos e não morrermos.

– Não – responde o Professor Emetterio. – Esta calendarização faz parte do desafio. Tens palavras sábias para partilhar, Sawyer?

O Sawyer deixa escapar um suspiro lento com os olhos postos no caminho traiçoeiro.

– Há cordas a cada dois metros que vêm do cimo da vertente e vão até ao fundo – diz ele. – Por isso, se começarem a cair, estiquem-se e agarrem-se a uma corda. Vai custar-vos trinta segundos, mas a morte vai custar-vos mais.

Fabuloso.

– Bem, estou a ver um conjunto de degraus perfeitamente adequado. – O Ridoc aponta para a íngreme escada esculpida no penhasco ao lado dos

amplos ziguezagues do Guante.

– As escadas são para chegar ao campo de voo no cimo da cumeeira *depois* da Apresentação – diz o Professor Emetterio, que depois levanta as mãos para o caminho e dobra o pulso a apontar para os vários obstáculos.

O tronco de 4,5 metros no início da subida começa a rodar. Os pilares da terceira subida oscilam. A roda gigante no primeiro ziguezague começa a sua rotação no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. E os pequenos postes a que a Aurelie se referiu giram todos em direções opostas.

– Cada uma das cinco subidas deste caminho foi concebida para emular os desafios que vocês vão enfrentar em batalha. – O Professor Emetterio vira-se para olhar para nós com o rosto tão severo como costuma estar durante o nosso treino de combate habitual. – Do equilíbrio que têm de ter no dorso do vosso dragão, à força de que vão precisar para conseguirem aguentar-se no vosso lugar durante as manobras, passando… – Aponta para cima, onde está o último obstáculo, que, deste ângulo, parece uma rampa de 90 graus. – … pela resistência de que vão precisar para lutar no terreno e depois continuarem a conseguir subir para o dorso do vosso dragão de um momento para o outro.

Os postes batem num pedaço de granito, que se solta e cai pelo caminho abaixo, derrubando todos os obstáculos que lhe aparecem diante até se desfazer em pedaços cerca de seis metros à nossa frente. Se alguma vez houve uma metáfora para a minha vida, bem… aqui está ela.

– Uau – sussurra a Trina, com os olhos castanhos arregalados a olhar para a rocha feita em pedaços. Eu sou a mais baixa da nossa esquadra, mas a Trina é a mais calada, a mais reservada. Consigo contar com os dedos de ambas as mãos o número de vezes que falou comigo desde o Parapeito. Se ela não tivesse amigos na Primeira Divisão, ficaria preocupada, mas a Trina não tem de se abrir connosco para sobreviver no quadrante.

– Estás bem? – pergunto-lhe num suspiro.

Ela engole em seco e inclina a cabeça em assentimento, com um dos caracóis do cabelo ruivo a bater-lhe na testa.

– E se não conseguirmos chegar ao topo? – pergunta a Luca à minha direita, a apanhar o cabelo comprido numa trança larga, a soberba habitual não tão ostensiva hoje. – Qual é a via alternativa?

– Não há alternativa. Se não conseguirem chegar ao topo, não conseguem chegar à Apresentação, não é assim? Assume a tua posição, Sawyer – ordena o Professor Emetterio, e o Sawyer avança para o início do caminho. – Depois de ele passar pelo último obstáculo, para que todos possam aprender com o percurso deste cadete, os outros começarão com intervalos de 60 segundos. E… vamos!

O Sawyer arranca disparado. Percorre facilmente os 4,5 metros em volta do tronco em rotação paralelo à vertente da colina e ultrapassa os pilares altos que vêm a seguir, mas precisa de três rotações dentro da roda para saltar pela única abertura. Tirando isso, não vejo um único passo em falso na primeira subida. Nem. Um.

Ele vira-se e precipita-se para a série de bolas pendentes gigantes que compõem a segunda subida, saltando para cima delas e abraçando-as uma após a outra. Com os pés em terra firme outra vez, vira-se de novo e segue para a terceira subida, que está dividida em duas secções. A primeira parte tem barras gigantes de metal a penderem paralelas à vertente do penhasco e ele balança-se com um braço em cima do outro para usar o peso do corpo e o ímpeto assim criado para fazer a vara oscilar para a frente e chegar à seguinte, menos de um palmo acima da anterior, e ir subindo a vertente do penhasco. Da última barra, salta para cima de uma série de pilares oscilantes que compõem a segunda parte desta subida antes de finalmente saltar de novo para o caminho de gravilha.

Quando chega à quarta subida, os troncos em rotação para os quais o irmão da Aurelie nos tinha advertido, o Sawyer faz com que pareça uma brincadeira de crianças, e eu começo a sentir uma bolha de esperança de que o percurso não seja tão difícil como parece aqui de baixo.

Mas depois enfrenta uma enorme estrutura tipo chaminé que se ergue à frente dele num ângulo de 20 graus e detém-se.

– Tu consegues! – grita a Rhiannon ao meu lado.

Como se a tivesse ouvido, ele começa a correr em direção à estrutura inclinada e lança-se para cima, forma um X com o corpo para se agarrar a ambos os lados e começa a saltitar pela coluna acima até chegar ao alto e descer para a frente do último obstáculo, uma enorme rampa com uma inclinação quase vertical que conduz à extremidade do penhasco.

Fico quase sem fôlego quando vejo o Sawyer a correr em direção à rampa e a fazer uso da velocidade e do ímpeto para chegar a dois terços do caminho. Quando está quase a cair, estende um braço para cima e agarra a borda da rampa para se alçar para lá da extremidade.

A Rhiannon e eu gritamos e aplaudimo-lo. Conseguiu. E fez um percurso quase irrepreensível.

– Técnica perfeita! – grita o Professor Emetterio. – É exatamente isto o que todos devem fazer.

– Perfeito, e, mesmo assim, não foi escolhido na Debulha – aponta a Luca, cheia de sarcasmo. – Suponho que os dragões tenham algum tipo de bom gosto.

– Deixa-te disso, Luca – diz a Rhi.

Como é que uma pessoa tão esperta e atlética como o Sawyer não conseguiu nenhum vínculo? E se ele não conseguiu, que raio de esperança teremos nós?

– Eu sou demasiado pequena para a rampa – sussurro para a Rhi.

Ela olha de relance para mim e depois volta a fitar o obstáculo.

– Tu és rápida como uma bala. Se fores embalada, aposto que o ímpeto será suficiente para te levar até ao cimo.

O Pryor – o cadete tímido da região da fronteira com Krovlan – sente dificuldades nas varas de ferro baloiçantes da terceira subida devido a uma hesitação deveras previsível para quem o conhece, mas consegue ultrapassá-la no mesmo momento em que a Trina por pouco não cai nos pilares oscilantes e se estica para chegar à corda. A única coisa que consigo ver é um clarão vermelho do cabelo dela quando ele começa a subir os degraus da escada em rotação, mas ouço-a a gritar como se estivesse à minha frente quando a corda balança junto ao chão.

– Vocês conseguem! – grita o Sawyer lá de cima.

– Eles vão em direções opostas! – responde-lhe a Aurelie.

– Tynan, começa – ordena o Professor Emetterio, a olhar para o relógio de bolso e não para o percurso.

O meu coração martela-me nas orelhas quando a Trina ultrapassa os degraus e a palpitação não abranda quando a Rhiannon é chamada para começar o percurso. Passa a primeira subida com a elegância que eu aprendi a esperar dela antes de se estacar.

O Tynan está pendurado na segunda das cinco bolas pendentes da segunda subida, exatamente no ponto em que o chão tem um declive. Se cair, a hipótese de bater no único tronco em rotação da primeira subida é mínima e a probabilidade de sofrer uma queda de mais de nove metros é altíssima.

– Tens de continuar em frente, Tynan! – grito-lhe, embora seja pouco provável que ele me ouça daqui. Pode ser um traste crédulo, mas não deixa de ser meu colega de esquadra.

Ele dá um guincho ainda com os braços agarrados à bola a balançar. Não consegue abraçar a bola de forma que as mãos se toquem. E esse é o problema, porque está a escorregar.

– Ele vai dar cabo do tempo dela – diz a Aurelie, a soltar um suspiro aborrecido.

– Ainda bem que é só um treino, então – diz o Ridoc, que depois berra para o Tynan. – O que se passa, Tynan? Com medo das alturas? Quem é que é um risco para a esquadra agora?

– Não faças isso. – Bato com o cotovelo na ilharga do Ridoc. Já não está tão esguio. As últimas sete semanas deram-lhe algum músculo. – Não é por ele ser um cretino que tu também tens de ser.

– Mas ele está a dar-me um material tão bom – responde o Ridoc a recuar com um sorriso malicioso pintado nos lábios e a dirigir-se para a posição de início da subida.

– Salta para a próxima! – sugere a Trina do cimo do percurso.

– Não consigo! – O berro do Tynan seria capaz de partir um vidro ao ecoar pela montanha abaixo e aperta-me o peito.

– Ridoc, começa! – ordena o Professor Emetterio.

O Ridoc avança para o tronco.

– Rhi! – grito lá para cima. – A corda fica entre a primeira e a segunda!

Ela assente com a cabeça, depois salta para a primeira bola pendente, agarra-a na parte de cima junto ao local em que as correntes a seguram à calha de ferro no topo e balança o peso para o lado.

É uma abordagem altamente inspirada e que poderá muito bem resultar comigo.

A gravilha estala debaixo das minhas botas quando me dirijo para a posição de início da subida. Oh, vejam só, afinal o meu coração pode bater mais depressa.

O sacana está praticamente a esvoaçar quando limpo as mãos húmidas às calças de pele.

A Rhiannon estende a corda para a mão do Tynan, mas, em vez de a usar para se lançar para a próxima bola, ele começa a… *descer*.

O meu maxilar praticamente sai dos eixos quando o vejo a descer. Estava longe de prever este desfecho.

– Violet, começa! – ordena o Professor Emetterio.

Não me abandones, Zihnal. Não passei tempo suficiente no templo do deus da sorte para que ele se importe muito com o que me acontece neste momento, mas vale a pena tentar.

Corro disparada pela primeira parte da subida e chego ao tronco em rotação em segundos. O meu estômago parece estar a ser agitado por esta trave de equilíbrio do inferno.

– É uma questão de equilíbrio. Tu consegues equilibrar-te – murmuro e começo a atravessar. – Agilidade de pés. Agilidade de pés. Agilidade de pés – repito enquanto atravesso. Quando chego ao fim, salto para cima da primeira de quatro colunas de granito, cada uma mais alta do que a anterior.

Estão a cerca de 90 centímetros umas das outras, mas eu consigo saltar de um pilar para o outro sem derrapar nas extremidades. *E esta é a parte fácil.* Um nó de medo abre caminho até à minha garganta.

Salto para a roda giratória, começo a correr e salto por cima da única abertura quando esta passa por mim para depois ficar a vê-la a chegar pela segunda vez. Escolha do momento certo. É tudo uma questão de escolha do momento certo.

Quando a oportunidade chega, não a desperdiço. Meto-me pela abertura e viro-me para trás para me dirigir para o caminho de gravilha da segunda subida. As bolas pendentes estão logo à frente, mas vou cair de cu se não me acalmar e limpar o suor das palmas das mãos.

Os dragões de cauda de penas são a raça sobre a qual sabemos menos, recito mentalmente, uma vez que preciso de toda a capacidade pulmonar para pular da berma do caminho para a primeira bola, que agarro na parte de cima como a Rhiannon. O esforço imediato sobre os ombros faz-me comprimir todos os músculos para que as minhas articulações não se desloquem.

Mantém a calma. Mantém a calma.

Lanço o peso para a frente e forço a bola a rodar para conseguir saltar para a próxima. *Isto porque, alegadamente, os caudas de pena abominam a violência e não são atreitos a vínculos.*

Repito o movimento, a pular de bola em bola sem nunca tirar os olhos das correntes.

No entanto, este académico não o pode afirmar com toda a certeza, uma vez que nunca nenhum deixou o Vale durante a minha vida. Continuo a recitar de memória quando chego à quinta e última bola. Com um último movimento, lanço-me de lado, largando a bola e caindo no caminho de gravilha da largura do meu ombro sem torcer nenhum tornozelo.

É tudo uma questão de ímpeto na próxima subida.

– Os dragões verdes – murmuro baixinho –, conhecidos pela inteligência aguçada, descendem da respeitável linhagem Uaineloidsig e continuam a ser os dragões mais racionais, o que os torna armas de cerco perfeitas, sobretudo no caso dos caudas de moca. – Acabo quando alinho o meu corpo com a primeira barra de metal e preparo-me para seguir em frente a correr.

– Estás a… *estudar*? – grita a Aurelie do local de onde salta para a primeira bola mais abaixo.

– Acalma-me – respondo numa explicação rápida. Não tenho tempo de me envergonhar neste lugar. Posso envergonhar-me mais tarde.

Há três barras de ferro à minha frente, cada uma delas alinhada como um aríete em direção à seguinte.

– O Quadrante dos Copistas parece-me muito apelativo neste momento – resmungo num sussurro antes de me lançar para a primeira. Pelo menos, a textura dá-me algo a que me agarrar à medida que vou avançando uma mão de cada vez. O desconforto nos ombros cresce e faz-se dor palpitante quando chego ao fim da primeira barra e balanço os pés para ganhar ímpeto para a próxima.

Os meus dedos escorregam com o primeiro tinido do ferro no ponto em que as barras se encontram e solto um grito abafado ao sentir o medo a apoderar-se do meu estômago. *Os dragões cor de laranja, que podem ter vários tons, do damasco à cenoura, são os…* – Lanço-me para a barra seguinte. – *… dragões mais imprevisíveis e, logo, são sempre um risco*. Avanço pela barra com o mesmo movimento de mão após mão sempre a ignorar os protestos veementes dos meus ombros. *Descendentes da linhagem Fhaicorain…*

A minha mão direita perde aderência e o meu peso atira-me contra a vertente íngreme da montanha rochosa, onde bato com a face. Um zumbido agudo inunda-me as orelhas e a minha visão perde foco.

– Violet! – grita a Rhiannon do cimo do monte.

– Ao teu lado! A corda está ao teu lado! – berra a Aurelie.

O ferro arranha-me as pontas dos dedos quando a minha mão esquerda escorrega, mas avisto a corda e agarro-a, segurando os pés no nó mais abaixo e apertando-a com força até o zumbido se desvanecer na minha cabeça. Tenho de ganhar balanço para me lançar para a barra ou descer a corda.

Sobrevivi sete semanas neste raio deste quadrante, e não vai ser este percurso que me vai levar a melhor hoje.

Ganho balanço na vertente, lanço-me para a barra e consigo chegar-lhe. Começo imediatamente a avançar mão após mão para chegar à próxima e depois à seguinte, até finalmente a largar para aterrar no primeiro pilar de ferro oscilante. O meu cérebro chocalha com a vibração violenta da coisa e pulo para o seguinte, quase sem me conseguir apoiar para saltar para o caminho de gravilha no final da subida.

A Aurelie está mesmo atrás de mim e aterra com um sorriso aberto.

– Isto é do melhor!

– Estás claramente a precisar de ir ver os curandeiros. Deves ter batido com a cabeça se achas que *isto* é divertido. – A minha respiração faz-se em arfadas agitadas, mas não consigo deixar de sorrir ao ver a alegria óbvia com que faz o percurso.

– Nesta parte só tens de seguir em frente – diz ela quando chegamos aos postes giratórios em escada que se projetam da vertente do penhasco.

Cada rolo de madeira com quase um metro de largura roda desde a base numa das secções mais íngremes do percurso. Calculo rapidamente que, se cair de um dos postes, provavelmente vou embater no terreno rochoso pelo menos dez a doze metros mais abaixo. Engulo o pavor que me sobe pela garganta e centro-me na possibilidade de a minha agilidade e leveza me conferirem uma vantagem neste obstáculo específico.

A Aurelie continua.

– Acredita em mim. Se parares, vais parar lá a baixo num instantinho.

Eu faço que sim com a cabeça e levanto-me num pulo a invocar toda a coragem que me resta. Depois começo a correr. Os meus pés movem-se rapidamente, o contacto com cada poste demora apenas o tempo suficiente para me dar o impulso para o seguinte e, ao fim de alguns segundos, estou do outro lado.

– Sim! – grito, a erguer o punho em comemoração antes de fugir da frente da Aurelie.

– Boa, Violet! – grita ela. – Cá vou eu! – E salta de poste em poste com mais agilidade de pés do que eu.

Ouve-se um rugido no alto e eu viro-me para cima ainda a tempo de ver o baixo-ventre de um Cauda de Punhal Verde que voa sobre nós de regresso ao Vale.

Nunca me vou habituar a isto.

A Aurelie grita e rodo a cabeça na sua direção a tempo de a ver a bambolear e a escorregar no quinto poste. O ar gela-me nos pulmões quando ela se inclina para a frente e a barriga bate no penúltimo tronco rolante como que em movimento lento.

– Aurelie! – grito, a esticar-me na direção dela e a roçar com os dedos no sétimo poste.

Os nossos olhares cruzam-se e eu vejo-lhe os olhos pretos a arregalarem-se de choque e terror quando o poste a rola para longe de mim e ela cai. Vai parar a meio do penhasco.

O sol arde-me nos olhos quando estamos na formação matinal.

– Calvin Atwater – lê o capitão Fitzgibbons, com solenidade na voz como sempre.

Primeira Esquadra, Pelotão Garra, Quarta Divisão. Senta-se duas filas atrás de mim na aula de Sumário de Batalha. *Sentava-se.*

Esta manhã não tem nada de especial. O nosso primeiro ensaio no Guante aumentou o rol, mas é apenas mais um rol em mais um dia… só que não. A extraordinária crueldade deste ritual nunca me bateu com tanta força como hoje. Já não é como o primeiro dia. Conheço mais de metade dos nomes que são lidos. A minha visão turva-se.

– Newland Jahvon – continua o capitão.

Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão. Estava no serviço de pequenos-almoços comigo.

Já devemos ir em mais de vinte. Como é que é possível que não haja mais do que isto? Dizemos os nomes deles uma vez e continuamos como se nunca tivessem existido?

A Rhiannon transfere o peso da uma perna para a outra ao meu lado e funga abruptamente, num movimento que lhe sacode os ombros uma vez.

– Aurelie Donans.

Deixo escapar uma única lágrima e sacudo-o com uma palmada, abrindo umas das feridas que tenho na face. Segue-se uma gota de sangue que escorre quando ouço mais um nome, mas eu deixo que esta gota me deixe manchada.

– Tens a certeza? – pergunta o Dain na noite seguinte, e vejo duas rugas de preocupação a marcar-lhe a testa quando pousa as mãos nos meus ombros.

– Se os pais não vêm enterrar o corpo dela, deveria ser eu a tratar de tudo. Sou a última pessoa que ela viu – explico, a enrolar os ombros para me adaptar ao peso do saco da Aurelie.

Todos os pais de Basgiath têm a mesma opção quando os seus filhos cadetes são mortos. Podem vir buscar o corpo e os pertences pessoais para o enterro ou a cremação, ou a escola coloca o corpo debaixo de uma lápide e queima os pertences pessoais. Os pais da Aurelie escolheram a segunda opção.

– E não queres que vá contigo? – pergunta ele, a fechar a mão em concha no meu pescoço.

Abano a cabeça.

– Eu sei onde fica a pira.

O Dain murmura uma imprecação.

– Deveria ter estado lá.

– Não poderias ter feito nada, Dain – digo em voz baixa, a pousar a mão sobre a dele até os nossos dedos se entrelaçarem ligeiramente. – Nem tu nem ninguém. Ela nem sequer teve tempo para se lançar para a corda – sussurro. Já revivi esse momento vezes sem conta na minha cabeça e cheguei sempre à mesma conclusão.

– Nunca cheguei a perguntar-te se conseguiste chegar ao topo – diz ele.

Abano a cabeça.

– Fiquei presa naquela coluna que parece uma chaminé e tive de usar a corda para descer. Sou muito baixa para cobrir aquela distância, mas não vou pensar nisso esta noite. Logo vejo o que posso fazer antes do Guante cronometrado oficial no dia da Apresentação.

É o que tenho de fazer. Não permitem que os cadetes desçam o monte no dia da Apresentação. Ou chegamos ao fim do Guante… ou caímos e morremos.

– Está bem. Se precisares de mim, diz. – O Dain tira-me a mão do pescoço.

Eu assinto com a cabeça e uso todas as desculpas para sair da entrada do dormitório. O peso do saco da Aurelie deixa-me a cambalear. Tinha força suficiente para carregar este peso todo quando estava no parapeito, mas, mesmo assim, caiu.

E eu ainda aqui estou, não sei bem como.

Não consigo livrar-me da sensação de que a estou a levar comigo quando subo as escadas do torreão da ala académica, passo pela sala da aula de Sumário de Batalha e subo ao telhado de pedra, onde encontro alguns cadetes já a descer. A pira não passa de um barril de ferro extraordinariamente largo para incineração, e as chamas ardem com vivacidade com o céu noturno ao fundo quando chego ao telhado a cambalear e com os pulmões a arfar por oxigénio.

Há dois meses não seria capaz de carregar um saco tão pesado.

Não está mais ninguém cá em cima quando tiro o saco dos ombros.

– Desculpa – sussurro, a fincar os dedos na correia larga do saco e a levantá-la para cima da borda da pia de metal.

As chamas avivam-se e crepitam com o novo combustível em nada mais do que um novo tributo a Malek, o deus da morte.

Em vez de voltar para as escadas, vou até à beira do torreão. A noite está nublada, mas consigo distinguir os vultos de três dragões a aproximarem-se vindos de oeste e até vejo a cumeada onde fica o Guante à espera de fazer a próxima vítima.

Não vou ser eu.

Mas porquê? Porque o vou superar? Ou porque vou ceder ao pedido do Dain e esconder-me no Quadrante dos Copistas? Todo o meu ser responde em rejeição da segunda opção, o que me faz questionar tudo aqui em cima deste torreão a deixar os minutos passar antes de os sinos tocarem para o recolher. Volto para a escada com uma resposta sólida ao meu próprio porquê.

Caminho pelo pátio, que está vazio, à exceção de um casal que não consegue decidir se prefere beijar-se ou passear junto ao estrado, e desvio o olhar e dirijo-me para o nicho onde eu e o Dain estivemos depois do Parapeito.

Já passaram quase dois meses e ainda estou aqui. Continuo a acordar todas as manhãs com o nascer do Sol. Não significa alguma coisa? Não existe a possibilidade, por menor que seja, de que eu tenha o que é preciso para ultrapassar a Debulha? De que eu possa pertencer a este lugar?

A porta que conduz ao túnel que usámos esta manhã para atravessar a cumeada que dá para o Guante abre-se junto à muralha do pátio, à esquerda do edifício académico e franzo a testa. Quem é que estará a voltar a esta hora da noite?

Sento-me com as costas encostadas à parede e deixo que a escuridão me esconda quando vejo o Xaden, o Garrick e o Bodhi – o primo do Xaden – a passarem debaixo da luz mágica e a caminharem na minha direção.

Três dragões. Andavam por aí… a fazer o quê? Que eu saiba, não há operações de treino hoje à noite, não que esteja ao corrente do que os instruendos do terceiro ano fazem.

– Tem de haver mais alguma coisa que consigamos fazer – alega o Bodhi, a olhar para o Xaden, com a voz baixa ao passarem por mim com as botas a estalar na gravilha.

– Estamos a fazer tudo o que podemos – diz o Garrick entre dentes.

Sinto um formigamento no escalpe e o Xaden para a meio de um passo a três metros de distância com os ombros tensos.

Merda.

O Xaden sabe que eu estou aqui.

Em vez do medo que habitualmente vem ao de cima na presença dele, a única coisa que me cresce no peito é raiva. Se ele me quiser matar, muito bem. Já estou farta de esperar que aconteça. Estou farta de andar pelos corredores cheia de medo.

– O que se passa? – pergunta o Garrick, a olhar imediatamente por cima do ombro na direção oposta onde está o casal que acabou por decidir que beijar-se era mais importante do que ir para o dormitório na hora de recolher.

– Continuem. Vou ter convosco lá dentro – diz o Xaden.

– Tens a certeza? – A testa do Bodhi contrai-se e o olhar varre o pátio.

– Toca a andar – ordena o Xaden, que fica completamente imóvel até os outros dois entrarem na caserna e virarem à esquerda em direção à escada que os levará para o segundo e para o terceiro andares. Só quando desaparecem é que ele se vira e olha para o local exato onde eu me encontro.

– Eu sei que sabes que estou aqui. – Obrigo-me a levantar-me e caminho na direção dele para que não pense que me estou a esconder ou, pior, que tenho medo dele. – E, por favor, não comeces com essa conversa de dominar a escuridão. Não estou para aí virada neste momento.

– Não me vais perguntar onde estive? – Cruza os braços à frente do peito e estuda-me sob o luar. A cicatriz parece ainda mais ameaçadora sob esta luz, mas eu não tenho sequer energia para ficar assustada.

– Para dizer a verdade, não quero saber. – Encolho os ombros, num movimento que intensifica a dor palpitante a que eles me estão a sujeitar. *Maravilhoso, mesmo a tempo de treinar no Guante amanhã.*

Ele levanta a cabeça para o lado.

– Não queres mesmo, pois não?

– Não. Eu também estou cá fora depois da hora de recolher. – Solto um suspiro pesado.

– O que *estás* a fazer depois da hora de recolher, instruenda do primeiro ano?

– A pensar se devo fugir – retruco. – E tu? Queres partilhar alguma coisa? – pergunto, trocista, sabendo que não me vai responder.

– Também.

Sacana sarcástico.

– Bem, vais matar-me ou não? A expectativa já me começa a irritar como o caralho. – Levo uma mão ao ombro e enrolo-a, pressionando os músculos doridos, mas nada disso alivia a dor.

– Ainda não decidi – responde, como se lhe tivesse perguntado o que preferia para jantar, mas o olhar dele entrefecha-se na minha face.

– Bem, importas-te de o fazer? – murmuro. – Ajudar-me-ia muito no meu planeamento semanal. – Markham ou Emetterio. Copista ou cavaleira.

– Estou a perturbar a tua agenda, Violência? – A malícia naquele sorriso é óbvia.

– Só tenho de saber quais são as minhas hipóteses. – As minhas mãos enrolam-se em punhos.

O sacana tem a coragem de sorrir.

– Nunca ninguém se atirou a mim de forma tão estranha…

– Não estou a falar das minhas hipóteses contigo, seu cretino convencido! – Que se foda. Que se foda isto tudo. Passo por ele, mas agarra-me o pulso, sem apertar muito, porém sem me deixar escapar.

As pontas dos dedos dele no meu pulso deixam-no a tremular.

– Hipóteses de quê? – pergunta e puxa-me até ao ponto em que o meu ombro lhe roça o bíceps.

– De nada. – Ele não compreenderia. É o raio de um chefe de divisão, o que significa que foi excelente em tudo o que fez no quadrante, tendo até conseguido superar o apelido.

– Hipóteses de *quê*? – repete. – Não me obrigues a fazer esta pergunta três vezes. – O tom ameaçador não tem nada que ver com a forma pouco firme como me agarra, e, *que merda*, porque é que ele tem de cheirar tão bem? A hortelã e pele e algo mais que não consigo identificar bem, algo na fronteira entre o cítrico e o floral.

– De sobreviver a isto tudo! Eu não consigo subir o maldito Guante. – Puxo o pulso sem grande convicção, mas ele não o larga.

– Estou a ver. – Está irritantemente calmo, e eu nem consigo conter *uma* das minhas emoções.

– Não, não estás. Provavelmente estás todo contente só de pensar que vou cair e morrer e tu nem sequer vais ter de te dar ao trabalho de me matar.

– Matar-te não daria trabalho nenhum, Violência. É deixar-te viva que parece provocar a maioria dos meus problemas.

O meu olhar eleva-se para colidir com o dele, mas o seu rosto é inescrutável, coberto pela penumbra, imagine-se.

– Peço desculpa por ser um inconveniente. – A minha voz transpira sarcasmo. – Sabes qual é o problema deste lugar? – Volto a puxar o braço, mas ele agarra-o rapidamente. – Além de tocares em coisas que não te pertencem. – Os meus olhos entrefecham-se nele.

– Estou certo de que me vais dizer. – O meu estômago estremece quando roça o polegar no meu pulso e me larga o braço.

Respondo antes de pensar melhor no que vou dizer.

– A esperança.

– A esperança? – Ele inclina a cabeça para mais perto da minha, como se não tivesse a certeza de me ter ouvido bem.

– A esperança. – Faço que sim com a cabeça. – Uma pessoa como tu, nunca o irá perceber, mas eu sabia que vir para aqui era uma sentença de morte. Pouco importa o facto de ter sido treinada a vida inteira para entrar no Quadrante dos Copistas; quando a general Sorrengail dá uma ordem, ninguém a pode ignorar. – Deuses, porque é que eu estou aqui a soltar o verbo com este homem? *Qual é o pior que te pode acontecer? Ele matar-te?*

– Claro que pode. – O Xaden encolhe os ombros. – Pode é não gostar das consequências.

Reviro os olhos e, para minha extrema vergonha, em vez de me afastar agora que estou livre, aproximo-me levemente como se pudesse absorver-lhe alguma da força. Ele tem de sobra com certeza.

– Eu sabia quais eram as probabilidades, mas vim na mesma e concentrei-me na magra percentagem de hipóteses de conseguir sobreviver. E agora que já consegui aguentar quase dois meses fico… – Abano a cabeça e cerro o maxilar. – Com esperança. – A palavra tem um sabor amargo.

– Ah. E depois perdes uma colega de esquadra e não consegues chegar bem ao cimo da chaminé e desistes. Estou a começar a perceber. Nem é uma imagem lisonjeira, mas se quiseres fugir para o Quadrante dos Copistas…

Eu solto um resfôlego com o medo a abrir-me um buraco no estômago.

– Como é que sabes isso? – Se ele sabe… se contar a alguém, o Dain fica em perigo.

Um sorriso malicioso dobra os lábios perfeitos do Xaden.

– Eu sei tudo o que se passa aqui. – A escuridão gira à nossa volta. – Sombras, lembras-te? Ouvem tudo, veem tudo, *escondem* tudo. – O resto do mundo desaparece. O Xaden poderia fazer-me tudo o que quisesse aqui e ninguém ficaria a saber de nada.

– Podes ter a certeza de que a minha mãe te recompensaria se lhe contasses o plano do Dain – digo em voz baixa.

– E também te recompensaria a *ti* se lhe contasses alguma coisa sobre o meu … como é que lhe chamaste? *Clubezinho.*

– Eu não lhe vou contar nada. – As palavras soam defensivas.

– Eu sei. É por isso que ainda estás viva. – Olha-me nos olhos, que estão fixados nos dele. – Então é assim, Sorrengail. A esperança é uma coisa instável e perigosa. Tira-te o foco e lança-te para as possibilidades em vez de te manter no teu lugar… nas probabilidades.

– Então, eu tenho de fazer o quê? Não ter esperança de sobreviver? Limitar-me a planear a minha morte?

– Deves focar-te no que te pode matar para encontrares forma de *não* morreres. – Abana a cabeça. – Eu quase que não consigo contar o número de pessoas neste quadrante que te querem morta, seja como vingança contra a tua mãe ou por seres bastante boa a irritar as pessoas, mas ainda estás aqui, a desafiar as probabilidades. – Formam-se sombras à minha volta e juro que sinto uma carícia a roçar-me a face ferida. – Tem sido muito surpreendente ver isso, na verdade.

– Fico contente por te poder entreter. Vou para a cama. – Rodo sobre o calcanhar e dirijo-me para a entrada da caserna, mas ele vem logo atrás de mim, suficientemente perto para a porta lhe bater na cara se não fosse extraordinariamente rápido a segurá-la.

– Talvez se deixasses de estar aí a amuar em autocomiseração percebesses que tens *tudo* o que é preciso para escalar o Guante – diz atrás de mim, e a voz alta ecoa no corredor.

– Em auto o quê? – Viro-me com o queixo caído.

– As pessoas morrem – diz devagar e com o maxilar a latejar antes de inspirar profundamente. – Vai acontecer muitas e muitas mais vezes. Faz parte da natureza do que acontece aqui. O que faz de nós cavaleiros é o que fazemos *depois* de as pessoas morrerem. Queres saber porque é que ainda estás viva? Porque és a balança com a qual me avalio todas as noites. Cada dia que te deixo viver, fico convencido que ainda há uma parte de mim que é decente. Por isso, se quiseres desistir, fá-lo, livra-me da tentação e desiste de uma porra de uma vez. Mas se quiseres fazer alguma coisa, faz.

– Sou muito baixa para cobrir aquela distância! – digo com os dentes cerrados sem me preocupar que alguém nos possa ouvir.

– O caminho certo não é o único caminho. Encontra uma solução. – Depois vira-se e vai-se embora.

Ele. Que. Se. Foda.

É uma severa ofensa a Malek guardar os pertences de um ente querido depois da sua morte. O lugar dos pertences é no além com o deus da morte e dos defuntos. À falta de um templo para o efeito, qualquer fogueira servirá. Quem não arde para Malek, será queimado por Malek.
– Guia do Major Rorilee para Agradar aos Deuses, Segunda Edição



CAPÍTULO XI

As sessões de treino seguintes no Guante não me correm melhor do que a primeira, mas, pelo menos, não perdemos nenhum membro da esquadra. O Tynan deixou de mandar bocas, uma vez que parece que também não consegue chegar ao cimo.

– As bolas pendentes são a ruína dele.

– A minha é a chaminé.

Ao chegarmos à nona – e quase última – sessão, estou pronta para atear fogo a todo o percurso. A secção do percurso que dá cabo de mim destina-se a simular a força e a agilidade necessárias para montar um dragão e começa a tornar-se claro que o meu tamanho me vai foder.

– Talvez possas subir para os meus ombros e depois… – A Rhiannon abana a cabeça enquanto analisamos a fenda que se tornou a minha Némesis.

– Depois disso continuaria a não conseguir passar do meio do caminho – respondo, a limpar o suor da testa.

– Não importa. Não podes tocar noutro cadete a caminho do topo. – O Sawyer cruza os braços ao meu lado, com a ponta do nariz completamente vermelha por ação do sol que já vai alto.

– Estás aqui para esmagar esperanças e sonhos ou tens alguma sugestão? – replica a Rhiannon. – Porque a apresentação é amanhã e se tiveres alguma ideia brilhante está na hora de a partilhares.

Se for para fugir para o Quadrante dos Copistas, terá de ser esta noite. O coração aperta-se-me no peito perante esta ideia. É a decisão lógica. A decisão segura.

Só há duas questões a impedir-me de a tomar.

Primeiro, não tenho a garantia de que a minha mãe não vá descobrir. O Markham diz que não vai abrir a boca, mas isso não quer dizer que os instrutores não o façam.

Mas, mais importante do que isso, se eu for, se me esconder… nunca saberei se sou suficientemente boa para ser bem-sucedida aqui dentro. E embora possa não sobreviver se ficar, não sei se não me vou arrepender se me for embora.

– Doria Merril – diz o capitão Fitzgibbons em cima do estrado. Cada uma das suas feições é absolutamente clara, não só porque o Sol está atrás da sombra das nuvens, mas também porque estou mais perto. A nossa formação fica mais compacta a cada cadete que cai.

De acordo com o Brennan e as estatísticas, hoje vai ser um dos dias mais mortíferos para os instruendos do primeiro ano.

É o Dia da Apresentação e, para chegar ao campo de voo, teremos de escalar o Guante. Tudo no Quadrante dos Cavaleiros foi concebido para eliminar os fracos e o desafio de hoje não é exceção.

– Kamryn Dyre. – O capitão Fitzgibbons continua a ler o rol.

Eu estremeço. O lugar dele era à minha frente na aula de Draconidade.

– Arvel Pelipa.

A Imogen e a Quinn – ambas do segundo ano – inspiram profundamente à minha frente. Os instruendos do primeiro ano não são os únicos em risco; a probabilidade de morrermos é que é maior.

– Michel Iverem. – O capitão Fitzgibbons fecha o pergaminho. – Confiamos a suas almas a Malek. – E com esta última frase, a formação desfaz-se.

– Instruendos do segundo e terceiro anos, a menos que tenham sido chamados para servir no desafio do Guante, dirijam-se para as aulas. Instruendos do primeiro ano, está na hora de nos mostrarem do que são capazes. – O Dain solta

um sorriso forçado e revista a nossa esquadra, desviando o olhar ao passar por mim.

– Boa sorte, hoje. – A Imogen puxa alguns fios de cabelo rebeldes para trás da orelha e lança-me um sorriso desagradavelmente meloso. – Esperemos que não caias… antes do tempo.

– Até logo – respondo, a erguer o queixo.

Ela olha para mim com uma expressão de ódio absoluto por um segundo, depois afasta-se com a Quinn e a Cianna, a nossa oficial-executiva, cujos cabelos encaracolados loiros saltitam a cada passo.

– Boa sorte. – Heaton, o membro do terceiro ano mais ignorante da nossa esquadra, com o cabelo cortado e pintado em forma de chamas vermelhas, bate com a mão no coração, mesmo em cima das duas insígnias que ostenta no peito, e lança-nos um sorriso genuíno, mas fechado, antes de se dirigir para a aula.

Ao olhar para as suas costas a afastar-se, pergunto-me o que significa a insígnia redonda com água e esferas flutuantes que leva no braço direito. Sei que a insígnia triangular à esquerda, com a grande espada, significa que é uma fera no tapete. Desde que o Dain me contou o que significava a insígnia que denotava o seu sinete ultassecreto, tenho prestado bastante atenção aos emblemas que os outros cadetes costuraram nos respetivos uniformes. A maioria usa-os como sinais de honra, mas eu reconheço-os pelo que são na realidade: informações de que posso vir a precisar para os derrotar.

– Nem sabia que Heaton sabia sequer falar. – Vejo duas rugas entre as sobrancelhas do Ridoc.

– Talvez tenha pensado que deveria pelo menos cumprimentar-nos antes de cairmos no ridículo hoje – diz a Rhiannon.

– Voltem à formação – ordena o Dain.

– Vais connosco? – pergunto.

Ele assente com a cabeça, ainda sem olhar para mim.

Somos oito e colocamo-nos em duas filas de quatro, tal como os restantes quadrantes à nossa volta.

– Estranho – sussurra a Rhiannon ao meu lado. – Ele parece um pouco zangado contigo.

Relanceio por cima dos ombros magros da Trina e a brisa fustiga-me a trança que apanhei em forma de coroa. Também está a desprender alguns anéis do

cabelo da Trina.

– Ele quer algo que eu não lhe posso dar.

Ela ergue as sobrancelhas.

Reviro os olhos.

– Não é nada… disso.

– Se fosse, eu não me importava – responde ela num sussurro. – Ele é muito atraente. Tem aquele ar de vizinho do lado que nos pode dar umas palmadas que resulta muito bem.

Contenho um sorriso porque ela tem razão. É mesmo esse o ar do Dain.

– Somos a esquadra com mais elementos – aponta o Ridoc atrás de nós quando as esquadras mais à esquerda, da Primeira Divisão, saem em formação pelo portão este do pátio.

– Quantos somos ao todo neste momento? – pergunta o Tynan. – Cento e oitenta?

– Cento e setenta e nove – responde o Dain. Os esquadrões da Segunda Divisão começam a avançar, liderados pelo chefe da divisão, o que significa que o Xaden está algures à nossa frente.

As minhas energias estão reservadas para o percurso de obstáculos, mas não posso deixar de me perguntar para onde é que a balança dele penderá hoje.

– Para cem dragões? Mas o que é que nós… – pergunta a Trina, os nervos a tolher-lhe a fala.

– Não deixes que o medo te quebre a voz – atira a Luca atrás da Rhiannon. – Se os dragões pensarem que és cobarde, amanhã não passarás de um nome.

– Diz ela – narra o Ridoc – a induzir mais medo.

– Cala-te – replica a Luca. – Sabes bem que é verdade.

– Só tens de mostrar confiança e de certeza que ficas bem. – Inclino-me para a frente para que os nossos colegas de esquadra não me ouçam quando a Terceira Divisão começa a marchar em direção ao portão.

– Obrigada – sussurra a Trina em resposta.

O Dain fixa finalmente os olhos semicerrados nos meus, mas, pelo menos, não me chama mentirosa. No entanto, existe tanta acusação naqueles olhos, que eu poderia ser julgada e condenada como tal.

– Nervosa, Rhi? – pergunto, sabendo que não demoraremos a ser chamadas.

– Por ti? – pergunta ela. – Nem um bocadinho. Nós vamos conseguir.

– Oh, estava a referir-me ao teste de História amanhã – provoco. – Nada do que vai acontecer hoje nos dá razão para entrarmos em pânico.

– Agora que falas nisso, toda aquela história do Tratado de Arif pode significar o meu fim – diz ela a sorrir abertamente.

– Ah, o acordo entre Navarre e Krovla para a partilha do espaço aéreo tanto para dragões como para grifos sobre uma faixa estreita dos Montes de Esben entre Sumerton e Draithus – recordo a baixar a cabeça em aquiescência.

– A tua memória é aterradora. – A Rhiannon lança-me um sorriso.

Mas não é a minha memória que me vai ajudar a subir o Guante.

– Quarta Divisão! – grita o Xaden algures à distância. Nem sequer preciso de o ver para saber que foi ele que deu a ordem e não a oficial-executiva. – Lá para fora!

Saímos em fila, Pelotão Labareda, depois Garra e, finalmente, Cauda.

Há um pequeno engarrafamento no portão, mas depois passamos e encaminhamo-nos para a ténue luz mágica do túnel que usamos todas as manhãs para chegar ao Guante. A penumbra cobre as extremidades do piso rochoso na berma do nosso caminho.

Quais são os limites do poder do Xaden, afinal? Seria capaz de usar as sombras para sufocar todos os esquadrões aqui dentro? Precisaria de descansar ou de recarregar baterias ao fim? Um poder tão amplo como aquele vem associado a algum tipo de pesos e contrapesos?

O Dain deixa-se ficar para trás para poder caminhar entre mim e a Rhiannon.

– Muda de ideias. – É pouco menos do que um suspiro.

– Não. – Pareço muito mais confiante do que me sinto.

– Muda. De. Ideias. – A mão dele encontra a minha, escondida na formação cerrada ao descermos pela passagem. – Por favor.

– Não posso. – Abano a cabeça. – Seria como tu deixares o Cath e ires a correr para os copistas.

– Isso é diferente. – A mão dele aperta a minha e sinto a tensão que lhe vai nos dedos, no braço. – Eu sou um cavaleiro.

– Bem, talvez eu também seja – sussurro quando já se vê luz do dia à nossa frente. Não acreditava antes, quando não me podia ir embora porque a minha mãe não me deixava, mas agora tenho uma escolha. E escolho ficar.

– Não sejas… – Ele não acaba a frase e larga-me a mão. – Não te quero enterrar, Vi.

– É inevitável que um de nós venha a enterrar o outro. – Não é nada macabro, é apenas um facto.

– Sabes o que quero dizer.

A luz aumenta para uma passagem em arco com três metros de altura que nos leva até à base do Guante.

– Não faças isto, por favor – suplica o Dain, desta vez sem se preocupar em baixar a voz quando já estamos sob a luz matizada do sol.

A vista é espetacular, como sempre. Estamos num ponto bastante elevado da montanha, centenas de metros acima do vale, e a vegetação parece estender-se indefinidamente para o sul, com aglomerações de árvores de tronco baixo entre colinas cheias de flores silvestres. O meu olhar vira-se para o Guante esculpido na vertente do penhasco e não consigo deixar de seguir cada obstáculo que aparece cada vez mais alto até estar a olhar para a cumeada, que, de acordo com os mapas que eu estudei, conduz a um desfiladeiro: o campo de voo. Mordo o lábio ao olhar para o intervalo no renque de árvores.

Normalmente, só os cavaleiros podem entrar no campo de voo, a não ser na Apresentação.

– Não sei se consigo olhar – diz o Dain, e volto a centrar a minha atenção no seu rosto forte. A barba aparada na perfeição envolve uns lábios carnudos franzidos num bico.

– Então fecha os olhos. – Tenho um plano. É um plano de merda, mas vale a pena tentar.

– O que é que mudou entre o Parapeito e agora? – pergunta novamente o Dain, com um sem-fim de emoções nos olhos que eu não consigo sequer começar a interpretar. Bem, tirando o medo. Isso não precisa de interpretação.

– Eu.

Uma hora depois, os meus pés estão a voar por cima dos postes rolantes da escada e a saltar para a segurança do caminho de gravilha. Terceira subida completa. Faltam mais duas. E não toquei numa única corda.

Juro que consigo sentir o Dain a olhar do fundo do percurso, onde o Tynan e a Luca ainda estão à espera de começar a subida, mas não olho para baixo. Não tenho tempo para o que ele acha que vai ser um último olhar e não me posso dar

ao luxo de me atrasar para o reconfortar quando ainda tenho dois obstáculos à minha frente.

O que significa que há um que eu ainda nem sequer tive a oportunidade de treinar: a rampa quase vertical no final do percurso.

– Tu consegues! – grita a Rhiannon do cimo quando eu chego à base da estrutura tipo chaminé.

– Ou podes fazer-nos um favor a todos! – grita outra voz. A do Jack, sem dúvida. Pelo menos, as sessões de treino foram só com a nossa esquadra, mas todos os instruendos do primeiro ano nos podem ver agora, seja da base do percurso seja do cimo do penhasco.

Olho para a coluna oca que tenho de subir, e depois lanço-me para trás uns passos no caminho que já percorri.

– O que estás a fazer? – grita a Rhiannon quando eu agarro numa das cordas e a arrasto horizontalmente pela vertente do penhasco, o que provoca a queda de algumas pedras pela ravina.

A corda é pesada como o diabo e range quando a estico, mas consigo colocar a parte de baixo na estrutura em chaminé. Estico a corda o melhor que posso, pouso um pé num dos lados do eixo e dou um puxão à corda. Depois rezo a Zinhal para que isto funcione.

– Ela pode *fazer* aquilo? – atira alguém.

Estou a fazê-lo agora.

Depois levanto o outro pé e começo a subir a chaminé, usando apenas o lado direito para ir subindo pela pedra e contrabalançando o meu peso com a corda, que trepo mão ante mão. A corda descai a meio caminho quando roça numa pedra grande, mas eu não demoro a voltar a esticá-la e continuo a subida. O coração palpita-me nos ouvidos, mas são as mãos que estão a dar cabo de mim. Tenho a sensação de que estão a arder e cerro os dentes para não gritar de dor.

Ali está ele. O cimo.

A corda já está muito chegada ao canto da estrutura e uso o que me resta de força nos membros superiores para me içar, trepando o resto do caminho com as mãos e os joelhos.

– Isso, caramba! – grita o Ridoc, em grande alarido lá do cimo. – É a nossa menina!

– Levanta-te! – grita a Rhiannon. – Só mais uma!

O meu peito arfa e doem-me os pulmões, mas consigo pôr-me a pé. Estou na última subida, o trecho final para o campo de voo e, à minha frente, está uma rampa feita de madeira que se projeta três metros da vertente do penhasco e depois sobe em curva como o interior de uma taça, com o ponto mais alto ao nível do topo do penhasco três metros mais acima.

O obstáculo destina-se a testar a capacidade de um cadete para subir pela perna dianteira de um dragão e chegar-lhe ao dorso. E eu sou demasiado baixa.

Mas as palavras do Xaden segundo as quais o caminho certo nem sempre é o único caminho repetiram-se vezes sem conta na minha cabeça a noite inteira. Quando o Sol se levantou e afugentou a escuridão, eu tinha um plano formado.

Só espero conseguir concretizá-lo.

Desembainho o meu maior punhal e limpo o suor da testa com as costas da mão suja. Depois esqueço-me da dor agonizante que sinto nas mãos, dos ombros a palpitar e da pontada no joelho por ter caído mal depois da secção dos pilares. Bloqueio toda a dor, atiro-a para trás de uma parede como fiz a vida inteira, e concentro-me na rampa como se a minha vida dependesse de a conseguir subir.

Não tenho nenhuma corda aqui. E só uma forma de superar isto.

Vontade pura e dura.

E, por isso, avanço, usando a minha velocidade como trunfo.

Ouço um som que parece um rufar de tambores quando os meus pés batem na rampa e a inclinação se acentua. Ainda não superei este obstáculo, mas vi os meus colegas a ultrapassá-lo vezes sem conta. Lanço o corpo para a frente e corro pela parte lateral da rampa para aproveitar o ímpeto que me ajuda a subir.

Espero até sentir a preciosa mudança, o momento em que a gravidade toma conta do meu corpo a três palmos do cimo, e lanço o braço para cima, espeto o punhal na madeira lisa e macia da rampa e uso-o para me içar o pouco que me falta para chegar ao topo.

Solto um grito que vem do mais fundo de mim ao sentir o ombro a arder em protesto no momento em que os meus dedos roçam a borda da cumeada. Lanço o cotovelo para cima para me alavancar e puxo-me para cima, usando o cabo do punhal como último degrau antes de chegar a muito custo ao cimo do penhasco.

Ainda não acabei.

De bruços, viro-me para a rampa, estico-me para o lado e retiro o punhal, que volto a embainhar nas costelas antes de me levantar, cambaleante. Consegui. O alívio consome toda a adrenalina que tenho guardada no corpo.

Os braços da Rhiannon envolvem-me e levantam-me o corpo ofegante no ar. O Ridoc abraça-me as costas a berrar de alegria e aperta-me como se eu fosse o conduto de uma sanduíche. Até podia protestar, mas, neste momento, eles são a única coisa que me mantém em pé.

– Ela não pode fazer aquilo! – grita alguém.

– Sim, bem, acabou de o fazer! – atira o Ridoc por cima do ombro a afastar os braços do meu tronco.

Tenho os joelhos a tremer, mas aguentam-se enquanto sorvo todo o ar que consigo levar aos pulmões.

– Conseguiste! – A Rhiannon coloca as mãos no meu rosto e vejo as lágrimas a inundar-lhe os olhos. – Conseguiste!

– Sorte. – Sorvo mais um trago de ar e faço força para que o meu coração abrande. – E. Adrenalina.

– Batota!

Viro-me para a voz. É da Amber Mavis, a chefe loira-arruivada da Terceira Divisão que foi *amiga íntima* do Dain no ano passado e cujo rosto não ostenta senão fúria quando se precipita na direção do Xaden, que está a poucos passos de distância com o pergaminho nas mãos a registar os tempos com um cronómetro e um ar deveras aborrecido.

– Chega-te para trás, Mavis – ameaça o Garrick, e eu vejo o sol a refletir nas duas espadas que o chefe de pelotão de cabelo encaracolado tem atadas às costas quando se interpõe entre a Amber e o Xaden.

– A batoteira usou claramente materiais estranhos não uma, mas *duas* vezes – grita a Amber. – Não se pode admitir! Vivemos segundo as regras ou morremos segundo as regras!

Não admira que ela e o Dain sejam tão próximos. Estão ambos apaixonados pelo Códice.

– Não aceito de bom grado que se chame batoteira a uma pessoa do meu pelotão – adverte o Garrick, com os enormes ombros a escondê-la da vista quando se vira. – E o meu chefe de divisão tratará de qualquer violação das

regras na sua própria divisão. – Desvia-se para o lado e os olhos azuis encolerizados da Amber cruzam-se com os meus.

– Sorrengail? – pergunta o Xaden, a levantar uma sobrancelha em óbvio desafio, a caneta a pairar sobre o rol. Reparo, não pela primeira vez, que tirando os emblemas da Quarta Divisão e de chefe de divisão, ele não usa as insígnias que os outros tanto gostam de ostentar.

– Espero uma penalização de 30 segundos por usar a corda – respondo com a respiração a estabilizar-se.

– E a faca? – O olhar da Amber semicerra-se. – Está desqualificada. – Ao ver que o Xaden não responde, lança-me um olhar furioso. – Tem de ser eliminada! Não podes tolerar a desobediência da lei na tua própria divisão, Riorson!

Mas o Xaden nunca desvia os olhos dos meus, silenciosamente à espera da minha resposta.

– Um cavaleiro só pode levar para o quadrante os artigos que for capaz de transportar… – começo.

– Estás-me a citar o Códice a *mim*? – grita a Amber.

– … e não deverá separar-se deles independentemente do que sejam – continuo. – Porque, depois de serem levados para o outro lado do parapeito, são considerados parte da sua pessoa. Artigo Terceiro, Parágrafo Sexto, Anexo B.

Os olhos azuis da Amber dilatam-se quando a relanceio.

– Essa adenda foi escrita para tornar o roubo um crime digno de execução.

– Correto. – Assinto com a cabeça e divido a atenção entre ela e os olhos ónix dos quais nada consigo esconder. – Mas, ao ser escrita desta forma, tornou todos os artigos transportados no parapeito indissociáveis do cavaleiro. – Desembainho a faca lascada e gasta e sinto uma dor aguda nas palmas das mãos. – Esta faca não foi conquistada nos desafios. É uma faca que eu trouxe comigo no parapeito e que, portanto, é considerada parte da minha pessoa.

Os olhos dele dilatam-se, e não me escapa o laivo de malícia no sorriso daquela boca irritantemente luxuriosa que ele tem. Deveria ser proibido pelo Códice ser tão bem-parecido e tão implacável.

– O caminho certo não é o único caminho. – Uso as próprias palavras contra ele.

O Xaden não desvia os olhos dos meus.

– Ela tem razão, Amber.

– Por causa de uma tecnicalidade!

– Continua a ter razão. – Vira-se ligeiramente e lança um olhar que nunca quero que me seja dirigido.

– Pensas como uma copista – diz-me ela em altos berros.

Ela queria que fosse um insulto, mas eu limito-me a assentir com a cabeça.

– Eu sei.

A Amber vira costas e afasta-se com o passo decidido e eu volto a embainhar o punhal, deixo as mãos cair junto às ilhargas e fecho os olhos ao sentir o alívio a tirar-me o peso dos ombros. Consegui. Passei mais um teste.

– Sorrengail – diz o Xaden, e os meus olhos abrem-se de chofre. – Tens uma fuga. – O olhar dele desce vincadamente para as minhas mãos.

Onde o sangue me escorre pelos dedos.

Sinto a dor a galgar a minha barragem mental como um rio revolto e a percorrer-me o corpo quando vejo o que fiz às palmas das mãos. Destruí-as.

– Resolve lá isso – ordena.

Assinto com a cabeça e recuo para me juntar à minha esquadra. A Rhiannon ajuda-me a arrancar as mangas da minha camisa para ligar as mãos e eu começo a incentivar os dois colegas da nossa esquadra que estão a subir o penhasco.

Todos conseguimos chegar ao topo.

O Dia da Apresentação é diferente de todos os outros. O ar borbulha de possibilidades e, quiçá, do fedor a enxofre de um dragão ofendido. Nunca olhe um vermelho nos olhos. Nunca recue perante um verde. Se mostrar hesitação a um castanho… bem, é melhor não o fazer.

– Guia de Campo para a Draconidade do Coronel Kaori



CAPÍTULO XII

Somos 169 quando a manhã chega ao fim e, mesmo com a penalidade que eu sofri devido à corda, colocamos 11 dos 36 esquadrões na Apresentação: a parada que deixa os cadetes com os cabelos em pé antes de os dragões mostrarem a disponibilidade de se vincular.

A ansiedade apodera-se das minhas pernas quando penso que terei de andar tão perto de dragões determinados em eliminar os fracos antes da Debulha e desejo subitamente que tivéssemos sido colocados em último lugar.

O mais rápido a subir o Guante foi o Liam Mairi, claro, o que lhe valeu a conquista da insígnia do Guante. Tenho quase a certeza de que aquele tipo não é capaz de aceitar um segundo lugar, mas eu não fui a mais lenta, o que é suficientemente bom para mim.

O desfiladeiro que serve de campo de treino é espetacular sob o sol da tarde, com muitos quilómetros de prados com cores outonais e picos que se erguem a quase toda a nossa volta enquanto esperamos na zona mais estreita, que é a entrada para o vale. No final, consigo distinguir a linha da queda de água, que poderá não passar de um fio nesta altura, mas que jorrará fluentemente na época de escoamento.

As folhas das árvores estão a adquirir tons dourados, como se alguém tivesse trazido um pincel só com uma cor e o tivesse passado por toda a paisagem.

E há também os dragões.

Com uma média de mais de 7,5 metros de altura, estão numa formação própria, alinhados a alguns metros do caminho, mas suficientemente próximos para nos avaliarem ao passarmos.

– Vamos, Segunda Esquadra, vocês são os próximos – diz o Garrick, chamando-nos com um aceno que deixa a relíquia da rebelião no antebraço nu a cintilar.

O Dain e os outros chefes de esquadra deixaram-se ficar para trás. Não sei se ele vai ficar entusiasmado por eu ter conseguido subir o Guante ou desiludido por eu ter contornado as regras. Mas nunca me senti mais entusiasmada.

– Em formação – ordena o Garrick num tom austero, que não me surpreende porque ele tem um estilo de chefia que se baseia em concluir a missão primeiro e deixar as delicadezas para depois. Não surpreende que seja tão próximo do Xaden. No entanto, ao contrário do Xaden, o lado direito do uniforme do Garrick ostenta uma fileira ordenada de insígnias, uma a indicar que é chefe do Pelotão Labareda e as outras cinco insígnias a assinalar as capacidades que tem numa multiplicidade de armas.

Obedecemos e, desta vez, a Rhiannon e eu acabamos perto do fundo.

Ouve-se um som que parece o vento a soprar à distância, mas que acaba tão depressa como começou, e eu percebo que houve mais alguém que foi considerado inapto.

Os olhos cor de avelã do Garrick varrem-nos de uma ponta à outra.

– Espero que o Aetos tenha feito o seu trabalho e que vocês saibam que é uma caminhada a direito pelo campo abaixo. A minha recomendação é que se mantenham pelo menos a dois metros de distância uns dos outros…

– Para o caso de um de nós acabar carbonizado – murmura o Ridoc mais à frente.

– Correto, Ridoc. Juntem-se se quiserem, mas não se esqueçam de que, se um dragão reprovar um de vocês, é capaz de vos incinerar a todos para o eliminar – avisa o Garrick, a olhar-nos nos olhos por um instante. – Lembrem-se também de que não estão aqui para se aproximarem deles, e, se o fizerem, não vão voltar para as camaratas logo à noite.

– Posso fazer uma pergunta? – pergunta a Luca na fila da frente.

O Garrick assente com a cabeça, mas o latejo no maxilar dá a entender que está irritado. Não o posso censurar. A Luca também me deixa os nervos em franja. Aquela necessidade constante de criticar tudo e todos faz com que todos mantenhamos as distâncias.

– Os da Terceira Divisão, do Pelotão Cauda da Quarta Divisão já passaram e eu falei com alguns dos cadetes…

– Isso não é uma pergunta. – O Garrick levanta as sobrancelhas.

Sim, está irritado.

– Certo. É só por eles terem dito que… está lá um cauda de penas? – A voz dela faz-se mais aguda.

– Um c…cauda de penas? – gagueja o Tynan diretamente à minha frente. – Quem diabo haveria de querer vincular-se a um cauda de penas?

Eu reviro os olhos e a Rhiannon abana a cabeça.

– O Professor Kaori nunca nos disse que ia haver um cauda de penas – diz o Sawyer. – Eu sei porque memorizei todos os dragões que ele nos mostrou. E eram cem.

– Bem, pelos vistos agora são 101 – responde o Garrick, a olhar para nós como se fôssemos crianças de quem tem vontade de se livrar antes voltar a relancear para trás por cima do ombro para a entrada do vale. – Tenham calma. Os caudas de penas não se vinculam. Nem me consigo lembrar da última vez em que um foi visto fora do Vale. Provavelmente, está só curioso. É a vossa vez. Não saiam do vosso caminho. Sobem, esperam pela esquadra inteira e voltam para baixo. Nada será mais fácil do que isto de agora em diante, pessoal, pelo que se não forem capazes de seguir estas instruções simples, merecem o que venha a acontecer aqui. – Vira-se e dirige-se para um caminho que passa à frente da vertente do desfiladeiro onde os dragões estão empoleirados.

Seguimo-lo e afastamo-nos da multidão de instruendos do primeiro ano. A brisa açoita-me os ombros desnudados depois de termos arrancado as mangas para fazer ligaduras, mas estancamos o sangue que me escorria das mãos.

– São todos seus – diz o Garrick à chefe de divisão principal do quadrante, uma mulher que vi algumas vezes na aula de Sumário de Batalha a sussurrar com o Xaden. O uniforme que está a usar continua a ter os característicos espigões

nos ombros, mas, desta vez, são dourados e parecem aguçados como o diabo, como se ela tivesse intenção de se mostrar um pouco mais implacável hoje.

Ela faz que sim com a cabeça.

– Fila única.

Reorganizamo-nos todos numa fila. A Rhiannon está atrás de mim e o Tynan logo à frente, o que já sei que significa que vou ter de ouvir os constantes comentários que ele tem a fazer. *Fabuloso.*

– Falem – diz a chefe de divisão principal, a cruzar os braços à frente do peito.

– Bonito dia para uma Apresentação – graceja o Ridoc.

– Não é para mim. – A chefe de divisão principal olha para o Ridoc com os olhos semicerrados, depois dirige-se para a fila de cadetes à frente dela. – Falem com os vossos colegas mais próximos enquanto estiverem no caminho, porque vai ajudar os dragões a perceberem quem vocês são e como é que vocês se relacionam com os outros. Há uma correlação entre os cadetes vinculados e o nível de conversa.

E agora quero trocar de lugar.

– Fiquem à vontade para olhar para os dragões, sobretudo se eles estiverem a exibir as caudas, mas, se valorizam as vossas vidas, abstenham-se de os olhar nos olhos. Se se depararem com uma marca de queimado, certifiquem-se de que não há nada a arder antes de seguirem em frente. – Para o tempo suficiente para deixar que o conselho seja absorvido, depois acrescenta: – Vemo-nos depois do vosso passeio.

Com um aceno da mão, a chefe de divisão principal afasta-se para o lado, para revelar o caminho de terra que passa pelo centro do vale; mais acima, sentados tão perfeitamente imóveis que poderiam ser gárgulas, estão os 101 dragões que decidiram vincular-se este ano.

A fila começa a andar e nós afastamo-nos os dois metros indicados antes de seguirmos em frente.

Estou completamente ciente de todos os passos ao seguir pelo caminho adiante. O terreno é duro debaixo das minhas botas e sente-se um odor persistente a enxofre.

Começamos por passar por um trio de dragões vermelhos. Têm presas com quase metade do meu tamanho.

– Nem sequer lhes consigo ver as caudas! – grita o Tynan à minha frente. – Como é que podemos saber qual é a raça de cada um assim?

Eu fixo os olhos nos ombros amplos e musculados de cada um ao passarmos.

– A ideia não é sabermos qual é a raça deles – respondo.

– Caga nisso – diz ele por cima do ombro. – Preciso de perceber de qual me vou aproximar durante a Debulha.

– Tenho a certeza de que esta pequena caminhada é para que *eles* decidam – replico.

– Com um pouco de sorte, um deles irá decidir que não vais chegar à Debulha – diz a Rhiannon, com a voz tão baixa que eu mal a consigo ouvir.

Rio-me quando nos aproximamos de um conjunto de castanhos, ligeiramente menores do que os do Aimsir da minha mãe, mas não por muito.

– São um pouco maiores do que eu pensava – diz a Rhiannon com a voz mais alta. – Já tinha visto alguns depois do Parapeito, mas…

Olho por cima do ombro e vejo-a a fitar inquieta e alternativamente para o caminho e para os dragões. Está nervosa.

– Então, sabes se vais ter uma sobrinha ou um sobrinho? – pergunto, a seguir o meu caminho por um punhado de dragões cor de laranja.

– O quê? – responde.

– Ouvi dizer que alguns dos curandeiros tem bons dotes de adivinhação quando a gravidez já vai avançada.

– Oh. Não – diz ela. – Não faço ideia. Embora tenha alguma esperança de que seja uma menina. Acho que vou descobrir quando acabarmos o ano e pudermos escrever às nossas famílias.

– Essa regra é uma treta – digo por cima do ombro, baixando imediatamente os olhos quando se cruzam com os de um dragão cor de laranja. *Respira normalmente. Engole o medo.* O medo e a fraqueza serão o meu fim e, dado que já estou a sangrar, as minhas possibilidades deixaram de ser as melhores.

– Não achas que promove a lealdade para com a divisão? – pergunta a Rhiannon.

– Acho que sou tão leal à minha irmã quer receba uma carta dela ou não – replico. – Há laços que não podem ser quebrados.

– Eu também seria leal à tua irmã – diz o Tynan, a virar-se com um sorriso largo. – É uma cavaleira do caraças, e aquele *cu*. Vi-a mesmo antes de ir para

o Parapeito e, caramba, Violet. É bem *boa.*

Passamos por mais um grupo de dragões vermelhos, depois por um único castanho e um par de verdes.

– Vira-te para a frente. – Faço o movimento de rodar com o dedo. – A Mira comer-te-ia ao pequeno-almoço, Tynan.

– Só estou a perguntar-me porque é que uma de vocês ficou com todos os traços bons e a outra parece ter ficado com as sobras. – O olhar dele revista-me de cima a baixo.

O nojo arrepia-me o corpo todo.

– És um idiota. – Mostro-lhe o dedo do meio.

– Estou só a dizer que talvez eu também lhe escreva uma carta quando tivermos esse privilégio. – Vira-se e continua a andar.

– Um sobrinho também seria bom – diz a Rhiannon, como se a conversa não tivesse sido interrompida. – Os rapazes não são assim tão maus.

– O meu irmão era maravilhoso, mas ele e o Dain são a minha única experiência de crescimento junto de rapazes. – Passamos por mais dragões e a minha respiração começa a assentar. O cheiro a enxofre desaparece ou talvez eu me tenha habituado a ele. Os dragões estão suficientemente perto para nos reduzirem a cinzas, como mostra a meia dúzia de marcas de queimado, mas não os consigo ouvir nem senti-los a respirar. – Embora eu pense que o Dain talvez fosse mais respeitador das regras do que a maioria das crianças. Ele gosta de ordem e detesta quase tudo o que não se encaixe completamente nos seus planos. Provavelmente vai-me dar cabo dos nervos pela forma como subi o Guante, tal como a Amber Mavis.

Passamos pelo sinal de meio do caminho e continuamos.

A forma como os dragões olham para nós é assustadora como o diabo? Sem dúvida, mas querem estar aqui tanto como nós, de maneira que espero, pelo menos, que sejam criteriosos no uso do poder de fogo.

– Porque é que não me disseste nada sobre o teu plano de usar a corda? E o punhal? – pergunta a Rhiannon, com mágoa na voz. – Podes confiar em mim, sabias?

– Só pensei nisso ontem – respondo, a certificar-me de que olho por cima do ombro para a ver. – E, se não funcionasse, não queria que fosses cúmplice. Tens

muito futuro neste lugar e eu não queria arrastar-te comigo se não tivesse conseguido subir o Guante.

– Não preciso que me protejas.

– Eu sei. Mas é o que as amigas fazem, Rhi. – Encolho os ombros quando passamos por um trio de dragões castanhos, e o único som que ouvimos por alguns minutos é o leve estalar das nossas botas na gravilha escura.

– Há mais algum segredo que não me tenhas contado? – acaba por perguntar a Rhiannon.

O meu estômago é tomado pela culpa quando penso no Xaden e no encontro com os marcados.

– Acho que é impossível saber-se tudo o que há para saber sobre alguém. – Sinto-me mal como a merda, mas pelo menos não minto.

A Rhiannon solta um sorriso suspirado.

– Aí está como fugir a uma pergunta. Nada mal. Promete-me que se precisares de uma ajuda vais deixar que eu ta dê.

O meu rosto abre-se num sorriso apesar de estarmos a passar pelos aterradores dragões verdes.

– E se fizermos o seguinte – atiro por cima do ombro. – Prometo que se precisar de uma ajuda que tu me possas dar, peço, mas só – levanto o dedo indicador – se me prometeres a mesma coisa.

– Combinado. – Ela solta um sorriso rasgado.

– Vocês as duas já acabaram de criar laços aí atrás? – troça o Tynan. – Porque estão quase no fim da fila, se ainda não repararam. – Para no meio do caminho a virar a atenção para a direita. – E eu ainda não percebi qual vou escolher.

– Com essa arrogância, tenho a certeza de que qualquer dragão se daria por sortudo se pudesse partilhar a tua cabeça durante o resto da tua vida. – Tenho pena do dragão que o escolher, se é que algum o vai fazer.

O resto da esquadra está reunida à nossa frente, olhando na nossa direção no fim do caminho, mas todos estão concentrados no que se passa à direita.

Passamos pelo último dragão castanho e eu inspiro profundamente.

– Que diabo? – O Tynan fica especado a olhar.

– Continua a andar – ordeno, mas o meu olhar fica paralisado.

No final da fila vejo um pequeno dragão *dourado.* A luz do sol reflete-se nas escamas e nos cornos daquele espécime completamente hirto, a brandir a cauda

de penas junto às ilhargas. *O cauda de penas.*

Fico boquiaberta ao ver-lhe os dentes aguçados e os movimentos rápidos de cabeça enquanto nos examina. Se estiver em pé, é provavelmente apenas alguns palmos mais alto do que eu, uma espécie de miniatura perfeita do castanho ao lado dele.

Caminho diretamente de encontro às costas do Tynan e sobressalto-me. Chegamos ao fim do caminho, onde o resto da esquadra nos espera.

– Larga-me, Sorrengail – diz o Tynan entre dentes a empurrar-me para trás. – Quem é que haveria de se vincular àquela coisa?

Sinto um aperto no peito.

– Eles ouvem-te – lembro-o.

– É *amarelo* ou o lá o que é. – A Luca aponta diretamente para o dragão, a repugnância a dobrar-lhe o lábio. – Não só é claramente demasiado pequeno para transportar um cavaleiro para a batalha, como nem sequer tem poder suficiente para ter uma cor de verdade.

– Talvez seja um equívoco – diz o Sawyer em voz baixa. – Talvez seja um cor de laranja bebé.

– É um adulto – aponta a Rhiannon. – Os outros dragões nunca permitiriam a vinculação de um bebé. Não há nenhum humano vivo que já tenha visto um dragão bebé.

– Deve ser um equívoco, deve. – O Tynan olha para o dragão dourado com uma expressão trocista. – Devias vincular-te a ele, Sorrengail. São ambos aberrantes e fracos. É um par celestial.

– Parece-me suficientemente poderoso para te reduzir a cinzas – retruco, com o calor a afoguear-me as faces. Chamou-me *fraca*, e não foi só à frente da nossa esquadra, mas também à frente *deles*.

O Sawyer lança-se para o meio de nós e agarra o Tynan pelo colarinho.

– Nunca digas isso sobre uma colega de esquadra, sobretudo em frente de dragões não vinculados.

– Larga-o. Ele só está a dizer o que todos nós estamos a pensar – murmura a Luca entre dentes.

Eu viro-me devagar para a olhar nos olhos com a boca ligeiramente entreaberta. É isto que nos acontece assim que estamos longe dos ouvidos de um cadete superior? Viramo-nos uns contra os outros?

– O que foi? – pergunta ela a apontar para o meu cabelo. – Metade do teu cabelo é prateado e tu és… pequenina – conclui com um sorriso falso. – Dourado e… pequeno. Combinam na perfeição.

A Trina pousa a mão no braço do Sawyer.

– Não cometas um erro à frente deles. Não sabemos o que eles vão fazer – sussurra. E agora estamos aqui retidos.

Arrasto-me um pouco para trás e o Sawyer larga o colarinho do Tynan.

– Alguém o deveria matar antes de ele se vincular – dispara o Tynan e, pela primeira vez na minha vida quero realmente bater em alguém que já está no chão… e continuar a bater até não se poder levantar. – A única coisa que ele fará é matar o cavaleiro dele, e não temos propriamente escolha se quiser vincular-se a nós.

– Só agora é que estás a perceber isso, é? – O Ridoc abana a cabeça.

– É melhor voltarmos – diz o Pryor, com o olhar a disparar em volta do grupo todo. – Quer dizer… se vocês acharem bem. Não tem de ser, claro.

– Por uma vez na tua vida – diz o Tynan, a passar pelo Pryor com um empurrão para se fazer ao caminho –, toma o raio de uma decisão, Pryor.

Seguimo-lo um a um, deixando o espaço sugerido entre nós. A Rhiannon vai à minha frente desta vez e o Ridoc atrás de mim, com a Luca a terminar a fila.

– São incríveis, não são? – diz o Ridoc, e o pasmo na voz dele faz-me sorrir.

– São – concordo.

– Para dizer a verdade, não impressionam assim muito, depois de ver aquele azul no Parapeito. – A voz da Luca chega até à Rhiannon, que se vira com uma expressão de incredulidade.

– Achas que isto já não é suficientemente tenso sem os insultares? – pergunta a Rhi.

Tenho de acalmar as coisas depressa.

– Bem, podia ser pior. Podíamos estar a passar por uma fila de serpes, não é?

– Oh, por favor, Violet, aquilo de que precisamos realmente é de um desses momentos em que balbucias histórias toda nervosinha – diz a Luca com sarcasmo. – Deixa-me adivinhar. As serpes são uma esquadra de elite de cavaleiros de grifos criado por algo que fizemos numa batalha de que só tu te lembras com esse cérebro de copista.

– Não sabes o que é uma serpe? – pergunta a Rhi, antes de começar a andar novamente. – Os teus pais não te contaram histórias para dormir, Luca?

– Esclarece-me, por favor – diz a Luca com a voz arrastada.

Eu reviro os olhos sem parar no meu caminho.

– São lendas – digo por cima do ombro. – São parecidas com os dragões, mas maiores, têm duas patas em vez de quatro, uma crina de penas afiadíssimas pelo pescoço abaixo e uma predileção por humanos. Ao contrário dos dragões, que acham que sabemos um pouco a caça.

– A minha mãe adorava dizer-me e à minha irmã Reagan que iríamos ser arrebanhadas por um no nosso alpendre se lhe respondêssemos, e que os seus venéficos com os olhos sinistros nos iriam fazer prisioneiros se pegássemos em guloseimas sem autorização – diz a Rhi, a lançar-me um sorriso aberto, e eu não posso deixar de reparar que o passo dela é mais leve.

O meu também. Reparo em cada dragão ao passarmos, mas a minha pulsação estabiliza.

– O meu pai costumava ler-me essas lendas todas as noites – digo-lhe. – E uma vez cheguei mesmo a perguntar-lhe se a minha mãe se iria transformar num venéfico por ela ser capaz de canalizar.

A Rhiannon ri-se quando já estamos a passar por um grupo de dragões vermelhos carrancudos.

– Ele disse-te que, pretensamente, as pessoas só se transformam em venéficos se canalizarem diretamente da fonte?

– Disse, mas só depois de a minha mãe chegar de uma noite muito longa quando estávamos destacados perto da fronteira este com os olhos raiados de vermelho, e eu ter ficado em pânico e começado a gritar. – Não consigo deixar de sorrir com a memória. – Tirou-me o livro de lendas durante um *mês* porque os guardas do posto avançado vieram todos a correr e eu estava escondida atrás do meu irmão, que não conseguia parar de rir, e, bem… foi uma confusão. – Mantenho os olhos virados para a frente sem os levantar quando um dragão funga ao passar.

Os ombros da Rhiannon sacodem-se de riso.

– Quem me dera que tivéssemos um livro desses. Eu acho mesmo que a minha mãe decidiu simplesmente alterar as histórias para nos assustar sempre que pisássemos o risco.

– Isso parecem mesmo disparates das aldeias raianas – troça a Luca. – Venéficos? Serpes? Toda a gente com um pouco de educação sabe que as nossas guarnições rechaçam toda a magia que não seja canalizada diretamente pelos dragões.

– São *histórias,* Luca – diz a Rhi por cima do ombro e eu não consigo deixar de reparar na quantidade de terreno que já percorremos. – Pryor, podes andar um pouco mais depressa aí à frente se quiseres.

– Talvez seja melhor abrandarmos e irmos com calma, não? – sugere o Pryor à frente da Rhiannon, a esfregar as palmas das mãos nas ilhargas do uniforme. – Ou, sim, também podemos ir mais depressa se quisermos sair daqui.

Um dragão vermelho sai da fila, dá um passo em frente na nossa direção e sinto um nó no estômago com o peso do pavor que me enche o corpo todo.

– Não, não, não – sussurro, paralisada, mas é tarde de mais.

O dragão vermelho abre a boca, expondo as presas aguçadas e brilhantes, e lança fogo de ambos os lados da língua, que jorra pelo ar e cai no caminho à frente da Rhiannon.

A Rhiannon grita de choque.

O ar quente cresta-me o rosto.

E, de repente, acaba.

O cheiro a enxofre e erva queimada… *a algo* queimado… enche-me os pulmões e vejo um pedaço chamuscado de chão à frente da Rhiannon, que não existia antes.

– Estás bem, Rhi? – pergunto num grito.

Ela assente com a cabeça, mas o movimento é precipitado e convulsivo.

– O Pryor está… está…

O Pryor está morto. Sinto água na boca como se fosse vomitar, mas inspiro pelo nariz e expiro pela boca até a sensação passar.

– Continuem a caminhar! – grita o Sawyer mais atrás.

– Está tudo bem, Rhi. Só tens de… – Só tem de fazer o *quê*? Passar por cima do corpo dele? Há algum corpo à frente dela?

– O fogo extinguiu-se – diz a Rhiannon por cima do ombro.

Assinto com a cabeça, porque não há nada que eu possa dizer para a tranquilizar.

Caramba, somos mesmo insignificantes.

Ela continua em frente e eu sigo-a, contornando o monte de cinza que já foi o Pryor.

– Ó meus deuses, o *cheiro* – queixa-se a Luca.

– Podes, por favor, ter algum nível de decência? – atiro, virando-me até certo ponto para olhar para ela com cara feia, mas o rosto do Ridoc detém-me.

Os olhos do Ridoc parecem dois pires e a boca não podia estar mais aberta.

– Violet.

É um sussurro, e eu pergunto-me por instantes se o ouvi ou se vi apenas a palavra a formar-se nos lábios dele.

– Vi…

Uma rajada quente de vapor sopra-me atrás do pescoço. O meu coração ribomba e a pulsação aumenta, errática, quando inspiro pela que poderá ser a última vez e me viro para a fila de dragões.

Os olhos dourados de não um, mas dois verdes cruzam-se com os meus, consumindo o meu campo de visão.

Oh. Foda-se.

Para se aproximar de um dragão verde, baixe os olhos em súplica e espere pela sua aprovação. Foi isso que eu li, não foi?

Eu baixo os olhos quando um volta a bufar na minha direção. O bafo é quente e espantosamente húmido, mas ainda não estou morta, o que não é coisa pouca.

O da direita dá uma espécie de gargalhada cava. Alto, será este o som da aprovação que eu procuro? Merda, quem me dera ter perguntado à Mira.

A Mira. Vai ficar devastada quando ler o rol.

Levanto a cabeça e sorvo um longo trago de ar. Estão ainda mais próximos. O da esquerda cutuca-me as mãos com o focinho gigante, mas eu consigo manter-me no lugar, a embalar-me sobre os calcanhares para não cair.

Os verdes são os mais razoáveis.

– Rasguei as mãos ao subir o percurso de obstáculos. – Levanto as palmas das mãos como se eles pudessem ver através do tecido que me liga as feridas.

O da direita chega o focinho aos meus seios e volta a bufar.

Que. Diabo.

Inala e volta a fazer aquele barulho com a garganta, e o outro encosta o focinho às minhas costelas, obrigando-me a levantar os braços para o caso de terem vontade de dar uma mordida.

– Violet! – grita a Rhiannon num suspiro.

– Eu estou bem! – respondo em voz alta, antes de estremecer, na esperança de não ter selado o meu destino ao gritar-lhes aos ouvidos.

Mais uma baforada. Mais uma gargalhada, como se estivessem a falar entre eles enquanto me farejam.

O que está debaixo do meu braço move as narinas em direção às minhas costas e volta a farejar.

Acende-se a lâmpada e eu contenho um riso tenso e surreal.

– Estão a sentir o cheiro do Teine, não estão? – pergunto em voz baixa.

Recuam ambos, apenas o suficiente para eu os olhar nos olhos dourados, mas mantêm as mandíbulas fechadas, o que me dá a coragem para continuar a falar.

– Sou a irmã da Mira, Violet. – Baixo os braços devagar e passo as mãos no colete cheio de ranho e na couraça cuidadosamente costurada debaixo dele. – Ela pegou nas escamas do Teine depois de ele as perder no ano passado e encolheu-as para as poder costurar no colete, para que eu me mantenha a salvo.

O da direita pestaneja.

O da esquerda volta a esticar o nariz e a farejar, agora mais alto.

– As escamas já me salvaram algumas vezes – sussurro. – Mas mais ninguém sabe que estão aqui. Só a Mira e o Teine.

Pestanejam ambos na minha direção e eu baixo o olhar, fazendo uma vénia com a cabeça porque me parece o mais adequado. O Professor Kaori ensinou-nos todas as formas de nos aproximarmos de um dragão e exatamente nenhuma para nos afastarmos de um.

Passo a passo, ambos recuam até que os vejo a assumir as posições na fila na minha periferia e levanto finalmente a cabeça.

Depois de respirar fundo várias vezes, tento travar os músculos e impedir que tremam.

– Violet. – A Rhiannon está apenas a alguns passos de distância com uma expressão de pavor nos olhos. Devia estar mesmo atrás das cabeças deles.

– Eu estou bem. – Abro um sorriso forçado e assinto com a cabeça. – Tenho uma couraça de escamas de dragão debaixo do colete – sussurro. – Eles sentiram o cheiro do dragão da minha irmã. – Se ela quer confiança, aqui a tem. – Não contes a ninguém, por favor.

– Não vou contar – sussurra ela. – Estás bem?

– Tirando o facto de ter perdido alguns anos de vida. – Rio-me. O som é trémulo, a raiar a histeria.

– Vamo-nos embora daqui para fora. – A Rhiannon engole em seco, o olhar lança-se para a fila de dragões.

– Boa ideia.

Vira-se e volta para o lugar dela, e quando ela já está a 4,5 metros à minha frente, sigo-a.

– Acho que acabei de me borrar todo – diz o Ridoc, e o meu riso faz-se cada vez mais alto à medida que avançamos.

– Pensei mesmo que te iam comer – observa a Luca.

– Eu também – admito.

– Não os teria censurado – continua ela.

– És insuportável – acusa o Ridoc.

E concentro-me no caminho à minha frente e continuo a andar.

– O que foi? É óbvio que ela é o nosso elo mais fraco a seguir ao Pryor, e eu não os censuro por o terem reduzido a cinzas – aponta. – Nunca era capaz de tomar uma decisão, e ninguém quer uma pessoa assim como cavaleiro…

Uma rajada de calor chamusca-me as costas e eu paro.

O Ridoc não. O Ridoc…

– Parece que os dragões também a acham insuportável – murmura o Ridoc.

A nossa esquadra está reduzida a seis instruendos do primeiro ano.

Não há lição de humildade nem nada tão impressionante como testemunhar uma Debulha… pelo menos para os sobreviventes.
– Guia de Campo para a Draconidade do Coronel Kaori



CAPÍTULO XIII

O dia 1 de outubro é sempre o dia da Debulha.
Segunda-feira, quarta-feira ou domingo, não importa em que dia cai num dado ano. No dia 1 de outubro, os instruendos do primeiro ano do Quadrante dos Cavaleiros entram no vale florestado em forma de tigela a sudoeste da cidadela e rezam para saírem vivos.

Não vou morrer hoje.

Não me dei ao trabalho de comer esta manhã e tenho pena do Ridoc, que está neste momento a vomitar o conteúdo do estômago junto a uma árvore à minha direita.

A Rhiannon tem uma espada atada às costas e o punho roça-lhe na coluna quando ela salta e alonga os braços alternadamente à frente do peito.

– Não se esqueçam de ouvir isto – diz o Professor Kaori à frente dos 147 cadetes a bater com a mão no peito. – Se um dragão já vos tiver selecionado, irá chamar-vos. – Volta a bater com a mão no peito. – Por isso, fiquem atentos não só ao que vos rodeia, mas também aos vossos sentimentos, e sigam-nos. – Faz um esgar. – E se os vossos sentimentos vos disserem para seguirem na direção oposta… ouçam-nos também.

– Qual vai ser a tua opção? – pergunta a Rhiannon em voz baixa.

– Não sei. – Abano a cabeça, mas não consigo livrar-me da sensação de fracasso absoluto que me contrai o peito. Chegada a este momento, a Mira já

sabia que iria à procura do Teine.

– Memorizaste os cartões, certo? – pergunta ela, a levantar as sobrancelhas. – Por isso, sabes o que podes encontrar, não é?

– Memorizei. Só não sinto nenhuma ligação com nenhum. – O que é melhor do que sentir uma ligação com um dragão que já esteja debaixo do olho de outro cavaleiro. Não tenho vontade nenhuma de lutar até à morte hoje. – O Dain tentou convencer-me a ir atrás de um castanho.

– O Dain perdeu o direito de voto quando te tentou convencer a saíres daqui – replica ela.

Não deixa de ser verdade. Só falei com ele uma vez nos últimos dois dias depois da Apresentação e tentou convencer-me a fugir ao fim de menos de cinco minutos. Esta manhã só vimos professores, mas eu sei que os cavaleiros do segundo e terceiro anos estão espalhados ao longo do vale para nos observar.

– E tu?

Ela sorri abertamente.

– Estou a pensar naquele verde. O que ficou mais perto de mim quando foram ter contigo para se porem ali a mimar-te.

– Bem, não te comeu, o que é um início prometedor. – Sorrio apesar do medo que me corre nas veias.

– Também acho. – Entrelaça o braço no meu e eu volto a concentrar-me no que o Professor Kaori está a dizer.

– Se forem em grupos, a incineração é mais provável do que a vinculação – diz o Professor Kaori a falar com alguém perto do centro do vale. – Os copistas já fizeram a estatística. É melhor que vão sozinhos.

– E se não formos escolhidos até à hora de jantar? – pergunta um homem de barba curta à esquerda.

Atrás dele, vejo o Jack Barlowe virado para mim a passar o dedo no pescoço. Que original. Depois o Oren e o Tynan aparecem ao lado dele.

A lealdade para com a esquadra é coisa do passado. Hoje é cada um por si.

– Se não forem escolhidos até ao cair da noite, há um problema – responde o Professor Kaori, com o denso bigode a pender de ambos os lados. – Vão ser trazidos de volta por um professor ou um dos chefes principais, por isso não desistam nem pensem que nos esquecemos de vocês. – Olha para o relógio de bolso. – Não se esqueçam de se dispersarem e de usarem cada centímetro do vale

em vosso benefício. As únicas palavras que me restam para vos dizer são «boa sorte». – Assente com a cabeça, a passar o olhar pela multidão com tal intensidade, que eu sei que vai ser capaz de recriar este momento numa projeção.

Depois vai-se embora, subindo a colina à nossa direita a passo decidido e desaparecendo no meio das árvores.

A minha cabeça anda à volta. Está na hora. Ou saio desta floresta como cavaleira… ou talvez não chegue a sair.

– Tem cuidado. – A Rhiannon puxa-me para um abraço e as tranças dela caem-me sobre os ombros quando os braços me envolvem e apertam.

– Tu também. – Retribuo o abraço e sou imediatamente envolvida por outro par de braços.

– Não morras – ordena o Ridoc.

É o nosso único objetivo no momento em que os elementos que restam da nossa esquadra se separam e cada um de nós segue a sua própria direção, como se tivéssemos sido dispersos por um movimento centrífugo de uma espécie de roca de fiar.

A avaliar pela posição do Sol, já passaram pelo menos duas horas desde que os dragões voaram por cima de nós e aterraram no vale numa sucessão que parecia uma trovoada e que pôs a terra a tremer.

Já passei por dois verdes, um castanho, quatro cor de laranja e…

O meu coração vacila e fico com os pés colados ao chão da floresta quando um vermelho me entra no campo de visão com a cabeça ligeiramente abaixo da abóbada formada pelas coroas das árvores enormes que nos rodeiam.

Não é o meu dragão. Não sei bem como é que o sei, mas sei.

Contenho a respiração a tentar não fazer barulho nenhum quando ele vira a cabeça para a direita, depois para a esquerda, e baixo a cabeça e ponho os olhos no chão.

Ao longo da última hora, mais coisa menos coisa, vi dragões a lançar-se ao ar com um cadete – agora cavaleiro – no dorso, mas também vi mais do que um par de colunas de fumo e não tenho desejo nenhum de me transformar numa.

O dragão solta uma baforada e continua o seu caminho, elevando a cauda de moca, que embate num ramo baixo. O ramo cai com um estrondo tremendo e só quando os passos se afastam é que eu decido levantar a cabeça.

Já passei por dragões de todas as cores e nenhum falou comigo nem me transmitiu a sensação de comunhão que se diz que devemos sentir.

O meu estômago dobra-se num nó. E se eu for uma das cadetes destinada a nunca se tornar cavaleira? Uma cadete que é obrigada a iniciar o primeiro ano vezes sem conta até acontecer algo que me leva a entrar no rol de mortes? Fiz isto tudo por nada?

É uma ideia que me pesa demasiado sobre os ombros.

Talvez se eu conseguisse ver o vale, pudesse ter uma sensação como aquela a que o Professor Kaori se estava a referir.

Avisto uma árvore que posso trepar e ponho mãos à obra, subindo ramo atrás de ramo. Sinto a dor a irradiar das minhas mãos, mas não deixo que me distraia. A casca prende-se às ligaduras que me cobrem as palmas das mãos… ora, este sim é um inconveniente que me obriga a parar a espaços para libertar o tecido da casca.

Tenho quase a certeza de que os ramos mais altos não vão aguentar o meu peso, de maneira que paro a cerca de três quartos do tronco e pesquiso a área mais próxima.

Há alguns dragões verdes que se destacam da folhagem outonal e estão bem à vista à minha esquerda. Esta é a altura do ano em que os cor de laranja, castanhos e vermelhos têm mais possibilidades de passarem despercebidos na paisagem, o que não deixa de ser estranho. Olho para as árvores à procura de movimento e avisto um par mais para sul, mas não existe atração nem necessidade ardente de seguir naquela direção, o que provavelmente significa que aqueles também não são para mim.

Sou tomada por um alívio embaraçoso quando conto pelo menos 12 cadetes a perambular sem direção. Não deveria ficar tão feliz por eles também ainda não terem encontrado os respetivos dragões, mas, pelo menos, não sou a única, o que me dá esperança.

Vejo uma clareira a norte, e os meus olhos entrefecham-se quando um clarão reflete o sol como um espelho.

Ou como um dragão dourado.

Pelos vistos, o pequeno cauda de penas ainda anda por aqui a satisfazer a sua curiosidade. Mas parece que não vou encontrar o meu dragão em cima de uma árvore, pelo que desço o mais cuidadosa e silenciosamente possível. Toco com os

pés no chão imediatamente antes de ouvir vozes a aproximar-se e escondo-me atrás do tronco para não ser vista.

Não devíamos andar em grupos.

– Estou-te a dizer, acho que o vi a vir nesta direção. – É a voz arrogante do Tynan, que reconheço imediatamente.

– É bom que tenhas razão, porque se tivemos de subir esta merda toda até aqui para não encontrarmos nada, vou-te cortar aos pedaços. – O meu estômago anda às voltas. É o Jack. Só a voz dele tem este efeito físico em mim. Nem a do Xaden faz o mesmo.

– Têm a certeza de que não seria melhor gastarmos o tempo à procura do nosso próprio dragão em vez de andarmos a perseguir a aberração? – Bem lá no fundo sei que reconheci esta voz também, mas inclino-me para fora do meu esconderijo para ter a certeza. Sim, é o Oren.

Volto imediatamente a colocar-me a coberto da árvore quando o trio passa, cada um deles com uma espada mortal atada nas costas. Tenho nove punhais distribuídos pelo corpo, pelo que não estou exatamente desarmada, mas sinto-me tragicamente em desvantagem devido à minha incapacidade de manejar eficazmente uma espada. São pesadas de mais.

Alto… o que é que eles disseram que estavam a fazer? A perseguir alguém?

– Os nossos dragões não vão vincular-se a outros cavaleiros, com certeza – dispara o Jack. – Vão esperar por nós. Temos de fazer isto. Aquele dragão enfezado vai fazer com que alguém morra. Temos de o eliminar.

Sinto um enjoo no estômago e finco as unhas nas palmas das mãos. Eles vão tentar matar o dragãozinho dourado.

– Se formos apanhados, estamos fodidos – observa o Oren.

A definição de eufemismo. Imagino que os dragões não aceitem de bom grado que matem um dos seus, mas parecem focados em eliminar os mais fracos do seio da nossa espécie, por isso não é difícil de imaginar que façam o mesmo com a deles.

– Então é melhor calares a boca para que ninguém nos ouça – riposta o Tynan com a voz a elevar-se naquele tom de escárnio que me dá vontade de lhe dar um murro na cara.

– É melhor assim – aponta o Jack, com um tom mais baixo. – É pouco fiável, uma aberração completa, e todos sabemos que os caudas de penas são inúteis em

combate. Recusam-se a lutar. – A voz dele esbate-se quando se afastam em direção ao norte.

Em direção à clareira.

– Merda – murmuro entre dentes, embora aqueles idiotas já não me possam ouvir. Ninguém sabe nada sobre os caudas de penas, de maneira que não sei onde o Jack foi buscar aquela informação, mas não tenho tempo para pensar nos preconceitos daquele traste neste momento.

Não tenho nenhuma forma de contactar o Professor Kaori e ainda não vi nenhum sinal de que os cavaleiros mais velhos nos estão a observar, pelo que também não posso contar com eles para acabar com esta loucura. O dragão dourado deve ser capaz de cuspir fogo, mas e se não for?

É possível que eles não o consigam encontrar, mas… merda, nem eu me consigo convencer de que isso seja verdade. Estão a seguir no caminho certo e aquele dragão é quase um farol luminoso. Vão encontrá-lo de certeza.

Deixo os ombros cair e solto um longo suspiro de frustração para o céu.

Não posso limitar-me a ficar aqui sem fazer nada.

Podes chegar lá primeiro e avisá-lo.

É um plano sólido e bem melhor do que a segunda opção, que me obrigaria a enfrentar três homens armados com um acumulado de pelos menos mais 90 quilos do que eu.

Corro pela floresta afora com o cuidado de não fazer barulho a cada passada e de seguir um ângulo ligeiramente diferente do pequeno batalhão do Jack, feliz por ter crescido a jogar às escondidas com o Dain no meio do bosque. É uma área de especialidade que posso dizer com confiança que domino.

Eles vão com algum avanço e a clareira é mais próxima do que eu pensava, de maneira que acelero, sempre com os olhos postos no caminho coberto de folhas que escolhi e no local onde penso, ou melhor, onde sei que estão, à minha esquerda. Consigo distinguir-lhes os vultos vagarosos à distância.

Ouço um estalo e o chão desaparece debaixo de mim, e reaparece, a precipitar-se em direção ao meu rosto. Estico as mãos para me proteger um segundo antes de embater no chão da floresta. Mordo o lábio inferior para conter um grito ao sentir o tornozelo arder. Um estalo não é bom. Nunca é bom.

Olho para trás, praguejo ao ver o ramo caído e escondido no meio da folhagem que acabou de me dar cabo do tornozelo. Merda.

Bloqueia a dor. Bloqueia a dor. Mas não há truque mental que me tire a agonia insuportável do estômago quando me arrasto até ficar de joelhos e me levanto com cuidado, a apoiar o peso todo no tornozelo esquerdo.

Não posso fazer nada a não ser coxear, sempre com os dentes cerrados, os quatro ou cinco metros que faltam para chegar à clareira. O assomo de satisfação por vencer o Jack é quase suficiente para me fazer rir.

O campo descoberto é suficientemente grande para dez dragões, rodeado de árvores grandes, mas o dragão dourado está sozinho no meio, como se quisesse bronzear-se. É tão bonito como eu me lembrava, mas, a não ser que seja capaz de cuspir fogo, é um alvo fácil.

– Tens de sair daqui! – digo com os dentes cerrados a coberto das árvores, sabendo que ele deveria ser capaz de me ouvir. – Vão-te matar se não te fores embora!

A cabeça dele roda na minha direção, depois inclina-se num ângulo que me faz sentir dores no meu próprio pescoço.

– Sim! – suspiro alto. – Tu! Douradinho!

Ele pestaneja os olhos dourados e brande a cauda.

Foda-se, só podes estar a brincar comigo.

– Vai-te embora! Corre! Voa! – Enxoto-o, antes de me lembrar que é o raio de um dragão, capaz de me fazer em pedaços só com as garras, e baixo as mãos. Isto não está a correr bem. Está a correr o *oposto* de bem.

As árvores agitam-se a sul e o Jack entra na clareira a brandir a espada com a mão direita. Um passo depois, tem o Oren e o Tynan ao lado dele, ambos com as armas desembainhadas.

– Merda – murmuro, com um aperto no peito. Agora é oficial: isto está a correr horrivelmente mal.

A cabeça do dragão dourado vira-se de chofre na direção deles e um ronco baixo ressoa-lhe no peito.

– Vamos fazê-lo de forma indolor – promete o Jack, como se isso tornasse o assassínio aceitável.

– Carboniza-os – grito num sussurro com o coração a martelar quando os vejo a aproximar-se. Mas o dragão não o faz e, por alguma razão, sinto nos ossos a certeza de que não é capaz. Se não for por meio do uso dos dentes, está indefeso contra três guerreiros treinados.

Vai morrer só por ser menor e mais fraco do que os outros dragões… tal como eu. A minha garganta fecha-se num nó.

O dragão recua a mostrar os dentes e o ronco faz-se mais alto.

Sinto o estômago a dar voltas, a mesma sensação que tive no Parapeito. As probabilidades de morrer com o que venha a fazer a seguir são avassaladoras.

No entanto, vou fazê-lo na mesma, porque isto não está certo.

– Vocês não podem fazer isso! – Dou um passo para a erva à altura da canela e a atenção do Jack vira-se para mim. O meu tornozelo tem uma pulsação própria, e a dor agonizante sobe-me pela coluna e deixa-me os dentes a tremer quando coloco o peso na articulação aleijada para que eles não me vejam a coxear. Não podem saber que estou magoada ou serão ainda mais lestos a atacar.

Se vier um de cada vez, tenho a hipótese de os aguentar tempo suficiente para que o dragão consiga escapar, mas se vierem juntos…

Não penses nisso.

– Oh, vejam só! – O Jack sorri de felicidade a apontar a espada na minha direção. – Podemos eliminar ambos os elos mais fracos ao mesmo tempo! – Olha para os amigos e ri-se, detendo-os quando já avançavam.

Cada passo dói mais do que o anterior, mas consigo chegar ao centro da clareira e interpor-me entre o grupo do Jack e o dragão dourado.

– Há muito tempo que espero este momento, Sorrengail. – O Jack avança devagar.

– Se souberes voar, este seria um bom momento para o fazeres – grito por cima do ombro para o pequeno dragão enquanto saco dois punhais das bainhas nas costelas.

O dragão bufa. Que grande ajuda.

– Não podem matar um dragão – tento argumentar, a abanar a cabeça para o trio, com o medo a injetar-me adrenalina nas veias.

– Claro que podemos. – O Jack encolhe os ombros, mas o Oren parece um pouco indeciso, pelo que fixo os olhos nos dele quando os três se dispersam a cerca de quatro metros de distância, definindo a formação perfeita para o ataque.

– Não podes – digo diretamente ao Oren. – Contraria tudo aquilo em que acreditamos!

Ele estremece. O Jack não.

– Deixar algo tão *fraco*, tão incapaz de lutar, viver é contra as nossas convicções! – grita o Jack, e sei que não está a referir-se apenas ao dragão.

– Vão ter de passar por mim, então. – Sinto o coração a martelar contra as costelas quando levanto os punhais, virando um deles para o agarrar na ponta e estar pronta para o atirar enquanto meço a distância que me separa dos meus atacantes.

– Isso para mim não é problema nenhum – rosna o Jack.

Levantam todos as espadas e eu sorvo um longo trago de ar a preparar-me para a luta. Não estamos no tapete. Não há instrutores. Ninguém se tem de render. Nada os pode impedir de me chacinar… de nos chacinar a ambos.

– Recomendo veementemente que pensem duas vezes antes de atacarem – aconselha uma voz, a voz *dele*, do outro lado da clareira à minha direita.

Sinto um formigamento no escalpe quando todas as nossas cabeças giram na direção dele.

O Xaden está encostado a uma árvore com os braços cruzados sobre o peito e, atrás dele, a observar-nos com os olhos dourados semicerrados e as presas expostas, está a Sgaeyl, a sua assustadora cauda de punhal azul-marinho.

Nos seis séculos de história registada entre dragões e cavaleiros, houve centenas de casos conhecidos em que um dragão não foi capaz de recuperar da perda do cavaleiro a que estava vinculado. Isto acontece quando a vinculação é particularmente forte e, em três casos documentados, acabou por levar à morte do dragão.

– Navarre, Uma História não Editada do Coronel Lewis Markham



CAPÍTULO XIV

O *Xaden.* É a primeira vez que o meu peito se enche de esperança quando o vejo. Ele não vai deixar que isto aconteça. Pode odiar-me, mas é chefe de divisão. Não pode simplesmente ficar a vê-los a matar um dragão.

Mas provavelmente eu conheço as regras melhor do que ninguém neste quadrante.

Ele não pode fazer nada. Sinto um ardor a subir-me à garganta e inclino o queixo para amainar a sensação. O que o Xaden quer, e que é sempre questionável, não importa neste caso. Ele só pode observar, não pode interferir.

Vou ter público para a minha morte. Fantástico.

Era uma vez a esperança.

– E se não *pensarmos duas vezes antes de atacarmos*? – grita o Jack.

O Xaden olha para mim e juro que o vejo a cerrar o maxilar, mesmo a esta distância.

A esperança é uma coisa instável e perigosa. Tira-te o foco e lança-te para as possibilidades em vez de te manter no teu lugar… nas probabilidades. As palavras do Xaden voltam-me à memória com uma clareza alarmante, e desvio os olhos dos deles e concentro-me nas três *probabilidades* à minha frente.

– Não podes fazer nada, não é, chefe de divisão? – brada o Jack.

Parece que ele também conhece as regras.

– Não é comigo que devem preocupar-se hoje – responde o Xaden, e a Sgaeyl inclina a cabeça, nada a não ser ameaça nos olhos dela quando me viro para lá.

– Vais mesmo fazer isto? – pergunto ao Tynan. – Atacar uma colega de esquadra?

– Os esquadrões não significam merda nenhuma hoje – diz ele entre dentes a dobrar os lábios num sorriso sinistro de ameaça.

– Bem, suponho que não te esteja a apetecer voar, então? – atiro por cima do ombro e o dragão dourado bufa baixinho em resposta. – Ótimo. Bem, se me pudesses ajudar com essas garras, ficaria muito agradecida.

Bufa duas vezes e eu lanço um olhar rápido para as garras dele.

Ou deveria dizer… patas.

– Oh, foda-se. Não tens garras?

Viro-me novamente para os três homens no momento em que o Jack solta um grito de batalha e começa a correr na minha direção. Eu não hesito. Atiro a faca para o espaço cada vez menor entre nós e a lâmina espeta-se no ombro da mão que trazia a espada. A espada cai quando ele tomba de joelhos, a gritar novamente, desta vez de dor.

Bom.

Mas o Oren e o Tynan avançaram ao mesmo tempo e estão quase em cima de mim. Lanço o meu segundo punhal contra o Tynan e acerto-lhe na coxa, o que o abranda, mas não o detém.

O Oren investe para o meu pescoço e eu baixo-me, desembainho outro punhal e passo-o ao longo das costelas dele tal como fiz durante o nosso desafio. O meu tornozelo não me vai deixar dar-lhe um pontapé, nem sequer desferir-lhe um murro como deve ser, por isso tenho de me fiar nas facas.

Ele recupera depressa e roda com a espada, atingindo-me na barriga com um movimento fluido que me evisceraria se não estivesse a usar a couraça da Mira. Por isso, a lâmina limita-se a roçar pelas escamas e a escorregar do meu corpo.

– Que diabo? – Os olhos do Oren arregalam-se.

– Ela destruiu-me o ombro! – grita o Jack, a levantar-se com dificuldade e a distrair os outros. – Não o consigo mexer! Leva a mão à articulação e eu sorrio abertamente.

– É o que acontece com as articulações fracas – digo, já com outro punhal na mão. – É fácil saber *exatamente* onde atacar.

– Matem-na! – ordena o Jack, ainda agarrado ao ombro enquanto recua na direção oposta, para depois desaparecer imediatamente no meio do renque de árvores.

Cobarde de merda.

O Tynan dá uma estocada com a espada e eu rodo sobre o tornozelo para me desviar. A dor lancinante tolhe-me a visão por um instante antes de eu dar um golpe para trás, lhe enterrar o punhal na ilharga e girar para espetar o cotovelo no queixo do Oren e sacudir-lhe a cabeça quando ataca.

– Sua *cabra* de merda! – grita o Tynan, a pressionar a palma da mão na ilharga a escorrer sangue.

– Que insulto tão… – Tiro proveito da expressão de perplexidade do Oren e abro-lhe a anca. – … original!

O gesto custa-me caro e deixo escapar um grito quando a espada do Tynan me corta o braço esquerdo acompanhando a direção do osso.

A couraça impede que me penetre as costelas, mas sei que vou ter uma contusão e tanto amanhã, enquanto arrasto os pés para longe para tirar a espada do corpo e deixar o sangue escorrer livremente.

– Atrás de ti! – grita o Xaden.

Giro e vejo a espada do Oren bem levantada e pronta para me separar a cabeça dos ombros, mas o dragão dourado fecha o maxilar e o Oren cambaleia para o lado com os olhos cobertos de terror, como se tivesse acabado de se aperceber que o dragão tem dentes.

Dou um passo para o lado e bato-lhe com o punho da minha faca na base do crânio.

Ele cai desamparado e inconsciente, e não espero vê-lo cair para me virar para o Tynan, que tem a espada cheia de sangue pronta.

– Não podes interferir! – grita o Tynan na direção do Xaden, mas não me atrevo a desviar o olhar do meu adversário tempo suficiente para ver qual é a reação do chefe de divisão.

– Não, mas posso narrar – replica o Xaden.

É óbvio que ele está ao meu lado neste caso, o que me deixa confusa como o diabo, uma vez que, acima de tudo, tenho a certeza de que me quer ver morta.

Porém, talvez não esteja a proteger a minha vida, mas a do dragão dourado.

Arrisco um relanceio rápido. Sim, a Sgaeyl parece zangada. A cabeça ondula num movimento serpenteante – um sinal claro de nervosismo – e aqueles olhos dourados semicerrados estão focados no Tynan, que agora está a tentar circundar-me como se estivéssemos no tapete, mas eu não o vou deixar colocar-se entre mim e o dragãozinho dourado.

– Tens o braço arrasado, Sorrengail – diz o Tynan com os dentes cerrados e o rosto pálido e suado.

– Estou habituada a trabalhar com dor, idiota. E tu? – Levanto o punhal com a mão direita só para provar que sou capaz não obstante o sangue que me escorre do braço e pinga da ponta da lâmina, encharcando a ligadura que me envolve a palma da mão. O meu olhar baixa-se deliberadamente para a ilharga dele. – Sei exatamente onde te cortei. Se não fores ter com um curandeiro rapidamente, não tardarás a ter uma hemorragia interna.

A raiva contorce-lhe as feições e ele investe sobre mim.

Tento lançar-lhe a minha faca, mas escorrega-me da mão cheia de sangue e cai com uma pancada seca na erva a vários passos de distância.

E eu sei que a minha bravata não vai ser suficiente para me salvar agora.

Tenho o braço arruinado. A perna arrasada. Mas pelo menos obriguei o Jack Barlowe a fugir antes de morrer.

No que toca a últimos pensamentos, este não é dos piores.

No preciso momento em que o Tynan levanta a espada com as duas mãos a preparar-se para o golpe fatal, vislumbro um movimento à minha direita. É o Xaden. E, regras ou não, ele avança na nossa direção como se tivesse intenção de impedir que o Tynan me mate.

Quase não tenho tempo de assimilar a surpresa com a possibilidade de o Xaden me salvar, seja por que razão for, uma vez que sinto uma rajada de vento a bater-me nas costas e cambaleio para a frente, apoiando o peso no tornozelo destruído e levantando os braços para não cair, com uma expressão de sofrimento provocada pela dor lancinante.

O Tynan fica de boca aberta e recua, inseguro, com a cabeça tão inclinada para trás que está quase perpendicular ao tronco. A sombra envolve-nos a ambos e ele continua a recuar.

Com o peito a arfar e os pulmões a desesperar por ar, arrisco uma olhada por cima do ombro para ver porque é que o Tynan está a recuar.

E o coração salta-me para a boca.

Ao lado do dragão dourado e a protegê-lo com uma enorme asa preta marcada por cicatrizes está o maior dragão que eu vi na vida: o dragão preto não vinculado que o Professor Kaori nos mostrou na aula. Nem sequer fico perto de lhe chegar ao *tornozelo*.

Um ronco ressoa-lhe no peito e faz vibrar o terreno à minha volta quando baixa a cabeça gigantesca e revela dentes gotejantes.

Ao soprar o ar quente por cima de mim, sinto um assomo de medo que me eriça cada célula do corpo.

– *Afasta-te para o lado, Prateada* – ordena uma voz cava, áspera e definitivamente masculina.

Eu pestanejo. Alto. *O quê?* Ele acabou de falar comigo?

– *Sim. Tu. Desvia-te.* – Não há espaço para discussões com este tom, e eu coxeio para o lado e quase tropeço no corpo inconsciente do Oren. O Tynan começa a correr aos gritos a tentar fugir para o meio das árvores.

O dragão preto semicerra os olhos furiosos sobre o Tynan e escancara a boca um segundo antes de soprar um jorro de fogo por cima do campo que me deixa a face a arder e incinera tudo o que lhe aparece pelo caminho… incluindo o Tynan.

As chamas crepitam nas pontas do caminho chamuscado e eu viro-me devagar para olhar para o dragão, perguntando-me se estarei prestes a ser a próxima.

Ele estuda-me com aqueles olhos dourados gigantes, mas eu não cedo e inclino o queixo para cima.

– *Deverias acabar com o inimigo que está aos teus pés.*

As minhas sobrancelhas levantam-se de chofre. A boca dele não se moveu. Falou comigo, mas… a boca não se moveu. Oh, merda. É porque ele está na minha cabeça.

– Não posso matar um homem inconsciente. – Abano a cabeça, embora não tenha a certeza se em protesto contra a sugestão do dragão ou em resultado da minha confusão.

– *Ele matar-te-ia se tivesse a oportunidade.*

Eu baixo os olhos para o Oren, que continua inconsciente na erva junto aos meus pés. Não posso contestar tão astuto argumento.

– Bem, isso é uma afirmação sobre o caráter dele, não sobre o meu.

O dragão limita-se a pestanejar em resposta, e eu não sei dizer se é um bom sinal ou não.

Vejo um vislumbre de azul pelo canto do olho e depois ouço um ruflo quando o Xaden e a Sgaeyl levantam voo e me deixam com o dragão preto gigante e o pequeno dragão dourado. Calculo que a preocupação momentânea do Xaden com a minha vida terminou.

As narinas gigantes do dragão abrem-se.

– *Estás a verter sangue. Estanca-o.*

O meu braço.

– Não é assim tão simples depois de a pele ter sido aberta por uma… – Abano a cabeça novamente. Estarei realmente a discutir com um dragão? Foda-se, isto é tão surreal. – Sabes que mais? Isso é uma grande ideia. – Consigo cortar o que resta da manga direita da minha camisa e envolvo-a em redor da ferida, segurando uma ponta do tecido com os dentes para a atar bem e, assim, colocar pressão sobre a ferida e abrandar o sangramento. – Pronto. Está melhor?

– *Serve.* – Ele inclina a cabeça na minha direção. – *Também tens as mãos ligadas. Sangras muitas vezes?*

– Tento não sangrar.

Ele ri-se de escárnio.

– *Vamos, Violet Sorrengail.* – O dragão preto levanta a cabeça, e o dragão dourado espreita de baixo da asa dele.

– Como é que sabes o meu nome? – Fico a olhar para ele, boquiaberta.

– *E pensar que eu quase me esqueci até que ponto os humanos podem ser loquazes.* – Suspira e a lufada do ar agita as árvores. – *Sobe para as minhas costas.*

Oh. Merda. Ele está a… *escolher-me*.

– Subo para as tuas costas? – repito como a merda de um papagaio. – Já olhaste bem para ti? Fazes ideia do tamanho que tens? – Precisava do raio de uma escada para chegar lá a cima.

O olhar que ele me lança só pode ser descrito como um olhar de aborrecimento.

– *Ninguém vive um século sem ter perfeita consciência do espaço que ocupa. Vá, sobe*.

O dragão dourado sai do abrigo da asa do grande. É minúsculo comparado com a monstruosidade que tenho à minha frente e, pelo que me é dado ver, completamente indefeso com a exceção dos dentes, como um cãozinho brincalhão.

– Não posso deixá-lo assim – digo. – E se o Oren acorda ou o Jack volta?

O dragão preto bufa.

O dourado agacha-se, dobrando as pernas, e depois lança-se para o céu, com as asas a cintilar ao sol ao roçar as coroas das árvores.

Afinal consegue voar. Teria sido bom sabê-lo há vinte minutos.

– *Sobe* – rosna o dragão preto, a abanar o terreno e as árvores na extremidade da clareira.

– Tu não me queres – observo. – Eu sou…

– *Não vou dizer a mesma coisa outra vez.*

Percebido.

O medo prende-me a garganta como um punho e coxeio até à perna dele. Isto não é como trepar uma árvore. Não tenho onde pôr a mão, nenhum caminho fácil, só uma série de escamas duras como pedra que não dão grande apoio para os pés. Além disso, o meu braço e tornozelo não são grande ajuda. Como raio é que eu vou chegar lá acima? Levanto o braço esquerdo e sorvo um trago de ar antes de lhe pousar a mão na perna dianteira esquerda.

As escamas são maiores e mais densas do que a minha mão e surpreendentemente quentes quando lhes toco. Ligam-se às que estão imediatamente acima num padrão intrincado que não dá espaço para fincar as mãos.

– *És uma cavaleira, não és?*

– Isso parece discutível neste momento. – O meu coração ribomba. Será que ele me vai tostar viva por ser demasiada lenta?

Ouço um ronco baixo e frustrado a ressoar-lhe no peito e depois ele deixa-me em choque completo quando se estica para a frente e faz da perna da frente uma espécie de rampa. Os dragões nunca suplicam por *ninguém,* e, no entanto, aqui está ele, a baixar-se para me facilitar a subida. Continua a ser uma subida íngreme, mas é exequível.

Não hesito, subo-lhe de gatas para a perna dianteira para equilibrar o peso e poupar o tornozelo, mas o esforço que faço com o braço deixa-me a ofegar quando finalmente passo pelos ombros e lhe chego ao dorso, evitando os espigões aguçados que lhe cobrem a maioria do pescoço como uma crina.

Caramba. Estou no dorso de um dragão.

– *Senta-te.*

Vejo o assento – o tufo macio e escamado imediatamente à frente das asas – e sento-me, dobrando os joelhos como o Professor Kaori nos ensinou. Depois agarro as cristas densas de escamas a que chamamos arções, onde o pescoço se encontra com os ombros. Tudo nele é maior do que qualquer modelo em que tenhamos treinado. O meu corpo não foi feito para estar em cima de *nenhum* dragão, muito menos um deste tamanho. Não há forma de conseguir ficar sentada. Esta não deve demorar a ser a primeira e última cavalgada da minha vida em cima de um dragão.

– *Chamo-me Tairneanach, sou filho de Murtcuideam e Fiaclanfuil, descendente da astuta linhagem de Dubhmadinn.* – Levanta-se a toda a sua altura, o que me coloca ao nível das coroas das árvores em redor da clareira e eu aperto-o um pouco mais com as coxas. – *Mas não vou partir do princípio de que vais ser capaz de te lembrar disso quando chegarmos ao campo, por isso poderás chamar-me Tairn até eu ter inevitavelmente de te lembrar.*

Inspiro vigorosamente, mas não tenho tempo de assimilar o nome dele – a história dele – antes de se dobrar ligeiramente e se lançar para o céu.

A sensação é a mesma que imagino para uma pedra que é atirada de uma catapulta, só que eu preciso de toda a força que tenho para não cair desta pedra específica.

– Caramba! – O chão afasta-se de nós à medida que as asas do Tairn dominam os ares e se projetam cada vez mais para cima.

O meu corpo levanta-se no dorso dele e finco as mãos para me tentar ancorar, mas o vento, o ângulo e tudo o resto é de mais e perco a aderência.

As minhas mãos escorregam.

– Foda-se! – A procurar aderência a todo o custo, as minhas mãos roçam pelo dorso do Tairn abaixo e passo pelas asas dele a deslizar e a aproximar-me rapidamente das escamas aguçadas da cauda de chicote de armas. – Não, não, NÃO!

Ele vira para a esquerda e as últimas esperanças que eu tinha de conseguir agarrar-me caem comigo.

Estou em queda livre.

Não é por sobreviveres à Debulha que vais sobreviver ao percurso para o campo de voo. Seres escolhida não é o único teste, e se não conseguires aguentar-te no teu assento, vais voar diretamente para o chão.

– Página cinquenta, O Livro do Brennan



CAPÍTULO XV

O terror prende-me a garganta e sobressalta-me o coração. Mergulho em direção ao terreno montanhoso lá em baixo com o ar a passar por mim a toda a velocidade e o sol a refletir-se nas escamas do dragão dourado à distância.

Vou morrer. É o único desfecho possível.

Dois tornos fecham-se em redor das minhas costelas e em cima dos ombros, travando a minha descida, e o meu corpo sacode-se com o efeito chicote quando sou puxada novamente para cima.

– *Estás a fazer-nos ficar mal. Para com isso.*

Estou a ser abraçada pelas garras do Tairn. Ele decidiu… apanhar-me em vez de me considerar indigna do esforço e deixar-me cair para a morte certa.

– Não é exatamente muito fácil permanecer nas tuas costas quando estás a fazer acrobacias! – grito.

Ele olha-me de cima para baixo e juro que a saliência que tem em cima das sobrancelhas se arqueia.

– *Um voo simples não é grande acrobacia.*

– Não há uma única coisa em ti que seja simples! – Enrolo os braços em redor dos nós das garras dele e reparo que as presas afiadas estão dispostas em redor das minhas ilhargas sem me magoar. É um dragão enorme, mas também cuidadoso a voar comigo ao longo da montanha.

É um dos dragões mais letais em Navarre. Aula do Professor Kaori. O que é que ele disse mais? O único dragão preto não vinculado não tinha aceitado vincular-se este ano. Não era visto há cinco anos. O cavaleiro dele morreu na rebelião de Tyrrendor.

O Tairn lança-me para cima e larga-me, fazendo-me voar bem acima dele, e eu esbracejo e esperneio. Fico com um nó no estômago ao ver a altitude a que me encontro e depois caio por alguns instantes antes de o Tairn se precipitar para cima e me apanhar com o dorso entre as asas.

– *Agora põe-te no assento e segura-te bem desta vez, ou ninguém vai acreditar que eu decidi mesmo escolher-te* – resmunga ele.

– Ainda me custa a acreditar que me tenhas escolhido! – Chego a pensar em dizer-lhe que voltar para o assento não é tão fácil como está a querer sugerir, mas ele endireita-se e as asas abrem-se sobre o ar num suave voo planado que corta a resistência do vento. Pouco a pouco, gatinho pelo dorso do Tairn acima até chegar ao assento e voltar a instalar-me. Agarro-me aos arções com tanta força que fico com cãibras nas mãos.

– *Vais ter de fortalecer as pernas. Não treinaste?*

Um arrepio de indignação sobe-me pela coluna.

– Claro que treinei!

– *Não é preciso gritar. Ouço-te muito bem. Talvez até a montanha inteira te consiga ouvir.*

Será que os dragões dos outros também são rabugentos? Ou é só o meu?

Arregalo os olhos. Tenho… um dragão. E não é um dragão qualquer. O meu dragão é o Tairneanach.

– *Agarra-te melhor com os joelhos. Quase nem te consigo sentir aí atrás.*

– Estou a tentar. – Aperto os joelhos e os músculos das minhas coxas tremem quando ele vira para a esquerda, desta vez mais suavemente do que da anterior e com um ângulo menos denunciado para mudar de direção num arco alargado e nos levar de volta a Basgiath. – Só que… não sou tão forte como os outros cavaleiros.

– *Eu sei exatamente quem e o que és, Violet Sorrengail.*

As minhas pernas tremem até se fixarem, com os músculos paralisados como se tivessem faixas à volta, mas não sinto dor. Olho por cima do ombro e vejo

a cauda de chicote de armas do meu dragão que parece estar a quilómetros de distância.

Ele está a fazer isto. Está a segurar-me no lugar.

A culpa apodera-se do meu estômago. Deveria ter-me concentrado mais no treino de fortalecimento das pernas. Deveria ter passado mais tempo a preparar-me para isto. Ele não deveria ter de gastar energia a manter a cavaleira sentada.

– Desculpa. Não pensei que chegasse tão longe.

Um suspiro alto ressoa-me no espírito.

– *Eu também não pensei que chegasse, pelo que temos isso em comum.*

Sento-me mais aprumada e olho para a paisagem, com o vento a humedecer-me os olhos. Não admira que a maioria dos cavaleiros decida usar óculos. Há pelo menos doze dragões no ar, cada um deles a testar o respetivo cavaleiro com mergulhos e curvas. Vermelhos, cor de laranja, verdes, castanhos. O céu está salpicado de cor.

O meu coração alvoroça-se quando vejo um cavaleiro a cair do dorso de um Cauda de Espada Vermelho e, ao contrário do Tairn, o dragão não mergulha para apanhar o instruendo do primeiro ano. Desvio o olhar antes de o corpo embater no chão.

Não é ninguém que tu conheças. É isto que eu digo a mim própria. A Rhiannon, o Ridoc, a Trina, o Sawyer… provavelmente estão vinculados e seguros e já à espera no campo.

– *Vamos ter de dar espetáculo.*

– Fabuloso. – A ideia está longe de o ser.

– *Não vais cair. Eu não o vou permitir.* – As faixas em redor das minhas pernas estendem-se para as mãos e eu sinto o pulsar de energia invisível. – *Vais confiar em mim.*

Não é uma pergunta. É uma ordem.

– Vamos lá despachar isso. – Não consigo mexer as pernas, nem os dedos nem as mãos, pelo que não há nada que eu possa fazer a não ser recostar-me e esperar desfrutar daquilo que ele me vai fazer passar, seja lá o que for.

Ele bate as asas com extremo vigor e subimos subitamente no que parece ser uma inclinação de 90 graus que deixa o meu estômago ficar para trás. O Tairn sobe até ao cume dos picos cobertos de neve e ficamos àquela altitude por um instante antes de ele se virar e mergulhar no mesmo ângulo assustador.

É o momento mais aterrador e entusiasmante da minha vida.

Até que ele volta a virar-se e começamos a voar em espiral.

O meu corpo é puxado violentamente para um lado e para o outro à medida que ele vira e revira, acabando o voo picado com uma guinada tão forte que eu juro que a terra se faz céu. Depois ele repete os mesmos movimentos até o meu rosto se abrir num sorriso rasgado.

Não há nada que se compare a isto.

– *Acho que já mostrámos o que queríamos mostrar.* – Ele endireita-nos, depois guina para a direita e começa a subir o vale que nos leva para o desfiladeiro do campo de treino. O Sol está prestes a pôr-se atrás dos picos, mas há luz suficiente para ver o dragão dourado à frente a pairar como se nos esperasse. Talvez não tenha escolhido um cavaleiro, mas sobreviverá para voltar a decidir para o ano, e é isso o que importa.

Ou talvez vá perceber que nós, humanos, não somos assim tão bons, afinal.

– Porque é que me escolheste? – Tenho de saber, porque assim que aterrarmos vai haver perguntas.

– *Porque a salvaste.* – A cabeça do Tairn inclina-se para o dragão dourado quando nos aproximamos e ele segue atrás de nós. A nossa velocidade abranda.

– Mas… – Abano a cabeça. – Os dragões valorizam a força e a astúcia e… a ferocidade dos cavaleiros. – Nenhum destes substantivos me define.

– *Sim, diz-me lá o que mais deverei eu valorizar.* – O tom dele transpira sarcasmo ao passarmos por cima do Guante e junto à entrada estreita para os campos de treino.

Sorvo longamente o ar ao ver tantos dragões. Há centenas reunidos ao longo das bordas rochosas das vertentes das montanhas atrás das bancadas que foram montadas ao longo da noite. Espectadores. E, no fundo do vale, no mesmo campo em que eu estive há apenas dois dias, há duas filas de dragões de frente uns para os outros.

– *Estão divididos entre os que ainda estão no quadrante e fizeram a escolha nos anos anteriores e os que escolheram hoje* – diz-me o Tairn. – *Somos a septuagésima primeira vinculação a entrar no campo.*

A minha mãe vai estar aqui, no estrado em frente das bancadas, e talvez eu receba mais do que um olhar apressado, mas a atenção dela incidirá sobretudo nos cerca de 70 novos pares vinculados.

Ouvem-se urros ferozes de comemoração entre os dragões quando nós entramos. Todas as cabeças se viram na nossa direção e eu sei que é em deferência ao Tairn. Tal como quando os dragões abrem alas no centro do campo para dar espaço para o Tairn aterrar. Ele liberta as faixas que me estão a segurar, depois paira por cima da erva para bater as asas algumas vezes, e vejo o dragão dourado a voar furiosamente para o alcançar.

Tanta ironia. O Tairn é o dragão mais respeitado do Vale e eu a cavaleira mais improvável do quadrante.

– *És a mais inteligente do teu ano. A mais astuta.*

Engulo o elogio, um pouco encabulada. Fui treinada para ser copista, não cavaleira.

– *Defendeste o mais pequeno com ferocidade. E a força da coragem é mais importante do que a força física. Digo-o porque parece que precisas de o saber antes de aterrarmos.*

Fico com a garganta presa ao ouvir as palavras dele. A emoção formou um nó que tenho de tentar engolir.

Oh. Merda. Não disse estas palavras. Pensei-as.

Ele consegue ler-me os pensamentos.

– *Estás a ver? A mais inteligente do teu ano.*

Lá se vai a privacidade.

– *Nunca mais vais voltar a estar sozinha.*

– *Isso parecem mais palavras de ameaça do que de conforto* – penso. Claro que eu sabia que os dragões mantinham uma ligação mental com os cavaleiros a que estão vinculados, mas o nível da ligação é mais do que um pouco assustador.

O Tairn solta um riso escarninho em resposta.

O dragão dourado alcança-nos com as asas a bater duas vezes mais depressa do que as do Tairn e aterramos mesmo no centro do campo. O impacto sacode-me ligeiramente, mas mantenho-me aprumada no assento e chego até a largar os arções.

– *Vês, consigo aguentar-me perfeitamente quando estás parado.*

O Tairn levanta as asas e olha para mim por cima do ombro com uma expressão que é a coisa mais próxima de um revirar de olhos que já vi num dragão.

– *Tens de desmontar antes que eu reconsidere a minha seleção e dizer à escrivã…*

– Eu sei o que tenho de fazer. – Sorvo o ar com alguma hesitação. – Só não pensei que fosse estar viva para o fazer. – Avalio ambas as opções que tenho para desmontar e viro-me para a direita para proteger o tornozelo o melhor que posso. Os curandeiros não são autorizados no campo de voo, apenas os cavaleiros, mas espero que alguém se tenha lembrado de trazer um equipamento médico, porque vou precisar de pontos e de uma tala.

Corro por cima das escamas do ombro do Tairn e, antes de poder queixar-me da distância que vou ter de saltar com o tornozelo destruído, o Tairn baixa-se ligeiramente e dobra a perna dianteira.

Ouve-se um som nas encostas que me lembra um resmoneio… se é que os dragões resmoneiam.

– *Resmoneiam e são resmoneios. Ignora-os.* – Mais uma vez, não há espaço para contrariar aquele tom.

– Obrigada – sussurro antes de deslizar por ele abaixo com o rabo como se ele fosse um escorrega letal cheio de solavancos, colocando a perna esquerda à frente para absorver o grosso do impacto quando chego ao chão.

– *Bem, é uma forma de o fazer.*

Não consigo esconder o sorriso que me pinta os lábios nem a alegria que me ilumina os olhos ao ver os outros cavaleiros do primeiro ano à frente dos respetivos dragões. Estou viva e já não sou uma cadete. *Sou uma cavaleira.*

O primeiro passo dói como o diabo, mas eu giro em direção ao dragão dourado, que está anichado junto do Tairn, a olhar para mim com os olhos cheios de brilho e a dobrar a cauda de penas.

– Estou contente por teres conseguido. – «Contente» não é sequer a palavra certa. Radiante, aliviada, grata. – Mas talvez devesses voar da próxima vez que alguém sugira que fujas para te salvar, está?

Ela pestaneja.

– *Talvez fosse eu que te estava a salvar.* – A voz dela é mais aguda e mais doce na minha cabeça.

Os meus lábios entreabrem-se e os músculos do meu rosto ficam moles de choque.

– Nunca ninguém te disse que não deves falar com humanos que não sejam os teus cavaleiros ou cavaleiras? Não te metas em sarilhos, Douradinha – sussurro. – Pelo que sei, os dragões são muito rigorosos para quem quebra essa regra.

Ela limita-se a sentar-se, fecha as asas e inclina a cabeça na minha direção com aquele ângulo que parece impossível e que por pouco não me faz rir, mas não diz mais nada.

– Santos deuses! – exclama o cavaleiro do dragão vermelho à minha direita e eu viro-me para ele. É um cavaleiro do primeiro ano do Pelotão Garra, Quarta Divisão, mas não me lembro do nome dele. – Esse é… – Fica especado a olhar com os olhos esgazeados de medo para o Tairn.

– Sim – digo eu, com um sorriso ainda mais rasgado. – É.

Sinto o tornozelo a latejar, a doer, e a sensação que tenho é que vai ceder a qualquer momento, mas atravesso o campo a coxear para me dirigir para a pequena formação diretamente à minha frente. Atrás de mim, sinto rajadas de vento esporádicas de mais dragões a aterrar e de outros cavaleiros a desmontá-los para inscreverem os nomes no rol, mas são cada vez mais suaves à medida que a fila se estende pelo campo abaixo.

O crepúsculo cai e uma série de luzes mágicas ilumina a multidão nas bancadas e no estrado. No centro, imediatamente acima do local onde a ruiva do Parapeito está a apontar os nomes no rol, está a minha mãe, vestida com todos os melhores atavios militares, medalhas e tudo, não vá alguém esquecer-se de quem ela é exatamente. Embora estejam vários generais no estrado, cada um a representar a sua divisão, só há um com mais condecorações do que a Lilith Sorrengail.

E o Melgren, o general comandante de todas as forças de Navarre, tem os olhos pequenos e brilhantes postos no Tairn, a avaliá-lo abertamente. Não há nada a não ser calculismo frio naqueles olhos.

A minha mãe levanta-se quando me aproximo da escrivã na base do estrado, que está a inscrever os pares vinculados antes de acenar para o cavaleiro seguinte avançar de forma a manter o nome completo de cada dragão em segredo.

O Professor Kaori salta da plataforma de quase dois metros à minha esquerda e fica boquiaberto a fitar o Tairn, com os olhos a passar revista ao enorme dragão preto e a memorizar cada pormenor.

– Aquele é mesmo… – começa o comandante Panchek, inclinado sobre a borda do estrado com mais de doze outros oficiais fardados de alta patente, todos eles de boca aberta.

– Não o diga… – diz a minha mãe com os dentes cerrados e os olhos postos no Tairn, não em mim. – Espere até ela o fazer.

Porque só um cavaleiro ou uma cavaleira e a escrivã sabem o nome completo de um dragão, e ela não tem a certeza de que eu seja mesmo a cavaleira dele. É *exatamente* isso que está a querer dizer. *Como se eu fosse capaz de sequestrar o Tairn.* A minhas veias fervilham de raiva e fazem-me esquecer a dor que me percorre o corpo quando avanço na fila até que haja apenas um cavaleiro à minha frente.

A minha mãe obrigou-me a entrar no Quadrante dos Cavaleiros. Não quis saber se eu sobrevivia ou morria ao atravessar o parapeito. A única coisa que lhe interessa é a forma como as minhas falhas lhe podem manchar a reputação irrepreensível ou como o meu vínculo poderá ajudá-la nos seus próprios objetivos.

E agora está a olhar fixamente para o meu dragão sem sequer se dar ao trabalho de desviar os olhos na minha direção para ver se eu estou bem.

Ela. Que. Se. Foda.

É tudo o que eu esperava, mas não deixa de ser uma desilusão completa.

O cavaleiro à minha frente acaba, vai-se embora, e a escrivã levanta a cabeça e olha de relance com os olhos arregalados para o Tairn, antes de os baixar com uma expressão de choque ao encontro dos meus e me acenar para eu avançar.

– Violet Sorrengail – diz ela, a escrever no Livro dos Cavaleiros. – Fico contente por ver que conseguiste chegar aqui. – Lança-me um sorriso rápido e inseguro. – Diz-me por favor o nome do dragão que te escolheu para que eu o possa registar.

Eu levanto o queixo.

– Tairneanach.

– *A pronúncia precisa de ser trabalhada* – resmunga a voz do Tairn na minha cabeça.

– *Bem, pelo menos não me esqueci* – penso em resposta na direção dele, a perguntar-me se me conseguirá ouvir do outro lado do campo.

– *Pelo menos, não te deixei cair e morrer.* – Parece completamente aborrecido, mas não há dúvida de que me ouviu.

A mulher sorri e escreve o nome dele a abanar a cabeça.

– Não acredito que ele se vinculou. Aquele dragão é uma lenda, Violet.

Eu abro a boca para concordar…

– *Andarnaurram*. – A voz doce e aguda do dragão dourado assoma-me ao espírito. – *Andarna para abreviar*.

Eu sinto o sangue a esvair-se-me do rosto e a visão lateral a esmorecer ao girar sobre o tornozelo bom para fixar os olhos do outro lado do campo onde o dragão dourado – Andarna – me olha entre as pernas dianteiras do Tairn.

– Desculpa?

– Violet, estás bem? – pergunta a ruiva, e toda a gente à minha volta e acima de mim se inclina para ouvir.

– *Diz-lhe* – insiste o dourado.

– *Tairn. O que devo fazer…* – penso na direção dele.

– *Diz o nome dela à escrivã* – responde o Tairn.

– Violet? – repete a escrivã. – Precisa de um reparador?

Viro-me novamente para a mulher e aclaro a garganta.

– E *Andarnaurram* – sussurro.

A ruiva esgazeia os olhos.

– *Ambos* os dragões? – grasna ela.

Eu assinto com a cabeça.

E não fica pedra sobre pedra.

Embora este oficial se considere perito em tudo o que respeita à draconidade, há muita coisa que desconhecemos em relação à forma como os dragões se governam. Existe uma hierarquia clara entre os mais poderosos, e os mais velhos são alvo de deferência, mas ainda não fui capaz de perceber como é que fazem as leis por que se regem ou em que momento um dragão decidiu vincular-se a apenas um cavaleiro, em vez de jogar com as probabilidades e optar por dois.

– Guia de Campo para a Draconidade do Coronel Kaori



CAPÍTULO XVI

– De maneira nenhuma! – grita uma general projetando de tal forma a voz que eu consigo ouvi-la no pequeno posto médico que foi instalado no final das bancadas para os cavaleiros. Não passa de uma fila de doze mesas e algumas provisões trazidas no dorso dos dragões para nos auxiliar antes de podermos ir ao Quadrante dos Curandeiros, mas, pelo menos, a medicação para as dores está a ter efeito.

Dois dragões. Eu tenho… *dois* dragões.

Os generais estão a gritar entre eles há pelo menos uma hora, tempo suficiente para o ar da noite arrefecer e para um instrutor que eu nunca vi antes coser ambos os lados do meu braço.

Por sorte, o Tynan penetrou o músculo, mas não o cortou.

Por azar, o Jack está a pouco mais de três metros de mim, onde lhe estão a observar o ombro. Chegou todo empertigado em cima de um Cauda de Escorpião Cor de Laranja e foi registar a vinculação junto da escrivã, que

continuou a fazer o seu trabalho sem ligar à discussão entre os generais no estrado atrás dela.

O Jack ainda não deixou de olhar para o Tairn do outro lado do campo.

– Como é que isso está? – pergunta o Professor Kaori em voz baixa, a apertar as ligaduras em volta do meu tornozelo entalado. Tem à volta de um milhão de outras perguntas naqueles olhos negros contundentes, mas guarda-as para ele.

– Dói como o diabo. – O inchaço faz com que seja quase impossível voltar a calçar a bota sem alargar todos os atacadores ao máximo, mas, pelo menos, não tive de me arrastar pelo campo como uma rapariga da Segunda Divisão que partiu a perna ao desmontar. Está a sete mesas de distância, a chorar baixinho enquanto os médicos do campo de voo tentam consertar-lhe a perna.

– Nos próximos dois meses, vai estar concentrada em reforçar os seus laços e em voar, por isso, desde que não tenha problemas a montar ou a desmontar… – Levanta a cabeça enquanto aperta as ligaduras da tala. – … e, pelo que vi, não me parece que vá ter, esta entorse deverá sarar antes da sua próxima ronda de desafios. – Duas rugas acentuam-se entre as sobrancelhas do Professor. – Ou então posso chamar o Nolon…

– Não. – Abano a cabeça. – Isto passa.

– Tem a certeza? – É óbvio que ele não tem.

– Todos os olhos neste vale estão postos em mim e no meu dragão… *nos meus dragões* – corrijo. Não posso dar-me ao luxo de parecer fraca.

Ele franze o sobrolho, mas inclina a cabeça em assentimento.

– Sabe quem é que conseguiu safar-se na minha esquadra? – pergunto, com o medo a apertar-me a garganta. *Que a Rhiannon esteja viva, por favor. E a Trina. E o Ridoc. E o Sawyer. Todos eles.*

– Não vi a Trina nem o Tynan – responde o Professor Kaori, devagar, como se estivesse a tentar suavizar o golpe. Não resulta.

– O Tynan não vem – sussurro, com o estômago a consumir-se de culpa.

– *Não é uma morte que devas reclamar* – rosna o Tairn mentalmente.

– Estou a ver – murmura o Professor Kaori.

– Preciso de uma cirurgia? O que raio quer dizer com isso? – berra o Jack à minha esquerda.

– Quero dizer que parece que a arma cortou um par de ligamentos, mas vamos ter de o levar para os curandeiros de certeza – diz o outro instrutor, com uma

paciência interminável na voz e com uma ligadura de peito para o Jack nas mãos.

Olho diretamente para os olhos maliciosos do Jack e sorrio. Já chega de ter medo dele. Foi ele que *fugiu* naquela clareira.

A raiva afogueia-lhe as faces sob a luz mágica, e ele estende os pés por cima da mesa e dirige-se para mim.

– Tu!

– Eu o quê? – Deslizo da borda da minha mesa e deixo as mãos soltas junto às bainhas das coxas.

O Professor Kaori alça as sobrancelhas de súbito quando olha para cada um de nós.

– A Violet? – murmura ele.

– Eu – respondo, sem tirar os olhos do Jack.

Mas o Professor Kaori interpõe-se entre nós e levanta a palma da mão para o Jack.

– Eu não me aproximaria mais dela.

– A esconder-te atrás dos nossos instrutores agora, é, Sorrengail? – O punho do braço bom do Jack enrola-se.

– Não me escondi lá fora e não me estou a esconder aqui. – Levanto o queixo. – Não fui eu quem fugiu.

– Ela não precisa de se esconder atrás de mim depois de se ter vinculado ao dragão mais poderoso do vosso ano – diz o Professor Kaori num tom de admoestação ao Jack, cujos olhos se entrefecham em mim. – O seu cor de laranja é uma boa escolha, Barlowe. Baide, não é? Já teve outros quatro cavaleiros antes de si.

O Jack faz que sim com a cabeça.

O Professor Kaori olha para trás por cima do ombro para a fila de dragões.

– Por mais agressivo que a Baide possa ser, pela forma como o Tairn está a olhar para si, não terá problemas em reduzir-lhe os ossos a cinzas se der mais algum passo em direção à cavaleira dele.

O Jack fita-me com uma expressão de descrença.

– Tu?

– Eu.

A dor pulsante que sentia no tornozelo reduziu-se a uma dor seca, mas que se aguenta, mesmo quando me apoio sobre ele.

Ele abana a cabeça e a expressão nos olhos passa do choque à inveja e ao medo quando gira em direção ao professor.

– Não sei o que é que ela lhe disse sobre o que aconteceu lá em cima…

– Nada. – O professor cruza os braços sobre o peito. – Há alguma coisa que eu deva saber?

O Jack empalidece ao ponto de ficar tão branco como a neve sob a luz mágica no momento em que chega mais um instruendo do primeiro ano a coxear e com sangue a escorrer-lhe da coxa e do tronco.

– Quem precisa de saber já sabe. – Fixo os olhos nos do Jack.

– Acho que terminámos por hoje – diz o Professor Kaori quando uma fila de dragões, visíveis apenas pelas silhuetas na escuridão, chega ao campo. – Os cavaleiros mais velhos estão de volta. Vocês os dois deverão regressar aos vossos dragões.

O Jack bufa e atravessa o campo com a passada larga.

Olho de relance para os generais ainda reunidos no estrado em acesa discussão.

– Professor Kaori, alguma vez alguém se vinculou a dois dragões? – Se alguém sabe é o professor de Draconidade.

Ele vira-se para a chefia em discussão, tal como eu.

– Serás a primeira. Não sei bem qual é o motivo da discussão. A decisão não lhes cabe a eles.

– Não? – Sentimos uma rajada de vento provocada pela aterragem de dezenas de dragões à frente dos cavaleiros do primeiro ano e há filas de luzes encantadas a pender entre eles.

– Nada do que diga respeito às escolhas dos dragões depende dos humanos – assegura-me o Professor Kaori. – A verdade é que nós gostamos de manter a ilusão de que controlamos alguma coisa. Algo me diz que só estavam à espera que os outros regressassem para se reunirem.

– A chefia? – Franzo o sobrolho.

O professor abana a cabeça.

– Os dragões.

Os dragões vão reunir-se?

– Obrigada por tratar do meu tornozelo. É melhor eu voltar para lá. – Lanço-lhe um olhar tímido e atravesso o campo mal iluminado em direção ao Tairn e à

Andarna, a sentir o peso de todos os olhares no vale quando paro e me coloco entre os dois dragões.

– Não sei se sabem, mas vocês os dois estão a provocar uma zaragata. – Olho para a Andarna, depois levanto os olhos para o Tairn antes de me virar de frente para o campo como os restantes instruendos do primeiro ano. – Não nos vão deixar fazer isto. – Oh, merda, e se me obrigarem a escolher?

Sinto um nó no estômago.

– *Cabe ao Empíreo decidir* – diz o Tairn, mas há uma inflexão de tensão na voz dele. – *Não saias do campo. Isto poderá demorar um pouco.*

– *O que é que…* – A minha pergunta morre-me na boca quando reparo que o maior dragão que eu já vi, maior ainda do que o Tairn, vem a caminhar com imponência na nossa direção a partir da entrada do vale. Cada dragão por que passa dirige-se para o centro do campo e segue-o, pelo que se vão acumulando às dezenas à medida que ele caminha.

– Aquele é…

– *O Codagh* – responde o Tairn.

O dragão do general Melgren.

Distingo os buracos irregulares nas asas marcadas pela batalha quando ele se aproxima, com os olhos dourados fixados no Tairn de uma forma que me deixa maldisposta. Rosna baixinho com a garganta e vira aqueles olhos sinistros na minha direção.

O Tairn também dá a sua rosnadela e dá um passo em frente, deixando-me entre as suas enormes garras.

Não há dúvida nenhuma de que eu sou a razão de ambos os roncos de insatisfação.

– *Sim! Estamos a falar sobre ti!* – diz a Andarna quando a fila passa e ela a segue.

– *Deixa-te estar junto do chefe de divisão até voltarmos* – ordena o Tairn.

Queria dizer certamente *chefe de esquadra.*

– *Tu ouviste-me bem.*

Ou não.

Olho em volta e vejo o Xaden em pé do outro lado do campo, com os braços cruzados e as pernas afastadas a olhar fixamente para o Tairn.

Os cavaleiros estão sinistramente silenciosos a ver os dragões a descolarem num fluxo constante perto do fim do campo, deixando-o vazio, e a aterrarem a meio do pico mais a sul num ajuntamento sombrio que mal consigo vislumbrar sob a luz da lua.

No segundo em que o último dos dragões levanta voo, irrompe o caos. Os instruendos do primeiro ano acodem ao centro do campo, onde eu já estou, a gritar com exuberância e à procura dos amigos. Os meus olhos perscrutam a multidão, à espera de verem a…

– Rhi! – grito, quando avisto a Rhiannon na confusão e começo a coxear na direção dela.

– Violet! – Ela vem ao meu encontro para me dar um abraço apertado e afasta-se quando eu estremeço de dor renovada no braço. – O que aconteceu?

– A espada do Tynan. – A frase ainda mal me saiu da boca quando sou alçada pelo Ridoc, que dá voltas comigo ao colo de maneira que fico com os pés a voar à minha frente.

– Olhem só quem é que veio no dorso do sacana mais implacável das redondezas!

– Põe-na no chão – ralha a Rhiannon. – Ela está a sangrar!

– Oh, merda, desculpa – diz o Ridoc, e os meus pés tocam no chão.

– Eu estou bem. – Tenho sangue fresco na ligadura, mas acho que não rompi os pontos. E os analgésicos são fabulosos. – Vocês estão bem? Com quem é que vocês se vincularam?

– Com a Cauda de Punhal Verde! – responde a Rhiannon com um sorriso rasgado. – A Feirge. E foi simplesmente… fácil. – Suspira. – Vi-a e soube imediatamente.

– Aotrom – diz o Ridoc com orgulho. – Cauda de Espada Castanho.

– Sliseag! – O Sawyer pousa os braços nos ombros da Rhiannon e do Ridoc. – Cauda de Espada Vermelho! – Comemoramos todos e eu sou puxada para mais um abraço. De todos nós, eu sou quem mais feliz está por ele, por tudo o que teve de passar para chegar aqui.

– A Trina? – pergunto quando ele me larga.

Um a um, abanam as cabeças, a olhar para os outros em busca de respostas. O meu coração dobra-se sob um peso impossível e procuro todas as razões e mais alguma.

– Bem… há a possibilidade de não se ter vinculado, não há?

O Sawyer abana a cabeça e o pesar deixa-lhe os ombros caídos.

– Eu vi-a a cair do dorso de um Cauda de Moca Cor de Laranja.

O meu estômago leva um soco.

– E o Tynan? – pergunta o Ridoc a olhar alternadamente para todos nós.

– O Tairn matou-o – digo, baixinho. – Mas deixem-me dizer em defesa dele que o Tynan já me tinha espetado a espada uma vez. – Aponto para a ferida no meu braço. – E estava a tentar…

– Ele tentou *o quê*?

Sou girada pelos ombros e puxada ao encontro de um peito. O *Dain*. Os meus braços dobram-se à volta das costas dele, apertam com força e respiro fundo.

– Caramba. Violet. Bem… caramba. – Ele aperta-me com força, depois puxa-me para trás a agarrar-me com os braços esticados. – Estás magoada.

– Estou bem – asseguro-lhe, o que não alivia a preocupação que lhe turva os olhos. Começo a pensar que nunca nada o fará. – Mas da nossa esquadra de cadetes só restamos nós.

O Dain levanta a cabeça para olhar para os outros e assente com a cabeça.

– Quatro em nove. É – o maxilar lateja uma vez – o esperado. Os dragões estão numa reunião do Empíreo, que é a chefia deles. Fiquem aqui até eles voltarem – diz aos outros antes de olhar para mim. – Tu vens comigo.

Provavelmente é a minha mãe a usá-lo para me chamar. Seguramente vai querer falar comigo, com tudo o que está a acontecer. Olho para o outro lado do campo, mas não é a minha mãe que encontro a olhar para mim, mas o Xaden com uma expressão inescrutável.

Quando o Dain me pega na mão e me puxa, afasto-me do Xaden e sigo-o para o extremo oposto do campo, onde estamos escondidos pela penumbra. *Parece que não tem nada que ver com a minha mãe.*

– O que caralho aconteceu lá fora? Porque eu tenho o Cath a dizer-me que foste escolhida não só pelo Tairn, mas também pelo pequeno, o Adarn? – Os dedos dele entrelaçam-se nos meus e vejo o pânico que lhe vai nos olhos.

– A Andarna – corrijo-o, e os meus lábios esboçam um sorriso quando penso no pequeno dragão-fêmea dourado.

– Eles vão-te obrigar a escolher. – A expressão dele faz-se mais dura e a certeza que transmite faz-me recuar.

– Eu não vou escolher ninguém. – Abano a cabeça e desenlaço a minha mão da dele. – Nunca nenhum humano teve escolha e eu não vou ser a primeira. – E quem raio é o Dain para me dizer isso?

– Vais, sim. – Ele passa a mão por cima do cabelo e perde a compostura.

– Tens de confiar em mim. Confias em mim, não confias?

– Claro que confio…

– Então tens de escolher a Andarna. – Assente como se o que diz significasse que a decisão está tomada. – O dragão dourado é a escolha mais segura dos dois.

Porquê? Por o Tairn ser… o Tairn? Será que o Dain acha que eu sou demasiado fraca para um dragão tão forte como o Tairn?

Abro a boca, depois fecho-a como um peixe fora de água enquanto procuro uma resposta que não seja *vai-te foder*. Não vou rejeitar o Tairn de maneira nenhuma. Mas o meu coração também não me vai deixar rejeitar a Andarna.

– *Eles vão obrigar-me a escolher?* – penso na direção deles.

Não obtenho resposta e onde sentia uma… extensão do meu espírito, de quem sou, que ia além das minhas fronteiras mentais desde que o Tairn falou comigo pela primeira vez naquele campo, não há nada agora.

Estou isolada. *Não entres em pânico.*

– Não vou escolher ninguém – repito, desta vez mais calmamente. E se eu não puder ficar com nenhum dos dois? E se eles tiverem quebrado alguma regra sagrada e formos todos punidos?

– Vais, sim. E tem de ser a Andarna. – Agarra-me os ombros e inclina-se na minha direção, com uma inflexão de urgência na voz. – Eu sei que ela é muito pequena para transportar um cavaleiro…

– Isso ainda não foi testado – digo eu na defensiva, embora saiba que é verdade. É tudo uma questão de física.

– E não importa. Significará que não vais poder montar com a divisão, mas provavelmente vão-te nomear instrutora permanente como o Kaori.

– Isso é porque o poder de sinete que tem o torna indispensável como professor, não por o dragão dele não poder voar – aponto. – E mesmo o Kaori teve os quatro anos necessários de combate numa divisão antes de ser mandado para trás da secretária.

O Dain desvia o olhar e até parece que estou a ver as engrenagens na cabeça dele a rodar enquanto calcula… o quê? O meu risco? A minha escolha? A minha

liberdade?

– Mesmo que leves a Andarna para combate, a probabilidade de seres morta não é assim tão grande. Se levares o Tairn, o Xaden vai encontrar uma forma de te matar. Achas que o Melgren é assustador? Estou aqui há mais um ano do que tu, Vi. Pelo menos com o Melgren sabes o que esperar. O Xaden não é apenas duas vezes mais cruel do que ele, mas também perigosamente imprevisível.

Pestanejo.

– Espera. O que estás a tentar dizer?

– São um casal, o Tairn e a Sgaeyl. O par com o vínculo mais forte há séculos.

Sinto um zumbido na cabeça. Os casais de dragões não podem ser separados durante muito tempo ou a menos que tenham problemas de saúde, pelo que são sempre destacados para os mesmos postos. *Sempre.* O que significa… oh, deuses.

– Mas… diz-me como é que isso aconteceu. – Ele deve ter percebido a minha atrapalhação porque baixa a voz para um tom mais suave.

E eu conto. Conto-lhe tudo sobre o Jack e o seu bando de amigos assassinos a perseguir a Andarna. Conto-lhe da queda e do campo e do Xaden a ver, o Xaden… que me protegeu tão surpreendentemente com aquele aviso quando o Oren estava atrás de mim. Teve a oportunidade perfeita para acabar comigo sem que o meu sangue lhe espirrasse para as escamas, e decidiu ajudar-me. O que raio hei de fazer com isso?

– O Xaden esteve lá – diz o Dain em voz baixa, mas a simpatia escorre-lhe da voz.

– Sim – assinto com a cabeça. – Mas foi-se embora quando o Tairn apareceu.

– O Xaden estava lá quando defendeste a Andarna e depois o Tairn aparece… sem mais nem menos? – pergunta, devagar.

– Sim. Foi isso o que eu acabei de dizer. – Será que a sequência dos acontecimentos o deixou confuso? – Onde é que estás a querer chegar?

– Não estás a ver o que aconteceu? O que o Xaden fez? – Fecha as mãos nos meus ombros. Ainda bem que tenho a couraça de escamas de dragão, se não amanhã poderia ter nódoas negras.

– Diz-me por favor o que achas que eu fiz. – Um vulto emerge da penumbra, e a minha pulsação acelera quando o Xaden aparece sob a luz da lua e a escuridão lhe cai do corpo como um véu atirado para o chão.

Todas as veias do meu corpo são tomadas por um calor que me aquece cada terminal nervoso. Detesto a reação do meu corpo quando o vejo, mas não a posso negar. A atração que ele exerce sobre mim é inconveniente como o raio.

– Manipulaste a Debulha. – As mãos do Dain caem dos meus ombros e ele vira-se para olhar para o chefe de divisão. Tem os ombros rígidos quando se põe entre nós.

Oh, merda, é uma acusação muito séria.

– Dain, isso é… – *Paranoico.* Desvio-me para o lado para sair das costas do Dain. Se o Xaden me quisesse matar, não teria demorado tanto tempo para o fazer. Teve todas as oportunidades e mais algumas, e eu ainda aqui estou. Vinculada. Com o parceiro de acasalamento do dragão *dele*.

O Xaden não me vai matar. A epifania aperta-me o peito, faz-me reanalisar tudo o que aconteceu naquele campo, faz com que a sensação de gravidade se altere sob os meus pés.

– Isso é uma acusação oficial? – O Xaden olha para o Dain como se ele fosse um obstáculo, um inconveniente.

– Intervieste? – pergunta o Dain.

– Como é que é? – O Xaden levanta uma sobrancelha castanha e lança um olhar ao Dain que faria uma pessoa mais fraca ceder. – Vi-a em desvantagem numérica e já ferida? Achei que a coragem dela foi tão admirável como *imprudente*? – Lança-me aquele olhar e eu sinto o impacto da cabeça aos pés.

– E fá-lo-ia de novo. – Levanto o queixo.

– Como se eu não soubesse ou o caralho – ronca o Xaden, a perder a paciência pela primeira vez desde que o conheci no Parapeito.

Sorvo o ar com urgência e o Xaden faz o mesmo, como se tivesse ficado tão surpreendido com aquele assomo de impaciência como eu.

– Vi-a a despachar *três* cadetes maiores do que ela? – O olhar furioso gira para o Dain. – Porque a resposta a todas estas perguntas é sim. Mas estás a fazer a pergunta errada, Aetos. O que deverias estar a perguntar é se a *Sgaeyl* também viu.

O Dain engole em seco e desvia o olhar, obviamente a repensar a sua postura.

– A parceira dele disse-lhe – sussurro. A Sgaeyl chamou o Tairn.

– Ela nunca foi grande fã de rufias – diz-me o Xaden. – Mas não penses que se trata de um ato de bondade dirigido a ti. Ela gosta do dragãozinho. Infelizmente,

o Tairn escolheu-te por sua conta e risco.

– Foda-se – murmura o Dain entre dentes.

– Exatamente o que eu pensei. – O Xaden abana a cabeça para o Dain. – A Sorrengail é a última pessoa do Continente que eu quero ver amarrada a mim. Não fui eu que fiz isto.

Au. Preciso de recorrer a toda a força de vontade que tenho para não levar a mão ao peito para me certificar de que ele não acabou de me arrancar o coração das costelas, o que não faz sentido absolutamente nenhum, uma vez que sinto o mesmo por ele. O Xaden é o filho do Grande Traidor. O pai dele foi diretamente responsável pela morte do Brennan.

– E mesmo que tivesse sido. – O Xaden avança na direção do Dain com uma imponência ameaçadora. – Irias realmente manter essa acusação sabendo que teria sido o que salvou a mulher que dizes ser a tua melhor amiga?

O meu olhar voa para o Dain, e há um momento de condenação silenciosa que passa. É uma pergunta simples, mas eu não deixo de ficar com a respiração presa à espera de resposta. O que é que eu significo realmente para ele?

– Há… regras. – O Dain levanta o queixo para olhar o Xaden nos olhos.

– E, só por curiosidade, terias, digamos, *contornado* essas regras para salvar a tua preciosa Violetazinha lá no meio do campo? – A voz é puro gelo e os olhos estudam a expressão do Dain com um fascínio arrebatado.

O Xaden deu um passo em frente. Imediatamente antes de o Tairn aterrar, moveu-se… na *minha* direção.

O maxilar do Dain lateja e eu vejo a guerra que lhe vai nos olhos.

– Não é justo perguntar-lhe isso. – Coloco-me ao lado do Dain, e o som de asas a bater interrompe a noite. Os dragões estão a voltar. Já tomaram a decisão.

– Estou a ordenar-te que me respondas, *chefe de esquadra*. – O Xaden nem sequer relanceia para mim.

O Dain engole em seco e cerra os olhos.

– Não. Não teria.

O meu coração leva um soco. No fundo, sempre soube que o Dain dava mais valor às regras e à ordem do que às relações, do que a mim, mas ouvi-lo de forma tão evidente e cruel fere-me mais do que a espada do Tynan.

O Xaden faz um esgar de escárnio.

O Dain vira imediatamente a cabeça na minha direção.

– Morreria se visse algo a acontecer-te, Vi, mas as regras…

– Está tudo bem – digo com esforço, a tocar-lhe no ombro, mas não está.

– Os dragões estão a voltar – intervém o Xaden quando o primeiro aterra no campo iluminado. – Volta para a formação, chefe de esquadra.

O Dain afasta o olhar do meu e vai-se embora, integrando-se na multidão de cavaleiros apressados com os respetivos dragões.

– Porque é que lhe foste fazer isso? – atiro ao Xaden e depois abano a cabeça. Não me interessa o porquê. – Esquece – murmuro entre dentes antes de lhe virar as costas e me dirigir para o local onde o Tairn me disse para o esperar.

– Porque tens demasiada fé nele – responde o Xaden na mesma, a alcançar-me sem sequer alongar a passada. – E saber em quem confiar é a única coisa que te manterá viva, que nos manterá vivos a ambos, na verdade, não só no quadrante, mas também depois da graduação.

– Não existe nenhum *nós* – digo, a desviar-me de uma cavaleira que passa a correr. Os dragões aterram à esquerda e à direita e o chão treme com a força do tumulto. Nunca vi tantos dragões em voo ao mesmo tempo.

– Oh, acho que vais descobrir que já não é bem assim – murmura o Xaden ao meu lado, a agarrar-me no cotovelo para me tirar do caminho de outro cavaleiro que vinha a correr da outra direção.

Ontem, ele ter-me-ia deixado ir de cabeça contra ele.

Caramba, até teria sido capaz de me empurrar.

– Os laços do Tairn são muito poderosos, tanto para a parceira como para a cavaleira, porque ele é deveras poderoso. Quando perdeu o último cavaleiro quase morreu, o que, por sua vez, quase matou a Sgaeyl. As vidas dos casais de dragões são…

– Interdependentes, eu sei. – Continuamos em frente até estarmos no centro da fila de cavaleiros. Se não estivesse tão exasperada com a atitude grosseira do Xaden para com o Dain, aproveitaria o momento para admirar o espetáculo que é ver centenas de dragões a aterrar à nossa volta. Ou talvez perguntasse como é que o homem ao meu lado consegue consumir o ar todo neste campo enorme.

– Sempre que um dragão escolhe um cavaleiro, o vínculo é mais forte do que o anterior, o que significa que, se morreres, Violência, se inicia uma cadeia de eventos que poderá acabar com a minha morte também. – A expressão dele é a de um mármore inamovível, mas a raiva nos olhos deixa-me sem fôlego.

É pura… fúria. – Por isso, sim, infelizmente para todos os envolvidos, agora existe um *nós* se o Empíreo permitir que a escolha do Tairn se mantenha.

Oh. Deuses.

Estou amarrada ao Xaden Riorson.

– E agora que o Tairn está em jogo, os outros cadetes sabem que ele está disposto a vincular-se… – Suspira e uma expressão de aborrecimento cobre-lhe as feições. O maxilar forte palpita quando desvia o olhar.

– Foi por isso que o Tairn me disse para ficar contigo – sussurro ao sentir as consequências das ações de hoje a assentar no meu estômago às voltas. – Por causa dos desvinculados. – Há cerca de quatro dezenas deles em pé do outro lado do campo a fitar-nos com cobiça nos olhos. Entre eles está o Oren Seifert.

– Os desvinculados vão tentar matar-te, na esperança de conseguirem fazer com que o Tairn se vincule a *eles*. – O Xaden abana a cabeça para o Garrick, que se aproxima, e o chefe de pelotão olha para nós os dois com a boca fechada numa linha firme antes de dar meia-volta e regressar para o outro lado do campo. – O Tairn é um dos dragões mais fortes do Continente e o vasto poder que ele canaliza estás prestes a ser teu. Nos próximos meses, os desvinculados vão tentar matar um cavaleiro recente enquanto o vínculo ainda é fraco e enquanto ainda existe a possibilidade de que o dragão mude de ideias e os escolha a eles para não terem de repetir o primeiro ano. E sendo o Tairn, vão fazer praticamente tudo o que puderem. – Suspira de novo como se fosse o seu novo trabalho a tempo inteiro. – Há 41 cavaleiros desvinculados para os quais tu agora és o alvo número um. – O Xaden levanta um dedo.

– E o Tairn acha que vais fazer de meu guarda-costas. – Solto um resfôlego. – Mal ele sabe o quanto me detestas.

– Ele sabe exatamente até que ponto dou valor à minha própria vida – replica o Xaden, a olhar-me de cima a baixo. – Estás estranhamente calma para alguém que acabou de ouvir que está prestes a ser perseguida como uma presa.

– É uma quarta-feira como outra qualquer para mim. – Encolho os ombros e ignoro a forma como o olhar dele me aquece a pele. – E, para dizer a verdade, 41 pessoas são muito menos intimidantes do que andar constantemente de olhos nos cantos escuros a ver se estás lá.

Uma brisa bate-me nas costas quando a Andarna aterra atrás de mim, seguida por uma rajada de vento e um estremecimento da terra quando o Tairn faz o

mesmo.

Sem dizer mais nada, o Xaden arranca os olhos dos meus e afasta-se, seguindo ligeiramente na diagonal para ir ao encontro da Sgaeyl, que faz sombra aos dragões dos outros chefes de divisão.

– *Digam-me que vai ficar tudo bem* – murmuro na direção da Andarna e do Tairn.

– *Vai ficar como deveria ficar* – responde o Tairn com a voz áspera e aborrecida ao mesmo tempo.

– *Não me respondeste há bocado.* – Muito bem, parece um pouco acusatório.

– *Os humanos não podem saber o que é dito no Empíreo* – responde a Andarna. – *É uma regra.*

Portanto, todos os cavaleiros foram bloqueados, não fui só eu. A ideia é estranhamente reconfortante. Além disso, o *Empíreo* é um termo novo para mim. O Kaori deve estar nas nuvens hoje com toda a política dragontina que veio ao de cima. O que é que eles decidiram?

Relanceio para a minha mãe, mas ela olha para todo o lado *menos* para mim.

O general Melgren avança para a frente do estrado com o uniforme a pingar medalhas. O Dain tem razão numa coisa: o general supremo do nosso reino é *assustador*. Nunca teve problemas em usar a infantaria como carne para canhão e a crueldade que exibe quando é o responsável pelos interrogatórios – e pelas execuções – de prisioneiros é bem conhecida de todos, pelo menos à mesa de jantar da minha família. O seu enorme dragão, que parece saído de um pesadelo, ocupa todo o espaço ao lado do estrado, e o silêncio abate-se sobre a multidão quando o Melgren coloca as mãos abertas num ângulo à frente do rosto.

– O Codagh informou que os dragões falaram sobre a miúda Sorrengail. – Uma magia menor permite que a voz dele se amplifique pelo campo para que todos o ouçam.

A Sorrengail bastaria, corrijo-o com um nó no estômago.

– Embora a tradição nos tenha mostrado que existe um cavaleiro para cada dragão, nunca se deu o caso de dois dragões escolherem o mesmo cavaleiro, pelo que não existe nenhuma lei dragontina que o impeça – declara. – Embora nós, cavaleiros, possamos sentir que esta situação não é… equitativa. – O tom dá a entender que ele é um desses cavaleiros. – Os dragões fazem as suas próprias regras. Tanto o Tairn como a… – Olha por cima do ombro e o ajudante apressa-

se a sussurrar-lhe ao ouvido. – … Andarna escolheram a Violet Sorrengail, pelo que a escolha se mantém.

Ouve-se o burburinho da multidão, mas os meus ombros descaem de forte alívio. Não tenho de fazer uma escolha impossível.

– *Como deveria ser* – resmoneia o Tairn. – *Os humanos não se podem meter nas leis dos dragões.*

A minha mãe avança e faz o mesmo gesto com as mãos para projetar a voz, mas eu não me consigo concentrar no que ela está a dizer para concluir a parte formal da cerimónia de Debulha, prometendo aos cavaleiros desvinculados outra oportunidade no ano que vem. *Se não conseguirem matar um de nós enquanto os nossos vínculos são fracos nos próximos meses, para se tentarem vincular eles aos nossos dragões.*

Eu pertenço ao Tairn e à Andarna… e, de uma forma bastante enviesada… ao Xaden.

Sinto um formigamento no escalpe e olho para ele do outro lado do campo.

Como se estivesse a sentir o meu olhar, o Xaden olha para mim e levanta um dedo. *Alvo número um.*

– Bem-vindos a uma família que não conhece fronteiras, nem limites, nem fim – conclui a minha mãe, e ouve-se uma aclamação em redor do campo. – Cavaleiros, avancem.

Eu olho para a esquerda e para a direita, confusa, mas todos os outros cavaleiros fazem o mesmo.

– *Cinco passos mais ou menos* – diz o Tairn.

Eu avanço.

– Dragões, a honra é toda nossa, como sempre – brada a minha mãe. – Agora, vamos comemorar!

Sinto uma rajada de calor nas costas e suspiro de dor no momento em que cavaleiros de ambos os lados gritam em plenos pulmões. Parece que tenho as costas a arder, mas toda a gente pelo campo fora está a celebrar ruidosamente e há cavaleiros a correr na nossa direção.

Os outros cavaleiros envolvem-se em abraços.

– *Vais gostar* – promete o Tairn. – *É algo único.*

A dor diminui, feita desconforto, e eu olho por cima do ombro. – Há uma… coisa muito preta a sobressair do colete.

– *Vou gostar do quê?*

– Violet! – O Dain estende-me o braço e, com um sorriso rasgado, fecha as mãos em concha no meu rosto. – Ficaste com *ambos*!

– Parece que sim. – Os meus lábios dobram-se. É tudo… surreal, tudo demasiado para um dia.

– Onde está o teu… – Ele larga-me e contorna-me. – Posso desapertar isto? Só a parte de cima? – pergunta, a puxar a gola alta das costas do meu colete.

Eu assinto com a cabeça. Alguns puxões e empurrões mais tarde, o ar frio de outubro belisca-me a base do pescoço.

– Caramba. Tens de ver isto.

– *Diz ao rapaz para se afastar* – ordena o Tairn.

– O Tairn diz que é melhor afastares-te.

O Dain afasta-se.

De repente, a minha visão deixa de ser minha. Estou a olhar para as minhas costas pelos… olhos da Andarna. Umas costas que têm uma relíquia preta a brilhar de um dragão a voar que se estende de um ombro ao outro e, no centro, a silhueta de outro dragão dourado a cintilar.

– É linda – sussurro. Estou marcada pela magia deles como cavaleira, como cavaleira *deles.*

– *Nós sabemos* – responde a Andarna.

Pestanejo e a minha visão volta a ser minha e as mãos do Dain apertam-me o corpete rapidamente e, de repente, estão no meu rosto, a incliná-lo em direção ao dele.

– Tens de saber que faria tudo para te salvar, Violet, para te manter em segurança – diz, atabalhoadamente, com pânico nos olhos. – O que o Riorson disse… – Abana a cabeça.

– Eu sei – digo num tom tranquilizador e a fazer que sim com a cabeça, ainda que sinta um estilhaço no coração. – Queres sempre zelar pela minha segurança. – O Dain faria tudo. *Menos contornar as regras.*

– Tens de saber o que sinto por ti. – O polegar afaga-me a bochecha, os olhos procuram algo e de repente a boca dele está na minha.

Tem os lábios suaves, mas o beijo é firme e eu sinto o prazer a subir-me pela espinha. Ao fim de tantos anos, o Dain está *finalmente* a beijar-me.

A emoção acaba-se em menos de um instante. Falta calor. Falta energia. Falta aquele toque agudo de desejo. A desilusão amarga o momento, mas não para o Dain. Todo ele é sorrisos quando se afasta.

Acabou num instante.

Foi tudo o que sempre quis… só que…

Merda. Já não quero.

Portanto, é natural que, quanto mais poderoso for o dragão, mais poderoso é o sinete que o cavaleiro manifesta. Temos de estar atentos a um cavaleiro forte que se vincula a um dragão menor, mas ainda mais atentos ao cadete desvinculado, que não hesitará em agarrar uma oportunidade para se vincular.

– Guia para o Quadrante dos Cavaleiros do Major Afendra (edição não autorizada)



CAPÍTULO XVII

Depois de dormir na camarata a abarrotar nos últimos dois meses, é esquisito, e estranhamente prazenteiro, ter um quarto só meu. Nunca mais volto a dar como garantido o luxo da privacidade.

Fecho a porta quando saio a coxear para o corredor.

A porta da Rhiannon, do outro lado do corredor da minha, abre-se e vejo o corpo alto e magro do Sawyer a sair. Passa os dedos pelo cabelo quando me vê, levanta as sobrancelhas e estaca… tem as faces quase tão vermelhas como as sardas.

– Bom dia. – Sorrio abertamente.

– Violet. – Ele lança-me um estranho sorriso forçado e vai-se embora a caminho do corredor principal do dormitório do primeiro ano.

Um casal da Segunda Divisão sai do quarto ao lado do da Rhiannon de mão dada e eu dou-lhes um sorriso encostada à minha porta enquanto espero e enrolo o tornozelo para o testar. Está dorido, como sempre que o torço, mas a tala e a bota mantêm-no no lugar com força suficiente para eu apoiar o peso sobre ele. Se

eu estivesse noutro lugar qualquer, pediria umas muletas, mas isso só me poria mais um alvo nas costas e, de acordo com o Xaden, já lá tenho um bem grande.

A Rhiannon sai do quarto e sorri logo que me vê.

– Acabou-se o serviço de pequeno-almoço?

– Ontem à noite disseram-me que todos os deveres *menos desejáveis* iam ser entregues aos desvinculados para que a nossa energia possa ser redirecionada para as aulas de voo. – O que significa que vou ter de encontrar outra forma de enfraquecer os meus adversários antes dos desafios. O Xaden tem razão. Não posso partir do princípio de que vou eliminar todos os meus inimigos com veneno, mas também não vou ignorar a única vantagem que tenho aqui.

– Mais uma razão para os desvinculados nos odiarem – murmura a Rhiannon.

– Então, o Sawyer, hã, Rhi? – Descemos o corredor, passando por outros quartos até desembocarmos no corredor principal que conduz à rotunda. Tenho de dizer que os quartos dos cavaleiros do primeiro ano não são tão espaçosos como os dos do segundo, mas, pelo menos, ficámos ambas com quartos com janelas.

Um sorriso rasga-lhe os lábios.

– Apeteceu-me comemorar. – Lança-me um rápido olhar de soslaio. – E porque é que eu não te ouvi a comemorar a ti?

Misturamo-nos com a multidão que se dirige para a sala comum.

– Não encontrei ninguém com quem queira celebrar.

– A sério? Porque ouvi dizer que tu e um certo chefe de esquadra tiveram um momento ontem à noite.

Olho para ela de chofre e por pouco não tropeço nos meus próprios pés.

– Vá lá, Vi. Estava lá o quadrante inteiro e achas que ninguém vos viu? – Revira os olhos. – Eu não te vou dar nenhum sermão. Quem é que quer saber se é mal visto estar numa relação com um oficial superior? Não existe nenhuma regra, além do que nenhuma de nós tem a garantia de que vai estar viva amanhã.

– É bem visto – admito. – Mas é… – Abano a cabeça, à procura das palavras certas. – As coisas não são assim connosco. Sempre esperei que fossem, mas quando ele me beijou… não senti nada. Tipo. *Nada.* – É impossível esconder a desilusão da voz.

– Bem, é uma chatice ouvir isso. – Entrelaça o braço no meu. – Lamento.

– Eu também. – Suspiro.

Vemos uma porta a abrir-se no fundo do corredor e o Liam Mairi a sair com o braço envolto na cintura de outra cavaleira do primeiro ano que se vinculou a um Cauda de Punhal Castanho. Parece que toda a gente esteve a *comemorar* à noite exceto eu.

– Bom dia, minhas senhoras. – O Ridoc abre caminho por entre a multidão e pousa um braço em volta de cada um dos nossos ombros quando entramos na rotunda. – Ou deverei dizer *cavaleiras*?

– Gosto de ouvir essa palavra: *cavaleiras* – responde a Rhiannon, a lançar-lhe um sorriso.

– Tem uma sonoridade agradável – concorda o Ridoc.

– É bem melhor do que *mortas*. Onde está a tua relíquia? – pergunto ao Ridoc quando passamos pelas colunas de dragões esculpidos e subimos os degraus para o refeitório.

– Aqui. – Deixa cair o braço do meu ombro e puxa a manga da túnica para cima para revelar a marca castanha de uma silhueta de um dragão no braço. – E a tua?

– Não se consegue ver. Está nas minhas costas.

– Assim estarás mais segura se ficares longe daquele teu dragão enorme. – Os olhos dele movem-se em todas as direções. – Juro que pensei que me ia cagar todo quando o vi naquele campo. E a tua, Rhi?

– Num lugar que nunca verás – responde ela.

– Assim magoas-me! – Bate com a mão em cima do peito.

– Duvido muito – retruca ela, mas não sem deixar de esboçar um sorriso. Passamos pelo refeitório em direção à sala comum e vamos para a fila para o pequeno-almoço.

É estranho estar deste lado e eu assusto-me quando vejo quem está atrás do balcão.

É o Oren.

Ele olha para mim com uma expressão de ódio que pinga como gelo pela minha espinha abaixo. Pulo o posto dele e opto por ir buscar fruta fresca que sei que não pode ser adulterada, para o caso de ele decidir seguir a minha abordagem para os desafios e envenenar-me.

– Idiota – murmura o Ridoc atrás de mim. – Continuo sem conseguir acreditar que tentaram matar-te.

– Eu acredito. – Encolho os ombros e arrisco com uma caneca de sumo de maçã. – Sou o elo mais fraco, certo? Infelizmente para mim, isso significa que as pessoas irão definitivamente tentar eliminar-me para sempre da divisão. – Dirigimo-nos para a secção da Quarta Divisão e encontramos uma mesa com três assentos vazios.

– Importam-se que nós… – começa o Ridoc.

– De todo! Fiquem à vontade! – Um par de tipos da Pelotão Cauda apressa-se a sair do banco.

– Lamento, Sorrengail! – diz o outro por cima do ombro quando já estão a sentar-se a outra mesa, deixando esta vazia.

Que raio?

– Bem, isso foi estranho como o caralho. – A Rhiannon contorna a mesa e eu sigo-a. Viramo-nos de costas para a parede, passamos por cima do banco e sentamo-nos, pousando os nossos tabuleiros à nossa frente.

– Estou um pouco tentada a dar uma snifadela às minhas axilas para ver se estou a cheirar mal.

– Mais estranho ainda? – observa o Ridoc, a apontar para o outro lado da sala, onde está a Primeira Divisão.

Sigo a linha de visão do Ridoc e levanto as sobrancelhas. O Jack Barlowe está a ser expulso da mesa. É obrigado a levantar-se quando os outros se sentam.

– O que raio se está a passar? – A Rhiannon leva uma pera à boca e mastiga-a.

O Jack vai para outra mesa – cujos ocupantes não lhe dão espaço – e acaba por encontrar um lugar duas mesas mais à frente.

– Como os poderosos caíram – nota o Ridoc, a observar o mesmo espetáculo que eu, mas ver o Jack em dificuldades não me traz satisfação nenhuma. Os cães selvagens mordem com mais força quando são encurralados.

– Olá, Sorrengail – diz a rapariga encorpada da Primeira Divisão que venci no meu segundo desafio com um riso tenso ao passar pela nossa mesa.

– Olá. – Aceno sem jeito quando ela já vai longe e viro-me para sussurrar com o Ridoc e a Rhiannon. – Ela não falava comigo desde que lhe tirei um dos punhais naquele desafio.

– É por te teres vinculado ao Tairn. – A Imogen sopra o cabelo cor-de-rosa do rosto e alça a perna por cima do banco à nossa frente para se sentar, arregaçando as mangas da túnica para revelar a relíquia da rebelião. – A manhã depois da

Debulha é sempre uma confusão dos diabos. O equilíbrio de poder altera-se e tu, pequena Sorrengail, estás prestes a ser a cavaleira mais poderosa do quadrante. Toda a gente com dois dedos de testa vai ter medo de ti.

Pestanejo e sinto a minha pulsação a acelerar. É isso o que está a acontecer? Olho em volta da sala e observo. Os grupos sociais separaram-se e alguns dos cadetes que considerava ameaças já não estão sentados nos lugares onde costumavam estar.

– É por isso que *tu* estás sentada aqui connosco? – A Rhiannon arqueia uma sobrancelha para a cavaleira do segundo ano. – Porque eu posso contar com uma mão o número de palavras simpáticas que disseste a qualquer um de nós. – Levanta o punho com zero dedos levantados.

A Quinn – a cavaleira alta do segundo ano que não se deu ao trabalho de sequer olhar na nossa direção desde o Parapeito – senta-se ao lado da Imogen e o Sawyer chega e senta-se do outro lado da Rhiannon. A Quinn puxa os caracóis loiros para trás das orelhas e afasta a franja dos olhos ao mesmo tempo que as faces se alçam quando se ri de algo que a Imogen diz. Tenho de admitir que os brincos de argolas que ela tem alinhados em todo o comprimento das orelhas são espetaculares e, entre a meia dúzia de insígnias que exibe, é a verde-escura – da cor dos olhos dela – com duas silhuetas a que mais me intriga. Deveria ter estudado o que cada insígnia significa, mas, pelo que ouvi, mudam todos os anos.

Pessoalmente, sou fã das primeiras que nos deram. Tive de coser a insígnia em forma de labareda com o emblema da Quarta Divisão e o número dois avermelhado no centro com muito cuidado, para me certificar de que só costurava o tecido do meu corpete couraçado, uma vez que era óbvio que a agulha não ia penetrar as escamas.

No entanto, a minha insígnia preferida é que a está ao lado da do Pelotão Labareda. Somos a esquadra que tem mais membros sobreviventes desde o Parapeito, ou seja, a Esquadra de Ferro deste ano.

– Vocês não eram suficientemente interessantes até agora – responde a Imogen antes de levar um queque à boca.

– Eu costumo sentar-me com a minha namorada no Pelotão Garra. Além disso, não vale a pena conhecer-vos quando a maioria de vocês morre – acrescenta a Quinn, a afastar os caracóis novamente, só para os ver a cair para a frente outra vez. – Sem ofensa.

– Tudo bem. – Começo a comer a minha maçã.

Por pouco não a cuspo quando Heaton e o Emery, os únicos cavaleiros do terceiro ano da nossa esquadra, se sentam ao lado da Imogen e da Quinn no banco à nossa frente.

As únicas pessoas que faltam são o Dain e a Cianna, que estão a comer com a chefia como habitual.

– Pensei que o Seifert se iria vincular – diz Heaton ao Emery do outro lado da mesa, como se os tivéssemos apanhado a meio de uma conversa. As chamas habitualmente vermelhas no cabelo de Heaton estão verdes hoje. – Tirando a derrota contra a Sorrengail, dominou todos os desafios.

– Ele tentou matar a Andarna. – *Merda. Talvez não devesse ter dito nada a ninguém.*

Todas as cabeças à mesa se viram para mim.

– Suponho que o Tairn tenha dito aos outros. – Encolho os ombros.

– Mas o Barlowe vinculou-se? – pergunta o Ridoc. – Embora, pelo que ouvi dizer, a Cauda de Escorpião Cor de Laranja dele é um pouco para o pequeno.

– É – confirma a Quinn. – É por isso que está com dificuldades esta manhã.

– Não te preocupes, de certeza que ele vai compensar a falta de estatuto social de outras formas – murmura a Rhiannon entre dentes com os olhos postos no meu tabuleiro. – Tens de comer alguma proteína, Vi. Não podes sobreviver só com fruta.

– É a única comida que tenho a certeza de que não foi adulterada, sobretudo com o Oren atrás do balcão. – Ocupo-me a descascar uma laranja.

– Oh, foda-se. – A Imogen empurra três salsichas para o meu prato. – Ela tem razão. Vais precisar de toda a força que tiveres para montar, sobretudo com um dragão do tamanho do Tairn.

Eu fico a olhar para as salsichas. A Imogen odeia-me tanto como o Oren. Caramba, foi ela que me partiu o braço e me deslocou o ombro no dia de aferição.

– *Podes confiar nela* – diz o Tairn, e eu assusto-me e deixo cair a laranja.

– *Ela odeia-me.*

– *Deixa de discutir comigo e come alguma coisa.* – Não há espaço para discussões com o tom dele.

O meu olhar ergue-se ao encontro do da Imogen e ela levanta a cabeça e fita-me em desafio.

Uso o meu garfo para quebrar o elo, depois levo-a à boca e mastigo, novamente focada na conversa que decorre à mesa.

– Qual é o teu sinete? – pergunta a Rhiannon ao Emery.

Sente-se uma rajada de ar na mesa que chocalha os copos. Manipulação de ar. Percebido.

– Isso é épico. – O Ridoc arregala os olhos. – Quanto ar consegues deslocar?

– Não tens nada com isso. – Quase nem olha para ele.

– Sorrengail, quando a aula de hoje acabar, és minha – diz a Imogen.

Engulo o que tenho na boca.

– Desculpa?

Ela fixa os olhos verdes pálidos nos meus.

– Vai ter comigo ao ginásio de treino de combate.

– Eu já estou a trabalhar com ela no treino de combate… – começa a Rhiannon.

– Ainda bem. Não podemos permitir que ela perca nenhum desafio – replica a Imogen. – Mas eu vou ajudar-te com pesos. Tens de reforçar os músculos junto às articulações antes que os desafios sejam retomados. É a única maneira de sobreviveres.

Os pelos atrás do meu pescoço eriçam-se.

– E desde quando é que tu te preocupas com a minha sobrevivência? – Não tem nada que ver com a esquadra. Não pode ter, porque até agora estava-se completamente nas tintas.

– Desde agora – diz ela, a fechar o punho sobre o garfo. Mas é o olhar fugaz para o estrado no fundo da sala que a denuncia. A preocupação dela não vem de uma bondade súbita do fundo do coração. Algo me diz que é uma ordem. – Os esquadrões vão ser condensados na formação matinal não tarda. Vamos ficar apenas com dois em cada pelotão – continua. – O Aetos foi o que manteve mais cavaleiros do primeiro ano vivos, daí a insígnia, por isso vai poder manter a esquadra dele, mas provavelmente vai ter mais gente quando retirarem das esquadras os que não foram bem-sucedidos.

O mais discretamente que consigo, olho para a direita, para lá das mesas da Quarta Divisão onde está o estrado onde o Xaden está sentado com a sua oficial-

executiva e os chefes de pelotão, incluindo o Garrick, cujos ombros parecem ocupar pelo menos dois lugares. É o Garrick quem olha na minha direção em primeiro lugar, com a testa franzida de… o que é aquilo? Preocupação? Depois desvia o olhar.

A única razão para ele estar nem que seja só um pouco preocupado… *ele sabe.* O Garrick sabe que o meu destino está amarrado ao do Xaden.

O meu olhar dispara para o Xaden e sinto um aperto no peito. Tão. Estupidamente. Lindo. Pelos vistos, o meu corpo não se importa que ele seja do mais perigoso que há no quadrante, porque o calor percorre-me as veias e cora-me a pele.

Está a usar um punhal para descascar uma maçã, criando uma longa espiral com a casca, e a lâmina continua o caminho quando ele levanta os olhos e os crava nos meus.

A minha cabeça é um festival de formigamento.

Céus, haverá alguma parte do meu corpo que não reaja quando o vejo?

Ele relanceia para a Imogen e volta a olhar para mim, e eu não preciso de mais nada para ter a certeza. Mandou-a ajudar-me a treinar. O Xaden Riorson dedica-se agora a manter a sua inimiga mortal viva.

Algumas horas mais tarde, depois da reorganização dos esquadrões e da leitura do rol de mortes, todos nós, cavaleiros do primeiro ano da Quarta Divisão, nos apresentamos nas nossas peles de voo acabadas de ser distribuídas e esperamos à frente dos nossos dragões no campo de voo. O uniforme é mais grosso do que o que costumávamos usar, com um casaco que abotoei por cima da minha couraça de escamas de dragão.

E, ao contrário dos uniformes normais, seja quais forem os que escolhermos, as peles de voo não ostentam nenhum emblema a não ser a nossa patente no ombro e qualquer símbolo denotador de chefia. Nenhum nome. Nenhuma insígnia. Nada que nos possa denunciar se nos separarmos dos nossos dragões atrás da linha do inimigo. Só muitas bainhas para as armas.

Tento não pensar na possibilidade de lutar no esforço de guerra um dia e foco-me no caos organizado que está a decorrer no campo de voo esta manhã. Não posso perder a forma como os outros cadetes olham para o Tairn nem o amplo

espaço que os outros dragões lhe dão. Para dizer a verdade, se eu tivesse aqueles dentes arreganhados à minha frente, também recuaria.

– *Não, não recuarias, porque não recuaste. Ficaste a defender a Andarna.* – A voz dele preenche-me a cabeça, e percebo pelo tom que ele preferiria estar noutro lugar.

– *Só porque havia muito em jogo naquele momento* – respondo. – *A Andarna não vem hoje?*

– *Ela não precisa de aulas de voo, uma vez que não te conseguirá transportar.*

– *Bem visto.* – No entanto, seria bom vê-la. Também é mais calma na minha cabeça, não tão intrometida como o Tairn.

– *Eu estou a ouvir-te. Agora presta atenção.*

Reviro os olhos, mas concentro-me no que o Professor Kaori está a dizer no centro do campo. Tem a mão levantada e está a usar uma magia menor comum para projetar a voz para que todos o ouçamos.

Que os deuses nos ajudem quando o Ridoc descobrir como fazer aquilo. Contenho um sorriso, ciente de que ele vai encontrar uma forma de irritar todos os cavaleiros do quadrante, e não apenas a esquadra dele.

– … e, com apenas 92 cavaleiros, vocês são a nossa menor turma até à data.

Deixo cair os ombros.

– *Pensava que havia 101 de vocês dispostos a vincular-se, além de ti?*

– *Não é por estarem dispostos a vincular-se que encontraram cavaleiros à altura* – responde o Tairn.

– *Ainda assim, dois de vocês escolheram-me a mim?* – E 41 cadetes não se vincularam? É um insulto e tanto.

– *Tu estás à altura. Pelo menos é o que eu acho, mas, pelos vistos, não prestas atenção às aulas.* – Bufa e um sopro quente de ar bate-me atrás do pescoço.

– Há 41 cavaleiros desvinculados que matariam para estar no vosso lugar – continua o Professor Kaori. – E os vossos dragões sabem que o vosso vínculo está no ponto mais fraco neste momento, pelo que, se caírem, há uma boa possibilidade de o vosso dragão vos deixar ir, se pensar que os desvinculados são uma melhor opção.

– Reconfortante – murmuro.

O Tairn faz um barulho que me lembra um riso escarninho.

– Agora vamos montar, depois seguir uma série de manobras específicas que os vossos dragões já conhecem. As vossas ordens hoje são simples. Só têm de se manter no vosso lugar – concluiu o Professor Kaori. Depois vira-se e começa a correr, percorrendo os quatro metros que o separam da perna dianteira do seu dragão e trepando-o na vertical para montar.

Tal como o último obstáculo do Guante.

Engulo em seco, já a desejar não ter comido tanto ao pequeno-almoço e viro-me para o Tairn. À minha esquerda e direita, os outros cavaleiros estão a fazer a mesma manobra para montar os respetivos dragões. Não há nenhuma forma de eu conseguir fazer o mesmo em condições normais, muito menos com o tornozelo ainda em recuperação.

O Tairn baixa o ombro e coloca a perna em rampa para eu subir.

A sensação de derrota quase me consome por inteiro. Vinculei-me ao maior – e seguramente o mais rabugento – dragão do quadrante, mas ele tem de se ajeitar para mim.

– O jeito que eu faço não é para ti, é para mim. Vi as tuas memórias. Não te quero a espetar-me punhais na perna para subires. Agora, mexe-te.

Solto um resfôlego, mas faço a subida, a abanar a cabeça à medida que lhe vou contornando os espigões para encontrar o assento. Doem-me as coxas de ontem e estremeço quando me coloco em posição, a agarrar o arção de escamas.

O dragão do Professor Kaori lança-se para o céu.

– Segura-te bem.

Sinto as mesmas faixas de energia a envolver-me as pernas, e o Tairn dobra-se um milissegundo antes de investir em direção ao céu.

O vento fustiga-me os olhos e o estômago afunda-se. Arrisco agarrar-me só com uma mão para baixar os meus óculos de voo. Alívio imediato.

– Tínhamos de ser os segundos a sair? – pergunto ao Tairn quando já estamos a sair do desfiladeiro e a subir para as montanhas. Agora percebo porque não vimos os dragões a treinar muitas vezes embora eu praticamente tenha crescido em Basgiath. As únicas pessoas à nossa volta são outros cavaleiros. *– Toda a gente me vai ver quando eu escorregar.*

– Só aceitei seguir o Smachd porque o cavaleiro dele é o teu instrutor.

– Ah, então és daqueles que querem estar sempre na frente. É bom saber. Lembra-me de passar algum tempo no templo para poder fazer alguns pedidos

a Dunne. – Concentro-me no Professor Kaori para ver quando é que as manobras vão começar.

– *A deusa da força e da guerra?* – Desta vez é claro que o Tairn está a gozar.

– *O que foi? Os dragões não acham que precisamos dos deuses do nosso lado?* – Merda, está frio aqui em cima. A minha mão enluvada cerra-se no arção.

– *Os dragões não ligam nenhuma aos vossos deuses insignificantes.*

O Professor Kaori guina para a direita e o Tairn segue-o sem hesitar, conduzindo-nos para um voo picado pela vertente de um dos cumes. Eu aperto as pernas, mas sei que é o Tairn que me está a manter no assento.

Continua a manter-me no lugar ao longo de outra subida e até num giro quase em espiral, e não posso deixar de reparar que está a pegar em todos os movimentos que o Professor Kaori está a fazer e a torná-los mais difíceis.

– *Não me podes segurar aqui o tempo inteiro, sabes.*

– *Então olha para mim. A menos que prefiras ser arrastada para o glaciar ali em baixo como o cavaleiro do Gleann que vem lá atrás.*

Viro a cabeça de chofre para olhar, mas a única coisa que vejo é a cauda do Tairn a sacudir-se e os enormes espigões a bloquear a visão.

– *Não olhes.*

– *Já perdemos um cavaleiro?* – Fico com um nó na garganta.

– *O Gleann escolheu mal. Nunca foi forte a vincular-se, afinal.*

Oh. Meus. Deuses.

– *Se continuares a segurar-me assim, a tua energia vai centrar-se em manter-me aqui em vez de se centrar na canalização quando precisarmos de poder para a batalha* – aponto.

– *É uma quantidade minúscula do meu poder.*

Como é que eu hei de ser uma cavaleira se não for capaz de me manter em cima do raio do meu dragão por mim própria?

– *Como queiras.*

As faixas desaparecem.

– *Obrigadaaaaaaa, merda!* – O Tairn guina para a esquerda e as minhas coxas derrapam. As minhas mãos escorregam. Eu deslizo pelo flanco dele e fico com os dedos à procura de algo que agarrar sem encontrar nada.

As rajadas de ar enchem-me as orelhas quando mergulho em direção ao glaciar e um medo primitivo começa a apoderar-se do meu coração e a apertá-lo

como um torno. O vulto de um corpo em baixo de mim cresce a olhos vistos.

Sou puxada para cima quando o Tairn me apanha e me envolve com as garras como fez na Debulha. Sobe para muito alto, e volta a atirar-me, mas pelo menos desta vez estou preparada para o impacto quando o dorso dele se eleva ao encontro das minhas nádegas em queda.

Ouço o urro repugnante de algo que não compreendo na minha cabeça.

– *O que raio quer isso dizer?* – Trepo para o assento e coloco-me em posição quando ele segue num voo planante.

– *A tradução mais próxima para os humanos será talvez «que caralho»… Bem. Desta vez, vais ficar no assento?* – Volta a baixar para a formação, e eu consigo manter-me no lugar.

– *Tenho de ser capaz de fazer isto sozinha. Ambos precisamos que eu o faça* – observo.

– *Humana prateada teimosa* – murmura o Tairn, a seguir o Professor Kaori num voo picado.

Eu volto a cair.

E outra vez.

E outra vez.

À noite, depois do jantar, vou para o ginásio de treino de combate. Dói-me tudo das vezes em que escorreguei do dorso do Tairn e tenho quase a certeza de que tenho nódoas negras debaixo dos braços de tanto ele me agarrar.

Passo pela rotunda e atravesso a ala académica quando ouço o Dain a chamar por mim e a dar uma pequena corrida para me alcançar.

Espero por aquela bolha familiar de felicidade por podermos ter um minuto só para nós, mas não chega. Em vez disso, há um mar de desconforto que não sei dissipar.

O que se passa comigo? O Dain é lindo, simpático e um homem muito, *muito* bom. É honrado e, de longe, o meu melhor amigo. Então, porque é que não temos química nenhuma?

– A Rhiannon disse que vinhas por aqui – diz ele quando chega ao meu lado com as sobrancelhas vincadas de preocupação.

– Vou treinar. – Forço um sorriso quando viramos a esquina e ficamos com o ginásio, que tem as enormes portas arqueadas abertas, à nossa frente.

– Não treinaste o suficiente durante o voo hoje? – Toca-me no ombro e para, e eu faço o mesmo, antes de rodar para olhar para ele no corredor vazio.

– Caí vezes suficientes hoje, sem dúvida. – Verifico a ligadura que tenho no braço. Pelo menos, não rompi os pontos.

O maxilar dele lateja.

– Pensei realmente que ficarias bem depois de o Tairn te ter escolhido.

– E vou ficar – asseguro-lhe, com a voz a elevar-se. – Só tenho de fortalecer os músculos para me manter sentada durante as manobras, e o Tairn insiste em tornar as manobras do Kaori ainda mais difíceis.

– *Para o teu próprio bem.*

– *Estás sempre por perto?* – replico mentalmente.

– *Estou. Habitua-te.*

Sinto vontade de mandar um urro àquele dragão intrometido, impertinente…

– *Ainda estou aqui.*

– Violet? – pergunta o Dain.

– Desculpa, não estou habituada a ter o Tairn a interromper-me os pensamentos.

– É um bom sinal. Significa que o vosso vínculo se está a reforçar. E, para dizer a verdade, não sei bem porque é que ele te está a pôr dificuldades nas manobras. Não existe propriamente nenhuma ameaça aérea por aí a não ser os grifos, e todos sabemos que um sopro de fogo significa que esses passarinhos passam à história. Diz-lhe para te dar um desconto.

– *Diz-lhe para se meter na vida dele.*

– Sim… hã… vou… fazer isso. – Contenho uma gargalhada. – *Não te enerves com ele. É o meu melhor amigo.*

O Tairn resfolega.

Oiço um suspiro a sair dos lábios do Dain e ele coloca as mãos em concha no meu rosto. Depois, deixa cair os olhos nos meus lábios por um instante antes de recuar.

– Bem. Sobre ontem à noite…

– A parte em que me disseste que o Xaden me iria matar se eu me vinculasse ao Tairn? Ou a parte em que me beijaste? – Cruzo os braços à frente do peito, com muito cuidado ao dobrar o direito.

– O beijo – admite ele com a voz mais baixa. – Nunca… nunca deveria ter acontecido.

Sou tomada por uma sensação de alívio.

– Não é? – Esboço um sorriso. Graças aos deuses que ele sente o mesmo. – E não quer dizer que não sejamos amigos.

– Melhores amigos – concorda ele, mas os olhos estão cheios de uma tristeza que eu não compreendo. – E não é porque eu não te queira…

– O quê? – Levanto as sobrancelhas. – Onde é que queres chegar? – Será que estamos a falar a mesma língua?

– Estou a dizer o mesmo que tu. – Aparecem-lhe dois vincos entre as sobrancelhas. – É incrivelmente desaconselhado que tenhamos uma relação física com uma pessoa da nossa cadeia de comando.

– Oh. – Bem, isso está muito longe de ser o que eu estou a dizer.

– E sabes o quanto eu trabalhei para ser chefe de esquadra. Estou determinado a ser chefe de divisão para o ano, e por muito que signifiques para mim… – Abana a cabeça.

Oh. Isto é tudo uma questão de política para ele.

– Certo. – Assinto devagar com a cabeça. – Eu percebo. – Não devia importar que ele só não esteja a perseguir-me por causa das hierarquias e, na verdade, não importa. Mas não há dúvida de que me faz perder algum respeito por ele, o que é algo que nunca esperei que acontecesse.

– E talvez para o ano, se estiveres noutra divisão, ou até depois da graduação – começa ele, a esperança a iluminar-lhe os olhos.

– Sorrengail, vamos lá. Não vou ficar aqui à espera a noite inteira – diz a Imogen à entrada do ginásio com os braços cruzados sobre o peito. – Se o *chefe da tua esquadra* já tiver terminado, claro.

O Dain recua, a olhar para mim e para a Imogen.

– É ela que te está a treinar?

– Ela ofereceu-se. – Encolho os ombros.

– Lealdade entre membros da esquadra e essas coisas. Blá, blá. – A Imogen esboça um sorriso que não lhe chega aos olhos. – Não te preocupes. Eu tomo bem conta dela. Adeus, Aetos.

Dou um sorriso rápido ao Dain e começo a andar, recusando-me a olhar por cima do ombro para ver se ele ainda está lá. A Imogen segue-me imediatamente,

depois conduz-me para o canto à esquerda onde o vidro acaba e a pedra começa e empurra uma porta que nunca tive tempo de reparar que existia.

A sala está iluminada com luzes mágicas e cheia de uma variedade de equipamentos de madeira com suportes, cordas e roldanas, bancos com alavancas e barras pregadas à parede.

E, do outro lado, a fazer flexões num tapete, está uma das tyrrenses do primeiro ano que eu vi no bosque naquela noite com o Garrick agachado ao lado a incentivá-la.

– Não te preocupes, Sorrengail – diz a Imogen num tom delicodoce. – Só estamos nós os três aqui dentro. Estás em completa segurança.

O Garrick vira-se e olha-me nos olhos, ainda que continue a contar as repetições para a outra instruenda do primeiro ano. Baixa a cabeça em aquiescência e volta para a tarefa em que estava empenhado.

– É só contigo que eu me preocupo – digo quando ela me conduz a uma máquina com um assento de madeira coçado e dois quadrados almofadados que se encontram à frente, à altura do joelho.

Ela ri-se e eu penso que é o primeiro som genuíno que a ouvi fazer.

– É justo. Uma vez que não podes trabalhar esse tornozelo nem os braços antes de recuperares completamente, vamos começar com os músculos mais importantes que tens para te manteres em cima do teu dragão. – Olha para o meu corpo de cima a baixo e suspira com óbvia repugnância. – Essas faces internas das coxas moles como a merda.

– Só estás a fazer isto porque o Xaden te está a obrigar, certo? – pergunto, a sentar o cu no assento da máquina com a madeira almofadada entre os joelhos enquanto ela faz os ajustes necessários.

Os olhos dela cravam-se nos meus e entrefecham-se.

– Regra número um. Para ti ele chama-se Riorson, *instruenda do primeiro ano*, e nunca me podes fazer nenhuma pergunta sobre ele. Nunca.

– Isso são duas regras. – Começo a pensar que o meu primeiro palpite sobre eles é o mais acertado. Com uma lealdade tão feroz, têm de ser amantes.

Não tenho ciúmes. Nenhuns. Este poço de repulsa que me cresce no peito não é de ciúmes. Não pode ser.

A Imogen faz um esgar de escárnio e pega numa alavanca que coloca tensão imediata nos quadrados de madeira, que avançam para a frente e me separam as

pernas.

– Agora, começa a trabalhar. Volta a juntá-los. Trinta repetições.

Não há nada mais sagrado do que os Arquivos. Até os templos podem ser reconstruídos, mas os livros não podem ser rescritos.
– Guia do Coronel Daxton para o Êxito no Quadrante dos Copistas



CAPÍTULO XVIII

O carrinho de madeira da biblioteca chia quando o empurro por cima da ponte que liga o Quadrante dos Cavaleiros ao Quadrante dos Curandeiros e depois passo pelas portas da clínica para o centro de Basgiath.

Luzes mágicas iluminam-me pelos túneis adiante, num caminho que conheço tão bem que o poderia fazer de olhos fechados. O cheiro de terra e de pedras enche-me os pulmões à medida que vou descendo, e a pontada de saudade que senti quase todos os dias ao longo do último mês desde que fui destacada para o serviço nos Arquivos não chega a ser tão forte como a de ontem, que também já não era tão forte como a de anteontem.

Aceno com a cabeça para o copista do primeiro ano à entrada dos Arquivos e ele salta do assento e apressa-se a abrir a porta tipo cofre-forte.

– Bom dia, cadete Sorrengail – diz ele, a segurar a porta para que eu possa passar. – Senti a tua falta ontem.

– Bom dia, cadete Pierson. – Dou-lhe um sorriso e empurro o carrinho para a frente. De todas as ofertas que o quadrante tinha à disposição, consegui ficar com a minha preferida. – Não me estava a sentir bem. – Tive momentos de vertigens o dia inteiro, sem dúvida por não ter bebido água suficiente, mas, pelo menos, pude descansar.

Os Arquivos cheiram a pergaminho, cola para as lombadas dos livros e tinta. Cheiram a casa.

Filas de estantes com seis metros de altura ocupam todo o cumprimento da estrutura cavernosa, e mergulho os sentidos nesta visão enquanto espero junto à mesa mais próxima da entrada, o lugar onde passei a maioria das minhas horas ao longo dos últimos cinco anos. Só os copistas podem ir mais além e eu sou uma cavaleira.

A ideia traz-me um sorriso aos lábios quando já vejo uma mulher a aproximar-se numa túnica creme com capuz e um único retângulo dourado cosido no ombro. É do primeiro ano. Quando puxa o tecido da cabeça, revelando um longo cabelo castanho, e levanta os olhos ao encontro dos meus, eu abro um sorriso rasgado.

– Jesinia! – gestuo.

– Cadete Sorrengail – gestua ela em resposta. Os olhos brilhantes cintilam, mas ela abafa o sorriso.

Por apenas este segundo, abomino os rituais e costumes dos copistas. Não haveria nada de errado em puxar a minha amiga para lhe dar um abraço, mas ela seria repreendida por perda de compostura. Afinal, como haveríamos de saber que os copistas levam o seu trabalho a sério, se mantêm sempre dedicados, se eles dessem um sorriso?

– É muito bom ver-te – gestuo sem conseguir esconder o sorriso de orelha a orelha. – Eu sabia que ias passar o teste.

– Só porque estudei contigo no ano que passou – gestua ela em resposta, a cerrar os lábios para que não se dobrem num sorriso. Depois o rosto dela faz-se mais caído. – Fiquei horrorizada quando ouvi dizer que foste obrigada a ir para o Quadrante dos Cavaleiros. – Estás bem?

– Estou ótima – asseguro-lhe, depois paro para procurar na memória o gesto correto para a vinculação a um dragão. – Estou vinculada e… – Os meus sentimentos são complicados, mas penso no que senti ao planar no dorso do Tairn, nos incentivos suaves da Andarna para eu continuar quando pensava que os meus músculos podiam ceder durante as sessões de treino da Imogen e nas minhas relações com os meus amigos e não posso negar a verdade. – Estou feliz.

Ela arregala os olhos.

– Não estás sempre preocupada por poderes… – A Jesinia relanceia para a esquerda e para a direita, mas não há ninguém suficientemente perto para nos ver. – Bem… morrer?

– Claro. – Assinto com a cabeça. – Mas, por estranho que pareça, começamos a habituar-nos.

– Se tu o dizes. – Parece cética. – Vamos lá tratar de ti. Isso é tudo para devolver?

Eu assinto com a cabeça e levo a mão ao bolso das calças para pegar num pequeno rolo de pergaminho e entrego-lho antes de gestuar:

– Alguns pedidos da Professora Devera. – O cavaleiro responsável pela nossa pequena biblioteca envia uma lista de pedidos todas as noites e eu vou buscá-los antes do pequeno-almoço, que talvez seja a razão por que o meu estômago está a roncar.

Com todas as calorias extraordinárias que queimo com a combinação dos voos, das aulas de treino de combate com a Rhiannon e das sessões de tortura da Imogen tenho uma capacidade totalmente nova para absorver comida.

– Mais alguma coisa? – pergunta ela depois de colocar o rolo de pergaminho num bolso escondido nas vestes.

Talvez seja por estar nos Arquivos, mas sinto uma pontada de saudades de casa que quase me derruba.

– Alguma possibilidade de vocês terem *As Lendas dos Baldios*? – A Mira tinha razão, não tinha nada de levar o livro de contos comigo, mas seria bom passar uma noite enrolada com uma história familiar.

A testa da Jesinia franze-se.

– Não conheço esse texto.

Eu pestanejo.

– Não é para estudar nem nada disso, só uma coletânea de lendas populares que o meu pai me contava. Um pouco para o lado negro, para dizer a verdade, mas eu adorava as histórias. – Penso por um momento. Não há gestos para serpes nem venéficos, pelo que os digo com todas as letras. – Serpes, venéficos, magia, as batalhas do bem e do mal… enfim, aquilo que é bom. – Sorrio. Se alguém entende o meu amor por livros é a Jesinia.

– Nunca ouvi falar nesse livro, mas eu vou procurá-lo quando estiver a recolher estes.

– Obrigada. Ficar-te-ia muito agradecida. – Agora que vou ser eu a exercer magia, dar-me-iam jeito umas boas lendas populares sobre o que acontece quando os humanos profanam o poder que lhes é canalizado. Não tenho dúvidas

de que foram escritas como parábolas para nos advertir para os perigos da vinculação a dragões, mas, na história de 600 anos da unificação de Navarre, nunca li nada sobre um cavaleiro que tenha dado a alma pelos poderes. Os dragões impedem-nos de o fazer.

A Jesinia assente com a cabeça e empurra o carrinho, desaparecendo no meio das estantes.

Normalmente demora cerca de 15 minutos a recolher os pedidos que chegam tanto dos professores como dos cadetes do meu quadrante, mas eu fico mais do que satisfeita por esperar. Vejo copistas a andar de um lado para o outro, alguns em grupo a receber formação para serem os historiadores do reino, e dou por mim a olhar para cada figura encapuzada à procura de um rosto que sei que não vou conseguir encontrar… à procura do meu pai.

– Violet?

Viro-me para a esquerda e vejo o Professor Markham à frente de uma esquadra de copistas do primeiro ano.

– Olá, Professor. – Manter o rosto impassível perto dele é mais fácil porque sei que é o que ele espera.

– Não sabia que tinha a seu cargo o serviço de biblioteca. – Relanceia para o local nas estantes onde a Jesinia desapareceu. – Já a estão a ajudar?

– A Jesinia… – retraio-me. – Ou melhor, a cadete Neilwart é muito solícita.

– Sabem – diz ele para a esquadra de cinco que forma um arco à minha volta – a cadete Sorrengail foi minha estimada aluna até o Quadrante dos Cavaleiros a levar. – O olhar dele cruza-se com o meu sob o capuz. – Tinha esperança de que ela voltasse, mas infelizmente vinculou-se não a um, mas a dois dragões.

Uma rapariga à direita dele resfolega, depois cobre a boca e murmura um pedido de desculpas.

– Não te preocupes, eu tive a mesma reação – digo-lhe.

– Talvez possa explicar uma coisa aqui ao cadete Nasya, que estava agora mesmo a queixar-se de que quase não há ar fresco suficiente aqui dentro. – O Professor Markham vira-se para o rapaz à sua direita. – Este grupo está agora a começar a rotação nos Arquivos.

O Nasya fica vermelho como um tomate sob o capuz creme.

– Faz parte do sistema de mitigação de incêndios – digo-lhe. – Menos ar, menos risco de a nossa história ser reduzida a cinzas.

– E os capuzes asfixiantes? – O Nasya levanta uma sobrancelha na minha direção.

– Faz com que seja mais difícil que vocês se destaquem dos tomos – explico. – É um símbolo de que nada nem ninguém é mais importante do que os documentos e livros nesta sala. – O meu olhar dispara em redor da sala e sinto uma pontada de saudades de casa.

– Exatamente. – O Professor Markham lança um olhar carrancudo ao Nasya. – Agora, se nos dá licença, cadete Sorrengail, temos trabalho para fazer. Vemo-nos amanhã na aula de Sumário de Batalha.

– Sim, Professor. – Recuo para deixar a esquadra passar.

– *Estás triste?* – pergunta a Andarna, com a voz terna.

– *Estou só de visita aos Arquivos. Não precisas de te preocupar* – digo-lhe.

– *É difícil gostar tanto de uma segunda casa como da primeira.*

Engulo em seco.

– *É fácil quando a segunda casa é a certa.* – E isso foi o que o Quadrante dos Cavaleiros se tornou para mim: a casa certa. A saudade do tipo de paz e solidão que só aqui encontrava não se compara ao assomo de adrenalina do voo.

A Jesinia reaparece com o carrinho, carregado com os livros pedidos e cartas para os professores do meu quadrante. Gestua:

– Desculpa, mas não consegui encontrar o livro. Até procurei serpes no catálogo, acho que foi isso que tu disseste, mas não há nada.

Eu fico a olhar por um segundo. Os nossos Arquivos têm uma cópia ou o original de quase todos os livros de Navarre. Só tomos ultrarraros ou proibidos estão excluídos. Quando é que as lendas populares se tornaram um ou outro? Embora, se pensar nisso, nunca tenha encontrado nada parecido com *As Lendas dos Baldios* nas estantes quando estava a estudar para ser copista. Quimera? Sim. Kraken? Claro. Mas as serpes ou os *venéficos* que os criam? Nada. Estranho.

– Não faz mal. Obrigada por procurares – gestuo em resposta.

– Estás com um ar diferente – gestua ela antes de me entregar o carrinho.

Arregalo os olhos.

– Não no mau sentido, só… diferente. Tens o rosto mais magro e até a tua postura… – Abana a cabeça.

– Tenho estado a treinar. – Detenho-me com as mãos penduradas junto às ilhargas enquanto penso na minha resposta. – É difícil, mas também é ótimo.

Estou a ficar mais rápida no tapete.

– No tapete? – A Jesinia franze o sobrolho.

– Para treino de combate.

– Certo. Eu esqueço-me de que vocês também lutam uns com os outros. – Os olhos dela enchem-se de compaixão.

– A sério que estou bem – garanto-lhe, esquecendo as vezes em que apanhei o Oren a agarrar num punhal na minha presença ou a forma como o Jack ferve quando me vê. – E tu? Está a ser como esperavas?

– Como eu esperava e mais. Muito mais. A responsabilidade que temos não só de registar a história, mas também de despachar a informação das linhas da frente é mais do que eu poderia imaginar e é muito recompensadora. – Volta a cerrar os lábios.

– Ainda bem. Fico feliz por ti. – E é sincero.

– Mas eu fico preocupada contigo. – A Jesinia sorve um trago de ar. – O aumento dos ataques ao longo da fronteira… – A preocupação grava-lhe rugas na testa.

– Eu sei. Costumam falar-nos disso na aula de Sumário de Batalha. – É sempre a mesma coisa, investidas sobre guarnições com brechas, devastação de aldeias no cimo das montanhas e mais cavaleiros mortos. Fico com o coração partido sempre que recebemos um relato e uma parte de mim estremece com cada ataque que tenho de analisar.

– E o Dain? – pergunta ela quando já estamos a caminho da porta. – Viste-o?

O meu sorriso esvaece.

– Isso é uma história para outro dia.

A Jesinia suspira.

– Vou tentar estar aqui por esta altura para te poder ver.

– Parece-me maravilhoso. – Abstenho-me de lhe dar um abraço e saio pela porta que ela abre.

Quando devolvo o carrinho à biblioteca e chego finalmente à fila para almoço, o nosso tempo está quase no fim, o que significa que estou ocupada a enfiar comida na boca o mais rapidamente que consigo enquanto os membros da nossa esquadra original conversam à minha volta. Os novatos, dois cavaleiros do primeiro ano e dois do segundo ano que recebemos quando a terceira esquadra

foi dissolvida, estão a uma mesa de distância. Recusaram-se a sentar-se com alguém com uma relíquia da rebelião.

Por isso, eles que se fodam.

– Foi a cena mais espetacular de *sempre* – continua o Ridoc. – Num segundo estava a combater com aquele cavaleiro do terceiro ano com aquelas capacidades de manejo da grande espada e, no seguinte o Sawyer…

– Podias deixá-lo contar a história a ele – admoesta a Rhiannon, a revirar os olhos.

– Não, obrigado – retruca o Sawyer, a abanar a cabeça e a olhar para o garfo com uma forte dose de medo.

O Ridoc sorri em toda a sua glória a contar a história.

– E depois a espada torce-se na mão do Sawyer e curva-se na direção do cavaleiro do terceiro ano, embora o Sawyer tenha falhado por muito. – Faz um esgar na direção do Sawyer. – Desculpa, meu, mas é verdade. Se a tua espada não tivesse decidido enviesar-se e ir diretamente contra o braço do rapaz…

– És metalúrgico? – A Quinn alça as sobrancelhas. – A sério?

Caraças, o Sawyer é capaz de manipular metais. Engulo um pouco mais de peru à força e fito-o abertamente. Tanto quanto sei, é o primeiro de entre nós a revelar qualquer forma de poder, quanto mais um sinete.

O Sawyer assente com a cabeça.

– Isso é o que o Carr diz. O Aetos arrastou-me diretamente para o professor quando viu isso a acontecer.

– Estou cheio de inveja! – O Ridoc leva a mão ao peito. – Eu quero que o meu poder de sinete se manifeste!

– Não ficarias tão entusiasmado se significasse que não tinhas a certeza se o teu garfo se iria espetar no céu da tua boca por ainda não seres capaz de o controlar. – O Sawyer afasta o tabuleiro para o lado.

– Bem visto. – O Ridoc olha para o seu próprio tabuleiro.

– Os vossos vão-se manifestar quando o vosso dragão estiver pronto para vos confiar esse poder todo – diz a Quinn, antes de terminar a água. – É bom é que os vossos dragões confiem em vocês até daqui a cerca de seis meses, se não… – Faz o som de uma explosão e imita-a com as mãos.

– Deixa de assustar as crianças – diz a Imogen. – Isso já não acontece há… – Detém-se para pensar. – … décadas. – Quando olhamos todos para ela, revira os

olhos. – Bem, as relíquias que os vossos dragões vos transferiram na Debulha são o canal para enviar toda a magia para o vosso corpo. Se vocês não manifestarem um sinete e a deixarem escapar, ao fim de um punhado de meses, acontecem coisas más.

Ficamos todos de boca aberta.

– A magia consome-vos – acrescenta a Quinn, fazendo o som de explosão novamente.

– Calma, não é um prazo fixo nem nada disso. É só uma média. – A Imogen encolhe os ombros.

– Foda-se, há sempre *alguma coisa* por aqui – murmura o Ridoc.

– Estou a sentir-me um pouco mais sortudo agora – diz o Sawyer a olhar fixamente para o garfo.

– Vamos buscar-te alguns utensílios de madeira – digo ao Sawyer. – E talvez devesses evitar o arsenal ou o treino de combate com… tudo.

O Sawyer solta um esgar de troça.

– Isso é verdade. Pelo menos, estarei em segurança durante o voo desta tarde.

O acrescento de aulas de voo ao nosso horário tem sido essencial desde a Debulha. As divisões rodam para irem para o campo de voo, e hoje é um dos nossos dias de sorte da semana.

Sinto um formigamento no escalpe e sei que, se me virar, vou encontrar o Xaden a olhar para nós. A olhar para mim. Mas não lhe dou a satisfação de olhar. Não me dirigiu uma palavra que fosse desde a Debulha. O que não significa que eu esteja sozinha… oh, nunca estou sozinha. Há sempre um homem de classe superior algures por perto quando estou a percorrer os corredores ou a caminho do ginásio à noite.

E todos eles tem relíquias da rebelião.

– Eu gosto mais quando é de manhã – diz a Rhiannon, com o rosto a entristecer-se. – É muito pior depois de termos tomado o pequeno-almoço *e* o almoço.

– Concordo – consigo dizer entre garfadas.

– Termina o peru – ordena a Imogen. – Vemo-nos logo à noite. Ela e a Quinn limpam os tabuleiros e levam-nos de volta para a janela da área de serviço.

– Ela é mais simpática quando está a treinar? – pergunta a Rhiannon.

– Não. Mas é eficiente. – Termino o peru quando a sala começa a esvaziar-se, e todos nos encaminhamos para a janela da área de serviço. – Como é o Professor Carr? – pergunto ao Sawyer antes de colocar o meu tabuleiro na pilha. O professor de manipulação de poderes é um dos poucos que ainda não conheci, uma vez que não manifestei um sinete.

– Assustador como o caralho – responde o Sawyer. – Mal posso esperar que o ano inteiro comece as aulas de manipulação de poderes para que toda a gente possa desfrutar daquele tipo específico de instrução.

Saímos do refeitório, passamos pela rotunda e chegamos ao pátio, onde todos abotoamos os casacos. Novembro chegou severo com ventos fortes e erva com geada de manhã e a primeira neve não deve tardar muito.

– Eu sabia que ia funcionar! – diz o Jack Barlowe à nossa frente, a arrastar alguém debaixo do braço e a bater-lhe afetuosamente na cabeça.

– Aquela não é a Caroline Ashton? – pergunta a Rhiannon com a boca aberta ao ver a Caroline a dirigir-se para a ala académica com o Jack.

– Sim. – O Ridoc põe-se tenso. – Vinculou-se ao Gleann esta manhã.

– Ele não estava já vinculado? – A Rhiannon fica a olhar para eles até desaparecerem na ala.

– O cavaleiro dele morreu na primeira aula de voo. – Centro-me no portão à frente que dá para o campo de voo.

– Então parece que os desvinculados ainda podem ter a oportunidade que procuram – murmura a Rhiannon.

– Sim. – O Sawyer assente com a cabeça. – Podem.

– *Só caíste para aí uma dúzia de vezes desta vez* – observa o Tairn quando aterramos no campo de voo.

– *Não percebo se isso é um elogio ou não*. – Dou arfadas profundas e tento acalmar o meu coração acelerado.

– *Interpreta-o como quiseres.*

Reviro os olhos mentalmente e apresso-me a sair do assento quando ele baixa o ombro para eu poder deslizar-lhe pela perna dianteira abaixo. É um movimento que se tornou tão rotineiro que já quase nem noto que os outros cavaleiros são capazes de saltar para o chão ou descer da forma *correta*.

– *Além disso, podias facilitar-me a vida, sabias?*

– *Oh, sim, sei.*

– *Não sou eu que nos estou a colocar em espirais com guinadas acentuadas enquanto o Kaori está a ensinar voos picados simples.* – Os meus pés chegam ao chão do campo e eu arqueio uma sobrancelha para o Tairn.

– *Estou a treinar-te para o combate. Ele está a ensinar-te truques de salão.* – Pisca-me um olho dourado e desvia o olhar.

– *Achas que podemos dizer à Andarna para se juntar a nós para a semana? Mesmo que seja só para nos acompanhar?* – Faço todas as verificações que o Professor Kaori nos ensinou e procuro por quaisquer detritos que se possam ter alojado entre os longos dedos com presas das garras do Tairn ou entre as escamas duras como rochas do baixo-ventre.

– *Não sou tonto o suficiente para não perceber se tenho algo encravado na pele. E não pediria à Andarna para se juntar a nós a menos que ela o solicitasse. Ela não consegue acompanhar a nossa velocidade e só atrairia atenções indesejadas.*

– *Eu nunca a vejo* – queixo-me abertamente. – *Tenho de estar sempre a aturar essa fronha rabugenta.*

– *Eu estou sempre aqui* – responde a Andarna, mas não vejo ouro a cintilar. O mais provável é que esteja no Vale, como é habitual, mas pelo menos está protegida por lá.

– *Esta fronha rabugenta acabou de te apanhar uma dúzia de vezes, Prateada.*

– *Podias chamar-me Violet um dia, sabias?* – Examino cada fila das escamas com cuidado. Um dos maiores perigos para os dragões são as coisas mais pequenas que eles não conseguem retirar e que penetram entre as escamas e provocam infeções.

– *Eu sei* – responde. – *E também te podia chamar Violência como o chefe de divisão.*

– *Não te atreverias.* – Movo-me para a frente com os olhos semicerrados a verificar o local onde o peito dele começa a elevar-se. – *E sabes bem o quanto esse sacana me irrita.*

– *Irrita-te?* – O Tairn dá uma risada acima de mim e o som parece o de um gato a ronronar. – *É isso que acontece quando a tua pulsação…*

– *Não me venhas com essa conversa, sequer.*

Ouço um ronco a ressoar no peito do Tairn que me deixa os ossos a vibrar. Rodo com as mãos a pairar junto aos punhais embainhados e vejo o Dain a

aproximar-se.

– *É só o Dain.* – Saio do meio das pernas do Tairn quando o Dain para a cerca de quatro metros de distância.

– *A raiva não lhe fica bem.* – O Tairn volta a roncar e eu sinto um sopro de vapor a bater-me atrás do pescoço.

– *Calma* – digo e volto a olhar por cima do ombro para ele. As minhas sobrancelhas elevam-se.

Os olhos dourados do Tairn estão semicerrados a olhar enfurecidos para o Dain e os dentes estão arreganhados e a pingar saliva quando ouço mais um ronco a ressoar.

– *É uma ameaça. Para com isso* – digo.

– *Diz-lhe que, se te magoar, o reduzo a cinzas ali mesmo.*

– *Oh, foda-se, Tairn, calma.* – Reviro os olhos e dirijo-me para o Dain, que tem o maxilar cerrado, mas os olhos cheios de apreensão.

– *Diz-lhe ou vou falar com o Cath.*

– O Tairn diz que, se me magoares, te carboniza – digo no momento em que os dragões à esquerda e à direita se lançam para os céus para voltarem para o Vale. Mas o Tairn não. Nada disso, continua atrás de mim como um pai superprotetor.

– Não te vou magoar! – dispara o Dain.

– *Ipsis verbis, Prateada.*

Eu suspiro devagar.

– Desculpa, o que ele disse realmente foi que se me magoares ele te reduz a cinzas aí mesmo onde estás. – Viro-me e olho por cima do ombro. – Melhor?

O Tairn pestaneja.

O Dain não tira os olhos de mim, mas eu vejo-o lá no fundo, o remoinho de raiva para o qual o Tairn me advertiu.

– Preferia morrer a magoar-te e tu sabe-lo muito bem.

– *Estás contente agora?* – pergunto ao Tairn.

– *Estou com fome. Acho que vou servir-me de um rebanho de ovelhas.* – Lança-se para o ar a bater vigorosamente as enormes asas.

– Preciso de falar contigo. – A voz do Dain baixa-se e ele entrefecha os olhos.

– Está bem. Acompanha-me de volta. – Faço um gesto à Rhiannon para que vá sem mim, e ela vai com os outros e deixa-me sozinha com o Dain mais para trás.

Ficamos na cauda do grupo para sermos os últimos a sair do campo.

– Porque é que não me disseste que não consegues manter-te na merda do assento? – pergunta-me ele aos gritos a agarrar-me o ombro.

– Desculpa? – Puxo-lhe o braço das mãos.

O Tairn rosna-me na cabeça.

– *Eu trato disto* – grito-lhe em resposta.

– Deixei o Kaori dar-te aulas este tempo todo a pensar que ele teria tudo sob controlo. Afinal, ele teria de saber se a cavaleira que monta o dragão mais forte do quadrante não era capaz de se manter no assento. – Passa a mão pelo cabelo. – E com certeza que *eu* também saberia se a minha melhor amiga caísse todo o santo dia que voava!

– Não é segredo nenhum. – As minhas veias fervilham de raiva. – Toda a gente da nossa divisão sabe! Lamento que não tenhas estado atento à tua esquadra, mas acredita, Dain, toda a gente sabe. E não vou ficar aqui enquanto tu me dás um sermão como se eu fosse uma criança. – Afasto-me, indignada, com uma passada larga que recupera o caminho que levo de atraso da minha divisão.

– Foste tu que não me disseste – diz ele, com a ira na voz a dar lugar a mágoa quando me alcança, com uma passada ainda mais larga.

– Não é um problema. – Abano a cabeça. – O Tairn é capaz de me manter presa magicamente se for preciso. Sou eu que lhe estou a pedir para afrouxar as amarras. E pensaria duas vezes antes de o questionar se fosse a ti. Ele é mais de carbonizar primeiro e perguntar depois.

– É um enorme problema, porque não pode canalizar…

– Todos os poderes dele? – pergunto quando já estamos a sair do campo e a caminho das escadas que descem junto ao Guante. – Eu sei disso. Porque é que achas que eu estou lá em cima a pedir-lhe para me deixar solta? – A frustração é um ser vivo e pulsante dentro de mim, a consumir todo o pensamento racional.

– Estás a voar há um mês e continuas a cair. – A voz dele segue-me pelas escadas abaixo.

– O mesmo acontece com metade da divisão, Dain!

– Não uma dúzia de vezes – replica ele. Segue no meu encalço quando aumento a velocidade em direção ao caminho que nos vai levar de volta à cidadela a fazer a gravilha estalar com as botas. – Só te quero ajudar, Vi. Como é que posso ajudar?

Suspiro ao ouvir o tom lamentoso da voz dele. Estou-me sempre a esquecer de que o Dain é o meu melhor amigo e que tem de me ver a arriscar a vida todos os dias. Não sei como me sentiria se estivesse no lugar dele. Provavelmente estaria igualmente preocupada. Por isso, tento aliviar a tensão e digo:

– Deverias ter-me visto há um mês, quando eu caía três vezes mais.

– Três vezes *mais*? – A voz dele eleva-se na última palavra.

Eu detenho-me na boca do túnel e dou-lhe um sorriso.

– Soa pior do que é na realidade, Dain. A sério.

– Podes, pelo menos, dizer-me qual é a parte do voo em que tens mais dificuldades? Pelo menos, deixa-me ajudar-te.

– Queres uma lista dos meus defeitos? – Reviro os olhos. – Tenho coxas demasiado fracas, mas estou a reforçar a musculatura. Não consigo agarrar bem o arção, mas tenho as mãos cada vez mais fortes. Os meus bíceps demoraram semanas a recuperar, por isso também os estou a treinar. Mas não tens de te preocupar comigo, Dain. A Imogen está a treinar-me.

– Porque o Riorson lhe pediu – aventa ele, a cruzar os braços à frente do peito.

– Provavelmente. O que é que isso importa?

– Importa porque ele não está a pensar no que é melhor para ti. – Abana a cabeça e parece-me mais um estranho do que nunca. – Primeiro, foi teres contornado as regras para subires ao Guante, e, sim, a Amber passou uma *hora* a esclarecer-me sobre os teus atos desonrosos.

Desonrosos? Vai-te foder.

– E acreditaste no que ela disse assim sem mais nem menos? Sem me perguntares o que aconteceu?

– Ela é chefe de divisão, Vi. Não vou questionar a integridade dela!

– Eu demonstrei que as minhas ações não são sancionadas pelo Códice e o Riorson aceitou os meus argumentos. E ele também é chefe de divisão.

– Pronto. Conseguiste chegar lá ao topo. Não me interpretes mal, eu não conseguiria suportar se te acontecesse alguma coisa, quer tivesses lidado com a prova correta ou incorretamente. E depois pensei que ficarias bem se sobrevivesses à Debulha, mas mesmo depois de te teres vinculado ao dragão mais forte de todos… – Abana a cabeça.

– Vá. Di-lo. – As minhas mãos fecham-se em punhos e as unhas cravam-se nas palmas das mãos.

– Tenho muito medo de que não consigas chegar à graduação, Vi. – Deixa cair os ombros. – Sabes exatamente o que sinto por ti, possa ou não fazer alguma coisa sobre o assunto, e estou cheio de medo.

É esta última frase que dá cabo de mim. Sinto uma gargalhada a subir-me pela garganta e não consigo contê-la.

Ele arregala os olhos.

– Este lugar acaba com as tretas e as delicadezas e revela quem somos realmente lá no fundo. – Repito as palavras que me disse no verão passado. – Não foi isso que me disseste? É isto o que tu és no fundo do teu ser? Uma pessoa tão apegada às regras, que não sabe quando as pode contornar ou violar por alguém de quem gosta? Uma pessoa tão focada no que eu faço menos bem, que não é capaz de acreditar que posso fazer muito mais?

Toda a ternura se esvai daqueles olhos castanhos.

– Vamos lá esclarecer uma coisa, Dain. – Dou um passo na direção dele, mas a distância entre nós é cada vez maior. – A razão por que *nunca* vamos ser mais do que amigos não tem nada que ver com as tuas regras. O problema é que não tens confiança em mim. Ainda agora, depois de eu sobreviver contra todas as expectativas e de me ter vinculado não apenas a um dragão, mas a dois, tu continuas a pensar que não me vou safar. Por isso, desculpa, mas tu estás prestes a ser alguma da treta que este lugar me tira. – Desvio-me para o lado e passo por ele pelo túnel a fazer força para sorver o ar.

Tirando o ano passado, que foi quando ele entrou no Quadrante dos Cavaleiros, não me lembro de uma altura em que o Dain não tenha estado na minha vida.

Mas já não consigo suportar aquele pessimismo constante sobre o meu futuro.

A luz do sol ofusca-me por um segundo quando eu vou a caminhar pelo pátio. Já não há aulas esta tarde e vejo o Xaden e o Garrick encostados à parede do edifício académico como deuses a admirar o seu domínio.

O Xaden ergue uma sobrancelha negra ao ver-me passar.

Eu mostro-lhe o dedo do meio.

Também não estou com paciência para aturar as merdas dele hoje.

– Está tudo bem? – pergunta a Rhiannon quando eu a alcanço e aos rapazes.

– O Dain é um idiota…

– Parem-no! – grita alguém, a descer as escadas da rotunda a correr com a cabeça nas mãos. É um instruendo do primeiro ano da Terceira Divisão que se costuma sentar duas filas atrás de mim na aula de Sumário de Batalha e que está sempre a deixar cair a pena. – Pelos deuses, parem-no! – berra, ao chegar ao pátio a cambalear.

Deixo as mãos a pairar sobre as minhas facas.

Uma sombra move-se para a esquerda e um olhar de relance diz-me que o Xaden saiu de onde estava e colocou-se discretamente à minha frente.

A multidão afasta-se para os lados e forma um círculo em volta do instruendo do primeiro ano a vê-lo a gritar, sempre com as mãos agarradas à cabeça.

– Jeremiah! – grita alguém, a avançar.

– Tu! – O Jeremiah dá meia-volta e aponta o dedo para o instruendo do terceiro ano. – Achas que enlouqueci! – A cabeça dele inclina-se e os olhos dilatam-se. – Como é que ele sabe? Ele não devia saber! – O tom altera-se, como se as palavras não fossem dele.

Sinto arrepios na espinha, que me dão a volta ao estômago.

– E tu! – Volta a girar e aponta para um instruendo do segundo ano da Primeira Divisão. – O que raio se passa com ele? Porque é que está a gritar? – Volta a virar-se e centra-se no Dain. – A Violet vai odiar-me para sempre? Porque é que não percebe que eu só quero que ela não morra? Como é que ele…? Ele está a ler-me os pensamentos! – A imitação é assombrosa, embaraçosa e aterradora.

– Oh, deuses – sussurro com o coração a ribombar tão alto que o consigo ouvir a palpitar nos meus ouvidos. Que se lixe o embaraço. O que interessa se as pessoas souberem que o Dain está a pensar em mim? O *poder de sinete* do Jeremiah está a manifestar-se. Ele é capaz de ler mentes. É um intínsico. O poder dele é uma pena de morte.

O Ridoc recua, cambaleante, à minha esquerda – foi empurrado – e eu não preciso de olhar para saber qual é o braço musculado que me está a roçar o ombro. O cheiro a hortelã acaba por me estabilizar a pulsação.

O Jeremiah desembainha a espada curta.

– Parem-no! Será que ninguém vê? Os pensamentos não param! – O pânico do rapaz é evidente e provoca-me um nó na garganta.

– Faz alguma coisa – suplico ao Xaden, olhando de relance para cima.

O Xaden está única e implacavelmente focado no Jeremiah, mas o corpo retesa-se quando ouve a minha súplica, a postos, pronto a atacar.

– Começa a registar mentalmente as merdas livrescas que aprendeste.

– Desculpa? – pergunto-lhe com os dentes cerrados.

– Se dás valor aos teus segredos, limpa a cabeça. *Agora* – ordena o Xaden.

Oh. Merda.

Não me vem nada à ideia e estamos claramente em perigo iminente. Hum… *existem muitos postos de defesa navarreses para lá da segurança das nossas guarnições. Considera-se que estes postos se encontram numa zona de perigo iminente e que só devem ser ocupados por pessoal militar e nunca pelos civis que os costumam acompanhar.*

– E tu! – vira-se o Jeremiah a cravar o olhar no Garrick. – Maldito seja o diabo. Ele vai saber do… – As sombras em redor dos pés do Jeremiah serpenteiam-lhe pelas pernas acima em menos de um instante e envolvem-lhe o peito até lhe cobrirem a boca em faixas de vapor negro.

Engulo a pedra que me prende a garganta.

Um professor abre o caminho por entre a multidão, com o tufo de cabelo branco a saltar a cada passo do corpo espadaúdo.

– Ele é um intínsico! – grita alguém e parece que não é preciso mais nada.

O professor agarra a cabeça do Jeremiah com ambas as mãos e ouve-se um estalo a ecoar nas paredes do pático silencioso. As sombras do Xaden esvaem-se e o Jeremiah cai ao chão com a cabeça num ângulo pouco natural e macabro. Tem o pescoço partido.

O professor dobra-se, levanta o corpo do Jeremiah com uma força surpreendente e leva-o para a rotunda.

O Xaden inspira profundamente ao meu lado, depois vai-se embora com o Garrick, a caminho da ala académica. *Também gostei de te ver.*

– Talvez eu não queira um poder de sinete afinal – murmura o Ridoc.

– Esta morte é muito compassiva em comparação com o que acontecerá se não manifestares um poder de sinete – diz o Dain, e eu juro que começo a sentir as minhas relíquias a arder nas costas embora os meus dragões não tenham começado a canalizar.

– E aquele – diz o Sawyer ao lado da Rhiannon – era o Professor Carr.

– Tens de verificar sempre as tuas fontes – diz-me o meu pai, a esfregar-me o cabelo quando se senta ao meu lado na mesa nos Arquivos. – Não te esqueças de que os relatos em primeira mão são sempre os mais fiáveis, mas tens de ir mais fundo, Violet. Tens de ver *quem* está a contar a história.

– Mas e se eu quiser ser uma cavaleira? – pergunto com a voz de uma versão muito mais jovem de mim. – Como o Brennan e a mãe?

– ACORDA. – Uma voz familiar e omnipresente ressoa nos Arquivos. Uma voz que não pertence a este lugar.

– Tu não és como eles, Violet. Não é esse o teu caminho. – O meu pai dá-me um sorriso de consolação, aquele sorriso habitual de simpatia que diz que compreende, mas não pode fazer nada, como os que me dá quando a minha mãe faz uma escolha com a qual eu não concordo. – E é melhor assim. A tua mãe nunca compreendeu que, embora os cavaleiros sejam as armas do nosso reino, são os copistas que têm o verdadeiro poder neste mundo.

– *Acorda antes de morreres!* – As estantes sacodem-se nos Arquivos e o meu coração sobressalta-se. – *Agora!*

Os meus olhos abrem-se de chofre e suspiro a sentir o sonho a desintegrar-se. Não estou nos Arquivos. Estou no meu quarto no Quadrante…

– *Mexe-te!* – brada o Tairn.

– Foda-se! Ela está acordada! – A luz da lua reflete-se numa espada que corta o ar acima de mim.

Oh. Merda. Rolo para o outro lado da cama, mas não o faço suficientemente depressa e a lâmina desliza-me pela parte lateral das costas com uma força que nem os meus cobertores grossos de inverno podem deter.

A adrenalina disfarça a dor quando a espada ressalta, incapaz de penetrar as escamas de dragão.

Os meus joelhos embatem no chão de madeira e lanço as mãos para debaixo da almofada, de onde retiro dois punhais para depois me desfazer dos cobertores e me levantar. Como raio é que eles destrancaram a minha porta?

Quando sopro o cabelo da frente da cara, dou com os olhos arregalados e chocados de um instruendo do primeiro ano desvinculado e vejo que não é o único. Há sete cadetes no meu quarto. Quatro são homens desvinculados. Três são mulheres – solto um resfôlego ao reconhecer uma – e agora são duas, uma vez que *ela* correu para a porta e fechou-a com estrondo ao sair.

Foi ela que abriu a porta. Não há outra explicação.

Os outros estão armados. Todos determinados a matar-me. Todos entre mim e a minha porta destrancada. Dobro as mãos em redor dos cabos dos meus punhais e a pulsação sobe-me em flecha.

– Suponho que não sirva de nada pedir-vos gentilmente para saírem.

Vou ter de lutar para conseguir sair daqui.

– *Afasta-te da parede! Não deixes que te encurralem!*

Bem pensado. Mas não há propriamente muitos lugares para onde eu possa ir neste quarto minúsculo.

– Merda! Eu disse-te que a couraça dela é impenetrável! – diz o Oren com os dentes cerrados do outro lado do quarto, a bloquear-me saída. Idiota do caralho.

– Deveria ter-te matado durante a Debulha – admito. A minha porta está fechada, mas com certeza alguém me vai ouvir se eu gri…

Uma mulher investe na minha direção, passando por cima da minha cama e eu desvio-me, deslizando junto ao vidro gelado da janela. *A janela!*

– *É demasiado alta. Vais cair na ravina e eu não consigo chegar a tempo!*

Janela riscada. Entendido. Outra mulher atira a faca e rasga o tecido da manga da minha camisa de noite para acabar espetada no armário, mas não conseguiu acertar em carne. Eu rodo, deixando a manga rasgada para trás e arremesso o meu punhal já a contornar a ponta da cama. Acaba no ombro dela, o meu alvo preferido, e ela cai com um grito a agarrar-se à ferida.

O resto das minhas armas estão guardadas perto da porta. Merda. Merda. *Merda.*

– *Não atires mais nada. Mantém essa arma na mão!*

Para alguém que não pode ajudar, o Tairn não se coíbe de disparar opiniões.

– Tens de lhe atacar a garganta! – grita o Oren. – Eu próprio trato disso!

Passo a faca para a mão direita e evito um ataque da esquerda de uma mulher, passando-lhe a faca pelo braço, e depois outro à direita, antes de dar uma estocada na coxa de um homem. Levanto o calcanhar para dar um golpe na barriga de outro atacante, deixando-o a cambalear para cima da minha cama, com a espada a cair atrás dele.

Mas agora estou encurralada entre a minha secretária e o armário.

São demasiados.

E, caramba, investem todos ao mesmo tempo.

O punhal é pontapeado da minha mão com uma facilidade desconcertante e o meu coração para quando o Oren me agarra a garganta e me puxa na direção dele. Tento pontapear-lhe os joelhos, mas os meus pés descalços não causam impacto quando ele me levanta do chão e me sufoca enquanto continuo a espernear a tentar agarrar-me a alguma coisa.

Não. não. não.

Finco-lhe as mãos no braço, as minhas unhas furam-lhe a pele e faço força até sair sangue.

Ar. Falta-me ar.

– *Ele está quase a chegar!* – promete o Tairn, com o pânico a alterar-lhe a voz.

Ele *quem*? Não consigo respirar. Não consigo pensar.

– Acaba com ela! – grita um dos homens. – Ele só nos vai respeitar se acabarmos com ela!

Estão atrás do Tairn.

O urro de raiva do Tairn enche-me a cabeça quando o Oren me baixa o corpo antes de me fazer girar e dobrar o braço para eu ficar com as costas encostadas ao peito dele. Pelo menos, agora tenho os pés a tocar no chão, mas a minha visão começa a turvar-se e os pulmões lutam por oxigénio que não está lá.

Os olhos cheios de ganância de uma cadete a sangrar voltam a olhar para os meus.

– Acaba com ela! – ordena.

– O teu dragão é meu – diz-me o Oren ao ouvido com os dentes cerrados. A mão desaparece e é substituída por uma lâmina.

O ar chega-me aos pulmões no momento em que o metal frio me acaricia a garganta. O oxigénio inunda-me o sangue e desanuvia-me a cabeça o suficiente para eu perceber que o meu tempo chegou ao fim. Vou morrer. A uma pulsação da que será provavelmente a última, um pesar avassalador apodera-se do meu coração e não consigo deixar de pensar se teria conseguido. Viria a ser suficientemente forte para me graduar? Viria a tornar-me digna do Tairn e da Andarna? Viria finalmente a deixar a minha mãe orgulhosa?

A ponta da faca toca-me na pele.

A porta do meu quarto abre-se de repente e a madeira estilhaça-se quando bate na parede de pedra, mas não tenho tempo de me virar para ver quem está a entrar antes de um guincho me tolher a visão.

– *É minha!* – grita a Andarna. Sinto uma energia que me formiga a descer-me pela espinha em efervescência até me chegar às pontas dos dedos das mãos e dos pés, e, quando sorvo novamente o ar, o silêncio é total.

– *Foge!* – ordena a Andarna.

Pestanejo e apercebo-me de que a instruenda do primeiro ano à minha frente não faz o mesmo. Não está a respirar. Não se está a mexer.

Ninguém se está a mexer.

Toda a gente neste quarto está paralisada… exceto eu.

Em resposta à Grande Guerra, os dragões apoderaram-se das terras ocidentais e os grifos das centrais, abandonando os Baldios e a memória do general Daramor, que quase destruiu o Continente com o seu exército. Os nossos aliados rumaram a casa e iniciámos um período de paz e prosperidade quando as províncias de Navarre se uniram pela primeira vez atrás da segurança das nossas guarnições e sob a proteção dos primeiros cavaleiros vinculados.

– Navarre, Uma História Não Editada do Coronel Lewis Markham



CAPÍTULO XIX

Que. Diabo.

É como se toda a gente que está no meu quarto se tivesse transformado em pedra, mas eu sei que isso não pode ser verdade. O corpo do Oren está quente atrás de mim, a pele é maleável sob os meus dedos quando solto a mão e lhe atiro o braço sangrento para longe, para afastar a lâmina do meu pescoço.

Da ponta afiada cai uma única gota de sangue, que respinga no chão de madeira e sinto algo molhado a escorrer-me do pescoço.

– *Rápido! Não aguento mais!* – insta a Andarna com a voz fina.

É ela que está a fazer isto? Sorvo o ar, ofegante, pela minha traqueia magoada e agacho-me para baixo do braço do Oren para me libertar. Depois desvio-me rapidamente para o lado.

O silêncio é completo e sinistro.

O relógio da minha secretária não está a andar quando me encolho para passar entre o ombro do Oren e de um tipo gigante que estava na Segunda Divisão. Ninguém respira. Têm todos os olhares paralisados. À minha esquerda, a mulher

que feri com o punhal está curvada a agarrar-se ao braço, e o homem que apunhalei está encostado à parede, a olhar horrorizado para a coxa.

Marco o tempo com a minha pulsação ribombante enquanto cambaleio até ao único lugar livre no meu quarto, mas o caminho para a porta que agora está aberta não está livre.

O Xaden ocupa a entrada do quarto como uma espécie de anjo negro e vingador, o mensageiro da rainha dos deuses. Está completamente vestido, o rosto é uma máscara de verdadeira raiva com as sombras a enrolar-se nas paredes ao lado dele e a pairar no ar.

Pela primeira vez desde que atravessei o parapeito, estou tão aliviada por o ver que seria capaz de chorar.

A Andarna suspira na minha cabeça… e o caos volta.

O meu estômago encolhe-se, enjoado.

– *Até que enfim, caramba* – rosna o Tairn.

O olhar do Xaden vira-se para mim e os olhos ónix dilatam-se em choque por não mais do que um milissegundo antes de avançar e se colocar ao meu lado, sempre com as sombras a fluir à frente. Estala os dedos e o quarto ilumina-se de luzes mágicas que pairam sobre nós.

– Vocês estão todos *mortos*, caralho. – A voz é sinistramente calma e, logo, muito mais assustadora.

Todas as cabeças do quarto se viram.

– Riorson! – O punhal do Oren bate no chão.

– Achas que a rendição te vai salvar? – O tom suave e letal do Xaden deixa-me os braços arrepiados. – O nosso código proíbe os ataques a outro cavaleiro durante o sono.

– Mas tu sabes que ele nunca deveria ter-se vinculado a ela! – O Oren levanta as mãos com as palmas viradas para nós. – Tu és das pessoas que têm mais razões para querer ver o elo mais fraco morto. Só estamos a corrigir um erro.

– Os dragões não cometem erros. – As sombras do Xaden agarram todos os agressores menos o Oren pelo pescoço. Depois apertam-nos. Eles esperneiam, mas não faz diferença. Os rostos ficam roxos e as sombras continuam a comprimi-los até eles caírem de joelhos e tombarem em arco à minha frente como fantoches sem vida.

Não consigo encontrar forças no meu coração para ter pena deles.

O Xaden avança devagar como se tivesse todo o tempo do mundo e estende a mão. Vejo outro fio de vapor escuro a levantar o meu punhal do chão.

– Deixa-me explicar. – O Oren olha para o punhal com as mãos a tremer.

– Já ouvi tudo o que precisava de ouvir. – Os dedos do Xaden enrolam-se no cabo do punhal. – Ela deveria ter-te matado no campo, mas teve pena de ti. Eu não padeço do mesmo defeito. – Dá um golpe tão rápido que eu mal o vejo. A garganta do Oren abre-se numa linha horizontal e o sangue começa a escorre-lhe de jorro pelo pescoço e pelo peito.

O Oren leva a mão à garganta, mas não adianta. Sangra em segundos e colapsa no chão. Vejo uma poça carmesim a crescer à volta dele.

– Caramba, Xaden. – O Garrick entra e embainha a espada a olhar em volta do quarto. – Não tiveste tempo para os interrogares? – O olhar dele vira-se para mim, como se estivesse a registar feridas, e fixa-se na minha garganta.

– Não era preciso – replica o Xaden, antes de o Bodhi entrar e fazer o mesmo diagnóstico rápido que o Garrick já tinha feito. A semelhança entre os primos ainda me faz parar para pensar. O Bodhi tem a mesma pele bronzeada e a mesma testa, mas as feições não são tão vincadas como as do Xaden e os olhos têm um tom de castanho mais claro. Parece uma versão mais suave e acessível do primo mais velho, mas o meu corpo não aquece quando o vejo como acontece quando estou perto do Xaden. Ou talvez o Oren me tenha estrangulado todo o bom senso.

Um riso ilógico assoma-me aos lábios e os três homens olham para mim como se eu tivesse batido com a cabeça.

– Deixa-me adivinhar – diz o Bodhi a esfregar a parte de trás do pescoço. – Temos de tratar da limpeza?

– Chamem ajuda se precisarem – responde o Xaden a assentir com a cabeça.

Corpos.

Estou viva. Estou viva. Estou viva. Repito o mantra na minha cabeça enquanto o Xaden limpa o sangue do meu punhal nas costas da túnica do Oren.

– Sim. Estás viva. – O Xaden passa por cima do corpo do Oren e de outros dois para ir buscar o meu punhal ao ombro da mulher caída antes de estender o braço para o meu armário. Nem sequer a conheço, mas ela tentou matar-me.

O Garrick e o Bodhi carregam os primeiros corpos porta fora.

– Não tinha percebido que estava a falar em voz alta. – Os meus joelhos começam a tremer e depois a náusea apodera-se de mim. Foda-se, pensei que já tinha ultrapassado este tipo de reação à adrenalina, mas aqui estou eu, a tremer como uma folha enquanto o Xaden vasculha o meu armário como se não tivesse acabado de eliminar meia dúzia de pessoas.

Como se este tipo de chacina fosse algo corriqueiro.

– É do choque – diz ele, a tirar o meu manto do cabide e a pegar num par de botas. – Estás ferida? – As palavras dele são curtas e quebram o bloqueio temporário que eu tinha sobre a dor, fosse ele qual fosse. Volta de jorro numa onda pulsante que se centra nas minhas costas. Lá se vai o assomo de adrenalina.

Cada vez que inspiro parece que estou a passar os pulmões por vidro partido, pelo que faço respirações curtas e superficiais. Mas consigo manter-me em pé e recuo até sentir a parede de pedra na minha ilharga ilesa, na qual repouso o meu peso.

– Vá lá, Violência. – As palavras mansas não condizem com o tom seco que usa quando dobra o meu manto sobre o braço e me traz as botas, passando pelos corpos restantes que deixou no chão. – Controla-te e diz-me onde estás ferida. – Matou seis pessoas sem deixar que um pingo de sangue lhe respingasse as peles pretas e reluzentes. As minhas botas batem no chão junto aos meus pés e o meu manto aterra na pequena cadeira de braços no canto.

Mal consigo respirar, mas poderei correr o risco de admitir as minhas fraquezas atuais a uma pessoa como ele?

Sinto dedos quentes sob o meu queixo quando ele me levanta a cabeça para que os nossos olhares colidam. Alto… haverá uma ponta de pânico a dançar-lhe nos olhos?

– Estás a respirar com uma velocidade dos diabos, pelo que suponho que tenha que ver com…

– As minhas costelas – termino antes de ele poder adivinhar. Tentar disfarçar a dor não vai funcionar com ele. – A que está ali junto à cama atingiu-me na parte lateral das costelas com a espada, mas acho que é só uma nódoa negra. – Não ouvi aquele estalido revelador associado a ossos partidos.

– Deve ter sido uma espada embotada. – Levanta uma sobrancelha escura. – A menos que tenha que ver com a razão por que dormes com o colete de pele vestido.

– *Confia nele* – ordena o Tairn.

– *Não é assim tão fácil.*

– *Por agora terá de ser.*

– É de escamas de dragão. – Levanto o braço direito e rodo ligeiramente para que ele possa ver o buraco aberto na minha camisa de noite. – Foi a Mira que mo fez. É por isso que ainda estou viva.

Ele relanceia para o espaço entre os nossos corpos e cerra a boca antes de baixar a cabeça em aquiescência.

– Engenhoso, embora haja várias razões para te teres aguentado até hoje, diria eu. – Antes de eu poder contrariá-lo, ele baixa o olhar para o meu pescoço e semicerra os olhos para ver o que imagino ser a marca roxa de uma mão. – Deveria tê-lo matado mais devagar.

– Eu estou bem. – Não estou.

O foco dele volta para os meus olhos.

– Nunca me mintas. – Di-lo com tal ferocidade, com os dentes tão cerrados, que não posso deixar de assentir em promessa.

– Dói – admito.

– Deixa-me ver.

Eu abro e fecho a boca duas vezes.

– Isso é um pedido ou uma ordem?

– Podes escolher, desde que eu possa ver se aquele cabrão te partiu as costelas. – As mãos dele fecham-se em punhos.

Entram mais dois homens pela porta aberta, com o Garrick e o Bodhi a segui-los de perto. Estão todos… vestidos. Completamente vestidos às – relanceio para o relógio – duas da manhã.

– Levem esses dois, que nós levamos os últimos – ordena o Garrick, e os outros obedecem e carregam os últimos corpos pela porta fora. Não consigo deixar de reparar que todos eles têm relíquias da rebelião a brilhar-lhes nos braços, mas guardo a observação para mim.

– Obrigado – diz o Xaden, que depois faz um movimento rápido com a mão e a porta do meu quarto fecha-se com um clique suave. – Agora deixa-me ver as tuas costelas. Estamos a perder tempo.

Eu engulo em seco. Depois assinto com a cabeça. Seja como for, é melhor saber agora se estão partidas. Viro-lhe as costas, mas consigo ver-lhe o rosto no

espelho de corpo inteiro quando sacudo as mangas ondulantes da minha camisa de noite e seguro o tecido acima dos seios enquanto o das costas cai até à cintura.

– Tens de…

– Eu sei o que fazer com um corpete. – O maxilar do Xaden lateja uma vez, e algo que me lembra um desejo bruto perpassa-lhe pela expressão antes de ele o afastar para segundo plano e me retirar o cabelo do ombro com uma delicadeza surpreendente.

Os dedos roçam-me a pele nua e eu contenho um arrepio, a retesar os músculos para não soçobrar com a forma como ele me toca.

O que raio se passa comigo? Ainda há sangue no chão do meu quarto, mas o fôlego abandona-me por razões que não devia quando o vejo a desapertar com evidente destreza os cordões do corpete de baixo para cima. Não estava a mentir. Sabe realmente o que fazer com um corpete.

– Como raio é que te metes dentro disto todas as manhãs? – pergunta ele, a aclarar a garganta à medida que cada centímetro das minhas costas vai sendo exposto.

– Sou aberrantemente flexível. Não é por acaso que tenho sempre os ossos a estalar e as articulações a rasgar-se – respondo por cima do ombro.

Os nossos olhos cruzam-se e sinto um tremor quente no estômago. O momento passa com a mesma rapidez com que chegou e ele tira-me a couraça para me examinar o lado direito das costas. Os dedos passam levemente pelas minhas costelas vítimas de abuso e depois pressionam-me com cuidado.

– Tens uma contusão dos diabos, mas acho que não partiste nada.

– Era o que eu pensava. Obrigada por verificares. – Deveria ser estranho, mas, por alguma razão, não é, mesmo quando me volta a apertar o corpete, segurando ambas as pontas.

– Vais sobreviver. Vira-te.

Eu obedeço, puxo a minha camisa de noite para cima dos ombros e ele põe-se de joelhos à minha frente.

Arregalo os olhos. O Xaden Riorson está ajoelhado à minha frente, com o cabelo preto à altura perfeita para eu lhe passar os dedos pela cabeça. Provavelmente é a única coisa que ele tem suave. Quantas mulheres terão sentido aqueles fios de cabelo entre os dedos?

Por que raio é que isso me importa?

– Vais ter de suportar a dor a caminhar e vamos ter de ser rápidos. – Pega numa bota e dá-me uma palmada no pé. – Consegues levantá-lo?

Assinto com a cabeça e levanto o pé. Depois ele arrebata-me todo o raciocínio lógico quando me calça as botas e as aperta uma de cada vez.

Este é o mesmo homem que não tinha problemas nenhuns com a minha morte há poucos meses, e o meu cérebro não parece conseguir conciliar estas duas facetas diferentes.

– Vamos. – Ele pousa-me o manto em cima dos ombros e abotoa-o no colarinho como se eu fosse algo precioso. Agora sei que estou em choque, porque sou tudo menos preciosa para o Xaden Riorson. Ele levanta os olhos para cima da minha cabeça e pestaneja uma vez antes de me puxar o capuz por cima do cabelo que começa escuro e acaba claro. Depois pega-me na mão e puxa-me para o corredor. Tem os dedos fortes enrolados nos meus, que agarra com firmeza, mas sem apertar.

Todas as outras portas estão fechadas. O ataque não foi sequer suficientemente alto para acordar os meus vizinhos. Estaria morta neste momento se o Xaden não tivesse aparecido, mesmo que conseguisse livrar-me da faca do Oren. Mas *como* é que isso aconteceu?

– Onde é que vamos? – Os corredores estão mal iluminados por luzes mágicas azuis, daquelas que indicam que ainda é de noite para quem não tem janelas.

– Continua a falar alto para que todos os outros te ouçam e virá alguém parar-nos antes de chegarmos onde quer que seja.

– Não nos podes esconder em sombras ou algo assim?

– Claro, porque uma nuvem negra gigante a pairar pelo corredor não vai parecer mais suspeita do que um casal às escondidas. – Ele lança-me um olhar que me impede de responder.

Percebido.

Não que sejamos um casal.

Não que eu não saltasse para cima do homem como se ele fosse uma árvore se as circunstâncias fossem mais adequadas. Encolho-me ao chegarmos ao corredor principal do dormitório. Nunca, mas *nunca*, haverá circunstâncias adequadas no que se refere a ele, quando mais logo depois de ele ter executado meia dúzia de pessoas.

Mas, em minha defesa, e de uma forma doentia e retorcida, a maneira como me salvou foi bastante excitante, mesmo que agora me esteja a arrastar pelo corredor a uma velocidade insustentável. Mesmo que só o tenha feito porque a minha vida está amarrada à dele. O meu peito suplica por uma pausa, mas não há pausas à vista, e ele conduz-me pela escada em espiral que dá para os dormitórios dos cavaleiros do segundo e do terceiro ano e depois para a rotunda.

As minhas costelas vão demorar semanas a recuperar completamente.

As nossas botas a bater no chão de mármore são os únicos sons que se ouvem ao passarmos pela ala académica. Em vez de virar à esquerda em direção ao ginásio de treino de combate, ele roda para a direita e leva-nos por um vão de escadas que eu sei que conduz ao depósito.

A meio das escadas, detém-se e quase vou de encontro à espada que tem amarrada às costas. Depois, fez um gesto com a mão direita ainda a segurar a minha com a esquerda.

Clique. O Xaden empurra uma das pedras e vejo uma porta oculta a abrir-se.

– Caramba – sussurro ao ver o enorme túnel revelado à nossa frente.

– Espero que não tenhas medo do escuro. – Ele puxa-me para dentro e, quando a porta se fecha, somos envolvidos por uma escuridão sufocante.

Não há problema. Não há problema absolutamente nenhum.

– Mas, caso tenhas – diz o Xaden com a voz bem alta a estalar os dedos. Uma luz mágica paira sobre as nossas cabeças e ilumina-nos o entorno.

– Obrigada. – O túnel é suportado por arcos de pedra e o chão é liso, como se tivesse sido percorrido muito mais frequentemente do que a entrada dá a entender. Cheira a terra, mas está frio e húmido e estende-se por o que parece ser uma eternidade.

Ele larga-me a mão e começa a caminhar.

– Não te deixes ficar para trás.

– Podias… – estremeço. Merda, dói-me o peito. – Podias ser um pouco mais atencioso. – Arrasto-me atrás dele e puxo o capuz para trás.

– Não te vou tratar como um bebé como o Aetos – diz ele sem se virar. – Isso só vai acabar por te matar quando sairmos de Basgiath.

– Ele não me trata como um bebé.

– Trata e tu sabe-lo. E detestas que o faça, se a sensação que eu tenho servir de indicação. – Abranda para caminhar ao meu lado. – Ou será que percebi mal?

– Ele acha que este lugar é demasiado perigoso para uma pessoa… como eu. E, depois do que acabou de acontecer, não sei se o posso desmentir. – Eu estava a *dormir*. É a única altura em que a nossa segurança deve estar garantida por aqui. – Acho que não me vou dar ao luxo de voltar a dormir. – Lanço um olhar de soslaio para o perfil irritantemente bonito do Xaden. – E se *pensares* sequer em sugerir dormir comigo por razões de segurança de hoje em diante…

Ele faz um esgar de troça.

– Não penses nisso. Não fodo instruendos do primeiro ano. Já não o fazia quando eu era um. Muito menos se se tratar de… ti.

– Quem é que falou em foder? – riposto, a praguejar contra mim própria por a dor que sinto nas costelas estar cada vez mais intensa. – Teria de ser masoquista para dormir contigo, e posso assegurar-te de que não sou. – As fantasias não contam.

– Masoquista, hã? – Um canto da boca dele dobra-se num sorriso cúmplice.

– Não tens ar de quem prometa muitos mimos na manhã seguinte. – Também eu esboço um sorriso. – A menos que estejas com receio que *eu te* mate enquanto dormimos. – Contornamos uma esquina e o túnel continua.

– Não tenho receio nenhum *disso*. Por mais violenta que sejas e por melhor que manejes esses punhais, não tenho sequer a certeza de que sejas capaz de matar uma mosca. Não penses que eu não reparei que conseguiste ferir três deles e nunca tentaste um golpe mortal. – Lança-me um olhar reprovador.

– Nunca matei ninguém – sussurro como se fosse um segredo.

– Vais ter de ultrapassar isso. Depois da graduação nenhum de nós passa de uma arma e é bom que estejamos bem preparados antes de sairmos por estes portões.

– É para aí que vamos? Vamos sair pelos portões? – Perdi todo o sentido de orientação neste túnel.

– Vamos perguntar ao Tairn o que raio acabou de acontecer. – O maxilar do Xaden lateja. – Não estou a falar do ataque. Como raio é que eles conseguiram passar pelas fechaduras?

Encolho os ombros, mas não me dou ao trabalho de lhe explicar nada. Não vai acreditar em mim de forma nenhuma. Até eu tenho dificuldade em acreditar.

– É bom que percebamos o que aconteceu para que não volte a acontecer. Recuso-me a dormir na porcaria do teu andar como se fosse um cão de guarda.

– Espera. Este é outro caminho para o campo de voo? – Faço o que posso para bloquear mentalmente a dor que sinto na garganta e nas costelas. – *Ele está a levar-me até ti* – digo ao Tairn.

– *Eu sei.*

– *Vais contar-me o que foi aquilo?*

– *Contaria se soubesse.*

– É – diz o Xaden e o caminho tem mais uma curva. – Não é propriamente do conhecimento geral. E vou pedir-te para meteres este tunelzinho no ficheiro de segredos que manténs a meu respeito.

– Deixa-me adivinhar: se eu contar, saberás.

– Exatamente. – Mais um sorriso cúmplice, e eu desvio o olhar antes que me apanhe com os olhos fixados nele.

– Vais prometer-me outro favor? – O caminho começa a subir e a inclinação não é nada meiga. Cada arfada é um lembrete do que aconteceu há menos de uma hora.

– Ter um dos meus favores é mais do que suficiente, e já chegámos ao ponto da destruição mútua garantida, Sorrengail. Agora, consegues aguentar-te ou precisas que te leve ao colo?

– Isso parece mais um insulto do que uma oferta.

– Estás a ganhar terreno. – Mas ele abranda para acompanhar o meu passo.

O chão sob os meus pés oscila como se estivesse a baloiçar, mas eu sei que não é bem assim. É a minha cabeça, o resultado da dor e da tensão. Os meus passos vacilam.

Os braços do Xaden envolvem-me a cintura para me segurar. Detesto a forma como o toque dele me acelera a pulsação quando continuamos a subida, mas não protesto. Não quero estar-lhe agradecida por nada, mas, caramba, este cheiro a hortelã que ele emana é delicioso.

– O que estavas a fazer esta noite, afinal?

– Porque é que perguntas? – O tom dele insinua claramente que não deveria.

Paciência.

– Chegaste ao meu quarto em minutos e não estás propriamente vestido para dormir. – Tem uma espada amarrada às costas, pelo amor dos deuses.

– Talvez eu também durma com a couraça posta.

– Então devias escolher colegas de cama mais dignos de confiança.

Ele resfolega e esboça um sorriso que dura menos de um instante. Um sorriso verdadeiro. Não o esgar falso e forçado que estou habituada a ver nem o sorriso afetado e convencido. Um sorriso honesto e arrebatador a que estou tudo menos imune. No entanto, desaparece com a mesma rapidez com que aparece.

– Então não me vais dizer? – pergunto. Ficaria frustrada se não estivesse tão dorida. E nem sequer vou aflorar a razão por que o Xaden precisa de estar a arrastar-me até ao Tairn quando posso falar com ele sempre que eu quiser.

A não ser que ele queira falar com o Tairn, o que mostra que tem… tomates.

– Não. Coisas de pessoal do terceiro ano. – Larga-me quando chegamos ao final do túnel com paredes de pedra. Alguns gestos com a mão e ouve-se outro *clique* antes de ele empurrar outra porta.

Saímos do túnel para o ar gelado e crepitante de novembro.

– Que diabo – suspiro. A porta está construída numa pilha de rochas no lado este do campo.

– Está camuflada. – O Xaden acena a mão e a porta fecha-se, integrando-se na rocha como se fosse parte dela.

Ouve-se um som que reconheço como um bater de asas constante e levanto a cabeça para ver os três dragões a bloquearem as estrelas ao descerem. A terra estremece quando eles aterram à nossa frente.

– *Suponho que o chefe de divisão nos queira dar uma palavrinha?* – O Tairn avança e a Sgaeyl segue-o, com as asas bem recolhidas e os olhos dourados a semicerrar-se na minha direção.

A Andarna galopa na nossa direção a passo rápido entre as garras da Sgaeyl. Desliza os últimos quatro metros, com as patas a fincar-se no chão para parar mesmo à minha frente. Leva o focinho às minhas costelas ao mesmo tempo que a minha cabeça se enche de uma sensação urgente de ansiedade e me inunda com sentimentos que não sei se são meus.

– Não tenho nenhum osso partido – prometo, a passar a mão fagueira pela crista acidentada da cabeça dela. – São só contusões.

– *Tens a certeza?* – pergunta ela com a preocupação a arregalar-lhe os olhos.

– Não podia ter mais. – Esboço um sorriso forçado. Ser arrastada para aqui a meio da noite vale a pena para a deixar mais descansada.

– Sim, quero dar uma palavrinha. Que raio de poderes é que lhe estás a canalizar? – pergunta o Xaden com a cabeça levantada para o Tairn como se ele

não fosse… o Tairn.

Sim. Tem tomates. Todos os músculos do meu corpo se retesam com a certeza de que o Tairn vai carbonizar o Xaden pelo descaramento.

– *Não tens nada que ver com o que eu decido canalizar ou deixar de canalizar para a minha cavaleira* – responde o Tairn com um ronco.

Isto está a correr bem.

– Ele disse… – começo.

– Eu ouvi-o – riposta o Xaden, sem sequer olhar para mim.

– Tu o quê? – As minhas sobrancelhas tocam-me no cabelo e a Andarna recua para junto dos outros. Os dragões só falam com os respetivos cavaleiros. Foi o que sempre me ensinaram.

– Tenho tudo o que ver se esperas que eu a proteja – replica o Xaden com a voz a elevar-se.

– *Eu enviei-te a mensagem sem problemas, humano.* – A cabeça do Tairn roda naquele movimento serpenteante que me coloca em alerta. Está mais do que agitado.

– E eu por pouco não chegava a tempo. – As palavras saem curtas entre dentes cerrados. – Se tivesse chegado trinta segundos mais tarde, ela estaria morta.

– *Parece que tiveste trinta segundos a mais.* – O peito do Tairn ressoa com um ronco.

– E gostaria de saber o que caralho aconteceu lá dentro!

Eu sorvo o ar com contundência.

– *Não o magoes* – suplico ao Tairn. – *Ele salvou-me.* Nunca vi ninguém a atrever-se sequer a *falar* com o dragão de outro cavaleiro, muito menos gritar com ele, ainda por cima um tão poderoso como o Tairn.

O Tairn ruge em resposta.

– Temos de saber o que aconteceu naquele quarto. – O olhar negro do Xaden penetra-me como uma faca por um milissegundo antes de ele voltar a expressão carrancuda para o Tairn.

– *Não te atrevas a tentar ler-me, humano, ou vais-te arrepender.* – A boca do Tairn abre-se e a língua enrola-se num movimento que eu conheço bem de mais.

Coloco-me entre os dois e levanto o queixo para o Tairn.

– Ele só está um bocado assustado. Não o carbonizes.

– *Pelo menos concordamos em alguma coisa.* – Ouço uma voz feminina na cabeça.

Sgaeyl.

Espantada, pestanejo para a cauda de punhal ao mesmo tempo que o Xaden se desloca para o meu lado.

– Ela falou comigo.

– Eu sei. Eu ouvi. – O Xaden cruza os braços à frente do peito. – É por serem um casal. É pela mesma razão que estou amarrado a ti.

– Fazes com que pareça tão agradável.

– Não é. – Vira-se para olhar para mim. – Mas é exatamente isso que tu e eu estamos, Violência. Estamos amarrados. Acorrentados. Se morreres, eu morro. E é por isso que mereço saber como raio é que estavas debaixo da faca do Seifert num segundo e do outro lado do quarto no outro. É esse o poder de sinete que manifestaste com o Tairn? Confessa. Agora. – Os olhos dele enterram-se nos meus.

– Não sei o que aconteceu – respondo com sinceridade.

– *A natureza gosta que tudo esteja em equilíbrio* – diz a Andarna como se estivesse a recitar factos, tal como eu faço quando estou nervosa. – *É a primeira coisa que nos ensinam.*

Rodo para olhar para o dragão dourado e repito o que ela disse ao Xaden.

– O que é que queres dizer com isso – pergunta-me a mim e não a ela.

Creio que isso quer dizer que ele consegue ouvir o Tairn, mas não a Andarna.

– *Bem, não é a primeira coisa.* – A Andarna senta-se, brandindo a cauda de penas pela erva coberta de geada. – *A primeira coisa é que não devemos vincular-nos antes de sermos crescidos.* – Levanta a cabeça para o lado. – *Ou será que a primeira é onde estão as ovelhas? Gosto mais de cabras, na verdade.*

– *É por isso que os caudas de penas não se vinculam.* – O Tairn suspira uma dose pesada de exasperação.

– *Deixa-a explicar* – incita a Sgaeyl, a bater com as presas no chão como se fossem unhas.

– *Os caudas de penas não devem vincular-se porque podem oferecer o seu dom aos humanos por acidente* – continua a Andarna. – *Os dragões não são capazes de canalizar verdadeiramente enquanto não forem crescidos, mas todos nascemos com algo especial.*

Eu transmito a mensagem.

– Como um sinete? – pergunto em voz alta para que o Xaden possa ouvir.

– *Não* – responde a Sgaeyl. – *Um sinete é uma combinação do nosso poder e da vossa capacidade de o canalizar. Reflete quem vocês são no fundo do vosso ser.*

A Andarna senta-se mais aprumada e levanta a cabeça com orgulho.

– *Mas eu dei-te o meu dom diretamente a ti. Porque ainda sou uma cauda de penas.*

Volto a repetir as palavras do pequeno dragão-fêmea sem tirar os olhos dele. Não se sabe quase nada sobre os caudas de penas porque nunca são vistos fora do Vale. Estão protegidos. São… engulo em seco. *Alto.* O que é que ela disse?

– *Ainda* és uma cauda de penas?

– *Sim! Por mais uns dois anos, provavelmente.* – A Andarna pestaneja devagar e depois boceja com a cauda bifurcada a enrolar-se.

Oh. Deuses.

– És… és uma recém-nascida – suspiro.

– *Não!* – A Andarna bufa vapor para o ar. – *Tenho dois anos! Os recém-nascidos nem sequer conseguem voar!*

– Ela é o quê? – O olhar do Xaden oscila entre mim e a Andarna.

Eu olho para o Tairn com uma expressão furiosa.

– Deixaste uma *menor* vincular-se? Uma *menor* treinar para a guerra?

– *Nós crescemos a um ritmo muito mais rápido do que os humanos* – argumenta ele, sem deixar de ter o descaramento de se mostrar ofendido. – *E não estou certo de que alguém* deixe *a Andarna fazer o que quer que seja*.

– Muito mais depressa até que ponto? – Solto um resfôlego. – Ela tem dois anos de idade!

– *Será uma adulta daqui a um ano ou dois, mas há uns que são mais lentos do que outros* – responde a Sgaeyl. – *E se eu pensasse que ela iria mesmo vincular-se, teria contestado com mais insistência o Direito de Benfeitoria que ela tem.*

– Espera lá. A Andarna é *tua filha*? – O Xaden dá um passo na direção da Sgaeyl e o tom da voz dele é diferente de todos o que já lhe ouvi. Está… magoado. – Escondeste-me uma cria ao longo destes dois anos?

– *Não sejas ridículo.* – A Sgaeyl sopra uma rajada de ar que agita o cabelo do Xaden. – *Achas que eu deixaria uma filha minha vincular-se enquanto ainda é cauda de penas?*

– *Os pais dela morreram antes da incubação* – responde o Tairn.

Sinto um nó no estômago.

– Oh, lamento, Andarna.

– *Eu tenho muitos anciãos* – responde, como se isso compensasse a falta dos pais, mas como eu também perdi o meu pai… sei que não compensa.

– *Não os suficientes para te manter longe do campo da Debulha* – resmunga o Tairn. – *Os caudas de penas não se vinculam porque têm um poder demasiado imprevisível. Instável.*

– Imprevisível? – pergunta o Xaden.

– *Da mesma maneira que não darias um sinete a uma criança que começou agora a andar, não é, chefe de divisão?* – resmunga o Tairn quando a Andarna se recosta na perna dianteira dele.

– Deuses, não. Mal o conseguia controlar quando estava no primeiro ano. – O Xaden abana a cabeça.

É estranho imaginar um Xaden sem controlo. Com os diabos, pagaria bom dinheiro para o ver a perdê-lo. Para ser a pessoa com quem ele o perdeu. *Não.* Afasto esta ideia imediatamente.

– *Exatamente. Quando se vinculam demasiado jovens podem dar o seu dom diretamente e um cavaleiro poderá gastá-lo muito facilmente e esgotar-se.*

– Nunca o faria! – Abano a cabeça.

– *Foi por isso que eu te escolhi.* – A Andarna deixa cair a cabeça ao encontro da perna do Tairn. Como é que eu não o percebi antes? Os olhos arredondados, as patas…

– *É óbvio que não poderias saber. Os caudas de penas não são para ser vistos* – diz o Tairn a olhar de soslaio para a sua fêmea.

Ela nem sequer revira os olhos.

– Se a chefia soubesse que os cavaleiros poderiam aproveitar os dons dela em seu benefício, em vez de dependerem dos seus próprios sinetes… – diz o Xaden a olhar para a Andarna, que pestaneja cada vez mais devagar.

– Seria perseguida – concluo em voz baixa.

– *É por isso que vocês não podem dizer a ninguém o que ela é* – diz a Sgaeyl. – *Esperemos que já seja adulta quando saírem do quadrante e que os anciãos já estejam a impor… restrições mais severas aos caudas de penas.*

– Eu não vou contar nada a ninguém – prometo. – Andarna, obrigada. O que quer que tu tenhas feito salvou-me a vida.

– *Eu fiz o tempo parar.* – A boca dela abre-se novamente noutro bocejo de estalar o maxilar. – *Mas só por um bocadinho.*

Alto. O quê? Sinto um soco no estômago quando fito os olhos dourados da Andarna e esqueço a dor, a terra firme debaixo dos meus pés e até a necessidade de respirar com o choque que me despoja de todo o pensamento lógico.

Ninguém é capaz de parar o tempo. *Nada* o pode parar. É… inaudito.

– O que é que ela disse? – pergunta o Xaden a agarrar-me nos ombros para me acalmar.

O Tairn ronca e um sopro de vapor atinge-nos a ambos.

– *Se fosse a ti tiraria as mãos da cavaleira* – avisa a Sgaeyl.

O Xaden abre os dedos, mas continua com as mãos pousadas nos meus ombros.

– Diz-me o que foi que ela disse. Por favor. – A boca dele faz-se tensa e sei que esta última parte lhe custou.

– Ela consegue parar o tempo – digo com dificuldade e atabalhoadamente. – Por breves instantes.

As feições do Xaden afrouxam e, pela primeira vez, não parece o chefe de divisão firme e mortífero que conheci no parapeito. Está completamente chocado quando vira o olhar para a Andarna.

– Tu consegues parar o tempo?

– *E agora conseguimos* ambas. – Ela pestaneja devagar e eu sinto a exaustão a apoderar-se dela. Canalizar-me aquele dom esta noite teve um custo para ela. Mal consegue manter os olhos abertos.

– Aos poucos – sussurro.

– Aos poucos – repete o Xaden devagar, como se estivesse a absorver a informação.

– E se eu o usar demasiado, posso matar-te – digo baixinho à Andarna.

– *Matar-nos a* ambas. – Levanta-se sobre as quatro patas. – *Mas eu sei que não vais fazer isso.*

– *Vou fazer o que puder para ser digna de ti.* – As ramificações deste dom, deste poder excecional, atingem-me como um golpe mortal e o meu estômago bate no fundo. – O Professor Carr também me vai matar a mim?

Todos os olhares se viram de chofre para mim e os dedos do Xaden voltam a apertar-me os ombros, embora com os polegares a afagar-me num movimento tranquilizador.

– Porque é que te veio isso à ideia?

– Ele matou o Jeremiah. – Afasto o pânico e concentro-me nos salpicos minúsculos de dourado nos olhos ónix do Xaden. – Tu viste-o a partir-lhe o pescoço como se fosse um ramo à frente do quadrante inteiro.

– O Jeremiah era um intínsico. – O Xaden baixa a voz. – A leitura de mentes é um crime capital. Sabes bem disso.

– E o que é que eles vão fazer se souberem que sou capaz de parar o tempo? – O terror paralisa-me o sangue nas veias.

– Ninguém vai descobrir – promete o Xaden. – Ninguém lhes vai dizer. Nem tu. Nem eu. Nem eles. – Estende uma mão em direção ao trio de dragões. – Compreendes?

– *Ele tem razão* – diz o Tairn. – *Não podem descobrir. E não há como saber quanto tempo essa capacidade vai durar. A maioria dos dons dos caudas de penas desaparece quando se tornam adultos e começam a canalizar.*

A Andarna dá mais um bocejo e parece quase morta ali em pé.

– *Vai dormir* – digo-lhe. – *Obrigada por me teres ajudado hoje.*

– *Vamos, Dourada* – diz o Tairn, e todos se dobram ligeiramente para depois se lançarem para o ar, com o vento a bater-me no rosto. A Andarna vai com dificuldades, as asas a bater duas vezes mais depressa, e o Tairn voa para debaixo dela, suporta-lhe o peso e continua em direção ao Vale.

– Promete-me que não vais contar a ninguém que consegues parar o tempo – pede-me o Xaden quando voltamos para o túnel, mas parece muito mais uma ordem do que um pedido. – É para a tua própria segurança. As capacidades raras, se forem mantidas em segredo, são o bem mais precioso que possuímos.

Franzo o sobrolho a estudar as linhas definidas da relíquia da rebelião que lhe sobe, serpeante, pelo pescoço e o marca como filho de um traidor, avisando toda a gente que ele não é de confiança. Talvez esteja a dizer-me para me calar em seu próprio proveito, para me poder usar numa fase posterior.

O que quer dizer que pretende ver-me viva por mais uns tempos, pelo menos.

– Temos de perceber como é que os cadetes desvinculados entraram no teu quarto – diz ele.

– Havia uma cavaleira no quarto – digo-lhe. – Uma que fugiu antes de tu chegares. Deve tê-lo destrancado da parte de fora.

– Quem? – Ele estaca, pega-me no cotovelo com cuidado e vira-me na direção dele.

Abano a cabeça. De certeza que não vai acreditar em mim. Até eu tenho dificuldade em acreditar.

– Um dia, tu e eu vamos ter de começar a confiar um no outro, Sorrengail. O resto das nossas vidas depende disso. – A fúria inunda-lhe os olhos. – Agora diz-me *quem* era.

Acusar um chefe de divisão de uma malfeitoria é a mais perigosa
das acusações. Se tivermos razão, não fomos capazes, enquanto quadrante,
de escolher o melhor chefe de divisão. Se estivermos equivocados,
estamos mortos.
– A Minha Vida de Cadete: As Memórias do General Augustine Melgren



CAPÍTULO XX

– Oren Seifert. – O capitão Fitzgibbons acaba de ler o rol de mortes e fecha o pergaminho quando estamos em formação na manhã seguinte, com a nossa respiração a criar nuvens no ar frio. – Confiamos as suas almas a Malek.

O meu coração não tem lugar para ter pena de seis dos oito nomes, tendo em conta que estou a mudar os apoios de pés para aliviar a dor tingida de preto e azul que me enche as costelas e a ignorar a forma como os outros cavaleiros olham para o colar de nódoas negras que uso em redor da garganta.

Os outros dois no rol de hoje são dois instruendos da Segunda Divisão que, de acordo com os mexericos do pequeno-almoço, morreram numa operação de treino perto da fronteira com Braevick, e eu não posso deixar de me perguntar se era lá que o Xaden estava antes de vir em meu auxílio ontem à noite.

– Não acredito que tentaram matar-te quando estavas a dormir. – A Rhiannon ainda está a agitada depois de eu lhe ter dito o que aconteceu quando estávamos à mesa a tomar o pequeno-almoço.

Talvez o Xaden esteja a tentar manter os acontecimentos da noite passada em segredo para esconder o perigo que represento para ele, porque mais ninguém da chefia sabe. Não disse uma única palavra depois de eu lhe contar quem destrancou a porta, pelo que não faço ideia se acredita em mim ou não.

– Pior ainda, acho que me estou a habituar a isso. – Ou tenho uma capacidade do diabo para separar as coisas ou estou mesmo a acostumar-me a ser sempre um alvo.

O capitão Fitzgibbons faz alguns anúncios menores e eu desligo dele quando alguém caminha a passo decidido na nossa direção, a passar pelo espaço entre os pelotões Labareda e Cauda da nossa divisão.

Como acontece sempre, o meu coração estúpido deixa-se guiar pelas hormonas e vacila mal vejo o Xaden. Até os venenos mais eficazes vêm em frascos bonitos e o Xaden é isso mesmo: tão bonito como letal. Parece enganadoramente calmo ao aproximar-se, mas eu consigo sentir a tensão que o afeta como se fosse minha, como quando a pantera caminha pé ante pé em direção à presa. O vento agita-lhe o cabelo e eu suspiro ao pensar na vantagem completamente injusta que ele tem em relação a todos os outros homens neste pátio. Nem sequer tem de tentar parecer *sexy*… é-o sem esforço.

Oh, merda. Este sentimento aqui e agora – a forma como a minha respiração para e todo o meu corpo se retesa quando ele está por perto – é a razão por que ainda não levei ninguém para a cama nem *comemorei* como o resto dos meus amigos perfeitamente normais. Este sentimento é a razão por que não quis ninguém… além dele.

Porque eu quero-o *a ele*.

Não há palavrões suficientes no mundo para isto.

O olhar dele cruza-se com o meu tempo suficiente para me acelerar a pulsação antes de se dirigir ao Dain, ignorando os anúncios do Fitzgibbons mais atrás.

– Há uma alteração nos membros da tua esquadra.

– Chefe de divisão? – pergunta o Dain a endireitar as costas. – Acabámos de absorver quatro depois da dissolução da Terceira Esquadra.

– Sim. – O Xaden olha para a direita, onde a Segunda Esquadra do Pelotão Cauda está em sentido. – Belden, vamos fazer uma alteração no rol.

– Sim, chefe de divisão. – O chefe de esquadra baixa a cabeça em aquiescência.

– Aetos, o Vaughn Penley vai deixar o teu comando e vais receber o Liam Mairi do Pelotão Cauda.

O Dain fecha a boca e assente com a cabeça.

Ficamos todos a ver os dois cavaleiros do primeiro ano a trocarem de posições. O Penley só está connosco desde a Debulha, pelo que não há um adeus sentido

da nossa esquadra original, mas os outros três resmungam.

O Liam acena com a cabeça para o Xaden e o meu estômago dá voltas. Sei exatamente qual é a razão por que ele está a ser colocado sob o comando do Dain. O tipo é enorme, tão alto como o Sawyer e tão entroncado como o Dain, com o cabelo loiro claro, nariz proeminente, olhos azuis e uma vasta relíquia da rebelião que começa no pulso e desaparece debaixo da manga da túnica que denúncia a missão que lhe foi confiada.

– *Não* preciso de um guarda-costas – atiro ao Xaden. Estou a abusar quando falo assim com um chefe de divisão? Absolutamente. Importo-me? Nem um bocadinho.

Ele ignora-me e olha para o Dain.

– O Liam é estatisticamente o instruendo do primeiro ano mais forte do quadrante. Foi o mais rápido no Guante, não perdeu um único desafio e está vinculado a um Cauda de Punhal Vermelho extraordinariamente forte. Qualquer esquadra gostaria de contar com ele, e é todo teu, Aetos. Podes agradecer-me quando venceres a Batalha dos Esquadrões na primavera.

O Liam coloca-se em formação atrás de mim, a ocupar o lugar do Penley.

– Não. Preciso. De. Um. Guarda. Costas – repito, um pouco mais alto desta vez. Estou-me completamente nas tintas para quem me ouve.

Um dos instruendos do primeiro ano atrás de mim resfolega, assustado com a minha audácia com certeza.

A Imogen solta um resfôlego.

– Boa sorte com essa abordagem.

O Xaden passa pelo Dain e para diretamente à minha frente a inclinar-se sobre o meu espaço.

– Na verdade, precisas, como ambos percebemos na noite passada. E eu não posso estar sempre onde tu estás. Mas o Liam – aponta para o tyrrense loiro atrás de mim – é do primeiro ano, pelo que pode estar em *todas* as aulas, em *todos* os desafios, e eu até o coloquei em serviço na biblioteca, de maneira que espero que de habitues a ele, Sorrengail.

– Estás a exceder-te. – Finco as unhas nas palmas das mãos.

– Ainda nem me começaste a ver a exceder-me – adverte ele, com a voz mais baixa, que me arrepia a espinha. – Qualquer ameaça contra ti é uma ameaça

contra mim e, como já sabemos, tenho coisas mais importantes a fazer do que dormir no teu andar.

O calor sobe-me pelo pescoço e cora-me as faces.

– Ele *não* vai dormir no meu quarto.

– Claro que não. – Esboça um sorriso trocista, e o meu estômago trai-me ao fechar-se num nó. – Eu mandei-o mudar-se para o quarto ao lado do teu. Não me quero *exceder*. – Gira sobre o calcanhar e afasta-se para voltar ao lugar dele à frente da nossa formação.

– Cabrões dos dragões acasalados – diz o Dain com os dentes cerrados, sem desviar os olhos para o lado.

O Fitzgibbons termina os anúncios e recua para o fundo do estrado, o que, normalmente, significaria o fim da formação, mas o comandante Panchek sobe ao palanque. Tem por costume evitar a formação matinal, o que significa que se passa alguma coisa.

– O que se passa com o Panchek? – pergunta a Rhiannon ao meu lado.

– Não sei bem. – Respiro fundo, a estremecer com a dor nas costelas.

– Tem de ser algo importante para estar ali a debater-se com o Códice – diz a Rhiannon.

– Silêncio – ordena o Dain, a olhar para trás por cima do ombro pela primeira vez esta manhã. Volta a olhar para ver melhor e arregala os olhos quando repara no meu pescoço. – Vi?

Não fala comigo desde a nossa discussão de ontem. Deuses, como é que passaram menos de 24 horas se eu me sinto uma pessoa completamente diferente?

– Eu estou bem – asseguro-lhe, mas ele continua a olhar para o meu pescoço, paralisado com o choque. – Chefe de esquadra Aetos, as pessoas estão a olhar para nós. – Chamamos mais atenção do que a que nos é devida quando o comandante Panchek começa a falar no palanque, para nos dizer que há outro assunto a tratar esta manhã, mas o Dain não desvia o olhar. – Dain!

Ele pestaneja, sobe o olhar para o meu, e o pedido de desculpa naqueles olhos castanhos e meigos atravanca-me a garganta.

– Foi isso o que o Riorson quis dizer quando falou de ontem à noite?

Assinto com a cabeça.

– Não sabia. Porque é que não me contaste?

Porque não acreditarias em mim mesmo que eu te tivesse contado.

– Eu estou bem – repito, a acenar com a cabeça para o estrado. – Mais tarde.

Ele vira-se, mas o gesto é contrariado.

– Foi-me transmitido como vosso comandante que se deu uma violação do Códice – brada o comandante Panchek para todo o pátio. – Como sabem, não são admitidas violações das leis mais sagradas – continua o comandante. – Este assunto será tratado aqui e agora. O acusador que avance, por favor.

– Alguém está metido num sarilho – sussurra a Rhiannon. – Achas que o Ridoc foi finalmente apanhado na cama do Tyvon Varen?

– Isso não é bem uma violação do códice – murmura o Ridoc atrás de nós.

– Ele é o oficial-executivo da Segunda Divisão. – Lanço um olhar contundente por cima do ombro.

– E? – O Ridoc encolhe os ombros, a sorrir sem uma ponta de remorsos. – Confraternizar com o comando é desaconselhado, não ilegal.

Suspiro e olho para a frente.

– Sinto falta de sexo. – Sinto mesmo, e não é só pela satisfação física, ainda por cima. Há uma sensação de ligação nesses momentos que me faz falta, um adeus temporário à solidão.

A primeira é algo que estou certa de que o Xaden teria mais do que capacidade para me dar, *se* alguma vez pensasse em mim dessa forma, mas a segunda? Ele é a última pessoa que eu deveria desejar, mas a luxúria e a lógica parecem nunca se dar bem.

– Se estiveres à procura de algum divertimento, estou aqui à disposição… – começa o Ridoc, a afastar o cabelo castanho da frente da testa com um piscar de olho.

– Sinto falta de *bom* sexo – riposto, a abafar um sorriso quando alguém, que não consigo distinguir no meio das filas dos esquadrões à nossa frente, passa em frente da formação para se dirigir ao estrado. – Além disso, parece que já estás apalavrado. – Tenho de admitir que me faz bem provocar um amigo sobre algo tão trivial. É um bocadinho de normalidade num ambiente completamente macabro.

– Não somos exclusivos – replica o Ridoc. – É como a Rhiannon e a não sei quantos…

– Tara – aponta a Rhiannon.

– Importam-se de se calar? – ralha o Dain na voz de oficial superior.

Todos fechamos a boca.

A minha volta a abrir-se quando me apercebo que é o Xaden quem está a subir os degraus do estrado. Sinto o estômago às voltas e sorvo o ar com tensão.

– Isto tem que ver comigo – sussurro.

O Dain relanceia para mim com a testa franzida de confusão antes de voltar a atenção para o estrado, onde o Xaden sobe ao palanque e enche todo o palco com a sua presença.

Pelo que me lembro de ler, o pai dele tinha o mesmo magnetismo, a capacidade de chamar a atenção de uma multidão e de a arrebatar apenas pela palavra… a palavra que levou à morte do Brennan.

– Nesta madrugada – começa ele, com a voz cava a chegar a toda a formação –, uma cavaleira da minha divisão foi brutal e ilegalmente atacada quando estava a dormir por um grupo composto maioritariamente por desvinculados que a pretendiam matar.

Um sem-fim de murmúrios e resfôlegos enche o ar e os ombros do Dain retesam-se.

– Como todos sabemos, trata-se de uma violação do Artigo Terceiro, Parágrafo Segundo do Códice dos Cavaleiros de Dragões e, além de ser uma desonra, é um crime capital.

Sinto o peso de mais de uma dezena de olhares, mas é o do Xaden que mais me aflige.

As mãos dele agarram os lados do palanque.

– Depois de ser alertado pelo meu dragão, interrompi o ataque juntamente com outros dois cavaleiros da Quarta Divisão. – Baixa o queixo em direção à nossa divisão e dois cavaleiros, o Garrick e o Bodhi, saem da formação e sobem os degraus para se colocarem atrás do Xaden com as mãos nas ilhargas. – Como se tratava de uma questão de vida e de morte, executei pessoalmente seis dos putativos assassinos, como foi testemunhado pelo chefe do Pelotão Labareda, Garrick Tavis, e pelo oficial-executivo do Pelotão Cauda, Bodhi Durran.

– Ambos tyrrenses. Que conveniente – diz a Nadine, um dos novos membros da nossa esquadra, da fila atrás da do Ridoc e do Liam.

Olho por cima do ombro e cravo-lhe um olhar furioso.

O Liam mantém os olhos virados para a frente.

– Mas o ataque foi orquestrado por uma cavaleira que fugiu antes de eu chegar – continua o Xaden com a voz mais alta. – Uma cavaleira que tinha acesso ao mapa dos quartos atribuídos aos instruendos do primeiro ano e essa cavaleira tem de ser levada à justiça rapidamente.

Merda. Isto vai ficar feio.

– Chamo-te para responderes pelo teu crime contra a cadete Sorrengail. – O foco do Xaden passa a incidir sobre o centro da formação. – Chefe de divisão Amber Mavis.

O quadrante sorve o ar em uníssono antes de a multidão entrar em tumulto.

– Que diabo? – suspira o Dain.

Sinto um aperto no peito. Deuses, detesto quando o Dain mostra que eu tenho razão.

A Rhiannon estende a mão para a minha e aperta-ma com força em apoio quando a atenção de todos os cavaleiros no pátio se vira para o Xaden, para a Amber … e para mim.

– Ela também é uma tyrrense, Nadine – diz o Ridoc por cima do ombro. – Ou só tens preconceito contra os marcados?

A família da Amber manteve-se fiel a Navarre, pelo que ela não foi obrigada a ver os pais a serem executados nem foi marcada pela relíquia da rebelião.

– A Amber nunca faria tal coisa. – O Dain abana a cabeça. – Uma chefe de divisão *nunca* faria tal coisa. – Vira-se completamente para olhar para mim. – Vai lá acima e diz a toda a gente que ele está a mentir, Vi.

– Não está – respondo o mais moderadamente que posso.

– É impossível. – As faces do Dain afogueiam-se em diferentes tons de vermelho.

– Eu estava lá, Dain. – A realidade da descrença do Dain magoa-me muito mais do que eu esperava, como mais um golpe nas minhas costelas já tão maltratadas.

– Os chefes de divisão não podem ser criticados…

– Então porque é que és tão rápido a chamar mentiroso ao nosso chefe de divisão? – Levanto as sobrancelhas num repto, desafiando-o a dizer o que esconde tão cuidadosamente.

Atrás dele, a Amber dá um passo em frente para se destacar da formação.

– Não cometi o crime de que sou acusada!

– Estás a ver? – O Dain move o braço e aponta-o para a ruiva. – Põe cobro a isto *já*, Violet.

– Ela estava com eles no meu quarto – digo apenas. Gritar não o vai convencer. Nada o irá convencer.

– Isso é impossível. – Levanta as mãos como se estivesse preparado para me segurar o rosto. – Deixa-me ver.

O choque que sinto ao perceber o que pretende fazer faz-me recuar, insegura. Como é que eu me esqueci que o sinete dele lhe permite ver as memórias das outras pessoas?

Mas se o deixar ver a minha memória da participação da Amber, também o vou deixar ver que parei o tempo e não posso permitir que isso aconteça. Abano a cabeça e dou mais um passo para trás.

– Dá-me a memória – ordena ele.

A indignação levanta-me o queixo.

– Toca-me sem autorização e vais passar o resto dos teus dias a arrepender-te.

A surpresa altera-lhe as feições.

– Chefes de divisão. – O Xaden projeta a voz por cima do caos. – Precisamos de um quórum.

Tanto a Nyra como o Septon Izar – os chefes de divisão da Primeira e da Segunda Divisões – sobem as escadas do estrado, passando pela Amber, que está completamente exposta no pátio.

O ar enche-se de um caos familiar e nós olhamos para a linha da cumeada e vemos seis dragões a dobrar a montanha e a voar na nossa direção. O maior dentre eles é o Tairn.

Em poucos segundos, chegam à cidadela e pairam sobre as muralhas do pátio. O vento do bater forte das suas asas sopra sobre o pátio. Depois, um a um, pousam no seu poleiro, com o Tairn no centro do grupo.

Todos os traços do corpo do Tairn exibem ameaça quando as presas esmagam a alvenaria sob as garras e os olhos se fixam, semicerrados e furiosos, na Amber.

A Sgaeyl está empoleirada à direita, assumindo a sua posição atrás do Xaden. É tão assustadora como era no dia em que cheguei, mas, naquela altura, nunca imaginaria que me vincularia a um dragão ainda mais aterrador… para todos menos para mim. O Cauda de Escorpião Vermelho da Nyra também se eleva imponente atrás dela e o Cauda de Punhal Castanho do Septon emula a postura

do dragão da Nyra à esquerda. Nas extremidades, a bufar rajadas de vapor, estão o Cauda de Moca Verde do comandante Panchek e o Cauda de Punhal Cor de Laranja da Amber.

– Agora é que esta merda vai ficar séria – diz o Sawyer a sair da formação para se colocar ao meu lado e sinto o Ridoc nas minhas costas.

– Podes acabar com isto agora, Violet. Tens de parar com isto – implora o Dain. – Não sei o que viste ontem à noite, mas não foi a Amber. Ela respeita demasiado as regras para as quebrar.

E acha que eu as violei quando usei o meu punhal na última subida do Guante.

– Estás a usar isto para te vingar da minha família! – grita a Amber na direção do Xaden. – Por não apoiar a rebelião do teu pai!

É um golpe baixo como o caralho.

O Xaden nem sequer dá a entender que a ouviu quando se vira para os outros chefes de divisão.

Não está a exigir provas como o Dain. Acredita em mim e está pronto para executar a chefe de divisão com base em nada mais do que a minha palavra. Sinto as minhas defesas a ruírem em favor do Xaden, como se fossem uma estrutura física.

– *Consegues ver as minhas memórias?* – pergunto ao Tairn? – *E partilhá-las*?

– *Consigo.* – A cabeça do Tairn serpenteia para a esquerda e para a direita muito ligeiramente. – *Nunca se partilharam memórias para fora do vínculo de um casal. É considerada uma violação.*

– *O Xaden está ali em cima a lutar porque eu lhe disse que foi ela. Ajuda-o.* – E, deuses, admiro-o por isso. Respiro fundo. – *Só o que eles precisarem de ver.*

Desejo *e* admiração? Estou tão tramada.

O Tairn bufa e todos os dragões a não ser a Sgaeyl se põem tensos na muralha, até o da Amber. Os cavaleiros seguem-nos rapidamente. O pátio é tomado por um silêncio absoluto e eu sei que eles sabem.

– Canalha sem caráter – diz a Rhiannon com os dentes cerrados a apertar-me ainda mais a mão.

O Dain empalidece.

– Acreditas em mim *agora*? – atiro em jeito de acusação, que é. – E tu que pretensamente eras o meu mais antigo amigo, Dain. O meu *melhor* amigo. Não foi por acaso que não te contei nada.

Ele recua, cambaleante.

– Os chefes de divisão formaram um quórum e chegaram a uma decisão por unanimidade – anuncia o Xaden, ladeado pela Nyra e pelo Septon, com o comandante a pairar sobre eles mais atrás. – Consideramos a Amber Mavis culpada.

– Não! – grita ela. – Não é crime livrar o quadrante da cavaleira mais fraca! Fi-lo para proteger a integridade das divisões! – Anda de um lado para o outro em pânico, a olhar para toda a gente em busca da ajuda de alguém.

A formação recua como um todo.

– E como a nossa lei determina, a sentença será levada a cabo por meio de fogo – declara a Nyra.

– Não! – A Amber olha para o dragão dela. – Claidh!

O Cauda de Punhal Cor de Laranja da Amber rosna para os outros dragões e levanta uma garra.

O Tairn vira a enorme cabeça na direção da Claidh com um urro que abana o chão sob os meus pés. Depois arreganha os dentes para o dragão cor de laranja mais pequeno e a Claidh recua e pousa a garra novamente na muralha com a cabeça baixa.

Fico com o coração nas mãos ao ver aquilo, não pela Amber, mas pela Claidh.

– *Tem mesmo de ser?* – pergunto ao Tairn.

– *É o nosso costume.*

– Não façam isso, por favor – suplico, a esquecer-me de pensar no que digo. Uma coisa é punir a Amber, mas a Claidh também vai sofrer.

Talvez eu possa falar com a Amber. Talvez ainda possamos ultrapassar o que nos separa. Talvez possamos encontrar uma base de entendimento, transformar a nossa raiva em amizade ou, pelo menos, indiferença desinteressada. Abano a cabeça, com o coração a palpitar. Fui eu que fiz isto. Estava tão desejosa de que acreditassem em mim, que não pensei no que poderia acontecer se acreditassem.

Viro-me para o Xaden e volto a suplicar, com a voz a quebrar no fim.

– Dá-lhe uma oportunidade, por favor.

Ele fixa os olhos nos meus, mas não mostra uma centelha de emoção.

– *Eu deixei alguém viver no passado e ele não te matou por pouco ontem à noite, Prateada* – diz o Tairn. Depois, como se fosse a única coisa que importa afinal – *A justiça nem sempre é misericordiosa.*

– Claidh – choraminga a Amber, o pátio tão inacreditavelmente silencioso que todos a ouvimos.

A formação divide-se no centro.

O Tairn baixa-se, estende a cabeça e o pescoço além do estrado em direção à Amber. Depois abre os dentes, enrola a língua e carboniza-a com um sopro de fogo tão quente que o sinto de onde estou. Acaba em menos de um instante.

Um grito arrepiante rasga o ar e estilhaça a janela da ala académica e todos os cavaleiros levam as mãos às orelhas ao ouvirem o choro da Claidh.

Não entres em pânico se não conseguires canalizar imediatamente os poderes do teu dragão, Mira. Sim, eu sei que tens de ser a melhor em tudo, mas isto é algo que não podes controlar. Eles vão canalizar quando acharem que estás pronta. E, quando o fizerem, é bom que estejas preparada para manifestar um sinete. Até lá, não estás preparada. Não insistas.

– Página sessenta e um, O Livro do Brennan



CAPÍTULO XXI

– A sério que isto não é necessário. – Olho de soslaio para o Liam quando nos dirigimos para os Arquivos. O carrinho já nem sequer chia. Ele tratou de resolver o problema logo no primeiro dia.

– Sim, já te ouço a dizer o mesmo há uma semana. – Lança-me um sorriso rasgado que revela uma covinha.

– Mas tu continuas aqui. Todos os dias. – Não é por não gostar dele. Para minha irritação absoluta, ele até é… simpático. Cortês, engraçado e ridiculamente prestável. Faz com que seja difícil odiar a sua presença constante, embora deixe raspas de madeira onde quer que vá… que é onde quer que *eu* vá, por estes dias. Está sempre a desbastar madeira com aquela faca dele. Ontem terminou a figura de um urso.

– Até receber ordens em contrário – diz ele.

Abano a cabeça na direção dele quando o Pierson se levanta de um pulo junto às portas dos Arquivos e alisa a túnica creme.

– Bom dia, cadete Pierson.

– Bom dia, cadete Sorrengail. – Dá-me um sorriso educado, que morre quando relanceia para o Liam. – Cadete Mairi.

– Cadete Pierson – responde o Liam, como se o tom do copista não tivesse mudado completamente.

Os meus ombros ficam tensos quando o Pierson se apressa a abrir a porta. Talvez seja porque eu nunca me dei com marcados antes de Basgiath, mas a hostilidade completa para com ele está a tornar-se irritante e desconfortavelmente óbvia para mim.

Entramos nos Arquivos e esperamos junto à mesa como em todas as outras manhãs.

– Como é que fazes isso? – pergunto ao Liam num sussurro baixo. – Não reages quando as pessoas são tão desagradáveis contigo?

– Tu estás sempre a ser desagradável comigo – diz-me ele em jeito de provocação, a tamborilar os dedos na pega no carrinho.

– Por seres a minha ama seca, não por… – Nem o consigo dizer.

– Por ser o filho do coronel Mairi caído em desgraça? – O maxilar do Liam lateja e as sobrancelhas franzem-se por instantes quando ele desvia o olhar.

Assinto com a cabeça e sinto um nó no estômago ao pensar nos últimos meses.

– Eu acho que não sou melhor do que eles, na verdade. Detestava o Xaden só de olhar para ele mesmo não o conhecendo de todo. – Não que agora o conheça. O Xaden é irritantemente bom a ser completamente inacessível.

O Liam solta um riso trocista, o que nos vale um olhar carrancudo de um copista no canto ao fundo.

– Ele tem esse efeito nas pessoas, sobretudo nas mulheres. Ou o desprezam pelo que o pai dele fez ou querem fodê-lo pela mesma razão, só depende de onde estivermos.

– Tu conhece-lo mesmo a sério, não conheces? – Levanto o pescoço para olhar para ele. – Ele não te escolheu como minha sombra só por seres o melhor do nosso ano.

– Só agora é que estás a perceber, é? – O rosto dele abre-se num sorriso. – Ter-te-ia dito isso logo no primeiro dia se não estivesses tão ocupada a bufar e a barafustar sobre o prazer da minha companhia.

Reviro os olhos e vejo a Jesinia a aproximar-se com o capuz sobre o cabelo.

– Olá, Jesinia – gestuo.

– Bom dia – gestua ela em resposta com a boca a dobrar-se num sorriso tímido e o olhar a alçar-se para o Liam.

– Bom dia. – O Liam gestua com um piscar de olhos, claramente a namoriscar com ela.

Fiquei perplexa no primeiro dia em que vi que ele sabia língua gestual, mas, para ser sincera, estava a ser um pouco preconceituosa porque não queria uma sombra.

– Só estes hoje? – pergunta a Jesinia, a olhar para o carrinho.

– E estes. – Pego na lista de pedidos entre uma troca de olhar dos dois e estendo-lha.

– Perfeito. – As faces da Jesinia coram ao ler a lista antes de a levar ao bolso. – Oh, e o Professor Markham saiu antes de o relatório diário chegar para ir dar a vossa aula de Sumário. Importas-te de lho levar?

– Terei todo o gosto. – Espero até ela levar o carrinho para longe de nós e depois dou uma palmada no peito do Liam. – Para com isso – digo num sussurro alto.

– Paro com o quê? – Ele olha-a até ela virar a esquina da primeira fila de estantes.

– Para de namoriscar com a Jesinia. Ela é uma mulher de relações longas, por isso, se não for isso que procuras… para com isso.

As sobrancelhas dele erguem-se tanto que lhe chegam ao cabelo.

– Como é que uma pessoa pensa em relações longas por aqui?

– Nem toda a gente está num quadrante em que a morte é menos uma hipótese do que uma inevitabilidade. – Inspiro o cheiro dos Arquivos e tento absorver alguma da paz que me traz.

– Então estás a dizer-me que algumas pessoas ainda fazem essas coisas engraçadas a que chamam planos.

– Exatamente, e essas *algumas pessoas* são a Jesinia. Acredita no que te digo. Conheço-a há muitos anos.

– Certo. Porque tu também querias ser copista quando eras mais nova. – O Liam olha em volta dos Arquivos com uma intensidade que quase me faz rir. Como se houvesse a possibilidade de alguém se lançar das estantes para correr atrás de mim.

– Como é que sabes isso? – Baixo a voz quando vejo um grupo de copistas do segundo ano a passar com as expressões sombrias enquanto debatem os méritos de dois historiadores diferentes.

– Eu fiz alguma pesquisa sobre ti depois de ter sido… enfim… destacado. – Abana a cabeça. – Vi-te a praticar com essas tuas facas esta semana, Sorrengail. O Riorson tem razão. Seria um desperdício se fosses copista.

O meu peito incha com mais do que um pouco de orgulho.

– Isso ainda está por provar. – Pelo menos, os desafios ainda não recomeçaram. Creio que há cavaleiros suficientes a morrer nas aulas de voo, pelo que acharam melhor esperar para não haver mais mortes nos combates corpo a corpo. – O que é que tu querias ser quando eras mais novo? – pergunto, só para manter a conversa a rolar.

– Queria estar vivo. – Encolhe os ombros.

Bem, é… alguma coisa.

– De onde é que conheces o Xaden, afinal? – Não sou idiota ao ponto de pensar que toda a gente da província de Tyrrendor se conhece.

– O Riorson e eu fomos acolhidos na mesma casa depois da apostasia – diz ele, a usar o termo tyrrense para a rebelião, que já não ouvia há *séculos*.

– Foste acolhido? – Fico com a boca aberta. Acolher os filhos de aristocratas foi um costume abolido depois da unificação de Navarre há mais de 600 anos.

– Bem, sim. – O Liam volta a encolher os ombros. – Para onde é que achas que os filhos dos traidores… – Estremece ao dizer a palavra. – … foram depois de os pais serem executados?

Olho para as amplas estantes com textos, a perguntar-me se algum tem a resposta.

– Não achava nada. – Fico com a garganta embargada ao falar.

– Todas as nossas mansões foram atribuídas aos nobres que se mantiveram leais. – Aclara a garganta. – Como é de lei.

Não me dou ao trabalho de concordar com o que é obviamente uma resposta condicionada. A resposta do Rei Tauri depois da rebelião foi rápida, até cruel, mas eu era uma menina de 15 anos demasiado perdida na sua própria dor para pensar com compaixão nas pessoas que provocaram a morte do meu irmão. Porém, a verdade é que a destruição de Aretia, que era a capital de Tyrrendor,

por fogos devastadores nunca me caiu bem. O Liam tinha a mesma idade que eu. Não teve culpa de a mãe ter quebrado a fidelidade a Navarre.

– Mas não foste com o teu pai para a casa nova dele?

O olhar dele gira em direção ao meu e a testa franze-se.

– É difícil viver com um homem que foi executado no mesmo dia da minha mãe.

O meu estômago dobra-se num nó.

– Não. Não, isso não é verdade. O teu pai era o Isaac Mairi, não era? Estudei todas as casas nobres de todas as províncias, incluindo de Tyrrendor. – Teria percebido alguma coisa mal?

– Sim. O meu pai era o Isaac. – Inclina a cabeça para olhar para a zona onde a Jesinia desapareceu e fico com a impressão clara de que ele quer acabar com a conversa.

– Mas ele não fez parte da rebelião. – Abano a cabeça a tentar encaixar as peças. – Ele não está no rol de execuções de Calldyr.

– Leste o rol de mortes das execuções de Calldyr? – Os olhos dele dilatam-se.

Preciso de ir buscar toda a coragem que tenho, mas não desvio o olhar.

–Tinha de saber se estava lá uma pessoa.

Ele recua ligeiramente.

– O Fen Riorson.

Assinto com a cabeça.

– Ele matou o meu irmão na Batalha de Aretia. – A minha cabeça debate-se para tentar conciliar o que li com o que ele está a dizer. – Mas o teu pai não estava nesse rol. – Mas o Liam estava… como testemunha. Sou tomada pela vergonha. O que raio estou a fazer? – Desculpa. Não deveria ter perguntado.

– O meu pai foi executado na casa da nossa família. – As feições do Liam contraem-se. – Antes de ser atribuída a outro nobre, claro. E, sim, eu também os vi a executá-lo dessa vez. Já tinha a relíquia da rebelião na altura. – Desvia o olhar, mas a garganta continua em movimento. – Depois fui enviado para Tirvainne para ser acolhido pelo Duque Lindell, tal como o Riorson. A minha irmã mais nova foi enviada para outro lugar.

– Eles separaram-vos? – O meu maxilar quase sai dos eixos. Nem o acolhimento nem a separação de irmãos são mencionados em nenhum texto que eu tenha lido sobre a rebelião. E li bastantes.

O Liam assente com a cabeça.

– Ela é só um ano mais nova do que eu, pelo que a vou ver quando entrar no quadrante para o ano. Ela é forte, rápida e tem bom equilíbrio. Vai conseguir. – A inflexão de pânico na voz dele faz-me lembrar da Mira.

– Pode sempre escolher outro quadrante – digo em voz baixa na esperança de o tranquilizar.

Ele pestaneja na minha direção.

– Somos todos cavaleiros.

– O quê?

– Somos todos cavaleiros. Era parte do acordo. Não nos matavam, davam-nos uma oportunidade de provarmos a nossa lealdade, mas só se conseguíssemos entrar no Quadrante dos Cavaleiros. – Olha para mim, perplexo. – Não sabes disso?

– Bem… – Abano a cabeça. – Sei que os filhos dos chefes e dos oficiais foram todos obrigados a alistar-se, mas mais nada. Muitos desses anexos ao tratado são confidenciais.

– Eu até acho que o quadrante foi escolhido para nos dar a oportunidade de subirmos na hierarquia, mas os outros… – Faz um esgar. – Os outros acham que é porque a taxa de mortalidade é muito maior para os cavaleiros, pelo que estão a tentar matar-nos a todos sem terem de o fazer com as próprias mãos. Ouvi a Imogen dizer que, de início, eles pensavam que os dragões tinham uma honra inatacável, pelo que nunca se vinculariam sequer a um marcado e agora não sabem o que fazer connosco.

– Quantos é que vocês são? – Lembro-me da minha mãe e não posso deixar de pensar no que ela sabe e naquilo que aceitou quando se tornou general comandante de Basgiath depois da morte do Brennan.

– O Xaden nunca…? – Detém-se. – Sessenta e oito dos oficiais tinham filhos com menos de vinte anos. Somos 107 ao todo e todos nós ostentamos relíquias da rebelião.

– O mais velho é o Xaden – murmuro.

O Liam assente com a cabeça.

– E a mais nova já tem quase seis anos. Chama-se Julianne.

Acho que vou ficar maldisposta.

– Também está marcada?

– Nasceu com a marca.

Eu sei que foi feita por um dragão, mas que merda é esta?

– E não faz mal que perguntes. Alguém tem de saber. Alguém tem de se lembrar. – Os ombros dele elevam-se e descaem com a respiração pesada. – Mas, bem, é difícil para ti estares aqui? Ou é mais algo reconfortante?

Mudança de assunto registada.

Olho para as filas de mesas a encher-se devagar com copistas que se preparam para trabalhar e imagino o meu pai entre eles.

– É como voltar para casa sem voltar. E não é por ter mudado. Este lugar nunca muda. Caramba, acho que a mudança é a inimiga mortal de um copista. Mas começo a aperceber-me de que eu é que mudei. Já não me encaixo aqui. Não como dantes.

– Sim. Eu percebo isso. – Algo na voz dele me diz que compreende mesmo.

Tenho um desejo imenso de lhe perguntar como foram os últimos cinco anos para ele, mas a Jesinia reaparece com o carrinho carregado com os tomos solicitados.

– Tenho aqui tudo para vocês – gestua ela, antes de apontar para o pergaminho em cima. – E isto é para o Professor Markham.

– Nós vamos certificar-nos de que ele o recebe – prometo, a inclinar-me para a frente para pegar no carrinho. O meu colarinho alto agita-se e a Jesinia solta um resfôlego e leva a mão à boca.

– Oh, deuses, Violet. O teu pescoço! – Os movimentos de mão da Jesinia são contundentes e a compaixão que lhe vai nos olhos aperta-me o peito. – «Compaixão» é uma palavra que não se encontra no nosso quadrante. Há raiva, ira e indignação… mas não compaixão.

– Não é nada. – Volto a colocar o colarinho no lugar para cobrir o colar de nódoas amareladas e o Liam estende o braço para a minha frente e pega no carrinho. – Até amanhã.

Ela baixa a cabeça e torce as mãos quando nos viramos para a porta. O Pierson fecha-a depois de passarmos para o corredor.

– O Riorson ensinou-me a lutar durante os anos em que esteve em Tirvainne. – A mudança de assunto do Liam é bem-vinda e indubitavelmente intencional mais uma vez. – Nunca vi ninguém a movimentar-se como ele. É a única razão

pela qual ultrapassei a primeira ronda de desafios. Ele pode não o mostrar, mas cuida dos seus.

– Estás a tentar vender-me as melhores qualidades dele? – Fazemos a subida e reparo com alguma satisfação que as minhas pernas parecem mais fortes hoje. Adoro os dias em que o meu corpo ajuda.

– Estás um bocado presa a ele para… – Faz uma carranca. – Bem, para sempre.

– Ou até um de nós morrer – gracejo, mas a piada não resulta enquanto viramos a esquina e seguimos pelo caminho que nos leva para lá do Quadrante dos Curandeiros. – Como é que consegues fazer isto, afinal? Proteger uma pessoa cuja mãe supervisionou a divisão que capturou a tua família? – Passei a semana inteira a querer fazer-lhe esta pergunta.

– Estás a perguntar-te se podes confiar em mim? – Volta a lançar-me um sorriso fácil.

– Sim. – A resposta é simples.

Ele ri-se, num som que ecoa das paredes do túnel e das janelas de vidro da clínica.

– Boa resposta. A única coisa que posso dizer é que a tua sobrevivência é essencial para o Riorson e que eu lhe devo tudo. *Tudo.* – Olha-me diretamente nos olhos ao dizer aquela última palavra, mesmo depois de o carrinho bater numa pedra mais alta do corredor calcetado.

O pergaminho em cima do carrinho cai e estremeço com a dor seca que sinto nas costelas ao baixar-me para lhe pegar enquanto se desenrola na ligeira inclinação da passagem.

– Já o tenho. – O pergaminho denso não volta a enrolar-se com facilidade e vislumbro uma frase que me faz parar.

As condições em Sumerton são particularmente preocupantes. Uma aldeia foi saqueada e uma comitiva de provisões foi pilhada ontem à noite…

– O que é que diz? – pergunta o Liam.

– Que Sumerton foi atacada. – Viro o pergaminho para ver se está marcado como confidencial, mas não está.

– Na fronteira sul? – Ele parece tão confuso como eu me sinto.

– Sim. – Assinto com a cabeça. – É mais um ataque a alta altitude, se me lembro bem da minha geografia. Diz que uma comitiva de provisões foi pilhada. – Leio um pouco mais. – E o depósito comunitário nas cavernas próximas foi

saqueado. Mas isto não faz sentido. Fizemos um acordo de comércio com Poromiel.

– Um grupo de salteadores então.

Encolho os ombros.

– Não faço ideia. Creio que vamos saber mais na aula de Sumário de Batalha hoje. – Os ataques ao longo das fronteiras meridionais estão a aumentar e todos com as mesmas características. Aldeias montanhosas estão a ser desfeitas onde quer que as guarnições estejam mais fracas.

Sou tomada por uma fome imensa e incrível, sinto o estômago a remoer num vazio que tem de ser acalmado com o sangue de…

– Sorrengail? – O Liam olha para mim com a preocupação marcada entre as sobrancelhas.

– O Tairn acordou – acabo por dizer, agarrada ao estômago como se fosse eu que estivesse mortinha por comer um rebanho de ovelhas. Ou cabras. Ou o que quer que ele venha a decidir comer esta manhã. – *Pelos deuses, vai comer alguma coisa, por favor.*

– *Poderia sugerir-te o mesmo* – rosna ele.

– *És um tipo tão matinal, não és?* – A fome esvai-se e percebo que é porque ele está a afrouxar o vínculo, porque eu não o consigo fazer. As emoções dele só chegam até mim quando lhe fogem do controlo. – *Obrigada. A Andarna?*

– *Ainda está a dormir. Vai ficar apagada mais alguns dias depois de ter usado tanta energia.*

– Alguma vez fica mais fácil? – pergunto ao Liam. – Isto de sermos confrontados com o que os dragões estão a sentir?

Ele estremece.

– Boa pergunta. O Deigh consegue controlar-se muito bem, mas quando se zanga? – O Liam abana a cabeça. – Dizem que ajuda quando começam a canalizar e temos o poder de nos escudarmos deles, mas sabemos que o Carr não se vai dar ao trabalho de olhar para nós até que isso aconteça.

Eu já tinha assumido que o Liam ainda não tinha obtido as suas capacidades, tendo em conta que está comigo em todas as aulas, mas, mesmo assim, é reconfortante saber que, tal como eu, ele se conta entre a população minguante de cavaleiros sem poder. Embora a Andarna me tenha dado a capacidade de

parar o tempo, tenho quase a certeza de que não a vou usar com regularidade, sobretudo se ela demorar sempre dias a recuperar.

– Então o Tairn também não te canalizou poderes, não é? – pergunta o Liam com um olhar de incerteza e vulnerabilidade no rosto.

Abano a cabeça.

– Acho que ele tem problemas de compromisso – sussurro.

– *Eu ouvi isso.*

– *Então sai da minha cabeça.*

Sou assaltada por mais uma onda de fome paralisante e quase esmago o pergaminho do Markham na mão.

– *Não sejas tão sacana.*

Juro que consigo ouvi-lo a bufar um riso em resposta.

– É melhor despacharmo-nos ou perdemos o pequeno-almoço.

– Certo. – Acabo de enrolar o pergaminho e volto a colocá-lo no carrinho.

– Eu quero ser como os meninos fixes – resmunga a Rhiannon à tarde, à medida que os instruendos do primeiro ano da Segunda e da Terceira Divisões vão saindo da escada do torreão que conduz à sala de aula do Professor Carr e nos congestionam o caminho para a aula de Sumário de Batalha.

– Lá chegaremos – prometo antes de entrelaçar o braço no dela. Tenho de admitir que sinto mais do que uma ligeira picada de ciúmes no peito.

– Podes ser fixe, mas nunca serás tão fixe como eu! – O Ridoc dá um empurrão ao Liam para passar por ele e pousa o braço no meu ombro.

– Ela está a falar sobre as pessoas que já estão a canalizar – explico, a fazer malabarismo com os livros para não os deixar cair. – Embora, já que não estamos a canalizar, pelo menos, também não estamos preocupadas em manifestar um sinete antes que a magia nos mate. – Sinto a relíquia no centro das costas a formigar e não posso deixar de me perguntar se o dom da Andarna espoletou esse relógio em mim.

– Oh, pensei que estávamos a falar de como eu acabei de *arrasar* naquele teste de Física. – O Ridoc sorri. – Sem dúvida a nota mais alta da turma.

A Rhiannon revira os olhos.

– Por favor. Tive mais cinco pontos do que tu.

– Já deixámos de contar as tuas notas há meses. – Inclina-se ligeiramente para a frente. – As tuas notas naquela aula tornam-na injusta para nós. – Olha por entre os nossos ombros. – Espera. Quanto é que tiveste, Mairi?

– Não me vou meter nisso – responde o Liam.

Rio-me quando nos separamos, a entrar no engarrafamento de cadetes para ir para a aula de Sumário de Batalha.

– Desculpa, Sorrengail – diz alguém, a afastar-se do caminho e a puxar um amigo com ele quando entramos na sala de aula em jeito de anfiteatro.

– Não tens de pedir desculpa! – grito, mas eles já estão algumas filas acima. – Nunca me vou habituar a isto.

– É mais fácil chegar aos sítios, sem dúvida – provoca a Rhiannon quando descemos os degraus em curva ao longo do enorme torreão.

– *Mostram um nível adequado de deferência* – resmunga o Tairn.

– *Em relação ao que acham que eu vou ser, não ao que sou.* Encontramos a nossa fila, dirigimo-nos para os nossos assentos e sentamo-nos como esquadra entre os instruendos do primeiro ano.

– *O que mostra uma prudência magnífica.*

A sala vibra de energia à medida que os cavaleiros vão entrando e não consigo deixar de reparar que já ninguém tem de ficar em pé. O número de pessoas na sala diminuiu consideravelmente nos últimos quatro meses. O número de cadeiras vazias dá que pensar. Perdemos mais um instruendo do primeiro ano que ontem se aproximou demasiado de um Cauda de Escorpião Vermelho no campo de voo. Um segundo estava lá e no segundo seguinte era uma marca de terra queimada no chão. Mantive-me o mais perto possível do Tairn o resto da sessão.

Sinto o escalpe a formigar, mas luto contra a vontade de me virar.

– O Riorson acabou de chegar – diz o Liam no assento à minha direita, a levantar a cabeça da figura de um dragão de madeira que está a esculpir para olhar para cima, onde fica a fila dos do terceiro ano.

– Já calculava. – Levanto o dedo do meio e não desvio os olhos da minha frente. Não que eu não goste do Liam, mas ainda estou zangada com o Xaden por o ter destacado para me proteger.

O Liam solta o resfôlego e sorri, mostrando a covinha.

– E agora está com um ar furioso. Diz-me, é divertido irritar o cavaleiro mais poderoso do quadrante?

– Podes tentar e descobrir – sugiro, a abrir o meu caderno na próxima página vazia. Não me posso virar. Não o vou fazer. Desejar o Xaden não é problema. Não pode ser. Ceder aos impulsos que me provoca? Isso já é asinino.

– Acho que vou dizer não.

Perco a batalha com o meu autocontrolo e olho por cima do ombro. Como era de prever, o Xaden está sentado na fila de cima ao lado do Garrick, a dominar a arte de se mostrar aborrecido. Acena com a cabeça para o Liam, que retribui o gesto.

Reviro os olhos e volto-me para a frente de novo.

O Liam concentra-se na escultura, que é muito parecida com o Cauda de Punhal Vermelho dele, o Deigh.

– Juro que parece que alguém me quer assassinar em todas as aulas com a forma como ele te obriga a seguir-me para todo o lado. – Abano a cabeça.

– Tenho de lhe dar alguma razão. As pessoas gostam de te tentar matar. – A Rhiannon dispõe os materiais dela na secretária.

– Uma vez! Aconteceu uma vez, Rhi. – Adapto a postura para tirar o peso das costelas magoadas. Estão bem ligadas, mas não posso recostar-me no assento de maneira nenhuma.

– Certo. E então o que chamarias àquela coisa toda com o Tynan? – pergunta a Rhiannon.

– Debulha. – Encolho os ombros.

– E as ameaças constantes do Barlowe? – A Rhiannon levanta uma sobrancelha na minha direção.

– Ela tem alguma razão – intervém o Sawyer, a inclinar-se para a frente no assento ao lado do da Rhiannon.

– São só ameaças. A única vez em que fui realmente atacada foi à noite e o Liam não está exatamente a dormir no meu quarto.

– Bem, eu não me importo… – começa ele, com a faca a pairar sobre o pedaço de madeira.

– Não comeces, sequer. – Viro a cabeça de chofre para olhar para ele e não consigo deixar de me rir. – Não tens vergonha nenhuma, sempre a arrastar a asa.

– Obrigado. – Ele ri-se e volta à escultura.

– Não era um elogio.

– Não lhe ligues, está só sexualmente frustrada. Ficamos rezingonas quando estamos assim. – A Rhiannon escreve a data na página vazia e eu sigo-a imediatamente, mergulhando a minha pena no tinteiro portátil. Aquelas canetas fáceis que não esborratam que alguns dos outros já podem usar são só mais uma razão por que mal posso esperar para canalizar. Acabam-se as penas. Acabam-se os tinteiros.

– Não tem *nada* que ver com isso. – Deuses, porque é que ela não fala mais baixo.

– É uma pena eu não servir – provoca o Liam. – Mas de certeza que o Riorson não se importaria que eu avaliasse um par de candidatos, sobretudo se isso significar que vais deixar de lhe mostrar o dedo do meio em frente da divisão inteira.

– E como é que tu ias avaliar os candidatos, exatamente? O que é que vais classificar? – pergunta a Rhiannon, com uma sobrancelha levantada por cima do sorriso largo. – Tenho de ouvir isto.

Consigo manter a cara séria por dois segundos inteiros antes de me rir ao ver o ar horrorizado do Liam.

– Obrigado pela oferta. Não deixarei de te dar a conhecer potenciais relações para tua apreciação.

– Bem, poderias ficar a olhar – continua a Rhiannon, a pestanejar inocentemente na direção dele. – Só para te certificares de que ela está completamente coberta. Enfim, para que ninguém… lhe dê uma estocada.

– Oh, já estamos a contar piadas sobre pilas? – pergunta o Ridoc ao lado do Liam. – Porque toda a minha vida me conduziu até este momento.

Até o Sawyer se ri.

– Foda-se – murmura o Liam num sussurro. – Estou só a dizer que uma vez que agora estás protegida à noite… – Rimo-nos ainda mais e ele solta um suspiro pesado.

– Espera. – Deixo de me rir. – O que queres dizer com isso de eu estar protegida à noite. Porque tu estás no quarto ao lado? – O meu sorriso esvai-se. – Diz-me, por favor, que ele não te está a obrigar a dormir no corredor ou algo igualmente odioso.

– Não. Claro que não. O Xaden guarneceu a tua porta na manhã depois do ataque. – A expressão dele diz claramente que eu deveria estar a par desta informação. – Suponho que ele não te tenha dito nada.

– Ele *o quê*?

– Guarneceu a tua porta – diz o Liam, mais baixinho desta vez. – Para que só tu a possas abrir.

Merda. Não sei o que sentir quanto a isso. É mais do que ligeiramente controlador e passa completamente dos limites, mas também é… querido.

– Mas se foi ele que a guarneceu, também pode entrar, certo?

– Bem, sim. – O Liam encolhe os ombros no momento em que o Professor Markham e a Professora Devera descem as escadas e se dirigem para a frente da sala. – Mas o Riorson não te vai matar.

– Certo. Estás a ver, ainda me estou a habituar a essa pequena mudança de mentalidade. – Atrapalho-me com a pena, que cai ao chão, mas antes de eu me dobrar para a apanhar, as sombras debaixo do braço da minha secretária levantam o objeto como se fosse uma oferta. Retiro-a das sombras e viro a cabeça para olhar para o Xaden.

Está em amena cavaqueira com o Garrick sem me dar atenção nenhuma.

Só que, pelos vistos, não é bem assim.

– Se pudermos começar – diz o Markham em voz alta para a sala, e todos nós nos calamos quando ele pousa o pergaminho que o Liam e eu lhe entregámos antes do pequeno-almoço no palanque. – Excelente.

Escrevo *Sumerton* no cimo da página e o Liam troca a faca por uma pena.

– Primeiro anúncio – diz a Professora Devera depois de dar um passo em frente. – Decidimos que os vencedores da Batalha dos Esquadrões deste ano não só ganham o direito à vanglória… – Sorri como se nos esperasse uma surpresa. – … mas também a uma viagem às linhas da frente para acompanharem uma divisão no ativo.

Ouvem-se aclamações em toda a volta.

– Então se ganharmos temos a oportunidade de morrer mais cedo? – sussurra a Rhiannon.

– Talvez estejam a tentar usar psicologia inversa. – Relanceio para os outros à nossa volta que estão claramente entusiasmados e fico preocupada com a

sanidade deles. Mas, pensando bem, a maioria das pessoas nesta sala consegue manter-se em cima do respetivo dragão.

– *Tu também consegues.*

– *Não tens nada melhor para fazer com o teu dia do que ouvir a minha autocomiseração?*

– *Nem por isso. Agora presta atenção.*

– *Deixa de te intrometeres e talvez eu preste* – riposto.

O Tairn bufa. Um dia talvez seja capaz de traduzir aquele som, mas não vai ser hoje.

– Eu sei que a Batalha dos Esquadrões só começa na primavera – continua a Professora Devera –, mas pensei que esta notícia vos pudesse dar a motivação adequada para se aplicarem todos os dias em todas as áreas até ao início dos desafios.

Mais aclamações ressoantes.

– E agora que cativámos a vossa atenção. – O Professor Markham levanta a mão e a sala fica em silêncio. – As linhas da frente estão relativamente calmas hoje, pelo que vamos aproveitar a oportunidade para dissecarmos a Batalha de Gianfar.

A minha pena paira sobre o caderno. Ele não acabou de dizer aquilo, certamente.

As luzes mágicas sobem para os Penhascos de Dralor que isolam Tyrrendor e alçam a província inteira várias centenas de metros acima do resto do Continente, antes de se intensificarem na antiga fortaleza ao longo da fronteira sul.

– Esta batalha foi fundamental para a unificação de Navarre e, embora tenha acontecido há mais de seis séculos, há lições importantes que continuam a afetar as nossas formações de voo até hoje.

– Ele está a falar a sério? – sussurro para o Liam.

– Sim. – O Liam aperta a pena até a dobrar. – Acho que está.

– O que é que tornou esta batalha única? – pergunta a Professora Devera com as sobrancelhas levantadas. – Bryant?

– A fortaleza não só foi construída para resistir um cerco – diz o instruendo do segundo ano acima de nós –, mas também estava equipada com a primeira besta de dardos cruzados, que provou ser uma arma letal contra os dragões.

–Sim. E? – incita a Professora Devera.

– Foi uma das últimas batalhas em que os grifos e os dragões trabalharam lado a lado para aniquilar o exército dos Baldios – continua o Bryant.

Olho para a esquerda e para a direita e vejo os outros cavaleiros a começarem a tirar notas. Surreal. Isto é simplesmente… surreal. Até a Rhiannon está a escrever a toda a velocidade.

Nenhum deles sabe o que nós sabemos: que uma aldeia inteira de navarreses foi saqueada ontem à noite junto à fronteira e que as provisões foram pilhadas. Não obstante, estamos a discutir uma batalha que aconteceu antes da invenção da muito conveniente canalização doméstica.

– Agora, prestem atenção – aponta o Professor Markham. – Porque vão entregar um relatório detalhado daqui a três dias e fazer comparações com batalhas dos últimos vinte anos.

– Aquele pergaminho estava marcado como confidencial? – pergunta o Liam num sussurro.

– Não – respondo igualmente baixinho. – Mas talvez eu não tenha visto? – O mapa de batalhas nem sequer mostra atividade perto daquela serra.

– Sim. – Ele assente com a cabeça, a esfregar a pena no pergaminho para começar a tirar notas. – Deve ter sido isso. Não viste.

Pestanejo e obrigo a minha mão a fazer apontamentos sobre uma batalha que já analisei dezenas de vezes com o meu pai. O Liam tem razão. É a única explicação possível. Não temos autorização suficiente ou talvez não tenham acabado de recolher toda a informação necessária para a elaboração de um relatório preciso.

Ou tinha de estar marcado como confidencial. E eu não vi.

O primeiro assomo de poder é inconfundível. A primeira vez que se materializa em ti, rodeia-te com uma fonte de energia aparentemente infinita e vais ficar viciada com a sensação, com as possibilidades que te dá, com o controlo que tens na palma da mão. Mas o problema é o seguinte: esse poder pode virar-se rapidamente e controlar-te *a ti*.

– Página sessenta e quatro, O Livro do Brennan



CAPÍTULO XXII

O resto do mês de novembro passa sem nenhuma menção ao que aconteceu em Sumerton, e quando os ventos uivantes trazem neve em dezembro eu já não tenho esperança de ver o comando a divulgar a informação. Eu e o Liam não podemos propriamente perguntar aos professores sem nos incriminarmos por termos lido o que era obviamente confidencial, mesmo que não estivesse marcado como tal.

Fico a pensar nas outras matérias que não chegam a ser discutidas na aula de Sumário de Batalha, mas não falo com ninguém sobre o assunto. Entre isso e a crescente frustração com a minha incapacidade de canalizar – ao contrário de três quartos do meu ano – ando a guardar muitas coisas para mim por esta altura.

– *Não completamente* – resmunga o Tairn.

– *Não quero comentários teus depois de quase me teres deixado bater na vertente da montanha hoje*. Fico com o estômago a dar voltas só de pensar na distância que ele me deixou cair.

A instruenda do primeiro ano da Terceira Divisão não teve a mesma sorte. Caiu do assento durante uma manobra nova e acabou no rol de mortes esta

manhã.

A Rhiannon lança a flecha da besta e eu faço um arco de costas, escapando por pouco ao ataque. Para minha completa surpresa, mantenho o equilíbrio no tapete de treino.

– *Então não caias da próxima vez.*

– *Começa a canalizar e talvez eu consiga fazer isso* – riposto.

– Estás distraída esta noite. – A Rhiannon recua quando eu recupero o equilíbrio, mostrando-me uma misericórdia que nenhum adversário revelaria durante um desafio. O olhar dela vira-se para o outro lado do tapete, onde o Liam está sentado num banco a esculpir mais um dragão, e volta para o meu com uma expressão que me diz que vai continuar mais tarde, depois de eu ter sido libertada da minha sombra constante para ir dormir. – Mas estás mais rápida do que eras. O que a Imogen está a mandar-te fazer está a resultar.

– *Ainda não estás pronta para a canalização, Prateada.*

– Como se alguma vez houvesse dúvidas – diz a Imogen em voz alta do tapete seguinte, onde está a fazer uma gravata ao Ridoc na maior das descontrações, à espera que ele bata no tapete em desistência.

À minha esquerda, o Sawyer e a Quinn circundam-se um ao outro a preparar-se para mais uma ronda e, atrás da Rhiannon, o Emery e Heaton estão a fazer o melhor que podem para treinar os outros instruendos do primeiro ano que vieram para a nossa esquadra depois da Debulha enquanto o Dain observa a sala, evitando cuidadosamente tudo o que tenha que ver comigo.

De acordo com as suas ordens mais recentes, as terças-feiras à noite são para o treino da luta corpo a corpo entre a esquadra, porque toda a carga académica que temos sobre os ombros, conjugada com as aulas de voo e, agora, a instrução de manipulação dos poderes, para alguns de nós não está a deixar muito tempo para o tapete. Alguns dos tapetes mais distantes estão ocupados por outros cavaleiros com a mesma ideia e um deles é o Jack Barlowe.

Daí que o Liam tenha recusado o convite do Ridoc para treinar o combate com ele.

– Estás a facilitar-me demasiado a vida – digo à Rhiannon. O suor escorre-me pelas costas e humedece-me a túnica justa que escolhi vestir enquanto o meu colete de escamas de dragão seca no banco ao lado do Liam.

Ele não precisa de mais treino, na verdade. Já levou toda a gente ao tapete exceto o Dain, e parte de mim pensa que isso só ainda não aconteceu porque o Dain se recusa a ser superado por um cavaleiro mais jovem.

– Já estamos nisto há uma hora. – A Rhiannon brande o bastão pelo ar. – Estás cansada e a última coisa que quero fazer é magoar-te.

– Os desafios vão recomeçar depois do solstício – recordo-lhe. – Não me estás a fazer nenhum favor quando te conténs.

– Ela não está enganada – diz uma voz cava atrás de mim.

Na minha visão periférica, vejo o Liam levantar-se e murmuro um palavrão sussurrado.

– Bem sei – digo por cima do ombro quando o Xaden passa pelo meu tapete acompanhado do Garrick, como é habitual. No entanto, não consigo desviar os olhos até ele passar. Deuses, estou desgraçada. – Vai-te embora se não tiveres nada mais útil para dizer.

– Movimenta-te mais depressa. A probabilidade de morreres será menor. Foi útil? – responde ele, assumindo uma posição num tapete mais perto do centro do ginásio de treino de combate.

Os olhos da Rhiannon dilatam-se e o Liam abana a cabeça.

– O que foi?

– A maneira como falas com ele – murmura a Rhiannon.

– O que é que ele vai fazer? Matar-me? – Invisto para a frente a tentar acertar-lhe nas pernas com o meu bastão.

Ela salta por cima do ataque, roda, bate com o bastão no meu e ouve-se um estalo.

– É provável que se matem um ao outro – interrompe o Liam, a voltar a sentar-se. – Estou ansioso por ver como é que vocês os dois se vão dar depois da graduação.

Depois da graduação.

– Não me permiti pensar além desta semana, quanto mais até à graduação. – Sobretudo porque há algumas perguntas muito difíceis que não estou pronta para fazer.

– Bem, eu sei que estás… agastada com o tempo que o Tairn está a demorar para canalizar – diz a Rhiannon, a circundar-me no tapete novamente. – Só estou

a dizer que é mais seguro libertares essa raiva comigo neste tapete do que com o chefe de divisão gigante que manipula as sombras.

– Eu não quero descontar a minha raiva em ti. Tu és minha amiga. – Faço um gesto na direção geral do Xaden. – Foi ele que me atirou com uma sombra de que não me consigo livrar porque pensa que eu sou a *fraqueza* dele. Mas ajuda-me em alguma coisa? – Ataco com o bastão e ela riposta. – Não. Treina-me? – Mais uma investida, mais uma colisão de bastões. – Não. É extraordinariamente bom a aparecer quando estou quase a morrer e a eliminar ameaças, mas é só isso. – E é muito óbvio que não tem nenhuma dificuldade em manter os olhos longe de mim e eu não posso dizer o mesmo.

– Portanto, não há dúvida de que há aí raiva – diz a Rhiannon num falar arrastado enquanto se afasta facilmente em rotação.

– Tu também ficarias furiosa se alguém te tirasse a liberdade. Se tivesses o Liam à tua porta de manhã à noite, mesmo que ele pareça ser um ótimo rapaz. – Evito um dos ataques dela.

– Obrigado pelas palavras – intervém o Liam, a provar o que eu acabo de dizer.

– Sim – concorda ela. – Ficaria. E estou chateada por ti. Agora, vamos dar uso a essa raiva. – A Rhiannon inicia mais uma série de golpes e eu aguento-me, mas só porque ela está a fazer exatamente o que eu a acusei de fazer e a facilitar-me a vida.

Depois cometo o erro de olhar por cima do ombro para o centro do ginásio.

Bom. Que. Dói.

O Xaden e o Garrick tiraram as camisas e estão a fazer treino de combate como se a vida deles dependesse disso, e eu só vejo uma mancha de pontapés, murros e músculos latejantes. Nunca vi duas pessoas a movimentar-se tão depressa. É uma dança bela e hipnotizante com uma coreografia letal que me faz suster a respiração sempre que o Garrick investe para matar e o Xaden o evita.

Já vi inúmeros cavaleiros a treinar combates sem as camisas ao longo dos últimos meses. Não é nada de novo. Eu deveria ser completamente imune ao corpo masculino, mas nunca o vi a *ele* sem camisa.

Cada ponta do corpo do Xaden está afiada como uma arma, tudo linhas vincadas e poder quase irreprimível. A relíquia da rebelião contorce-se no tronco e destaca-se do bronze profundo da pele, acentuando cada murro que desfere, e a

barriga… bem, quantos músculos *há* nos abdominais? Os dele são tão rigidamente definidos que provavelmente poderia contar cada um se tudo o resto nele não me distraísse tanto. E tem a maior relíquia de dragão que eu já vi. A minha ocupa a pele entre as omoplatas, mas a marca da Sgaeyl ocupa-lhe as costas inteiras.

E eu sei exatamente qual é a sensação do corpo dele em cima do meu, todo o poder…

Sinto uma picada na anca, que me tira do meu transe, e sobressalto-me.

– *É bem feito* – admoesta o Tairn.

– Presta atenção! – grita a Rhiannon, a afastar o bastão. – Eu poderia ter… oh. – É claro que ela vê o mesmo que eu, o que quase todas as outras mulheres, e vários homens, estão a observar alegremente.

Como é que podemos deixar de olhar quando são ambos tão hipnotizantes?

O Garrick é mais entroncado, com músculos mais densos do que o Xaden, e tem uma relíquia da rebelião que se estende até ao início do ombro e é a segunda maior que eu já vi. Só a do Xaden é que lhe chega à linha marcada do maxilar.

– Aquilo é… – murmura a Rhiannon ao meu lado.

– Sem dúvida – concordo.

– Deixem de olhar para o nosso chefe de divisão como um objeto – provoca o Liam.

– É isso que nós estamos a fazer? – pergunta a Rhiannon, sem se dar ao trabalho de desviar o olhar.

Fico com água na boca ao ver a amplidão musculada das costas do Xaden e aquele cu esculpido.

– Sim, acho que é isso que estamos a fazer.

O Liam solta um resfôlego.

– Podíamos estar só a olhar por causa da técnica.

– Sim. Poderíamos, claro. – Mas eu não estou. Estou desavergonhadamente a imaginar qual seria a sensação da pele dele sob as pontas dos meus dedos, como o meu corpo reagiria se tivesse cada bocado daquele foco tão intenso em *mim*. Sinto o calor a percorrer-me as veias e a formigar-me as faces.

O som de algo a bater repetidamente chama-me a atenção para a direita, onde o Ridoc está a bater no tapete com fervor. A Imogen larga-o e deixa-o ofegante

no tapete e sou tomada por um assomo ilógico de ciúme feio e retorcido que me aperta o peito ao ver o desejo puro que ela não consegue esconder observando o Xaden e o Garrick.

– Se vocês se distraem tão facilmente, estamos fodidos na Batalha dos Esquadrões – ralha o Dain. – Podem dizer adeus à ideia de visitar as linhas da frente.

Despertamos todas daquele fascínio e eu abano a cabeça como se isso pudesse aliviar a necessidade atordoante que exige que eu faça mais do que olhar para o Xaden, o que é simplesmente… ridículo. Ele só tolera a minha existência porque os nossos dragões são um casal e eu estou aqui a babar-me com o corpo seminu dele.

Mas é um corpo seminu *muito* agradável.

– Voltem ao trabalho. Temos mais meia hora – ordena o Dain, e eu sinto que está a falar diretamente comigo, o que seria a primeira coisa que me diria desde que a minha memória levou à morte da Amber.

– *Ela é que se matou quando violou o Códice* – rosna o Tairn.

E, claro, quando olho de relance para o Dain, vejo-o com os olhos entrefechados em mim, mas devo estar a ler mal a cara dele. Com certeza não é a traição que lhe está a cerrar os lábios.

– Vamos? – pergunta a Rhiannon a levantar o bastão.

– Sim, é melhor. – Enrolo os ombros para a frente e recomeçamos. Acompanho-a em cada movimento, usando os padrões que me ensinou, mas é ela que inicia o ataque seguinte.

– *Deixa de te defender e parte para a ofensiva!* – manda o Tairn, e a ira do meu dragão inunda-me o sistema e desestabiliza-me o trabalho de pés.

A Rhiannon varre-me com as pernas e eu caio de costas, ficando sem fôlego ao embater no tapete.

Procuro por ar sem o encontrar.

– Merda, desculpa, Vi. – A Rhiannon pousa um joelho no chão ao meu lado. – Acalma-te e espera um segundo.

– E, no entanto, foi a cavaleira que o Tairn escolheu – troça o Jack, a falar com alguém da esquadra dele e a rir-se com malícia na ponta do tapete. – Começo a pensar que se enganou na escolha, mas, tendo em conta que ainda não te vi a manipular nenhum poder, aposto que pensas o mesmo, não é, Sorrengail? Não

deverias ter duas vezes mais capacidade de canalizar, uma vez que tens dois dragões?

As coisas não são assim com a Andarna, mas nenhum deles o sabe.

O Liam levanta-se e coloca-se entre mim e o Jack quando o primeiro fio de ar me chega aos pulmões.

– Acalma os cavalos, Mairi. Não vou atacar a tua pequena protegida. Porque é que o haveria de fazer se posso muito bem desafiá-la daqui a duas semanas e partir-lhe o pescoço franzino sem querer à frente de um público. – O Jack cruza os braços à frente do peito e olha para as minhas dificuldades em respirar com uma expressão de prazer puro. – Mas diz-me uma coisa, já estás a ficar cansado de fazeres de ama, não estás? – O amigo dele da Primeira Divisão oferece-lhe algo, um gomo da laranja que está a comer, e o Jack sacode-lhe a mão com uma palmada no pulso. – Tira-me essa merda nojenta da frente. Queres que eu acabe na enfermaria.

– Põe-te no caralho, Barlowe – avisa o Liam com o punhal na mão.

Consigo inspirar uma vez, depois duas quando o Jack tira os olhos dos meus e os coloca em alguém que está atrás de mim. O olhar que tem no rosto, metade inveja, metade a cagar-se de medo, significa que só pode ser o Xaden.

– Ela só está viva por tua causa – diz o Jack num tom de cólera, mas com o rosto pálido.

– Sim, porque fui eu que te enterrei um punhal no ombro durante a Debulha.

Finalmente a respirar com alguma normalidade, levanto-me, cambaleante, agarrada com ambas as mãos ao bastão.

– Podemos resolver isto já – diz o Jack, a desviar-se do Liam para me olhar nos olhos. – Se já estiveres cansada de te esconder atrás de homens grandes e fortes.

Sinto um nó no estômago porque ele está certo. A única razão por que não aceito o desafio dele é porque não tenho a certeza de que o possa vencer e a única razão por que ele não me está a atacar é a presença do Liam e do Xaden. Se eu atacar o Jack neste momento, eles matam-no. O corpo possante do Garrick aparece à esquerda e, contrariada, acrescento-o à minha lista de protetores. Caramba, até a Imogen se chegou mais perto, mas não por minha causa.

Apenas por causa *dele*.

– Era o que eu pensava – diz o Jack, a soprar-me um beijo.

– Tu é que fugiste – rosno, a desejar poder investir sobre ele e dar-lhe uma carga de porrada, mas a fazer força para que os meus pés fiquem onde estão. – Naquele dia no campo, *puseste-te a andar com o rabinho entre as pernas* quando estavam três contra uma e ambos sabemos que, quando chegar a altura, vais voltar a fugir. É isso que os cobardes fazem.

O Jack cora e os olhos por pouco não fogem das órbitas.

– Oh, que caralho estás a dizer, Violet – murmura o Dain.

– Não está a dizer nenhuma mentira – diz o Xaden num tom arrastado.

O Garrick ri-se e o Liam força o Jack a afastar-se quando ele salta na minha direção. As botas do Jack chiam no chão de madeira tentando manter-se firme quando o Liam o empurra para fora do ginásio.

Com um movimento de pulso, o Xaden usa os poderes que tem para fechar a porta e trancar o Jack do lado de fora.

– Em que raio estavas a pensar ao provocá-lo daquela maneira? – O Dain vem decidido na minha direção com as sobrancelhas levantadas de incredulidade.

– Oh, *agora* já te apetece falar comigo? – Levanto o queixo, mas é o Xaden que me enche a vista ao interpor-se entre nós. A fúria que lhe anima os olhos é evidente, mas eu não recuo.

– Deem-nos um segundo. – O olhar dele está fixado no meu, mas ambos sabemos que ele não está a falar comigo.

O meu pulso vacila.

A Rhiannon recua.

– Vais dizer-me por que caralho é que não estás com aquilo vestido? – Aponta para o banco onde está a minha couraça com um tom baixo, mas mortal.

– De vez em quando tenho de a lavar.

– E achaste que era boa ideia fazê-lo durante o *treino de combate*? – O peito eleva-se-lhe como se ele estivesse a tentar controlar-se.

Eu estou apenas a tentar *não* reparar no peito dele nem no calor que está a lançar como se fosse o raio de um forno.

– Lavei-a *antes* do treino, porque sabia que poderia secar enquanto o teu cão de guarda me vigia, em vez de dormir sem ela porque ambos sabemos o que acontece atrás de portas trancadas neste lugar.

– Atrás das tuas não volta a acontecer. – O maxilar do Xaden lateja. – Eu já tomei as providências necessárias.

– E eu devo confiar em *ti*, é?

– Deves. – Uma veia do pescoço do Xaden faz-se saliente.

– E é *tão* fácil para ti. – A minha voz pinga sarcasmo.

– Sabes muito bem que eu não te posso matar. Foda-se, Sorrengail, todo o *quadrante* sabe que eu não te posso matar. – Inclina-se sobre o meu espaço e eclipsa o resto da sala.

– Isso não significa que não me possas magoar.

Ele pestaneja e recua, recompondo-se em menos de um instante enquanto o meu coração continua acelerado.

– Deixa de treinar com um bastão. É muito fácil tirar-to das mãos. Continua com os punhais.

Para minha surpresa, ele não tenta arrancar-mo das mãos só para provar que é capaz.

– Estava a safar-me muito bem até o Tairn entrar na minha cabeça cheio de raiva e me distrair – aponto, com as minhas defesas a erguer-se como o pelo do pescoço de um cão.

– Então aprende a bloqueá-lo. – Diz ele como se fosse assim tão simples.

– O quê? Com este poder todo que eu estou a manipular? – Levanto as sobrancelhas. – Ou não sabes que eu ainda não estou a canalizar? – Quero estrangulá-lo, pôr algum juízo tão necessário naquela cabeça linda que ele tem.

O Xaden inclina-se até ficarmos quase nariz com nariz.

– Estou irritantemente ciente do *tudo* o que fazes.

Graças ao Liam.

Todo o meu corpo vibra de raiva, de exasperação, de… o que quer que esta tensão elétrica seja entre nós aqui frente a frente, com os olhos fixos um no outro em combate.

– Chefe de divisão Riorson – começa o Dain. – A Violet ainda não está habituada ao vínculo, mais nada. Mas vai aprender a bloquear o dragão.

As palavras do Dain ardem como um golpe. Eu inspiro sofregamente e recuo para me afastar do Xaden. Deuses do céu, estamos a dar uma merda de um *espetáculo*. O que é que o Xaden tem que me faz desligar do resto do mundo?

– Escolhes um momento muito estranho para a defenderes, Aetos. – O Xaden praticamente revira os olhos ao virar-se para o Dain. – E momentos muito convenientes para *não* o fazeres.

O maxilar do Dain cerra-se e as mãos fecham-se em punhos junto às ilhargas.

Está a falar da Amber. Eu sei-o. O Dain sabe-o. Toda a gente nesta sala cheia de constrangimentos o sabe. Toda a nossa esquadra estava lá quando o Dain exigiu que eu dissesse que o Xaden estava a mentir.

O Xaden volta a virar aqueles olhos insondáveis para mim.

– Faz-nos um favor a ambos e veste a puta da couraça outra vez – conclui.

Antes de eu poder ripostar, ele vira-se e sai do tapete para ir ao encontro do Garrick na ponta.

As costas dele.

O meu suspiro baixo é incontrolável, o Xaden retesa-se por um segundo antes de pegar na camisa da mão estendida do Garrick e a enfiar pela cabeça abaixo, cobrindo a relíquia azul-marinho de um dragão que lhe vai da cintura a ambos os ombros, uma textura intrincada de traços prateados que eu não conseguia ver do outro lado do ginásio.

Traços prateados que reconheço de imediato como cicatrizes.

– *Aguentaste-te e controlaste o mau-génio* – diz o Tairn a encher-me o peito de uma imensa torrente de orgulho.

– *Ela está pronta* – acrescenta a Andarna com um assomo inebriante de alegria que me deixa imediatamente atordoada.

– *Sim, está pronta* – concorda ele.

Algumas horas depois, passo a escova pelo cabelo desgrenhado na privacidade do meu quarto, ainda completamente vestida até com as botas e a couraça. Ainda não consigo acreditar que fiz figura de parva em frente de toda a minha esquadra só porque o Xaden decidiu treinar em tronco nu.

Estou mesmo a precisar de ir para a cama com alguém.

Paro a meio de uma escovadela quando um acesso de energia me desce pela espinha e se dissipa num instante.

Bem, que… estranho.

Talvez seja… *não*. Não pode ser. A sensação foi completamente diferente quando a Andarna parou o tempo através de mim. Foi uma descarga de corpo inteiro que se alastrou aos dedos das mãos e dos pés e depois… desapareceu.

Sinto outra onda a ecoar no corpo todo, desta vez mais forte, e deixo cair a escova para me agarrar à borda da cómoda e não cair quando os meus joelhos

ameaçam ceder. Desta vez, a energia não se dissipa: mantém-se, a vibrar-me debaixo da pele, a zumbir-me aos ouvidos e a sobrepor-se a todos os sentidos.

Algo dentro de mim se expande, algo que parece demasiado grande para o meu corpo, demasiado amplo para ser contido, e a dor cresta-me cada músculo que uso, num som que me ecoa pelo crânio como se tivesse ossos a estilhaçar-se. É como se eu tivesse sido rasgada nas costuras do tecido do meu ser.

Bato com os joelhos no chão e levo as mãos às têmporas, numa tentativa de enfiar tudo o que sou novamente no meu crânio e de me obrigar a encolher.

Sinto a energia a entrar de jorro – um dilúvio de poder bruto e infindável – e a corroer tudo o que eu era para criar algo completamente novo que me enche cada poro, cada órgão, cada osso. A minha cabeça desespera com a sensação de que o Tairn me inundou com demasiada energia depressa de mais e não consigo sentir aquele estampido dos ouvidos que tanto procuro. A única coisa que consigo fazer é ficar deitada no chão a rezar para que a pressão se estabilize.

Olho para a minha escova, sinto o chão de madeira a arrefecer-me a bochecha e respiro.

Inspiro e expiro.

Inspiro… expiro… rendida à chacina.

Por fim, a dor esmorece, mas a energia – o poder – não. Está… aqui simplesmente, a vagar nas minhas veias, a saturar todas as células do meu corpo. É tudo o que eu sou e tudo o que posso ser ao mesmo tempo.

Sento-me devagar e viro as palmas das mãos formigantes para cima para as examinar. Tenho a sensação de que deveriam ter um aspeto diferente, que deveriam ter mudado, mas estão iguais. Continuam a ser os meus dedos, os meus pulsos magros, mas são tão mais do que isso agora. São suficientemente fortes para direcionar a torrente que corre dentro de mim, para a transformar no que eu desejar.

– *Isto é o teu poder, não é?* – pergunto ao Tairn, mas ele não responde. – *Andarna*

Não ouço senão o silêncio.

Imagine-se, estão sempre por perto, a intrometer-se na minha cabeça quando me daria jeito um pouco mais de espaço e depois não estão em lugar nenhum quando preciso deles. Ouvi-os a dizer que eu estava pronta há algumas horas,

mas pensei que demorariam um dia ou dois a abrir completamente os portões assim que o Tairn começasse a canalizar. Pelos vistos, não é bem assim.

A Rhiannon, tenho de dizer à Rhiannon. Ela vai-se passar quando souber que posso finalmente ir à aula do Professor Carr com ela. E o Liam? Pode deixar de fazer de conta que não é capaz de canalizar para não ser obrigado a deixar-me por uma hora por dia.

Sou tomada por uma onda de calor que me formiga a perna e se centra no baixo-ventre.

É estranho, mas paciência. Provavelmente não passa de um efeito secundário do poder. Destranco a fechadura da minha porta e abro-a de chofre.

A minha visão turva-se e tenho um acesso de necessidade que me despoja de todo o raciocínio lógico que não se prenda com a satisfação do avassalador…

– Violet? – Vejo o vulto difuso de um homem à minha frente no corredor e pestanejo até os olhos focarem o Liam. – Estás bem?

– Estás a dormir no corredor? – Agarro a porta quando uma imagem de uma queda me enche o espírito e sinto a crepitação de flocos frios a entrar em contacto com a minha pele aquecida. Desaparece com a mesma rapidez com que aparece, mas o desejo torrencial e ribombante mantém-se.

Oh, merda. Isto é… luxúria.

– Não. – O Liam abana a cabeça. – Estava só aqui fora antes de me ir deitar.

Olho para ele. Olho para ele com olhos de ver. É mais do que bem-parecido, com traços fortes e olhos azul-celestes que são espetacularmente bonitos.

– Porque é que estás a olhar para mim dessa maneira? – Pousa a faca e o dragão semiesculpido.

– De que maneira? – Os meus dentes fincam-se no lábio inferior e penso em esfregar-me nele como uma gata com o cio para exigir que atenue esta dor inimaginável.

Mas não é ele quem tu queres realmente.

O Liam não é o Xaden.

– Como… – Ele levanta a cabeça para o lado. – Como se estivesse a acontecer alguma coisa. Não pareces estar… enfim… em ti.

Oh, merda.

É porque não estou em mim. Tudo isto, a necessidade, a luxúria, o desejo por uma pessoa com que deveria estar… é o Tairn.

As emoções do Tairn não estão apenas a absorver-me; estão a controlar-me.

– Eu estou bem! Vai para a cama! – Volto para o quarto e bato a porta enquanto ainda tenho a capacidade mental para o fazer.

Depois começo a andar de um lado para o outro, mas nada disso trava a próxima rajada de calor nem a compulsão para…

Tenho de sair daqui antes de cometer um erro épico e descarregar os sentimentos do Tairn no Liam.

Pego no meu manto com forro de pelo com uma mão e puxo o cabelo para cima com a outra, atiro o agasalho para cima dos ombros e aperto o fecho debaixo da garganta. Um segundo depois, espreito pela porta e, quando tenho a certeza de que a costa está livre, ponho-me a andar.

Chego ao início das escadas em espiral – as que dão para o rio – antes de ter de me encostar à parede de pedra e respirar fundo por entre as nuvens das emoções do Tairn.

Depois de a onda passar, precipito-me pelas escadas abaixo, sempre com uma mão junto à parede para o caso de ser arrebatada novamente.

As luzes mágicas tremeluzem quando me aproximo e esmorecem depois de passar a correr, como se este novo poder já estivesse a funcionar e a espalhar-se pelo mundo.

Para longe. Tenho de fugir para longe de toda a gente até o Tairn terminar… seja o que for que ele e a Sgaeyl estão a fazer.

Saio das escadas a cambalear e chego aos alicerces da cidadela. A neve enche o céu e eu levanto a cabeça para saborear o breve beijo dos flocos de neve na pele aquecida pelos motivos errados.

O ar é crepitante e frio e…

Abro os olhos quando sinto um perfume no ar e rodopio, com o manto a esvoaçar atrás de mim, para encontrar a fonte daquele fumo doce e facilmente identificável.

O Xaden está encostado à parede, com um pé apoiado na pedra, a fumar e a olhar para mim como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

– Isso é… *churam*?

Ele sopra uma baforada de fumo.

– Queres um bocado? A não ser que estejas aqui para continuar a discussão de há pouco. Nesse caso, esquece.

O meu maxilar quase sai dos eixos.

– Não! É proibido fumar isso!

– Sim, bem, é óbvio que as pessoas que inventaram essa regra não estavam vinculadas à Sgaeyl e ao Tairn, pois não? – Os lábios dobram-se num sorriso cúmplice.

Deuses, poderia ficar a olhar para os lábios dele para sempre. Têm a forma perfeita e, mesmo assim, são demasiado dissolutos para aquela linha do maxilar devastadora.

– Ajuda a… manter a distância. – Oferece-me o *churam* enrolado e levanta uma sobrancelha na minha direção… a que tem a cicatriz. – Além do que o escudo já faz, claro.

Eu abano a cabeça e piso a neve que acabou de cair para apoiar o peso na parede ao lado dele, encostando a cabeça contra a parede.

– Como queiras. – Inala profundamente o *churam* e depois apaga-o na parede.

– Tenho a porra da sensação de que estou a arder. – E estou a ser generosa com as palavras.

– Sim. Acontece. – O riso tem um quê de malicioso e cometo o erro completamente imperdoável de me virar para lhe ver o sorriso.

O Xaden, embora sombrio e mandão, perigoso e letal, é uma imagem digna de se ver que me acelera o coração. Mas o Xaden a rir-se, com a cabeça para trás e os lábios dobrados alegremente, é lindo de morrer. Tenho a sensação de que o meu coração estúpido e tonto tem um punho fechado em volta a apertar bem.

Não há nada que eu não sacrificasse, nada que eu não desse para ter um momento de descuido com este homem ao qual vou estar amarrada para o resto da minha vida.

Isto tem de ser o Tairn. Tem de ser… pura e simplesmente.

No entanto, eu sei que não é. Admirei o Liam há pouco no corredor, mas estou completa e perdidamente *obcecada* com o Xaden.

Os olhos dele cruzam-se com os meus sob a luz da lua.

– Oh, Violência, vais ter de aprender a proteger-te do Tairn ou as escapadas com a Sgaeyl vão levar-te à loucura… ou à cama de alguém.

Cerro os olhos para fugir àquele rosto lindo quando um acesso de calor me atravessa o corpo e deixa cada centímetro da minha pele a formigar e a arder. Estendo uma mão para me equilibrar contra a parede de novo.

– Oh, eu sei. Fico apavorada só de pensar que vou ver o Liam outra vez.

– O Liam? Porquê? – Ele roda para olhar para mim e apoia-se sobre o ombro. – Onde raio *está* o teu guarda-costas?

– Eu sou a minha própria guarda-costas – replico antes de encostar a bochecha à pedra gelada. – E ele está na cama.

– *Na tua* cama? – A voz dele é como um trovão a ribombar.

Abro os olhos devagar para olhar para ele. A neve torna tudo muito mais brilhante e realça-lhe a linha das sobrancelhas franzidas, a boca firme.

– Não. Não que isso seja da tua conta.

Estará com ciúmes? Aí está algo… estranhamente reconfortante.

Ele expira e deixa cair ombros.

– Não é da minha conta desde que seja consensual, e, acredita, tu não estás em condições de assentir.

– Não fazes ideia do que eu sou capaz de assentir… – Uma ânsia inegável e insaciável deixa-me quase de joelhos.

O braço do Xaden agarra-me a cintura para me equilibrar.

– Por que raio não te estás a proteger com um escudo?

– Nem todos nós recebemos aulas! Ele tinha começado a canalizar antes de tudo… isto, e, caso te tenhas esquecido, só podemos ir à aula do Professor Carr quando conseguimos manipular.

– Sempre achei essa regra ridícula. – Suspira. – Está bem. Curso rápido. Só porque já estive na tua posição e acordei com arrependimentos que cheguem.

– Vais mesmo ajudar-me?

– Ando a ajudar-te há *meses*. – A mão dele flete na minha cintura e eu juro que sinto o calor do seu toque a atravessar-me o manto e as peles.

– Não, mandaste o Liam para me ajudar. Ele é que me está a ajudar há meses. – A minha testa franze-se. – Semanas. Quase meses. Enfim.

Ele tem o descaramento de se mostrar ofendido.

– Fui eu que irrompi pela tua porta e matei toda a gente que te atacou e *depois* eliminei a outra ameaça à tua vida com uma exibição muito pública de vingança que dividiu opiniões. Não foi o Liam que fez isso. Fui eu.

– A multidão não ficou dividida. Estava toda a gente a favor. Eu estava lá.

– Tu é que estavas dividida. Na verdade, pediste encarecidamente ao Tairn para não a matar, sabendo muito bem que ela não ia desistir de ir atrás de ti.

Era um assunto que ainda podia ser discutido.

– Certo. Mas não vamos fazer de conta que não fizeste isso sobretudo em teu benefício. Seria muito inconveniente para ti se eu morresse. – Encolho os ombros, e bato-lhe com o dedo para tentar ignorar a onda crescente de luxúria que me está a absorver novamente.

Ele olha para mim com incredulidade.

– Sabes que mais? Não vou discutir contigo agora. Pelo menos se quiseres aprender a levantar um escudo para te protegeres.

– Certo. Não vamos discutir. Ensina-me. – Inclino o queixo para cima. Deuses, mal lhe chego à clavícula.

– Pede-me com jeitinho. – Ele aproxima-se.

– Sempre foste assim tão alto? – Atabalhoada, atiro a primeira coisa que me vem à cabeça.

– Não. Já fui criança a determinada altura.

Reviro os olhos.

– Pede-me com jeitinho, Violência – sussurra. – Ou vou-me embora.

Consigo sentir o Tairn no fundo do espírito, as emoções do dragão a fluir e a refluir, e sei que a próxima onda vai bater com força. Quanto tempo é que aqueles dois demoram, afinal?

– Com que frequência é que isto acontece com eles?

– Com frequência suficiente para precisares de escudos como deve ser. Nunca vais ser capaz de os bloquear completamente, e às vezes eles esquecem-se de nos bloquear, como aconteceu hoje. É por isso que o *churam* ajuda, mas, pelo menos, é como passar à frente de um bordel e não participar ativamente num.

Bem… merda.

– Certo, então. Muito bem. Vais ensinar-me a levantar um escudo?

Ele esboça um sorriso e o meu olhar baixa-lhe para os lábios.

– Diz por favor.

– És sempre assim tão difícil?

– Só quando sei que tenho algo de que precisas. O que é que eu posso dizer, gosto de te deixar embaraçada. É uma espécie de pequenina vingança pelo que me fizeste passar ao longo dos últimos meses. – Ele sacode a neve do meu cabelo.

– O que eu te fiz passar a ti? – Inacreditável.

– Já me assustaste de morte uma ou duas vezes, pelo que acho que dizer *por favor* é um pedido justo.

Como se ele tivesse sido justo alguma vez na vida dele. Inspiro fundo e esmago um floco de neve que me cai no nariz.

– Como preferires. Xaden? – Esboço um sorriso doce e aproximo-me dele aos poucos. – Importas-te, por favor, de me ajudar a criar um escudo antes de eu saltar para cima de ti sem querer como se tu fosses uma árvore e de ficarmos *ambos* com arrependimentos?

– Oh, eu estou em completo controlo das minhas capacidades. – Volta a sorrir, e eu sinto-o como uma carícia.

Perigoso. Isto é perigoso como o diabo. O calor afogueia-me a pele e fico tão quente que penso em deixar cair o manto só para sentir algum alívio. É óbvio que o Xaden não está a usar nenhum.

– E já que pediste com jeitinho. – Ajusta a postura e leva ambas as mãos às minhas faces, fechando-as em concha no meu rosto antes de as deslizar para trás para me segurar a cabeça. – Fecha os olhos.

– Precisas de me tocar? – Os meus olhos cerram-se devagar com a sensação da pele dele a tocar na minha.

– De todo. É só uma das vantagens de não pensar muito claramente. Tens uma pele em que apetece muito tocar.

O elogio faz-me sorver o ar com sofreguidão. E ele a dizer que está em pleno controlo das suas capacidades.

– Tens de imaginar um lugar. O lugar que quiseres. Eu prefiro o cimo da minha colina preferida do que resta de Aretia. Seja o que for, tens de ter a sensação de que estás em casa.

O único lugar em que consigo pensar são os Arquivos.

– Sente os teus pés a baterem no chão e a enterrar-se um pouco.

Imagino as minhas botas no chão de mármore polido dos Arquivos e meneio-as ligeiramente.

– Já está.

– Isso é a ligação à terra, tu a manteres o teu ego mental algures para não seres varrida pelo poder. Agora apela aos teus poderes. Abre os teus sentidos.

As palmas da minha mão começam a formigar e sinto uma torrente de energia a rodear-me, e a consumir-me tanto como tinha consumido no meu quarto, mas

sem a dor. Está em todo o lado, a encher os Arquivos e a forçar as paredes, fazendo-as curvar-se e dobrar-se e ameaçando quebrá-las.

– Demasiado.

– Foca-te nos teus pés. Mantém-te ligada à terra. Consegues ver de onde vem a energia? Se não, escolhe um lugar qualquer.

Viro-me para dentro de mim. A enxurrada de poder derretido está a passar pela porta.

– Estou a vê-la.

– Perfeito. Nasceste para isso. A maioria das pessoas demora uma semana só para apender a ligar-se à terra. Agora, faz o que precisares para te protegeres mentalmente dessa corrente. O Tairn é a fonte. Se bloqueares a energia, recuperarás algum controlo.

A porta. Só preciso de a fechar e puxar a enorme maçaneta que fecha os Arquivos para estancar o fogo.

O desejo deixa-me o coração a ribombar e eu agarro-me aos braços do Xaden para me ancorar à realidade.

– Tu consegues. – A voz dele soa-me tensa. – Seja o que for que criaste na tua cabeça é real para ti. Fecha a válvula. Constrói um muro. O que fizer mais sentido.

– É uma porta. – Os meus dedos fincam-se no tecido suave da túnica dele e atiro-me mentalmente contra a minha porta para tentar fechá-la aos poucos.

– Isso. Continua.

O meu corpo físico treme com o esforço que preciso para fechar a porta mentalmente, mas acabo por conseguir.

– Consegui fechar a porta.

– Ótimo. Tranca-a.

Imagino rodar o puxador gigante e ouvir o som das trancas a entrar no lugar. O alívio é imediato, uma rajada de neve fria na minha pele febril. A energia palpita e torna a porta transparente.

– Mudou, eu consigo ver o outro lado da porta.

– Sim. Nunca vais ser capaz de o bloquear completamente. Trancaste a porta?

Eu assinto com a cabeça.

– Abre os olhos, mas faz o que puderes para manteres a porta fechada. Significa manter um pé ligado à terra. Não fiques surpreendida se escorregar. Só

teremos de começar de novo.

Abro os olhos, mantendo a imagem mental da porta fechada dos Arquivos e, embora ainda tenha o corpo quente e afogueado do calor, aquela necessidade irreprimível e torrencial… amainou ligeiramente.

– Ele está… – Não consigo encontrar as palavras certas.

O Xaden olha para mim com uma intensidade que me faz inclinar na direção dele.

– És fabulosa. – Ele abana a cabeça. – Eu demorei *semanas* a conseguir fazer isso.

– Talvez o meu professor seja melhor. – A emoção que me intumesce é mais do que alegria. É euforia que me deixa a sorrir como uma tonta. Finalmente não sou apenas boa em algo, sou *fabulosa.*

Os polegares dele afagam-me a pele atrás das orelhas e o olhar desce para os meus lábios e inflama-se. Com as mãos fletidas, puxa-me para a frente alguns centímetros antes de me largar de repente e recuar um passo.

– Raios. Tocar-te foi má ideia.

– Péssima – concordo, mas a minha língua roça-me o lábio inferior.

Ele *geme* e o meu íntimo derrete-se com o som.

– Beijar-te seria um erro catastrófico.

– Calamitoso. – O que é preciso para voltar a ouvir aquele gemido?

Os centímetros que nos separam parecem acendalhas, prontas a arder à primeira sugestão de calor, e eu sou uma chama viva e crepitante. Deveria fugir de tudo isto a sete pés, mas negar a atração carnal que sinto é completa e absolutamente impossível.

– Vamos arrepender-nos ambos. – O Xaden abana a cabeça, mas há mais do que desejo nos olhos dele quando os baixa para os meus lábios.

– Naturalmente – sussurro. Mas saber que me vou arrepender não me impede de querer… de o querer a ele. O arrependimento é um problema para a Violet do futuro.

– Que se foda.

Num segundo está fora de alcance e no segundo seguinte tem a boca na minha, quente e insistente.

Deuses, *sim*. É mesmo disto que eu preciso.

Estou presa entre a pedra inamovível da parede e os traços fortes do corpo do Xaden e não queria estar em mais lugar nenhum. Esta ideia deveria moderar-me, mas a única coisa que eu faço é entregar-me à procura de mais.

Ele enfia a mão no meu cabelo e segura-me a parte de trás da cabeça, puxando-a para trás para um beijo mais profundo, e os meus lábios entreabrem-se de desejo. Ele aceita o convite e desliza a língua pela minha com movimentos provocantes de quem sabe o que faz e eu não consigo fazer nada senão agarrar-lhe o peito e empunhar o tecido da camisa para o puxar para mim ao sentir o desejo a serpentear-me pela espinha abaixo.

O Xaden sabe a *churam* e hortelã, a tudo o que eu não deveria querer, mas não consigo deixar de precisar e retribuo o beijo com tudo o que tenho, sugando-lhe o lábio inferior e raspando os dentes por cima dele.

– Violência – geme ele, e o som da minha alcunha nos lábios dele só me aumenta a avidez.

Mais perto. Preciso dele *mais perto*.

Como se conseguisse ouvir o que eu estou a pensar, o Xaden beija-me com mais fervor, apoderando-se de cada traço e curva da minha boca com uma intensidade desbragada que me deixa o corpo a vibrar. Ele está tão ávido como eu e quando me leva a mão às nádegas e me levanta, enrolo as pernas em redor da cintura dele e seguro-me como se a minha vida dependesse de este beijo nunca acabar.

A parede finca-se nas minhas costas, mas eu não quero saber. Tenho finalmente as mãos no cabelo dele e é tão suave como o imaginava. O Xaden beija-me até eu me sentir completamente devorada e explorada e depois suga-me a língua para a boca dele para que eu possa fazer o mesmo.

Isto é uma loucura total e completa, mas não consigo parar. Quero mais. Poderia viver para sempre neste bocado minúsculo de insanidade se isso significasse que a boca dele se manteria na minha e o meu mundo se reduziria ao calor do corpo dele e aos movimentos hábeis da língua.

A anca dele encontra-se com a minha e eu suspiro com aquela fricção deliciosa. Ele interrompe o beijo e desliza-me a boca pelo maxilar, pelo pescoço, e eu sei que vou fazer qualquer coisa para o manter aqui comigo. Quero sentir a boca dele em *todo o lado*.

Somos um emaranhado de línguas e dentes, lábios e mãos em exploração com a neve a cair sobre nós, e o beijo consome-me da mesma forma que a energia tinha feito antes, tão completamente que o sinto em todas as células do meu corpo. A ânsia palpita-me entre as coxas e sobressalto-me ao perceber que não há nada que ele possa fazer que eu não receba de bom grado. Quero-o.

Só a ele. Aqui. Agora. Em qualquer lugar. A qualquer hora.

Nunca estive tão descontrolada só com um beijo. Nunca desejei ninguém como o desejo a ele. É entusiasmante e aterrador ao mesmo tempo porque sei que neste momento ele tem o poder de acabar comigo.

E eu deixaria que o fizesse.

Rendo-me completamente, fundo-me nele, deixo o corpo moldar-se ao dele e perco aquele apoio mental a que ele chama ligação à terra. Vejo um clarão de luz a arder atrás dos meus olhos fechados, seguido pelo estrondo de um trovão. As tempestades de neve não são incomuns neste lugar, mas caramba, é a síntese perfeita do que isto me faz sentir: selvagem e descontrolada.

Mas é então que ele interrompe o beijo com um suspiro súbito e franze o sobrolho com algo parecido com o pânico, antes de cerrar os olhos.

Ainda estou com dificuldade em inspirar completamente quando ele se afasta abruptamente da parede e me agarra as coxas por trás para me voltar a pousar no chão. Assegura-se de que estou em pé e recua alguns passos, como se a distância lhe pudesse salvar a vida.

– É melhor ires. – As palavras são tensas e não condizem com o calor dos olhos, a respiração entrecortada.

– Porquê? – O frio é um choque para o meu sistema sem o calor do corpo dele.

– Porque eu não posso. – Passa ambas as mãos pelo cabelo e deixa-as ficar em cima da cabeça. – E recuso-me a aproveitar um desejo que não é teu. Por isso, volta para aquelas escadas. Agora.

Abano a cabeça.

– Mas eu quero… – Tudo.

– Não é um querer *teu*. – Levanta a cabeça para o céu. – Esse é o raio do problema. E não te posso deixar aqui sozinha, por isso tem alguma pena de mim e vai-te embora.

Ficamos ambos num silêncio frio enquanto eu me tento controlar. Ele está a dizer que *não*.

E o pior disto tudo não é a frieza da rejeição cavalheiresca. É ele ter *razão*. Isto começou porque eu não conseguia distinguir as emoções do Tairn das minhas. Mas essas emoções desapareceram, não foi? A minha porta está escancarada e não sinto nada a vir da direção do Tairn.

Consigo assentir com a cabeça e fujo pela segunda vez na mesma noite, subindo as escadas o mais rapidamente possível para voltar para a cidadela. Os meus escudos estão em baixo, mas não me dou ao trabalho de fechar essa porta mental, uma vez que o Tairn não está a forçar a passagem.

O bom senso prevalece quando chego ao cimo das escadas com as coxas a arder do exercício. O Xaden impediu-nos de cometermos um enorme erro.

Mas eu não.

O que raio se passa comigo? E como é que eu poderia estar a um instante de rasgar as roupas para me aproximar de uma pessoa de que não gosto e, pior ainda, em quem não sei se posso confiar completamente?

É mais difícil do que deveria ser continuar a caminhar na direção do meu quarto quando a única coisa que eu quero é voltar a descer aqueles degraus estúpidos.

Amanhã vai ser um dia de merda.

A visão mais preocupante para qualquer instrutor é definitivamente a de um poder a virar-se contra quem o manipula. Perdemos nove cadetes no meu primeiro ano para sinetes que não podiam ser controlados na sua primeira manifestação. Uma pena.

– Guia para o Quadrante dos Cavaleiros do Major Afendra
(edição não autorizada)



CAPÍTULO XXIII

– Nem sequer sei em que é que estava a pensar – digo à Rhiannon sentada sobre as pernas cruzadas na cama dela, a vê-la a arrumar a bolsa a tiracolo com livros para a tarde. Sinto a relíquia nas minhas costas a arder hoje, como se precisasse de me recordar de que agora já sou capaz de canalizar e enrolo os ombros para tentar amainar a sensação, mas é impossível. O meu relógio começou a correr.

– Não acredito que conseguiste esperar este tempo todo para me contares. – Levanta a alça de lona para cima da cabeça e vira-se, recostando-se na secretária. – E não estou a fazer nenhuma crítica. Longe disso. Sou toda a favor da exploração… seja o que for que quiseres explorar.

– Estive com o Liam desde que saí do quarto de manhã e ontem à noite estava um pouco desconcertada de mais para pôr isto em palavras. – O nó que sinto entre os ombros obriga-me a enrolar o pescoço à procura de algum alívio. Com as aulas de voo e a Imogen a usar o treino de peso para me fortalecer os músculos junto às articulações para que as subluxações sejam menos frequentes, o que, neste momento, não é claro que aconteça, sou uma massa de dores e tensões. –

Entre o facto de o Tairn ter começado a canalizar e tudo o mais, foi uma noite daquelas.

– Sim, acredito. – A boca dobra-se num riso fácil e os olhos castanhos cintilam. – Foi bom. Diz-me que foi bom. Aquele homem tem ar de que sabe exatamente o que está a fazer.

– Foi só um beijo. – O calor afogueia-me as faces com a mentira descarada. – Mas sim. Ele sabe *exatamente* o que está a fazer. – Franzo o sobrolho e deixo a imaginação correr pelos milhares de diferentes consequências do que eu fiz ontem à noite, tal como fiz a manhã inteira.

– A pensar melhor? – Ela inclina a cabeça, a perscrutar-me. – Tens ar de quem tem muito em que pensar, diria.

– Não. – Abano a cabeça. – Bem, talvez. Mas só estou a pensar se torna as coisas entre nós mais estranhas.

– Certo. Porque estás encalhada com ele para o resto das vossas carreiras. E vidas também. Já falaram no que vai acontecer depois de ele se graduar? – Ela levanta as sobrancelhas. – Oh, aposto que vais poder escolher os postos onde podes servir. Os chefes de divisão têm sempre escolha.

– Ele é que vai poder escolher – resmungo, a cutucar um fio extraviado da minha bolsa. – Eu terei de o seguir. O Tairn e a Sgaeyl não se separam há *anos*. O cavaleiro anterior da Sgaeyl morreu há quase 50 anos e, pelo que sei, ela voava quando e por onde queria para estar perto do Tairn antes de o Naolin, que foi o último cavaleiro dele, morrer em Tyrrendor. São dois dias de voo para ir para aquela zona da fronteira, dependendo de onde se está destacado, por isso não sei o que vamos fazer no próximo nem no seguinte.

Ela cerra os lábios.

– Também não sei bem. A Feirge disse que não vamos poder estar separadas mais de um par de dias. Será que isso quer dizer que um de vocês terá de seguir sempre o outro?

– Não faço ideia. Acho que é por isso que a maioria dos casais se vinculam no mesmo ano, que, assim, não têm estes problemas. Como é que eu hei de continuar competitiva para o ano se estiver sempre a voar para a linha da frente com o Tairn? Como é que o Xaden vai conseguir ser eficaz se tiver de voltar para aqui constantemente? – O meu rosto faz-se num oito. – O Xaden é o cavaleiro mais poderoso da nossa geração. Vai ser necessário na linha da frente, não aqui.

– Por agora. – A Rhiannon olha fixa e deliberadamente para mim a levantar as sobrancelhas. – É o cavaleiro mais poderoso da nossa geração *por agora*.

– O que…

Três batidas na porta fazem-nos virar a cabeça na direção dela.

– Rhi? – pergunta o Liam com pânico evidente na voz. – A Sorrengail está aí contigo? Porque…

A Rhiannon abre a porta e o Liam entra, cambaleante, voltando a equilibrar-se antes de olhar em volta do quarto e de me ver.

– Aqui estás tu! Fui à casa de banho e desapareceste!

– Ninguém a vai tentar assassinar no meu quarto, Mairi. – A Rhiannon revira os olhos. – Não tens de estar com ela todos os segundos de todos dias, caramba. Agora, dá-nos cinco minutos e depois nós vamos para as aulas. – Ela empurra-lhe o peito e ele recua, com a boca a abrir-se e a fechar-se como se estivesse a tentar pensar num argumento sem conseguir encontrar nenhum. Quando ele já está no corredor, a Rhiannon fecha-lhe a porta na cara.

– Ele é… – Suspiro. – Dedicado.

– É uma maneira de pensar – murmura ela. – Dá a ideia de que aquele tipo deve a vida ao Riorson ou algo parecido, a avaliar pela maneira como ele se cola a ele como uma lapa.

Na verdade, foi praticamente o que ele me disse, mas guardo o segredo para mim. Entre os encontros com o Xaden, a paragem do tempo e a idade da Andarna, começo a ter demasiados segredos guardados.

– Oh! – Os olhos iluminam-se-lhe e senta-se na ponta da cama ao meu lado. – Também me aconteceu uma coisa ontem à noite.

– Foi? – Eu rodo para a olhar de frente. – Continua.

– Está bem. – Ela respira fundo. – Só o fiz três vezes. Duas ontem à noite e uma hoje de manhã, por isso aguenta um segundo.

– Claro. – Assinto com a cabeça.

– Olha para o livro na minha secretária.

– Estou a olhar. – Os meus olhos fixam-se no manual de História do lado esquerdo da secretária. Passa um minuto, mas eu não desvio o olhar.

Depois a coisa *desaparece*.

– Que diabo, Rhi? – Ponho-me a pé num pulo e viro a cabeça de chofre para ela. – O que é que… – A minha boca escancara-se.

Ela tem o livro na mão e está a olhar para mim com um sorriso de orelha a orelha.

– É o mesmo livro? – Inclino-me para a frente para ver bem. Sim, é o mesmo.

– Acho que consigo trazer coisas até mim. – O sorriso dela faz-se ainda mais aberto.

– Caramba! – Agarro-lhe os ombros, entusiasmada. – Isso é extraordinário! Isso é… incrível! Nem sequer tenho palavras para o descrever! – Mover objetos e trancar portas são as magias menores, a base da manipulação que vem da nossa ligação constante aos dragões através das nossas relíquias a partir do momento em que eles começam a canalizar os seus poderes. Mas fazer algo desaparecer e trazê-lo até nós? Pelo que li, não há um poder de sinete assim há um século. É um sinete e tanto.

– Não é? – Leva o livro ao peito. – Só o consigo fazer a alguns metros de distância e não consigo passar por paredes nem nada disso.

– Por enquanto – corrijo-a a fervilhar de alegria. – Não consegues passar por paredes por enquanto, Rhi. Esse é o tipo de sinete raro que te vai permitir ter uma carreira de sucesso!

– É o que espero. – Ela levanta-se e volta a pousar o livro na secretária. – Só tenho de o desenvolver.

– E vais. – Digo-o com a mesma segurança que sinto.

Dirigimo-nos os três para a ala académica alguns minutos depois e o Sawyer e o Ridoc juntam-se a nós, vindos do refeitório e acabados de sair da biblioteca.

– Acabei isto para ti – diz o Liam, estendendo-me uma figura quando subimos a larga escada em espiral para o terceiro andar.

É o Tairn. Até conseguiu representar a postura dele quando rosna.

– Isto é… incrível. Obrigada.

– Obrigado. – O Liam lança-me um sorriso que lhe revela a covinha. – Queria esculpir a Andarna primeiro, mas ela não aparece tanto, sabes?

– É muito reservada. – Separamo-nos da multidão que se dirige para o quarto andar e eu arrumo o dragão na minha bolsa antes de lhe estender os braços para lhe dar um abraço. – A sério, adoro-o. – O corredor está cheio, mas esvazia-se quando avançamos mais para o fundo e nos aproximamos da sala do Professor Carr.

– Não tens de quê. – Vira-se para a Rhiannon. – A seguir vou fazer uma da Feirge.

A Rhiannon graceja com o Liam, dizendo-lhe que espera que ele capture todo aquele ar de má, mas eu já não ouço o resto da conversa porque relanceio para a janela panorâmica antes da entrada para a torre da aula de Sumário de Batalha e fico sem fôlego.

O Xaden está junto dos outros chefes de divisão no que parece uma discussão tensa com os braços cruzados à frente do peito. O comandante demorou cinco minutos a designar a Lamani Zohar chefe de divisão da Terceira Divisão depois de a Amber ter sido executada, mas, uma vez que ela já era oficial-executiva, era o que fazia mais sentido.

Nunca me vou habituar à forma como as pessoas seguem em frente neste lugar, à frieza com que a morte é atirada para debaixo de um tapete e espezinhada minutos depois.

Deuses, o Xaden está com tão bom aspeto hoje, com o sobrolho ligeiramente franzido a ouvir atentamente algo que a Lamani diz e a assentir com a cabeça. É difícil de acreditar que tive aquela boca na minha ontem à noite, aqueles braços a envolver-me o corpo. Pensar melhor? Quero é mais.

Como se estivesse a sentir o meu olhar, o Xaden levanta a cabeça e os olhos dele colidem com os meus como se me estivessem a tocar apesar da distância que nos separa. O meu pulso acelera e entreabrem-se-me os lábios.

– Vamos chegar atrasadas – lembra-me a Rhi, a olhar para trás por cima do ombro.

O Xaden olha para trás de mim e a boca dele retesa-se.

– Vi, podemos falar? – pergunta o Dain, um pouco ofegante, como se tivesse vindo a correr para me alcançar.

– Agora? – Arranco o olhar do Xaden e viro o rosto para a pessoa que eu *pensava* que era o meu melhor amigo.

O Dain faz um esgar, esfrega a mão na parte de trás do pescoço e assente com a cabeça.

– Tentei apanhar-te depois da formação, mas desapareceste logo e, depois do que aconteceu ontem à noite, acho que agora é melhor do que depois.

– Pode dar-te jeito a ti falar depois de passares semanas a ignorar-me, mas eu agora tenho aula. – Agarro a alça da minha bolsa.

– Ainda tens uns minutos. – A súplica nos olhos dele é tão forte que sinto o peso dela a bater-me no peito. – Por favor.

Relanceio para a Rhiannon, que está a olhar para o Dain com uma expressão furiosa, a mostrar finalmente o que sente e não a deferência que lhe é devida por ele ser o chefe da nossa esquadra.

– Não demoro.

Ela olha para mim e assente com a cabeça, antes de se dirigir para a sala de aula do Professor Carr com o resto da esquadra.

Eu saio da entrada da sala e sigo o Dain para um lugar junto à parede onde não incomodamos a afluência de pessoas.

– Deixaste o Tairn partilhar a tua memória com *toda a gente* em vez de te limitares a mostrá-la tu a mim – diz de chofre com as mãos a caírem nas ilhargas.

– Desculpa? – De que raio é que ele está a falar?

– Quando aconteceu aquela merda toda com a Amber, eu pedi-te para me mostrares o que aconteceu e tu recusaste. – Transfere o peso de um pé para o outro, só um dos sinais que denuncia que está nervoso, e o movimento elimina-me alguma da raiva.

Bem vistas as coisas, ele é o meu amigo mais antigo, mesmo que esteja a ser um idiota.

– Eu não acreditei em ti e penitencio-me por isso. – Leva a mão ao coração. – Deveria ter acreditado em ti, mas não conseguia conciliar a mulher que eu conhecia com o que estavas a dizer e tu também não foste à minha procura depois do ataque. – A mágoa marca-lhe o tom. – Tive de o saber na formação, Vi. Independentemente da discussão que tivemos no campo de voo, ainda és… *tu* para mim. E a minha melhor amiga tinha sido atacada violentamente, quase morta, e tu não me disseste uma única palavra sobre o assunto.

– Não me perguntaste – digo em voz baixa. – Tentaste agarrar-me a cabeça como se tivesses direito à minha memória depois de me dizeres com os dentes todos que não acreditavas em mim e exigiste que eu te mostrasse. – Faço tudo o que posso para manter a voz serena.

Aparecem-lhe duas rugas entre as sobrancelhas.

– Eu não pedi?

– Não, não pediste. – Abano a cabeça. – E depois de ouvir vezes sem conta que não sou suficientemente rija para este lugar, que não sou suficientemente forte…

bem, o que aconteceu no campo de voo já era algo que se previa que ia acontecer há muito tempo entre nós os dois. E o pior de tudo é que eu sabia que não ias acreditar em mim. Foi por isso que estive para não dizer ao Xaden quem era. Estava convicta de que ele também não iria acreditar em mim.

– Mas acreditou. – A voz do Dain baixa-se e o maxilar lateja. – E foi ele que os matou no teu quarto.

– Porque o Tairn contou à Sgaeyl. – Cruzo os braços à frente do peito. – Não por ele já estar lá nem nada disso. E eu sei que tu o odeias…

– E tu tens *todas* as razões para o odiares também – lembra-me ele, a estender-me a mão antes de pensar melhor e a puxar para trás.

– Eu *sei* disso – riposto. – O pai dele enfiou uma seta no peito do Brennan de acordo com os relatórios do campo de batalha. Vivo com esse conhecimento todos os dias. Mas tu não achas que ele me vê e se lembra de que a minha mãe foi responsável pela execução do pai dele? É… – É difícil encontrar a palavra certa. – É complicado entre nós. – As imagens da noite passada vêm-me à memória, do primeiro sorriso do Xaden ao último toque dos lábios dele nos meus, e eu afasto-as para longe.

O Dain contrai-se.

– Confias mais nele do que em mim. – Não é uma acusação, mas não deixa de doer.

– Não é isso. – Sinto o estômago a dar voltas. Alto. Será verdade. – Eu só… tenho de confiar nele, Dain. Não em tudo, claro. – Merda, estou-me a meter por um caminho do qual não consigo sair. – Nenhum de nós pode fazer nada em relação ao facto de a Sgaeyl e o Tairn serem um casal, e, acredita, nenhum de nós gosta dessa situação, mas temos de encontrar uma forma de nos entendermos. Não temos escolha.

O Dain murmura uma imprecação, mas não discorda.

– Eu sei que só estás preocupado com a minha segurança – sussurro. – Mas manter-me em segurança também é impedir-me de crescer. – Ele pestaneja e algo muda entre nós. Talvez, só talvez, ele esteja finalmente pronto para me ouvir. – Quando me disseste que este lugar nos tira tudo para revelar quem somos no fundo, eu fiquei com medo. E se para lá dos ossos quebradiços e dos ligamentos frágeis houvesse apenas mais fraqueza? Só que, nesse caso, eu não poderia culpar o meu corpo.

– Nunca foste fraca para mim, Vi… – começa o Dain, mas eu abano a cabeça.

– Não percebes? – interrompo. – Não interessa o que pensas, só interessa o que *eu* penso. E tinhas razão. Mas o Quadrante dos Cavaleiros tirou-me o medo e até a raiva por ter sido atirada para aqui e revelou quem eu sou realmente. No fundo, Dain, eu sou uma cavaleira. O Tairn soube-o. A Andarna também. Foi por isso que me escolheram. E enquanto não deixares de procurar formas de me manter numa redoma de vidro, não vamos ultrapassar isto, por mais anos de amizade que tenhamos.

Ele olha por cima do meu ombro.

– E o quê? O Riorson tem rédea livre para os seus tiques controladores? Porque a última vez que verifiquei, o Liam foi transferido para a esquadra especificamente para não te largar um segundo.

Tem toda a razão.

– O Liam anda sempre por perto porque nem o cavaleiro mais forte se pode proteger de mais de 30 cadetes desvinculados que o têm como alvo. E se eu morrer, o Xaden também morre. Qual é a tua desculpa?

O Dain fica tenso como uma estátua e só o músculo do maxilar lateja antes de acabar por se inclinar para a frente e sussurrar:

– Bem, tu não sabes tudo o que há para saber sobre o Xaden, Vi. Eu tenho uma autorização de segurança mais elevada devido ao meu sinete, e tens de ter cuidado. O Xaden tem segredos, razões para nunca perdoar a tua mãe, e eu não quero que ele te use para exercer uma vingança.

Os pelos do meu pescoço eriçam-se. Há uma ponta de verdade no que ele está a dizer, mas não tenho tempo para me concentrar na confusão que o Xaden representa para mim neste momento. Uma relação toda fodida de cada vez.

Entrefecho os olhos, o Dain volta a transferir o peso de um pé para o outro e sinto um grão de desconfiança a crescer-me no peito.

– Espera. Andavas sempre a implorar-me para eu sair de Basgiath porque achavas que eu não era capaz de sobreviver aqui… ou porque estavas a tentar afastar-me do Xaden?

Abano a cabeça antes de ele poder responder.

– Sabes que mais? Pouco importa. – E estou a falar a sério. – Só querias manter-me a salvo. E agradeço-te por isso. Mas acaba agora, Dain. O Xaden está ligado a mim por causa da Sgaeyl. Nada mais. Não preciso de proteção, e, se

precisar, tenho *dois* dragões do caraças para me guardar as costas. És capaz de respeitar isso?

Ele estende a mão para me segurar o rosto e olho-o nos olhos, determinada a fazê-lo entender que ou ele começa a dar valor às minhas escolhas ou nunca vamos reparar a nossa amizade.

– Está bem, Vi. – Os olhos dele enrugam-se em cada um dos lados e a boca dobra-se num meio-sorriso. – Como é que eu posso discutir com uma pessoa que tem dois *dragões do caraças*?

Sinto um peso a sair-me do peito e, subitamente, consigo respirar novamente. Lanço-lhe um sorriso atrevido.

– Exatamente.

– Desculpa não te ter pedido a memória. – Deixa cair a mão no meu ombro. – É melhor ires para a aula. – E depois aperta-me ligeiramente o ombro antes de se afastar.

Eu deixo escapar um suspiro tremido e volto-me para a porta da sala do Professor Carr. O corredor está vazio.

Dirijo-me para a sala do Professor Carr, uma sala muito comprida com paredes revestidas e sem janelas. Todo o comprimento da sala está iluminado por candeeiros de luzes mágicas suficientemente brilhantes para emular a luz do dia sobre quase 40 alunos da Terceira e da Quarta Divisões, que estão sentados em filas no chão, em posições equidistantes para darem o máximo espaço uns aos outros.

A Rhiannon e o Liam encontram-se comigo à porta e o Professor Carr levanta as sobrancelhas farfalhudas quando nos aproximamos do local onde está posicionado à frente da sala, a dominar o espaço sem fazer nada mais do que deixar-se estar. O homem não é apenas imponente, é intimidante como o caralho.

Engulo em seco a lembrar-me da forma como ele partiu o pescoço do Jeremiah.

– Está finalmente pronta para se juntar a nós, cadete Sorrengail? – Não há simpatia nos olhos dele, apenas observação astuta e clínica.

– Sim, Professor, estou. – Assinto com a cabeça.

Ele estuda-me como se eu fosse um inseto colado à parede na sala de Biologia.

– Poder de sinete?

– Ainda não. – Abano a cabeça e guardo para mim toda a informação sobre a paragem no tempo como o Xaden sugeriu. *Confias mais nele do que em mim*. Neste aspeto, o Dain tem razão e o sentimento de culpa dá-me um nó no estômago.

– Estou a ver. – Estala a língua e relanceia para mim. – Sabe que os seus irmãos foram ambos dotados de poderes de sinete extraordinários. A capacidade da Mira para manifestar uma guarnição à volta dela e da sua esquadra foi uma vantagem de monta para a divisão, e ela foi altamente condecorada pela bravura que demonstrou atrás das linhas do inimigo.

– Sim. A Mira é uma inspiração. – Forço um sorriso, mais do que ciente da destreza da minha irmã no campo de batalha.

– E o Brennan… – Desvia o olhar. – Os reparadores são tão raros, e perder um tão novo foi trágico.

– Eu acho que perder o Brennan foi a tragédia. – Levanto um pouco mais a bolsa que trago ao ombro. – Mas a perda do sinete dele foi um duro golpe para as divisões.

– Hum. – Ele pestaneja duas vezes e volta o olhar frio novamente para mim. – Bem, parece que a linhagem dos Sorrengail é abençoada, mesmo para uma cavaleira tão… bem, tão delicada. Depois de o Tairn a escolher não esperamos senão um sinete avassalador da sua parte. Sente-se. Pode, pelo menos, começar com as magias menores através da sua relíquia. – Acena para que eu me sente.

– Sem pressão – murmuro entre dentes a caminhar para os lugares obviamente vazios na fila com o resto da minha esquadra.

– Não te aflijas – diz a Rhiannon quando nos sentamos no chão revestido. – Era isso que eu te estava a tentar lembrar há bocado. És a cavaleira do Tairn.

– O que queres dizer com isso? – Pouso a bolsa ao meu lado.

– Estás aí toda preocupada com a integridade da divisão porque o Riorson pode ter de vir cá para manter o dragão dele feliz, mas, Violet, o Riorson não é o cavaleiro mais poderoso da nossa geração. Tu é que és. – Ela olha-me nos olhos tempo suficiente para me fazer ver que está a dizer o que pensa.

O coração salta-me para a boca.

– Agora vamos começar! – diz o Professor Carr.

Dezembro faz-se janeiro.

Ligar à terra. Levantar o escudo. Imaginar a porta a fechar. Erigir um muro. Sentir o que e quem tem acesso à minha volta. Seguir o vínculo ao dragão. Aos *dragões* no meu caso. Construir uma segunda entrada – uma janela – para o arquivo do poder para receber a energia dourada da Andarna. Bloquear os vínculos o melhor possível.

Visualizar.

Imaginar um nó de poder – não demasiado intrincado, ainda ninguém está preparado para isso – à frente e desatá-lo. Destrancar a porta.

Visualizar.

Manter um pé bem assente no chão a cada momento. Somos inúteis se não estivermos ligados ao nosso poder, e somos perigosos se não o pudermos conter. Existe apenas o meio termo que nos torna grandes cavaleiros.

Sentir o poder como uma mão a agarrar a pena e trazê-lo para nós. Pegar nele. Não. Assim não. Tentar de novo. Não, outra vez.

VISUALIZAR.

Estudo para os testes. Preparo-me para os voos. Levanto pesos com a Imogen. Pergunto-me quanto tempo o Xaden me vai obrigar a despender no tapete com a Rhiannon. Venço o meu primeiro desafio e conquisto um punhal de uma rapariga da Segunda Divisão. Mas a tarefa mais esgotante é a que me obriga a passar horas infindas no arquivo da minha mente a tentar perceber qual é a porta do Tairn e qual é a da Andarna e a trabalhar afincadamente para as separar.

Percebo que, afinal, embora o meu poder possa advir dos meus dragões, a capacidade para o controlar vem do meu próprio esforço, e há noites em que caio na cama e mergulho no sono ainda antes de tirar as botas.

Chegada ao final da segunda semana de janeiro, não só estou chateada por o Xaden não se ter dado ao trabalho de falar comigo sobre aquele beijo, mas também *exausta*, e isto sem que um poder de sinete se manifeste e acabe com a minha energia para o controlar.

O Ridoc é capaz de manipular gelo, o que pode ser um sinete mais comum, mas é visualmente impressionante.

Os poderes metalúrgicos do Sawyer crescem de dia para dia.

O Liam consegue ver uma única árvore a *quilómetros* de distância.

Eu acho que se pode dizer que consigo parar o tempo, mas não estou disposta a esgotar a Andarna só para poder tentar novamente, sobretudo tendo em conta que ela demorou mais de uma semana de sono ininterrupto para recuperar. Sem um sinete, a única coisa que sou capaz de manipular são as magias menores. Estou finalmente a usar uma caneta de tinta, a trancar a porta e a abri-la. Sei uns truques bons para uma festa.

No final da terceira semana de janeiro, conquisto mais um punhal num desafio contra um rapaz da Terceira Divisão, o segundo que obtenho sem ter de enfraquecer um adversário com venenos. Fico com o pulso dorido, mas tenho as articulações intactas.

E, na quarta semana, durante o período com o tempo mais frio que já experienciei em Basgiath, esgueiro-me a meio da noite para ver o quadro de desafios.

O Jack tem finalmente a oportunidade de acabar comigo no tapete amanhã.

– *Ele vai-me matar.* – É a única coisa em que consigo pensar quando me visto de manhã e embainho todos os meus punhais nos lugares mais convenientes.

– *Vai tentar.* – O Tairn acordou cedo.

– *Algum conselho?* – Eu sei que o Liam está à nossa espera para irmos à biblioteca antes do pequeno-almoço.

– *Não deixes.*

Solto uma risada escarninha. Para ele parece tudo muito simples.

Já estamos a voltar da biblioteca quando finalmente ganho coragem para falar com o Liam sobre o assunto.

– Se eu te disser uma coisa, vais contá-la ao Xaden?

Ele vira a cabeça na minha direção quando passamos com o carrinho por cima da ponte entre os dois quadrantes.

– Porque é que achas que…

– Oh, vá lá. – Reviro os olhos. – Ambos sabemos que lhe contas praticamente tudo o que eu faço. Não sou ignorante. – A neve bombardeia as janelas com um som seco e repicado.

– Ele preocupa-se. Eu alivio-lhe os receios. – O Liam volta a relancear para mim antes de olhar em frente. – Eu sei que não é justo. Eu sei que é uma violação da tua privacidade. Mas não é nada comparado com o que eu lhe devo.

– Sim. Já percebi isso. – Precipito-me para a frente e abro a porta densa e pesada que dá para a cidadela para que ele possa passar. – Talvez seja melhor eu reformular a pergunta. Se eu te dissesse uma coisa e te *pedisse* especificamente para a manteres entre nós, concordarias? Somos amigos ou sou só uma tarefa para ti?

Ele para enquanto fecho a porta e eu percebo que está a pensar pela forma como tamborila os dedos na pega do carrinho.

– Se eu guardasse o segredo, a tua segurança seria afetada de alguma maneira?

– Não. – Alcanço-o e iniciamos a subida que irá culminar na divisão em dois túneis, um para o dormitório e o outro para o refeitório. – Não podes fazer nada e a questão é mesmo essa.

– Somos amigos. Diz-me. – Faz um esgar. – Eu não conto a ninguém.

– O Jack Barlowe vai poder desafiar-me hoje.

Ele para de repente, pelo que eu faço o mesmo.

– Como é que sabes isso?

– É precisamente por isso que te estou a pedir para não contares nada ao Xaden. – Só tens de… tentar acreditar que eu sei.

– Os instrutores não podem deixar que isso aconteça. – Abana a cabeça e o pânico assoma-lhe aos olhos.

– Mas vão deixar. – Encolho os ombros e dou-lhe um sorriso forçado. – Ele anda a pedir desde o primeiro dia, pelo que não é nada que não previssemos que viesse a acontecer. A questão é que o Jack me vai desafiar hoje e, quando o fizer, tu não podes intervir, independentemente do que aconteça.

Os olhos azuis do Liam arregalam-se.

– Vi, se contarmos ao Riorson, ele pode impedir que isso aconteça.

– Não. – Estendo a mão e pouso-a em cima da dele. – Não pode. – O meu estômago dá voltas, mas, pelo menos, não estou a vomitar como aconteceu quando descobri. – Há limites no que o Xaden é capaz de fazer para me proteger tanto aqui como quando estivermos na linha da frente. Ambos sabemos que, se ele impedir este desafio, vai haver um tumulto no quadrante depois do que aconteceu com a Amber.

– E estás à espera de que eu fique lá a ver o que vai acontecer… seja isso o que for? – pergunta ele, incrédulo.

– Foi o que fizeste nos últimos dois desafios. – Forço outro sorriso. – Não te preocupes. Vou usar tudo o que puder para ganhar vantagem. – E tudo o que posso usar está neste momento num frasco escondido num bolso minúsculo na minha cintura.

– Não gosto disto. – O Liam abana a cabeça.

– Sim, bem, já somos dois.

Hoje não temos treino no campo de voo. Os dragões consideraram que estava demasiado frio para voar ao longo da última semana, o que significa que vamos todos para o ginásio de treino de combate depois da formação. Não me preocupo com o pequeno-almoço, mas presto muita atenção a tudo o que o está no tabuleiro do Jack ao passar por ele, para reparar no que ele escolheu… e no que falta.

O meu coração bate a um ritmo caótico e enjoativo quando os 81 instruendos do primeiro ano se reúnem no ginásio.

O Professor Emetterio anuncia os desafios um a um, e atribui-lhes um tapete. Pelo menos, vamos lutar todos ao mesmo tempo, o que significa que nem todos os cavaleiros vão estar a olhar.

E, pelo menos, o Xaden não está aqui, o que significa que o Liam manteve a palavra.

– Tapete 17, Jack Barlowe da Primeira Divisão contra… – O Professor levanta as sobrancelhas e respira fundo. – Violet Sorrengail.

Graças aos deuses que a Rhiannon já está do outro lado do ginásio, pronta para enfrentar uma mulher da Terceira Divisão, pelo que não tem de ver o sangue a esvair-se do rosto do Liam. Ela não tem de ver nada disto. O Sawyer também está longe, no tapete nove.

– Foda-se, não pode ser – murmura o Ridoc de dentes cerrados, a abanar a cabeça.

– Finalmente! – O Jack atira os braços para cima como se já tivesse vencido.

– Vamos a isto. – Enrolo os ombros e dirijo-me para o tapete. Nem o Liam nem o Ridoc são chamados ao tapete hoje, pelo que se colocam ao meu lado.

– Diz-me que posso quebrar a promessa – implora o Liam, e a expressão de súplica nos olhos dele diz-me exatamente a posição de merda em que o pus.

– Os cavaleiros do terceiro ano estão a fazer coisas de terceiro ano – digo-lhe quando toco com os dedos do pé no tapete. – Não o conseguirás trazer para cá a

tempo, mas eu sei o que significa para ti manteres a palavra. Sobretudo com ele. Fica à vontade.

Ele olha para o Ridoc.

– Protege-a como se fosses eu.

– Queres dizer como se eu medisse mais 15 centímetros e tivesse o peito de um touro? – O Ridoc levanta-lhe os polegares. – Claro. Vou fazer o que posso. Entretanto, é melhor começares a *correr*.

O olhar do Liam cruza-se com o meu.

– Não morras.

– Vou fazer por isso e não só por minha causa. – Lanço-lhe um sorriso. – Obrigada por seres uma ótima sombra.

Ele arregala os olhos uma fração de segundo antes de começar a correr para fora do ginásio.

– Barlowe e Sorrengail – chama o Emetterio do outro lado do tapete. – Armas?

O Jack salta como um miúdo que acabou de receber um presente.

– O que ela puder agarrar com aquelas mãozinhas reles que tem. – A expressão dos olhos dele provoca-me um arrepio de apreensão na espinha.

Subo para o tapete e o Jack faz o mesmo até estarmos ambos no centro a olhar um para o outro.

– Não são permitidas manipulações de magia – lembra-nos o Professor Emetterio. – Se o adversário se render ou não for capaz de continuar, vencem.

Tenho quase a certeza de que toda a gente que se reuniu em volta deste tapete sabe que o Jack não vai tentar nenhuma destas opções. Se conseguir pôr as mãos em volta do meu pescoço, estou morta.

– *Essa coisa toda de se eu morrer o Xaden também morre é só uma hipótese, certo?* – pergunto, a desembainhar os punhais que são mais difíceis de alcançar durante uma luta, ou seja, os que tenho nas botas.

– *É uma hipótese que eu preferia não testar* – rosna o Tairn.

Aprumo-me, agarro os cabos dos punhais e o Jack olha para mim com uma única faca.

– Estás a gozar, certo? Só uma?

– Só preciso de uma. – Ri-se com um entusiasmo doentio.

– *Aponta para a goela* – sugere o Tairn.

– *Não tenho energia para te bloquear neste momento, por isso vou precisar que estejas calado durante alguns minutos.*

Uma rosnadela de assentimento é a única resposta que obtenho.

– Jogo limpo – avisa o Professor Emetterio. – Podem começar.

O meu coração está a ribombar. Ouço-o nos meus ouvidos quando começamos a circundar-nos.

– *Ataca. Agora. Dá o primeiro golpe* – dispara o Tairn.

– *Não estás a ajudar!*

O Jack faz a primeira investida, a tentar um golpe com a faca e eu passo-lhe o punhal nas costas da mão, pelo que a primeira a fazer sangue sou eu.

– Merda! – Ele dá um pulo para trás já com as bochechas a corar.

É o que eu quero, o que preciso para vencer este confronto: que ele fique tão zangado que comece a agir sem pensar e cometa um erro.

Lança-se para a frente num movimento enleante e tenta dar-me um pontapé, apontado ao meu tronco. Eu recuo meio cambaleante e evito o golpe por pouco.

– Aposto que desejavas poder atirar a faca, não é? – provoca, ciente de que eu não vou violar uma regra porque posso acertar em alguém num dos tapetes à nossa volta.

– Aposto que desejavas não saber o que se sente quando se tira uma das minhas facas do corpo, não é? – riposto.

Ele cerra os lábios numa linha fina antes de investir sobre mim com uma série de socos e movimentos rápidos com o punhal. Não o consigo travar – ele é demasiado forte para mim, como prova o punhal que me tira facilmente das mãos com um pontapé –, pelo que uso a velocidade, baixando-me e mergulhando até conseguir desferir-lhe mais um golpe, que, desta vez, lhe corta o antebraço.

– Raios! – grita, furioso, a virar-se para me seguir quando tento surpreendê-lo pelas costas. Ele apanha-me desprevenida, agarra-me o braço e arremessa-me por cima das costas contra o tapete.

Caio por cima do ombro e estremeço de dor, mas não ouço nenhum som de distensão ou quebra. Agradecer à Imogen vai ser a minha primeira tarefa se sair daqui viva.

Ainda com o meu braço preso, o Jack tenta apunhalar-me diretamente no peito, mas a faca é placada pelo meu colete e resvala-me pelas costelas até se

espetar no tapete.

– Ele está a usar golpes de morte! – grita o Ridoc. – Isso não é permitido.

– Contém-te, Barlowe! – brada o Professor Emetterio.

– O que achas, Sorrengail? – sussurra-me o Jack ao ouvido, imobilizando-me com o braço atrás das costas. – Admite. Ambos sabíamos que seria assim entre nós. Rápido. Embaraçosamente fácil. Fatal. O teu precioso chefe de divisão não está aqui para te salvar.

Não, mas o Xaden vai sofrer… ou pior, se o Jack conseguir o que pretende. A ideia estimula-me a atuar. Ignoro a dor e lanço o peso todo para conseguir dar uma cambalhota, o que me provoca uma subluxação no ombro, mas me liberta da prisão a que ele me tinha submetido antes de se emaranhar nas minhas pernas.

E é então que lhe dou um pontapé diretamente nos tomates.

O Jack cai de joelhos, encolhido num grito silencioso, ao mesmo tempo que eu me levanto.

– Bate no tapete – ordeno, a pegar no punhal que tinha deixado cair. – Posso apunhalar-te a qualquer segundo. Ambos sabemos que se isto fosse a vida real, estarias feito.

– Se isto fosse a vida real, ter-te-ia matado no segundo em que subiste ao tapete – diz ele com os dentes cerrados.

– Bate. No. Tapete.

– Vai-te foder!

O Jack atira o punhal.

Levanto as mãos para o impedir, mas o cabrão do punhal espeta-se no meu antebraço. O sangue começa a escorrer e a dor deixa-me os nervos do braço a arder com uma pungência tempestuosa, mas eu sei que é melhor não o retirar. Neste momento, está a fechar aquela ferida o melhor possível.

– Não se pode atirar armas! – grita o Professor Emetterio ao lado do tapete, mas o Jack já está em movimento, a lançar-se na minha direção com uma série de pontapés e socos para os quais não estou preparada. O punho dele bate-me na face e sinto a pele a desfazer-se.

O joelho tira-me o ar dos pulmões quando me embate na barriga.

Mas aguento-me em pé até ele me fincar as mãos na cara. Todas as células do meu corpo são tomadas por uma dor angustiante, uma energia vibrante que me

rasga o corpo com uma intensidade que dá a sensação de que ele está a separar os ligamentos dos ossos e os músculos dos tendões.

Grito, abalada por uma força interna que não compreendo, como se ele estivesse a forçar o seu próprio poder a entrar no meu corpo, o que me faz estremecer como se tivesse sido atingida por mil agulhas de energia vibrante.

Agora. Se eu não o fizer agora, ele vai matar-me. Já sinto a visão a ficar comprometida.

Levo a mão trémula ao bolso das minhas peles e abro a rolha do frasco com o polegar.

O sorriso sádico e os olhos raiados de vermelho são as únicas coisas que consigo ver à medida que ele vai espremendo cada vez mais poder para dentro do meu corpo, mas tem as mãos ocupadas e está demasiado obcecado com a vitória para perceber que eu deixei de gritar e ver que me estou a mexer.

– Ele está a usar os poderes dele! – berra o Ridoc e, pelo canto do olho com uma visão cada vez mais turva, vejo movimento de ambos os lados.

Atiro o frasco contra o sorriso do Jack com tanta força que lhe vejo um dos dentes a partir-se.

Vejo mãos a estender-se para ambos e ouço o Ridoc e o Professor Emetterio a gritar e a sacudir as mãos depois do contacto. O que quer que o Jack esteja a fazer está a transferir-se de mim para eles pelo toque.

Bato os dentes ao sentir a dor a consumir-me e o meu corpo a lutar por desmaiar, por escapar a esta tortura insuportável, mas recuso-me a sucumbir à escuridão antes de o Jack começar a arfar.

Os olhos dele esgazeiam-se até ao impossível e ele tira as mãos do meu corpo e leva-os ao próprio pescoço ao sentir as vias respiratórias a fecharem-se.

Os meus joelhos cedem e treme-me o corpo quando caio no tapete, mas o Jack também cai, ofegante e agarrado ao pescoço com o rosto roxo.

O rosto do Ridoc está encostado ao meu ao fim de segundos.

– Respira, Sorrengail. Respira.

– O que se passa com ele? – pergunta alguém ao ver o Jack a contorcer-se.

– Laranjas – sussurro para o Ridoc com o meu corpo a desistir finalmente. – Ele é alérgico a laranjas. – Caio na inexistência.

Quando acordo, não estou no tapete e percebo pelas janelas da enfermaria do Quadrante dos Curandeiros que a noite caiu. Estive apagada durante horas.

E aquele que está ali refastelado na cadeira ao lado da minha cama, a olhar furioso para mim como se lhe apetecesse suicidar-se, não é o Ridoc.

É o Xaden. Tem o cabelo desgrenhado, como se tivesse estado a puxá-lo e está a atirar um punhal às voltas pelo ar e a apanhá-lo pela ponta sem sequer olhar antes de o embainhar na ilharga.

– Laranjas?

Eu sei que não queres ouvir isto, mas, às vezes, tens de saber quando dar o golpe de morte, Mira. É por isso que tens de te certificar de que a Violet vai para o Quadrante dos Copistas. Ela nunca seria capaz de matar.

– Página setenta, O Livro do Brennan



CAPÍTULO XXIV

Apresso-me a erguer-me da cama para me poder sentar, mas a dor no braço lembra-me que tinha um punhal lá espetado há algumas horas. Agora está ligado.

– Quantos pontos?

– Onze de um lado e dezanove do outro. – Ele levanta uma sobrancelha preta e inclina-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. – Transformaste *laranjas* numa arma, Violência?

Sacudo-me até me conseguir sentar e encolho os ombros.

– Trabalhei com o que tinha.

– Uma vez que te manteve viva, ou nos manteve vivos a ambos, não posso discutir muito e não te vou perguntar como é que acabas sempre por saber quem vais enfrentar. – Há indubitável raiva naquele olhar, mas também um laivo de alívio. – O facto de teres contado ao Ridoc permitiu que o Emetterio o tivesse trazido para aqui. Infelizmente, está a cinco camas de distância de ti e vai sobreviver, ao contrário do outro do segundo ano uma fila mais atrás. Poderias tê-lo matado e poupar-nos muito drama.

– Não o queria matar. – Enrolo o ombro para o testar. Dorido, mas não deslocado. Também sinto o rosto sensível. – Só queria evitar que ele me matasse.

– Deverias ter-me contado. – A acusação rasga-lhe os lábios com um ronco.

– E tu não poderias ter feito nada a não ser fazer com que eu parecesse fraca. – Olho para ele com os olhos semicerrados. – E também não tens estado propriamente por perto para eu poder falar contigo nas últimas semanas. Se não tivesse dois dedos de testa, diria que aquele beijo te assustou. – *Merda*. Não queria dizer isto.

– A questão não é essa. – Há uma centelha nos olhos dele que é rapidamente substituída por uma máscara fria de indiferença.

– A sério? – Já o deveria saber, tendo em conta que evitou o assunto este tempo todo.

– Foi um erro. Nós os dois vamos ser destacados juntos durante o resto das nossas vidas, nunca vamos poder escapar um do outro. Envolvermo-nos, mesmo que fosse a nível físico, seria um erro colossal. Não adianta falar sobre o assunto.

Quero levar as mãos ao peito para me certificar de que tenho todos os órgãos onde deveriam estar, uma vez que tenho a sensação de que ele acabou de me eviscerar com quatro frases, mas contenho-me. A verdade é que ele estava com tanta vontade como eu. Eu estava lá e aquele tipo de… entusiasmo não engana. *Mas talvez tenha sido do churam.*

– E se eu quiser falar sobre o assunto.

– Fica à vontade, mas isso não significa que eu tenha de participar na conversa. Temos ambos direito aos nossos limites e este é um dos meus. – O caráter definitivo do tom que ele está a usar embrulha-me o estômago. – Concordo que manter a distância não funcionou propriamente bem e se a exibiçãozinha de hoje se destinava a captar a minha atenção, parabéns. Conseguiste.

– Não sei do que é que estás a falar. – Lanço os pés para o lado da cama. Preciso das minhas botas e de me pôr a andar daqui para fora antes de fazer figuras ainda mais tristes.

– Pelos vistos, não posso confiar ao Liam a tarefa de me relatar situações mortíferas ou à Rhiannon a tarefa de te treinar no tapete, tendo em conta a facilidade com que o Barlowe te prendeu, pelo que, a partir deste momento, vou assumir eu essas funções.

– Assumir que funções? – Entrefecho os olhos.

– Todas as que tenham que ver contigo.

No dia seguinte, durante o que deveriam ser as nossas horas de voo não fossem os ventos uivantes e gelados lá fora, o Xaden está comigo no tapete. Felizmente, tem a camisa vestida, pelo que não me distraio com o que sei que está por baixo. Não, não só está a usar as peles e as botas de combate, como está armado até aos dentes com o que parecem ser doze punhais diferentes em doze bainhas diferentes.

Será assim tão completamente doentio que eu me sinta atraída por ele assim trajado? Provavelmente. Mas basta um olhar e a minha temperatura sobe.

– Deixa as tuas facas fora do tapete – ordena ele e quase uma dúzia de cavaleiros olham para nós dos outros tapetes.

Pelo menos, assim o Liam tem tempo de treinar a um par de tapetes de distância contra o Dain, o que é uma novidade. A maioria dos esquadrões está aqui dentro, a aproveitar o tempo livre inesperado, por isso, felizmente toda a gente está ocupada a treinar em vez de estar a olhar para nós.

– Mas tu estás armado. – Olho deliberadamente para as bainhas dele.

– Ou confias em mim ou não confias. – Inclina a cabeça ligeiramente para o lado, expondo um pouco mais da relíquia da rebelião que lhe contorna o pescoço. A mesma relíquia que acariciei com a mão enquanto ele me empurrava contra a parede há mais de um mês.

Não. não vou pensar nisso.

Mas o meu corpo não tem dificuldade em lembrar-se.

Eu expiro o ar num longo suspiro, chego-me à beira do tapete, desembainho todos os punhais que tenho e os que ganhei e pouso-os no chão.

– Estou desarmada. Estás contente agora? – Viro-me para olhar para ele e estendo os braços. A manga comprida cobre a ligadura que tenho no braço, mas a palpitação é insistente. – Embora talvez devêssemos esperar uns dias para que o meu braço recupere antes de fazermos isto. – Os pontos rompem-se, mas já me aconteceu pior.

– Não. – Ele abana a cabeça, e desembainha um dos punhais enquanto avança. – O inimigo não quer saber se estás ferida. Vai usar esse conhecimento em benefício próprio. Se não sabes combater a dor, vais-nos matar a ambos.

– Muito bem. – Transfiro o peso de um pé para o outro, aborrecida. Mal ele sabe que estou quase sempre com dores. Já se tornou o meu normal. – Na verdade, até tens razão, por isso concedo.

– Obrigado por seres tão generosa. – Dá-me um sorriso irónico e eu ignoro o imediato acesso de calor que sinto na barriga. Ele vira a palma da mão para cima para me mostrar o punhal com uma lâmina estranhamente curta. – O problema não é necessariamente o teu estilo de combate. És rápida e tornaste-te bastante temível desde agosto. O problema é que estás a usar punhais que são muito fáceis de te tirar das mãos. Precisas de armas concebidas para o teu tipo de corpo.

Pelo menos, não disse *fraquezas.*

Examino o punhal que tem na mão. É bonito, tem um cabo preto gravado com nós tyrrenses e runas antigas e míticas com floreados e laços intrincados. A lâmina em si está claramente afiada para matar.

– É espetacular.

– É tua.

Levanto a cabeça de chofre, mas os olhos ónix do Xaden não me querem enganar.

– Mandei-a fazer para ti. – Dobra os lábios levemente.

– O quê? – Fico de boca aberta e sinto um aperto no peito. Ele perdeu tempo a mandar fazê-la? Merda. Isso dá-me sentimentos que eu não quero mesmo ter. Sentimentos melosos e confusos.

– Ouviste bem. Toma.

Engulo o nó ilógico que tenho na garganta e tiro-lhe a faca das mãos. Parece sólida na minha mão, mas é muito mais leve do que os meus outros punhais. Não tenho de fazer nenhum esforço com o pulso e os meus dedos dobram-se confortavelmente em redor do cabo, o que faz com que seja muito mais seguro do que os punhais que deixei no chão.

– Quem é que a fez?

– Eu conheço uma pessoa.

– No quadrante. – As minhas sobrancelhas erguem-se de chofre.

– Ficarias surpreendida com os recursos que conseguimos ter ao fim de três anos neste lugar. – A boca dele dobra-se com um sorriso irónico e fico especada a olhar antes de me lembrar de onde estamos.

– É incrível. – Abano a cabeça e estendo-lha de volta. – Mas sabes bem que não a posso aceitar. As únicas armas que nos são permitidas são as que conquistamos. – Só são aceitáveis as armas dos desafios ou das qualificações. Estou de olho numa besta, mas ainda não a sei usar convenientemente.

– Exatamente. – Ele sorri por menos de um instante antes de se mover a uma velocidade que nunca sonhei ser possível. É ainda mais rápido do que a Imogen quando me dá um golpe nas pernas e me atira para o tapete com um único movimento.

A facilidade com que me deixa de costas no tapete é ao mesmo tempo chocante e… ridiculamente excitante, sobretudo porque ele tem o peso da anca pousado nas minhas coxas. Tenho de recorrer a toda a força de vontade que me resta para não estender o braço e lhe tirar os fios de cabelo da testa. *Foi um erro.*

Bem, se esta memória não me arrefecer imediatamente.

– E qual é o objetivo desse pequeno gesto? – pergunto, bem ciente de que ele fez tudo sem me deixar sem fôlego.

– Tenho uma dúzia de punhais como este amarrados ao corpo, por isso é bom que me comeces a desarmar. – Levanta uma sobrancelha irónica. – A não ser que não saibas o que fazer com um adversário em cima de ti, e, se for o caso, o problema é outro completamente diferente.

– Eu sei o que fazer *contigo* em cima de mim – desafio-o baixinho.

Ele baixa a boca para o meu ouvido.

– Não vais gostar do que vai acontecer se puxares por mim.

– Ou talvez goste. – Viro-me o suficiente para os meus lábios lhe roçarem a orelha.

O Xaden levanta-se de repente e o calor na expressão dele deixa-me bastante ciente dos pontos em que os nossos corpos se estão a tocar.

– Desarma-me antes que eu teste essa teoria em frente de toda a gente neste ginásio.

– Interessante. Não te imaginava um exibicionista.

– Continua a insistir e talvez venhas a descobrir. – O olhar dele baixa para a minha boca.

– Pensei que tinhas dito que beijar-me tinha sido um erro. – Não me interessa se todo o quadrante estiver a olhar se isso significar que ele me vai beijar de novo.

– E foi. – Lança-me um sorriso cúmplice. – Estou só a ensinar-te que os punhais não são a única forma de desarmar um adversário. Diz-me, Violência, estás desarmada?

Arrogante de merda.

Solto um riso trocista e começo a arrancar facas das bainhas e a atirá-las para o tapete enquanto ele me observa com impaciente regozijo. Depois fecho as pernas em redor da anca dele e faço força para rebolar para a esquerda, para o deixar de costas. Voluntariamente, claro, não tenho hipóteses de me ajoelhar em cima dele se ele não quiser, mas lanço-lhe um antebraço contra a clavícula a fazer de conta que o estou a prender e continuo a roubar os restantes punhais que ele embainhou ao longo da ilharga.

– E, por último – digo com um sorriso, a inclinar-me para a frente de maneira que os nossos corpos quentes ficam quase ao mesmo nível quando lhe tiro o punhal da mão. – Obrigada.

Retirada a última faca, o Xaden leva as palmas das mãos ao tapete e empurra-me com uma força descomunal, voltando a dobrar-nos até a minha espinha estar a tocar no tapete outra vez.

– Bem. – Sorvo um trago de ar, surpreendida da cabeça aos pés com aquele movimento, e deixo-o firmemente pousado sobre as minhas coxas. Tenho de dar tudo o que tenho para não me levantar ao encontro dele para ver se ele acha mesmo que aquele beijo foi um erro. – Não é justo usares os teus poderes no tapete. – Mágicos. Sexuais. O que for. É tudo injusto.

– Isso é a outra coisa. – Levanta-se de um pulo e estende-me a mão. Eu pego-lhe na mão e sinto a cabeça tonta quando me levanto. *Agora não. Não fiques atordoada agora.* – O Emetterio não permite o uso de poderes para nivelar o campo de batalha nos desafios. Mas aqui? O campo é tudo menos nivelado e tens de aprender a usar o que tiveres à mão.

– Não consigo fazer muito além de me ligar à terra, levantar um escudo e mover um pedaço de pergaminho. – Embainho o punhal novo e depois apanho os outros e faço a mesma coisa. São muito bonitos, todos marcados com diferentes runas. É uma pena haver tantas partes da cultura tyrrense que foram perdidas há tantos séculos durante a unificação, incluindo a maioria das runas. Não sei sequer o que algumas significam.

– Bem, parece que também vamos ter de trabalhar nisso. – Ele suspira e adota uma postura de combate. – Agora, faz jus à tua alcunha e tenta matar-me.

Fevereiro voa numa nuvem de exaustão. O Xaden aproveita todos os momentos não ocupados do meu horário diário, e o Dain cerrou os dentes mais

de uma vez quando o chefe de divisão me retirou da esquadra porque tinha algo infinitamente mais importante para eu fazer.

Que habitualmente acaba comigo a ser destruída repetidamente no tapete.

Mas tenho de dizer que ele não me trata como um bebé como o Dain e não me facilita a vida como a Rhiannon. Leva-me ao meu limite físico em cada sessão, mas nunca além dele, e habitualmente deixa-me num molho suado no chão do ginásio de treino de combate a arfar.

E normalmente é por essa altura que a Imogen me lembra de que tenho de ir para a sala de pesos.

Odeio-os a ambos.

Mais ou menos.

É difícil discutir os resultados quando estou a aprender a derrubar o lutador mais forte do quadrante. Ainda não o venci, mas não me importo. Quer dizer que ele não me deixa vencer.

Também não me volta a beijar, mesmo quando eu *puxo por ele.*

Março chega com palmos e mais palmos de neve que têm de ser limpos com a pá antes da formação todas as manhãs. E os momentos em que a relíquia me arde nas costas e sinto que não estou em mim, se o poder que cresce dentro do meu corpo não for libertado, lembram-me de que ainda não tenho um sinete. E já passaram quase três meses.

Acordo todas as manhãs a perguntar-me se hoje é o dia em que vou entrar em combustão instantânea.

– Sharla Gunter – lê o capitão Fitzgibbons no rol de mortes com as mãos enluvadas a deslizar pelo pergaminho congelado. Esta semana o tempo está mais quente, mas não muito. – E Mushin Vedie. Confiamos as suas almas a Malek.

– O Vedie? – pergunto à Rhiannon, com as sobrancelhas alçadas quando a formação termina. Não o conhecia bem, uma vez que ele estava na Segunda Divisão, mas o nome não deixa de ser um choque, tendo em conta que se dizia que era um dos melhores entre nós.

– Não ouviste? – Ela aperta o manto com forro de pelo junto ao pescoço. – O sinete dele manifestou-se no meio da aula do Carr ontem e irrompeu em chamas.

– Imolou-se pelo… fogo?

Ela assente com a cabeça.

– A Tara disse que o Carr acha que ele deveria ser capaz de manipular o fogo, mas foi absorvido por aquele primeiro acesso e…

– Consumiu-se como uma tocha – acrescenta o Ridoc. – Quase que te deixa contente por o teu sinete ainda não ter aparecido, não?

– *Não ter aparecido* é uma maneira de dizer. – Tirando a capacidade que não devo sequer sussurrar, estou a revelar ser aquilo que a minha mãe detesta: mediana. E não posso exatamente ir ter com o Tairn e a Andarna a pedir-lhes ajuda. O sinete depende apenas de *mim* e, aparentemente, não estou a conseguir corresponder, como a relíquia formigante que tenho nas costas me está sempre a lembrar. Há uma ínfima e secreta parte de mim que espera que o meu sinete não se tenha manifestado ainda por ser diferente dos outros, não apenas útil, mas… importante, como o do Brennan era.

– A mim dá-me vontade de faltar à aula hoje, isso é certo – murmura a Rhiannon, a soprar nas mãos para as manter quentes.

– Nada de faltar às aulas – adverte o Dain, a fixar-nos um olhar. – Estamos a poucas semanas da Batalha de Esquadrões e precisamos de cada uma de vocês no seu melhor para vencer.

A Imogen suspira alto.

– Vá lá, Aetos, acho que todos sabemos que a Segunda Divisão tem aquela esquadra do Pelotão Cauda que nos vai dar uma abada a todos. Alguma vez os viste a correr pelo Guante acima? Tenho quase a certeza de que estiveram por lá mesmo assim coberto de gelo.

– Vamos vencer – proclama a Cianna, a nossa oficial-executiva, com um aceno de cabeça decidido. – Aqui a Sorrengail poderá atrasar-nos no Guante… – Franze o nariz aquilino. – E provavelmente no que toca à manipulação também, ao ritmo que está a avançar…

– Hã, obrigada. – Cruzo os braços à frente do peito. Aposto que sou capaz de levantar um escudo melhor do que todos eles combinados.

– Mas as capacidades da Rhiannon compensam bem esses problemas – continua a Cianna. – E todos sabemos que o Liam e Heaton vão dizimar os adversários nos desafios no tapete. Restam-nos as manobras de voo e as tarefas que os chefes de divisão inventarem para nos julgar este ano.

– Oh, é só isso? Caramba, pensava que ia ser difícil. – O sarcasmo que emana do Ridoc é suficientemente forte para lhe valer um olhar carrancudo do Dain.

– Restam-nos dez de vocês – diz o Dain, a olhar para o grupo. – Doze se nos contarmos a todos, o que nos coloca em ligeira desvantagem em relação a outros esquadrões, mas acho que nos vamos safar.

Perdemos dois dos novos membros na semana passada quando o sinete do mais pequeno se manifestou na aula de Sumário de Batalha e ficaram ambos congelados em segundos e, por pouco, não levaram o Ridoc com eles por arrasto porque era o que estava mais perto. Foi tratado devido a queimaduras de gelo, mas não ficou com feridas permanentes. Agora a Nadine e o Liam são os únicos que restam da leva que chegou depois da Debulha.

– Mas para o conseguirmos, preciso que vocês vão às aulas. – Levanta as sobrancelhas na minha direção. – Especialmente tu. Um sinete seria muito bem-vindo, sabias. Se puderes tratar disso… – É como se ele não fosse capaz de decidir como me tratar ultimamente: como uma cavaleira do primeiro ano que está com dificuldades, mas continua aqui, ou como a rapariga que cresceu com ele.

Detesto a inquietação evidente entre nós, tudo a cair mal, como a roupa que vestimos antes de nos podermos secar depois de um banho, mas ele continua a ser o Dain. Pelo menos, está finalmente a apoiar-me.

– Hoje ela vai faltar à aula do Carr – interrompe o Xaden, aparecendo atrás do Sawyer, que se apressa a sair-lhe da frente.

– Não, não vou. – Abano a cabeça e ignoro a rápida aceleração da minha pulsação quando o vejo.

– Ela precisa de ir – defende o Dain, antes de cerrar os dentes. – Ou melhor, a não ser que a divisão tenha assuntos mais urgentes para a cadete Sorrengail, o tempo dela deverá ser gasto no desenvolvimento das capacidades de manipulação.

– Acho que ambos sabemos que ela não vai manifestar um sinete naquela sala. Já o teria feito se a aula fosse fundamental. – Não desejaria que o Xaden olhasse para o meu pior inimigo como olha para o Dain. Não é um olhar de raiva nem sequer de indignação. Não, é um olhar de… aborrecimento, como se as queixas do Dain não estivessem à altura dele, mas, de acordo com a nossa cadeia de comando, estão. – E, sim, a divisão tem assuntos mais urgentes para ela.

– Chefe de divisão, não me parece aconselhável que ela fique um dia sem pelo menos praticar a manipulação, e como chefe da esquadra…

Ele não sabe que o Xaden me tem dado aulas extraordinárias de manipulação enquanto fazemos treino de combate.

– Por amor de Dunne – suspira o Xaden, a invocar a deusa da guerra. Leva a mão ao bolso do manto, tira um relógio de bolso e estende-mo com a palma da mão aberta. – Apanha-o, Sorrengail.

Olho para os dois homens e desejo que resolvam as merdas entre eles, mas as probabilidades de isso acontecer são iguais a zero. Por razões de conveniência, finco os meus pés mentais no chão dos Arquivos. À minha volta, vejo um poder escaldante que me arrepia os braços e me eriça os pelos atrás do pescoço.

Levanto a mão direita e imagino todo este poder a entrelaçar-se nos meus dedos. Sinto pequenos choques por toda a pele ao dar forma a esta energia, transformando-a a ela própria numa mão à qual peço que se estenda para cobrir a curta distância que me separa do Xaden.

Dá-se uma paragem abrupta, como se os meus fios de pura magia tivessem embatido numa parede, que depois acaba por ceder, e avanço sempre a controlar a mão ardente ao milímetro. Sinto uma crepitação na cabeça, como as últimas brasas de uma fogueira, quando o meu poder roça a mão do Xaden, mas fecho o meu punho mental em redor do relógio de bolso e puxo-o.

É pesado como o diabo.

– Tu consegues – incita-me a Rhiannon.

– Não a distraias – admoesta o Sawyer.

O relógio cai ao chão, mas eu alço a mão para trás e puxo o meu poder como se fosse uma corda e o relógio voa na minha direção. Agarro-o com a mão esquerda antes que me bata na cara.

A Rhiannon e o Ridoc batem palmas.

O Xaden avança na minha direção, tira-me o relógio dos dedos e volta a colocá-lo no manto.

– Estás a ver? Já praticou. Agora, temos coisas a fazer. – Pousa a mão no fundo das minhas costas e leva-me para longe dos outros.

– Onde é que vamos? – Detesto a forma como o corpo me exige que me apoie na mão dele, mas sinto falta dela assim que desaparece.

– Parto do princípio de que não estás a usar peles de voo debaixo desse manto. – Abre-me a porta do dormitório e eu entro. O movimento sai tão facilmente que eu sei que não só vem da prática como é uma segunda natureza para o

Xaden, o que é uma contradição total com, bem… tudo o que sei sobre ele até agora.

Paro e olho para ele como se nos estivéssemos a ver pela primeira vez.

– O que foi? – pergunta-me, a fechar a porta e a afastar o frio uivante.

– Abriste-me a porta.

– É difícil mudar hábitos antigos. – Encolhe os ombros. – Foi o meu pai que me ensinou a fazer isso… – A voz dele esmorece abruptamente, o olhar perde-se no infinito e todos os músculos do corpo se retesam como se estivesse a preparar-se para um ataque.

O meu coração punge-se com a expressão que lhe perpassa o rosto e que reconheço perfeitamente. Pesar.

– Não achas que está um pouco frio de mais para voar? – pergunto para mudar de assunto numa tentativa de ajudar. A dor que lhe vejo nos olhos é daquelas que nunca morre, daquelas que aparece como uma vaga imprevisível e inunda a costa sem misericórdia.

Ele pestaneja e a expressão desaparece.

– Eu espero aqui.

Assinto com a cabeça e apresso-me a trocar de roupa e a vestir as peles que nos foram entregues para voos no inverno. O Xaden está com aquela máscara inescrutável quando regresso e sei que não vou ter mais portas abertas hoje.

Atravessamos o pátio cada vez mais vazio de cadetes que se apressam a ir para as aulas.

– Não me respondeste.

– Qual era a pergunta? – Ele não tira os olhos do portão que dá para o caminho para o campo de voo e tenho de acelerar o passo para lhe acompanhar a passada.

– Se não achas que está frio para voar.

– Os cavaleiros do terceiro ano têm treino no campo de voo esta tarde. O Kaori e os outros professores estão a facilitar-vos muito a vida, uma vez que a Batalha de Esquadrões está a chegar e sabem que vocês têm de praticar os dotes de manipulação. – Abre a porta e eu apresso-me a correr atrás dele.

– E eu não preciso de praticar? – A minha voz ecoa no túnel.

– Vencer a Batalha dos Esquadrões não é nada no quadro geral da tua vida. Vais estar nas linhas da frente antes que os outros venham no ano que vem. – As

luzes mágicas marcam-lhe as feições angulosas do rosto, lançando sombras sinistras à medida que vamos passando por cada uma.

– É isso que vai acontecer para o ano? – pergunto quando saímos do outro lado e a neve me ofusca a visão por momentos. Está amontoada em pilhas altas ao longo do caminho, em resultado do inverno rigoroso. – Vou para as linhas da frente.

– É inevitável. Não há como saber quanto tempo a Sgaeyl e o Tairn vão aguentar ficar separados. O que suponho é que nós os dois vamos ter de nos sacrificar para os manter felizes. – É bastante claro que a ideia não o deixa particularmente feliz a ele, mas não o posso censurar. Ao fim de três anos no quadrante, eu também haveria de me querer pôr a andar. Sinto um nó no estômago ao perceber que vou estar no lugar dele quando me graduar, sem grande controlo sobre a forma como o vínculo aos nossos dragões determinará os postos que ocuparei no futuro.

Assinto com a cabeça, sem saber o que hei de dizer e caminhamos até ao Guante num silêncio cúmplice.

– Segunda Divisão – aponto, ao ver a esquadra do Pelotão Cauda a escorregar e a deslizar pelo Guante. – Tens a certeza de que não queres os teus esquadrões cá fora a praticar?

Um canto da boca dobra-se-lhe e aquela fachada desumana que ele levantou vai-se abaixo.

– Quando eu estava no primeiro ano, também pensava que vencer era o pináculo. Mas quando chegamos ao terceiro e vemos as coisas como nós vemos… – O maxilar lateja. – Digamos que os jogos se tornam muito mais mortíferos.

Dirigimo-nos para a escada que nos conduz ao campo de voo, mas já está um grupo a descer, pelo que me afasto para os deixar passar primeiro.

Fico com o coração na boca quando eles se aproximam e coloco o corpo em sentido com a coluna aprumada. É o comandante Panchek e o coronel Aetos.

O pai do Aetos chega ao fundo das escadas primeiro e lança-me um sorriso.

– À vontade. Estás com bom ar, Violet. Belas marcas de voo – diz ele, a apontar para as marcas dos óculos de voo que tem nas suas próprias maçãs do rosto. – Deves estar a passar muito tempo no ar.

– Obrigada, coronel, estou, sim. – Ponho-me mais à vontade e não consigo deixar de devolver o favor, mas tenho os lábios tensos. – O Dain também se está a sair bem. É o chefe da minha esquadra este ano.

– Ele disse-me. – Sorri, e os olhos castanhos são tão calorosos como os do Dain. – A Mira perguntou-me por ti quando fomos visitar a Divisão Sul no mês passado. Não te preocupes, vais ter privilégios de escrita no segundo ano e depois podes falar com ela mais frequentemente. Estou certo de que tens saudades dela.

– Todos os dias. – Assinto com a cabeça, ultrapassando a onda de emoção que esta admissão traz. É muito mais fácil fazer de conta que não há nada fora das muralhas do que ficar a remoer a cabeça com as saudades que tenho da minha irmã.

O Xaden retesa-se ao meu lado quando a minha mãe chega ao fundo das escadas. *Oh, merda.*

– Mãe – disparo, atabalhoadamente, e ela vira a cabeça e olha para mim. Já passaram mais de cinco meses desde a última vez que a vi e, embora queira apresentar-me tão serena como ela, capaz de compartimentalizar as coisas, não sou capaz. Não sou feita da mesma fibra dela, nem da da Mira. Sou filha do meu pai.

A minha mãe olha-me de cima a baixo com uma expressão avaliadora e a familiaridade de uma general comandante e de um cadete de Basgiath, e não há uma ponta de ternura no seu semblante quando termina o exame.

– Ouvi dizer que tem tido dificuldades em manipular.

Eu pestanejo e recuo um passo, como se a distância física me fosse proteger da repreensão fria.

– Tenho os melhores escudos do meu ano. – Pela primeira vez, fico contente por não ter manifestado um sinete e, portanto, não lhe ter dado razões para se vangloriar.

– Com um dragão como o Tairn, espero bem que sim. – Levanta uma sobrancelha. – Senão, todo aquele poder incrível e invejável terá sido… – O suspiro dela é uma nuvem de vapor no ar. – Desperdiçado.

Faço o melhor que posso para engolir com o nó que me cresce na garganta.

– Sim, general.

– Mas foi tema de algumas conversas. – O olhar dela levanta-se para a minha cabeça e eu sei que está fixada na trança com ponta prateada que acha que me

marca como amaldiçoada, o cabelo que ela me disse que era bom que eu cortasse.

– Oh? – Será que ela fala realmente de mim?

– Todos nos perguntamos se está a manipular algum poder do dragão dourado e qual é? – Os lábios dobram-se-lhe num sorriso que estou certa de que acha que é simpático, mas conheço-a bem de mais para cair no engodo.

– *Não*. – A única palavra do Tairn ressoa por todo o meu corpo. – *Não fales sobre isso.*

– Nada ainda. – Passo a língua por cima do lábio inferior gretado. O inverno é infernal para a pele durante os voos. – A Andarna disse-me que os caudas de penas são conhecidos por não serem capazes de canalizar o seu poder para o cavaleiro. – Só dons diretos, mas não vou dizer nada sobre isso. – É por isso que não se vinculam muitas vezes.

– Ou nunca – interrompe o pai do Dain. – Na verdade, tínhamos esperança de que pedisses ao teu dragão que nos permitisse estudá-lo. Para fins puramente académicos, claro.

Sinto o estômago a agitar-se. Todos eles se dedicariam a picar e a furar a Andarna por sabem os deuses quanto tempo, para saciarem a sua curiosidade académica, e poderiam acabar por descobrir, ainda que por acidente, o poder inexplorado dos jovens dragões. Não, obrigada.

– Infelizmente, não acho que ela se sinta confortável com isso. É muito reservada, até para mim.

– É uma pena – diz o coronel Aetos. – Colocámos os copistas a estudar o assunto desde a Debulha, e a única referência que conseguiram encontrar nos Arquivos sobre o poder dos caudas de penas remonta há centenas de anos, o que é engraçado porque eu lembro-me de que o teu pai fez alguma pesquisa sobre a segunda sublevação de Krovlan e aludiu a algo sobre os caudas de penas, mas não conseguimos encontrar esse tomo. – O coronel coça a cabeça.

A minha mãe olha para mim com expectativa, como se me estivesse a questionar sem questionar.

– Creio que ele não terminou a investigação sobre esse acontecimento histórico antes de morrer, coronel Aetos. Não seria sequer capaz de lhe dizer onde estão os apontamentos dele. – As palavras têm a verdade que eu lhes consigo dar. Sei exatamente onde estão os apontamentos: no lugar onde ele

passava a maioria do tempo quando não estava a trabalhar. Mas há algo no aviso do Tairn que me impede de lhes contar o que quer que seja.

– É uma pena. – A minha mãe exibe outro sorriso forçado. – Estou feliz por ver que está viva, cadete Sorrengail. – O olhar dela vira-se para o lado e transforma-se imediatamente em aço. – Ainda que a companhia que é obrigada a manter seja mais do que questionável.

Merda. Merda. Merda.

Não me posso colocar à frente do Xaden e menorizá-lo. Não posso sequer relancear para ele sem denunciar as minhas alianças à minha mãe … sem me denunciar a mim por completo.

– Sempre pensei que tínhamos resolvido todas essas *questões* há muitos anos – diz o Xaden, com a voz baixa, mas ficou tão tenso como a corda de um arco ao meu lado.

– Hum. – A minha mãe vira-se para a cidadela, claramente a ignorá-lo. – Procure dominar algum tipo de sinete, cadete Sorrengail. Tem de se mostrar à altura do seu legado.

– Sim, general. – As palavras informais custam-me mais do que estou preparada para admitir e destroem uma confiança que demorei quase oito meses a construir com a precisão de uma presa de dragão.

– Gostei de te ver, Violet. – O pai do Dain lança-me um sorriso empático e o comandante Panchek ignora-nos completamente, apressando-se para ir ter com a minha mãe.

Não digo uma palavra ao Xaden antes de subir as escadas. A minha raiva aumenta a cada degrau até não passar de uma bola de fúria pronta a explodir quando chego ao topo do penhasco.

– Não lhe disseste como é que escapaste do ataque ao teu quarto – diz ele. É uma afirmação, não uma pergunta. – E não estou a falar de eu ter aparecido.

Eu sei exatamente do que está a falar.

– Nunca a vejo. E tu disseste-me para não contar a ninguém.

– Não tinha percebido que as coisas eram assim entre nós – diz o Xaden com um tom surpreendentemente suave quando começamos a descer o desfiladeiro em direção ao campo de voo.

– Oh, isto não é nada – atiro, a usar propositadamente o tom mais frívolo possível. – A minha mãe passou quase um ano inteiro a ignorar-me quando o

meu pai morreu. – Deixo escapar uma gargalhada autodepreciativa. – Que foi quase tão benéfico como os anos que passou a tolerar a minha existência com alguma dificuldade por eu não ser perfeita como o Brennan nem uma guerreira como a Mira. – Não deveria estar a dizer estas coisas. Trata-se de raciocínios que as famílias costumam manter dentro de portas para poderem usar as reputações polidas e irrepreensíveis como uma couraça em público.

– Então não te conhece muito bem – observa o Xaden, a acompanhar a minha passada furiosa.

Eu sorrio com desdém.

– Ou percebe-me na perfeição. O problema é que nunca sei qual das duas opções é a verdadeira. Estou demasiado ocupada a viver de acordo com os padrões impossíveis que ela estabelece para me perguntar se são padrões que me interessam. – O meu olhar semicerrado vira-se para ele. – E o que era aquilo que estavas a dizer, afinal? Que resolveram umas questões há muitos anos?

– Só estava a lembrá-la de que paguei o preço pela minha lealdade. – Franze o sobrolho, mas mantém o olhar no horizonte.

– Pagaste o preço? – A pergunta escapa-me dos lábios antes que possa calar a língua inquieta. Não posso deixar de me lembrar do que o Dain disse: que o Xaden tem razões para nunca perdoar a minha mãe.

– Limites, Violência. – Ele baixa a cabeça durante um instante e, quando a levanta, já está com a máscara do estou-me-nas-tintas que tanto gosta de envergar.

Felizmente para ambos, a estranheza do momento é quebrada quando o Tairn e a Sgaeyl pousam do outro lado do campo à nossa frente, acompanhados de um dragão brilhante menor que me abre imediatamente um sorriso.

– Vamos voar todos hoje? – pergunto, a segui-lo quando ele se dirige para o trio.

– Vamos aprender todos hoje. Tens de aprender a manter-te lá em cima e eu tenho de perceber por que raio é tão difícil para ti fazê-lo – responde ele. – A Andarna tem de aprender a acompanhar-nos. O Tairn tem de aprender a partilhar o espaço numa formação de voo mais concisa, e todos os outros dragões, exceto a Sgaeyl, têm medo de voar mais perto dele.

O Tairn bufa em concordância quando nos aproximamos.

– E o que é que a Sgaeyl vai aprender? – pergunto, a olhar para o dragão azul gigante.

O Xaden ri-se.

– Ela está habituada a liderar há quase três anos. Vai aprender a seguir. Ou pelo menos treinar.

O bufo do Tairn parece estranhamente parecido com um riso e a Sgaeyl vira-se para ele com os dentes arreganhados a poucos centímetros do seu pescoço.

– As relações dos dragões são completamente incompreensíveis – murmuro.

– É? Deverias tentar uma humana um dia. Igualmente perversas, mas com menos fogo. – O Xaden monta com uma facilidade que me causa inveja. – Agora vamos.

A Batalha dos Esquadrões é mais importante do que os chefes de divisão dão a entender. Gostam de dizer, meio a brincar, que é só para os chefes de esquadra e a esquadra vencedora se poderem vangloriar, mas não é. Toda a gente está a observar. O comandante, os professores, os oficiais de comando, todos eles estão de olho para ver quem chega ao topo. Estão a salivar para ver quem vai cair.

– Página setenta e sete, O Livro do Brennan



CAPÍTULO XXV

– Bate no tapete! – grita a Rhiannon para um cavaleiro da Segunda Divisão que se esforça por se arrastar para a frente, com as mãos bem abertas e as pontas dos dedos a fincar-se no tapete enquanto o Liam o segura numa prisão de pernas que lhe arqueia as costas de uma forma que deveria ser impossível.

Sinto o coração a ribombar num momento em que os confrontos de hoje chegam ao rubro.

É o último desafio desta parte da Batalha de Esquadrões e a multidão empurra-nos as costas, pelo que estou constantemente em esforço a tentar não cair em cima do tapete. Ao fim de dois eventos, estamos em sétimo lugar de 24 esquadrões na tabela da classificação, mas, se o Liam vencer, passamos para terceiro.

O meu tempo na corrida de voo no guante foi o mais lento da esquadra, mas isso foi só porque eu estive sempre a forçar o Tairn a soltar as amarras mágicas com que me atava, pelo que acabámos por perder tempo precioso sempre que ele precisou de mergulhar para me apanhar e me voltar a atirar para o assento. Foram vezes sem conta. Juro que as contusões que tenho nas nádegas de cair

naquele assento duro doem menos do que o comentário sarcástico do Tairn quando me disse que eu tinha humilhado toda a sua linhagem familiar por termos chegado em último lugar à meta.

O Mikael grita de dor, um som agudo e quase ensurdecedor, e chama de novo a minha atenção para a ação à minha frente. O Liam segura-o com força e aproveita a vantagem que ganhou.

– Foda-se, aquilo parece doer – murmuro mais alto do que os instruendos do primeiro ano aos gritos.

– Sim, vai ficar sem andar durante algum tempo – concorda o Ridoc, a encolher-se ao ver que o arco das costas do Mikael parece estar prestes a transformar-se numa coluna partida.

Com outro grito, o Mikael bate com a palma da mão três vezes no tapete e a multidão irrompe em aclamação.

– Sim! Boa, Liam! – grita o Sawyer atrás de mim, e o Liam larga o Mikael no tapete, onde ele fica estendido, exausto.

– Ganhámos! – O Liam corre na nossa direção e sou envolvida por um emaranhado de braços e de gritos e colegas de esquadra a rejubilar.

Tenho quase a certeza de que até vejo a Imogen no meio desta pequena confusão.

Mas não vejo o Dain. Onde raio está o Dain? Ele nunca perderia isto.

– O vosso vencedor! – grita o Professor Emetterio com uma voz que ecoa pelo ginásio e que acalma o fervor geral depois de o Liam sair de um abraço esmagador. – Liam Mairi da Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão!

O Liam levanta ambos os braços a comemorar a vitória e vira-se num pequeno círculo, e o som das ovações deixa-me os ouvidos a zunir da melhor maneira.

O comandante Panchek sobe ao tapete e o Liam junta-se ao resto da nossa esquadra com o suor a escorrer-lhe pela pele.

– Eu sei que todos vocês esperavam que a última parte da Batalha dos Esquadrões tivesse lugar amanhã, mas a chefia e eu temos uma surpresa.

Conseguiu suscitar a atenção de todos os cavaleiros com estas palavras.

– Em vez de vos dizer qual vai ser a última e desconhecida tarefa e de vos dar a noite para a planearem, a vossa última tarefa vai começar agora! – Sorri, levanta os braços e dá uma volta tal como o Liam tinha feito.

– Hoje à noite? – sussurra Ridoc.

O meu estômago dobra-se num nó.

– O Dain não está aqui. E a Cianna também não.

– Oh, merda – sussurra a Imogen, olhando para a multidão.

– Como devem ter reparado, os vossos chefes de esquadra e os oficiais-executivos foram… digamos, sequestrados juntamente com os vossos chefes de pelotão e chefes de divisão e, não, antes que alguém pergunte, a vossa tarefa não é encontrá-los. – Continua a andar num círculo pequeno, para se dirigir a todos os lados do tapete. – O que têm de fazer é juntar-se à vossa esquadra e completar uma missão única esta noite sem a chefia e as instruções dos vossos chefes de esquadra.

– Isso não desvirtua a ideia de termos chefes de esquadra? – pergunta alguém do outro lado do tapete.

– O objetivo de um chefe de esquadra é formar uma unidade compacta que seja capaz de continuar numa missão mesmo que ele desapareça. Considerem os vossos chefes… desaparecidos. – O comandante Panchek encolhe os ombros e abre um sorriso jubiloso. – Estão por vossa conta, cavaleiros. A vossa missão é simples: encontrar e obter, usando os meios que forem necessários, o que considerem que seria mais vantajoso para os nossos inimigos no que respeita ao esforço de guerra. Os membros da chefia serão os juízes imparciais e a esquadra vencedora receberá 60 pontos.

– É o suficiente para chegarmos ao primeiro lugar! – sussurra a Rhiannon, a entrelaçar o braço no meu. – Poderíamos conquistar a glória de ir para a linha da frente!

– Quais são os limites? – pergunta alguém à direita.

– Qualquer coisa dentro das muralhas de Basgiath – responde o comandante Panchek. – E não ousem deixar-me ver que estão a tentar arrastar um dragão para aqui. Eles carbonizam-vos só por causa do aborrecimento que lhes estarão a causar.

A esquadra à nossa esquerda murmura de desilusão.

– Têm… – O comandante pega no relógio de bolso. – … três horas, no final das quais esperamos que nos apresentem os vossos tesouros roubados na sala de Sumário de Batalha.

Ficamos todos a olhar para ele em silêncio. De tudo o que eu imaginei que a terceira e última tarefa seria… bem, isto não estava nem sequer perto da lista.

– Do que é que estão à espera? – O comandante Panchek enxota-nos com as mãos. – Andor!

Segue-se o pandemónio.

Isto é o que acontece quando nos tiram a chefia. Somos… uma confusão dos diabos.

– Segunda Esquadra! – grita a Imogen com as mãos no ar. – Sigam-me!

O Sawyer e Heaton certificam-se de que somos todos uns patinhos a seguir em fila no encalço da Imogen pelo ginásio afora até à sala de pesos.

– Estiveste muito bem – digo ao Liam quando ele está a caminhar ao meu lado ainda com dificuldades em respirar.

– Foi épico. – O Ridoc estende um odre ao Liam, que o Liam não demora a secar.

– Vamos, vamos – diz a Imogen, a acompanhar-nos à porta. Faz uma contagem de cabeças rápida e fecha a porta, trancando-a com manipulação de magia.

Sento-me num dos bancos com a Rhiannon de um lado e o Liam do outro.

– Primeiro. Quem quer ficar no comando? – pergunta a Imogen a olhar para nós os dez.

O Ridoc levanta a mão.

A Rhiannon vira-se e empurra-a para baixo.

– Não. – Abana a cabeça. – Vais fazer disto uma partida qualquer.

– Bem visto. – O Ridoc encolhe os ombros.

– O Liam? – pergunta a Quinn com as sobrancelhas levantadas.

– Não. – O Liam abana a cabeça, mas o olhar dele vira-se para mim, denunciando as suas razões.

– Ninguém vai tentar eliminar-me enquanto estivermos lá fora hoje à noite – aponto.

Ele vira-se de novo para a Imogen e abana a cabeça de novo.

Claro que ela assente com a cabeça. São ambos da Equipa Xaden.

– Fica tu no comando – sugere a Rhiannon a olhar para a Imogen. – Trouxeste-nos até aqui.

Um burburinho de concordância ecoa na sala.

– Emery? Heaton? – pergunta a Imogen. – Como cavaleiros do terceiro ano, estão no vosso direito.

– Não, obrigado. – Heaton recosta-se na parede.

– Nã. Há uma razão para nenhum de nós ter querido lugares de chefia – acrescenta o Emery, a sentar-se ao lado da Nadine. – Há alguma razão que te impeça de seguires as ordens da Imogen durante algumas horas, Nadine?

Todos nós nos viramos para a instruenda do primeiro ano que não fez segredo nenhum do ódio que tem pelos marcados. Sabendo agora que ela é de uma aldeia do Norte na fronteira das províncias de Deaconshire e Tyrrendor, percebo o raciocínio dela. Só não concordo com ele, daí que não seja propriamente simpática com ela.

Ela engole visivelmente em seco, o olhar nervoso a passar esvoaçante por todos nós.

– Por mim tudo bem.

– Ainda bem. – A Imogen cruza os braços à frente do peito e o pulso com a relíquia da rebelião espreita por debaixo da túnica. – Temos um pouco menos de três horas. Quais são as vossas ideias?

– Que tal algum tipo de armamento? – sugere o Ridoc. – Um dardo cruzado seria mortífero para qualquer um dos nossos dragões nas mãos dos inimigos.

– Demasiado grande – diz a Quinn cheia de decisão. – Só há um no museu e, para ser sincera, nem sequer é o dardo que é mortífero, é o sistema de lançamento.

– Próxima. – A Imogen olha de relance para todos nós.

– Podíamos ir ter com o Panchek e roubar-lhe a roupa int… – começa o Ridoc antes de a Rhiannon lhe colocar a mão em cima da boca com toda a força.

– E é por isso que não te deixamos liderar. – Olha-o com a sobrancelha arqueada.

– Vá lá, pessoal! Pensem! Qual é a coisa mais útil para o nosso inimigo? – O sobrolho da Imogen dobra-se sobre os olhos verde-claros.

– Informação – responde o Liam. Vira os olhos para mim. – Violet, e que tal roubar as missivas com notícias dos Arquivos? As que vêm da linha da frente?

Eu abano a cabeça.

– Já passa das sete. Os Arquivos estão trancados e é o tipo de tranca em que nem a manipulação vai conseguir tocar. Toda a sala está selada e vedada para

prevenir eventuais incêndios.

– Caramba. – A Imogen suspira. – Essa era uma boa ideia.

Toda a sala começa a conversar, cada voz mais alta do que a anterior, com as sugestões a serem atiradas para o ar.

Informação. O meu estômago embrulha-se quando uma ideia começa a ganhar forma. Causaria sensação, algo a que ninguém se poderia comparar. Mas… abano a cabeça. É demasiado arriscado.

– Em que estás a pensar, Sorrengail? – pergunta a Imogen e a sala fica em silêncio. – Consigo ver as engrenagens a rodar na tua cabeça.

– Provavelmente não é nada – relanceio para os membros da nossa esquadra. Mas, será que não é nada?

– Vem cá e começa a pensar em voz alta – ordena a Imogen.

– A sério, é uma loucura. Tipo, inexequível. Seríamos atirados para os calabouços se fôssemos apanhados. – Fecho a boca de repente antes de dizer algo mais.

Mas é tarde de mais. Os olhos da Imogen estão a brilhar de interesse.

– Vem. Cá. E. Começa. A. Pensar. Em. Voz. Alta – ordena, certificando-se de que eu saiba que não é uma sugestão.

– Nós conseguimos manipular magia, certo? – Levanto-me e passo as mãos pelas ilhargas e pelos cabos dos seis punhais lá embainhados.

– Sempre que for necessário – diz Heaton, a assentir com a cabeça.

– Muito bem. – Apoio-me sobre os calcanhares a deixar a cabeça engendrar um plano. – Eu sei que o Ridoc é capaz de manipular gelo, que a Rhiannon é capaz de resgatar coisas, que o Sawyer é capaz de manipular metal, que a Imogen é capaz de apagar memórias recentes…

– E sou rápida – acrescenta ela.

Algo que tem em comum com o Xaden.

– Heaton, e tu? – pergunto.

– Consigo respirar debaixo de água – responde.

Eu pestanejo.

– Espetacular, mas acho que isso não nos vai servir de muito se fizermos isto. Emery?

– Consigo controlar o vento. – Sorri. – Muito vento.

Muito bem, este poderia ser útil do ponto de vista defensivo, mas não é bem o que procuro.

As minhas botas chiam no chão quando me viro para ela.

– Quinn?

– Consigo fazer projeções astrais. Manter o corpo num lugar e depois caminhar para outro lugar.

Fico de boca aberta, no que sou emulada por quase meia esquadra.

– Eu sei, é bastante espetacular. – Ela pisca o olho e prende os caracóis num puxo.

– Sim. *Isso* nós podemos usar. – Baixo a cabeça a calcular a forma mais fácil de pôr a minha ideia em prática.

– Em que estás a pensar, Sorrengail? – pergunta a Imogen com impaciência, a puxar o cabelo curto do lado da cabeça que não está rapado para trás da orelha.

– Vocês vão-me dizer que perdi o juízo, mas, se conseguirmos, ganharemos de certeza. – Posso não ser suficientemente parecida com a minha mãe para que ela me aprove, mas sei onde é que ela guarda a informação mais valiosa.

– E?

– Vamos invadir o gabinete da minha mãe.

– És sinistra como o raio – diz o Ridoc duas horas depois a encolher-se para se afastar da Quinn, bem, da forma astral da Quinn. O corpo dela está com Heaton, protegido na sala de pesos.

E nós estamos aqui a percorrer sub-repticiamente os corredores já depois de termos passado pelo Quadrante dos Curandeiros. Já nos deparámos com uma esquadra da Segunda Divisão e outra da Terceira, mas nenhum de nós teve tempo para questionar ou dissuadir os outros.

Subimos à proeminência ou caímos de acordo com o nosso próprio mérito, e desperdiçámos as últimas duas horas a esperar que a noite caísse para que pudéssemos ter uma possibilidade, ainda que magra, de colocar o nosso plano em prática.

– Nunca passei além deste ponto – diz o Emery quando passamos pela última porta da clínica.

– Nunca foste aos Arquivos? – pergunta a Imogen.

– Evito esse serviço como a peste – responde o Emery. – Os copistas assustam-me. Uns sabichõezinhos calados que se portam como se fossem capazes de elevar uma pessoa aos píncaros ou reduzi-la a pó só por escreverem alguma coisa.

Eu sorrio. Há mais verdade nesta afirmação do que a maioria das pessoas pensa.

– A infantaria ainda está no acampamento. – A Rhiannon aponta para as janelas, de onde se veem dezenas de fogueiras a iluminar o campo mais abaixo.

– Deve ser bom fazer uma pausa – observa a Nadine, mas sem sombra do tom mal-humorado que já começo a esperar dela, apenas a mesma exaustão que penso que todos sentimos. – Os copistas vão para casa no verão. Os curandeiros podem passar os fins de semana naqueles retiros de saúde do corpo e da mente, e a infantaria até pode ter de treinar montar e desmontar acampamentos na neve durante o inverno, mas, pelo menos, passa esses meses em volta de uma fogueira.

– Nós vamos poder ir para casa – aponta a Imogen.

– Depois da graduação – replica a Rhiannon. – Por quanto tempo? Uns dias?

Chegamos a uma bifurcação no caminho, em que podemos seguir pelo túnel para os Arquivos ou subir à fortaleza da escola de guerra.

– Não há volta atrás a partir daqui – digo ao grupo, a olhar para a escada em espiral que subi tantas vezes, da qual conheço cada degrau de cor.

– Vai à frente! – ordena a Quinn e saltamos todos uns 30 centímetros no ar.

– Chiu! – diz a Imogen com os dentes cerrados. – Não sei se sabem, mas alguns de nós não podem ser apanhadas.

– Certo. Desculpa. – A Quinn encolhe-se.

– Lembrem-se todos do plano – sussurro. – Ninguém se desvia dele. *Ninguém.*

Toda a gente assente com a cabeça e começamos a subida silenciosa pelas escadas escuras acima e depois mantemo-nos na penumbra ao atravessarmos o pátio de pedra de Basgiath.

– *O Xaden dar-me-ia muito jeito neste momento.*

– *Estás a ir muito bem* – assegura-me a Andarna no mais alegre dos tons. Juro, não há nada que a apoquente. É a criança mais temerária que já conheci, e cresci ao lado da Mira.

– São seis lanços de escadas até lá acima – sussurro quando chegamos junto às escadas. Continuamos a subir o mais rapidamente que conseguimos sem fazer nenhum barulho. A ansiedade sobe em flecha e o meu poder aumenta em

resposta, de tal forma que sinto a relíquia nas costas a aquecer até ao ponto em que arde desconfortavelmente. Está sempre assim nos últimos tempos, a fervilhar debaixo da minha pele, a lembrar-me que executar magias menores não vai ser suficiente se não manifestar um sinete em breve.

Acabamos por chegar ao cimo das escadas e o Liam inclina-se o suficiente para a frente para ver todo o comprimento daquele que me parece ser sempre o mais longo corredor do mundo.

– Há luzes mágicas em arandelas – sussurra. – E tinhas razão. – Recua para a segurança da escada. – Só há um guarda a proteger a porta.

– Havia alguma luz debaixo da porta? – pergunto em voz baixa. O meu coração parece bater a uma altura que toda a gente na escola pode ouvir, até os cadetes de infantaria que estão a dormir dezenas de metros abaixo de nós.

– Não. – Vira-se para a Quinn. – O guarda parece ter cerca de 1,80 metros, mas tem um ar bastante atlético. A outra escada é ao fundo do corredor à esquerda, o que quer dizer que vais ter de lhe chamar a atenção e mantê-la.

A Quinn assente com a cabeça.

– Sem problema.

– Todos os outros sabem o que têm a fazer? – pergunto.

Vejo oito acenos de cabeça.

– Então vamos a isto. Quinn, é a tua vez. Todos os outros, voltem para trás para que ele não nos veja se olhar para este lado. – Não acredito que estamos mesmo prestes a fazer isto. Se ela nos apanha, não vai haver misericórdia. Não é essa a natureza dela.

Recuamos e a Quinn sobe as escadas, decidida. A voz dela é abafada pelas paredes de pedra, mas ouvimos os passos retumbantes do guarda cristalinamente quando ele passa apressado pelas escadas.

– Volta cá! Não podes estar aqui!

– Agora! – ordena a Imogen.

Lançamo-nos para a frente e entramos a voar no corredor, deixando a Rhiannon e o Emery nas escadas. O Sawyer apressa-se a ir em direção às escadas do outro lado para fechar a porta e torcer as juntas de metal com os seus poderes enquanto nós seguimos disparadas pelo corredor.

Nunca corri tão depressa em toda a minha vida, e a Nadine já está junto à porta, a tentar desfazer as guarnições que a minha mãe usou, sejam elas quais

forem.

O Liam coloca-se no local onde estava o guarda e levanta o queixo, assumindo a mesma postura.

– Estás bem?

– Estou – respondo, com o peito a arfar ao ver a Imogen avançar para ajudar a Nadine. O sinete da Nadine é a capacidade de desfazer guarnições, que eu nunca pensei que viesse a dar tanto jeito. Os cavaleiros andam sempre a construir guarnições e a manter os escudos em pé em redor de Navarre. Mas a verdade é que não há muitos cavaleiros a tentar entrar à socapa no gabinete da general comandante. – E vai ficar tudo bem quando estiver lá dentro. – asseguro, a tentar pôr um sorriso nos lábios. – O que é engraçado, porque não foi o que eu pensei da última vez que estive neste lugar.

– Já está! – sussurra a Nadine, a abrir a porta devagar.

– Se me ouvirem a assobiar… – começa o Liam com a testa franzida de preocupação.

– Saímos pela janela ou coisa parecida – asseguro-lhe imediatamente antes de o Ridoc e o Sawyer passarem a correr. – Calma. – Deixo o Liam de vigia e junto-me aos outros no gabinete da minha mãe.

– Não toquem nas luzes mágicas, senão ela vai descobrir – advirto. – Têm de criar as vossas próprias luzes. – Movo o pulso e transformo o meu poder numa chama azul viva e deixo-a a pairar em cima de mim. É uma das coisas que faço bastante bem, na verdade.

– Não se está nada mal. – O Ridoc deixa-se cair no sofá vermelho.

– Não temos tempo para as tuas… coisas – admoesta o Sawyer, a dirigir-se para a estante. – Ajuda-me a procurar algo útil.

– Nós ficamos com a mesa. – A Imogen e a Nadine começam a revirar papéis na mesa de reuniões com seis cadeiras.

– O que me deixa com a secretária – murmuro, já a contornar a intimidante peça de mobiliário e a rezar para não ativar nenhuma das guarnições que ela tenha montado. Há três missivas dobradas no meio e pego na primeira, na qual vejo um punhal afiado com um cabo impregnado de liga de metal e o que parece uma runa tyrrense no topo que deve estar a usar como abre-cartas ou algo assim. Desdobro a carta com todo o cuidado que posso.

General Sorrengail,

As incursões à volta de Athebyne deixaram a divisão depauperada. O destacamento para lá das guarnições encerra riscos consideráveis e, embora eu tenha relutância em pedir reforços, tenho de o fazer. Se não reforçarmos o posto, podemos ser obrigados a abandoná-lo. Estamos a proteger os cidadãos de Navarre de corpo, alma e coração, mas não tenho palavras para transmitir a dureza da situação. Eu sei que recebe os relatórios diários do nosso adido copista, mas não estaria a cumprir devidamente os meus deveres de oficial-executiva da Divisão Sul se não lhe escrevesse pessoalmente. Envie-nos reforços, por favor.

Atentamente,

Major Kallista Neema

Respiro para suster a dor que me irrompe no peito ao ler a súplica na carta. Discutimos ataques quase diários na aula de Sumário de Batalha, mas nada desta escala.

Talvez eles não nos queiram assustar.

Mas, se as coisas estão assim tão aterradoras por lá, temos todo o direito de saber. Provavelmente vamos ser chamados para o serviço antes de nos graduarmos. Talvez ainda este ano.

– Isto são só… números – diz a Imogen, a remexer nos papéis da mesa de reuniões.

– Estamos em abril – digo, a estender a mão para a próxima missiva. – Ela está a trabalhar no orçamento do próximo ano.

Toda a gente para e se vira para olhar para mim, todos com expressões com diferentes graus de incredulidade.

– O que foi? – Encolho os ombros. – Achavam que este lugar se geria sozinho?

– Continuem à procura – ordena Imogen.

Desdobro a missiva seguinte.

General Sorrengail,

Os protestos relativamente às leis de alistamento estão a crescer na província de Tyrrendor. Sabendo que, devido ao seu tamanho, Tyrrendor nos fornece a

maioria dos recrutas que nos reabastecem as linhas da frente, não nos podemos dar ao luxo de voltar a perder o apoio das pessoas. Talvez um influxo de despesa na defesa dos postos avançados da região pudesse não só estimular a economia da província e lembrar aos tyrrenses a importância que têm na defesa do nosso reino, mas também acalmar a inquietação reinante. Por favor, considere esta solução como alternativa a eliminar a inquietação por meio da força.

Atentamente,

Tenente-coronel Alyssa Travonte

Que diabo? Fecho a carta e volto a colocá-la no lugar em cima da secretária da minha mãe, depois viro-me para o mapa gigante na parede diretamente acima de mim.

O clima de agitação não é novo em Tyrrendor, e o sentimento contra o alistamento também não, mas a verdade é que não ouvimos nenhum rumor político na aula de Sumário de Batalha. Se não fosse para mitigar o descontentamento, não faria sentido aumentar os gastos defensivos na região, sobretudo porque é a que tem menos postos avançados devido à barreira natural proporcionada pelos Penhascos de Dralor, que os grifos não são capazes de ultrapassar. Tyrrendor já deveria ser uma das províncias mais seguras do Continente. Bem, com a exceção de Aretia. No lugar onde deveria estar essa capital, só existe uma marca de queimado, como se a destruição da cidade pelo fogo também tivesse sido chamuscada no mapa.

Estudo o mapa durante preciosos segundos e reparo nos marcadores de muralhas salpicados ao longo das áreas rurais. Logicamente, há mais postos avançados ao longo das zonas mais ativas da fronteira e, de acordo com este mapa, mais tropas nesses locais.

O mapa mostra a totalidade de Navarre: Krovla a sul, Braevick e Cygnisen a sudeste e até as barreiras dos Baldios, os terrenos arrasados do deserto na ponta sul do Continente. Também mostra cada um dos nossos postos avançados e as rotas de abastecimento no seio de Navarre.

O meu rosto dobra-se num sorriso lento.

– Ei, Segunda Esquadra. Já sei o que temos de roubar.

Demoramos alguns minutos a retirar o mapa da parede e a tirá-lo da moldura, depois mais um a enrolá-lo e a atá-lo com os cordões de pele que a Imogen vai buscar à bolsa.

O Liam assobia e o meu coração sobressalta-se como se me fosse sair do peito.

– Merda! – O Ridoc corre para a porta e abre-a de chofre quando nos preparamos todos para fugir. – O que se passa aí fora?

– Ele está a bater na porta do corredor! Vai ceder a qualquer momento. Temos de ir *já* – grita o Liam num sussurro, a segurar a porta aberta enquanto nós corremos todos para o corredor. O mapa é demasiado grande para ser carregado por uma só pessoa e o Sawyer e a Imogen têm dificuldade em passar pela entrada do gabinete enquanto o guarda continua aos pontapés à porta no fundo do corredor.

O meu estômago dobra-se num nó e o pânico ameaça confundir-me o pensamento lógico.

– E estamos fodidos – anuncia a Nadine.

– O que raio pensam que estão a fazer? – grita o guarda, a correr na nossa direção.

– Se ele nos apanha com o mapa, estamos mortos. – O Ridoc saltita sobre os dedos dos pés como se estivesse a preparar-se para lutar. Em qualquer outro dia, diria que os cavaleiros são os melhores lutadores… temos de ser…, mas aquele guarda da Basgiath pode dar-nos muito que fazer.

– Não o podemos magoar – protesto.

O guarda passa disparado pela primeira escada e a Rhiannon salta para o meio do corredor com os braços esticados.

– Funciona, por favor. Funciona, por favor. Funciona, por favor – entoa a Imogen.

O mapa desaparece-lhe das mãos e reaparece no fundo do corredor nas mãos da Rhiannon.

Mal tenho tempo para verificar que funcionou quando o guarda tropeça, mas não cai, e continua a correr. Se se aproximar mais, vai ver o meu rosto.

– Isto não fazia parte do plano. – O Liam afasta-se para o lado.

– Adapta-te! Emery! – diz a Imogen com os dentes cerrados e o cavaleiro do terceiro ano coloca-se à frente do nosso pequeno grupo de saltimbancos.

– Desculpa, meu. – Estende as mãos e faz força. Uma corrente de ar voa pelo corredor, arranca as tapeçarias das paredes e vai de encontro ao guarda, atirando-o contra a parede de pedra. – Corram!

Desatamos a correr pelo corredor para o local onde o guarda jaz inanimado.

– Tragam-no para aqui – digo eu com os dentes cerrados, a forçar a porta mais próxima, que pertence a um dos subsecretários da minha mãe.

O Liam e o Ridoc arrastam o guarda para o interior do gabinete e eu coloco-lhe os dedos no pescoço.

– Tem a pulsação forte. Só lhe tirou os sentidos. Abram-lhe a boca. – Pego no frasco que tenho escondido no bolso das minhas peles, desarolho-o e deixo o tónico pingar na boca do guarda. – Vai dormir o resto da noite.

Os olhos do Liam cruzam-se com os meus.

– És um bocado assustadora.

– Obrigada. – Abro um sorriso rasgado e começamos todos a correr o mais rápido possível para sair deste lugar.

Quinze minutos depois, ainda temos os peitos a arfar quando entramos de fininho na sala da Aula de Sumário de Batalha mesmo em cima da hora.

Somos os últimos a chegar, e o latejo do maxilar do Dain lá longe na fila de cima onde está sentado com os outros membros da chefia diz-me que vamos ter de o ouvir mais tarde.

Afasto o olhar do chefe da nossa esquadra e dirigimo-nos todos para os nossos lugares quando as apresentações começam por ordem de esquadra, o que nos dá tempo suficiente para recuperarmos da nossa corrida antes de termos de ir para o estrado.

Uma esquadra da Primeira Divisão roubou o manual escrito à mão pelo Professor Kaori sobre os hábitos pessoais e as deficiências de todos os dragões no ativo. Impressionante.

Uma esquadra da Segunda Divisão suscita um burburinho de aprovação quando mostra a farda de um dos professores de Infantaria, completamente intacta com algo que os cavaleiros nunca ostentam: um crachá com o nome. É um objeto que permitiria que o inimigo acedesse aos nossos postos avançados, dada a divisa no ombro.

A melhor oferta da Terceira Divisão é um copista pasmado com os olhos esgazeados, retirado diretamente da cama. E, dada a forma como a boca dele não

se mexe… sim, o sinete de alguém está a tirar-lhe a capacidade de falar. O coitado vai ficar traumatizado quando finalmente o libertarem.

Quando chega a nossa vez de ir para o palco, o Sawyer e o Liam, os dois mais altos da nossa esquadra, seguram os cantos superiores do mapa para que seja visível para todos depois de desenrolado.

Eu fico atrás ao lado da Imogen e perscruto o grupo de chefia à procura de um certo par de olhos ónix. *Ali estão eles.*

O Xaden está encostado à parede junto dos outros chefes de divisão a olhar para mim com uma mistura de curiosidade e expectativa que me acelera a pulsação.

– A ideia foi tua – sussurra a Imogen, a acotovelar-me para que eu vá para a frente. – Faz a apresentação.

Os olhos do Professor Markham dilatam-se, redondos como pires, quando ele faz um esforço para se levantar, no que é seguido imediatamente pela Professora Devera, cuja boca se abre de tal maneira, que a cena é quase cómica.

Aclaro a garganta e aponto para o mapa.

– Nós trouxemos a melhor arma para os nossos inimigos. Um mapa atualizado de todos os postos avançados atuais das divisões de Navarre com informação do número de tropas nas muralhas usadas pela infantaria. – Aponto para os fortes ao longo da fronteira com Cygnisen. – Assim como as localizações de todos os confrontos dos últimos 30 dias. Incluindo o da noite passada.

O quadrante irrompe num burburinho.

– E como é que sabemos que este mapa é, de facto, atual? – pergunta o Professor Kaori, com o diário recuperado debaixo do braço.

Não há nada que pare o sorriso que me rasga o rosto.

– Porque o roubámos do gabinete da general Sorrengail.

A sala transforma-se num caos absoluto, com alguns cavaleiros a fugir do palco quando os professores tentam abrir caminho para chegar até junto de nós, mas eu ignoro toda a confusão e vejo o Xaden a dobrar um canto daquela boca linda e a tirar um chapéu imaginário para me fazer uma vénia rápida antes de voltar a fixar os olhos nos meus. Cada célula do meu ser se enche de satisfação quando lhe retribuo o sorriso.

Não importa qual será a decisão do júri.

Eu já venci.

Não há ligação maior do que a que existe entre dois dragões parceiros de acasalamento. É um laço que ultrapassa em muito o do amor ou da adoração humana e comporta uma necessidade primitiva e inegável de proximidade. Um não consegue viver sem o outro.

– Guia de Campo para a Draconidade do Coronel Kaori



CAPÍTULO XXVI

Voar curtas distâncias é algo que consigo fazer.

As manobras de voo – os voos picados e mergulhos que temos de fazer nas formações de combate – deixam-me a cair às voltas pelo ar a menos que o Tairn me segure com as amarras do seu próprio poder.

Mas voar seis horas seguidas como prémio, numa viagem de uma semana a um posto avançado, poderá significar a minha morte.

– Tenho quase a certeza de que estou a morrer. – A Nadine dobra-se e apoia as mãos nos joelhos.

– Percebo-te perfeitamente. – Todas as vértebras da minha coluna gritam quando me alongo, e as mãos, que estavam geladas há poucos minutos, começam a suar dentro das luvas de pele.

Como é natural, o Dain está muito pouco afetado, com a postura apenas ligeiramente rígida quando, juntamente com a Professora Devera, saúda um homem alto com a indumentária preta de cavaleiro, que eu parto do princípio que é o comandante do posto avançado.

– Bem-vindos, cadetes – diz o comandante com um sorriso profissional, a cruzar os braços à frente do peito coberto pelas peles leves. O cabelo grisalho dificulta a determinação da idade, além do que tem aquele aspeto descarnado e

gasto que afeta todos os cavaleiros que ficam destacados na fronteira tempo de mais. – Estou certo de que gostariam de se instalar e vestir algo mais adequado para o clima. Depois vamos fazer-vos uma visita guiada a Montserrat.

A Rhiannon inspira profundamente enquanto olha para as montanhas.

– Estás bem?

Ela assente com a cabeça.

– Mais tarde.

Mais tarde chega em exatamente 12 minutos encharcados de suor, quando nos dão a conhecer os quartos duplos nas casernas que vamos ocupar. São austeros, mobilados apenas com duas camas, dois roupeiros e uma única secretária debaixo de uma janela larga.

A Rhiannon não diz nada durante o tempo que demoramos a ir aos aposentos de banho para nos lavarmos depois da viagem e continua assustadoramente calada enquanto vestimos as peles de verão. Podemos ainda estar em abril em Montserrat, mas parece o junho de Basgiath.

– Vais dizer-me o que se passa? – pergunto, ao guardar o meu saco debaixo da cama antes de me assegurar que todos os punhais estão onde devem estar. Os cabos mal se veem nas bainhas que tenho junto às coxas, mas duvido que haja muita mente tão a leste que reconheça os símbolos tyrrenses.

As mãos da Rhiannon tremem com o que parece ser uma energia nervosa quando amarra a espada às costas.

– Sabes onde estamos?

Eu abro um mapa mental.

– Estamos a pouco mais de 300 quilómetros da costa…

– A minha aldeia fica a menos de uma hora a pé. – Os olhos dela cruzam-se com os meus numa súplica calada, e vejo tanta emoção a rodopiar naquelas profundezas castanho-escuras que fico com um nó na garganta que também me deixa sem fala.

Pego nas mãos dela e aperto-as com um aceno de cabeça. Sei exatamente o que ela está a pedir e perfeitamente o que irá custar se formos apanhadas.

– Não digas a ninguém – sussurro, embora só estejamos nós no quarto minúsculo. – Temos seis dias para encontrar uma maneira e vamos conseguir. – É uma promessa e ambas o sabemos.

Alguém bate com força na porta.

– Vamos embora, Segunda Esquadra!

O Dain. Há nove meses, ficaria encantada com este tempo fora de Basgiath com ele. Agora, dou por mim a evitar as constantes expectativas que ele coloca em mim… ou a evitá-lo por completo. É curioso como as coisas podem mudar tanto em tão pouco tempo.

Juntamo-nos aos outros e o major Quade faz-nos a visita guiada a todo o posto. Sinto o estômago a roncar, mas ignoro-o e absorvo a energia frenética da base.

A fortaleza é composta basicamente por quatro enormes muralhas, cheias de casernas e diferentes aposentos, além de torreões em cada canto e uma entrada alta e arqueada que ostenta um portão fortificado com espigões que parece pronto para ser baixado e servir de ponte a qualquer momento. Num dos lados do pátio, há um estábulo com um ferreiro e armeiro para a companhia de infantaria destacada neste lugar e do outro fica a cantina.

– Como podem ver – diz-nos o major Quade quando estamos no meio do pátio lamacento – fomos construídos para resistir ao assédio. Em caso de ataque, podemos alimentar e alojar toda a gente que aqui está por um período apropriado.

– *Apropriado*? – faz o Ridoc com os lábios a levantar as sobrancelhas.

Cerro os lábios para não me rir e o Dain, que está ao meu lado, lança-lhe um olhar que promete castigo. O meu sorriso desvanece-se.

– Como somos um dos postos avançados a leste, temos um total de 12 cavaleiros aqui destacados. Três estão em patrulha neste momento, três estão em espera, prontos para o caso de serem necessários e os outros seis estão em diferentes estágios de descanso – continua o major.

– Que olhar é esse? – sussurra o Dain.

– Que olhar? – pergunto, quando ouço o rugido inconfundível de um dragão a ecoar nas muralhas de pedra.

– Deve ser uma das patrulhas a regressar – diz o major Quade, com um sorriso que pretende sincero, ainda que seja falho de energia.

– Esse olhar de quem sente que alguém tirou toda a alegria o teu mundo – responde o Dain, a dobrar ligeiramente a cabeça e sempre com a voz suficientemente baixa para só eu a ouvir.

Poderia mentir-lhe, mas isso tornaria as nossas semitréguas ainda mais estranhas.

– Estava só a lembrar-me do rapaz com que costumava subir às árvores, mais nada.

Ele sobressalta-se como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

– Portanto, vamos dar-vos de comer e deixar-vos dormir e depois vamos ver quem vão acompanhar enquanto estiverem aqui – continua o major.

– Vamos poder participar em cenários ativos? – pergunta Heaton, praticamente a vibrar de entusiasmo.

– De maneira nenhuma! – dispara a Professora Devera.

– Se virem situações de combate, quer dizer que eu terei falhado ao tentar tornar este forte o mais seguro lugar da fronteira para vos receber – responde o major Quade. – Mas ganha pontos de bónus pelo entusiasmo. Deixe-me adivinhar. Terceiro ano?

Heaton assente com a cabeça.

O major Quade vira-se ligeiramente e ri-se para as três figuras indistintas em indumentária preta de cavalaria a passar pelo portão fortificado aberto.

–Aqui estão eles. Porque é que vocês os três não vêm cá conhecer…

– Violet?

A minha cabeça vira-se de chofre para o portão e o coração consome-se numa série de batimentos erráticos que me deixam o peito apertado com o melhor tipo de choques. *Não pode ser*. É impossível. Precipito-me para o portão, esquecendo o estoicismo e a distância emocional ao mesmo tempo que ela começa a correr e abre os braços antes de colidirmos.

Ela ergue-me no ar, puxa-me ao encontro do peito e aperta-me com força. Cheira a terra e a dragão com um laivo acobreado de sangue, mas eu não me importo. Retribuo o abraço com a mesma força.

– Mira. – Enterro o rosto no ombro dela e sinto os olhos a arder quando pousa a mão em cima da trança que me ensinou a fazer. É como se o peso de tudo o que aconteceu ao longo dos últimos nove meses caísse e me atingisse com a força de um dardo cruzado.

O vento no parapeito.

A expressão dos olhos do Xaden quando percebeu que eu era uma Sorrengail.

O som do Jack a jurar que me iria matar.

O cheiro de corpos a arder naquele primeiro dia.

A expressão no rosto da Aurelie quando caiu do Guante.

O Pryor, a Luca e a Trina e… o Tynan. O Oren e a Amber Mavis.

O Tairn e a Andarna a escolher-me.

O Xaden a beijar-me.

A nossa mãe a ignorar-me.

A Mira afasta-se com os braços estendidos para olhar para mim, como se estivesse à procura de danos.

– Estás bem. – Assente com a cabeça e os dentes fincam-se no lábio inferior. – Estás bem, não estás?

Eu anuo com a cabeça, mas a minha visão turva-se ao olhá-la porque posso estar viva e de boa saúde, mas não sou a mesma pessoa que ela deixou na base daquele torreão e, pelo peso que lhe vejo nos olhos, a Mira também o sabe.

– Sim – suspira, a puxar-me para me dar mais um abraço apertado. – Estás bem, Violet. Estás bem.

Se o disser vezes suficientes, posso começar a acreditar nela.

– E tu *estás*? – Afasto-me para olhar bem para ela. Vejo uma nova cicatriz que se estende do lobo da orelha até à clavícula. – Deuses, Mira.

– Estou bem – garante-me, antes de esboçar um sorriso. – E olha bem para ti! Não morreste!

Uma gargalhada irracional e vertiginosa começa a formar-se.

– Não morri! Não és filha única!

Irrompemos ambas numa gargalhada que nos deixa os olhos a escorrer lágrimas.

– As Sorrengails são estranhas – ouço a Imogen a afirmar.

– Não fazes ideia – responde o Dain, mas quando me volto para olhar, ele tem os lábios dobrados no sorriso mais genuíno que lhe vi nos últimos meses.

– Cala-te, Aetos – ralha a Mira, a pousar-lhe o braço no ombro. – Conta-me tudo o que aconteceu, Violet.

Podemos estar a centenas de quilómetros de Basgiath, mas nunca me senti mais em casa.

Ao início da noite dois dias depois, acabadas de jantar, a Rhiannon e eu saltamos da janela do primeiro andar. A Mira está em patrulha e, por

maravilhoso que tenha sido tê-la por perto, esta é a nossa única oportunidade.

– *Estamos a caminho.*

– *Não se deixem apanhar* – adverte o Tairn.

– *É o que estamos a tentar.* – A Rhiannon e eu seguimos sub-repticiamente ao longo da muralha ameada e viramos a esquina para o campo…

Bato contra a Mira com tanta força que caio para trás.

– Merda! – exclama a Rhiannon quando me apanha.

– Não verificas as esquinas, pelo menos? – admoesta a Mira, a cruzar os braços à frente do peito e a olhar para mim de uma forma que até posso merecer. Pronto, mereço de certeza.

– Em minha defesa, não pensei que fosses estar aqui – digo devagar. – Porque deverias estar em patrulha.

– Estavas muito estranha ao jantar. – A Mira vira a cabeça para o lado e estuda-me como se fôssemos crianças outra vez e estivesse a ver demasiado. – Por isso, troquei de turno. Queres dizer-me o que estás a fazer fora da muralha.

Relanceio para a Rhiannon e ela desvia o olhar.

– Nenhuma das duas? A sério? – A Mira suspira e esfrega a cana do nariz. – Vocês as duas precisam de sair às escondidas de uma posição de defesa altamente fortificada porque…?

Olho para a Rhiannon.

– Ela vai descobrir de uma maneira ou de outra. É como um cão de caça com este tipo de coisas. Acredita. – Sinto um aperto no estômago.

A Rhiannon levanta o queixo.

– Vamos voar para a casa da minha família.

A Mira fica pálida.

– Acham que vão fazer *o quê*?

– Vamos voar para a aldeia dela. É um voo de uns cinco minutos de acordo com o Tairn e… – começo.

– É que nem pensar. – A Mira abana a cabeça. – Não. Não podem voar daqui para fora como se estivessem de férias. E se vos acontece alguma coisa?

– Na casa dos pais dela? – pergunto devagar. – Porque há uma enorme emboscada planeada na magra hipótese de nós podermos aparecer, é isso?

A Mira semicerra os olhos.

Merda. Isto não está a correr bem e, dada a forma como a Rhiannon me está a apertar o braço neste momento, ela acha o mesmo.

– Correríamos menos perigo se fôssemos visitar os pais dela do que em Basgiath – aponto.

A Mira cerra os lábios.

– Bem visto.

– Vem connosco – atiro. – A sério. Vem connosco, Mira. A Rhiannon só quer ver a irmã.

Os ombros da Mira descaem. Está a ceder, e eu ataco sem misericórdia.

– A Raegan estava grávida quando a Rhiannon saiu de casa. Consegues imaginar não estares lá comigo se eu tivesse um filho? Não farias qualquer coisa, incluindo dar uma escapada de uma posição defensiva altamente fortificada, se isso significasse que podias ter a tua sobrinha ou o teu sobrinho ao colo. – O meu nariz enruga-se enquanto me preparo para a resposta. – Além disso, com a heroína de Strythmore ao nosso lado, o que é que poderá correr mal?

– Não comeces com isso, sequer. – A minha irmã olha para mim, depois para a Rhiannon, depois de novo para mim antes de resmungar. – Oh, está bem, caraças. – O dedo dela levanta-se, admoestador, e começamos ambas a rir. – Mas se chegarem sequer a pensar em contar a alguém, vou fazer com que se arrependam durante o resto da vossa vida natural.

– Ela não está a brincar – sussurro.

– Acredito – responde a Rhiannon.

– Estão aqui há dois dias e já estão a quebrar as regras – murmura a Mira. – Vamos lá, é mais fácil se cortarmos caminho por aqui.

Uma hora depois, a Mira e eu estamos estendidas nos bancos almofadados de cada um dos lados da mesa de jantar da casa da Raegan, a ver a Rhiannon a embalar o sobrinho junto à lareira e a conversar distraidamente com a irmã, enquanto os pais e o cunhado olham para elas sentados num sofá próximo.

Vê-los a encontrar-se de novo faz com que tudo valha a pena.

– Obrigada por nos ajudares. – Olho de relance para a Mira do outro lado da mesa.

– Tê-lo-ias feito comigo ou sem mim. – Ela olha para a família com um sorriso terno, a enrolar a mão em redor da caneca de peltre de vinho que a mãe da Rhiannon teve a gentileza de nos trazer um pouco antes. – Pensei que pelo

menos assim saberia que estavas em segurança. Que outras regras é que quebraste até agora, maninha? – Beberica o vinho com os olhos postos em mim.

Esboço um sorriso cúmplice e levanto um ombro.

– Talvez uma ou outra aqui e ali. Tornei-me muito boa a envenenar os meus adversários antes dos desafios.

A Mira quase que cospe o vinho e leva a mão à boca.

Eu rio-me e cruzo os tornozelos.

– Não era o que esperavas?

Os olhos dela brilham de respeito.

– Para dizer a verdade, não sei o que esperava. Só desejava desesperadamente que sobrevivesses. E depois acabaste por não apenas te vinculares a um dos dragões vivos mais poderosos, mas também a uma cauda de penas. – Ela abana a cabeça. – A minha irmãzinha é do caraças.

– Não sei bem se a mãe concordaria contigo. – Passo a mão por cima da asa da minha caneca. – Ainda não estou a manifestar um sinete. Sou boa a ligar-me à terra e consigo levantar um bom escudo, mas… – Não lhe posso contar o resto, falar-lhe do dom que a Andarna me deu, pelo menos por agora. – Se eu não manifestar um sinete em breve…

Ambas sabemos o que acontecerá.

A Mira estuda-me em silêncio com aquele jeito que ela tem e diz:

– A questão é a seguinte, se queres que o teu sinete se manifeste, deixa de o bloquear ao pensares que tem alguma coisa que ver com a mãe. O teu poder é teu e de mais ninguém, Vi.

Encolho-me sob o escrutínio que está a fazer e mudo de assunto, baixando os olhos para o pescoço dela.

– Como é que isso aconteceu?

– Um grifo – responde-me, a assentir com a cabeça. – Perto da aldeia de Cranston há cerca de sete meses. A criatura saiu de nenhures a meio de um ataque surpresa a uma aldeia. As guarnições baixaram e normalmente o meu sinete dá-me alguma imunidade em relação aos manipuladores inimigos, mas não à porcaria dos pássaros deles. Os curandeiros demoraram horas a coser-me. Mas fiquei com uma cicatriz muito à maneira. – Levanta o queixo para a exibir.

– Cranston? – Penso nas aulas de Sumário de Batalha. – Nunca nos falaram dessa aldeia. Eu… – O bom senso diz-me para calar a boca.

– Tu o quê? – A Mira bebe mais um pouco.

– Acho que se passam muito mais coisas nas fronteiras do que nos dizem – admito com a voz baixa.

A Mira levanta as sobrancelhas.

– Bem, claro que sim. Não estás à espera de que a Aula de Sumário de Batalha vos passe informação confidencial, ou estás? És mais inteligente do que isso. E, para dizer a verdade, ao ritmo a que as nossas fronteiras estão a ser atacadas, teriam de dedicar o dia todo à aula de Sumário de Batalha para dissecar cada investida.

– Faz sentido. Vocês recebem a informação toda?

– Só a que precisamos. Tipo, seria capaz de jurar que vi um bando de dragões do outro lado da fronteira durante este ataque. – Encolhe os ombros. – Mas as perguntas sobre as operações secretas estão acima do meu nível salarial. Olha para as coisas por este prisma: se fosses uma curandeira, precisarias de saber os pormenores dos doentes dos teus colegas?

Abano a cabeça.

– Não.

– Exatamente. Agora diz-me: o que raio se está a passar entre ti e o Dain? Já vi menos tensão numa besta e não me refiro à tensão boa. – Ela olha para mim de uma forma que não abre espaço a desculpas.

– Preciso de mudar para sobreviver. E ele não me queria deixar fazê-lo. – É a explicação mais simples para os últimos nove meses. – Fui a responsável pela morte de uma amiga dele, a Amber. Era uma chefe de divisão. E, para dizer a verdade, tudo o que aconteceu com o Xaden afastou-nos tanto que eu não sei como reparar a nossa amizade. Pelo menos, para que fique como era.

– A execução da chefe de divisão é do conhecimento geral. Não foste tu a responsável pela morte dela. A responsável foi ela quando violou o Códice. – A Mira estuda-me por um momento em silêncio. – É verdade que o Riorson te salvou naquela noite?

Assinto com a cabeça.

– O Xaden é um tema complicado. – Tão complicado que não consigo identificar os meus próprios sentimentos. Pensar nele só me baralha de uma forma que me deixa sem saber o que fazer. Eu quero-o, mas não posso confiar

nele, pelo menos da forma como desejo. No entanto, por outro lado, é a pessoa em quem mais confio.

– Espero que saibas o que estás a fazer. – Os dedos da Mira apertam a asa da caneca com mais força. – Porque eu lembro-me muito bem de te avisar para te manteres longe daquele filho de um traidor.

O meu estômago embrulha-se com a descrição que a Mira faz do Xaden.

– O Tairn não prestou atenção nenhuma ao aviso, isso é certo.

Ela solta um sonoro suspiro.

– Mas, a sério, se o Xaden não tivesse aparecido naquela noite, ou se eu não estivesse a dormir com a couraça vestida… – Paro para me inclinar para a frente para lhe tocar na mão. – Não fazes ideia das vezes que me salvaste a vida sem sequer estares lá.

A Mira sorri.

– Fico contente que tenha funcionado. Juro que precisei de uma temporada inteira de muda para reunir aquelas escamas todas.

– Já pensaste em contar à mãe? Para que sejam feitas para todos os cavaleiros?

– Eu disse à minha chefia. – Recosta-se no assento e bebe mais um pouco. – Disseram que iam ver o que podiam fazer.

Olhamos para a Rhiannon a dar um beijo nas bochechas rechonchudas e perfeitas do sobrinho.

– Nunca vi uma família tão feliz – admito. – Mesmo quando o Brennan e o pai estavam vivos, nós não éramos… assim.

– Não, não éramos. – A boca da Mira dobra-se num sorriso triste quando olha para mim. – Mas lembro-me de muitas noites que passámos enroscadas à lareira com o pai e aquele livro que tu adoras.

– Ah, sim, o livro que me obrigaste a deixar no meu antigo quarto. – Levanto uma sobrancelha.

– Referes-te ao livro que eu surripiei antes de a mãe se lembrar de ir ao teu quarto e decidir limpar tudo o que tinhas lá enquanto estavas no quadrante? – O sorriso dela transforma-se num esgar rasgado. – Está em Montserrat. Pensei que ias ficar fula se te graduasses e tivesse desaparecido. Não sei o que farias se te esquecesses de um pequeno detalhe de como os galantes cavaleiros aniquilaram um exército de serpes e venéficos que drenavam toda a magia da terra.

Pestanejo.

– Merda. Não me lembro. Mas acho que o vou poder ler novamente em breve! – Sinto uma bolha de alegria a crescer-me no peito. – És a maior.

– Eu dou-to no posto. – Recosta-se e olha para mim com um ar pensativo. – Eu sei que são só histórias, mas nunca percebia porque é que os vilões decidiam corromper as almas e tornar-se venéficos, e agora… – A minha irmã franze o sobrolho.

– Agora simpatizas com o vilão? – provoco.

– Não. – Ela abana a cabeça. – Mas temos o tipo de poder pelo qual as pessoas matam, Violet. Os dragões e os grifos são os porteiros e eu tenho a certeza de que, para alguém suficientemente ambicioso, arriscar a alma seria um preço justo para a capacidade de manipular que nós temos. – A minha irmã encolhe os ombros. – Só fico contente por os nossos dragões serem tão criteriosos e as nossas guarnições manterem os cavaleiros de grifos à distância. Quem diabo sabe que tipo de pessoas aquelas criaturas peludas escolhem?

Ficamos mais uma hora, até ao momento em que sabemos que estamos a arriscar sermos descobertas se ficarmos mais tempo. Depois, a Mira e eu damos alguma privacidade à Rhiannon para se despedir da família e saímos da casa para a noite húmida. O Tairn tem estado incaracteristicamente calado nas últimas duas horas.

– Alguma vez estiveste destacada com cavaleiros de dragões que formam um casal? – pergunto à Mira quando fecho a porta.

– Um – responde ela, a entrefechar os olhos para o caminho escuro em frente da casa. – Porquê?

– Gostava de saber quanto tempo podem estar separados.

– Pelos vistos, três dias é o máximo que eles aguentam. – O Xaden aparece vindo da penumbra.

Por bravura que ultrapassou o sentido de dever na batalha de Strythmore, onde a sua coragem resultou não só na destruição de uma bateria militar atrás das linhas do inimigo, mas também na preservação da vida de uma companhia de infantaria inteira, recomendo que Mira Sorrengail receba a Estrela de Navarre. Mas se se considerar que não é merecedora de tal honra, e eu asseguro que é, agraciá-la com o menos importante galardão da Ordem da Presa seria uma pena, mas suficiente.

– Recomendação de Condecoração do Major Potsdam
à Tenente Sorrengail



CAPÍTULO XXVII

– Portanto, a única coisa que temos de fazer é esperar que algo aconteça? – pergunta o Ridoc na tarde seguinte, a recostar-se na cadeira e a pousar as botas na borda da mesa de madeira que ocupa todo o comprimento da sala de reuniões.

– É – diz a Mira da cabeceira da mesa, antes de fazer um movimento com o pulso que faz o Ridoc cair de costas. – E não ponhas os pés em cima da mesa.

Um dos cavaleiros de Montserrat ri-se enquanto muda os marcadores do enorme mapa que ocupa a única parede de pedra da sala em curva cravejada de janelas. Este é o torreão mais alto do posto avançado, com vistas inigualáveis para a cadeia montanhosa de Esben à nossa volta.

Fomos divididos em dois grupos hoje. A Rhiannon, o Sawyer, a Cianna, a Nadine e Heaton passaram a manhã com a Professora Devera nesta sala, a estudar batalhas antigas no posto avançado e agora estão em patrulha.

O Dain, o Ridoc, o Liam, o Emery, a Quinn e eu passámos a manhã num voo de duas horas em volta da área circundante com um acompanhante adicional: o Xaden. O meu chefe de divisão tem sido o pior tipo de distração desde que chegou ontem à noite.

O Dain não para de olhar para ele com cara de poucos amigos e de fazer comentários sarcásticos.

A Mira também está sempre de olho dele, estranhamente calada desde a noite passada.

E eu? Não consigo controlar os meus olhos ariscos. Há uma energia palpável que me roça a pele como uma carícia sempre que os nossos olhares se cruzam em qualquer sítio em que ele entre. Mesmo neste momento, estou ciente de cada inspiração do Xaden, que está sentado aqui ao meu lado a meio da mesa.

– Pensem neste momento como o vosso Sumário de Batalha – continua a Mira, a olhar de soslaio para o Ridoc, que volta a sentar-se, atrapalhado, na cadeira. – Esta manhã enviámos cerca de um quarto da patrulha de um dia comum, pelo que, em condições normais, estaríamos agora a voltar para relatar o que descobrimos ao comandante. Mas, para matarmos tempo, uma vez que estamos nesta sala à espera do voo desta tarde, vamos fazer de conta que nos deparámos com um novo posto avançado inimigo fortificado do nosso lado da fronteira. – Vira-se para o mapa e espeta um marcador com uma pequena bandeira carmesim num dos picos a cerca de três quilómetros da fronteira com Cygnisen. – Mais precisamente, aqui.

– E a ideia é fazermos de conta que apareceu da noite para o dia? – pergunta o Emery, abertamente cético.

– Só como hipótese de discussão, cavaleiro do terceiro ano. – A Mira lança-lhe um olhar com os olhos semicerrados e ele apruma-se um pouco mais no assento.

– Gosto deste jogo – diz outro cavaleiro de Montserrat ao fundo da mesa, a entrelaçar os dedos atrás do pescoço.

– Qual seria o nosso objetivo? – A Mira olha em redor da mesa, ignorando visivelmente o Xaden. Ontem à noite, olhou para a relíquia da rebelião que ele tem no pescoço e foi-se embora sem dizer uma palavra. – Aetos?

O Dain sobressalta-se no lugar onde estava a fitar o Xaden com má cara e vira-se para o mapa.

– Que tipo de fortificações é que eles têm? Estamos a falar de uma estrutura de madeira não planificada? Ou de algo mais substancial?

– Como se eles tivessem tido tempo para construir uma fortaleza da noite para o dia – murmura o Ridoc. – Teria de ser de madeira, não é?

– Foda-se, vocês são literais como o caralho. – A Mira suspira e passa o polegar pela testa. – Muito bem, digamos que ocuparam um forte que já estava estabelecido. Pedra e tudo.

– E os civis não pediram ajuda? – pergunta a Quinn, a esfregar o queixo saliente. – O protocolo exige um sinal de alerta quando se trata de um local tão embrenhado nas montanhas. Deveriam ter acendido o foco de alerta para chamar a atenção dos cavaleiros em patrulha, o que levaria os dragões em patrulha a avisar todos os restantes dragões disponíveis na zona. Os cavaleiros nesta sala seriam os primeiros a montar os respetivos dragões para constituir uma força de reação e os outros seriam acordados do seu descanso, para que fossem os cavaleiros a impedir a perda do forte logo à partida.

A Mira solta uma interjeição de troça e apoia as mãos na borda da mesa, a olhar para nós todos de cima para baixo.

– Tudo o que vos ensinam em Basgiath é teoria. Analisam ataques passados e aprendem aquelas manobras de combate… muito teóricas. Mas, por aqui, as coisas não correm sempre conforme o planeado. Por isso, porque é que não falamos das formas como as coisas podem dar para o torto, para que saibamos o que fazer em vez de estarmos aqui a discutir as razões por que o forte não deveria ter sido tomado?

A Quinn ajeita-se desconfortavelmente na cadeira.

– Quantos de vocês que estão no terceiro ano já foram chamados? – A Mira endireita-se, cruza os braços em cima das peles pretas e da alça que segura a espada que tem nas costas.

O Emery e o Xaden levantam as mãos, embora o Xaden mal se mexa.

O Dain tem o ar de quem está prestes a explodir.

– Isso não é correto. Nunca somos chamados para o serviço antes da graduação.

O Xaden cerra os lábios numa linha fina e assente com a cabeça, levantando-lhe o polegar com sarcasmo.

– Sim, está certo. – O Emery ri-se. – Espera pelo ano que vem, então. Já perdi a conta das vezes em que somos nós que estamos sentados nestas salas nos fortes do interior por os cavaleiros terem sido chamados para a linha da frente por causa de alguma emergência.

O rosto do Dain fica lívido.

– Pronto, estamos entendidos, então. – A Mira estende a mão para debaixo da mesa e retira um conjunto de maquetas com as quais monta uma fortaleza no centro da mesa. – Apanhem. – Um a um, atira-nos modelos de madeira pintados de dragões e guarda um para ela. – Façam de conta que Messina e Exal não existem aqui atrás e que somos a única esquadra disponível para recuperar a fortaleza. Pensem no poder que existe nesta sala. Pensem na contribuição que cada cavaleiro pode dar e em como usariam os poderes de cada um em sintonia para concretizar o vosso objetivo.

– Mas eles não ensinam isso aos instruendos do primeiro ano – diz o Liam devagar ao meu lado.

A Mira relanceia para os torvelinhos de magia no pulso do Liam, mas, em defesa do Liam, diga-se que ele não baixa a manga. Às vezes, não é fácil lembrarmo-nos de que os cavaleiros do terceiro ano serão os primeiros a servir com os filhos dos chefes da sublevação tyrrense, uma sublevação que poderia ter deixado as nossas fronteiras sem defesa e transformado o povo inocente de Navarre em baixas de guerra. Toda a gente nesta sala se habituou ao Liam, à Imogen… até ao Xaden. Mas os que estão no ativo nunca voaram com ninguém marcado com uma relíquia da rebelião.

Os cavaleiros tyrrenses que se mantiveram leais a Navarre durante a sublevação foram promovidos, não castigados, e os cavaleiros que se viraram contra o rei e o país foram mortos ou executados. E tal como a minha dor pela perda do Brennan foi dirigida ao Xaden naquele primeiro dia no parapeito, haverá mais do que um cavaleiro a dirigir erroneamente a sua própria raiva aos cavaleiros marcados.

Aclaro a garganta.

O olhar da Mira cruza-se com o meu e eu levanto-lhe uma sobrancelha num aviso claro.

Não te metas com os meus amigos.

Ela arregala os olhos muito levemente e volta a atenção de novo para o Liam.

– Podem não vos ensinar esta estratégia de batalha no primeiro ano porque vocês estão muito ocupados a tentar não cair dos vossos dragões. Tiveram a vossa primeira amostra de estratégia durante as sessões de Sumário de Batalha e estamos quase em maio, o que significa que os Jogos de Guerra devem estar quase a começar, não é?

– Faltam duas semanas – responde o Dain.

– Então calha bem. Nem todos vocês vão sobreviver aos jogos se não estiverem preparados. – Olha-me nos olhos por um segundo. – Este tipo de pensamento irá dar à vossa esquadra, e a toda a vossa divisão, uma vantagem, uma vez que eu garanto que o vosso chefe de divisão já está a avaliar as capacidades de todos os cavaleiros.

O Xaden passa com o modelo do dragão por cima dos nós dos dedos, mas não responde. Não disse uma palavra à Mira desde que chegou.

– Então vamos a isto. – A Mira recosta-se no assento. – Quem é que está no comando? – Relanceia para a Quinn. – E vamos fazer de conta que não tenho mais três anos de funções do que vocês nem sequer que tenho uma patente superior.

– Então, sou eu que estou no comando. – O Dain senta-se mais aprumado, com o queixo a subir uns bons três dedos.

– O nosso *chefe de divisão* está aqui – observa o Liam, a apontar para o Xaden. – Diria que isso o coloca em posição de comando.

– Podemos fazer de conta que eu não estou aqui para os fins deste exercício. – O Xaden pousa o dragão na mesa e recosta-se na cadeira, apoiando o braço nas costas da minha, num movimento que deixa o Dain a ranger os dentes. – Deem aqui ao Aetos a posição que todos nós sabemos que ele deseja ardentemente.

– Não sejas um sacana – sussurro.

– *Ainda nem sequer começaste a ver-me a ser sacana.*

Viro a cabeça tão depressa, que fico atordoada e de boca aberta a olhar para o perfil do rosto do Xaden. Era a voz dele… no raio da minha *cabeça.*

Ele vira-se, os salpicos dourados dos olhos brilhando com a luz, e juro que o ouço a rir-se na minha cabeça, embora ele tenha os lábios fechados, inclinados naquele sorriso sarcástico e excitante que tem.

– *Estás especada a olhar para mim. Vai ficar estranho daqui a uns 30 segundos se não parares.*

– Como? – sussurro com os dentes cerrados.

– *Da mesma forma que falas com a Sgaeyl. Estamos todos gloriosa e irritantemente ligados. E esta é só uma das vantagens. Embora eu esteja a começar a desejar ter tentado fazer isto mais cedo. A expressão do teu rosto é impagável.* – Pisca-me o olho e volta-se de novo para a mesa.

Ele. *Piscou-me.* Mesmo. O. Olho. E será que é a ponta de um sorriso?

– Tu. És. O. Chefe. De. Divisão. – Cada palavra que o Dain profere sai entre dentes cerrados.

– Eu não deveria estar aqui. – O Xaden encolhe os ombros. – Mas se te faz sentir melhor, para os fins dos Jogos de Guerra, receberias ordens do teu chefe de pelotão, Garrick Travis, que ele receberia de mim. Vocês vão levar a cabo as vossas manobras enquanto esquadra para o bem da divisão. Faz de conta que eu sou outro membro da tua esquadra e usa-me com desejares, Aetos. – O Xaden cruza os braços à frente do peito.

Olho de relance para a Mira, que está a observar esta troca de argumentos com as sobrancelhas levantadas.

– Porque é que estás aqui, afinal? – desafia o Dain. – Sem ofensa, *chefe de divisão*, mas não estávamos à espera da alta chefia nesta viagem.

– Estás mais do que a par que a Sgaeyl e o Tairn são um casal.

– Três dias? – riposta o Dain, a inclinar-se para a frente. – Não conseguiste aguentar três dias.

– Não tem nada que ver com ele – interrompo, pousando o meu dragão com um pouco mais de força do que a necessária. – Tem que ver com o Tairn e a Sgaeyl.

– *Nunca pensaste que fui eu que não consegui estar longe de ti?*

Eu fecho o braço direito e bato com o cotovelo no bíceps do Xaden. Ele não está a falar a sério. Afinal, ainda está convencido de que o beijo que me deu foi um erro. E se estiver… não vou por aí.

– *Ora, ora, vais denunciar o nosso pequeno segredo de comunicação se não conseguires deixar de ser tão… violenta.* – Ele quase não consegue conter um sorriso, obviamente a adorar ter ficado com a última palavra.

Tenho de perceber como diabo é que ele está a fazer isto para poder ripostar mentalmente.

– Tinhas de vir logo defendê-lo, claro. – O Dain lança-me um olhar magoado. – Agora, não sei como é que consegues esquecer-te de que este gajo te queria matar ainda há seis meses.

Olho para ele a pestanejar.

– Nem consigo acreditar que foste por aí.

– Estás a conseguir ser muito profissional, Aetos. – O Xaden esfrega a relíquia que tem no pescoço, que eu tenho quase a certeza de que não lhe faz comichão. – Estás mesmo a mostrar essas qualidades de chefia da melhor forma.

Um dos cavaleiros ao fundo da mesa assobia baixo.

– Vocês os dois não querem tirá-lo para fora e medi-lo? Seria mais rápido.

O Liam abafa uma gargalhada, mas os ombros sacodem-se.

– Chega! – A Mira bate com as mãos na mesa.

– Oh, vá lá, Sorrengail – queixa-se o cavaleiro ao fundo da mesa com um amplo sorriso.

Tanto eu como a Mira olhamos para ele.

– Queria dizer… a Sorrengail mais velha. Este é o melhor entretenimento que temos aqui há muito tempo.

Abano a cabeça e olho em redor da mesa.

– A Mira tem a capacidade de alargar o escudo se as guarnições estiverem em baixo, pelo que a primeira coisa que eu faria era enviá-la para explorar a zona com o Teine. Temos de saber se estamos a lidar com infantaria ou cavaleiros de grifos.

– Muito bem. – A Mira leva o dragão dela para perto do castelo. – Agora vamos partir do princípio de que são grifos.

– Queres fazer o teu trabalho? – pergunto ao Dain com um sorriso amistoso. – Quer dizer, não sei como é que te podes esquecer que és o chefe de esquadra.

A mão dele cerra-se em redor do dragão que a Mira lhe deu e ele arranca o olhar do meu.

– Quinn, és capaz de fazer uma projeção astral em cima do dorso de um dragão?

– Sou – responde ela.

– Então mandar-te-ia criares uma projeção dentro da fortaleza para procurares sinais de debilidades – afirma o Dain. – E pediria que relatasses o que descobrisses. A mesma coisa com o Liam. Usaríamos a tua visão à distância para

ver se conseguirias perceber onde estão os cavaleiros dos grifos e se há alguma armadilha.

– Muito bem. As debilidades são um portão de madeira… – A Mira observa a Quinn e o Liam a colocarem os respetivos dragões no lugar. – … e os cidadãos navarreses que eles prenderam nas masmorras.

– Assim já não podemos rebentar com o lugar – diz o Ridoc.

– Tu manipulas o vento, não é? – pergunta o Dain ao Emery. – Nesse caso, podes dar forma às chamas do teu dragão e conduzi-las pelas partes ocupadas do forte sem matar civis.

– Sim – responde o Emery. – Mas teria de estar no interior do forte.

– Então tens de entrar no forte – diz a Mira a encolher os ombros.

O Emery arregala os olhos.

– Queres que eu deixe o meu dragão e vá a pé?

– Porque é que achas que fazemos todos aqueles treinos de combate corpo a corpo? Ou vais deixar aquelas pessoas inocentes morrer? – A Mira movimenta o pulso e o dragão voa da mão dele para a dela. Coloca-o no centro do forte. – A questão é: como é que o colocamos suficientemente perto sem o matar? – A minha irmã olha em volta da mesa. – Uma vez que eu calculo que os outros vão estar ocupados a lutar contra os grifos que aparecerem depois de os fogos começarem.

– Qual é o teu sinete, Aetos? – pergunta a Quinn.

– Acima do teu nível de segurança – responde o Dain, a olhar em volta da mesa sem fitar o Xaden, para depois fazer o mesmo em sentido inverso antes de suspirar. – Alguma ideia?

Estará o quadrante realmente a obrigar o Dain a manter a capacidade de ler memórias em segredo? Será que ele perdeu o controlo quando me tentou entrar na cabeça no dia em que a Amber foi queimada? Como é que chegou a este ponto sem dizer a *ninguém* qual é o sinete dele? Abano a cabeça.

– Sim. – Pego no dragão do Xaden e atiro-o para o forte. Depois, finco um pé mental nos Arquivos onde guardo o meu poder e uso-o para levantar o modelo de dragão e deixá-lo a pairar acima da estrutura. – Deixa de ignorar que tens um manipulador de sombras incrivelmente poderoso ao teu dispor e pede-lhe que obnubile a área para que ninguém te veja a pousar.

– Não está mal visto – concorda a Mira, mas as palavras saem curtas e rápidas.

– Podes fazer isso? – O Dain olha para o Xaden com relutância.

– Essa pergunta é a sério? – replica o Xaden.

– Só não tinha a certeza de que conseguirias cobrir uma área que…

O Xaden levanta uma mão alguns centímetros acima da mesa e as sombras começam a surgir de baixo das cadeiras até encherem a sala e a deixarem às escuras num piscar de olhos como se fosse meia-noite. O meu coração salta quando fico com a visão negra.

– *Calma. Sou só eu.* – Sinto o espectro de um toque a roçar-me a bochecha.

Só ele é um pouco… aterrador. Atiro-lhe este pensamento, mas não tenho resposta. Talvez esta comunicação seja num só sentido, porque acho que não consigo falar com ele como ele fala comigo.

O que é que a Sgaeyl disse sobre sinetes? *Reflete quem vocês são no fundo do vosso ser.* Faz sentido. A Mira é protetora. O Dain tem de saber tudo. E o Xaden… tem segredos.

– Foda-se – diz alguém.

– Posso cercar este posto avançado inteiro, mas acho que isso pode assustar algumas pessoas – diz o Xaden, antes de as sombras desaparecerem num ápice debaixo da mesa.

Inspiro profundamente e reparo que toda a gente na mesa à exceção do Emery – que já viu o Xaden a fazer este tipo de truques no passado – parece ligeiramente esverdeado.

Até a Mira, que está com os olhos fixos no Xaden como se ele fosse uma ameaça que tem de avaliar.

Sinto o estômago a dar voltas.

– *Espero que não tenhas ficado com ideias enquanto estávamos aqui no escuro* – provoca o Xaden, e, assim de repente, a minha simpatia pelo idiota evapora-se. Não me dou ao trabalho de olhar para ele, limito-me a levantar um dedo.

Ele solta um riso abafado e eu ranjo os dentes.

– *Tira-o da minha cabeça* – atiro na direção do Tairn.

– *Tu habituas-te* – responde o Tairn.

– *Isto é normal com todos os casais e respetivos cavaleiros?*

– *Com alguns. É uma grande vantagem em batalha.*

– *Bem, neste momento é uma chatice dos diabos.* – Tenho saudades da Andarna. Estamos tão longe que mal a sinto.

– *Então bloqueia-o como me fazes a mim ou começa a responder-lhe* – resmunga o Tairn. – *Também tens o poder de ser uma chata dos diabos. Acredita.*

– *E como é que eu hei de responder-lhe, afinal?* – Lanço uma dose forte de olhar de soslaio ao Xaden, mas ele está envolvido na batalha que nos ocupa neste momento no forte imaginário.

– *Descobre qual é o caminho para a tua mente que ele está a usar.*

Oh, que alegria. Isso não deve custar nada.

Concluímos a operação hipotética, e toda a gente usa o seu poder da melhor forma possível… toda a gente menos eu. Mas quando chega o momento de combater os grifos no ar, o Tairn supera todos os outros dragões da sala.

– Bom trabalho – diz a Mira, a olhar para o relógio de bolso. – Aetos, Riorson e Sorrengail, quero ver-vos no corredor. Os restantes estão dispensados.

Nenhum de nós tem outra opção, pelo que seguimos a Mira para a escada em espiral.

Ela fecha a porta e lança uma linha de energia azul que cobre a entrada.

– Bom escudo – diz o Dain com um sorriso. – Muito bom.

– Cala-te. – A Mira roda no degrau de cima e leva o dedo à cara do Dain. – Não sei que macaco te mordeu, Dain Aetos, mas esqueceste-te de que és chefe de esquadra? Que é bem possível que te tornes chefe de divisão para o ano?

Oh, merda, a minha irmã está furiosa e eu não quero ter nada que ver com isso. Recuo mais um passo, mas, com o Xaden atrás de mim nas escadas, não tenho para onde ir.

– Mira… – começa o Dain.

– Tenente Sorrengail – responde a Mira. – Estás a estragar tudo, Dain. Eu sei o quanto queres o lugar dele. – Aponta para o Xaden. – Não te esqueças de que crescemos a cerca de três metros de distância. E tu estás a estragar tudo, porquê? Estás chateado por a Violet se ter vinculado com a parceira do dragão dele?

Sinto as faces a afoguear-se. Ela nunca teve tento na língua, mas… caramba.

– Ele é o pior que lhe poderia acontecer! – riposta o Dain.

– Oh, não estou a pôr isso em causa. – Inclina-se sobre o espaço dele. – Mas ninguém pode fazer nada em relação às escolhas dos dragões. Eles não querem saber das opiniões de meros humanos, ou querem? Mas, independentemente do que esteja a acontecer entre vocês os dois… – O dedo oscila entre mim e o Dain. – … está a dar cabo da vossa esquadra. Se eu o percebo ao fim de quatro dias

convosco, de certeza que eles estão bem cientes disso também. E se eu soubesse que ias ser um casmurro tão grande sem flexibilidade nenhuma em relação às coisas que ela não consegue controlar, nunca lhe teria dito para ir ter contigo depois de atravessar o parapeito. – Ela olha para mim, depois de novo para ele. – Vocês os dois são os melhores amigos desde que tinham cinco anos. Resolvam as vossas merdas.

O Dain está tão tenso que parece que pode partir-se a meio, mas olha de relance para mim e assente com a cabeça.

Eu faço o mesmo.

– Assim está melhor. Agora volta lá para dentro. – Faz um aceno com a cabeça para a porta e o Dain sai e passa pelo escudo. – Quanto a ti. – Desce dois degraus e fixa o olhar no Xaden. – É isto que ela pode esperar para o ano?

– O Aetos a ser um idiota? – pergunta o Xaden, com as mãos soltas junto às ilhargas. – Provavelmente.

A Mira semicerra os olhos.

– Normalmente, os casais de dragões vinculam-se a cavaleiros do mesmo ano por uma razão. Não podes esperar que a divisão a que venham a ser afetados ou que os instrutores dela vos deixem voar a ambos a cada três dias.

– Não tive escolha. – Encolhe os ombros.

– O que é que havemos de fazer? Dizer àqueles dragões gigantes que cospem fogo o que têm de fazer? – pergunto à minha irmã.

– Exatamente! – exclama ela a virar-se para mim. – Porque não podes viver assim, Violet. Vais ser tu que vais acabar por faltar aos treinos de que precisas, porque ele é o mais poderoso de vocês os dois neste momento. Mas, se tu não te puderes concentrar nos teus treinos, vai ser sempre assim. Nunca te tornarás no que o Tairn te pode ajudar a ser. É essa a tua intenção, Riorson?

– Mira – sussurro com a cabeça a abanar. – Tens uma ideia errada dele.

– Ouve-me. – Agarra-me os ombros. – Ele pode manipular sombras, Violet, mas se te deixares levar por ele, tu é que vais ser uma sombra.

– Isso não vai acontecer – prometo-lhe.

– Se depender dele, vai. – O olhar da minha irmã vira-se para cima dos meus ombros. – Matar uma pessoa não é a única maneira de a destruir. Impedir-te de atingires o teu potencial parece um ótimo caminho para a vingança que ele prometeu à nossa mãe. Pensa bem. Até que ponto é que o conheces realmente?

Eu sorvo um trago de ar. A verdade é que confio no Xaden. Pelo menos, acho que confio. Mas a Mira tem razão; há uma infinidade de formas de destruir uma pessoa sem lhe tirar a vida.

– Era o que eu pensava. – A expressão nos olhos dela transforma-se em algo pior do que raiva. É uma expressão de pena. – Sabes sequer porque é que ele detesta tanto a nossa mãe? Porque é que miúdos como ele são levados para o para…

– Eu estou aqui – interrompe o Xaden, a subir ao mesmo degrau para ficar ao meu lado. – Caso não tenha reparado.

– Não é muito fácil não reparar em ti – replica ela.

– Não me está a ouvir. – O Xaden baixa a voz. – Eu. Estou. Aqui. O Tairn não a arrastou de volta para Basgiath. Não lhe penetrou os escudos para lhe descarregar todas as emoções que tinha na cabeça. Não lhe exigiu que ela atravessasse o raio do reino. A sua irmã está aqui à sua frente. Fui eu que deixei o *meu* posto, a *minha* posição e a *minha* oficial-executiva a comandar a *minha* divisão. Ela não está a perder *merda* nenhuma.

– E para o ano? Quando fores tenente acabado de nomear? Que *merdas* é que ela vai perder nessa altura? – pergunta a Mira.

– Logo veremos. – Estendo a mão para a dela e aperto-lha. – Mira, ele dedicou todos os minutos livres que teve para me treinar no tapete para os desafios ou para me levar para voar na esperança de que eu descobrisse finalmente como me manter no raio do assento sem que o Tairn me amarrasse. Ele…

A Mira estremece.

– Não consegues manter-te no assento?

– Não. – A palavra sai num sussurro baixo e o calor do embaraço afogueia-me a pele.

– Como *não*, raios? – A boca dela escancara-se.

– Porque eu não sou como tu! – grito.

Ela recua como se eu a tivesse esbofeteado e as nossas mãos desenlaçam-se.

– Mas… pareces muito mais forte do que eras.

– As minhas articulações e os meus músculos estão mais fortes porque a Imogen me obriga a levantar aqueles pesos horríveis, mas isso não… me corrige.

A Mira põe-se lívida.

– Não. Não era isso que eu queria dizer, Vi. Tu não és algo que precisa de ser corrigido. Só não sabia que não conseguias manter-te no dorso do dragão. Porque é que não me disseste?

– Porque não há nada que possas fazer quanto a isso. – Forço um sorriso seco. – Não há nada que *ninguém* possa fazer sobre a forma como eu sou feita.

Dá-se um longo e desconfortável silêncio entre nós. Por muito próximas que sejamos, há muita coisa que não partilhamos.

– Ela está a melhorar – diz o Xaden com a voz calma e uniforme. – As primeiras semanas foram… um desastre.

– Bem, ele apanhou-me antes de eu bater no chão – aponto.

– Por pouco – resmunga o Xaden, antes de se virar para a Mira. – Não tem de confiar em mim…

– Ainda bem, porque não confio – diz ela. – Esse poder todo nas mãos de uma pessoa com a tua história já é suficientemente mau, mas ainda saber que os vossos dragões estão tão enleados, que vocês não podem estar mais de três dias longe um do outro é inaceitável de todos os pontos de vista que consigo imaginar… – Fica completamente imóvel, os olhos a desfocar-se.

– *Há um grupo de grifos a vir nesta direção!* – brada o Tairn.

– Foda-se! As guarnições estão em baixo – murmura a Mira, aparentemente a receber o mesmo aviso do Teine. Agarra-me os ombros e puxa-me para um abraço. – Tens de ir.

– Nós podemos ajudar! – aponto, mas ela agarra-me com tanta força que não me consigo mexer.

– Não podem. E se o Tairn está a usar o poder dele para te manter sentada, também está diminuído. Tens de *ir*. Sai daqui. Se me amas, Violet, vais-te embora para eu não ter de me preocupar contigo. – Larga-me e olha para o Xaden no momento em que a nossa esquadra sai a correr da porta acima e passa disparado pelas escadas abaixo. – Leva-a para fora daqui.

– Vamos! – grita o Dain. – Agora!

– Mesmo que não confie em mim, sou a melhor arma que vocês têm – resmunga o Xaden a virar-se para a Mira.

– Se o que estás a dizer for verdade, então também és a melhor arma que *ela* tem. A outra metade da esquadra vai chegar daqui a momentos e o Teine acha que temos cerca de 20 minutos até os grifos chegarem. – Os olhos da Mira

focam-se nos meus. – Tens de ir para um lugar seguro, Violet. Eu amo-te. Não morras. Detestaria ser filha única. – Não vejo nenhum riso pretensioso como o que me lançou em Basgiath no Dia do Alistamento.

O Xaden puxa-me contra a ilharga dele e a Mira começa a subir as escadas restantes até ao telhado.

Isto não pode estar a acontecer. Não posso, de maneira nenhuma, fugir para um lugar seguro e deixar a minha irmã aqui sem ter nenhuma forma de saber se ela está viva ou morta. Isto parece ser exatamente o tipo de acontecimento que nunca nos dariam a conhecer nas sessões de Sumário de Batalha.

É que nem pensar. Todas as células do meu corpo se rebelam contra esta ideia.

– Não! – Luto, mas não adianta. Ele é demasiado forte. – Mira! E se te magoares? A velocidade do Tairn poderia ser a única coisa capaz de te salvar. Pelo menos, deixa-nos ficar.

Ela olha por cima do ombro ao chegar à porta, mas a expressão é de aço.

– Queres que eu confie em ti, Riorson? Leva-a para bem longe daqui e arranja uma porra de uma maneira de a ajudar a manter-se no assento. Ambos sabemos que ela está morta se não for capaz de o fazer.

– Mira! – grito, a fincar os dedos nos braços do Xaden, mas ele já está meio a carregar-me e meio a arrastar-me pelas escadas abaixo com um braço preso em volta da minha cintura como se eu pesasse menos do que a espada que traz às costas. – Amo-te! – grito para o cimo do torreão, mas não há como saber se ela me ouviu.

– Posso confiar que vais buscar o teu saco? – pergunta o Xaden, já a seguir a passo decidido pelo corredor em direção às casernas. – Ou vou ter de te carregar para fora daqui sem o que trouxeste?

– Eu vou buscá-lo. – Empurro-o e ele larga-me.

Demoro poucos minutos para pegar no meu saco e no da Rhiannon, uma vez que os deixámos intactos, até com os nossos mantos lá enfiados. Volto para o corredor, onde o Xaden me espera com o saco dele ao ombro. Parece bastante mais pequeno do que aquele com que chegou e nem sequer penso no que ele deixou ficar para me levar daqui para fora mais depressa.

Não me dou ao trabalho de olhar para ele, e dirijo-me imediatamente para a porta, mas ele agarra-me o cotovelo e roda-me.

– Não. É demasiado perigoso deixarmos as muralhas da fortaleza. Vamos subir. – Põe o braço em redor da minha cintura e praticamente reboca-me para o torreão mais próximo. – Sobe.

– Isto é uma treta! – grito-lhe, sem querer saber se todos os membros da nossa esquadra que estão a subir o mesmo torreão estejam a ouvir. – O Tairn poderia ajudá-los.

– A tua irmã tem razão. Tens de te sair daqui, por isso vamo-nos pôr no caralho. Agora *sobe*.

– Dain – chamo ao perceber que ele está mesmo à nossa frente.

Ele vira-se, pega no saco da Rhiannon e põe-no ao ombro.

– Por uma vez, o Riorson e eu estamos de acordo. Não temos de te tirar daqui só a ti, Violet. Pensa em todos os teus colegas do primeiro ano. – A súplica nos olhos dele cala-me a boca. – Vais condenar toda uma esquadra *destreinada* à morte. Porque eu sobrevivo. A Cianna, o Emery e Heaton também. E sabemos muito bem que o Riorson também. Mas e a Rhiannon? O Ridoc? O Sawyer? Queres as mortes deles nas tuas mãos? – pergunta ele, com as palavras a saírem truncadas à medida que subimos as escadas a correr em direção à porta.

Isto não tem que ver comigo.

Irrompemos no telhado e o Emery já está a montar o dragão dele, que está precariamente empoleirado na muralha, mais fina do que a do quadrante.

Oh, deuses, nunca vou conseguir montar o Tairn deste ângulo.

– O Ridoc e a Quinn já estão no ar – diz-nos o Liam quando o Emery se lança para o céu, onde vejo o Cath e o Deigh a pairar com as asas a bater.

– A seguir és tu! – grita o Xaden para o Liam, e o Dain assente com a cabeça.

O Deigh derruba a alvenaria com a força da aterragem e o Liam arranca pelo corredor estreito em direção ao enorme Cauda de Punhal Vermelho.

– A seguir vais tu, Aetos – berra o Xaden.

– Vi… – começa o Dain a tentar contrariá-lo.

– É uma ordem. – Não há espaço para discussões com aquele tom, e ambos o sabemos, sobretudo porque o Cath já substituiu o Deigh na muralha. – Eu trato dela. Sobe.

– Sobe – incito. Nunca conseguiria viver em paz se acontecesse alguma coisa ao Dain por minha causa. Ele pode ter sido um idiota nos últimos meses, mas isso não apaga os anos em que foi o meu melhor amigo.

O Dain parece querer ripostar, mas acaba por assentir com a cabeça virada para o Xaden.

– Vou confiar que a vais tirar daqui.

– Isso está a acontecer muito hoje – replica o Xaden. – Agora sobe para o teu dragão para que eu a possa pôr no dela.

O Dain olha para mim longa e intensamente, depois vira-se e começa a correr, subindo pela pata dianteira do Cath de uma forma que me faz lembrar o Guante de tal maneira, que fico com *flashbacks*.

– *Onde estás?* – pergunto ao Tairn, ao ver o céu vazio mais acima.

– *Quase a chegar. Estava a fazer o que poderia ser feito.*

– Eu não posso fazer isto – digo ao Xaden, a virar-me nos braços dele para o olhar nos olhos. – Os outros já foram. Podes dizer que é o favor que me deves, mas não quero saber. Nós podemos ficar. Não a posso deixar aqui. É errado e é algo que ela nunca me faria. Tenho de ficar por ela. Tem mesmo de ser.

Há tanta compaixão, tanta compreensão nos olhos dele, que, quando acaba por me largar a cintura, penso que me pode mesmo deixar ficar. De seguida, tem as mãos nas minhas bochechas e desliza-as para me segurar a base do pescoço e trazer a boca ao encontro da minha.

O beijo é imprudente e intenso e eu entrego-me por completo, sabendo que pode ser o último. A língua dele passa-me pela boca com uma urgência que eu devolvo, inclinando-me para o receber mais profundamente.

Deuses, não é só tão bom como eu o vinha fantasiando, ao lembrar-me da outra noite. É muito melhor. Ele teve cuidado comigo, quando estava encostada à parede, mas não há hesitação nenhuma na forma como reclama a boca, nenhuma cautela na ânsia que palpita no meu ventre. O Xaden só interrompe o beijo quando estamos ambos ofegantes e apoia a testa na minha.

– Vai-te embora por *mim*, Violet.

– *Quase a chegar* – diz o Tairn.

O Xaden estava a empatar-me para dar tempo ao Tairn e à Sgaeyl para chegarem. O meu coração bate no fundo e finco os pés no lugar.

– Vou detestar-te por isto.

– Sim. – Ele assente com a cabeça e vejo uma centelha de puro arrependimento a perpassar-lhe pelo rosto quando se afasta. – Eu aguento-me. –

As mãos dele caem-me do rosto, estendem-se para os meus braços e levantam-nos até eu estar a fazer um T. – Levanta os braços. Segura-te bem.

– Vai. Te. Foder.

O corpo enorme do Tairn aparece atrás dele, e o Xaden baixa-se para o chão de pedra quando o dragão voa diretamente por cima dele, a sombra caindo sobre mim um segundo antes de a garra da frente me apanhar, como já fez inúmeras vezes quando caí a meio de um voo.

– *Tens de nos levar de volta!*

– *Já fiz tudo o que podia e não vou arriscar a tua vida.* – Sobe bem alto e atira-me para o dorso dele numa manobra já muito praticada. – *Agora, agarra-te para podermos voar mais depressa do que eles.*

Olho por cima do ombro e vejo o Xaden em cima da Sgaeyl, a aproximar-se rapidamente, e algures atrás deles, dezenas de metros mais abaixo, uma dúzia de grifos envolvem o forte.

O importante para vencer os Jogos de Guerra não é a força. É a astúcia. Para saber como atacar, tens de compreender onde é que os teus inimigos – e os teus amigos – são mais vulneráveis. As pessoas não ficam amigas para sempre, Mira. Aqueles que nos são mais próximos acabam por se tornar nossos inimigos de alguma forma, seja por meio de amor ou apatia bem-intencionados seja porque vivemos tempo suficiente para nos tornarmos vilões aos olhos deles.

– Página oitenta, O Livro do Brennan



CAPÍTULO XXVIII

A parede de pedra junto ao gabinete do Professor Markham no Quadrante dos Cavaleiros finca-se nas minhas costas, irritando-me a relíquia porque tenho todo o meu peso apoiado junto à porta fechada. Estou quase a morrer de preocupação e da insuportável acumulação de poder que ameaça consumir-me a qualquer momento.

Passaram dois dias desde que deixámos Montserrat. Um dia de voo de volta para Basgiath, um dia dolorosamente longo de silêncio.

O Sol ainda mal raiou. Não cumpri o meu serviço de biblioteca desde que voltei e consegui sair do quarto sem que o Liam percebesse. O pequeno-almoço não é importante. Estou-me nas tintas se perder a formação. Este é o único lugar em que posso pensar estar.

Ouço passos na escada circular à esquerda. Sinto o estômago mais tenso e o coração a sobressaltar-se quando viro os olhos em busca do primeiro sinal de uma túnica creme.

Em vez disso, vejo o Xaden a entrar no corredor e a caminhar na minha direção com duas canecas de peltre a fumegar.

– Ainda me odeias?

– Completamente. – Não é inteiramente verdade, mas é fácil atribuir-lhe toda a culpa que me vem consumindo nos últimos dois dias.

– Calculei que já estarias aqui à espera. – Estende uma das canecas em jeito de oferta. – É café. A Sgaeyl disse-me que não dormiste.

– A Sgaeyl não tem nada que ver com isso – disparo. – Mas obrigada. – Pego na caneca. Ele tem ar de quem dormiu como um anjo e ainda fez umas férias desde ontem. – Aposto que dormiste como um bebé.

– *Para de contar os meus hábitos de sono à Sgaeyl* – resmungo, a falar com o Tairn.

– *Não vou dignificar esse pedido com uma resposta.*

– *A Andarna é a minha preferida.*

O Tairn solta um riso de desdém.

O Xaden encosta-se à parede à minha frente e beberica o café.

– Não durmo bem desde que o meu pai saiu de Aretia para declarar a secessão.

Os meus lábios entreabrem-se.

– Isso foi há mais de seis anos.

Ele fixa os olhos no café.

– Tu tinhas… – Detenho-me. – Nem sei qual é a tua idade agora. – A Mira tinha razão. Não sei quase nada sobre ele. No entanto… sinto que sei *quem* ele é no mais fundo do seu ser. Poderiam os meus sentimentos ser mais divergentes em relação a ele?

– Vinte e três – responde ele. – Faço anos em março.

E eu nem sequer sabia.

– Eu faço em…

– Julho – responde ele com o espectro de um sorriso. – Eu sei. Decidi saber tudo o que havia para saber sobre ti no momento em que te vi no parapeito.

– Porque isso não é nada sinistro. – Deixo o café aquecer-me as mãos geladas.

– Não podemos saber como destruir uma pessoa sem a compreendermos primeiro – diz ele em voz baixa.

Levanto os olhos e vejo que já tem os dele fixados em mim.

– E ainda tens esse plano em mente? – As palavras da Mira perseguem-me há dois dias.

Ele estremece.

– Não.

– O que é que mudou? – A frustração aperta-me os dedos na caneca. – Quando é que decidiste não me destruir, afinal?

– Talvez tenha sido quando vi o Oren com uma faca na tua garganta – diz ele. – Ou talvez quando me apercebi de que as contusões no teu pescoço eram dedadas e os quis matar de novo, só que bem mais devagar. Talvez tenha sido na primeira vez que te beijei numa imprudência ou quando percebi que estou fodido porque não consigo deixar de pensar em fazer *mais* do que apenas beijar-te. – Fico sem fôlego ao ouvir esta confissão, mas ele limita-se a suspirar e deixa cair a cabeça contra a parede. – *Interessa sequer saber quando, desde que as coisas tenham mudado entre nós?*

– Não faças isso – sussurro e ele volta a levantar a cabeça para me olhar nos olhos.

– *Não faço o quê? Não queres que te diga que não me sais da cabeça? Ou que fale diretamente para a tua.*

– Ambos.

– *Podias aprender a fazer o mesmo.* – Por que raio é tão impossível desviar os olhos dele? Lembrar-me de que aquele beijo naquela torre foi um jogo para ele, de que *tudo* isto pode ser um jogo para ele? Aliviar esta dor impossível que me revira o estômago sempre que penso nele? – *Vá lá, tenta.*

Quando lhe olho para os olhos salpicados de ouro, decido que ele tem razão. Poderia pelo menos encontrá-lo a meio do caminho e tentar. Coloco o meu pé mental nos Arquivos e sinto o poder a percorrer-me as veias. Uma energia pulsante cor de laranja entra de jorro na porta atrás de mim e vejo uma luz dourada a brilhar da janela que criei apenas para a Andarna. Respiro fundo e viro-me devagar.

E, a contornar a esquina do teto, reparo numa sombra escura a cintilar. *O Xaden.*

Ouvem-se passos nas escadas e ambos nos viramos para olhar.

– Parece que vocês os dois tiveram a mesma ideia – diz o Dain quando nos vê, antes de se encostar na parede ao meu lado. – Há quanto tempo estão à espera?

– Não muito – responde o Xaden.

– Horas – digo ao mesmo tempo.

– Caramba, Violet. – O Dain passa a mão pelo cabelo molhado. – Estás com fome? Queres ir tomar o pequeno-almoço?

– *Não, otário, claro que não quer.* – O comentário sarcástico do Xaden enche-me a cabeça.

– *Para com essa merda* – riposto. – Não, obrigada.

– *Olhem só quem percebeu como fazê-lo.* – A boca do Xaden dobra-se num sorriso cúmplice por um instante.

Ouvimos mais um par de passos a subir a escada e eu sustenho a respiração com os olhos postos na porta.

O Professor Markham detém-se quando nos vê aos três à porta do gabinete dele, depois continua a caminhar na nossa direção.

– A que é que eu devo o prazer?

– Diga-me só se ela morreu. – Desloco-me para o centro do corredor.

O Professor Markham olha para mim com um ar mais do que reprovador.

– Sabe bem que não posso divulgar informação confidencial. Se houver alguma coisa a discutir, fá-lo-emos na aula de Sumário de Batalha.

– Nós estávamos lá. Se é confidencial, já sabemos que aconteceu – riposto, com as mãos a começarem a tremer e a apertar o peltre com mais força.

O Xaden tira-me a caneca das mãos.

– É pouco admissível que eu…

– Ela é a minha irmã – suplico. – Eu mereço saber se está viva e mereço não ter de o ouvir numa sala cheia de cavaleiros.

Ele cerra o maxilar.

– O posto avançado sofreu danos consideráveis, mas não perdemos nenhum cavaleiro em Montserrat.

Graças aos deuses. Os meus joelhos cedem e o Dain apanha-me e levanta-me para os seus braços familiares quando o alívio me inunda o sistema.

– Ela está bem, Vi – sussurra-me o Dain para o cabelo. – A Mira está bem.

Assinto com a cabeça, a lutar contra uma vaga de emoções para manter o controlo. Não vou quebrar. Não vou chorar. Não vou mostrar nenhuma fraqueza. Aqui não.

Só posso ir para um lugar, só há uma pessoa que não me vai censurar por me deixar desmoronar.

Logo que recupero a estabilidade, saio dos braços do Dain.

O Xaden desapareceu.

Falho o pequeno-almoço e não vou à formação para me dirigir para o campo de voo, aguentando-me tempo suficiente para chegar ao meio do prado, onde caio de joelhos.

– Ela está bem – digo num choro, a deixar a cabeça cair nas mãos. – Não a abandonei à morte. Está viva. – Ouço o ruflo do vento e o toque duro de escamas nas costas das minhas mãos. Inclino-me para a frente ao encontro do ombro da Andarna e deixo-me cair sobre ela. – Ela está viva. Ela está viva. Ela está viva.

Repito a frase até acreditar nela.

– Tens irmãos? – pergunto ao Xaden na próxima vez que estamos no tapete.

Talvez tenha sido o comentário da Mira sobre eu não saber o suficiente acerca dele, ou talvez sejam os meus sentimentos divergentes, mas ele sabe muito mais sobre mim do que eu sei sobre ele e tenho de equilibrar esse campo de batalha.

– Não. – Ele para, surpreendido. – Porquê?

– Por nada. – Assumo a postura de combate. – Vamos lá.

No dia seguinte, pergunto-lhe qual é o prato preferido dele a meio da aula de Sumário de Batalha, usando a nossa ligação mental. Tenho quase a certeza de que o ouço a deixar cair alguma coisa no fundo da sala antes de responder.

– *Bolo de chocolate. Deixa de ser esquisita.*

Sorrio abertamente.

Um dia mais tarde, depois de o Tairn me fazer passar por uma sessão esgotante de manobras avançadas de voo em que a maioria dos instruendos do terceiro ano também não conseguiria manter-se sentada, estamos empoleirados no cimo de uma montanha com o Tairn e a Sgaeyl quando lhe pergunto como é que ele conhece o Liam, só para ver se ele me diz a verdade.

– *Fomos acolhidos juntos. Porquê tantas perguntas ultimamente?*

– *Conheço-te mal.*

– *Já me conheces suficientemente bem.* – Lança-me um olhar que me diz que já chega.

– *Nem por isso. Conta-me algo verdadeiro.*

– *Como o quê?* – Vira-se no assento para olhar para mim.

– *Como de onde vêm essas cicatrizes que tens nas costas.* – Sustenho a respiração à espera de uma resposta, à espera de que ele me diga algo que me possa deixar entrar.

Mesmo a mais de cinco metros de distância, sinto-o mais tenso.

– *Porque é que queres saber?*

Aperto um pouco mais a mão no arção de escamas. Eu soube instintivamente que as cicatrizes eram privadas, mas a reação dele mostra que há mais do que apenas uma memória dolorosa.

– *Porque é que não me dizes?*

A Sgaeyl assusta-se, depois lança-se para o ar, deixando-me a mim e ao Tairn para trás.

– *Estás à procura de uma razão?* – pergunta o Tairn.

– *Podes dar-me uma razão para não o fazer?*

– *Ele preocupa-se contigo. E isso já é suficientemente difícil para ele.*

Solto um riso de desdém.

– *Ele preocupa-se em manter-me viva. Há uma diferença.*

– *Para ele não.*

Os céus da tarde sobre Basgiath estão límpidos a meio de maio para a primeira batalha dos Jogos de Guerra, o que significa que a graduação está próxima. Por muito que queira sentir entusiasmo por estar tão perto de sobreviver ao meu primeiro ano no Quadrante dos Cavaleiros, tenho o estômago tenso de ansiedade.

Os Sumários de Batalha estão a ficar mais obscuros. O Professor Carr está a ficar mais ansioso por eu ainda não ter manifestado um sinete, ao contrário da maioria dos instruendos do primeiro ano. O Dain anda estranho como o raio: amigável num minuto e indiferente no minuto seguinte. O Xaden está a ficar mais reservado – se é que isso é possível – e cancelou alguns dos nossos treinos sem explicar porquê. Até o Tairn parece ter algo que não me está a dizer.

– Qual é que achas que vai ser a nossa tarefa? – pergunta-me o Liam à minha direita quando estamos em formação no centro do pátio com o resto da Quarta Divisão. – O Deigh acha que vamos estar no ataque. Está sempre a dizer que vai

dar cabo do canastro ao Gleann… – Para, como se estivesse a ouvir o dragão dele. – Parece que os dragões guardam ressentimentos – sussurra por fim.

A chefia está reunida à nossa frente, a receber as tarefas do Xaden.

– Vamos ficar ao ataque sem dúvida – responde a Rhiannon à minha esquerda. – Senão, já estaríamos no campo. Não vejo um único cavaleiro da Primeira Divisão desde o almoço.

O meu estômago dobra-se num nó. Primeira Divisão. Era de calcular que fossem os nossos primeiros adversários. Vale *tudo* durante os Jogos de Guerra e o Jack Barlowe não se esqueceu de que eu o pus na enfermaria durante quatro dias. Deu-me mais espaço durante semanas depois de o Xaden ter executado o Oren e os outros cadetes que me atacaram. E, claro, toda a gente deixou de se meter comigo depois da Amber Mavis. Mesmo assim, vi-o a olhar para mim uma vez ou outra ao passar nos corredores ou no refeitório, puro ódio a arder nas profundezas dos olhos azuis glaciais.

– Acho que ela tem razão – digo ao Liam, a fazer o possível para não me mexer porque já estou a sentir o sol a assar-me dentro das peles de voo. Há muito tempo que não sentia inveja dos copistas e dos seus uniformes creme, mas este clima faz-me sentir que fomos relegados para último lugar na escolha do uniforme. Também não ajuda a sensação de que não dormi bem, porque o meu joelho esquerdo está a dar cabo de mim e a ligadura que coloquei para o estabilizar parece ter um milhão de graus. – Porque é que achas que os cavaleiros se vestem de preto, afinal?

– Porque é do caraças – responde o Ridoc atrás de mim.

– Para ser mais difícil de ver quando sangramos – aponta a Imogen.

– Esqueçam a pergunta – balbucio, à procura de algum sinal de que a chefia poderá estar a acabar em breve. Sangrar é a última coisa que eu quero fazer hoje. – *Vamos estar ao ataque ou à defesa?* – pergunto ao Xaden.

– *Estou um pouco ocupado neste momento.*

– *Oh, não, estou a distrair-te?* – A minha boca dobra-se num sorriso.

Merda, estarei a namoriscar? Talvez.

Importo-me? Por estranho que pareça… não.

– *Estás.* – O tom dele é tão áspero que tenho de cerrar os lábios com força para não me rir.

– *Vá lá. Vocês estão a demorar uma eternidade aí. Dá uma dica a uma pobre rapariga.*

– *Ambos* – resmunga ele, mas não me bloqueia com os escudos, o que eu sei que é capaz de fazer, pelo que tenho algum dó dele e da reunião que tem de terminar e deixo-o estar.

Ataque *e* defesa? Esta tarde vai ser interessante.

– Tiveste notícias da Mira? – sussurra a Rhiannon, a lançar-me um olhar rápido.

Eu abano a cabeça.

– Isso é simplesmente… desumano.

– Achavas mesmo que eles quebrariam a regra de não correspondência? Mesmo que tentassem, a minha mãe tê-los-ia impedido muito rapidamente.

A Rhiannon suspira. E não a censuro. Não há muito mais a dizer sobre o assunto.

A reunião da chefia termina e o Dain dirige-se para a Cianna. Está praticamente a exultar, as mãos a cerrar-se e a descerrar-se com uma energia nervosa.

– Qual é? – pergunta Heaton. – Ataque ou defesa?

– Ambos – diz ele, quando os outros chefes de esquadra também se dirigem para os seus cavaleiros para os informar da decisão.

Finjo surpresa e olho para além dele, mas o Xaden e os chefes de pelotão estão longe da vista.

– A Primeira Divisão assumiu uma posição de defesa num dos fortes de treino nas montanhas e está a guardar um ovo de cristal – diz-nos o Dain, e os cavaleiros mais velhos da nossa esquadra murmuram de entusiasmo.

Faz sentido. Provavelmente é um aceno simbólico às diferentes raças de dragões que trouxeram os ovos para Basgiath quando Navarre foi unificada.

– O que é que nos está a escapar? – pergunta o Ridoc. – Porque vocês parecem extasiantes por causa de um ovo.

– Sabemos, dos anos anteriores, que os ovos valem mais pontos – diz a Cianna, com um sorriso entusiasmado. – Estatisticamente, as bandeiras têm sido as menos valiosas, e professores capturados estão algures entre os dois.

– Mas eles gostam de fazer modificações – acrescenta o Dain. – Por isso, poderemos estar a arriscar tudo por um objetivo para depois descobrirmos que

não era tão valioso como pensávamos.

– Então como é isto do ataque e da defesa ao mesmo tempo? – pergunta a Rhiannon. – Se eles têm o ovo, é claro que temos de ir atrás do ovo.

– Porque também temos uma bandeira para defender e nenhum posto avançado para o fazer. – Abre um sorriso. – E a nossa esquadra tem a missão de a transportar.

– *Deste ao Dain a missão de defender a bandeira da Quarta Divisão?*

– *Espero que ele tenha aprendido algo da lição da tua irmã em Montserrat* – responde o Xaden, mas a voz está mais baixa, o que eu estou a começar a perceber que significa que ele está mais longe. Não posso deixar de pensar se teremos a capacidade de comunicar desta forma daqui a alguns meses quando a distância entre nós for maior.

Sinto um aperto no peito ao pensar que ele não vai estar por perto. Vai estar a arriscar a vida nas linhas da frente.

– E quem é que vai levar a bandeira?

O Dain consegue abrir ainda mais o sorriso.

– Essa vai ser a parte divertida.

Ao longos dos 20 minutos seguintes, somos martelados com informação estratégica durante a caminhada para o campo de voo e, pelo que ouço, o Dain esteve a prestar atenção à Mira.

O plano é simples: aproveitar os pontos fortes de cada um e passar a bandeira muitas vezes, para nunca dar à Primeira Divisão a oportunidade de perceber quem a está a transportar.

Quando chegamos ao campo de voo, há dezenas e dezenas de dragões a encher o campo lamacento, todos posicionados como se também fizessem formação nos esquadrões deles. É fácil distinguir o Tairn, uma vez que se eleva acima dos outros.

Há um ar evidente de expectativa ao passarmos pelos outros esquadrões, todos a montar os respetivos dragões enquanto os chefes de esquadra e os chefes de pelotão dão as últimas ordens.

– Vamos vencer – diz a Rhiannon com confiança, a entrelaçar o braço no meu quando nos aproximamos da nossa secção do campo.

– Porque é que tens tanta certeza?

– Temos-te a ti, ao Tairn, ao Riorson e à Sgaeyl. E, claro, a mim. – Ri-se abertamente. – Não há maneira de perdermos isto.

– Não há dúvida de que és… – Perco o pio quando vejo o Tairn em todo o seu esplendor.

Está imponente e orgulhoso à frente da nossa secção, sem se preocupar em prestar deferência ao Cath, que é o dragão do Dain, mas não é a posição dele que me tira o fôlego. É a sela que traz atada ao dorso que me deixa boquiaberta.

– *Ouvi dizer que é a última tendência* – gaba-se o Tairn.

– Isso é… – Nem sei o que dizer. As correias de metal preto parecem estar intrincadamente entrelaçadas em volta de cada uma das pernas dianteiras e juntas no peito do Tairn, a formar uma placa triangular antes de lhe subirem pelos ombros até uma sela com estribos presos com correias e bem seguros. – Isso é uma sela.

– Isso é muito à frente, é o que é. – A Rhiannon bate-me nas costas. – E posso-te dizer que parece muito mais confortável do que a espinha ossuda da Feirge. Vemo-nos lá em cima. – Passa pelo Tairn e segue para o seu próprio dragão.

– *Não posso usar isso.* – Abano a cabeça. – *Não é permitido*.

– *Eu decido o que é permitido e o que não é* – rosna o Tairn, a baixar a cabeça ao meu nível para me soprar um bufo de vapor. – *Não existe nenhuma regra que diga que um dragão não pode modificar o seu assento para servir o seu cavaleiro. Trabalhaste com tanto afinco, se não mais, como todos os outros cavaleiros deste quadrante. Só por o teu corpo ter uma constituição diferente não significa que não possas manter-te no assento. É preciso mais do que algumas faixas de couro e um arção para definir um cavaleiro.*

– Ele tem razão, sabias – concorda o Xaden ao aproximar-se e eu pergunto-me por momentos onde teria estado para estar de volta tão depressa.

– Ninguém te perguntou nada. – A pulsação acelera-se-me e a minha pele afogueia-se quando o vejo. Os nossos uniformes ficam bem a todos os cavaleiros, mas o Xaden eleva o nível com a forma como a indumentária lhe assenta nos traços musculados do corpo.

– Se não a usares, fico pessoalmente ofendido. – Cruza os braços à frente do peito e examina os aprestos. – Tendo em conta que a mandei fazer para ti e por pouco não fui chamuscado vivo quando estava a tentar fixá-la nele. – Levanta

uma sobrancelha para o Tairn. – Embora ele tenha ajudado a desenhá-lo, deixa-me que te diga.

– *Os primeiros modelos eram inaceitáveis e tu tiveste o descaramento de me apertar as escamas do peito quando o estiveste a montar desajeitadamente de manhã.* – Os olhos dourados do Tairn entrefecham-se no Xaden.

– Como é que eu poderia saber que a pele do protótipo se iria queimar tão facilmente? Além disso, não há propriamente muitos manuais sobre a montagem de selas num *dragão* – diz o Xaden numa fala arrastada.

– Não interessa, porque eu não posso usá-la. – Viro-me para o Xaden. – É linda, um apuro de engenharia…

– E? – O maxilar dele cerra-se.

– E toda a gente vai perceber que eu não me consigo manter lá em cima sem ela. – Sinto o calor a subir-me às bochechas.

– Detesto-me dar-te esta novidade, Violência, mas já toda a gente sabe. – Aponta para a sela. – Aquela é a forma mais prática de montares. Tem correias que podes apertar à volta das coxas depois de estares instalada e, teoricamente, deverás ser capaz de mudar de posição em voos longos sem as desapertares, uma vez que também montámos um cinto para a cintura.

– Teoricamente?

– Ele não se mostrou recetivo a que eu a testasse em voo.

– *Podes montar-me quando a carne me começar a cair dos ossos de podre, chefe de divisão.*

Bem, aí está uma frase que não deixa lugar a interpretações.

– Bem, não há nenhuma regra que a proíba. Já verifiquei. E, quando muito, estarás a fazer um favor ao Tairn ao libertar-lhe todo o poder e ao tirar-lhe o peso dessa preocupação da mente. E da minha também, se isso ajudar de alguma maneira.

Finco as unhas nas palmas das mãos enquanto procuro outra razão, outra desculpa, mas não consigo. Posso não querer parecer diferente dos outros cavaleiros, mas já sou.

– *Foda-se, esse ar teimoso e refilão dá-me sempre vontade de te beijar.* – A expressão do Xaden mantém-se calma, mas os olhos dele aquecem quando baixam para a minha boca.

– *E dizes isso agora, num momento em que as pessoas podem ver se o fizeres.* – Fico sem fôlego.

– *Alguma vez te dei a impressão de que me importo com o que as pessoas pensam de mim?* – Vejo um canto da boca dele a levantar-se e agora não me consigo concentrar em mais nada, raios o partam. – *Só me preocupa o que pensem de ti.*

Porque ele é chefe de divisão.

Não há nada pior do que cadetes a dizer por aí que andaste à procura de segurança na cama dos mais velhos. – Foi o que a Mira me disse no Parapeito.

– Monta, Sorrengail. Temos uma batalha para vencer.

Arranco o olhar do dele e estudo a estrutura primorosa e intrincada da sela.

– É muito bonita. Obrigada, Xaden.

– Não tens de quê. – Vira-se, mas inclina-se para o meu espaço, e sinto um arrepio na espinha quando os lábios dele me roçam a orelha. – Considera o meu favor cumprido.

– Isso é uma sela?

Dou um pulo para longe do Xaden, mas ele não se afasta um centímetro quando o Dain nos interrompe, com uma bandeira amarela gigante num mastro de mais de um metro na mão e os olhos arregalados a olhar para o Tairn.

– *Não, é um colar* – atira o Tairn, a ranger os dentes.

O Dain recua alguns passos.

– É – responde o Xaden. – Algum problema com isso?

– Não. – O Dain olha para o Xaden como se ele estivesse a ser pouco razoável. – Porque é que haveria de ter algum problema com isso? Para mim, tudo o que for para manter a Violet em segurança está bem, se não reparaste já.

– Acho bem. – O Xaden baixa a cabeça uma vez em aquiescência e vira-se para mim. – *Aposto que seria ainda mais embaraçoso se te beijasse agora, não?*

Sim, por favor.

– *Espero que a próxima vez que nos beijarmos não seja só para irritar o Dain.* – É bom que seja apenas porque ambos o queremos.

– *A próxima vez, hã?* – O olhar dele baixa para a minha boca de novo.

E, claro, eu não penso em mais nada a não ser no toque dos lábios dele nos meus, na forma como as mãos dele me seguram a nuca, na língua dele a deslizar. Contenho-me antes de me inclinar na direção dele. Por pouco.

– Vai lá liderar a tua divisão ou fazer o que quer que seja que fazes.

– Vou roubar um ovo. – O sorriso dele brilha antes de se virar para o Dain. – Mantém essa bandeira longe das mãos dos da Primeira Divisão.

O Dain assente com a cabeça e o Xaden afasta-se, dirigindo-se para o outro lado do campo, onde a Sgaeyl o espera.

– É uma bela sela – diz o Dain.

– É – concordo, e o Dain dá-me um sorriso antes de caminhar em direção ao Cath.

Quando me encaminho para a perna dianteira do Tairn, não consigo deixar de me rir ao vê-lo a baixar o ombro para mim.

– O quê? Nenhuma escada?

– *Pensámos nisso e decidimos que te tornaria demasiado vulnerável.*

– Claro que pensaram nisso… – Detenho-me antes de subir quando um clarão dourado galopa na minha direção. – Andarna?

– *Eu também quero ir para a batalha.* – A Andarna pousa a resvalar no chão diretamente à minha frente.

A minha boca abre-se e fecha-se. A Andarna tem voado connosco e, durante breves períodos, consegue acompanhar o Tairn, mas a forma como aquelas escamas brilham com o sol é um chamariz para… toda a gente.

Mas se eu posso ter uma sela nova, então…

– Percebo. – Os meus olhos varrem o campo, que nunca esteve tão lamacento desde a temporada de deslizamentos de terra dos picos cobertos de neve. – Rebola ali. – Aponto para a lama. – A não ser que isso te pese nas asas. São as escamas da tua barriga que mais me preocupam, porque podem ser facilmente avistadas.

– *Sem problema!* – Ela começa a correr e eu subo para o dorso do Tairn onde encontro a sela a cobrir o assento na base do pescoço dele e do arção de escamas.

– Pensei que tinhas dito que a pele não era boa? – A sela em si é de uma pele negra sumptuosa, dotada de dois arções elevados para as minhas mãos, e quando me instalo, encaixa como um sonho. Dobro-me e ajusto os estribos com o sistema de fivelas nas correias.

– *A pele é um perigo no meu peito se formos atacados com fogo, uma vez que a tua sela cairia imediatamente. Mas se levares com uma explosão de fogo aí em cima, não é por estares sentada numa sela de metal que te salvas.*

Não me dou ao trabalho de salientar que o único fogo com que seríamos atacados seria o de outros dragões, o que é um problema que não existe, dado que os grifos só atacam com o bico e com as garras. Em vez disso, encontro as correias para as minhas coxas e aperto-as

– *Isto é engenhoso* – digo ao Xaden.

– *Avisa-me se forem necessárias modificações depois de vencermos hoje.*

Sacana arrogante.

Momentos depois estamos no ar, com a Andarna a acompanhar o nosso ritmo e sempre protegida junto do Tairn, tal como treinámos.

A nossa missão consiste em manter a bandeira longe das mãos do inimigo, pelo que contornamos o perímetro do campo de batalha de 160 quilómetros que ocupa a maioria da cadeia montanhosa central enquanto os outros esquadrões tratam do reconhecimento e do resgate.

Depois de cerca de uma hora da tarde decorrida, estou a perguntar-me se a missão não será um castigo para o Dain e não uma honra. Nós os doze estamos divididos em duas formações de seis, sete se contarmos com a Andarna. O Dain tem a bandeira no grupo dele à nossa frente, e quando chegamos a outro pico das montanhas, vira para a direita.

O Tairn guina para a esquerda e o meu estômago afunda-se quando descemos junto à vertente da montanha. As correias largas cravam-se nas minhas coxas, segurando-me firmemente no lugar, e o meu coração bate, ribombante, quando sou tomada por um entusiasmo puro que bate tão forte como a rajada de vento que me fustiga o rosto e os óculos de voo ao fazermos um voo picado que parece não ter fim.

E, pela primeira vez, não tenho medo de cair do dorso do Tairn. Devagar, tiro as mãos dos arções e um instante depois tenho as mãos acima da cabeça quando mergulhamos em direção ao vale.

Vivi vinte anos e nunca me senti tão viva como me sinto neste momento. Sem sequer me ligar à terra nos Arquivos, o poder irrompe-me nas veias, crepita com uma vida própria e assalta cada um dos meus sentidos de tal maneira que se aproxima da dor.

O Tairn dilata as asas, a apanhar o ar e a acabar o voo picado.

– *Vais ter de trabalhar nesses músculos do ombro, Prateada. Vamos treinar para a semana.*

Inclino-me o máximo possível na sela e vejo a Andarna agarrada às garras do Tairn quando nos estabilizamos num voo planado ao longo do terreno do vale.

– *Obrigada! Agora já consigo* – diz a Andarna e o Tairn liberta-a.

A energia chocalha-me os ossos, como se estivesse à procura de uma saída e esforço-me por me aprumar. É diferente do habitual… como se, em vez de esperar que as minhas mãos a moldem, me quisesse moldar a *mim*.

Um momento de medo arrepia-me a espinha. E se a contrapressão do poder que não se manifesta num sinete tiver escolhido precisamente o dia de hoje para se libertar? Abano a cabeça. Não tenho tempo para me preocupar com o que pode acontecer quando estamos no meio dos Jogos de Guerra. O meu poder está só a sentir-se mais livre porque finalmente não estou tão concentrada em não cair do dorso do meu dragão. Não passa disso.

Aprumada na sela, passo o olhar instável pela paisagem quando o Tairn volta a subir e o meu coração vacila. Lá em cima na cumeada a oeste há uma torre cinzenta que quase não se distingue da vertente do penhasco. Não a teria visto se não fosse…

– *Aquilo é o que eu penso que é?* – O medo só alimenta a energia incontrolável que me deixa a pele a formigar.

A cabeça do Tairn já se virou para a mesma direção.

– *Dragões.*

Olho por cima do ombro para o Liam e a Rhiannon e vejo que o Tairn deve ter transmitido a mensagem, porque saímos da formação e nos dispersamos quando três dragões se lançam do penhasco acima de nós e mergulham em diferentes direções.

Demos-lhes vários alvos, mas agora vamos enfrentá-los um a um.

Uma saraivada de bolinhas de gelo atinge-me a pele depois de ressaltar das escamas do Tairn, mas ele é obrigado a recolher as asas para evitar danos.

O estômago sobe-me à garganta quando estamos em queda livre e vejo o chão a aproximar-se a um ritmo alarmante. O calor e a energia ameaçam devorar cada centímetro do meu corpo e até os olhos me parecem estar a arder. Oh, foda-se, o meu sinete vai-se rebelar contra mim durante os jogos.

– *Liga-te à terra agora!* – rosna o Tairn.

Cerro os olhos, finco ambos os pés mentais no chão de mármore dos Arquivos e erijo paredes à minha volta, só deixando entradas para a torrente de poder do

Tairn e da Andarna e acesso ao Xaden, e sinto-me imediatamente mais em controlo.

Quando abro os olhos, estamos em subida, com as asas do Tairn a bater com tanta força que escorrego para trás na sela a cada adejo.

Ele deixou o cadete da Primeira Divisão que manipula gelo num voo picado atrás de nós e encolho-me ao ver que o dragão tem dificuldade em controlar a descida e guina na direção contrária à que nos dirigimos.

– *É ali que eles estão a guardar o ovo.* – Tem de ser, tendo em conta que há mais três dragões a ocupar o lugar dos outros no cimo do penhasco, prontos para arrancarem.

– *Concordo. Segura-te bem.* – Ainda o Tairn está a acabar de gritar estas palavras quando um dragão vem a voar do vale à direita e cospe um jorro de fogo na nossa direção.

– Tairn! – grito a olhar horrorizada para as chamas a vir na nossa direção.

O Tairn guina e recebe as chamas no ventre, protegendo-me de todo o calor escaldante, que me passa ao lado.

Que raio é isto?

– *Andarna?* – Se lhe acontece alguma coisa por a Primeira Divisão estar à procura de sangue…

– À prova de fogo, lembras-te?

Solto um suspiro tremido. Uma preocupação a menos, mas o outro dragão está no nosso encalço, a abrir a boca e a enrolar a língua.

O Tairn agita-se e a cauda balança, apanhando o dragão que o desejava atacar de lado, mesmo debaixo da asa. O outro dragão ronca, cai de lado e perde altitude a um ritmo alarmante.

Mas eu não me concentro na descida. Em vez disso, uso o tempo para varrer a vertente da montanha com os olhos em busca do posto avançado que vi há pouco. A minha pulsação acelera quando o vejo a espreitar por entre a cumeada só com um dragão a guardá-lo.

– *Xaden! O ovo está aqui!* – aviso.

– *Já estou a caminho. Estamos a 30 quilómetros de distância.* – A inflexão de pânico que lhe marca o tom deixa-me um nó de medo na garganta, que só cresce quando vejo o Deigh e o Liam empenhados numa batalha com um Cauda de Escorpião Cor de Laranja bem conhecido: a Baide.

O Jack.

– *Temos de ajudar o Liam.*

– *A caminho.* – O Tairn acelera e a Andarna fica para trás. Assim que a vejo anichada na vertente de uma montanha onde estará em segurança, baixo-me sobre o pescoço do Tairn, dando-lhe menos resistência ao vento para subirmos mais rapidamente do que antes. O vento açoita o halo formado pela trança do meu cabelo e os fios soltos batem-me no rosto, mas não tiro os olhos no Deigh e no Liam.

A Baide bate com a cauda no Deigh e o bolbo venenoso aproxima-se perigosamente do dragão do Liam.

– *As escamas dele são mais espessas do que tu pensas. O Liam é que está em perigo* – avisa o Tairn, a subir mais alto.

Estamos quase a chegar quando o Jack desembainha a espada e salta do dorso da Baide para o do Deigh, apanhando o Liam de surpresa quando os dragões se engalfinham perto da torre de que nos estamos a aproximar a uma velocidade vertiginosa.

O Liam quase não tem tempo de se pôr a pé antes de o Jack lhe dar uma estocada na ilharga.

– Liam! – O grito rasga-me a boca quando o Jack dá um pontapé na barriga do Liam, para tirar a espada do corpo dele e… o corpo do Liam do dorso do Deigh.

Não. Não. Não.

O Liam cai a esbracejar à nossa frente.

– *Apanha-o!* – ordeno, com medo de não o conseguirmos alcançar.

O Deigh e a Baide colidem com a torre e vislumbro o Jack a rolar até ficar em segurança no torreão mais alto e a abrir um sorriso sádico suficientemente rasgado para eu o ver de onde estou, no momento em que o Tairn muda de rumo com uma pirueta dramática para a direita.

A única coisa que me mantém no lugar são as correias de pele que me prendem as coxas quando vamos atrás do corpo em queda do Liam. As asas do Tairn estão encolhidas, mas os afloramentos rochosos estão demasiado próximos e nós estamos a uma altura demasiado elevada.

Não. Sinto um nó na garganta. Recuso-me a perdê-lo. Sobretudo depois de ele ter dedicado tantos meses da vida dele a manter-me viva. Falhar não é opção. Não pode ser.

– *Andarna?* – grito, já a abrir a janela da minha mente onde está o seu dom cintilante.

– *Fá-lo* – responde ela. – *Concentra-te em tudo menos em ti e no Tairn!*

Ela tem razão. Não adianta alcançar o Liam se o Tairn ficar paralisado.

– *Fá-lo*.

Tento alcançar o poder dourado e as minhas costas arqueiam quando me flui pela espinha abaixo, me inunda os dedos das mãos e dos pés e envolve todas as células do meu corpo antes de sair de jorro numa onda de choque que passa por cima do Tairn.

De repente, somos os únicos em movimento e mergulhamos num céu sem vento em direção ao corpo paralisado do Liam a poucos metros do íngreme afloramento rochoso.

Só temos alguns instantes. Todo o meu corpo treme com o esforço que estou a fazer. Começo a sentir o poder que vem da Andarna a esmorecer quando o Tairn abre as asas e as garras para arrebatar o corpo do Liam no meio do ar, embatendo com a cauda nas rochas para também nós escaparmos à morte por pouco.

– *Já o tenho.*

O tempo volta e o vento fustiga-me o rosto quando subimos numa curva apertada para evitar uma colisão com a cumeada.

– *Andarna?*

– *Em segurança.* – A voz dela é pouco menos do que um suspiro na minha cabeça.

Ira e fúria fervilham-me no sangue e os meus olhos fixam-se na figura em cima daquela torre. Esta foi a última vez que aquele traste foi atrás de mim ou dos meus amigos.

A Feirge aparece mais abaixo e a Rhiannon abre os braços quando sobe atrás de nós. O Tairn abranda o suficiente para lhe passar o Liam. Está vivo… tem de estar. É o único resultado que vou aceitar.

Na minha visão periférica, vejo o Cath e outros dragões a chegar do norte no preciso momento em que há outra esquadra a lançar-se do penhasco.

A Baide está no ar atrás de nós, a apressar-se para ir ter com o idiota do cavaleiro dela, que ainda está a regozijar-se em cima da porra da torre.

– Sobe! – ordeno, já a desembainhar o punhal que tenho junto às costelas e a deixar a outra mão livre para desapertar as fivelas quando chegar o momento.

– *Não vais sair do lugar!* – grita-me o Tairn enquanto avançamos disparados, deixando o pequeno dragão cor de laranja para trás. Meneia a cabeça para a esquerda e cospe um jorro de fogo em direção à fila de dragões da Primeira Divisão para os deixar de sobreaviso e podermos passar sem problemas e sem abrandar.

Um poder crescente fervilha dentro do meu peito quando fixo os olhos no Jack. Vejo o prazer doentio que lhe anima o rosto quando nos aproximamos e o sangue a pingar-lhe da espada. O sangue do Liam.

Um enorme dragão aparece no horizonte. Não preciso de olhar nem de abrir as portas dos meus sentimentos para saber que é o Xaden, mas também não posso esperar por ele nem por um instante. O Tairn está a subir mais depressa do que nunca e o poder está a eriçar-me a pele e a ferver-me o sangue.

Se for isto, se o meu poder estiver a reagir contra mim, então raios me partam se não vou levar aquele cabrão comigo. O Tairn é à prova de fogo… mas o Jack não.

– Mais depressa! – grito, com a voz desesperada de receio de que não cheguemos a tempo.

O Tairn investe para a torre com as asas a bater cada vez mais depressa e eu estendo as mãos para a frente instintivamente, como se fosse capaz de projetar todo este poder que me flagela por dentro em direção ao inimigo que acabou de tentar matar o meu amigo e que nunca enjeitou uma oportunidade para me tentar matar.

A crepitação da magia dentro de mim cresce até se tornar um vórtice de energia serpenteante e letal, e, embora tenha os pés firmemente apoiados no meu chão mental, o poder eleva-se até um ponto de rutura e o telhado dos meus Arquivos desintegra-se. O poder palpita acima de mim, rodopia à minha volta, envolve-me os pés.

Sou o céu e o poder de todas tempestades que já se abateram sobre a terra.

Sou infinita.

A minha garganta solta um grito e um relâmpago rasga os céus com o estrondo aterrador de um trovão.

O veio fulgurante de luz azulada abate-se sobre a torre e desencadeia um clarão mortífero ao explodir e mandar as pedras pelo ar. O Tairn guina para evitar o estrondo e eu giro na sela.

O Jack cai pela vertente da montanha numa avalanche de pedras a que sei não poderá sobreviver.

Pela forma como grita mais abaixo, a Baide também o sabe.

A minha mão treme quando embainho o punhal limpo nas costelas. O único sangue derramado está nas rochas lá em baixo, embora eu olhe para as minhas mãos como se estivessem cobertas de morte.

O Tairn ruge com o som inconfundível do orgulho.

– *Manipuladora de relâmpagos.*

A morte de um cadete é uma tragédia inevitável, mas aceitável. Este processo adelgaça o rebanho, deixando apenas os cavaleiros mais fortes e, desde que a causa de morte não viole o Códice, nenhum cavaleiro envolvido na morte de outro deverá ser punido.

– Guia para o Quadrante dos Cavaleiros do Major Afendra
(edição não autorizada)



CAPÍTULO XXIX

Pousamos no campo de voo no que parecem ser minutos depois. Ou talvez tenha sido uma vida inteira. Não tenho a certeza.

O chão treme com a chegada de dragões à esquerda e à direita e o campo enche-se rapidamente com cavaleiros da Quarta Divisão em celebração e cavaleiros zangados da Primeira. Os dragões descolam logo que os cavaleiros desmontam, com a exceção da Andarna, que espera entre as pernas do Tairn enquanto eu tento, atabalhoadamente, desapertar as fivelas.

O Jack está morto.

Eu matei-o.

Sou a razão por que os pais dele vão receber uma carta, a razão por que o nome dele vai ser gravado em pedra.

Do outro lado do campo, o Garrick levanta o ovo de cristal acima da cabeça enquanto o Dain brande a bandeira e os cavaleiros da Quarta Divisão dão vivas e apressam-se a ir ao encontro de ambos como se fossem deuses.

O Tairn agita-se debaixo de mim quando a última fivela me escorre dos dedos e eu deslizo da sela. Sinto a cabeça inundada e sei que é a tensão que me deixa aturdida e me tolhe o equilíbrio quando desço pelo ombro dele para desmontar.

Cambaleio na lama e caio de joelhos quando chego ao pé da Andarna, que está entre as pernas do Tairn claramente exausta.

– Diz-me que o Liam está vivo. Diz-me que valeu a pena.

– *O Deigh diz que ele sobreviveu. A espada só lhe passou pela ilharga* – diz o Tairn.

– Boa. Ainda bem. Isso é bom. Obrigada, Andarna. Eu sei o quanto te custou. – Olho-a nos olhos dourados e ela pestaneja devagar em resposta.

– *Valeu a pena.*

Sinto o enjoo a assomar-me à garganta e a boca a salivar. *Matei-o. Matei-o.*

– Caramba, Sorrengail! – grita o Sawyer. – Relâmpagos? Andavas a empatar-nos.

Relâmpagos que eu usei para matar uma pessoa.

O meu estômago revolve-se e sou envolvida por uma sombra negra, mas não é o Xaden. O Tairn recolheu as asas sobre nós e fechou-nos ao mundo para eu vomitar tudo o que comi hoje.

– *Fizeste o que era necessário* – diz o Tairn, mas o meu estômago não deixa de se apertar e comprimir novamente, a fazer um esforço para expulsar o que nem sequer tem no interior.

– *Salvaste o teu amigo* – acrescenta a Andarna.

Acalma-se-me finalmente o estômago e faço um esforço para me levantar a passar com as costas da mão na boca.

– Tens de ir descansar, não tens?

– *Estou orgulhosa por seres minha.* – A voz da Andarna vacila e ela pestaneja cada vez mais devagar. – *Mesmo que agora precise de um banho.*

O Tairn alça as asas e a Andarna anda para a frente e lança-se para o céu com um adejar uniforme em direção ao Vale.

Levanto os olhos para a sela. Tenho de o libertar disto para que ele também possa descansar. Mas a única coisa em que consigo pensar é que tenho finalmente um sinete, um sinete verdadeiro e real, e que a primeira coisa que fiz com ele foi matar um homem.

– Violet? – O Dain aparece à minha esquerda. – Foste *tu* com o relâmpago? O que destruiu a torre?

O que matou o Jack.

Assinto com a cabeça, a pensar em todas as vezes em que apontei para o ombro e não para o coração. Nos venenos que usei para incapacitar, não para matar. Deixei o Oren inconsciente no chão na Debulha e nem sequer lhe ataquei a garganta quando ele me invadiu o quarto.

Tudo porque não queria ser uma assassina.

– Nunca vi nada parecido. Acho que não há uma manipuladora de relâmpagos há mais de um século. – O Dain detém-se. – Violet?

– Eu matei-o – sussurro, a olhar para a placa central da sela no peito do Tairn. Tem de ser ali que tudo se liga, não é? Ele tem de se libertar desta coisa de alguma maneira.

A minha mãe vai ficar tão orgulhosa quando souber que sou como os outros agora. Igualzinha a ela. A minha barriga vazia volta a embrulhar-se e faço um esforço para vomitar como se o meu corpo estivesse a tentar expiar a culpa.

– Merda. – Ele passa as mãos pelas minhas costas. – Está tudo bem, Vi.

Desta vez, a vontade de vomitar desaparece mais cedo e o Dain puxa-me contra o peito e embala-me devagar enquanto a mão faz gestos tranquilizadores pela minha espinha acima e abaixo.

– Matei-o. – Por que raio não consigo dizer mais nada? Sou uma caixa de música avariada, que repete a mesma melodia vezes sem conta e *toda a gente* me pode ver. Toda a gente sabe que não sou capaz de lidar com as consequências do meu próprio sinete.

– Eu sei. Eu sei. – Ele dá-me um beijo no cimo da cabeça. – E se não quiseres voltar a usar esse poder, não tens de o fazer…

– Põe-te no caralho com esses disparates. – O Xaden empurra o peito do Dain e puxa-me para longe dos braços dele, depois agarra-me os ombros, e vira-me para ele. – Mataste o Barlowe.

Eu assinto com a cabeça.

– Relâmpagos. O teu sinete é a manipulação de relâmpagos, não é? – Ele olha para mim com tanta intensidade, que parece que a resposta é a chave para o que ele precisa.

– É.

O maxilar dele lateja e a cabeça baixa uma vez.

– Foi o que eu pensei, mas só tive a certeza quando te vi a destruir a torre.

Foi o que pensou? O que raio é que isso quer dizer, afinal?

– Ouve-me, Sorrengail. – Levanta uma mão para afastar os fios de cabelo solto para trás da minha orelha com um toque surpreendentemente leve. – O mundo é um lugar melhor sem o Barlowe. Ambos o sabemos. Gostava de ter sido eu a pôr termo à vida miserável daquele crápula? Sem dúvida. Mas o que fizeste vai salvar inúmeros outros. Ele não passava de um rufia e só ia piorar à medida que se tornasse mais poderoso. O dragão dele não vai demorar a escolher outro cavaleiro quando estiver preparado. Ainda bem que ele morreu. Ainda bem que o mataste.

– Mas não era minha intenção fazê-lo. – As palavras são menos do que um sussurro. – Mas estava a ferver de raiva depois de conseguirmos apanhar o Liam. Pensava que a minha relíquia estava a reagir finalmente contra mim. – Arregalo os olhos. – Foi por pouco, Xaden. Foi por *muito* pouco. Tinha de fazer alguma coisa.

– O que fizeste foi o que o manteve vivo. – Afaga-me a bochecha com o polegar, um movimento completamente contraditório com o tom de voz, e os olhos brilham o suficiente para eu perceber que ele sabe o que fiz.

– Eu não quero isto – atiro. – A Rhiannon consegue mover objetos no espaço, e o Dain tem retrocognição…

– Ei – dispara o Dain.

– Achas que eu não sabia disso já? – ralha o Xaden por cima do ombro.

– O Kaori consegue dar vida à imaginação e o Sawyer consegue dobrar metal. A Mira consegue aumentar as guarnições. Toda a gente tem um sinete que não é só útil em batalha. São ferramentas para o bem do mundo. E o que é que eu sou, Xaden? Sou o raio de uma *arma.*

– Não tens de usar o teu poder, Vi – começa o Dain com a voz baixa e reconfortante.

– Deixa. De. A. Mimar. Caralho. – O Xaden enuncia cada palavra. – Ela não é uma criança. É uma mulher feita. Uma cavaleira. Começa a tratá-la como tal e pelo menos tem a decência de lhe dizer a verdade. Achas que o Melgren ou qualquer outro general, a mãe dela incluída, a vão deixar ficar sentada com um poder como este? Nem sequer o pode esconder, tendo em conta a forma como acabou de *aniquilar* um dos fortes de treino.

– Só queres que ela seja como tu – aponta o Dain. – Uma assassina de sangue-frio. Daqui a nada estarás a dizer-lhe que está tudo bem, que ela se habitua a

matar.

Sorvo o ar com sofreguidão.

O Xaden olha para ele com uma expressão furiosa.

– O sangue que me corre nas veias é tão quente como o teu, Aetos, e se procuras o meu posto para o ano, é bom que comeces a compreender que nunca nos habituamos a matar, mas compreendemos que é necessário. – Volta-se de novo para mim, o olhar pesado a cravar-se no meu. – Isto não é a escola primária. Isto é uma guerra… e já me ouviste a dizê-lo uma vez no passado, mas a verdade nua e crua que aqueles que não estão na linha da frente tendem a esquecer é que há *sempre* baixas na guerra.

Começo a abanar a cabeça, mas ele entrefecha os olhos nos meus.

– Podes não gostar, podes até odiar, mas são poderes como os teus que salvam vidas.

– A matar pessoas? – grito. Se a Sgaeyl tiver razão e os sinetes refletirem quem somos verdadeiramente no fundo de nós, então eu sou exatamente a alcunha que o Xaden me deu: Violência.

– A derrotar exércitos invasores antes de eles terem a oportunidade de magoar civis. Queres manter o sobrinho da Rhiannon vivo naquela aldeiazinha raiana? É assim que o podes fazer. Queres manter a Mira viva quando ela está atrás da linha do inimigo. É. Assim. Que. O. Podes. Fazer. Não és apenas *uma* arma, Sorrengail. És *a* arma. Treina esta capacidade, domina-a e terás o poder de defender o *reino* inteiro. – Ele afasta mais fios do meu cabelo solto pelo vento para trás das minhas orelhas, para que eu tenha a visão clara e não tenha desculpa para não ver a honestidade que lhe vai nos olhos. Quando tem a certeza de que não vou discutir mais, olha para o lado. – Rhiannon, podes levá-la de volta para a cidadela?

– Claro. – A Rhiannon apressa-se a chegar junto de nós.

O Dain solta um riso de desdém e vai para junto dos outros chefes de esquadra, deixando-nos para trás.

– A sela… – começo.

– O Tairn consegue tirá-la sozinho. É umas das muitas estipulações do desenho. – O Xaden vira-se para se ir embora, mas para. – Obrigado por teres salvado o Liam. Ele é importante para mim.

– Não tens de agradecer… – suspiro-lhe para as costas. – E já se foi embora.

– Vocês os dois têm uma relação muito estranha – diz a Rhiannon, a entrelaçar o braço no meu.

– Nós não estamos numa relação. – Levanto os olhos para o Tairn, que, surpreendentemente, teve tento na língua e não disse nada durante o que se passou entre o Xaden e o Dain.

– *Vai* – incita o Tairn – *Mas não te afogues em culpas, Prateada. O que sentes é natural. Não reprimas o sentimento, mas não te prendas a ele. O chefe de divisão tem razão. Com um sinete como o teu, és a melhor esperança que o reino tem contra as hordas do mal que procuram atacá-lo. Descansa e vemo-nos amanhã. Eu tiro a sela.*

– Estão numa relação, isso é certo – continua a Rhiannon, a puxar-me para fora do campo. – Só não consigo perceber se o que vos faz mostrar as garras é aquela coisa dos opostos que se atraem ou se é o fogo lento e letal da tensão sexual escaldante. – Olha-me de soslaio. – Agora explica-me como é que vocês os dois voaram tão depressa nas montanhas.

– Como assim?

– Quando o Liam estava a cair, a Feirge e eu estávamos a voar o mais depressa que podíamos, mas percebi que íamos ser demasiado lentas dado o nosso ângulo e a nossa velocidade, e pensei que tu… – Abana a cabeça. – Parecia que vocês estavam muito acima dele num segundo e o apanharam no segundo seguinte. Nunca vi um dragão a voar tão depressa. Parece que pestanejei e já não o vi.

Agora sinto mais um assomo de culpa por uma razão completamente diferente. A Rhiannon é minha amiga, a mais próxima que tenho neste lugar, para ser honesta em relação ao que se passa entre mim e o Dain. De toda a gente, ela deveria saber…

– *Não te sintas culpada por não lhe poderes contar nada. Esse segredo pertence aos dragões, não te pertence a ti – avisa o Tairn. – Ninguém tem o direito de colocar as nossas crias em perigo. Nem tu, Prateada.*

– O Tairn é muito rápido – digo em jeito de explicação. Não é mentira, mas também não é a verdade toda.

– E dou graças aos deuses por isso. Zinhal deve ter uma predileção pelo Liam, que enganou a morte duas vezes hoje.

Mas não foi o Liam que enganou a morte.

Fui eu.

Não posso deixar de pensar se algures, em algum plano da existência, Malek está sentado no trono, zangado por eu lhe tirar uma alma das mãos.

Mas, por outro lado, dei-lhe a do Jack.

Claro que posso ter quebrado a minha para sempre.

O alvo no meu quarto oscila quando um dos punhais se espeta na madeira ao lado do anterior que eu atirei. Posso estar zangada com o mundo, mas, pelo menos, não tenho a mira desafinada. Se eu falhar, há uma forte probabilidade de a faca voar pela janela, tendo em conta o lugar da parede onde tenho o alvo pendurado.

Lanço mais três em rápida sucessão e atinjo o alvo em forma de pessoa com todos eles.

De que adianta apontar aos ombros a partir de agora se já estou a aniquilar pessoas com relâmpagos? De que serviu toda aquela contenção? Com um movimento de pulso, lanço o próximo punhal, que vai ter diretamente à testa da figura quando ouço alguém a bater à porta.

Ou é a Rhiannon a perguntar-me pela décima vez se quero falar sobre o que aconteceu hoje ou o Liam…

Paro. Não pode ser o Liam a ver se já estou pronta para dormir, porque o Liam ainda está na enfermaria a recuperar do golpe que levou da espada.

– Entra. – O que interessa se só tenho a camisa de noite vestida? Posso muito bem atacar um intruso com um punhal. Ou um relâmpago.

A porta abre-se ao meu lado, mas não me dou ao trabalho de olhar e atiro mais um punhal. Aquele tamanho? O vislumbre de cabelo preto que vejo com a visão periférica? O cheiro incrível? Nem sequer preciso de olhar para ver: o meu corpo diz-me que é o Xaden.

Depois o meu corpo lembra-me exatamente como é sentir a boca dele na minha e o meu estômago vacila. Merda, estou demasiado exaltada para lidar com a forma como ele me faz sentir esta noite.

– A imaginar que sou eu? – pergunta ele, a fechar a porta e a encostar-se a ela com os braços cruzados à frente do peito. Depois, olha melhor para mim e percorre-me o corpo com os olhos acesos.

De repente, a brisa primaveril que entra pela janela aberta não é suficiente para me arrefecer a pele. Nunca poderia ser, quando ele olha para mim daquela

maneira.

A minha trança comprida balança-me nas costas quando pego noutro punhal da cómoda.

– Não. Mas eras tu há 20 minutos.

– Quem é agora? – Ele levanta uma sobrancelha e cruza os tornozelos.

– Ninguém que tu conheças. – Com um movimento de pulso, o punhal seguinte fura o esterno do alvo. – Porque é que estás aqui? – Olho para ele apenas o tempo suficiente para reparar que tomou banho e que está a usar o nosso uniforme padrão em vez das peles de voo, e definitivamente não o tempo suficiente para reparar que está um espanto. Só por uma vez gostava de o ver desalinhado ou enervado, qualquer coisa que fugisse daquele ar de calma e controlo que ele usa como se fosse uma armadura. – Deixa-me adivinhar. Uma vez que o Liam não pode estar aqui, é teu dever dar-me um sermão sobre dormir só com esta roupa de algodão.

– Não vim aqui para te dar nenhum sermão – diz ele em voz baixa e sinto o calor do olhar dele como uma carícia ao passar pelas alças finas da minha camisa de noite preta. – Mas vejo sem margem para dúvidas que não estás a usar a tua couraça.

– Ninguém vai ter a ideia ridícula de me atacar agora. – Pego em mais um punhal da cómoda e vejo a pilha a diminuir. – Sobretudo sabendo que os posso matar a 50 metros de distância. – Com os dedos na ponta da lâmina afiadíssima, viro-me ligeiramente, só o suficiente para o olhar de frente. – Achas que funciona cá dentro? Quer dizer, como é que alguém manipula relâmpagos se não há céu? – Sem tirar os olhos dos dele, lanço o punhal para o alvo. O som satisfatório de madeira a abrir-se diz-me que atingi o que queria.

– Foda-se, isso é mais excitante do que deveria. – Ele sorve o ar com sofreguidão. – Acho que isso é algo que vais ter de descobrir. – O olhar dele baixa para a minha boca e os meus braços retesam-se.

– Não te vais chegar à frente e dizer que me podes treinar? Que me podes salvar? – Estalo a língua e sinto um impulso absolutamente ridículo de a passar pelos contornos da relíquia que ele tem no pescoço e acompanhar aquele padrão intrincado. – Não é muito típico teu.

– Não faço ideia de como treinar uma manipuladora de relâmpagos, e, pelo que testemunhei hoje, não precisas de ser salva. – Os olhos dele são puro desejo a

percorrer-me o corpo dos dedos nus dos pés, passando pela bainha da camisa de noite que me cai nas coxas e pelos meus seios até me chegar aos olhos.

– Só de mim própria – murmuro. As coisas que penso em fazer-lhe quando ele olha para mim daquela maneira dariam cabo de mim, e, neste momento, não tenho a certeza se me importo com isso, o que é uma combinação perigosa. – Então porque é que estás aqui, Xaden?

– Porque parece que não consigo manter-me longe de ti. – Parece tudo menos agradado com a confissão, mas eu fico sem fôlego na mesma.

– Não deverias estar a comemorar por aí? – É o que toda a gente está a fazer.

– Ganhámos uma batalha, não uma guerra. – Ele desencosta-se da porta e dá apenas um passo em frente, diminuindo a distância entre nós, levanta-me a trança de cima do meu ombro e passa-me o dedo devagar pelos cabelos. – E calculei que ainda estivesses transtornada.

– Tu disseste-me para me esquecer disso, lembras-te? Por isso, por que raio é que te interessa se eu estou transtornada? – Cruzo os braços à frente do peito, escolhendo a raiva em detrimento do desejo.

– Eu disse-te que tens de desenvolver uma forma de lidar com as mortes. Nunca disse que te ias esquecer. – Larga-me a trança.

– Mas deveria, certo? – Abano a cabeça e recuo para o centro do quarto. – Passamos três anos neste lugar a aprendermos a matar, e a promover e a elogiar os que o fazem melhor.

O Xaden nem sequer estremece. Limita-se a olhar para mim daquela forma observadora e com aquela calma irritante que ele tem.

– Não estou muito zangada por o Jack ter morrido. Ambos sabemos que ele andava a querer matar-me desde o Parapeito e que haveria de acabar por o conseguir. Estou zangada por a morte dele me mudar. – Bato no peito logo acima do coração. – O Dain disse-me que este lugar nos tira as delicadezas para revelar quem somos na realidade.

– Não vou discordar dele nesse ponto. – Olha para mim quando eu começo a andar de um lado para o outro.

– E eu estou sempre a pensar que, quanto era mais nova, perguntei ao meu pai o que aconteceria se eu quisesse ser uma cavaleira como a minha mãe e o Brennan e ele disse-me que eu não era como eles. Que o meu caminho era diferente, só que este lugar tirou-me a civilidade, as delicadezas, e, afinal, o meu

poder é mais destrutivo do que o de qualquer um deles. – Paro mesmo à frente dele e levanto as mãos. – E não posso propriamente culpar o Tairn por este poder, não que o quisesse fazer. Os sinetes baseiam-se no cavaleiro e o dragão limita-se a alimentá-los, o que significa que isto sempre esteve aqui de forma latente, só à espera de libertação. E só de pensar… – Sinto um nó a formar-se na garganta. – Durante todo este tempo, eu tive uma esperança, que era pequena, mas que me dava alento, de que poderia ser como o Brennan, e que essa seria a reviravolta na minha pequena história. Que o meu sinete seria a reparação e que eu poderia consertar tudo o que não estava bem. Mas, em vez disso, fui feita para destruir. Quantas pessoas é que eu vou matar com isto?

Os olhos dele fazem-se mais afáveis.

– Aquelas que decidires. Não é por teres ganhado poder que perdeste o controlo sobre ele.

– O que se passa comigo? – Abano a cabeça e as minhas mãos cerram-se em punhos. – Qualquer outro cavaleiro ficaria entusiasmado. – Mesmo neste momento, sinto o poder a fervilhar sob a minha pele.

– Tu nunca foste como os outros cavaleiros. – Ele aproxima-se, mas não me toca. – Provavelmente porque nunca quiseste estar aqui.

Deuses, quero que ele me toque, para fazer desaparecer a torpeza do dia, para me fazer sentir alguma coisa, tudo menos esta vergonha que me consome.

– Nenhum de *vocês* queria estar aqui. – Olho deliberadamente para a relíquia da rebelião que tem no pescoço. – E estão todos a sair-se bem.

Ele olha para mim, olha mesmo com olhos de ver, e parece que vê demasiado.

– A maioria de nós queimaria este lugar até não restar nada se tivesse escolha, mas todos os marcados *querem* estar aqui porque é o único caminho para a sobrevivência. Para ti não é a mesma coisa. Tu querias uma vida sossegada cheia de livros e factos. Querias descrever as batalhas, não combatê-las. Não se passa nada contigo. Podes ficar zangada por teres matado um homem. Podes ficar zangada por esse homem ter tentado matar o teu amigo. Podes sentir o que quiseres dentro destas muralhas.

Ele está suficientemente perto para eu lhe sentir o calor do corpo através do algodão fino da minha camisa de noite.

– Mas não fora delas. – Não é uma pergunta.

– Somos cavaleiros – diz ele, como se fosse explicação suficiente. Pega-me nas mãos e leva-as para o peito dele. – Por isso, faz o que precisares para te libertares disso? Queres gritar? Grita comigo. Queres bater em alguma coisa? Bate em mim. Eu aguento.

Bater-lhe é a última coisa que me apetece fazer-lhe e, subitamente, farto-me de resistir.

– Vá lá – sussurra ele. – Dá-me tudo o que tens.

Levanto-me sobre os dedos dos pés e beijo-o.

Embora não seja proibido, aconselha-se vivamente os cadetes a não desenvolverem ligações românticas enquanto estão a estudar no quadrante para melhorar a eficiência da unidade.

– Artigo Quinto, Parágrafo Sétimo
O Códice dos Cavaleiros de Dragões



CAPÍTULO XXX

O corpo do Xaden fica rígido por um instante e, depois, ele gira-nos a uma velocidade impossível, encostando-me as costas à porta de uma forma que a deixa a abanar. *Uau.* Pega-me nos pulsos com uma mão e prende-os acima da minha cabeça.

– Violet – geme ao encontro da minha boca. A súplica no tom inunda-me as veias com um poder completamente diferente. Saber que ele está tão afetado como eu pela nossa atração deixa-me frenética. – Não é isto o que tu queres.

– É exatamente o que eu quero – riposto. Quero substituir a raiva pelo desejo, a morte do dia com a garantia pulsante da minha vida, e sei que ele é capaz de me dar tudo isso e mais. – Disseste-me para fazer o que eu precisasse. – Arqueio as costas e pressiono as pontas dos meus seios contra o peito dele.

A respiração do Xaden muda, e há um conflito nos olhos dele que estou determinada a vencer.

Está na hora de deixar de andar às voltas desta tensão insuportável e de a quebrar.

Ele dobra-se e a boca fica a poucos centímetros da minha.

– E eu estou-te a dizer que sou a última coisa de que tu precisas. – O ronco mal controlado da voz dele sobe-me pelo peito, ronronante, e todas as

terminações nervosas do meu corpo se acendem de vida.

– Estás a sugerir outra pessoa? – O meu coração acelera quando arrisco perceber se ele está a fazer *bluff*.

– Foda-se, não. – O brilho inconfundível do ciúme entrefecha-lhe os olhos por um instante antes de ele me empurrar com a anca contra a porta, e o alívio que sinto imediatamente depois da resposta é substituído por um acesso de desejo puro. Consigo ver o controlo que tanto o caracteriza a vacilar, a balançar precariamente na ponta de uma faca. A única coisa de que ele precisa é de. Um. Empurrãozinho. E eu estou prestes a dar-lhe um encontrão de todo o tamanho descaradamente.

– Ainda bem. – Inclino a cabeça para a dele e puxo-lhe o lábio inferior para o meio dos meus, sugando-o antes de lhe dar uma dentadinha leve. – Porque eu só te quero a ti, Xaden.

As palavras penetram algo dentro dele e ele cede.

Finalmente.

As nossas bocas colidem e o beijo é quente e completamente descontrolado. A ânsia corre-me pela espinha abaixo quando ele me pega nas nádegas e me puxa contra a anca, e as minhas costas roçam os ressaltos da porta atrás de mim depois de a usar como ponto de apoio para me chegar ao que ele tem de vigoroso.

Envolvo as pernas em redor da cintura do Xaden e prendo os tornozelos. A camisa de noite alça-se com o movimento, mas eu não quero saber, dada a forma devoradora como ele me está a beijar. O afago da boca dele e as carícias da língua maliciosa roubam-me toda a capacidade de pensar com clareza e o meu mundo limita-se a este beijo, a este minuto, a este homem. *Meu.* Neste momento, o Xaden Riorson é *meu.*

Ou talvez eu seja dele. O que é que importa, desde que ele me continue a beijar?

O calor inunda-me o corpo numa vertigem viciante, deixando cada centímetro do meu corpo a arder, quando a boca dele me desliza pelo pescoço num assalto sensual que me deixa a gemer.

– Deuses – diz ele ao encontro da minha garganta e depois estamos em movimento.

Ouço madeira a riscar o chão e a bater com estrondo antes de as minhas nádegas baterem na secretária e os meus tornozelos caírem no fundo das costas

do Xaden quando ele se dobra para cima de mim e passa com os dedos pelo meu cabelo desde a nuca ao voltar à minha boca. Eu retribuo o beijo com uma avidez que só conheci com ele.

As minhas mãos voam para trás para apoiarem o meu peso, derrubando tudo o que apanham pelo caminho e atirando não sei o quê para o chão. Os ponteiros do relógio param.

– Vais detestar-me amanhã de manhã. Tu. Não. Queres. Isto. De. Verdade. – Pontua cada palavra com um beijo no meu maxilar até chegar à orelha. Morde o lobo e o meu íntimo faz-se líquido, nada fica por derreter.

– Deixa de me dizer o que eu quero. – Respiro aos repelões e passo-lhe os dedos pelos cabelos curtos antes de inclinar a cabeça para lhe dar um acesso mais facilitado. Ele aceita, e desliza pelo meu pescoço abaixo até me chegar à curva do ombro.

Foda-se, como isto sabe bem. Cada toque da boca dele na minha pele quente é uma chama numa acendalha e eu sorvo o ar com sofreguidão quando ele se demora num ponto sensível sem pressa nenhuma. É então que volta a parar, com a respiração quente a humedecer-me o pescoço.

O meu sobrolho franze-se com uma ideia indesejável.

– A menos que *tu* não me queiras.

– Parece-te que eu não te quero? – Ele pega-me na mão e desliza-a entre os nossos corpos e os meus dedos enrolam-se no seu chumaço por cima das peles. Gemo de puro desejo ao senti-lo tão duro por minha causa.

– Eu quero-te sempre, caralho. – Geme quando o aperto. Depois levanta a cabeça, prende-me o olhar com o dele e reconheço o desejo feroz naquelas profundezas salpicadas de dourado. É um espelho do meu. – Tu entras numa sala e eu não consigo desviar o olhar. Aproximo-me de ti e é isto que acontece. Imediatamente duro. Foda-se, mal consigo pensar quando estás por perto. – Ele balança a anca ao encontro da minha mão e os meus dedos fecham-se, tal como o meu estômago. – O desejo que tenho por ti não é o problema neste caso.

– Então qual é?

– Estou a tentar fazer o mais honrado e a não me aproveitar de ti depois de teres tido um dia de merda. – O maxilar lateja.

Sorrio e beijo-lhe um dos lados da boca.

– Todos os dias aqui são dias de merda. E não te estás a aproveitar se sou eu que estou a pedir. – Os meus dentes mordiscam-lhe os lábios. – Correção, a *suplicar-te* para me melhorares o dia.

– Violet. – Ele pronuncia o meu nome em jeito de aviso, como se fosse algo com que devesse ter cuidado. *Violet.* Só diz o meu nome quando estamos sozinhos, quando todas as paredes e todas as aparências se desvanecem, e deuses, como eu quero ouvi-lo de novo e de novo, exatamente da mesma maneira.

– Eu não quero pensar, Xaden. Só quero sentir. – Largo-o. Basta puxar a fita para desfazer a minha trança comprida e libertar o cabelo, pelo qual passo os dedos.

Os olhos dele turvam-se e eu sei que venci.

– Foda-se, este cabelo – diz ele antes de deixar a boca a pairar sobre a minha. – E esta *boca.* A única coisa que eu quero fazer a todo o momento é beijar-te, mesmo quando me móis o juízo.

– Então beija-me. – Arqueio as costas ao encontro dele e beijo-o como se esta pudesse ser a única oportunidade que tenho. Este tipo de desespero não é natural; é um fogo incontrolável que nos pode queimar a ambos se deixarmos.

O beijo é descarada e deliciosamente carnal e eu fundo-me nele, emulando cada investida da língua dele com a minha. Ele sabe a hortelã e a Xaden, nunca me farto.

O Xaden é o pior tipo de vício, perigoso e impossível de saciar.

– Diz-me para parar – sussurra ele com o dedo a roçar o interior hipersensível da minha coxa.

– Não pares. – Morro se ele parar.

– Foda-se, Violet – geme ele, a enfiar a mão entre as minhas coxas.

Esqueçam. É *assim* que eu quero que ele diga o meu nome a partir de agora. Assim, sem tirar nem pôr.

Ele desliza o tecido da minha roupa interior no meu clítoris e as minhas costas dobram-se com o acesso de prazer que me irradia pelo corpo, tão doce que o consigo saborear na boca.

Volta a trazer a boca ao encontro da minha e as nossas línguas colidem enquanto os dedos dele me afagam por cima do tecido, usando-o com perícia para provocar fricção. Eu tento embalar a anca contra a mão dele porque quero

mais, mas os meus pés escorregam da secretária e desequilibram-me. Só posso ter o que ele decidir dar-me.

– Toca-me – ordeno, com as unhas a fincar-se naquele pescoço forte e o desejo a latejar dentro de mim como o rufo de um tambor.

A voz dele sai entrecortada ao encontro da minha boca.

– Se te meto as mãos em cima, a sério, se te meto realmente as mãos em cima, não sei se vou conseguir parar.

Ele conseguiria. Sei-o no fundo de mim. É por isso que lhe confio o meu corpo.

O meu coração? Não está envolvido nesta decisão.

– Deixa de ser tão *honrado* e fode-me, Xaden.

Os olhos dele dilatam e depois beija-me como se eu fosse o ar que lhe falta, como se a vida dele dependesse disso, e eu penso que a minha pode muito bem depender. Os dedos deslizam para dentro da minha roupa interior e afagam-me o âmago lúbrico e os meus lábios deixam cair um gemido. A forma como ele me toca enche-me de eletricidade.

– Tão suave. – Ele beija-me com intensidade enquanto me toca e estimula com os dedos, fazendo com que aquela doce espiral de prazer se aperte no meu âmago. Finco as unhas no ombro dele, e as minhas costas dobram-se quando ele desenha círculos cada vez mais curtos no meu clítoris intumescido. – Aposto que sabes tão bem na língua como nos dedos.

O prazer deixa-me arrepiada e ateia um fogo que crepita debaixo da minha pele.

– Mais. – É a única coisa que eu consigo dizer, a única exigência que faço, com a pele afogueada e a pulsação a atingir os píncaros. Vou entrar em combustão, irromper em chamas, e a única coisa que consigo fazer é gemer ao encontro da boca do Xaden quando ele me penetra com um dedo. Os meus músculos comprimem-se à volta dele e ele introduz um segundo.

– Foda-se, és tão sensual. – A voz dele é mais baixa e parece que roçou em pedras de carvão. – Pode condenar-nos a ambos, mas mal posso esperar por te sentir a vires-te à volta da minha pila.

– Oh, *deuses.* – Esta *boca.* Atiro as mãos para trás contra a parede para me equilibrar, derrubando alguma coisa ao rolar a anca. Algo se estilhaça no chão à minha esquerda enquanto eu lhe cavalgo os dedos incessantes. Ele curva-os

contra a minha parede interior e eu suspiro com as pernas a fecharem-se na anca revestida de pele do Xaden. Quando ele usa o polegar para me massajar o clítoris, a fricção e a pressão levam-me ao limite da felicidade inconsciente.

Grito e ele abafa o som com a boca, beijando-me com estocadas tortuosas de língua que emulam o movimento dos dedos dentro de mim. Sinto um assomo de energia que me percorre os ossos e agarro-me ainda com mais força ao Xaden, surpreendida pelo acesso crepitante de força.

– *Olha para ti. Foda-se, és linda, Violet. Deixa-te levar por mim.* – As palavras dele enrolam-se na minha mente, a boca dele funde-se na minha e a intimidade de tudo isto leva-me ao cúmulo do prazer e mais além.

Ele engole o meu grito quando as minhas costas se dobram, a primeira onda do meu orgasmo a passar por todo o meu corpo e a libertar aquele fio de tensão numa explosão de faíscas que me ocupam a visão periférica e me desfazem num milhão de estrelas dispersas. Vejo o brilho de relâmpagos à janela a inundar o quarto de luz uma vez e outra enquanto ele me continua a afagar com uma perícia que funde o primeiro clímax num segundo.

– Xaden – gemo quando o prazer esmorece e volta a acender-se.

Ele sorri e desliza os dedos para fora do meu corpo e eu não sou nada senão respiração entrecortada e desejo puro a estender as mãos para a camisa dele. Quero-a despida *agora*. Ele faz-me a vontade e rasga o tecido e não tarda estamos a beijar-nos de novo, tudo línguas a serpentear e mãos a divagar. O toque da pele dele sob as pontas dos meus dedos é divino, incomensuravelmente suave apesar dos metros de músculo trabalhado. Passo-lhe os dedos de leve pelas costas, a memorizar cada textura da espinha que ondula a cada movimento que ele faz.

– Preciso de ti *agora* – suspiro e levo as mãos aos botões das peles que o cobrem.

– Sabes o que estás a dizer? – pergunta ele quando eu puxo o tecido, e toda a roupa que está por baixo, para baixo das ancas, libertando-lhe toda a densa extensão da pila. Está quente e dura na minha mão, e o gemido que lhe sai, rasgado, dos lábios faz-me sentir invencível.

– Estou a pedir-te que me fodas. – Levanto-me e beijo-o.

Ele solta um gemido, empurra-me a anca para a borda da secretária, puxa-me a roupa interior pelas pernas abaixo e deixa-me nua.

A minha pulsação sobe em flecha.

– Eu tomo o inibidor de fertilidade. – Claro, tomamos ambos. A última coisa que alguém quer é bebezinhos a correr pelo quadrante. Mas mais vale dizer do que remediar.

– Eu também. – Ele agarra-me a anca, levanta-me para ter um ângulo melhor e esfrega-me a cabeça da pila no clítoris. Eu dou um gripo abafado e os olhos dele fixam-se nos meus. O desejo que lhe vejo gravado em cada traço do rosto é a minha perdição. Não interessa se nos condena. Preciso dele.

Chega de me conter. Chega.

Estendo a mão para o meio de nós e guio a cabeça da pila para a minha entrada. Mas esta posição é uma merda. Ele é consideravelmente mais alto do que a secretária e se eu não estivesse tão desesperada por ele, rir-me-ia, mas estou. Dobro-me para trás, mas não ajuda. Cada segundo que esperamos parece durar uma década.

– Puta da secretária – pragueja ele.

Exatamente o que eu estou a pensar.

Os bíceps do Xaden latejam quando me alça agarrado à parte de trás das minhas coxas e eu coloco os braços em volta do pescoço e as pernas em redor da cintura dele e a camisa de noite fica presa entre nós quando ele roda. As nossas bocas encontram-se num beijo voraz e as minhas costas batem no armário, mas eu nem pestanejo, demasiado consumida pelo afago da língua dele, a sensação dele entre as minhas coxas.

– Merda. Estás bem? – pergunta.

– Estou ótima. Não me vais partir.

Ele força para entrar naqueles primeiros centímetros mais apertados do meu corpo e eu solto um grito abafado ao tentar adaptar-me à grossura, ao comprimento.

– *Mais.* – Estou demasiado ocupada a beijá-lo para falar. – *Preciso de ti por completo.*

– *Vais ser a minha morte, Violet.* – O que resta do controlo que tem sobre ele próprio vai-se e toma-me completamente com uma estocada.

Eu gemo no beijo. *Fundo.* Já chegou tão fundo que o sinto *em todo o lado.*

– *Diz-me que estás bem.* – Ele já está a mover-se, graças aos deuses.

– *Estou perfeita.* – Melhor do que perfeita. O poder fervilha debaixo da minha pele de novo, a sussurrar num desejo indizível e frenético.

– *Sabes tão bem.* – Ele dá-me outra estocada, e outra, e outra e entra num ritmo brutal e constante, com a boca a deslizar pelo meu pescoço e a mão a subir para se fechar sobre o meu peito.

Nem sequer consigo pensar para lá do prazer enlouquecedor enquanto as minhas costas batem contra a porta do armário a cada estocada, enchendo o quarto com o som dos nossos corpos em esforço e de madeira a ranger. Cada estocada é melhor do que a anterior. A minha respiração reduz-se a arfadas.

– *Foda-se, nunca me vou fartar de ti, pois não?* – diz ele, com o rosto enterrado no meu pescoço quando me dobro sobre ele.

– *Cala-te e fode-me, Riorson.* – Amanhã logo teremos tempo para arrependimentos.

Estendo as mãos para cima e agarro-me à borda superior do armário para poder balançar para trás com mais força, responder ao impulso da anca dele e recebê-lo mais profundamente e com mais vigor. Ele arrasta uma das alças da minha camisa de noite dos meus ombros e o ar frio da noite beija-me o mamilo endurecido um instante antes de ele o cobrir com a boca. As sensações giram em espiral, enrolam-se e desenrolam-se, formando um nó apertado de prazer tão dentro de mim, que a tensão é insuportável até ao limite do sublime.

A porta do armário range, depois estala nas dobradiças e as sombras do Xaden sobem para me proteger quando a porta cede e a madeira cai com estrondo no chão. O meu poder inflama-se, subindo em resposta ao dele e fervilhando debaixo da minha pele quando me agarro aos ombros dele e as nossas bocas se encontram.

Não podemos parar. Não há como parar.

– Foda-se – pragueja o Xaden enquanto me possui continuamente, sem nunca parar, e nos vira novamente para que haja tecido a proteger-me as costas. Mas não é a cama. São as cortinas abertas da janela.

A energia volta a crepitar quando as nossas bocas se encontram e ele continua a martelar, a atar o nó dentro de mim de forma cada vez mais dolorosa com cada movimento.

E o poder… é demasiado. Está a queimar-me, a aquecer-me o sangue com a necessidade de libertação.

– Xaden – grito, a contorcer-me, mas, ao mesmo tempo, a agarrar-me a ele como se ele fosse a única coisa que me ancora à terra.

– Eu estou aqui, Violet – garante, a respiração entrecortada a soprar-me para os lábios. – Liberta-te.

Um relâmpago percorre-me corpo e brilha de tal forma que os meus olhos se fecham de chofre. O calor incendeia-me o entorno quando os trovões ribombam.

Sinto o cheiro de fumo.

– Merda. – O poder do Xaden enche o corpo, eclipsando toda a luz que tínhamos e a cortina cai, mas nós desviamo-nos antes que o tecido chamuscado nos possa tocar na pele.

Aquele nó de prazer fervilha até um ponto de rutura quando ele me leva para o chão e, *por fim*, tenho todo o peso e o ímpeto dele em cima e dentro de mim. As sombras caem e, ao vê-lo em cima de mim, o olhar negro fixado no meu em intensa concentração, sei que ele é a visão mais bonita que já tive.

– *Tão. Espetacularmente. Lindo.* – Pontuo cada palavra com um beijo.

Ele recua, os olhos procuram os meus por um instante ou dois antes de me devastar com outro beijo que me deixa a implorar por mais e a balançar a anca na dele.

Este homem beija com o corpo todo, enrolando a anca ao ritmo de cada estocada da língua e apoiando apenas o peso suficiente para eu poder respirar enquanto lhe afago o peito em cima dos meus mamilos hipersensíveis. Ele mantém-me em sintonia com a sua intensidade e não sei quanto mais tempo consigo aguentar antes de atear fogo ao quarto inteiro.

– Preciso… preciso… – Os meus olhos frenéticos procuram os dele. Onde estão as minhas palavras?

– Eu sei. – Ele volta a reclamar a minha boca, coloca a mão entre nós e usa aqueles dedos talentosos para me afagar até mais um orgasmo e eu volto a ver um clarão de luz, seguido de trovões e da escuridão quando me desfaço debaixo dele.

O prazer apodera-se de mim em ondas e percorre-me uma vez e outra até eu não conseguir senão agarrar-me aos ombros do Xaden e cavalgá-lo em leda rendição.

– Linda – sussurra ele.

No segundo em que desço à terra, ele abranda o ritmo, empurra-me o joelho em direção ao peito e vai ainda mais fundo. Eu embalo a anca para ir ao encontro da dele e o suor escorre-nos pela pele quando o vejo a desfazer-se com um

fascínio arrebatado. Adoro vê-lo a perder o controlo da mesma forma que temo perder o meu, e quando meneio a anca ele geme, a dobrar o pescoço para trás enquanto dá mais uma estocada. Duas.

À terceira, grita, depois estremece dentro de mim e o poder dele manifesta-se em ondas de sombras, numa força que estilhaça o alvo de madeira do outro lado da janela.

Há pedaços de madeira a voar quando o Xaden lança mais uma onda de escuridão que dura tempo suficiente para nos proteger dos detritos. Depois as sombras recuam e os punhais caem no chão atrás de mim.

Ele parece tão chocado e tão cativado como eu me sinto quando estamos deitados a olhar um para o outro com os peitos ofegantes no rescaldo do que só pode ser descrito como a mais completa loucura.

– Nunca perdi o controlo desta maneira – diz ele, a apoiar o peso num braço e a afastar-me o cabelo do rosto com a outra mão. O movimento é tão delicado, tão diferente do que acabámos de experimentar, que eu não posso deixar de pestanejar, e depois esboçar um sorriso.

– Eu também não. – O esboço de sorriso faz-se sorriso rasgado. – Não que eu tivesse um poder cujo controlo pudesse perder até agora.

Ele ri-se e rola-nos para o lado, mantendo-nos juntos e colocando a minha cabeça apoiada no bíceps dele.

Eu sinto o cheiro a fumo do ar.

– Eu…?

– Ateaste fogo às cortinas? – Ele levanta uma sobrancelha. – Sim.

– Oh. – Não consigo encontrar vergonha, pelo que lhe esfrego as costas dos dedos na barba rasa do maxilar. – E tu apagaste-o.

– Apaguei. Imediatamente antes de destruir o teu alvo. – Faz um esgar. – Eu dou-te um novo.

Relanceio para o armário.

– E nós…?

– Sim. – Levanta as sobrancelhas. – E tenho quase a certeza de que também precisas de uma cadeira nova.

– Isto foi… – Eu nem sequer tirei completamente as calças ao homem e a minha camisa de noite está a pender-me precariamente de um ombro.

– Assustadoramente perfeito. – Ele fecha a mão em concha no meu rosto. – É melhor tratarmos de te limpar e de te pôr a dormir. Podemos preocupar-nos com… o teu quarto amanhã. Ironicamente, a tua cama foi a única coisa que não destruímos.

Sento-me e confirmo que a cama sobreviveu e o Xaden faz o mesmo ao meu lado, a inclinar-se para a frente. Eu perco imediatamente interesse em tudo a não ser nos traços musculados das costas dele e na relíquia azul-marinho que a Sgaeyl lhe transferiu.

Estendo a mão e passo os dedos pela relíquia do dragão, detendo-me nos relevos das cicatrizes prateadas e ele faz-se tenso. São traços curtos e finos, demasiados precisos para serem de um chicote, e o padrão é aleatório, mas nunca se cruza.

– O que aconteceu? – sussurro, a suster a respiração.

– Não vais querer mesmo saber. – O Xaden está tenso, mas não foge do meu toque.

– Vou, sim. – Não parecem acidentais. Alguém o magoou deliberadamente, com malícia, e fico com vontade de ir atrás da pessoa e fazer-lhe o mesmo.

O maxilar dele lateja quando olha por cima do ombro e os olhos cruzam-se com os meus. Mordo o lábio, sabendo que este momento pode virar para qualquer lado. Ele pode excluir-me como sempre ou pode acabar por me deixar entrar.

– São muitas – murmuro, a passar-lhe os dedos pela coluna.

– Cento e sete. – Desvia o olhar.

O número dá-me uma volta ao estômago e a minha mão detém-se. *Cento e sete.* Foi o número que o Liam referiu.

– Esse é o número de crianças menores com a relíquia da rebelião.

– É.

Mudo de posição para lhe poder ver o rosto.

– O que aconteceu, Xaden?

Ele afaga-me o cabelo para trás e a expressão que lhe atravessa o rosto é tão próxima da ternura que o meu coração vacila.

– Vi a oportunidade de chegar a um acordo – diz ele com a voz baixa. – E aproveitei-a.

– Que tipo de acordo é que te deixa com cicatrizes como estas?

Os olhos brilham com emoções contraditórias, mas depois ele suspira.

– Daquelas oportunidades em que eu assumo a responsabilidade pessoal pela lealdade dos 107 miúdos que os chefes da rebelião deixaram para trás e, em troca, podemos lutar pelas nossas vidas no Quadrante dos Cavaleiros em vez de sermos executados como os nossos pais. – Desvia o olhar. – Entre a possibilidade e a certeza de morrer, escolhi a primeira.

A crueldade da oferta e o sacrifício que ele fez para salvar os outros atinge-me como um golpe físico. Seguro-lhe o rosto e guio-o em direção ao meu.

– Então se algum deles trair Navarre… – Levanto as sobrancelhas.

– Sou eu que pago com a minha vida. As cicatrizes são um lembrete.

É por isso que o Liam diz que lhe deve tudo.

– Lamento tanto que isso te tenha acontecido. – Sobretudo tendo em conta que não foi ele que liderou a rebelião.

Ele olha para mim como se visse quem eu sou lá no fundo.

– Não tens nada por que te desculpar.

Agarro-lhe a mão quando ele se prepara para se levantar.

– Fica.

– É melhor não. – O sobrolho franze-se quando ele procura os meus olhos. – As pessoas vão falar.

– Alguma vez te dei a impressão de que me importo com o que as pessoas pensam? – Uso as palavras que ele já me tinha dirigido enquanto enrolo a mão em redor da secção do pescoço que ostenta a relíquia. – Fica comigo, Xaden. Não me obrigues a implorar.

– Ambos sabemos que é má ideia.

– Então é uma má ideia *nossa*.

Ele deixa cair os ombros e eu sei que venci. O Xaden é meu esta noite. Esgueiramo-nos à vez do quarto o tempo suficiente para nos lavarmos e depois ele enfia-se na cama atrás de mim.

– Só dentro destas paredes – diz ele em voz baixa e eu compreendo o que ele quer dizer.

– Só dentro destas paredes – concordo. Não estamos numa relação nem nada parecido. Isso seria… desastroso, dada a cadeia de comando. – Somos cavaleiros, afinal de contas.

– Na verdade, eu não confio no meu sangue-frio se alguém disser…

Dou-lhe um beijo leve nos lábios para o silenciar.

– Eu sei o que estás a dizer. É… querido.

Ele mordisca-me a pele.

– Eu não sou querido. Não te confundas ao ponto de pensares que há alguma coisa em mim suave ou amena. Isso só te vai magoar, e, faças o que fizeres… – Enterra o rosto no meu pescoço e inspira muito fundo. – Não te apaixones por mim.

Eu afago-lhe o braço marcado e rezo para que não seja exatamente isso o que me está a acontecer. Esta sobreposição avassaladora de desejo e satisfação que sinto no peito tem de ser um efeito de me ter vindo não uma, mas três vezes, não é? Não pode ser mais do que isso.

– Violência?

Olho pela janela para a infinidade negra do céu e mudo de assunto, a sentir as pestanas mais pesadas a cada segundo que passa.

– Porque é que tu calculaste que eu seria capaz de manipular relâmpagos?

O Xaden alonga-se o suficiente para conseguir anichar a minha cabeça debaixo do queixo dele.

– Pensei que o tinhas feito na primeira vez que o Tairn te canalizou poder, mas não tinha a certeza, por isso não disse nada.

– A sério? – Pestanejo, a pensar naquele momento, mas o meu cérebro está cheio do ronrom agradável e seco do sono a chegar. – Quando? – Os meus olhos fecham-se devagar.

Os braços dele fecham-se à minha volta e puxa-me para mais perto até a parte de trás das minhas coxas se encostarem às calças dele quando começo a dormitar.

– Na primeira vez que me beijaste.

Quando acordo, o Xaden já não está na cama, o que não é grande surpresa. Ter até decidido ficar comigo durante a noite? Isso, sim, foi surpreendente.

Encontrar um jarro em cima da mesinha de cabeceira com um punhado de violetas primaveris? O meu coração dilata-se. Estou metida num sarilho tão grande.

Até colocou todos os detritos numa pilha num canto, o que significa que deve ter usado as sombras dele enquanto eu estava a dormir, porque não ouvi nada.

Continuo exausta, mas visto-me e prendo o cabelo rapidamente, reparando que o Sol já nasceu. Com o Liam na enfermaria, hoje vou estar sozinha na minha viagem até aos Arquivos, mas talvez possa dar uma escapadela para o ir ver quando estiver a voltar.

Estou a apertar os atacadores das botas quando alguém bate à porta.

– Deves estar a brincar – digo com a voz suficientemente alta para que a pessoa que bateu à porta me ouça. – Só por o Liam estar na enfermaria não significa que eu precise de outro… – Puxo a porta para a abrir e vacilo antes da última palavra: – guarda-costas.

Vejo o Professor Carr no corredor com os cabelos em pé a olhar-me com uma expressão de avaliação científica, levantando as sobrancelhas depois de ver os destroços no meu quarto atrás de mim.

– Temos trabalho a fazer.

– Tenho serviço nos Arquivos.

O Professor resfolega.

– Está dispensada dos serviços nos Arquivos até termos a certeza de que não vai pegar fogo ao lugar. Os relâmpagos e o papel não se dão bem. Acredite, Sorrengail, os copistas não a vão querer perto daqueles livros preciosos e, pelo que vejo, nem sequer consegue controlar os seus poderes enquanto dorme.

Tento ignorar o acinte das palavras, uma vez que estão longe da verdade, mas acabo por segui-lo pelo corredor quando se vai embora.

– Para onde vamos?

– Para um lugar onde não possa iniciar um fogo florestal – diz ele sem olhar para trás.

Vinte minutos depois, estamos no campo de voo, e, para minha surpresa, o Tairn está com a sela no dorso.

– *Como raio é que fizeste isso?*

Ele bufa de indignação.

– *Como se eu os deixasse desenhar alguma coisa que não soubesse como colocar. Não te esqueças de onde vem o teu poder, Prateada.*

– *Como é que está a Andarna?* – pergunto, ao mesmo tempo que o Professor Carr me atira uma bolsa para as mãos: – Para que é isto?

– *Está a dormir, mas está bem* – garante o Tairn.

– É o pequeno-almoço – responde o Professor Carr. – Com todas as manipulações que vai fazer, vai precisar de estar alimentada. – Sobe para o Cauda de Punhal Cor de Laranja dele e, depois de eu montar o Tairn e me afivelar, lançamo-nos ao ar.

O frio do vento primaveril fustiga-me as bochechas durante o voo até ao meio da cadeia montanhosa e fico contente por ter vestido peles de voo de manhã, porque pensava que teria uma sessão antes do almoço.

Pousamos quase meia hora depois, bem acima das árvores mais próximas.

Arrepio-me e esfrego os braços para expulsar as temperaturas baixas inerentes à altitude.

– Não se preocupe. Não vai ficar com frio muito tempo – assegura o Professor Carr, a desmontar do dragão e a retirar um pequeno livro do bolso. – De acordo com o que li ontem à noite, esta sua capacidade tem o poder de sobreaquecer o seu sistema, daí que… – Aponta para a paisagem à nossa volta.

– Além disso, não há muita coisa que possa arder cá em cima, pois não? – Nem testemunhas, se ele decidir partir-me o pescoço. Fito-o por um instante, mas não demoro a desviar o olhar para desapertar as fivelas da minha sela e deslizar pela perna dianteira do Tairn. – *Não me deixes.*

– *Nunca. Queimo-o vivo se ele der um passo na tua direção.*

– Exatamente. – Estuda-me cuidadosamente e eu evito olhá-lo nos olhos e confiro a ligadura que tenho no joelho para ter a certeza de que não escorregou debaixo das minhas peles. – Fico sempre pasmado com a forma como a natureza encontra um equilíbrio.

– Não sei se percebo que que quer dizer, Professor.

– O tipo de poder que se encontra numa pessoa tão… – Suspira. – Não diria que é um pouco frágil?

– Sou quem sou – disparo, indignada. Nunca dei a este professor em particular nenhuma razão para ele pensar que eu sou diferente.

– Não é um insulto, cadete. – O Professor encolhe os ombros e olha para a sela. – É um equilíbrio. No exercício das minhas responsabilidades, encontrei uma espécie de correlação que mantém um sistema de contrapesos de poder. O seu parece ser o seu corpo.

Ouve-se um rugido a subir no peito do Tairn que afasta o dragão mais pequeno do Carr do lugar.

– O seu dragão não confia em mim – afirma o Professor Carr, como se se tratasse de um problema académico que teria de ser resolvido. – E, tendo em conta que é o mais poderoso de todos no quadrante neste momento…

– *Mas não do Continente* – admite o Tairn.

– … isso significa que você também não confia em mim, cadete Sorrengail. – Ele olha-me nos olhos e o vento no cimo da montanha deixa-lhe o cabelo a dançar como se fossem penas. – Porque será?

– *Não vale a pena mentir.*

– Além de ter acabado de dizer que eu era frágil? – Mantenho-me junto à base da perna dianteira do Tairn, pronta para montar se for necessário. – Eu estava lá no dia em que matou o Jeremiah. O sinete dele manifestou-se e o Professor partiu-lhe o pescoço como se fosse um galho à nossa frente.

O Carr reclina a cabeça a pensar.

– Sim, bem, ele estava em considerável pânico e é do conhecimento geral que os intínsicos não têm o direito de viver. Acabei-lhe com o sofrimento antes de ele poder ver o fim a chegar.

– Nunca hei de compreender porque é que a leitura do pensamento é uma sentença de morte. – Pouso a mão na perna do Tairn como se fosse capaz de absorver a força dele, embora já a sinta a fluir dentro de mim.

– Porque o conhecimento é poder. Enquanto filha de uma general, deveria saber isso. Não podemos ter alguém a andar por aí com um acesso sem reservas a material confidencial. É um risco para a segurança de todo o reino.

No entanto, o Dain está vivo.

– *Porque o Aetos lhes vai ser útil desde que o consigam manter sob controlo.* – O Tairn bufa um sopro de vapor por cima da minha cabeça e o Cauda de Punhal Cor de Laranja recua um pouco mais. – *O poder dele limita-se ao toque, pelo que é mais controlável.*

– Bem, não tem de confiar em mim, e até pode manipular o seu poder em cima do seu dragão se desejar, mas espero que acredite em mim quando lhe digo que não planeio matá-la, cadete Sorrengail. Perder um ativo destes seria uma tragédia para o esforço de guerra.

Um ativo.

– E o facto de se ter vinculado ao Tairn faz de si e do Riorson o par de cavaleiros mais cobiçado que este reino tem há muito tempo. Posso dar-lhe um

conselho? – Os olhos dele entrefecham-se.

– Faça o favor. – Pelo menos é brutalmente sincero, pelo que sei em que pé estou com ele.

– Saiba a quem deve ser leal. Você e o Riorson têm ambos poderes excecionais e letais que todos os cavaleiros invejariam. Mas juntos? – Franze as sobrancelhas farfalhudas. – Seriam um inimigo extraordinário que o comando não poderia deixar existir. Está a compreender o que eu estou a dizer. – A voz dele faz-se mais baixa.

– Navarre é a minha casa, Professor. Darei a vida para defendê-la tal como todos os Sorrengail que se tornaram cavaleiros antes de mim.

– Excelente. – Ele assente com a cabeça. – Agora vamos ao trabalho. Quanto mais cedo conseguir conter os relâmpagos, mais cedo podemos sair deste gelo.

– Bem visto. – Olho por cima das montanhas. – Quer que eu… – Aponto para as montanhas à nossa volta.

– De preferência em qualquer lugar menos neste onde estamos, sim.

Olho para as montanhas mais distantes.

– Não sei muito bem o que fiz para recorrer a este poder da outra vez. Foi uma… reação emocional. – E o que aconteceu durante a noite está longe de poder ser tema de discussão.

– Interessante. – Ele escrevinha algo no caderno com um pedaço de carvão. – Manipulou relâmpagos outras vezes que não durante os Jogos de Guerra, como vimos ontem?

Penso em guardar a resposta para mim, mas o meu silêncio não me vai ajudar.

– Algumas vezes.

– E foram todas resultado de reações emocionais?

O Tairn resfolega e eu bato-lhe na perna dianteira com as costas da mão.

– Foram.

– Bem, então comece por aí. Ligue o seu poder à terra e tente sentir o que sentiu nessas ocasiões. – Volta ao caderno.

– *Devo ir buscar o chefe de divisão?* – O Tairn ri-se com gosto na minha cabeça.

– *Cala-te*. – Finco ambos os pés nos meus Arquivos e o poder flui à minha volta vindo de dentro de mim. Vejo a luz dourada da Andarna, também, mas está

mais apagada por ter sido esgotada ontem, e bem acima de mim vejo as sombras pretas como breu que sei que representam a ligação ao Xaden.

– *Problemas?* – pergunta o Xaden, como se sentisse a minha interrogação. – *E o que estás a fazer tão longe?*

– *A treinar com o Carr.* – Sinto as bochechas a afoguear-se ao ouvir o som baixo da voz dele. – *E como é que sabes que estou longe, afinal?*

– *Afina a tua capacidade de manipular o teu poder e também o conseguirás fazer. Não há nenhum lugar no mundo em que eu não te encontrasse, Violência.* – A promessa deveria ser uma ameaça, mas não é. É demasiado reconfortante para isso.

– *Neste momento, já ficaria contente se conseguisse manipular algum relâmpago. O Carr está a olhar para mim e isto vai ficar estranho como o raio se eu não conseguir perceber como…*

A minha cabeça é inundada com imagens… *minhas.* São da noite passada, só que, por alguma razão, estou a vê-las pelos olhos do Xaden, a sentir o calor inconfundível de um desejo insaciável. Perco o controlo… não, é o Xaden que está a perder o controlo quando eu estou a gemer debaixo dele, a minha anca a cavalgar-lhe a mão, as minhas unhas a fincar-se-lhe na pele com uma dor que se assemelha a prazer enquanto me contorço. Deuses, preciso – *não* – ele precisa de mim. O desejo transforma-se em avidez de conhecer o meu toque, o meu sabor, a sensação de…

Todo o meu sistema é inundado por um poder que me crepita ao longo da pele e vejo um clarão de luz atrás dos olhos fechados.

As imagens param e os meus sentimentos voltam a pertencer-me.

E raios me partam se não estou tão excitada que tenho de mudar de posição para aliviar a ânsia que sinto entre as coxas.

– Bom trabalho! – diz o Professor Carr a assentir com a cabeça e a escrevinhar algo no caderno.

– *Não acredito que acabaste de fazer isso.*

– *Não tens de quê?*

As minhas bochechas estão a escaldar quando levo as costas das mãos à pele.

– Está a ver, eu avisei-a. – O Professor Carr levanta o caderno. – O último manipulador de relâmpagos disse que ficava quente de mais. Agora faça-o de novo.

O Tairn solta uma gargalhada.

– *Não quero ouvir nem um raio de uma palavra tua* – aviso.

Desta vez, concentro-me no sentimento de assomo de poder e não no que o causou, abrindo todos os sentidos e deixando que a energia escaldante me atravesse e se acumule até chegar a um ponto de rutura. Depois liberto-a e vejo um relâmpago a cair a quase dois quilómetros de distância. Ora vejam só. Sou mesmo do caraças.

– Talvez possa trabalhar na mira desta vez? – O Professor Carr espreita por cima do caderno. – Não se esqueça de não esgotar a força física com que controla o poder. Ninguém a quer ver com um esgotamento. Um poder como o do Tairn poderá comê-la viva se não o conseguir conter.

Consigo fazer cair mais cinco relâmpagos antes de ficar exausta e nenhum deles bate no local para onde eu apontei.

Isto vai ser mais difícil do que eu pensava.

O dia 1 de julho, dia do aniversário da Batalha de Aretia, é pelo presente proclamado o Dia da Reunificação e será celebrado em todo o território de Navarre nesta data todos os anos, em homenagem às vidas perdidas na guerra para salvar o nosso reino dos separatistas e os que foram salvos pelo Tratado de Aretia.

– Proclamação Real do Rei Tauri, *O Sábio*



CAPÍTULO XXXI

Alguém bate à minha porta enquanto tiro uma braçada de roupas dos restos esqueletais do meu armário.

– Entra – digo em voz alta, antes de as pousar na cama.

A porta abre-se e o Xaden entra, com o cabelo para trás como se estivesse a chegar do campo de voo, e a minha pulsação acelera.

– Eu só queria… – começa ele, depois para, a olhar para os danos no meu quarto depois da noite passada. – Não sei porquê, mas hoje tinha-me convencido de que não tínhamos feito tantos estragos, mas…

– Sim, está…

Ele olha para mim e sorrimos ambos.

– Bem, isto não tem de ser estranho nem nada disso. – Encolho os ombros, a tentar aliviar a tensão. – Somos ambos adultos.

Ele levanta a sobrancelha com cicatriz.

– Ainda bem, porque não ia conseguir se não fosse assim. Mas o mínimo que posso fazer é ajudar-te a limpar isto. – Vira a atenção para o armário e estremece. – Juro que não parecia tão desfeito quando saí de manhã e ainda estava escuro.

Parece que também ateaste fogo a mais do que um bom par de árvores. Foram precisos dois manipuladores de água para apagar as chamas.

Sinto as bochechas a arder.

– Saíste cedo. – Tento usar um tom o mais indiferente possível enquanto me dirijo para a secretária, que sobreviveu como que por milagre, e agacho-me para apanhar alguns dos meus livros que atirámos ao chão.

– Tinha uma reunião de chefia e precisava de começar cedo. – Roça com o braço no meu quando se dobra e pega no meu livro preferido de lendas: o que a Mira pôs no meu saco às escondidas quando chegámos a Montserrat naquela noite.

– Oh. – Sinto um alívio no peito. – Isso faz todo o sentido. – Levanto-me e coloco os livros na secretária. – Então não foi por eu ressonar nem nada disso.

– Não. – Um canto da boca dele dobra-se. – Como correu o treino com o Carr?

Bela mudança de assunto.

– Consigo manipular, mas não consigo apontar e é absolutamente esgotante. – Cerro a boca a pensar no primeiro relâmpago que manipulei. – Sabes, foste um bocado cretino no campo de voo ontem.

A mão dele fecha-se com mais força no livro.

– Sim. Disse-te o que pensei que precisavas de ouvir para ultrapassar aquele momento. Eu sei que não gostas que as outras pessoas vejam a tua vulnerabilidade, e tu…

– Eu estava vulnerável – concluo.

Ele assente com a cabeça.

– Se te fizer sentir melhor, também não consegui manter nada no estômago na primeira vez que matei uma pessoa. Não te considero menos por teres uma reação como a que tiveste. Só significa que ainda tens a tua humanidade.

– Tu também – digo eu, a tirar-lhe o livro das mãos com delicadeza.

– Isso é discutível.

Diz o homem que tem 107 cicatrizes nas costas.

– Não, não é. Pelo menos, para mim.

O Xaden desvia o olhar e eu sei que vai levantar as defesas a qualquer momento.

– Diz-me algo verdadeiro – digo, desesperada por o manter comigo.

– Tipo o quê? – pergunta-me, tal como fez naquele dia antes de irmos voar em que me deixou sentada na montanha quando tive o descaramento de lhe perguntar sobre as cicatrizes.

– Tipo… – Sinto a cabeça a dar voltas à procura de algo que lhe possa perguntar. – Tipo onde foste na noite em que te encontrei no pátio.

Ele franze o sobrolho.

– Vais ter de ser mais específica do que isso. Os instruendos do terceiro ano estão sempre a ser mandados para fora.

– Estavas com o Bodhi. Foi pouco antes do Guante. – Passo a língua pelo lábio inferior, nervosa.

– Oh. – Pega noutro livro e pousa-o na secretária, claramente a ganhar tempo para decidir se se vai abrir comigo ou não.

– Nunca contaria a ninguém nada do que me dissesses – prometo. – Espero que saibas disso.

– Sim, sei. Nunca disseste a ninguém o que viste debaixo da árvore no outono. – Esfrega atrás do pescoço. – Athebyne. Não podes saber porquê nem perguntar mais nada, mas foi para onde fomos.

– Oh. – Não era o que eu esperava, definitivamente, mas não é nada fora do normal os cadetes irem para um posto avançado. – Obrigada por me dizeres. – Viro-me para arrumar o livro e vejo que a lombada está mais desgastada depois de atirarmos o volume da secretária abaixo na noite passada. – Raios. – Abro a contracapa e vejo que está rota na lombada.

Há algo a sobressair.

– O que é isso? – pergunta o Xaden, a olhar por cima do meu ombro.

– Não sei bem. – A equilibrar o livro pesado com uma mão, puxo o que parece ser um pedaço rijo de pergaminho de onde estava enfiado atrás da lombada. Fico com a cabeça a levitar quando reconheço a letra do meu pai e a data é de poucos meses antes de ele morrer.

Minha Violet,

Quando encontrares isto, provavelmente já estarás no Quadrante dos Copistas. Não te esqueças de que as lendas populares são passadas de geração em geração para podermos aprender com o passado. Se as perdermos, perdemos a ligação ao passado. Basta uma geração desesperada para mudar a história... ou até para a apagar.

Eu sei que vais tomar a decisão certa quando chegar o momento. Sempre foste o melhor de mim e da tua mãe.

Com amor,

Pai

Franzo a sobrancelha, passo a carta para o Xaden e folheio o livro. Os contos são todos familiares e ainda consigo ouvir a voz do meu pai a ler cada palavra, como se ainda fosse uma criança enrolada no colo dele depois de um dia longo.

– É críptico – observa o Xaden.

– Ele ficou um pouco… críptico nos anos que se seguiram à morte do Brennan – admito com a voz baixa. – A morte do meu irmão tornou o meu pai ainda mais recluso. Eu só passava tempo com ele porque estava sempre nos Arquivos, a estudar para ser copista.

As páginas agitam-se enquanto vou passando pelas histórias de um reino antigo que se estendia de um oceano a outro e de uma Grande Guerra entre três homens que lutaram para controlar a magia desta terra mística. Alguns dos contos dizem respeito a histórias dos primeiros cavaleiros que aprenderam a vincular-se a dragões e à forma como os vínculos se podiam virar contra os cavaleiros se eles tentassem consumir demasiado poder. Outros versam sobre um grande mal que se espalhou pela terra quando os homens se deixaram corromper pela magia negra e se transformaram em criaturas conhecidas como venéficas que criaram bandos de criaturas aladas chamadas serpes e fustigaram a terra, desprovendo-a de toda a magia na ânsia de alcançarem mais poder. Outro fala dos perigos da manipulação de poderes na terra e não nos céus, uma vez que uma pessoa poderia retirar magia da terra com muita facilidade e acabar por enlouquecer.

Um dos objetivos das lendas é dar a conhecer os perigos do excesso de poder às crianças. Ninguém se quer tornar um venéfico; são os monstros que se escondem debaixo das nossas camas quando temos pesadelos. E seguramente nunca queremos tentar controlar magia sem um dragão para nos ligar à terra. Mas não passam disso: histórias de embalar para crianças. Então porque é que o meu pai me deixou esta nota críptica? E porque é que a escondeu dentro deste livro?

– O que achas que ele estava a tentar dizer-te? – pergunta o Xaden.

– Não sei. Todos os contos neste livro são sobre a forma como o poder corrompe, por isso talvez sentisse que algo na chefia estava corrompido. – Relanceio para o Xaden e gracejo: – Não me surpreenderia se o general Melgren retirasse a máscara e se revelasse um terrível venéfico. Aquele homem sempre me horrorizou.

O Xaden ri-se.

– Bem, esperemos que não. O meu pai costumava dizer que os venéficos estavam a ganhar tempo nos Baldios e que um dia viriam atrás de nós… se não comêssemos os legumes. – Ele olha pela janela à esquerda e eu sei que está a recordar-se do pai. – Dizia que um dia deixaria de haver magia no reino se não tivéssemos cuidado.

– Lamento… – começo, mas, quando se retesa, decido que o que ele precisa é de uma mudança de assunto. – Então, qual é o entulho que temos de limpar primeiro?

– Tenho uma ideia melhor sobre como podemos passar a noite – diz-me a pousar mais uma pilha de roupa na minha cama.

– Oh? – Relanceio na direção dele e vejo-lhe os olhos a escurecer fixados na minha boca. A minha pulsação acelera de imediato e a ideia de lhe tocar faz-me sentir um acesso de energia.

Não te apaixones por mim…

As palavras que me disse ontem à noite contrastam claramente com a forma como está a olhar para mim agora.

Dou um passo para trás.

– Disseste para não me apaixonar por ti. Mudaste de ideias?

– Não, de todo. – O maxilar põe-se tenso.

– Certo. – Não estava à espera de que a resposta magoasse tanto como magoa, o que é parte do problema. Já estou demasiado envolvida emocionalmente para separar o sexo, por mais espantoso que seja. – O problema é o seguinte. Acho que não consigo separar o sexo do sentimento contigo. – Bem, merda, agora já o disse. – Já estamos demasiado próximos para isso e se nos envolvemos novamente vou acabar por me apaixonar por ti. – Sinto o coração a ribombar com a confissão extemporânea, à espera da resposta dele.

– Não vai acontecer. – Algo que se assemelha a pânico perpassa-lhe nos olhos e ele cruza os braços. Juro que consigo *ver* o homem a levantar as defesas contra

os seus próprios pensamentos. – Tu não me conheces verdadeiramente. Não bem lá no fundo.

E de quem é a culpa?

– Conheço o suficiente – aponto em voz baixa. – E teríamos todo o tempo do mundo para limarmos as arestas se deixasses de te portar como um cobarde emocional e admitisses de uma vez que também te vais apaixonar por mim se continuarmos com isto. – Ele nunca iria conceber aquela sela e passar tanto tempo a treinar-me a lutar e a voar se não sentisse *alguma coisa.* Também vai ter de lutar por isso ou nunca vai funcionar.

– Não tenho intenção nenhuma de me apaixonar por ti, Sorrengail. – Os olhos dele semicerram-se e pronuncia claramente cada palavra, como se fosse possível eu interpretar o que diz de qualquer outra maneira.

O. Caralho. Ele abriu-me a porta. Falou-me das cicatrizes. Mandou construir-me um arsenal de punhais. Ele gosta de mim. Está tão envolvido nisto como eu, mesmo que seja uma porcaria a mostrá-lo.

– Ai. – Estremeço. – Bem, é evidente que não estás pronto para admitir qual é o caminho que estamos a seguir. Portanto, sim, acho que é melhor concordarmos que isto foi uma vez sem exemplo. – Obrigo os ombros a encolher-se. – Ambos precisávamos de alguma libertação e conseguimos, certo?

– Certo – concorda ele, com a apreensão a enrugar-lhe a testa.

– Portanto, da próxima vez que te vir, vou-me apresentar tão fria como tu estás neste momento e fazer de conta que não me lembro qual é a sensação de te ter dentro de mim. – Quente e duro. Tem um corpo incrível, é verdade, mas não pode decidir o que faço com o meu coração.

Ele avança na minha direção com um sorriso cúmplice e um olhar que aquece cada centímetro do meu corpo.

– E eu vou fazer de conta que não me lembro da sensação das tuas coxas macias à volta da minha anca nem desses sons suspirados que fazes antes de te vir. – Os dentes roçam-lhe o lábio inferior e tenho de recorrer a toda a força de vontade que tenho para não sugar aquele lábio para a minha boca.

– E eu vou ignorar a memória das tuas mãos a fincar-se na minha anca, a encostar-me ao armário para poderes ir mais fundo e da tua boca na minha garganta. Não tem nada que saber. – Os meus lábios entreabrem-se quando

recuo e o meu coração tem um daqueles sobressaltos bons quando ele me segue e me encurrala na parede.

Pousa a mão perto da minha cabeça para se inclinar para o meu espaço e dobra os lábios num meio-sorriso.

– Então acho que vou ignorar a memória de te sentir tão quente e húmida à volta da minha pila e de te ver a gritar por mais até eu não pensar em mais nada que não fosse ir ao limite físico para te dar exatamente o que precisavas.

Merda. Ele é melhor neste jogo do que eu. O calor afogueia-me a pele. Quero-o mais perto. Quero exatamente o mesmo que tive ontem à noite. Mas quero *mais.* O sopro da respiração dele bate-me nos lábios em arfadas ofegantes e eu não estou em melhor estado.

Que se foda. Posso ceder, não posso? Posso aproveitar exatamente o que me está a oferecer e desfrutar de cada minuto. Podemos destruir cada item de mobiliário neste quarto e depois ir para o dele. Mas onde é que vamos estar de manhã?

Precisamente no mesmo lugar, ambos a querer e só um de nós com coragem suficiente para ir atrás, e eu mereço mais do que uma relação em que só ele dita as regras.

– Tu desejas-me. – Pouso-lhe a mão no peito e sinto o coração dele a ribombar. – E sei que isso te assusta embora eu te deseje com o mesmo ardor.

Ele retesa-se.

– Mas o problema é o seguinte. – Olho-o nos olhos, sabendo que pode fugir a qualquer momento. – Não és tu que decides o que eu sinto. Podes dar ordens lá fora, mas não aqui. Não me podes dizer que podemos foder, mas que eu não me posso apaixonar por ti. Isso não é justo. A única coisa que podes fazer é respeitar o que eu decidir fazer. Por isso, não vamos voltar a fazer isto enquanto eu não *quiser* pôr o meu coração em risco. E se eu me apaixonar, o problema é meu, não teu. Não és responsável pelas minhas escolhas.

O maxilar dele cerra-se uma vez. Duas vezes. E depois afasta-se da parede e dá-me espaço.

– Acho que é melhor assim. Estou prestes a graduar-me e quem sabe onde vou parar. Além disso, tu e eu estamos amarrados um ao outro por causa da Sgaeyl e do Tairn, o que complica… tudo. – Recua um passo de cada vez e a distância é mais do que física. – Ainda por cima, com todo este *faz de conta*, estou certo de

que vamos acabar por nos esquecermos de que a noite passada chegou a acontecer.

A forma como estamos a olhar um para o outro diz-me que *nunca* nenhum de nós se vai esquecer. E ele pode tentar evitá-lo as vezes que quiser, mas vamos acabar aqui mesmo, uma e outra vez, até que ele esteja disposto a reconhecer o que isto é. Porque se há coisa que eu sei com toda a certeza é que me vou apaixonar por este homem – se não estiver já apaixonada – e ele também não está longe, quer o perceba quer não.

Viro-lhe as costas, dirijo-me para as metades destruídas do meu alvo e apanho-as antes de voltar para o outro lado do quarto.

– Nunca te tomei por mentiroso, Xaden. – Empurro-lhe as metades do alvo para o peito. – Podes dar-me outro quando estiveres pronto para cair em ti. Depois podemos descomprimir. – Mando o exasperante homem embora.

– Sabias que o Rei Tauri vai comemorar o Dia da Reunificação aqui? – pergunta o Sawyer quando passa com a perna por cima do banco ao meu lado ao almoço.

– A sério? – Ataco o frango assado com afinco. Desde que ando a treinar diariamente com o Professor Carr, o meu apetite parece um poço sem fundo. Pelo menos, só me arrasta para aquele cume uma hora por dia, mas, mesmo assim, quando chega a hora do pequeno-almoço, estou esfaimada.

Ao fim de um mês, ainda não consigo apontar a porcaria dos relâmpagos. Mas já consigo lançar cerca de 20 relâmpagos por hora, pelo que há melhorias. Quando olho de relance para as mesas mais abaixo, o meu olhar cruza-se com o do Xaden, que está a comer com a chefia no estrado.

Está com um ar esplendoroso esta manhã. Até a sombra melancólica que o segue para todo o lado tem um certo encanto quando ele revira os olhos por alguma coisa que o Garrick diz.

– *Não olhes assim para mim.*

– *Assim como?* – Levanto uma sobrancelha.

O olhar dele vira-se para o meu.

– *Como se estivesses a pensar no ginásio de treino de combate ontem à noite.*

– Bem, claro – diz a Rhiannon à minha frente. – É por isso que a Devera tem uns quinhentos figurões em uniformes de gala no refeitório neste momento. Para

onde vai o rei, também vai o séquito.

– *Bem, agora que falas nisso.* – Passo com a língua no lábio, quando me lembro da forma como a anca dele fixou a minha ao tapete depois de toda a gente se ter ido embora. Estivemos muito perto de ceder à avidez que nos une.

O maxilar dele lateja e a mão aperta o garfo com mais força.

– *A sério. Não consigo pensar quando olhas para mim dessa maneira.*

– A sério? Pensei que eram para a graduação – diz o Ridoc.

A Imogen solta o riso escarninho.

– Como se alguém vestisse roupa de gala para a graduação. É basicamente uma formação gigante em que o Panchek diz: *Bem, sobreviveram. Bom trabalho. Venham buscar as vossas missões, arrumem as vossas merdas e vão-se embora.*

Toda a gente se ri da imitação perfeita.

– *Tu é que tens essa regra ridícula de não nos apaixonarmos um pelo outro* – recordo-lhe.

– *Ainda estás a olhar.* – Ele obriga-se a voltar a centrar a atenção no prato.

– *Contigo é difícil desviar o olhar*. – Tenho saudades da boca dele na minha pele, da sensação do corpo dele encostado ao meu. Tenho saudades da expressão do rosto dele quando me viu a perder o controlo. Mas ainda tenho mais saudades de o ter enroscado a mim quando dormimos.

– *Estou aqui a guardar as memórias e com as mãos quietas porque foi o que me pediste e estás a foder-me com os olhos. Não estás a jogar limpo.*

Deixo cair o garfo e toda a gente na mesa se vira e fica a olhar para mim.

– Está tudo bem contigo? – pergunta a Rhiannon a levantar as sobrancelhas.

– Está. – Assinto com a cabeça, a ignorar o acesso de calor que me está a subir ao pescoço. – Está tudo ótimo.

O Liam pousa o copo na mesa e olha para mim e para o Xaden a abanar a cabeça e a tentar conter um sorriso. Claro que sabe o que se passa. Teria de ser completamente tapado para não saber, tendo em conta que ajudou o Xaden e o Garrick a levar o meu armário.

– *Já te disse para parares de olhar.* – Nota-se o sorriso na voz dele, mas o rosto é tão impassível como sempre.

Eu bato com o garfo no prato num gesto de pura frustração. Sabes que mais? Que se foda isto. Este jogo pode ser jogado por dois.

– Se te fizesses um homenzinho e admitisses que há algo entre nós, despir-me-ia por completo para que me pudesses ver de uma ponta à outra. E assim que te tivesse a suplicar, cairia de joelhos, desapertaria essas peles que estás a usar e poria os lábios em volta…

O Xaden engasga-se.

Todas as cabeças do refeitório se viram na direção dele e o Garrick bate-lhe nas costas até que o Xaden lhe acena para parar e bebe um pouco de água.

Rio-me com vontade, o que me vale uns seis olhares confusos da nossa mesa e um par de olhos a revirar do Liam.

– Vais ser a minha morte.

Estamos apenas a dez dias da graduação e estou a contá-los a todos e a cada um. É nessa altura que vamos descobrir para onde é que o Xaden vai ser enviado ao sair de Basgiath. A maioria dos novos tenentes vão para postos do interior, para reforçarem o contingente ao longo dos caminhos que conduzem aos postos avançados da fronteira, mas uma pessoa com o poder do Xaden? Nem sequer quero pensar a que distância vai ficar.

Nem porque continua sem admitir que há algo entre nós. Nem porque não deu sequer a entender que, pelo menos, não se arrependia daquela noite. Já era qualquer coisa.

Não te apaixones por mim…

Sinto um formigamento já bem conhecido no escalpe e sei que o Xaden entrou na sala de Sumário de Batalha com o resto dos cadetes em falta e a chefia.

A Professora Devera vai direta ao sumário de hoje, mas tenho dificuldade em prestar atenção.

Hoje assinalam-se seis anos da morte do Brennan. Já seria um capitão por esta altura, ou talvez até um major, dada a forma como a carreira dele estava em ascensão. Talvez já estivesse casado. Talvez eu já fosse tia. Talvez o coração do nosso pai não tivesse cedido com o desgosto de o perder ou daquela última vez naquela primavera há dois anos.

– Leva-me para a cama – disparo mentalmente e depois deixo-me cair um pouco no meu assento. No entanto, não me arrependo. Hoje é um daqueles dias em que preciso de uma distração.

– Pode ser um pouco estranho à frente desta gente toda.

Não o consigo ver onde sei que está sentado, na fila de cima da sala de Sumário de Batalha, mas as palavras dele sabem-me como uma carícia na parte de trás do pescoço.

– *Pode valer a pena.*

– E o que é que vocês teriam feito de forma diferente? – pergunta a professora Devera, a perscrutar a turma.

– Eu teria pedido reforços se soubesse que as guarnições estavam a fraquejar na zona – responde a Rhiannon.

– *Não mudei de ideias, Violência. Nós os dois não temos futuro.*

– E se não houver reforços disponíveis? – pergunta a Professora Devera, a levantar uma sobrancelha. – Já repararam que as turmas que se graduam no Quadrante dos Cavaleiros são menores a cada ano que passa e que o ligeiro incremento dos ataques nos custou mais sete cavaleiros *e* respetivos dragões este ano, não repararam? É preciso pelo menos uma companhia inteira de infantaria para compensar a perda de um cavaleiro.

– *Faltam dez dias para a graduação.* – A aproximação do prazo deixa-me os nervos em franja.

– Eu teria tirado cavaleiros dos postos avançados do interior temporariamente para ajudarem a reconstruir as guarnições – responde a Rhiannon.

– *Não me lembres disso.*

– Excelente. – A Professora Devera faz que sim com a cabeça.

– *A sério que vais sair de Basgiath sem…* – Sem o quê? Me declarar o seu… desejo imorredoiro?

– *A sério.*

Claro que sim. O Xaden é perito a conter as emoções, o que talvez seja a razão por que está tão determinado em conter as minhas também. Ou existirá alguma razão que esteja a guardar para ele e que me escapa? O sexo foi ótimo. A nossa química? Explosiva. Ainda por cima somos… amigos, embora a ânsia constante que sinto no peito me diga que já fomos muito além disso. Se ele se tivesse limitado a ser um cretino, eu teria desvalorizado aquela noite e pensado que não tinha passado de sexo – sexo ridiculamente avassalador – e seguido em frente. Mas ele não está a ser um cretino… pelo menos na maior parte do tempo, e agora percebo porque leva o trabalho que faz tão a sério. Ele carrega nos ombros a responsabilidade por todos os marcados que entraram neste lugar.

– O que quer que estejas a pensar pode esperar até não termos uma sala cheia de pessoas entre nós – diz ele.

– O que mais me pode dizer? – continua a Professora Devera, dirigindo-se a um instruendo do segundo ano.

Passou um mês e meio desde que destruímos o meu quarto… e conseguimos manter-nos longe um do outro, embora uma noite não tenha sido suficiente para satisfazer nenhum de nós, se as noites tensas nos tapetes do ginásio de treino de combate servirem de indicação. Claro que ambos sabemos que algo mais só complicaria uma situação já deveras complicada.

Mas de certeza que ele não está a libertar esta tensão sexual incomensurável entre nós… com outra pessoa. Ou estará? Esta ideia traiçoeira ocupa-me o espírito com uma rapidez doentia.

Deixo de ouvir ao sentir o meu estômago a embrulhar-se com esta possibilidade demasiado real.

– Existe outra pessoa?

– Não vou discutir isto contigo neste momento. Presta atenção.

Sou obrigada a recorrer a toda a força que tenho para não me virar para trás e gritar com ele. Se eu passei todas estas noites a virar-me e a revirar-me nos lençóis enquanto ele…

– Também é boa ideia, Aetos. – A Professora Devera sorri. – Uma resposta de chefe de divisão, se o posso dizer.

Oh, deuses, o ego do Dain vai ser insuportável hoje durante o treino de combate se a Professora Devera continuar a elogiá-lo.

Treino de combate… aperto a caneta com um pouco de força a mais quando me lembro da forma como a Imogen estava a olhar para o Xaden naquela noite. Merda. Faria todo o sentido. Ela também tem uma relíquia da rebelião e não é a filha da mulher que matou o pai dela, por isso também tem essa vantagem.

– É a Imogen?

Vou vomitar.

– Raios partam, Violência.

– É? Eu sei que dissemos que não íamos por aí, mas… – Estou a roer-me por dentro por lhe ter dito que queria mais, e por não ter estado tão atenta como deveria por estar a discutir com o Xaden.

– Diz-me, pelo menos.

– Sorrengail – dispara o Xaden.

Eu fico paralisada ao sentir o peso de todos os olhares.

– Sim, Riorson? – pergunta a Professora Devera.

O Xaden aclara a garganta.

– Se não houvesse reforços disponíveis, eu teria pedido a transferência temporária da tenente Mira Sorrengail. As guarnições são fortes em Montserrat, e com o sinete que tem, ela poderia reforçar as guarnições debilitadas até à chegada de outros cavaleiros para as consolidar.

– Boa ideia. – A Professora Devera assente com a cabeça. – E quais são os cavaleiros que constituem a escolha mais lógica para ajudar a reconstruir as guarnições nesta passagem da montanha em particular?

– Os do terceiro ano – respondo.

– Continue. – A Professora Devera acena com a cabeça na minha direção.

– Os cavaleiros do terceiro ano são ensinados a construir guarnições, e nesta altura do ano estão praticamente a ir-se embora. – Encolho os ombros. – Podem muito bem mandá-los mais cedo para poderem ser úteis.

– *Claro como o raio da água.*

Ergo o escudo e bloqueio-o.

– É a escolha mais lógica – diz a Professora Devera. – E é tudo o que temos por hoje. Não se esqueçam de que devem preparar-se para o último exercício dos Jogos de Guerra antes da graduação. Além disso, esperamos que estejam todos no pátio à frente de Basgiath esta noite às nove para os fogos de artifício de comemoração do Dia da Reunificação. Uniformes de gala apenas. – Levanta as sobrancelhas para o Ridoc.

Ele encolhe os ombros.

– Que mais haveria de vestir?

– Nunca se sabe do que se vai lembrar – diz a Professora Devera, a dispensar-nos.

– Há alguma coisa que eu tenha de saber sobre o que se passa entre ti e… – O Liam levanta as sobrancelhas na minha direção ao pegarmos nas nossas coisas.

– Não se passa absolutamente nada entre nós. Nada de nada – insisto. Se o Xaden não quer tentar saber se pode existir mais alguma coisa entre nós, a mensagem foi recebida. Viro-me para a Rhiannon. – Então, estás entusiasmada por daqui a dez dias poderes finalmente escrever à tua irmã?

O sorriso dela vai de uma orelha à outra.

– Tenho-lhe escrito uma vez por mês desde que aqui chegámos. Agora vou finalmente poder enviar-lhe as cartas.

Pelo menos, a graduação vai trazer algo de bom. Vamos poder falar com os nossos entes queridos outra vez.

À noite, ajusto a faixa que atravessa o corpete do meu uniforme preto de gala e puxo alguns fios de cabelo para trás para os amarrar no bonito laço que a Quinn me ajudou a fazer antes de ir ter com a Rhiannon no corredor.

Ela tem o cabelo solto e não preso com a trança protetora habitual e os caracóis cerrados formam um belo halo em redor do rosto, que polvilhou com *blush* dourado. A escolha de umas calças de gala lisas à medida e de um gibão assertoado que lhe atravessa o tronco na diagonal fica fenomenal no corpo alto.

– Um arraso – digo, com um aceno de cabeça quando ela puxa a faixa.

Eu optei por uma gola alta, sem mangas para esconder a minha couraça, e a saia solta até ao chão com uma abertura na coxa, que a Professora Devera me disse que era para aumentar a mobilidade em caso de ataque. Pessoalmente, não sou contra a amostra de coxa que permite quando ando, sobretudo depois de todo o trabalho que fiz com a Imogen para fortalecer as pernas. A minha faixa é simples, o mesmo cetim preto dos outros cadetes, com o meu nome bordado logo abaixo do ombro e a estrela do primeiro ano.

– Ouvi dizer que vai haver uma turba de homens da infantaria no pátio – diz a Nadine quando se junta a nós.

– Não preferes um pouco de cabeça com o teu músculo? – O Ridoc enfia-se entre nós, com o Sawyer ao lado.

– Não tentaste ir embora sem mim! – grita o Liam a correr na nossa direção, abrindo caminho por entre a multidão quando já vamos a caminho da escada que dá para o pátio principal de Basgiath.

– Tinha esperança de que tivesses a noite livre hoje – respondo com sinceridade quando ele chega ao meu lado. – Estás todo elegante.

– Eu sei. – Alisa-se sarcasticamente, endireitando a faixa que cobre o gibão preto. – Ouvi dizer que as cadetes do Quadrante dos Curandeiros têm um fraquinho por cavaleiros.

– Não me parece. – A Rhiannon ri-se. – A quantidade de vezes que têm de tratar de nós? Aposto que estão mais viradas para os copistas.

– E as copistas inclinam-se para que quadrante? – pergunta o Liam quando descemos as escadas num mar de preto, usando o caminho que fazemos todas as manhãs em direção aos Arquivos. – Uma vez que quase foste uma?

– Normalmente, outros copistas – respondo. – Mas acho que também cavaleiros, no caso do meu pai.

– Eu já fico contente por ver pessoas que não são do nosso quadrante – diz o Ridoc, a abrir a porta para que possamos passar pelo túnel. – Isto está a ficar um pouco incestuoso por aqui.

– Concordo. – A Rhiannon assente com a cabeça.

– Oh, pouco importa. Tu e a Tara passaram o ano a juntar-se e a separar-se – diz a Nadine, que fica imediatamente pálida. – Merda. Estão separadas outra vez?

– Estamos a fazer uma pausa até ao Parapeito – diz ela, e entramos no Quadrante dos Curandeiros.

– É difícil de acreditar que vamos passar para o segundo ano daqui a pouco mais de duas semanas – diz o Sawyer.

– É difícil de acreditar que sobrevivemos – acrescento. Houve apenas um nome no rol de mortes esta semana, um cavaleiro do terceiro ano que não voltou de uma missão durante a noite.

Quando chegamos ao pátio, a festa já está ao rubro. Há uma mistura de azul-claro dos curandeiros, creme dos copistas e uniformes azuis-marinhos da infantaria, que ultrapassam em larga escala os uniformes pretos que se veem aqui e ali. Deve haver umas mil pessoas ou mais neste lugar.

Há luzes mágicas a pender sobre nós na forma de candelabros e cortinas de veludo sumptuoso a cobrir as paredes de Basgiath e a transformar o espaço funcional ao ar livre numa espécie de salão de baile. Há até um quarteto de cordas a tocar a um canto.

– *Onde estás?* – pergunto ao Xaden, mas não obtenho resposta.

Dispersamo-nos todos um pouco ao entrar, mas o Liam fica ao meu lado, tão tenso como a corda de uma besta.

– Diz-me que estás a usar a tua couraça debaixo disso tudo.

– Achas que alguém me vai enfiar uma faca à frente da minha mãe? – Aponto para a varanda descoberta onde a minha mãe parece ser o centro das atenções a

perscrutar o seu domínio. Os nossos olhares colidem e ela sussurra algo para o homem ao lado dela e desaparece da vista.

Também gostei de te ver.

– Acho que se alguém te quisesse espetar uma faca, esta seria a altura ideal, sobretudo sabendo que quem te matar terá uma boa possibilidade de acabar com o filho do Fen Riorson. – A voz dele faz-se tensa.

É então que reparo nos olhares de todos os oficiais e cadetes à nossa volta. Não estão de boca aberta a olhar para o meu cabelo nem para o nome inscrito na minha faixa. Não, os olhos arregalam-se ao fixar-se no pulso do Liam e nas volutas da relíquia da rebelião lá gravada.

Entrelaço o meu braço no dele e levanto o queixo.

– Lamento muito, Liam.

– Não tens de te lamentar de absolutamente nada. – Ele dá-me uma palmadinha tranquilizadora na mão.

– Claro que tenho – sussurro. Oh, deuses, toda esta gente está aqui reunida em comemoração do fim do que ele e os outros chamam a apostasia. Estão a celebrar a morte da mãe dele. – Podes ir embora. Devias ir. Isto é… – Abano a cabeça.

– Vou para onde tu fores. – A mão dele aperta-se na minha.

Sinto que tenho um pedregulho preso na garganta e olho em volta da multidão, sabendo instintivamente que ele não está aqui. Não está o Garrick, nem o Bodhi, nem a Imogen, nem, com toda a certeza, o Xaden. Não admira que ele estivesse tão maldisposto hoje.

– Isto não é justo para ti. – Olho com uma expressão furiosa para o oficial de infantaria que tem o descaramento de se mostrar chocado ao ver o pulso do Liam

– Duvido muito que tu também gostes de celebrar o aniversário da morte do teu irmão. – O Liam mantém uma postura de dignidade que eu nunca poderia imaginar.

– O Brennan detestaria isto tudo. – Aponto para a multidão. – Ele preocupava-se mais em fazer o trabalho do que em comemorar a sua concretização.

– Sim, parece… – O Liam não acaba a frase e eu aperto-lhe o braço com mais força quando reparo na multidão a dispersar-se à nossa frente.

O Rei Tauri está a caminhar ao lado da minha mãe e, pela direção do sorriso rasgado a mostrar os dentes todos, está a dirigir-se para aqui. Tem uma faixa

roxa a atravessar o gibão, pregada ao peito por mais de uma dezena de medalhas que nunca conquistou de campos de batalha em que nunca pôs os pés.

As medalhas da minha mãe são todas merecidas e adornam-lhe a faixa preta que lhe atravessa o uniforme de gala de gola alta e mangas compridas como se fossem peças de joalharia.

– Vai-te embora – digo ao Liam num sussurro com os dentes cerrados ao mesmo tempo que lanço um sorriso forçado para a minha mãe ver quando o general Melgren se junta a eles. O Melgren pode ser brilhante, mas estar perto dele é enervante como o raio.

– Quando o maior perigo que enfrentas se aproxima? Não me parece. – O Liam apruma as costas.

Vou arrancar aquela linda cabeça do Xaden por obrigar o Liam a fazer isto.

– Vossa Majestade – murmuro, a baixar um pé para trás como a Mira me ensinou e a dobrar-me para lhe fazer uma vénia com a cabeça, sem deixar de reparar que o Liam fez uma vénia dobrando a cintura.

– A sua mãe diz-me que se vinculou não a um, mas a dois dragões excecionais – diz o Rei Tauri, a sorrir debaixo do bigode.

– É verdade, ela está muito confiante no seu poder – acrescenta o Melgren, com um sorriso glacial enquanto me olha em descarada avaliação.

– Eu não diria o mesmo nesta altura – respondo com um sorriso educado. Passo tempo suficiente em volta de generais, políticos e membros da realeza com egos do tamanho do mundo para saber quando me mostrar humilde. – Ainda estou a aprender a manipulá-lo.

– Não sejas tão modesta, filha – admoesta-me a minha mãe. – Pelo que os professores dizem, só viram um dom tão poderoso algumas vezes na última década, no Brennan e no rapaz do Riorson.

O *rapaz* é um homem de 23 anos, mas eu sei muito bem que é melhor não a corrigir e colocar um alvo ainda maior nas costas do Xaden.

– E o seu dom? – pergunta o Rei Tauri ao Liam.

– Visão à distância, Vossa Majestade – responde o Liam.

Os olhos do Melgren entrefecham-se na relíquia exposta do Liam e depois sobem para a faixa.

– Mairi. Significa que é filho do coronel Mairi?

Eu aperto-lhe o braço com mais força no meu num apoio silencioso e a minha mãe repara.

– Sim, general. Embora tenha sido criado essencialmente pelo Duque Lindell em Tirvainne. – O maxilar do Liam lateja, mas esse é o único sinal físico do desconforto que está a sentir.

– Ah. – O Rei Kauri assente com a cabeça. – Sim, o Duque Lindell é um homem bom, um homem leal. – A superioridade da expressão do rei dá-me vontade de lhe arrancar as medalhas do peito.

– É a ele que devo a minha força de espírito, Majestade. – O Liam sabe jogar este jogo.

– Sim, deve. – O Melgren volta a assentir com a cabeça e olha em volta da multidão. – Agora, diga-me, onde está o rapaz do Riorson? Gosto sempre de lhe pôr os olhos em cima uma vez por ano para me certificar de que não está a causar problemas.

– Não causa nenhum – respondo, e a minha mãe não demora a olhar para mim com uma expressão carrancuda. – É o nosso chefe de divisão, na verdade. Salvou-me a vida quando estávamos na linha da frente em Montserrat. – Quando me obrigou a ir embora em vez de ficar para ajudar, mas, ainda assim, merece receber os louros por eu não distrair a Mira e acabar por provocar a morte dela, a minha e a do Tairn. O Xaden fez mais do que salvar-me. Acreditou em mim quando eu lhe disse que foi a Amber que conduziu os desvinculados ao meu quarto. Ele e um arsenal inteiro de punhais cunhados especialmente para mim. Desenhou uma sela para o Tairn para que eu possa cavalgar para a batalha com os meus colegas. Protegeu-me sempre que precisei e ensinou-me a defender-me a mim própria para não precisar de proteção para sempre.

E enquanto outros são muito rápidos a pôr-se à minha frente, o Xaden põe-se sempre ao meu lado, confiando que eu dou conta do recado.

Mas não digo nada disto. De que adianta? O Xaden estar-se-ia nas tintas para o que estas pessoas pensam dele… e eu vou fazer o mesmo. Por isso, continuo a exibir um sorriso afetado, aparentemente deslumbrada pelos homens poderosos à minha frente.

– Os dragões deles são um casal – aponta a minha mãe, com um sorriso mais frio. – Por isso, ela teve de se aproximar dele por necessidade.

Por luxúria e avidez e pelo aperto que sinto no peito e que tenho um medo aterrador de definir, mas, claro, *necessidade* também funciona.

– Isso é excelente. – O Rei Tauri abre um sorriso radiante. – É bom ter uma Sorrengail a zelar por nós. Avise-nos se ele decidir, bem, não sei. – Ri-se. – Começar outra guerra?

O Melgren é perfeitamente capaz de perceber o resultado de tamanho absurdo, mas não deixa de olhar para o Liam e para mim com uma intensidade enervante.

Todo o meu corpo fica tenso.

– Posso assegurar-vos de que ele é leal.

– Então onde é que ele está? – O Rei Tauri olha em volta do pátio. – Eu pedi que estivessem todos aqui, todos os marcados.

– Vi-o ainda há pouco. – Sorrio ao dizer esta quase mentira. A sessão de Sumário de Batalha *foi* há pouco. – Diria para olhar pelos cantos. Ele não é muito de festas.

– Oh, olhai! Está ali o Dain Aetos! – diz a minha mãe, a acenar com a cabeça para algures atrás do meu ombro. – Ele ficaria tão agradecido se o cumprimentásseis – observa ao rei.

– Claro. – Afastam-se os três e deixam-me a mim e ao Liam em completo silêncio e a rodar para os olharmos e não virarmos as costas ao rei sem querer. Sinto que acabei de sobreviver à morte certa ou pelo menos a algum tipo de desastre natural.

– Vou matá-lo por te ter obrigado a vir para aqui – murmuro num sussurro quando o Dain cumprimenta o rei com modos perfeitos.

– O Xaden não me obrigou a vir.

– O quê? – O meu olhar vira-se de chofre para o dele.

– Nunca me pediria isto. Nunca o pediu a ninguém. Mas eu disse-lhe que te manteria a salvo e é isso que estou a fazer. – O Liam lança-me um sorriso enviesado.

– És um bom amigo, Liam Mairi. – Pouso a cabeça no braço dele.

– Salvaste-me a vida, Violet. O mínimo que posso fazer é sorrir e aguentar-me nesta merda desta festa.

– Não tenho a certeza de que consiga sorrir e suportá-la. – Sobretudo ao ver as pessoas sempre a olhar para o pulso dele, como se tivesse sido ele a liderar o

exército para a fronteira.

O Dain sorri quando o rei se despede, depois olha por cima do ombro e o olhar dele cruza-se com o meu antes de se dirigir para nós.

Sorri, e é muito fácil lembrar-me da quantidade de eventos como este em que estivemos juntos ao longo dos anos. Fecha a mão em concha na minha bochecha com delicadeza.

– Estás muito bonita hoje, Vi.

– Obrigada. – Sorrio. – Tu também estás fabuloso.

A mão cai quando o Dain se vira para o Liam.

– Esta já tentou fugir hoje? Sempre detestou estas coisas.

– Ainda não, mas a noite ainda é uma criança – responde o Liam.

O Dain deve ter percebido a tensão no rosto do Liam, porque o sorriso esmorece quando volta a olhar para mim.

– A escada é a pouco mais de metro e meio à nossa direita. Eu faço uma manobra de distração enquanto vocês se esgueiram daqui.

– Obrigada. – Baixo a cabeça em agradecimento e lanço-lhe um sorriso terno. – Vamos embora daqui – digo ao Liam.

Assim que estamos longe da festa e de volta ao Quadrante dos Cavaleiros, vou direta para o pátio e ligo-me à terra, deixando que o poder serpenteie à minha volta e dentro de mim. Sinto a energia dourada da Andarna e o poder abrasador do Tairn que me liga à Sgaeyl e, finalmente, às sombras cintilantes do Xaden.

Abro os olhos e acompanho o fluxo e o refluxo da sombra cintilante e sei que ele está algures à minha frente.

– Liam, sabes que te adoro, não sabes.

– Bem, isso é simpático…

– Vai-te embora. – Começo a caminhar em frente no pátio.

– O quê? – O Liam alcança-me. – Não te posso deixar aqui assim sozinha.

– Sem ofensa, mas sou capaz de estorricar este lugar com um relâmpago se eu quiser e preciso de ver o Xaden. Portanto, vai-te embora. – Dou-lhe uma palmadinha no braço e continuo a caminhar a passo largo em direção à sensação, usando-a para me guiar.

– Bem, segundo o que tu dizes, a tua mira é uma porcaria, mas percebo o resto! – grita de longe a ficar para trás.

Não me preocupo com a luz mágica ao passar a área onde habitualmente fazemos formação e continuo a caminhar em direção às figuras encostadas à única abertura desta maldita muralha. O Xaden só pode estar num lugar.

– Digam-me que ele não está aí fora – digo ao Garrick e ao Bodhi, cujas feições são quase indistintas à luz da lua.

– Podia dizer-te isso, mas estaria a mentir – observa o Bodhi, a esfregar atrás do pescoço.

– Não o vais querer ver. Esta noite não é boa ideia, Sorrengail – avisa-me o Garrick com um esgar. – A autopreservação existe. Repara que não estamos com ele e somos os melhores amigos que tem.

– Sim, bem, eu sou… – Abro a boca e fecho-a algumas vezes porque… foda-se, sei lá o que sou para ele. Mas a ânsia que faz do meu coração refém, esta necessidade insaciável de estar ao lado dele porque sei que está a sofrer, por muito que possa estar a atirar-me de cabeça para a incerteza… não posso negar o que ele é para mim. Chuto os sapatos rasos do meu uniforme de gala para longe, são mais um perigo do que outra coisa qualquer, sobretudo com este vento. Bem, vamos ver como corre. – Sou simplesmente… dele.

Pela primeira vez desde o ano passado subo para o parapeito.

Quanto aos 107 inocentes, os filhos dos oficiais executados, passarão a partir de hoje a ostentar aquela que será conhecida como a relíquia da rebelião, transferida do dragão que levou a cabo a justiça do rei. E para mostrar a misericórdia do nosso grande rei, serão todos alistados no prestigiado Quadrante dos Cavaleiros em Basgiath, para que possam provar a sua lealdade ao nosso reino com o seu serviço ou a sua morte.
– Anexo 4.2, O Tratado de Aretia



CAPÍTULO XXXII

Atravessar o parapeito no Dia do Alistamento é uma imprudência.
Atravessar o parapeito num uniforme de gala, descalça e às escuras? Isso, sim, é loucura.

Os primeiros três metros, enquanto ainda estou dentro das muralhas, são os mais fáceis e, quando chego à extremidade, o vento a agitar a saia como se fosse uma vela, começo a duvidar do meu plano. Vai ser difícil ir ter com o Xaden se cair e morrer.

Mas vejo-o sentado a cerca de um terço do caminho da ponte estreita de pedra, a olhar para a Lua como se ela também estivesse a contribuir para o fardo que já tem de carregar, e sinto um aperto de dor no coração. Ele ficou com as vidas dos 107 marcados gravadas nas costas e assumiu a responsabilidade por cada uma delas. Mas quem é que assume responsabilidade por ele? Quem é que toma conta dele?

Toda a gente do outro lado da ravina está a festejar a morte do pai do Xaden e ele está aqui fora a fazer o luto sozinho. Quando o Brennan morreu, eu tinha a Mira e o meu pai, mas o Xaden não tinha ninguém.

Tu não me conheces verdadeiramente. Não bem lá no fundo. Não foi esta a reposta que me deu quando eu lhe disse que acabaria por me apaixonar por ele? Como se conhecê-lo acabasse por fazer com que o desejasse menos, mas tudo o que aprendo sobre ele só me faz apaixonar pelo Xaden com mais força e mais depressa.

Oh, deuses. Eu conheço esta sensação. Negá-la não a torna menos verdadeira. Os meus sentimentos são o que são. Não fujo de um desafio desde que atravessei o parapeito há um ano e não vou começar agora.

Da última vez que estive aqui, estava aterrorizada, mas o que me está a acelerar o coração não é a distância para o chão. Há mais de uma maneira de cair. *Merda.* Esta dor no peito arde mais do que o poder que me percorre as veias.

Estou apaixonada pelo Xaden.

Não importa que ele esteja prestes a partir ou que provavelmente não sinta o mesmo por mim. Nem sequer importa que me tenha avisado para não me apaixonar por ele. Não é uma mera paixoneta, nem apenas química física, nem tampouco a ligação entre os nossos dragões que me faz andar sempre atrás deste homem de todas as formas possíveis.

Mantive-me longe da cama dele – dos braços dele – porque está inflexivelmente convencido de que eu não me posso apaixonar por ele, mas isso é chão que já deu uvas, portanto, de que adianta retrair-me? Não deveria agarrar-me a todos os momentos que possamos ter enquanto ainda está aqui?

Dou o primeiro passo para a ponte estreita de pedra e levanto os braços para me equilibrar. É como caminhar por cima da espinha do Tairn, o que já fiz centenas de vezes.

Só que estou de vestido.

E o Tairn não me vai apanhar se eu cair.

Vai ficar tão fulo quando souber que eu fiz isto…

– *Já estou.*

A cabeça do Xaden vira-se de chofre na minha direção.

– Violência?

Dou um passo e depois outro, mantendo o corpo ereto com a memória muscular que não tinha no ano passado e começo a travessia.

O Xaden puxa as pernas para cima e levanta-se numa merda de um *pulo*.

– Volta para trás agora! – grita.

– Anda comigo – berro-lhe por cima do vento, a fincar bem os pés quando uma rajada me açoita a saia contra as pernas. – Deveria ter escolhido as calças – murmuro e continuo a andar.

Ele já está a caminhar na minha direção com uma passada tão decidida e confiante como se estivesse em terra firme, a consumir a distância entre nós enquanto eu continuo devagar até nos encontrarmos.

– Que caralho estás aqui a fazer? – pergunta o Xaden, a agarrar-me a cintura. Está vestido com as peles de voo, não o uniforme de gala, e nunca me pareceu mais bonito.

O que é que eu estou aqui a fazer? Estou a arriscar tudo para chegar perto dele. E se ele me rejeitar… não. Não há lugar para medos em cima do parapeito.

– Poderia fazer-te a mesma pergunta.

O Xaden arregala os olhos.

– Poderias ter caído e morrido!

– Eu poderia dizer o mesmo. – Esboço um sorriso, mas sai tremido. A expressão dos olhos dele é selvagem, como se já tivesse passado o ponto em que é capaz de se conter atrás daquela fachada de aprumo e indiferença que costuma usar em público.

Não me assusta. Seja como for, gosto mais dele quando é verdadeiro comigo.

– E paraste para pensar que se caíres e morreres, eu também posso morrer? – Ele inclina-se sobre mim e a minha pulsação acelera.

– Mais uma vez – digo em voz baixa, a pousar as mãos naquele peito firme, mesmo acima do coração. – Eu poderia dizer o mesmo. – Mesmo que a morte do Xaden não matasse a Sgaeyl, não tenho a certeza de que *eu* fosse capaz de sobreviver.

Vejo sombras a levantar-se, mais escuras do que a noite que nos rodeia.

– Estás a esquecer-te de que eu manipulo sombras, Violência. Estou tão seguro aqui como no pátio. Vais manipular relâmpagos para te amparar a queda?

Certo. Isso é muito bem visto.

– Hum… talvez eu não tenha pensado nessa parte tão completamente como tu – admito. Queria estar perto dele, por isso cheguei perto, o parapeito que se lixe.

– Vais ser mesmo a minha morte. – Os dedos dele agitam-se na minha cintura. – Volta para trás.

Não é uma rejeição, pelo menos pela forma como está a olhar para mim. Andamos numa refrega emocional ao longo do último mês, caramba, até há mais tempo, e um de nós terá de expor a jugular. E eu cheguei finalmente ao ponto em que confio nele o suficiente para saber que não vai atacar para matar.

– Só se tu também vieres. Quero estar onde tu estiveres. – E estou a ser sincera. Todas as outras pessoas… tudo o que há no mundo pode desmoronar-se e eu não vou querer saber desde que esteja com ele.

– Violência…

– Eu sei porque disseste que não vês um futuro em nós. – O meu coração acelera como se quisesse levantar voo quando digo estas palavras toda atrapalhada.

– Queres? – É claro que ele não me vai facilitar a vida. Acho que o homem nem sequer sabe o que significa a palavra *fácil*.

– Tu queres-me – digo, a olhá-lo nos olhos. – E não, não estou a referir-me apenas à cama. Tu. Queres. Me, Xaden Riorson. Podes não o dizer, mas fazes melhor e *mostras* isso. Mostras isso sempre que decides confiar em mim, sempre que os teus olhos se demoram nos meus. Mostras isso em cada aula de treino de combate para a qual não tens tempo e em todas as aulas de voo que te arrancam dos teus estudos. Mostras isso quando te recusas a tocar-me porque estás com receio de que eu não te deseje verdadeiramente e voltas a mostrá-lo quando arranjas tempo para procurar violetas antes de uma reunião da chefia para que eu não me sinta sozinha quando acordo. Mostras-mo de um milhão de maneiras diferentes. Por favor, não o negues.

O maxilar dele lateja, mas ele não o nega.

– Tu achas que não temos futuro porque tens medo de que eu não goste de quem és atrás de todas as barreiras que levantas. E eu também tenho medo. Sou capaz de o admitir. Tu vais-te graduar. Eu não. Vais-te embora daqui a poucas semanas e provavelmente estaremos a caminho de um desgosto. Mas, se deixarmos que o medo mate o que temos um com o outro, seja lá o que for, então não o merecemos. – Levanto uma mão até à parte de trás do pescoço dele. – Disse que seria eu a decidir quando estivesse preparada para colocar o meu coração em risco e estou a dizê-lo agora.

A forma como olha para mim, com a mesma combinação de esperança e apreensão que me inunda o sistema neste momento, dá-me vida.

– Não estás a falar a sério – diz, a abanar a cabeça.

E lá está ele, a tirar-me a vida de novo.

– Estou a falar a sério.

– Se isto é sobre a Imogen como me estavas a perguntar…

– Não é. – Abano a cabeça e o vento solta os caracóis que a Quinn passou tanto tempo a prender. – Eu sei que não há mais ninguém. Não estaria a atravessar o parapeito a meio da noite se achasse que andavas a manipular-me.

Ele franze o sobrolho e puxa-me para junto do calor do seu corpo.

– Então o que é que te levou sequer a pensar nisso? Tenho de admitir que me deixou fulo. Não te dei absolutamente nenhuma razão para pensares que ando a saltar de cama em cama.

O que significa que só salta para a minha.

– As minhas próprias inseguranças e a forma como olhou para ti quando estavas a fazer treino de combate com o Garrick. Podes não sentir nada por ela, mas ela sente alguma coisa por ti de certeza. Conheço aquele olhar. É o mesmo olhar que tenho quando te vejo. – As minhas bochechas denunciam o embaraço que sinto. Poderia mudar de assunto ou seguir por outro caminho, mas esconder os meus sentimentos, por mais fraca que os irracionais me possam fazer parecer, não ajudaria em nada a nossa relação.

– Estás com ciúmes. – Ele contém um sorriso.

– Talvez – admito, depois decido que a resposta não é totalmente sincera. – Está bem. Sim, estou. Ela é forte e determinada e tem a mesma veia implacável que tu. Sempre pensei que combinaria melhor contigo.

– Conheço bem a sensação. – Ele abana a cabeça. – E tu também és forte e determinada e também tens uma veia implacável. Além de que és a pessoa mais inteligente que já conheci. Essa tua cabeça é excitante como o diabo. A Imogen e eu somos só amigos. Acredita, ela não estava a olhar para mim, e mesmo que estivesse… – Detém-se, a mão a descair para me segurar a parte de trás da cabeça enquanto nos mantém em segurança apesar do vento forte. – Que os deuses me ajudem, só tenho olhos para ti.

A esperança tem mais picante do que qualquer outra coisa que estejam a servir na festa.

– Ela não estava a olhar para ti?

– Não. Pensa outra vez no que acabaste de me dizer, mas tira-me da equação. – O Xaden levanta as sobrancelhas, à espera de que eu chegue à conclusão certa.

– Mas no tapete de treino de combate… – Arregalo os olhos. – Ela tem um fraquinho pelo Garrick.

– A aprender depressa, hã?

– Sim. Vais deixar de me tentar afastar?

Ele recua, a procurar os meus olhos na luz da lua antes de relancear por cima do meu ombro.

– Vais deixar de te colocar em perigo para fazer valer a tua opinião?

– Provavelmente não.

Ele suspira.

– És só tu, Violência. Era isso que precisavas de ouvir?

Assinto com a cabeça.

– Mesmo quando não estou contigo, só existes tu. Da próxima vez, basta perguntares. Nunca tiveste nenhum problema em ser completamente franca comigo. – O vento sopra à nossa volta, mas ele é tão inamovível como o próprio parapeito. – Pelo que me lembro, chegaste até a atirar-me punhais à cabeça, o que para mim é mil vezes melhor do que quando te perdes nos teus pensamentos. Se é para irmos para a frente com isto, teremos de confiar um no outro.

– E tu queres ir para a frente com isto? – Sustenho a respiração.

Ele suspira, um suspiro longo e pesado, depois admite.

– Quero. – A mão dele desliza por mim acima e acaricia-me a face com o polegar. – Não te posso fazer nenhuma promessa, Violência. Mas estou cansado de lutar contra isto.

«Quero.» Nunca nenhuma palavra teve tanto significado para mim. Depois pestanejo, ao lembrar-me do comentário que ele fez sobre os ciúmes.

– O que querias dizer quando disseste que conhecias bem a sensação de ter ciúmes?

As mãos dele retesam-se na minha cintura e o olhar desvia-se do meu.

– Oh, não, se tenho de confiar em ti e de te dizer o que penso, espero que faças o mesmo. – Não vou ser a única pessoa vulnerável aqui em cima desta pedra.

Ele resmunga e arrasta os olhos de novo ao encontro dos meus.

– Vi o Aetos a beijar-te depois da Debulha e fiquei mais para lá do que para cá.

Se não o amasse já, esta resposta poderia ser o golpe final.

– Já me querias naquela altura?

– Quero-te desde o primeiro segundo em que te ti, Violência – admite ele. – E se hoje fui lacónico contigo… bem, é um dia de merda, mais nada.

– Compreendo. E sabes que eu e o Dain somos só amigos, não sabes?

– Sei que é isso o que tu sentes, embora na altura não tivesse a certeza. – Passa o polegar por cima dos meus lábios. – Agora, mexe esse rabo daqui para fora. Quero-te ver em terra firme.

Ele quer ficar aqui a remorder-se.

– Anda comigo. – Os meus dedos agarram-se ao tecido das peles que está a usar, prontos para o puxar comigo se for preciso.

Ele abana a cabeça e desvia o olhar.

– Não estou em condições de estar com ninguém hoje. E sim, sei que é uma merda dizer isto, uma vez que também faz anos que perdeste o Brennan…

– Eu sei. – Deslizo as mãos pelos braços dele abaixo. – Anda comigo, Xaden.

– Vi… – Ele deixa cair os ombros e a tristeza que permeia o ar entre nós deixa-me um nó na garganta.

– Confia em mim. – Recuo e afasto a mão dos braços dele para lhe pegar nas mãos. – Anda.

Faz-se um momento de silêncio tenso antes de ele baixar a cabeça uma vez em consentimento e dar um passo em frente para me segurar bem quando eu me viro.

– Sou muito melhor a fazer isto do que era em julho passado.

– Estou a ver. – Ele não sai de perto, com uma mão na minha cintura quando eu atravesso a última parte do parapeito. – Numa merda de uma saia e tudo.

– É um vestido, na verdade – digo por cima do ombro, a poucos passos da muralha.

– Olhos virados para a frente! – resmunga ele, e é só o medo que lhe sinto na voz que me impede de fazer algo arrogante como saltitar os últimos passos.

Assim que chegamos ao interior da muralha, puxa-me para ele e as minhas costas batem-lhe no peito.

– Nunca mais coloques a tua vida em risco por algo tão trivial como falar comigo novamente. – É um ronco baixo no meu ouvido que me arrepia a espinha.

– O ano que vem vai ser tão divertido – provoco, caminhando para a frente e entrelaçando os meus dedos nos dele para que venha atrás de mim.

– O Liam vai estar cá para o ano para se certificar de que não vais fazer nada asinino – murmura ele.

– Vais *adorar* receber as cartas dele – prometo, a saltar o último passo do parapeito para o pátio. – Hum. – Olho em volto do pátio vazio e volto a calçar os sapatos. – O Garrick e o Bodhi ainda agora estavam aqui.

– Provavelmente sabem que os vou matar por te terem deixado ir para o parapeito. Um vestido, Sorrengail? A sério?

Pego-lhe na mão e atravesso o pátio.

– Onde vamos? – Quando fala parece o mesmo cretino do dia em que o conheci.

– Tu vais levar-me para o teu quarto – digo por cima do ombro quando nos aproximamos do dormitório.

– Vou o quê?

Empurro a porta, feliz pelas luzes mágicas que me permitem vê-lo, expressão de desdém no rosto e tudo.

– Vais levar-me para o teu quarto. – Viro à esquerda, conduzo-nos pelo corredor que passa pelo meu quarto e depois começo a subir as escadas largas em espiral.

– Alguém pode ver – aponta ele. – Não é a minha reputação que me preocupa, Sorrengail. Tu és do primeiro ano e eu sou chefe de divisão…

– Tenho quase a certeza de que toda a gente já sabe… pusemos metade da floresta a arder naquela noite – recordo-lhe quando passamos pela porta que dá para o corredor do segundo ano. – Sabias que na primeira vez que subi estas escadas com o Dain, fiquei horrorizada por não terem nenhum corrimão?

– Sabias que não suporto ouvir o nome dele a sair-te dos lábios enquanto me estás a conduzir para o *meu* quarto? – Ele sobe pesadamente os degraus atrás de mim e as sombras enrolam-se na parede como se lhe sentissem os humores e não quisessem ter nada que ver com ele. Mas as sombras dele não me assustam. Já nada neste homem me assusta, a não ser a magnitude dos sentimentos que tem por mim.

– Sim, mas olha para mim agora. – Encaro-o com um sorriso de orelha a orelha quando chegamos ao terceiro andar e abro a porta em arco. –

Praticamente a dançar no parapeito num vestido.

– Provavelmente não é a melhor altura para me lembrares disso. – Segue-me para o corredor. É parecido com o corredor do segundo ano, só que tem menos portas e um teto alto e abobadado.

– Qual é o teu?

– Deveria obrigar-te a adivinhares – murmura ele, sem deixar de manter os dedos entrelaçados nos meus enquanto caminhamos até ao fundo do enorme corredor. É o último, claro.

– Quarta Divisão – digo com uma expressão irónica. – Tem de ir sempre mais longe.

Ele baixa as guarnições que erigiu e abre a porta do quarto, afastando-se para o lado para me deixar entrar primeiro.

– Vou ter de fortificar a tua porta nova antes de ir ou de te ensinar a fazê-lo nos próximos dez dias.

Não estou a pensar no prazo da partida do Xaden que se aproxima a passos largos quando entro no quarto dele pela primeira vez. É duas vezes maior do que o meu… e a cama também. Sobreviver até chegar ao terceiro ano garante boa regalias. Ou talvez o tamanho seja reflexo da patente, quem sabe.

Está imaculadamente limpo, tem uma cadeira de braços junto à cama, um tapete cinzento-escuro, um armário largo de madeira, uma secretária minúscula e uma estante que me deixa imediatamente com inveja. Um suporte para espadas consome a área ao lado da porta e tem tantos punhais que eu não consigo sequer contá-los a todos e, do outro lado, junto à secretária, está um alvo igual ao que eu tenho no meu quarto. Há uma mesa e cadeiras no canto e a janela dá para Basgiath, mas está envolta em densas cortinas pretas com o emblema da Quarta Divisão no fundo.

– Às vezes, fazemos reuniões da chefia para os pelotões aqui – diz ele junto à porta.

Dou meia-volta e vejo-o a fitar-me com olhos curiosos, como se estivesse à espera de que eu lhe julgasse o espaço. Passo pelo suporte de espadas e deixo os dedos roçar os cabos dos diferentes punhais.

– Quantos desafios já venceste, afinal?

– A melhor pergunta é quantos perdi – diz ele, a entrar e a fechar a porta.

– Ora aí está o ego que eu conheço e tanto adoro – murmuro, já a caminho da cama, que, tal como a minha, está coberta de preto.

– Já te disse que estás linda esta noite? – A voz dele baixa. – Se não disse, sou um idiota, porque estás esplendorosamente linda.

O calor sobe-me às faces e a minha boca dobra-se num sorriso.

– Obrigada. Agora senta-te. – Bato com a mão na ponta da cama.

– O quê? – Ele levanta as sobrancelhas.

– Senta-te – ordeno sem desviar os olhos dos dele.

– Não quero falar sobre o assunto.

– Nunca disse que tinhas de o fazer. – Não é preciso perguntar qual é o *assunto*, nem eu vou deixar que o que aconteceu há seis anos seja um obstáculo para nós, nem que seja por uma noite.

Para minha completa surpresa, ele faz o que lhe peço e senta-se na ponta da cama. Estica as longas pernas à sua frente e recosta-se ligeiramente para trás apoiado sobre os cutelos das mãos.

– E agora?

Coloco-me entre as coxas dele e passo-lhe os dedos pelo cabelo. Ele fecha os olhos e dá-se ao meu toque, e juro que sinto o coração a abrir-se em dois.

– Agora eu cuido de ti.

Os olhos dele abrem-se de repente e, deuses, como são bonitos. Memorizei cada raio dourado naquelas profundezas ónix, o que é bom, porque não sei para onde vai ser enviado depois da graduação. Vê-lo uma vez de vez em quando não é como poder tocá-lo sempre que me apetecer.

Deixo o cabelo dele e ponho-me de joelhos à sua frente.

– Violet…

– Só te vou tirar as botas. – Os meus lábios agitam-se num sorriso cúmplice quando desaperto uma e depois a outra bota e as tiro dos pés dele. Levanto-me e levo-as para o armário.

– Podes deixá-las aí – dispara ele.

Eu pouso-as no chão junto ao armário e volto.

– Não ia pôr-me a espreitar a tua roupa e além disso já as vi a todas.

O olhar dele fixa-se na minha saia, e aquece sempre que a abertura revela um bocado da minha coxa.

– Estiveste com isso vestido a noite inteira?

– É o que dá andares atrás de mim – provoco, colocando-me de novo entre as coxas dele, agora de pé.

– Não me posso queixar da vista por trás, na verdade. – Levanta o queixo para olhar para mim.

– Está calado e deixa-me tirar-te isto. – Desaperto a fila de botões na diagonal que lhe atravessa o peito e ele sacode-se das peles. – Ias voar esta noite?

– Normalmente ajuda. – Assente com a cabeça quando eu me dobro para as pousar na cadeira de braços. – Este dia é sempre…

– Lamento. – Olho-o nos olhos ao dizê-lo, esperando que saiba quão sincera estou a ser quando volto e estendo as mãos para a camisa.

– Eu também lamento. – Ele levanta os braços e eu puxo a camisa antes de a colocar junto ao casaco de voo.

– Não tens nada que lamentar. – Não desvio os olhos dos dele quando lhe fecho a mão em concha nos traços marcados do rosto, depois passo os dedos pela cicatriz que lhe cruza a sobrancelha. – Desafio?

– Sgaeyl. – Encolhe os ombros. – Debulha.

– A maioria dos dragões deixam cicatrizes nos cavaleiros, mas o Tairn e a Andarna nunca me magoaram – digo distraidamente com a mão a deslizar-lhe pelo pescoço.

– Ou talvez soubessem que já trazias uma cicatriz. – Ele passa os dedos pela longa cicatriz prateada que a faca do Tynan me deixou no braço. – Queria matá-los ali mesmo. E, em vez disso, tive de ficar parado a vê-los a atacar-te a uma razão de três contra um. Estava prestes a perder o controlo e pronto a intervir quando o Tairn pousou.

– Foi dois contra um a partir do momento em que o Jack fugiu – recordo-lhe. – E não poderias ter interferido. É proibido, lembras-te? – Mas deu aquele passo. Aquele passo isolado que me disse que o queria feito.

Um canto da boca dele dobra-se num dos sorrisos cúmplices mais sensuais que eu já vi.

– No fim daquilo tudo, foste-te embora com dois dragões. – A expressão dele descai. – Daqui a duas semanas, nem sequer vou estar aqui para ver quando és desafiada, quanto mais para fazer alguma coisa em relação ao assunto.

– Eu fico bem – prometo. – Se não conseguir vencer alguém num desafio, enveneno-o.

Ele não se ri.

– Anda, vamos pôr-te na cama. – Debruço-me sobre ele e beijo-lhe a cicatriz da sobrancelha. – Quando acordares já é amanhã.

– Eu não te mereço. – Enrola a mão na minha anca e puxa-me para mais perto dele. – Mas vou ficar contigo na mesma.

– Acho bem. – Inclino-me e roço os lábios nos dele. – Porque acho que estou apaixonada por ti. – O meu coração bate sem controlo e o pânico aperta-me as costelas. Não o deveria ter dito.

Os olhos dele dilatam-se, arregalados, e os braços apertam-me com mais força.

– Achas? Ou sabes?

Não te acobardes.

Mesmo que ele não sinta o mesmo, pelo menos terei dito a verdade.

– Sei. Estou tão perdidamente apaixonada por ti, que não consigo imaginar como seria a minha vida sem que tu fizesses parte dela. E provavelmente não deveria ter dito isto, mas se vamos para a frente com isto, então vamos começar de um lugar de honestidade absoluta.

Leva a boca à minha e puxa-me completamente para o colo de maneira que fico com as pernas abertas em cima dele. Beija-me com tanta intensidade que eu deixo-me perder nos lábios dele, nele. Não há palavras quando me tira a faixa, o gibão e me desabotoa a saia, tudo sem interromper o beijo.

– Levanta-te – diz contra os meus lábios.

– Xaden. – O meu coração palpita.

– *Preciso* de ti, Violet. Agora. E não preciso de *ninguém,* pelo que não sei bem como lidar com este sentimento, mas vou dar o meu melhor. E se não quiseres isto esta noite, tudo bem, mas vou precisar que saias por aquela porta imediatamente, porque, se não o fizeres, vou-te pôr nua e de costas nos próximos dois minutos.

A intensidade nos olhos dele e a veemência das palavras deveriam assustar-me, mas não assustam. Mesmo que este homem perca o controlo por completo, eu sei que nunca me vai magoar.

Pelo menos, com o corpo.

– Vai-te embora ou fica, mas, seja como for, preciso que te ponhas a pé – suplica.

– Penso que podes estar a sobrevalorizar as tuas capacidades para abrir este corpete quando dizes dois minutos. – Baixo os olhos para a minha couraça.

Ele sorri e levanta-me do colo.

Os meus pés tocam no chão.

– Estou a cronometrar-te.

– Isso é…

– Um. Dois. – Levanto os dedos. – Três.

O Xaden põe-se em pé em menos de um instante e logo depois a boca dele está na minha e eu deixo de contar. Estou demasiado ocupada a ir atrás dos golpes da língua dele, a sentir a tensão daqueles músculos debaixo das pontas dos dedos para me importar para onde vão as minhas roupas.

Sinto o ar a bater-me nas pernas quando a saia toca no chão e ajudo-o ao chutar os sapatos para longe enquanto lhe chupo a língua.

Ele geme e as mãos voam nas minhas costas. Os cordões desapertam-se em tempo recorde e o corpete cai ao chão, deixando-me em roupa interior, uma vez que não havia muito mais que eu pudesse pôr debaixo daquele uniforme de gala.

Os punhais, tanto os dele como os meus, batem no chão, quando me desaperta as bainhas nas coxas e desata as dele. É uma cacofonia gloriosa de metal até estarmos os dois nus e ele não parar de me beijar até me deixar sem fôlego.

Depois, as mãos dele estão no meu cabelo e os alfinetes começam a voar até a massa de cabelo me cair nas costas, solta. Ele afasta-me ligeiramente só para passar o olhar voraz pelo meu corpo.

– Foda-se, tão linda.

– Eu acho que isso deve ter demorado um pouco mais de dois… – começo, mas ele agarra-me as coxas por trás e levanta-me, deixando-me os pés a voar no ar. Bato com as costas na cama com um ligeiro ressalto e, para dizer a verdade, eu deveria ter previsto este gesto, uma vez que ele anda a deitar-me de costas já há quase um ano.

– Ainda a contar? – pergunta ele, a cair de joelhos ao lado da cama e a arrastar-me em cima da colcha para a ponta.

– Queres que eu te pontue? – provoco quando as minhas nádegas batem na ponta da cama.

– Fica à vontade. – Ri-se, e antes de eu poder dizer seja o que for, já tem a boca entre as minhas coxas.

Sorvo o ar com sofreguidão e lanço a cabeça para trás com o prazer absoluto da língua dele a lamber e a enrolar-se em redor do meu clítoris.

– Oh, *deuses*.

– Qual é que estás a chamar? – pergunta ele ao encontro da minha carne. – Porque somos só tu e eu neste quarto, Vi, e eu não partilho.

– Só a ti. – Os meus dedos emaranham-se no cabelo dele. – Estou a chamar-te a ti.

– Agradeço a elevação a divindade, mas o meu nome serve. – Ele lambe-me da entrada ao clítoris, até finalmente mover a língua por cima do botão sensível e eu gemo. – Foda-se, sabes tão bem. – Levanta-me as coxas para os ombros dele e instala-se como se não tivesse mais nada que fazer hoje à noite.

Depois devora-me completamente com a língua e com os dentes.

Prazer, quente e insistente, serpenteia em espiral no meu estômago e perco-me em sensações, com a anca a subir e a descer enquanto procuro o êxtase para que ele me conduz com cada movimento da língua talentosa.

As minhas coxas tremem quando ele aumenta o ritmo no meu clítoris e coloca dois dedos dentro de mim. Ficam paralisadas quando sintoniza o movimento dos dedos com o da língua. Em êxtase, estou em *êxtase* completo.

Sinto o poder a fluir dentro de mim como um dilúvio e a misturar-se com o prazer até ambos serem uma e a mesma coisa. E, quando ele me leva ao cúmulo do estupor, é o nome dele que eu grito ao mesmo tempo que o poder se escapa em jorros com cada onda do meu clímax.

Ouvem-se trovões a abanar os painéis de vidro das janelas do quarto do Xaden.

– Um já está – diz ele, a beijar-me o corpo bambo até me chegar aos seios. – Embora me pareça que vamos ter de trabalhar nos fogos de artifício, senão as pessoas vão ficar sempre a saber o que estamos a fazer.

– A tua boca é… – Abano a cabeça quando as mãos dele deslizam debaixo de mim, para me levar para o centro da cama. – Não há palavras para isso.

– Deliciosa – sussurra ele com os lábios a roçar-me a barriga. – És completamente deliciosa. Nunca deveria ter esperado tanto tempo para te ter na minha boca.

Resfolego quando me chupa o cume do seio. A língua espicaça-me e afaga-me o mamilo enquanto o polegar e o indicador trabalham no outro, ateando todo

um novo fogo dentro de mim a partir das brasas do primeiro.

Quando me chega ao pescoço, sou uma chama crepitante debaixo dele, a tocar-lhe cada pedaço do corpo que consigo alcançar, a passar-lhe as mãos pelos braços, as costas, o peito. Deuses, este homem é incrível, cada traço talhado para a batalha e esculpido pelos treinos de combate e de manejo de espada.

As nossas bocas encontram-se num beijo profundo e consigo sentir o sabor de ambos quando levanto os joelhos para que a anca dele encaixe exatamente onde deve encaixar: entre as minhas coxas.

– Violet – geme ele, e sinto a cabeça na minha entrada.

– Eu não vou ter o mesmo tempo para brincar? – provoco, a arquear o quadril para que ele deslize contra mim e a ficar sem fôlego com o movimento.

Ele mordisca-me o lábio inferior.

– Podes brincar o tempo que quiseres mais tarde se eu te puder ter neste momento.

Sim, é um plano que não me importo de seguir.

– Já me tens.

O olhar colide com o meu quando ele paira sobre mim, apoiando-se para não me esmagar com o peso.

– Tens tudo o que eu tenho para dar.

É o suficiente… por agora. Assinto com a cabeça e volto a arquear o quadril.

Os olhos dele fixam-se nos meus e abre caminho para dentro de mim com um movimento de anca, consumindo cada centímetro para depois voltar à carga até chegar ao cabo.

A pressão, o comprimento, a espessura dele é indescritível.

– É tão bom sentir-te. – Enrolo o quadril porque não o consigo evitar.

– Poderia dizer o mesmo sobre ti. – Ri-se, usando as minhas próprias palavras contra mim. Vigoroso, profundo e lento, marca um ritmo que me deixa a contrair-me em cada estocada que nos funde uma vez, e outra, e mais outra.

Ele leva-nos mais para cima da cama e eu atiro os braços para trás, apoiando-os na cabeceira para me aguentar enquanto vou ao encontro de cada mergulho da anca dele. Deuses, cada um é melhor do que o anterior. Quando o incito a aumentar o ritmo, lança-me um sorriso malicioso e continua a possuir-me à mesma velocidade estonteante e latejante.

– Quero que isto dure. *Preciso* que isto dure.

– Mas eu estou… – O fogo no meu âmago está muito encolhido e tão preparado para explodir, que quase que consigo sentir a sua doçura em antecipação.

– Eu sei. – Volta a dar um impulso e eu gemo. Que bem que me sabe, caralho. – Fica comigo. – Ele ajusta o ângulo para me tocar o clítoris com cada estocada e empurra o meu joelho para a frente, para ir ainda mais fundo.

Não vou sobreviver a isto. Vou morrer aqui nesta cama.

– Então eu morro contigo – promete ele, a beijar-me.

Estão tão longe, que nem me apercebi de que tinha falado em voz alta, e depois lembro-me de que não tenho de o fazer.

– *Mais. Preciso de mais.* – O poder fervilha-me sob a pele e as minhas pernas paralisam.

– *Estás quase lá. Foda-se, é tão bom sentir-te à minha volta. Nunca me vou fartar disto, nunca me vou fartar de ti.*

– Amo-te. – As palavras são tão incrivelmente libertadoras, mesmo que ele não as retribua.

Os olhos dilatam-se-lhe e o controlo esvai-se enquanto continua a estocar-me e aquele prazer encolhido explode e os meus poderes voltam a jorrar descontroladamente, crepitando pelo quarto, estilhaçando como vidro antes de o Xaden se atirar para o lado sem deixar de me levar com ele a caminho da sua própria libertação, que o deixa a gemer junto ao meu pescoço enquanto as últimas ondas do meu orgasmo me deixam a tremer contra ele.

Passam longos minutos até que a nossa respiração volte ao normal e uma brisa leve beija-me a coxa pousada na dele.

– Estás bem? – pergunta, a afastar-me o cabelo do rosto.

– Estou ótima. Tu és ótimo. Isto foi…

– Ótimo? – sugere.

– Exatamente.

– Eu ia usar a palavra «explosivo», mas acho que «ótimo» também serve. – Os dedos dele emaranham-se no meu cabelo. – Foda-se, adoro o teu cabelo. Se alguma vez me quiseres deixar de joelhos ou vencer uma discussão, só tens de o soltar. Eu vou concordar contigo.

Sorrio a ouvir a brisa a ruflar os meus fios de cabelo castanhos e prateados.

Alto. Não devia haver brisa nenhuma.

O meu estômago dobra-se num nó quando me apoio num cotovelo para olhar por cima do ombro do Xaden.

– Oh, não, não, não. – Levo a mão à boca ao reparar na destruição. – Acho que te rebentei com a janela.

– A menos que haja mais alguém a lançar relâmpagos por aí, sim, foste tu. Vês o que que queria dizer? Explosivo. – Ri-se.

Solto um resfôlego. Foi por isso que ele se virou de lado, para me proteger dos detritos da minha própria destruição.

– Desculpa. – Passo os olhos pelos danos, mas só vejo areia na cama. – Vou ter de controlar isto.

– Eu levantei um escudo. Não te preocupes. – Puxa-me ao encontro dele para me dar um beijo.

– O que vais fazer? – Reparar uma janela é outro nível quando comparado com a substituição de um armário.

– Agora? – Ele afasta-me o cabelo do rosto outra vez. – Este foi o segundo, se estamos a contar, e eu diria que podíamos arrumar isto, tirar a areia da cama e levar-te ao terceiro, talvez um quarto se ainda estiveres acordada.

Fico boquiaberta.

– Depois de eu te ter dado cabo da janela?

Ele sorri e encolhe os ombros.

– Eu já nos protegi se decidires dar cabo da cómoda a seguir.

Olho para o corpo dele e o desejo volta a acender-se. Como poderia deixar de o fazer quando ele parece ter sido abençoado pelos deuses e me faz sentir abençoada pelos deuses?

– Sim, vamos ao terceiro.

Vamos até ao quinto, a minha anca nas mãos do Xaden enquanto o cavalgo devagar e passo os dedos pelas volutas pretas da relíquia que tem no pescoço. Não sei como qualquer um de nós ainda se está a mexer, mas parece que não conseguimos parar esta noite, nunca estamos satisfeitos.

– É mesmo bonita – digo-lhe, levantando-me apenas para voltar a cair e recebendo-o mais profundamente dentro de mim.

Os olhos pretos do Xaden dilatam-se e as mãos enrolam-se.

– Costumava achar que era uma praga, mas agora percebo que é um dom. – Ele arqueia a anca, e chega-me a um ângulo sublime.

– Um dom? – Deuses, ele está a tolher-me a capacidade de pensar.

Alguém bate à porta.

– Vai para o caralho! – rosna o Xaden, a estender os braços para as minhas costas e a agarrar-se ao meu ombro para me puxar para baixo na estocada seguinte.

Eu caio para a frente, abafando um gemido no pescoço dele.

– Gostava muito de poder. – Há pesar suficiente na voz para acreditar nela.

– É bom que alguém tenha morrido se eu sair desta cama, Garrick – riposta o Xaden.

– Acho que há *muita* gente morta, e é por isso que estão a chamar o quadrante inteiro para a formação, otário! – rosna o Garrick.

Tanto eu como o Xaden entramos em sobressalto e os nossos olhares colidem em choque. Deslizo para fora dele e o Xaden cobre-me com o lençol antes de enfiar as peles nas pernas e de caminhar a passo largo para a porta.

– De que caralho é que estás a falar? – pergunta ele pela porta muito ligeiramente entreaberta.

– Põe as tuas peles de voo e é bom que tragas a Sorrengail contigo – diz o Garrick. – Estamos a ser atacados.

A incapacidade de controlar um sinete poderoso é tão perigosa para um cavaleiro – e toda a gente que estiver por perto – como nunca chegar a manifestar nenhum.

– Guia para o Quadrante dos Cavaleiros do Major Afendra (edição não autorizada)



CAPÍTULO XXXIII

Nunca me vesti tão depressa em toda a minha *vida,* e nem sequer me estou a preocupar com as bainhas das coxas.

– Que horas são? – pergunto ao Xaden, a pôr o vestido formal e os sapatos rasos e a afastar o cabelo do rosto.

Formação obrigatória e urgente para todo o quadrante significa *já.*

As guarnições estão a cair. Quantos navarreses vamos perder?

– Quatro e um quarto. – Ele acaba de apertar as botas, já armado até aos dentes enquanto eu apanho as minhas bainhas e tenho quase a certeza de que me falta uma. – Vais enregelar lá fora.

– Eu fico bem. – Ajoelho-me e encontro o punhal em falta, que puxo pela correia da bainha antes de voltar a levantar-me.

– Toma. – O Xaden atira-me um dos casacos de voo dele, apanhando-me o cabelo. – Se o Garrick tiver razão e estivermos sob ataque, o mais provável é que mandem os instruendos mais velhos para reforçar os postos intermédios, pelo que não deverás estar em formação demasiado tempo. Não consigo aguentar a ideia de estares com frio.

O que significa que *ele* estará de partida.

O meu coração sobressalta-se enquanto enfio os braços atabalhoadamente nas mangas do casaco. Ele vai estar em segurança, não vai? Será apenas uma missão no interior e é um dos cavaleiros mais poderosos do quadrante.

Com as mãos cheias de armas, não discuto quando ele me abotoa o casaco de voo sobre o peito.

– Temos de ir para a formação. – Pousa as mãos em concha no meu rosto. – E se eu tiver de ir, não te preocupes. Estou certo de que a Sgaeyl me vai arrastar de volta daqui a poucos dias. – Inclina-se e beija-me com intensidade e rapidez. – A ânsia por te ver vai ser a minha morte. Vamos.

O melhor de uma escola de guerra em caos total e absoluto? Ninguém repara quando saio do quarto do chefe de divisão para o mar de cavaleiros, todos a acabar de vestir a roupa para irem para a formação. Está toda a gente a alimentar-se de adrenalina, demasiado ocupada nas suas próprias merdas para reparar no que eu estou a fazer ou no breve toque da mão do Xaden na minha antes de ele se dirigir para junto da chefia reunida perto do estrado no pátio.

E também não sou a única que ainda está com o uniforme de gala.

O vento corta quando chego à formação, mas, pelo menos, o casaco de voo do Xaden mantém-me o cabelo preso.

– É bom que isto seja importante, porque eu estava finalmente a fazer-me àquela curandeira morena linda – queixa-se o Ridoc ao colocar-se na formação atrás de mim.

O Liam está à minha direita, ainda a abotoar a parte de cima do uniforme.

– Boa noite? – pergunto ao Liam.

– Ótima – murmura ele, com as bochechas a pôr-se cor-de-rosa à luz da lua.

– Alguém viu o Dain? – pergunto à Nadine quando ela entra na formação à minha frente.

– Todos os chefes de esquadra estão com a chefia – responde por cima do ombro enquanto a Rhiannon se aproxima a passo de corrida.

A Rhi abre a boca num enorme bocejo e depois relanceia para mim antes de voltar a olhar.

– Violet Sorrengail – sussurra, a chegar-se a mim. – Estás a usar o casaco de voo do Riorson?

A cabeça do Liam vira-se de chofre na minha direção, e eu lanço uma imprecação a maldizer tão boa audição.

– Porque é que dizes isso? – Faço um trabalho de merda a fingir choque e enfio as bainhas em todos os bolsos disponíveis desta coisa. São três e são consideravelmente mais fundos do que os do meu casaco.

– Oh, não sei. Porque é claramente demasiado grande para ti e tem três estrelas aqui? – Bate com a mão no local do uniforme dela que só tem uma estrela.

Bem, merda. Só mostra que nenhum de nós estava a pensar com clareza.

– Poderia ser de qualquer cavaleiro do terceiro ano. – Encolho os ombros.

– Com o escudo da Quarta Divisão no ombro? – Ela alça uma sobrancelha.

– Isso limita um pouco, de facto – concordo.

– E um emblema de *chefe de divisão* debaixo das estrelas? – provoca.

– Pronto, está bem, é dele – sussurro rapidamente quando vejo o comandante Panchek a subir ao estrado, seguido do pai do Dain e dos chefes de divisão. O Xaden é bom como o raio a manter os olhos longe de mim, mas não posso dizer o mesmo sobre mim, sobretudo quando há poucas dúvidas de que está prestes a ser mandado para longe e eu ainda consigo sentir a boca dele na pele.

– Eu sabia! – A Rhi ri-se alegremente. – Diz-me que é bom.

– Parti-lhe a janela do quarto. – Estremeço e as minhas faces afogueiam-se.

– Tipo… atiraste-lhe com alguma coisa? – A sobrancelha dela dobra-se.

– Não. Tipo em… caíram trovões… bastantes, e estilhacei-lhe a janela. – Relanceio para o estrado. – E olha, ali está ele agora, todo calmo, tranquilo e sereno. – Sinto um aperto no peito ao perguntar-me qual será a *verdadeira* versão dele? A que está ali em cima do estrado, em total controlo, preparada para comandar a divisão? Ou a que eu tinha dentro de mim há menos de uma hora? A que declarou que não me merecia, mas que vai ficar comigo?

O Xaden parece tudo menos satisfeito, e o olhar dele fixa-se no meu por um milissegundo.

– *Porcaria dos Jogos de Guerra.*

Sou tomada por uma sensação de alívio e descrença.

– *Estás a brincar comigo.* – Fomos arrastados da cama para os Jogos de Guerra?

– *Não.*

– Raios. – A Rhiannon ri-se. – Quem me dera que alguém me fizesse estilhaçar janelas.

Viro-me para ela a revirar os olhos.

– Oh, por favor, tu tiveste muito mais…

– Ei, Aetos – diz a Rhiannon, a apoiar-se no meu ombro e a deixar pender a mão sobre a minha clavícula rapidamente para esconder a insígnia e a patente do Xaden. – Bom dia, hã?

O Dain olha para a Rhiannon como se ela tivesse bebido demasiado hidromel ao aproximar-se da esquadra.

– Não, nem por isso. – Olha de relance para todos nós. – Eu sei que é cedo… ou tarde, dependendo da vossa noite, mas passámos o ano a treinar para isto, por isso acordem de uma vez. – Vira-se para o estrado quando o Panchek se dirige para o palanque.

– Obrigada – sussurro para a Rhiannon quando ela se volta a colocar ao meu lado. Não estou com vontade de ouvir o Dain a dar-me um sermão sobre as minhas escolhas. Esta noite não.

– Quadrante dos Cavaleiros! – grita o Panchek, com a voz a chegar a todo o pátio. – Bem-vindos ao último evento dos Jogos de Guerra deste ano.

Ouve-se um burburinho a percorrer a formação.

– O alerta que soou há pouco é semelhante ao que teriam ouvido se se tratasse de um ataque real, para vermos a rapidez com que reagiriam, e vamos continuar com o exercício a partir de agora. Se as fronteiras fossem atacadas ao mesmo tempo e as guarnições estivessem a desintegrar-se, seriam todos chamados para o serviço para reforçar as divisões. Coronel Aetos, dá-nos a honra de ler o cenário?

O pai do Dain avança com um pergaminho na mão e começa a lê-lo.

– O momento que temíamos chegou. As guarnições que dedicamos as vidas a manter de pé estão a desintegrar-se e registou-se um ataque a vários níveis sem precedentes nas nossas fronteiras, o que significa que temos aldeias sitiadas por grupos de cavaleiros de grifos. Já estão a ser relatadas grandes quantidades de baixas entre civis e infantaria, bem como de mortes de vários cavaleiros.

Está a apostar fortemente no melodrama.

– Como aconteceria se fôssemos uma força pronta para a batalha, vamos enviar as nossas divisões para todas as direções – continua, a olhar para cada divisão até chegar à nossa. – A Quarta Divisão será destacada para sudeste. Cada esquadra irá escolher qual é o posto avançado que vai reforçar na região. – Levanta um dedo. – As escolhas serão feitas de acordo com a ordem de chegada.

No entanto, os chefes de divisão serão destacados para um posto avançado próprio com o fim de determinarem a sede para este exercício.

O coronel Aetos vira-se para cada chefe de divisão, distribuindo ordens, mas relanceia na nossa direção – sem dúvida à procura do Dain – antes de se virar para o Xaden. Algo na forma como o sorriso desaparece por um segundo me eriça os pelos atrás do pescoço.

– Riorson, cabe-lhe a si estabelecer a sede da Quarta Divisão em Athebyne. Chefes de divisão, juntem os vossos esquadrões para a sede de acordo com o vosso próprio critério, escolhendo todo e qualquer cavaleiro da vossa divisão. Considerem-no um teste de chefia, uma vez que não há limitações num cenário do mundo real. Receberão ordens atualizadas assim que chegarem aos postos avançados selecionados para este exercício de cinco dias. – O coronel recua do palanque.

Athebyne? Isso fica para lá das guarnições… foi para onde o Xaden voou na missão secreta que teve de fazer. O meu olhar procura o dele, mas ele está focado no coronel.

– Cinco dias inteiros? Isto vai ser tão divertido – exclama Heaton com um júbilo assustador, a passar a mão sobre as chamas roxas que pintou no cabelo. – Vamos fazer de conta que estamos em guerra.

– Sim – acrescenta a Imogen em voz baixa. – Acho que vamos.

– Tal como na vida real, os chefes de esquadra têm de decidir rapidamente e depois dirigir-se para o campo de voo daqui a 30 minutos – decreta o Panchek. – Podem destroçar.

– *Tairn.*

– *Já a caminho.*

– Vamos escolher o posto avançado de Eltuval, o mais setentrional da região a que nos afetaram – diz o Dain, a virar-se para nós quando a Rhiannon volta a inclinar-se sobre o meu ombro para tapar a insígnia do Xaden. – Não quero ficar preso num posto avançado junto à costa quando sabemos que não é assim que Poromiel decidiria atacar. Alguém tem alguma objeção?

Abanamos todos a cabeça.

– Muito bem. Então, ouviram o comandante. Têm 30 minutos para mexerem esses cus e trocar de roupa, porem o que puderem no saco para cinco dias e irem ter ao campo de voo.

A formação dispersa-se e precipitamo-nos todos para os nossos quartos no dormitório.

– Quais achas que vão ser as nossas ordens quando chegarmos lá? – pergunta a Rhiannon enquanto tentamos abrir caminho pelo engarrafamento de cadetes que estão a tentar entrar na caserna. – Mais ovos para caçarmos?

– Acho que vamos descobrir não tarda.

Demoro dez minutos a ligar os joelhos e a preparar os ombros para um voo longo, depois visto as peles de voo. Demoro mais cinco minutos a desemaranhar o cabelo que o Xaden emaranhou e a entrançá-lo, o que me deixa exatamente cinco minutos para arrumar as minhas coisas. Enfio o casaco do Xaden no meu saco para o caso de alguém vir espreitar o meu quarto enquanto estiver fora.

– *Leva todos os punhais que tenhas* – ordena o Xaden, a assustar-me.

– *Já estou com doze espalhados pelo corpo.* – Continuo a atirar peças de roupa para dentro do saco.

– *Boa*.

– *Vou ver-te no campo de voo, certo?* – Se ele se for embora sem se despedir de mim, vou atrás dele matá-lo com as minhas próprias mãos.

– *Vais.* – A resposta é curta, mas acabo de arrumar o saco, saio do quarto e encontro a Rhiannon e o Liam no corredor.

Um burburinho de entusiasmo acompanha a multidão quando vamos a caminho do campo de voo, levando as rações que o pessoal da cozinha nos entrega quando passamos perto do refeitório. Vamos tomar o pequeno-almoço a meio do voo, decerto.

Quando chegamos, demoro um segundo a absorver a vista. Todos os dragões do quadrante estão presentes e enchem o campo, alinhados na mesma formação que fazemos no pátio e centenas de luzes mágicas flutuam acima das nossas cabeças como estrelas a pairar, o que dá ao espaço um ar etéreo, como se estivéssemos num enorme salão e não no campo de voo. É belo e ameaçador ao mesmo tempo.

Sente-se uma combinação nervosa de energia e expectativa e há mais de uma pessoa a expulsar o que bebeu quando o campo é inundado pelos cavaleiros.

– Vamos vencer – afirma a Rhiannon quando passamos pelas divisões entre demasiados dragões a rosnar com os dentes arreganhados. Não somos os únicos a mostrar ansiedade hoje. – Somos os melhores. Vamos vencer. – O rosto dela é a

imagem da determinação. – Quase que já estou a ver aquela nomeação para chefe de esquadra no ano que vem.

– Vais conseguir – digo-lhe, antes de me virar para o Liam quando nos aproximamos do nosso pelotão. – E tu? Queres cobrir-te de glória para poderes ascender a chefe de esquadra? – É um dos favoritos dadas as capacidades de combate corpo a corpo e as notas estelares nas aulas.

– Vamos ver. – Ele está inusitadamente tenso enquanto caminhamos.

Chegamos aos nossos dragões e não posso deixar de reparar que o Tairn está no que deveria ser o lugar do Cath, obrigando-o a desviar-se para o lado enquanto o Dain faz a contagem dos presentes. O meu dragão egoísta já está selado com a Andarna debaixo da asa.

Merda. Vão obrigar a Andarna a acompanhar o nosso ritmo.

– *E se o inimigo disparar contra nós, encontras o primeiro esconderijo disponível e escondes-te como no último cenário. És demasiado brilhante para o teu próprio bem* – diz-lhe o Tairn.

– *Está bem.*

– O que é isso? – pergunto à Andarna, que sai toda empertigada de baixo da asa do Tairn com a cabeça erguida, a exibir uma engenhoca que me faz lembrar uma sela, mas que é outra coisa.

– *O chefe de divisão mandou-a fazer para mim. Vês? Prende-me à do Tairn.*

Não consigo deixar de sorrir quando vejo o formato do triângulo nas costas da Andarna, que tenho a certeza de que encaixa no peito do Tairn.

– É fabuloso.

– *É só para o caso de eu não conseguir acompanhar o ritmo. Assim posso acompanhar-vos!*

Só mais uma razão para adorar o Xaden.

– Bem, adoro. – Viro-me para o Tairn, que está ocupado a dizer bruscamente ao Cath para lhe dar mais espaço. – Precisam que eu encaixe alguma coisa?

– *Tenho tudo sob controlo.*

– Não duvido. – Depois lembro-me. Cinco dias. *Raios.* – Vais ficar bem se estiveres separ…

– Segunda Esquadra! – chama o Dain. – Preparem-se para um primeiro trecho de quatro horas do nosso voo. Temos de manter uma formação compacta durante os primeiros minutos quando os esquadrões começarem a dispersar. –

Relanceia na minha direção, depois olha por cima do meu ombro. – Chefe de divisão?

Viro-me e vejo o Xaden a caminhar a passo largo na nossa direção com os punhos das espadas a subir acima dos ombros e sinto um nó na garganta. Como é que eu posso despedir-me dele em frente desta gente toda? E, pior, como é que os nossos dragões se vão aguentar?

– *Não te preocupes, Prateada* – exclama o Tairn, com um tom resolvido. – *Está tudo como deveria estar.*

– Como é que eu te posso ajudar? – atira o Dain, a endireitar os ombros.

– Preciso de ti – diz-me o Xaden.

– Desculpa? – riposta o Dain ainda antes de eu poder assentir com a cabeça.

– Calma, ele só quer despedir-se – explico.

– Se te vais despedir, é dele – corrige o Xaden, a acenar para o Dain com a cabeça. – Estou a construir a minha esquadra para a sede e tu vens comigo. O Liam e a Imogen também.

A minha boca escancara-se. Eu *o quê*?

– Vais o caralho – ralha o Dain a avançar na minha direção. – Ela é do primeiro ano e Athebyne fica para lá das guarnições.

O Xaden pestaneja.

– Não te estou a ouvir a dizer o mesmo do Mairi.

Olho por cima do ombro e, claro, o Liam está com o queixo levantado à frente do Deigh. É quase como se ele estivesse à espera disto.

– *O que se passa?* – pergunto ao Xaden.

– O Liam é o melhor instruendo do primeiro ano, mesmo depois de o teres destacado para proteger a Violet – aponta o Dain, a cruzar os braços à frente do peito.

– E a Sorrengail manipula relâmpagos – replica o Xaden a dar um passo em frente de maneira que o braço dele me roça o ombro. – E embora não precise de te dar explicações, cavaleiro do *segundo ano,* lembro-te de que a Sgaeyl e o Tairn não podem estar separados mais do que um par de dias…

Claro. Agora faz sentido.

– Que tu saibas! – exclama o Dain. – Ou podes dizer-me honestamente que a Sgaeyl estava à beira da loucura quando foste ter a Montserrat? Nunca testaste completamente quanto tempo podem estar separados.

– Queres ir lá perguntar-lhe isso pessoalmente? – graceja o Xaden com a sobrancelha levantada.

Ouve-se um ronco baixo quando a Sgaeyl avança, decidida, com os olhos a brilhar de ameaça. O coração sobe-me à boca por receio pelo Dain. Não importa a quantidade de vezes que estou perto dela, há sempre uma parte de mim que a vê como a sentença de morte que é na realidade.

– Não faças isso. Todos sabemos que há cavaleiros que morrem durante os Jogos de Guerra e ela vai ficar mais segura comigo – defende o Dain. – Tudo pode acontecer quando estamos longe de Basgiath, quanto mais se a levares para lá das guarnições.

– Não vou dignificar isso com uma resposta. Isto é uma ordem.

O Dain semicerra os olhos.

– Ou foi sempre esse o teu plano? Separá-la da esquadra para a poderes usar para satisfazeres a ânsia de vingança da mãe dela?

– Dain! – Abano a cabeça. – Tu sabes que isso não vai acontecer.

– Sei? – riposta. – Ele não se cala com a história do se-ela-morrer-eu-também-morro, mas sabes se é realmente verdade? Sabes se o Tairn não vai sobreviver à tua morte? Ou terá sido um ardil para conquistar a tua confiança, Violet?

Sorvo o ar com sofreguidão.

– Tens de parar com isso já.

– Sim, desiste enquanto podes, Aetos – diz o Xaden com os dentes cerrados. – Queres a verdade? A Violet estará muito mais segura comigo para lá das guarnições do que contigo dentro delas. Ambos o sabemos. – A expressão nos olhos dele é semelhante à dos da Sgaeyl e eu começo a perceber porque é que ela o escolheu. São ambos implacáveis, ambos estão dispostos a aniquilar o que se intrometer entre eles e o que querem.

E o Dain está no caminho do Xaden.

– Parem. – Pouso uma mão no braço do Xaden. – Xaden para. Se queres que eu vá contigo, eu vou. É tão simples quanto isto.

O olhar dele vira-se para vir ao encontro do meu e torna-se imediatamente mais suave.

– Não pode ser, foda-se – sussurra o Dain, mas as palavras ecoam-me nos ossos como um relâmpago a rasgar os céus.

Eu rodo, tiro a mão do braço do Xaden, mas é óbvio pela expressão do Dain que ele sabe que há algo entre nós os dois… e está magoado. O meu estômago dobra-se num nó.

– Dain…

– Ele? – Os olhos do Dain arregalam-se e o rosto cora. – Tu e… *ele*? – Abana a cabeça. – As pessoas falam, e eu pensava que era só conversa, mas tu… – A desilusão tomba-lhe os ombros. – Não vás, Violet. Ele vai ser a tua morte.

– Eu sei que achas que o Xaden tem motivos escondidos, mas eu confio nele. Teve todas as oportunidades para me magoar, mas *nunca* o fez. – Dirijo-me para o Dain. – Há de chegar uma altura em que tens de deixar as coisas acontecerem.

O Dain parece horrorizado por um segundo, mas não demora a disfarçar.

– Se é ele o que tu escolhes… – Suspira. – Acho que tem de ser o suficiente para mim, não é?

– Sim. – Assinto com a cabeça. Graças aos deuses que todo este disparate está prestes a pertencer ao passado.

Ele engole em seco e inclina-se para sussurrar-me ao ouvido.

– Vou ter saudades tuas, Violet. – Depois roda sobre o calcanhar e dirige-se para o Cath.

– Obrigado por confiares em mim – diz o Xaden quando chego junto da perna dianteira do Tairn.

– Sempre.

– Temos de ir.

Detém-se, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas decide virar costas. Quando o vejo a voltar para a Sgaeyl, não posso deixar de notar que dois dos homens importantes da minha vida estão a afastar-se de mim neste momento, em direções opostas, e, tendo em conta a escolha que eu fiz, a minha vida está prestes a mudar para sempre.

O primeiro ataque de grifos conhecido ocorreu no ano 1 DR (Depois da Reunificação) perto daquele que é hoje o posto comercial de Resson. No limite da fronteira protegida pelos dragões, o posto sempre foi vulnerável a ataques e, ao longo dos últimos seis séculos, mudou de mãos não menos de onze vezes naquela que se tornou uma guerra sem fim para protegermos as nossas fronteiras dos nossos inimigos sedentos de poder.

– Navarre, Uma História não Editada do Coronel Lewis Markham



CAPÍTULO XXXIV

Voamos ao encontro da manhã e depois da tarde, e, quando a Andarna deixa de conseguir acompanhar-nos, liga-se ao arnês do Tairn em voo. Já está a dormir no momento em que o Xaden decide contornar os Penhascos de Dralor – os montes rochosos com centenas de metros de altura que dão a Tyrrendor uma vantagem geológica sobre todas as províncias do reino… sobre todas as províncias do Continente, na verdade – para chegar às montanhas a norte de Athebyne.

Sinto uma sensação de arrasto no peito, depois um *estalo* quando atravessamos a barreira das guarnições.

– *É uma sensação diferente* – digo ao Tairn.

– *Sem as* guarnições*, a magia é mais errática. Para os dragões, a comunicação é mais fácil dentro das guarnições. O chefe de divisão terá de levar isso em conta ao comandar a divisão a partir deste posto avançado.*

– *De certeza que ele já pensou nisso.*

É quase uma da tarde quando nos aproximamos de Athebyne e paramos, por ordem dos dragões, num lago perto do posto para eles poderem beber.

A superfície do lago é lisa como vidro e reflete os picos recortados à nossa frente com uma exatidão de cortar a respiração antes de o bando de dragões aterrar na margem e agitar a água que acaba por formar pequenas ondas de choque. Uma das margens do lago é composta por uma floresta densa de árvores e grandes rochedos e a erva próxima está pisada, o que significa que não somos o primeiro grupo a descansar neste lugar.

Ao todo, temos dez dragões connosco e, embora possa não reconhecer cada um deles, sei que o Liam e eu somos os únicos instruendos do primeiro ano no grupo. O Deigh pousa ao lado do Tairn e o Liam salta do assento como se não tivéssemos acabado de passar sete horas no céu.

– *Vocês os dois precisam de beber e provavelmente de comer alguma coisa* – digo-lhes ao desafivelar a sela. Tenho as pernas doridas e com cãibras, mas não é tão mau como foi em Montserrat. As horas que fui passando na sela ao longo do último mês ajudaram.

O Tairn leva uma presa ao fecho e a Andarna cai com um som seco no chão, antes de sacudir a cabeça, o corpo e a cauda.

– *E tu precisas de dormir* – responde o Tairn. – *Estiveste acordada a noite inteira.*

– *Vou dormir quando vocês também forem.* – Evito os espigões que ele tem no dorso e deslizo pela perna dianteira até à margem musguenta do rio.

– *Eu posso ficar dias sem dormir. Preferia que nã*o *começasses a disparar relâmpagos por estares privada de sono.*

A resposta está-me na ponta da língua. Quero dizer-lhe que é preciso um esforço para manipular relâmpagos, mas, depois de ter dado cabo da janela do Xaden na noite passada, não tenho a certeza de que tenha grande conhecimento sobre a matéria. Ou talvez seja só o Xaden que me faz perder o controlo. Seja como for, é perigoso estar perto de mim. Admira-me que o Carr ainda não tenha desistido de mim.

– *É estranho estar para além das guarnições* – digo, a mudar de assunto.

As presas do Tairn fincam-se no solo e estica bem a cabeça quando o Liam se aproxima. Pela agitação geral do grupo, pergunto-me se todos têm esta sensação de que há algo que não bate certo no ar que me deixa os pelos da parte de trás do pescoço eriçados.

– Estamos a vinte minutos da Athebyne, por isso hidratem-se! Não fazemos ideia do tipo de cenário que nos espera – brada o Xaden, numa voz que chega a toda a esquadra.

– Estás a aguentar-te bem? – pergunta o Liam, a dirigir-se para mim quando o Tairn e a Andarna dão os poucos passos de que precisam para chegar à água.

– *Fica com o Tairn* – digo à Andarna. É um alvo cintilante a esta distância do Vale protegido.

– *Vou ficar.*

Deuses, deveria tê-la deixado em Basgiath. Em que raio estava a pensar ao trazê-la para aqui? Não passa de uma criança e este voo foi esgotante.

– *Nunca tiveste escolha na matéria* – diz o Tairn em jeito de sermão. – *Não são os humanos, nem sequer quando estão vinculados, que decidem para onde os dragões vão voar. Mesmo um dragão novinho como a Andarna toma as suas próprias decisões.* – As palavras do Tairn não me trazem grande conforto. Se a coisa der para o torto, eu serei a responsável pela segurança dela.

– Violet? – O sobrolho do Liam está franzido de preocupação.

– Se eu disser que não tenho a certeza, vais ter uma opinião menos favorável sobre mim? – Há tantas maneiras de responder àquela pergunta. Fisicamente, estou dorida, mas bem, agora mentalmente… bem, estou perdida entre a ansiedade e a expectativa do que os Jogos de Guerra irão trazer. Fomos avisados de que o quadrante perde sempre dez por cento da turma do último ano no último teste, mas é mais importante do que isso. Só não consigo perceber bem o que é ainda.

– Pensaria que estás a ser honesta.

Relanceio para a esquerda e vejo o Xaden a conversar com o Garrick. Como é natural, o chefe de pelotão reunia as condições para entrar na esquadra pessoal do Xaden.

O Xaden olha na minha direção e os nossos olhos cruzam-se por um segundo. E não é preciso mais para o meu corpo se lembrar de que eu o tinha nu comigo há poucas horas e que os traços daqueles músculos esculpidos estavam a retorcer-se em contacto com a minha pele. Estou tão perdidamente apaixonada por aquele homem. Como é que eu vou conseguir não o mostrar no rosto?

Tenho de ser profissional. Não é preciso fazer mais nada. No entanto, a forma como estou tão perfeitamente ciente de tudo o que ele disse e fez desde que

deixámos o quarto acaba por me tornar um exemplo vivo da razão por que os instruendos do primeiro ano não devem dormir com os chefes de divisão, quanto mais apaixonar-se por eles. Ainda bem que ele só é meu chefe de divisão por pouco mais de uma semana.

– *Continua a olhar para mim dessa maneira e vamos ficar parados mais de meia hora* – avisa ele sem olhar para mim.

– *Prometes?*

O Xaden olha imediatamente para mim e juro que o vejo a *sorrir* a sério antes de se virar de novo para o Garrick.

– Estás a aguentar-te bem com o que quer que se esteja a passar ali? – pergunta o Liam, a assustar-me.

– E se eu te disser que não tenho a certeza? – Dou-lhe a mesma resposta e deixo os lábios dobrarem-se.

– Acho que te meteste numa bela embrulhada. – A expressão no rosto dele é tudo menos provocatória neste momento.

– Para alguém que disse que deve tudo ao Xaden, isso não é uma recomendação muito animadora. – Pouso o meu saco no chão e enrolo os músculos tensos dos ombros. – Não te transformes num Dain também tu.

– *Estás a sentir-te bem?* – pergunta o Xaden.

– *Estou bem. Só um pouco dorida.* – A última coisa que eu quero ser é um fardo para ele.

– Não é isso. – O Liam faz um esgar. – A questão é que eu conheço as prioridades dele.

– Lamento muito que tenhas sido arrastado para aqui por minha causa – digo em voz baixa para que os outros não me ouçam. – Deverias estar nos postos intermédios com o Dain, e não ser arrastado para lá das guarnições. O coronel Aetos é um homem justo, mas não tenho dúvida de que esta missão se destina a «fazer justiça ao chefe de divisão marcado». Termino a frase numa razoável imitação do pai do Dain e o Liam revira os olhos.

– Não estou assustado, ninguém me está a *arrastar* e, acredites ou não, Violet, às vezes as ordens que recebo não têm unicamente que ver contigo. Também tenho outras capacidades, sabias? – provoca ele com um sorriso aberto que mostra uma covinha ao mesmo tempo que me olha para o quadril.

– Nunca me esqueci do espantoso que tu és, Liam. – E estou a falar a sério. Ele tosse e faço-lhe um gesto para que se vá embora. – Agora, preciso de um momento de privacidade.

Ele faz uma vénia e um floreado com a mão, como que a apresentar-me à floresta atrás de nós, e embrenho-me nas suas profundezas sombrias.

Quanto regresso à margem do lago, o Xaden afasta-se do Garrick e estende a mão ao aproximar-se de mim.

As minhas sobrancelhas alçam-se. Estará ele… não. Nunca o faria. Sobretudo à frente de mais oito cadetes.

Ele entrelaça os dedos nos meus. *Afinal faria.* É mais do que o toque da pele dele que me deixa o coração acelerado. O Xaden está a quebrar a sua própria regra.

Olho deliberadamente para onde os outros estão reunidos, todos eles em diferentes estados de relaxamento junto à água, mas aperto-lhe a mão com mais força.

– Nenhum deles vai dizer uma palavra que seja sobre ti… nem sobre nós. Confiaria a minha vida a cada uma das pessoas que aqui estão – diz-me, levando-me para um conjunto de rochas com quase o dobro da altura dele no lado mais distante do lago.

– As pessoas falam. Deixa-as falar. – Não tenho vergonha de te amar e sou capaz de lidar com os mexericos mal-intencionados que me forem dirigidos.

– Dizes isso agora. – O maxilar lateja. – Já bebeste o suficiente? Ou comeste?

– Trouxe tudo o que precisava no meu saco. Não tens de te preocupar comigo.

– Preocupar-me contigo é 99 por cento do que eu faço. – O polegar dele afaga-me as costas da mão. – Quando chegarmos ao posto avançado, quero que descanses depois de percebermos qual é objetivo do nosso cenário. O mais provável é que eu leve os cavaleiros do terceiro ano para uma patrulha, e o Liam fica contigo.

– Eu quero ajudar – protesto imediatamente. Não foi por isso que ele me trouxe? Pelos meus relâmpagos? Não estou propriamente a ganhar prémios de precisão, mas enfim.

– Podes ajudar depois de descansares. Tens de estar na tua máxima força para manipulares esse teu sinete, senão podes arriscar um esgotamento. O Tairn é demasiado poderoso.

Tem alguma razão, o que não significa que eu tenha de gostar.

Assim que estamos longe da vista dos outros, ele encosta-me ao maior rochedo do grupo e depois agacha-se à minha frente.

– O que estás a fazer? – Passo os dedos pelo cabelo dele porque posso. O facto de poder tocar neste homem é absolutamente alucinante e planeio aproveitar todas as oportunidades do privilégio que puder.

– Tens as pernas rígidas. – Ele começa na barriga da perna, a desfazer-me os nós com as mãos fortes.

– Bem, calculo que não nos possamos ir embora enquanto os dragões não estiverem prontos, não é? – A sensação que tenho quando me toca é de absoluta volúpia.

– É. Temos mais uns dez minutos. – Lança-me um sorriso cheio de malícia.

Dez minutos. Tendo em conta de que não tenho ideia nenhuma do que o resto do dia nos vai trazer, fico mais do que satisfeita por me agarrar a todo o tempo que temos.

Gemo ao sentir os meus músculos derreterem e a minha cabeça cai para trás para se apoiar na rocha.

– Isso dói tão maravilhosamente. Obrigada.

Ele ri-se e vai subindo pelos músculos tensos das minhas coxas.

– Acredita, os meus motivos não têm nada de altruísta, Violência. Aproveito as desculpas que conseguir arranjar para te pôr as mãos em cima.

A barba por fazer das bochechas dele roça-me nas palmas das mãos quando as deslizo pelas faces para lhe segurar a parte de trás do pescoço.

– O sentimento é mais do que mútuo.

A respiração dele muda quando me chega ao cimo das coxas e os dedos me amassam os músculos até cederem.

– Foi uma pena hoje de manhã.

– O quê?

O Xaden levanta a cabeça e olha para mim, o sol bate-lhe nos salpicos dourados dos olhos e levanta a sobrancelha com a cicatriz.

– Estávamos a meio de algo, se é que não te recordas.

Ele abre um sorriso lento.

– Oh, lembro-me muito bem. – O botão de cima do casaco de voo do Xaden está desapertado, e pego no tecido puxando-o na minha direção. Em que altura é

que esta ânsia constante de o ter vai ser consolada? Já o tive várias vezes nas últimas 24 horas e podia muito bem fazer outra ronda… ou três. – É errado desejar que tivéssemos tempo para terminar?

– Não sei se alguma vez vou considerar que *terminou*. – Levanta-se e cada superfície do corpo dele acaricia o meu pelo caminho. – Sou mesmo muito ganancioso quando se trata de ti.

Inclina a cabeça por cima da minha e obnubila o resto do mundo com um beijo lento e luxurioso. A língua dele desliza pelos meus lábios entreabertos para se fundir com a minha como se ele não tivesse absolutamente mais nenhum plano para este dia que não fosse memorizar cada canto da minha boca.

Todo o meu corpo se inflama de vida e depois começa a fervilhar quando me beija pelo pescoço abaixo. Agarra-me a cintura, e puxa-me as curvas ao encontro dos músculos do corpo anguloso e rígido e eu não passo de calor e ânsia. O meu coração ribomba de tal maneira que parece que tenho asas a bater aos ouvidos. Deuses, nunca me vou fartar disto.

Ele geme e uma das mãos desliza-me até às nádegas.

– Diz-me em que estás a pensar.

Envolvo-lhe os braços no pescoço.

– Estava a pensar que és exatamente como eu tinha previsto na primeira vez que me possuíste no meu quarto.

– Ai, sim? – Ele recua com uma centelha de curiosidade nos olhos. – E o que era isso exatamente?

– Um vício muito perigoso. – O meu olhar passa pela linha prateada da cicatriz que tem na sobrancelha, pelas pestanas grossas por que muitas mulheres matariam e pelo alto no nariz até parar na boca esculpida na perfeição. Já lhe disse que o amo, pelo que não estou exatamente a guardar segredos. Bem, em comparação com ele, sou um livro aberto. – Impossível de saciar.

Os olhos dele fazem-se mais opacos.

– Vou ficar contigo – promete, tal como fez na noite passada. Ou terá sido hoje de manhã? – És minha, Violet.

Levanto o queixo.

– Só se tu fores meu.

– Sou teu há mais tempo do que tu imaginas. – Como se as palavras o tivessem libertado das peias que o comprimiam, ele fecha-me a mão na nuca e beija-me

com tempo e veemência e não respiro nem penso em nada que não seja o movimento da língua dele e a onda de necessidade que me aquece a pele.

O Xaden afasta a boca com um resfôlego, interrompendo o beijo e levantando a cabeça para o lado como se estivesse a ouvir alguma coisa.

– O que se passa? – pergunto. Ficou rígido entre os meus braços.

– Merda. – Os olhos arregalam-se quando se vira lentamente para mim outra vez. – Violet, lamento muito…

– É mesmo assim que vocês passam o vosso tempo, cavaleiros de dragões? – pergunta uma mulher atrás do Xaden, com uma voz que parece veludo arrastado numa estrada de gravilha.

Ele vira-se tão depressa que parece um vulto. Sou envolvida por sombras, densas como nuvens de tempestade.

Não vejo merda nenhuma.

– Xaden! – grita alguém e ouço vários passos a pisar a vegetação a correr. O Bodhi, talvez?

– Não adianta esconder o que já foi visto – diz a mulher, num tom brusco. – E se os rumores forem verdadeiros só há uma cavaleira de cabelo prateado naquela vossa escola que mais parece uma fábrica de morte, o que significa que é a filha mais nova da general Sorrengail.

– Foda-se – pragueja o Xaden. – *Preciso que te mantenhas calma, Violência*.

Calma? As sombras desaparecem e deixo as mãos soltas junto às ilhargas para o caso de precisar de recorrer a um punhal ou de manipular antes de me colocar ao lado do Xaden para poder ver.

E o que vejo é um par de cavaleiros de grifos no meio da erva a cerca de dez metros de distância com os bichos sinistramente silenciosos atrás deles. Têm um terço do tamanho dos nossos dragões, mas os bicos e as garras parecem capazes de desfazer pele e escamas com igual facilidade.

– *Tairn!*

– *A caminho.*

– *Fica com a Sgaeyl* – ordeno à Andarna.

– *Os grifos parecem saborosos vistos daqui* – responde ela.

– *São do teu tamanho. Não.*

– O raio de um Sorrengail. – A mulher parece ser apenas alguns anos mais velha do que eu, mas tem o aspeto de uma cavaleira veterana. Arqueia uma

sobrancelha escura, a olhar para mim como se eu fosse algo que precisa de ser retirado à pazada dos estábulos dos cavalos. O som de asas a bater enche o ar quando um punhado de cavaleiros de dragões chegam, imponentes, ao espaço que nos envolve. A Imogen. O Bodhi. Um cavaleiro do terceiro ano com uma cicatriz no lábio que eu reconheço. O Liam. Mas ninguém a recorrer a nenhuma arma.

Pelo menos agora, estamos numa situação de vantagem. O poder desenrola-se sob a minha pele e eu abro a porta dos Arquivos, deixando a energia jorrar por cima de mim numa torrente de calor escaldante. O céu crepita.

– Não! – O Xaden vira-se e puxa-me para o peito dele, colocando os braços à minha volta e prendendo-me os braços às ilhargas.

– O que estás a fazer? – Atiro o meu peso contra o Xaden, mas não adianta. Ele tem-me bem presa.

Sinto uma rajada de vento a bater-me no lado direito quando o Tairn pousa.

– Caramba, este é *enorme* – diz a mulher. Em volta do braço imóvel do Xaden, vejo os cavaleiros de grifos a recuar com passos rápidos e os olhos arregalados a olhar para cima.

O Xaden levanta uma mão para a fechar na minha nuca quando olho para ele. Mas que raio está ele a fazer? A beijar-me antes de morrermos?

– Se alguma vez confiaste em mim, Violet, preciso que o faças agora. – A súplica nos olhos dele deixa-me pasmada. Os nossos inimigos estão a poucos metros de distância e ele quer… ter um *momento?*

– Só tens de ficar aqui. E de te manter calma. – Os olhos dele perscrutam os meus para uma resposta a uma pergunta que não me foi colocada. Depois passa-me ao Liam.

Passa-me. Como se eu fosse um saco de levar às costas.

O Liam prende-me os braços às ilhargas com cuidado, mas com uma força inexorável.

– Peço desculpa por isto, Violet.

Por que raio é que toda a gente está a pedir desculpa?

– Larga. Me – exijo no momento em que o Xaden caminha a passo decidido em direção ao par de cavaleiros de grifos com o Garrick ao lado. O medo de que ele pense que pode enfrentar os grifos e os cavaleiros sozinho aperta-me o coração como se fosse um torno.

– Não posso fazer isso – desculpa-se o Liam, com a voz mais baixa. – Gostava mesmo muito de poder.

O Tairn ruge tão alto ao meu lado que eu vejo saliva a voar, a bater na cara do Liam e a deixar-me os ouvidos a zunir. O Liam baixa os braços e recua devagar a levantar as mãos acima da cabeça.

– Percebido. Não precisas de dizer mais nada. Não lhe toco mais.

Livre das mãos do Liam, viro-me para o campo quando o Xaden chega junto aos cavaleiros.

– Chegaram *cedo*, caralho – diz ele.

E o meu coração para.

Nos últimos dias do interrogatório, Fen Riorson perdeu a noção da realidade e passou o tempo a queixar-se do reino de Navarre. Acusou o Rei Tauri e todos os que o antecederam de uma conspiração tão vasta, tão indizível, que este historiador não vai ousar repetir as suas palavras. A execução foi rápida e compassiva para um louco que custou inúmeras vidas ao reino.

– Navarre, Uma História não Editada do Coronel Lewis Markham



CAPÍTULO XXXV

Não sei bem como, mas consigo manter a respiração, o que é impressionante dado que sinto o coração prestes a desfazer-se num milhão de pedaços, e entrefecho os olhos no inimigo.

Nunca tinha visto um cavaleiro de grifos. Os dragões costumam reduzi-los a cinzas, juntamente com as suas montadas meio águias, meio leões.

– O que aconteceu com o encontro de amanhã? Não temos um carregamento completo – diz o Xaden à cavaleira de grifos com a voz calma e serena.

– O problema não é o carregamento – diz a mulher a abanar a cabeça. Ao contrário das nossas peles pretas de cavaleiro, as deles são castanhas e combinam com as penas mais escuras das criaturas que montam… que, neste momento, estão a olhar para mim como se eu fosse o jantar.

– *Se tentarem alguma coisa, vão ser um petisco* – diz o Tairn.

Carregamento. Quase nem registo o que o Tairn diz, tal é o choque que sinto com as palavras da cavaleira. A traição corta-me a garganta como se fosse vidro quando tento engolir. É por isto que ele tem andado a esgueirar-se do quadrante.

– Então vocês estavam por perto para conversar na eventualidade de nós passarmos por cá um dia inteiro mais cedo? – pergunta o Xaden.

– Estávamos a fazer patrulha em Draithus ontem… fica a cerca de uma hora a sudeste daqui…

– Eu sei onde fica Draithus – replica o Xaden.

– Nunca se sabe, vocês lá em Navarre agem como se não existisse nada para lá das vossas fronteiras – atira sarcasticamente o outro cavaleiro de grifos. – Não sei para que é que estamos a dar-nos ao trabalho de os avisar.

– Avisar-nos? – A cabeça do Xaden levanta-se para o lado.

– Perdemos uma aldeia na vizinhança para uma horda de venéficos há dois dias. Dizimaram tudo.

Sobressalto-me e fico com os olhos esgazeados. O que é que ela disse?

– Os venéficos nunca vêm tão para oeste – diz a Imogen à minha esquerda.

Venéficos. Sim, foi o que ambos disseram. Mas que raio? Pensaria que alguém estaria a gozar comigo não fossem os dois enormes grifos a fazer sombra ao par de cavaleiros. Mas ninguém se está a rir.

– Até agora – responde a mulher a virar-se de novo para o Xaden. – Eram definitivamente venéficos e tinham uma daquelas…

– Não digas mais nada – interrompe o Xaden. – Sabes bem que nenhum de nós pode saber os pormenores ou podemos colocar tudo em risco. Basta que um de nós seja interrogado.

– *Estás a perceber isto?* – pergunto ao Tairn, a relancear para a esquerda e para a direita para ver se mais alguém reparou no ridículo que jorrou da boca da mulher, mas toda a gente parece… horrorizada, como se acreditassem todos que a aldeia foi destruída por criaturas míticas.

– *Infelizmente, estou.*

– Com pormenores ou sem eles, parece que a horda está a dirigir-se para norte – diz o cavaleiro. – Vão diretos para o nosso posto comercial na fronteira do outro lado da vossa guarnição em Athebyne. Estão armados?

– Estamos armados – admite o Xaden.

– Então a nossa tarefa aqui está concluída. Foram avisados – diz o homem. – Agora temos de ir defender o nosso povo. Bem vistas as coisas, este desvio já só nos dá cerca de uma hora para chegarmos a tempo.

De um momento para o outro, a atmosfera parece alterar-se, intensificar-se, e os cavaleiros à nossa volta parecem preparar-se para alguma coisa.

O Xaden olha para mim por cima do ombro e, em vez de se rir do absurdo do que estão a discutir, tem o rosto circunspecto.

– Se pensas que alguma vez vais convencer uma Sorrengail a arriscar o pescoço por alguém de fora das suas próprias fronteiras, és um idiota – diz o homem virado para mim com uma expressão de desprezo.

O poder fervilha dolorosamente debaixo da minha pele, a pedir uma saída.

O homem dobra-se ligeiramente e olha-me de cima a baixo em óbvio julgamento.

– Pergunto-me o que o teu rei estaria disposto a apagar para recuperar a filha da sua general mais ilustre. Seria capaz de apostar que o teu resgate valeria armamento suficiente para defender Draithus inteiro durante uma década.

Resgate. Oh, não me parece.

O Tairn rosna.

– Foda-se – murmura o Bodhi, a aproximar-se de mim.

– Tenta. Desafio-te. – Dobro os dedos na direção deles e liberto poder suficiente para gerar um clarão no meio das nuvens acima de nós.

Veem-se sombras a mover-se rápida e ameaçadoramente nos pinheiros na borda do campo quando o Xaden levanta as mãos junto às ilhargas e ambos os cavaleiros de grifos se põem tensos ao verem a escuridão a pairar a poucos centímetros dos pés deles.

– Tentem dar um passo em direção àquela Sorrengail e estarão mortos ainda antes de levantarem o calcanhar – diz o Xaden, com a voz a baixar com uma violência mortal. – Ela não está em discussão.

A mulher relanceia para as sombras e suspira.

– Lá estaremos com o nosso grupo. Façam-nos um sinal se conseguirem libertar-se dos descrentes. – Afasta-se, e o homem vai atrás dela em direção aos grifos.

Montam-se em segundos e lançam-se para os céus.

Todas as cabeças se viram na minha direção com expressões que vão da expectativa até algo parecido com o medo e eu sinto o estômago a embrulhar-se. Ninguém ficou surpreendido com a familiaridade dos cavaleiros de grifos nem

por ouvir palavras como «venéficos». E todos sabiam que o Xaden estava a ajudar o inimigo.

Sou a estranha neste lugar.

– Boa sorte, Riorson. – A Imogen puxa uma melena do cabelo cor-de-rosa para trás da orelha e a relíquia da rebelião espreita pela manga das peles de voo quando ela se vira para nos dar espaço.

O meu estômago dá voltas e a minha cabeça anda a mil, à procura de tudo menos da verdade óbvia e devastadora quando todos eles seguem a Imogen de volta para junto do lago.

Vejo a relíquia da rebelião a serpentear pelo antebraço de um cavaleiro do terceiro ano que passa à minha frente.

O Garrick está aqui. É chefe de pelotão, mas está… aqui e não com nenhum dos esquadrões do Pelotão Labareda. O mesmo acontece com o Bodhi e a Imogen. A cavaleira morena com o anel no nariz é a Soleil, creio, e aquilo que lhe vejo no antebraço é indubitavelmente uma relíquia. O cavaleiro do segundo ano do Pelotão Garra? Também tem uma.

E o Liam… o Liam está ao meu lado.

– *Tairn.* – Mantenho a respiração o mais calma possível ao ver o Xaden com os olhos postos em mim com a expressão de um chefe de divisão impassível.

– *Prateada*? – A cabeça gigante do Tairn oscila na minha direção.

– *Todos eles têm relíquias da rebelião* – digo-lhe. – *Toda a gente nesta esquadra menos eu é filha de um separatista.* – No caos do campo de voo, o Xaden construiu uma esquadra exclusivamente composta por marcados.

E são todos. Uns traidores. Do caralho.

E eu deixei-me levar.

E perdi-me de amores por *ele*.

– *Sim, são* – concorda ele com um tom resignado.

O meu peito ameaça ceder quando me apercebo verdadeiramente do que se passa à minha volta. Isto é muito pior do que o Xaden me trair, trair o reino inteiro. Só há uma explicação para os meus dragões terem sido tão dóceis na presença do inimigo.

– *Tu e a Andarna também me mentiram.* – A traição em tudo isto é demasiada e os meus ombros caem sob o seu peso. – *Vocês sabiam o que ele estava a fazer.*

– *Ambos te escolhemos* – diz a Andarna, como se isso melhorasse as coisas.

– *Mas vocês sabiam.* – Olho para trás do Liam, que tem o descaramento de olhar para mim com pesar, para fitar o Tairn, cujo foco mortal está à frente dele como se não tivesse ainda decidido se vai queimar o Xaden vivo ou não.

– *Os dragões estão obrigados aos vínculos que assumem* – explica ele quando o Xaden se aproxima. – *Só existe um laço mais sagrado do que o do dragão com o seu cavaleiro.*

Um dragão com a sua parceira.

Toda a gente sabia menos eu. Até os meus próprios dragões. Oh, deuses, será que o Dain tem razão? Será que tudo o que o Xaden fez não passou de um plano engendrado para me conquistar a confiança?

O doce brilho da felicidade, do amor, da confiança e da afeição que me ardia com tanta vivacidade no peito há tão poucos minutos tremeluz dolorosamente, a arfar por oxigénio como o fogo de um acampamento apagado por um balde de água quando deixa de ter serventia. A única coisa que eu posso fazer é ver as brasas a afogar-se e a definhar.

O Xaden olha para mim com uma apreensão que cresce em cada passo que dá, como se eu fosse um animal encurralado prestes a lutar para encontrar um caminho com os dentes arreganhados e as garras afiadas.

Como é que eu pude ser estúpida ao ponto de confiar nele? Como é que eu me fui apaixonar por ele? Sinto os pulmões doridos e o coração a gritar. Isto não pode estar a acontecer. Não posso ser tão ingénua. Mas parece que sou, porque estamos aqui. Todo o corpo do Xaden é o raio de uma advertência, sobretudo a relíquia preta que é tão claramente visível naquele pescoço neste momento. O pai dele pode ter sido o Grande Traidor, pode ter custado a vida ao meu irmão, mas a traição do Xaden bate igualmente fundo.

O Xaden estremece quando os meus olhos se semicerram em ameaça.

– Alguma vez fomos realmente amigos? – sussurro para o Liam, à procura de força para gritar.

– Somos amigos, Violet, mas devo-lhe tudo – responde o Liam e, quando eu levanto a cabeça, ele está a olhar para mim com tanta tristeza que quase tenho pena dele. Quase. – Devemos todos. E se lhe deres uma oportunidade para se explicar…

Ei-la. A raiva vem em meu auxílio e sobrepõe-se à dor.

– Tu viste-me a treinar com ele! – Empurro o peito do Liam e ele cambaleia para trás na erva. – Estiveste sempre por perto e viste-me a apaixonar-me por ele!

– Oh, merda. – O Bodhi entrelaça as mãos atrás do pescoço robusto.

– Violência, deixa-me explicar – diz o Xaden. Ele sempre conheceu a minha verdadeira natureza e, para dizer a verdade, as sombras deveriam ter-me dado uma pista sobre a dele. É perito a guardar segredos.

Poder por gastar sobe-me pela medula dos ossos quando viro as costas para o Liam e olho para o Xaden.

– Se pensares sequer em tocar-me, juro que te mato, caralho. – O meu poder inflama-se com a raiva que sinto e o céu faísca de relâmpagos que saltam de nuvem em nuvem.

– Acho que ela não está a brincar – avisa o Liam.

– Eu sei que não está. – O maxilar do Xaden lateja quando os nossos olhares colidem e não se desviam. – Vão todos para a margem do lago. Já.

Ele olha para mim com apreensão à medida que se vai aproximando.

– Eu sei o que estás a pensar – diz o Xaden com aquela voz enganadoramente suave que tem e há um chamejar de medo nas profundezas ónix daqueles olhos.

– Não fazes ideia do que eu estou a pensar. – Traidor. Do. Caralho.

– Estás a pensar que eu traí o nosso reino.

– Palpite lógico. Olha que bom. – Sai mais um clarão de um relâmpago, a chamejar de nuvem em nuvem. – Estás a trabalhar com cavaleiros de grifos? – Deixo os braços soltos junto às ilhargas para o caso de precisar das mãos livres para manipular, embora saiba que não tenho hipóteses contra ele. Pelo menos para já. – Deuses, és um lugar-comum tão grande, Xaden. És um cabrão de um vilão escondido à frente dos nossos narizes.

Ele estremece.

– Na verdade, chamam-se voadores – diz o Xaden em voz baixa, sem desviar os olhos dos meus. – E posso ser o vilão para alguns, mas não para ti.

– Desculpa? Estás mesmo a querer discutir a semântica da tua traição?

– Os dragões têm cavaleiros, os grifos têm *voadores.*

– E tu sabes isso porque estás conluiado com eles. – Recuo alguns passos para poder resistir ao impulso avassalador de lhe dar um murro na cara. – Estás a trabalhar com o inimigo.

– Alguma vez paraste para pensar que às vezes podes começar do lado certo da guerra e acabar no errado?

– Neste caso particular? Não. – Aponto para a margem do lago. – Fui formada como copista, lembras-te? A única coisa que fizemos foi defender as nossas fronteiras durante 600 anos. São eles que não aceitam a paz como solução. Que carregamentos é que lhes tens enviado?

– Armas.

Sinto um murro no estômago.

– Que eles usam para matar os nossos cavaleiros?

– Não. – Ele abana a cabeça enfaticamente. – As armas são só para combater os venéficos.

A minha boca escancara-se.

– Os venéficos são coisas das lendas. Como o livro do meu pai… – Pestanejo. O que é que ele tinha escrito? *As lendas populares são passadas de geração em geração para podermos aprender com o passado.*

Estaria ele a tentar dizer… não. Impossível.

– Eles existem – diz o Xaden em voz baixa, como se estivesse a tentar amaciar o golpe.

– Estás a dizer-me que pessoas que conseguem ir à fonte da magia sem um dragão ou um grifo para a canalizar, corrompendo o seu poder muito além da salvação, existem mesmo. – Enuncio as palavras devagar para que não haja margem para equívocos. – Não são só uma parte da lenda da criação.

– Estou. – A testa dele enruga-se. – Eles sugaram a magia toda dos Baldios e depois espalharam-se como uma infestação.

– Bem, pelo menos isso é fiel à lenda. – Cruzo os braços à frente do peito. – Como era o conto, afinal? Um irmão vinculou-se a um grifo, outro a um dragão e quando o terceiro ficou com ciúmes, foi buscar a magia diretamente à fonte, perdendo a alma e declarando guerra aos outros dois.

– Sim. – O Xaden suspira. – Não era assim que eu te queria contar isto.

– Partindo do princípio de que *alguma vez* me irias contar alguma coisa! – Relanceio para o Tairn, que está a olhar para nós com a cabeça baixa como se tivesse de vir a incinerar o Xaden a qualquer momento. – Queres contribuir para a discussão?

– Ainda não. Preferia que tu chegasses à tua própria conclusão. Escolhi-te pela tua inteligência e coragem, Prateada. Não me desiludas.

Contenho-me por muito pouco de mostrar o dedo do meio ao meu próprio dragão.

– Muito bem. Se eu acreditasse que os venéficos existem e vagueiam pelo Continente a manipular magia negra, também teria de acreditar que nunca atacam Navarre porque… – Arregalo os olhos ao perceber a conclusão lógica desta possibilidade. – Porque as nossas guarnições impossibilitam toda a magia que não seja canalizada por dragões.

– Exatamente. – O Xaden transfere o peso do corpo de um pé para o outro. – Ficariam impotentes assim que cruzassem a fronteira de Navarre.

Foda-se, faz sentido, e eu quero desesperadamente que não faça.

– O que significa que teria de acreditar que não fazemos ideia de que Poromiel está a ser atacada implacável e violentamente por manipuladores de magia negra muito perto das nossas fronteiras. – Franzo o sobrolho.

Ele desvia o olhar e respira fundo antes de me olhar nos olhos.

– Ou tens de acreditar que sabemos e decidimos não fazer nada quanto a isso.

A indignação alça-me o queixo.

– Por que diabo decidiríamos não fazer *nada* ao sabermos que há pessoas a serem chacinadas? Vai contra tudo aquilo que nós representamos.

– Porque a única coisa que mata venéficos é aquilo que nos potencia as guarnições.

O Xaden não diz mais nada enquanto estamos aqui e o único som que ouço é a água a bater em pequenas ondas na margem e o eco das palavras dele a tocar-me as intermitências do coração.

– É por isso que houve ataques ao longo das nossas fronteiras? Estão à procura do material que nós usamos para potenciar as nossas guarnições? – pergunto. Não por acreditar nele, ou ainda não, mas porque ele não está a tentar convencer-me. *A verdade raramente precisa de esforço*, costumava dizer o meu pai.

O Xaden assente com a cabeça.

– O material é forjado e transformado em armas para lutar contra os venéficos. Toma, pega nisto.

Levanta o braço direito e pega num punhal com o cabo preto que tem na bainha da ilharga. Estou brutalmente ciente de cada movimento, assustadoramente ciente de que ele teve a possibilidade de me matar sempre que lhe apetecesse e este momento não é diferente. Embora fosse uma morte mais rápida se se limitasse a usar uma das espadas que tem atadas às costas. O Xaden movimenta-se devagar e estende-me o punhal em oferta.

Pego nele e reparo na lâmina afiada, mas é a liga encrustada no cabo marcado com runas que me tira o fôlego.

– Tiraste isto da secretária da minha mãe? – O meu olhar salta ao encontro do dele.

– Não. Provavelmente, a tua mãe tem uma pela mesma razão que tu deverias ter. Para se defender dos venéficos. – Há tanta pena nos olhos dele que sinto um aperto no peito.

O punhal. Os ataques. Está tudo aqui.

– Mas tu disseste que não havia hipóteses de virmos a lutar com algo assim – sussurro, a agarrar-me ao que me resta de esperança de que isto seja uma piada de muito mau gosto.

– Não. – Ele aproxima-se e estende-me a mão antes de a baixar como se tivesse chegado à conclusão que era melhor não. – Eu disse-te que esperava que se esta ameaça existisse a nossa chefia nos avisaria.

– Manipulaste a verdade para ir ao encontro das tuas necessidades. – A minha mão enrola-se à volta do cabo do punhal e sinto-o a vibrar de poder. Os venéficos existem. Os. Venéficos. Existem.

– Sim. E poderia mentir-te, Violência, mas não o estou a fazer. Independentemente do que penses neste momento, *nunca* te menti.

Sim. Claro.

– E como é que eu sei que esta é a verdade?

– Porque dói pensar que somos o tipo de reino que faria uma coisa destas. Dói termos de repensar tudo aquilo que pensamos que sabemos. As mentiras são reconfortantes. A verdade é dolorosa.

Sinto a vibração de poder dentro da faca e olho para o Xaden com uma expressão furiosa.

– Podias ter-me contado isto em qualquer momento, mas decidiste esconder-me *tudo*.

Ele estremece.

– Sim. Deveria ter-te contado tudo há meses, mas não podia. Estou a arriscar *tudo* ao contar-to agora…

– Porque tens de o fazer, não porque queres…

– Porque se o teu *melhor amigo* vir esta memória, vai tudo por água abaixo – interrompe ele e eu solto um resfôlego.

– Não sabes se isso é verdade…

– O Dain não seria capaz de violar uma lei para te salvar a vida, Violet. O que achas que ele faria se tivesse conhecimento disto?

O que é que o Dain *faria*?

– Tenho de acreditar que ele não poria o Códice acima das pessoas a sofrer para lá das nossas fronteiras. Ou talvez eu pudesse ter construído escudos para evitar que o Dain espreitasse. Ou talvez ele continuasse a respeitar as minhas fronteiras e nunca chegasse sequer a tentar espiar-me. – Semicerro os olhos. – Mas nunca vamos saber, pois não? Porque tu não achaste que eu saberia decidir qual seria a melhor coisa a fazer, pois não, Xaden?

Ele abre os braços.

– Isto é muito maior do que tu e eu, Violência. E a chefia não vai olhar a meios para garantir que se mantém atrás das guarnições e que guarda o segredo dos venéficos. – A voz dele é áspera e de súplica. – Eu vi o meu pai ser executado por ter tentado ajudar aquela gente. Não te podia arriscar a ti também. – Inclina-se sobre o meu espaço um pouco mais a cada palavra, mas eu estou farta de deixar o coração tomar as decisões que têm de ser tomadas com a cabeça. – Tu amas-me e…

– Amava – corrijo-o, antes de dar um passo para o lado para ter algum *espaço* e aproveitá-lo.

– Amas! – grita ele, detendo-me e provocando um olhar de soslaio de todos os cavaleiros que nos ouviram. – Tu *amas-me*.

Uma daquelas pequenas brasas no meu peito tenta reacender-se e esmago-a antes de ter a oportunidade de arder.

Devagar, viro-me para olhar para ele.

– Tudo o que eu sinto… – Engulo em seco, numa tentativa de me agarrar à raiva e não me deixar desmoronar. – *Sentia* por ti baseava-se em segredos e

enganos. – Sinto as faces a arder de vergonha por ter chegado a ser suficientemente ingénua para me apaixonar por ele.

– Tudo o que existe entre nós é real, Violência. – A intensidade com que o diz deixa-me o coração ainda mais condoído. – O resto, poderei explicar-to com tempo suficiente. Mas, antes de chegarmos ao posto avançado para o qual nos destacaram, preciso de saber se acreditas em mim.

Eu relanceio para o punhal e ouço as palavras da carta do meu pai tão claramente como se mas tivesse dito. *Eu sei que vais tomar a decisão certa quando chegar o momento.* Ele avisou-me da única maneira que podia: através dos livros.

– Sim – digo, devolvendo-lhe o punhal. – Eu acredito em ti. Mas isso não significa que ainda confie em ti.

– Fica com ele. – A postura dele distende-se em alívio.

Embainho-o junto à coxa.

– Estás a dar-me uma arma depois de me teres dito que me andas a enganar há meses, Riorson?

– Completamente. Eu tenho outra e, se o que os voadores dizem for verdade e os venéficos se estiverem a dirigir para norte, pode ser que venhas a precisar dela. Nunca te menti quando disse que não podia viver sem ti, Violência. – Recua ligeiramente e os lábios dobram-se num sorriso triste. – E nunca gostei muito de mulheres indefesas, se bem te lembras.

Estou muito longe de estar preparada para lhe responder às piadas.

– Vamos mas é para Athebyne.

Ele assente com a cabeça e, alguns minutos depois, estamos no ar.

– *Nós sabemos que não te mentimos. Só não te contámos a verdade toda* – diz a Andarna, a voar na bolsa de ar atrás do Tairn para ter menos resistência ao vento quando nos dirigimos para o posto avançado.

– *Isso é mentir por omissão* – aponto. Tem acontecido muito por aqui hoje.

– *Ela tem razão, Dourada.* – Todo o corpo e até o bater das asas do Tairn irradiam tensão. – *Tens todo o direito de estar zangada.* – Ele guina e segue a cadeia montanhosa ao longo da fronteira. As correias na minha sela fincam-se-me nas coxas. – *Nós decidimos proteger-te… sem o teu consentimento. Foi um erro e não vamos voltar a cometê-lo.* – A culpa que ele sente sobrepõe-se às minhas próprias emoções e ameniza-se o fervor da raiva, o que me faz começar a pensar.

Pensar verdadeiramente, pensar a sério.

Se os venéficos existem, teríamos algum registo. No entanto, não havia nenhuma cópia do *As Lendas dos Baldios* nos Arquivos: o local onde Navarre deveria ter uma cópia de todos os livros escritos ou transcritos nos últimos 400 anos, o que significa que o pai não me deu apenas um livro raro… deu-me um livro proibido.

Quatrocentos anos de tomos e nem um único…

Quatrocentos anos. Mas a nossa história tem seiscentos. Todos os livros são cópias de obras anteriores. O único texto original nos Arquivos com mais de quatrocentos anos – que foi mais ou menos a altura em que entrámos em guerra com Poromiel – são os pergaminhos originais da Unificação que datam de há mais de seiscentos anos.

Basta uma geração desesperada para mudar a história… ou até para a apagar.

Deuses, o meu pai deixou-me a papinha toda feita. Ele sempre me disse que os copistas tinham todo o poder.

– *Sim* – diz o Tairn quando contornamos o último pico, cujo cimo escarpado não tem neve devido ao calor do verão, e vemos o posto avançado de Athebyne na vertente da montanha ao mesmo tempo que os Penhascos de Dralor. – *Uma geração para alterar o texto. Uma geração escolhe ensinar esse texto. A geração seguinte cresce e a mentira transforma-se em história.*

O Tairn guina para a esquerda, seguindo a curva da montanha, depois abranda quando nos aproximamos do campo de voo do posto avançado.

As minhas mãos agarram-se aos arções quando pousamos à frente de uma enorme estrutura alcandorada na vertente do último pico da montanha. O desenho é idêntico ao de Montserrat, uma fortaleza quadrada simples com quatro torres e muralhas quase sem grossura suficiente para um dragão se lançar aos ares. A farda faz o militar.

Eu desaperto as correias que me prendem à sela e deslizo pela perna dianteira do Tairn.

– E a ideia é que nos concentremos nos Jogos de Guerra – murmuro a ajustar o meu saco nos ombros enquanto penso num posto comercial que pode ou não estar sob ataque de criaturas míticas em breve.

Os outros desmontam dos respetivos dragões e eu vejo a Andarna já enrolada entre os pés do Tairn.

O Xaden caminha ao lado do Garrick, a olhar para mim com o que parece ser desejo. Dei-lhe tudo e ele nunca me deixou entrar verdadeiramente. A dor alastra-se no meu peito com o tipo de contundência que só o desgosto amoroso pode dar: incisiva e penetrante. Imagino que esta seja a sensação de ser cortada ao meio por uma lâmina embotada e cheia de ferrugem. Não está suficientemente afiada para cortar rapidamente e há cem por cento de probabilidades de vir a inflamar. Se não puder confiar nele, não temos futuro.

O clima é mais do que tenso quando nós os dez passamos pelo portão fortificado aberto e entramos no posto avançado. O posto avançado muito *vazio*.

– Que raio? – O Garrick caminha a passo largo pelo pátio no centro da estrutura, a olhar para os diferentes compartimentos que deveriam estar ocupados como em Montserrat.

– Para – ordena o Xaden, a examinar as muralhas que se elevam a toda a nossa volta. – Não há ninguém aqui. Dividam-se e pesquisem. – Olha para mim. – Tu não sais do meu lado. Não me parece que isto seja um Jogo de Guerra.

Começo a argumentar que ele nunca poderia saber se era assim, mas a rajada de vento que passa pelo portão aberto faz-me parar. Os únicos sons numa fortaleza que deveria albergar mais do que duzentas pessoas são os nossos passos no chão rochoso. E ele tem razão. Parece que nada bate certo.

– Fantástico – respondo com mais do que uma pequena dose de sarcasmo e toda a gente menos o Liam, que voltou a ser a minha sombra, se dispersa em grupos de dois ou três e começa a subir as diferentes escadas.

– Por aqui – diz o Xaden, a ir diretamente para a torre sudoeste. Subimos e subimos até que chegamos ao quarto andar, onde a porta nos conduz para um ponto de observação de onde se vê o todo o vale, incluindo o posto comercial de Poromiel.

– Este é um dos redutos mais estratégicos de que dispomos – digo, à procura de algum sinal da infantaria e dos cavaleiros que deveriam cá estar. – Nunca o abandonariam para os Jogos de Guerra.

– É exatamente isso que eu receio. – O Xaden olha para o vale e depois entrefecha os olhos no posto comercial 300 metros mais abaixo. – Liam.

– Já vou tratar disso. – O Liam avança alguns passos e debruça-se sobre a muralha de pedra para se focar nas estruturas à distância. O posto comercial fica a cerca de vinte minutos a pé pelo caminho largo de gravilha que serpenteia a

montanha onde o nosso posto está pousado. Veem-se os telhados de vários edifícios a espreitar acima da muralha de pedra circular da fortificação e um grupo de grifos e respetivos voadores a aproximar-se do sul.

O Xaden vira-se para mim e a expressão que tem nos olhos é tudo menos acolhedora.

– O que é que o Dain te disse antes de nos virmos embora? Ele inclinou-se ao teu ouvido e sussurrou-te alguma coisa.

Pestanejo a tentar lembrar-me.

– Ele disse algo como… – Procuro na memória. – Vou ter saudades tuas, Violet.

O corpo dele retesa-se.

– E disse que eu ia ser a tua morte.

– Sim, mas ele diz sempre isso. – Encolho os ombros. – O que é que o Dain poderia ter que ver com o esvaziamento deste posto inteiro?

– Encontrei alguma coisa! – grita o Garrick da torre sudeste, com o que parece ser um envelope nas mãos, antes de atravessar o baluarte grosso com a Imogen para vir ter connosco.

– Contaste-lhe das viagens que eu fiz para aqui? – pergunta o Xaden, com os olhos mais severos.

– Não! – Abano a cabeça. – Ao contrário de certas pessoas, eu nunca te escondi *nada*.

Ele recua, a olhar para a esquerda e para a direita enquanto pensa antes de se acalmar e voltar a colocar-me os olhos, agora arregalados, em cima.

– Violência – diz em voz baixa –, o Aetos tocou-te depois de eu te falar de Athebyne?

– O quê? – Franzo o sobrolho e afasto alguns fios de cabelo errantes que o vento me atirou para a frente do rosto.

– Assim? – Levanta a mão e pousa-a na minha bochecha. – O poder dele exige que toque no rosto de alguém. Ele tocou-te assim?

Os meus lábios entreabrem-se.

– Sim, mas ele toca-me sempre assim. Ele nunca i-ria… – Balbucio. – Eu saberia se ele me tivesse lido as memórias.

O rosto do Xaden perde expressão e as mãos deslizam e entrefecham-se na parte de trás do meu pescoço.

– Não, Violência. Acredita que não saberias. – O tom não tem nada de acusatório, apenas uma resignação que deixa o que me resta do coração a doer.

– Ele não o faria. – Abano a cabeça. O Dain é muitas coisas, mas nunca me violaria dessa maneira, nunca pegaria em nada que eu não lhe tivesse oferecido. *Só que já tentou uma vez.*

– É para ti – diz o Garrick a entregar o envelope ao Xaden.

O Xaden tira a mão do meu pescoço e quebra o lacre. Eu consigo ver a mancha escrita quando ele abre a missiva.

Jogos de Guerra para Xaden Riorson, Chefe da Quarta Divisão.

Reconheço a letra. Como poderia deixar de a reconhecer se a vi a vida inteira?

– Isso é do coronel Aetos.

– O que é que diz? – pergunta o Garrick, a cruzar os braços à frente do peito. – Qual é a nossa missão?

– Pessoal, estou a ver alguma coisa logo depois do posto comercial – diz o Liam da muralha. – Oh, merda.

O rosto do Xaden perde toda a cor e ele esmaga a missiva no punho antes de olhar para mim.

– Diz que a nossa missão é sobrevivermos se formos capazes.

Oh, *deuses.* O Dain leu-me as memórias sem a minha autorização. Deve ter contado ao pai para onde é que eles andavam a escapar-se. Traí o Xaden sem saber… traí-os a todos sem saber.

– Isso não… – O Garrick abana a cabeça.

– Pessoal, isto é mau – grita o Liam, e a Imogen vai a correr para o lado dele.

– A culpa não é tua – diz-me o Xaden, antes de arrancar o olhar do meu e se virar para os amigos que estão a descer dos baluartes a correr para se juntarem a nós. – Fomos enviados para aqui para morrermos.

Porque lá, na terra além das sombras, havia monstros que viviam à noite
e se alimentavam das almas das crianças que se aventuravam para
demasiado perto da floresta.
– «O Grito da Serpe», *As Lendas dos Baldios*



CAPÍTULO XXXVI

O Xaden estende a missiva ao Garrick e eu e os outros vamos a correr para as muralhas para ver o que vamos ter de enfrentar, mas não consigo detetar nenhuma ameaça no vale nem na planície que se estende por quilómetros à frente dos Penhascos de Dralor.

– *Algo não está a bater certo* – diz o Tairn. – *Já o senti no lago, mas aqui a sensação é mais forte.*

– *Consegues perceber o que é?* – respondo com o pânico a provocar-me um nó na garganta. Se o pai do Dain sabe que o Xaden e os outros têm fornecido armas aos voadores de grifos, é bem possível que isto seja uma execução.

– *Vem do vale.*

– Não vejo merda nenhuma lá em baixo – diz o Bodhi a inclinar-se sobre a extremidade da alvenaria.

– Bem, eu vejo – responde o Liam –, e se aqueles são o que eu penso que são, estamos fodidos.

– Não me digas o que achas que são… diz-me o que tens a certeza – ordena o Xaden.

– A carta diz que isto é um teste ao teu comando – lê o chefe de pelotão atrás de nós. – Podes abandonar a aldeia do nosso inimigo ou abandonar o comando da divisão.

– O que raio quer isso dizer? – O Bodhi estende a mão para trás e pega na carta.

– Estão a testar a nossa lealdade sem o dizerem. – O Xaden cruza os braços à frente do peito e coloca-se ao meu lado. – De acordo com a missiva, se nos formos embora agora, chegaremos à nova localização da Quarta Divisão em Eltuval a tempo de cumprirmos as nossas ordens para os Jogos de Guerra, mas, se sairmos daqui, o posto comercial de Resson e os seus ocupantes serão destruídos.

– Pelo quê? – pergunta a Imogen.

– Por venéficos – responde o Liam.

O meu estômago embrulha-se.

– Tens a certeza? – pergunta o Xaden.

O Liam assente com a cabeça.

– Tenho toda a certeza que posso ter sem nunca os ter visto. São quatro. Capas roxas. Veias vermelhas dilatadas a raiar para todo o lado em volta de olhos vermelhos brilhantes. Sinistros como o raio.

– Sim, bate certo. – O Xaden transfere o peso de um pé para o outro.

– Gostava mais de quando nos limitávamos a entregar as armas – murmura o Bodhi.

– Oh, e um tipo com um bordão gigante como o raio – continua o Liam. – E, juro por Dunne, que num segundo a planície estava vazia e no segundo seguinte eles já estavam… lá, a caminhar em direção aos portões. – Tem os olhos arregalados, as pupilas dilatadas enquanto usa o sinete para ver o fundo do vale.

– Veias vermelhas? – pergunta a Imogen.

– Porque a magia lhes corrompe as veias à medida que vão perdendo as almas – murmuro a olhar para o Xaden e a perguntar-me se ele se lembra do que a Andarna disse na noite em que fomos para o campo de voo pelo túnel. «A natureza gosta que tudo esteja em equilíbrio.»

Todas as cabeças se viram para mim, exceto a do Liam.

– Pelo menos, se as lendas estiverem corretas. – Uma parte de mim espera que estejam, ou não saberei quase nada acerca do inimigo lá em baixo. Claro que se estiverem corretas…

– *Sete grifos pousaram junto a nós* – diz-me o Tairn.

Toda a gente fica tensa, sem dúvida por ter recebido a mesma mensagem dos respetivos dragões.

– *Andarna, fica com o Tairn* – digo. O Xaden pode confiar nos voadores, mas a Andarna é praticamente indefesa.

– *Está bem* – responde ela.

– O tipo com o bordão acabou de… – começa o Liam.

Ouve-se uma explosão, que ecoa pelo vale pouco coberto de árvores, seguida de uma nuvem de fumo azul. O meu coração sobressalta-se quando a vejo.

– Eram os portões – conclui o Liam.

– Quantas pessoas vivem em Resson? – pergunta o Bodhi.

– Mais de trezentas – responde a Imogen quando se ouve mais uma explosão a ribombar pelo vale. – É o posto comercial em que fazem as trocas comerciais anuais.

– Então vamos lá abaixo. – O Bodhi vira-se e o Xaden recua, a tapar-lhe o caminho com a mão esticada. – Estás a brincar comigo, não estás?

– Não fazemos ideia daquilo que nos espera. – O tom do Xaden faz-me lembrar do primeiro dia depois do Parapeito. Está em modo de controlo total.

– Então vamos só ficar aqui enquanto os civis morrem? – pergunta o Bodhi e eu fico mais tensa. Ficamos todos, a olhar para o Xaden.

– Não é isso o que eu estou a dizer. – O Xaden abana a cabeça. Tem de escolher. Foi o que a missiva dos Jogos de Guerra disse. Pode abandonar a aldeia ou o comando, que está à espera dele em Eltuval. – Esta merda não é um exercício de treino, Bodhi. Alguns de nós, se não todos, vão morrer se formos lá para baixo. Se tivéssemos sido destacados para uma divisão ativa, haveria uma chefia muito mais velha e mais experiente a tomar esta decisão, mas não é o caso. Se não estivéssemos marcados com relíquias da rebelião, se não estivéssemos a ajudar o inimigo – o olhar dele vira-se para o meu por um instante –, nem sequer estaríamos aqui com esta escolha. Por isso, esquecendo a estrutura de comando, o que é que vocês acham?

– Temos gente suficiente – diz a Soleil, a semicerrar os olhos castanhos virados para o campo e a tamborilar as unhas verdes brilhantes ritmadamente nas ameias da muralha. – E superioridade aérea.

– Pelo menos não há nenhuma serpe por perto. – Vasculho o céu só para ter a certeza.

– Hã. O quê? – O Bodhi levanta as sobrancelhas.

– Serpes. As lendas dizem que os venéficos as criaram para competir com os dragões e, em vez de canalizarem o poder que passa por elas, canalizam-lhes poder para elas. – Esperemos que haja alguma coisa no livro que não seja verdade.

– Sim, é melhor não irmos à procura de mais problemas. – O Xaden olha-me de soslaio e depois estuda o céu.

– Há quatro venéficos e nós somos dez – diz o Garrick, a afastar-se da beira da muralha.

– Temos armas para os matar – diz o Liam, a virar-se de costas para o vale. – E o Deigh disse-me que sete voadores de grifos…

– Estamos aqui – diz a morena mais velha do lago, a caminhar a passo largo pela muralha vinda do canto sudeste do posto. – Deixei o resto do grupo lá fora quando reparámos que o vosso posto avançado parece estar… abandonado. – Ela olha por cima do baluarte para as nuvens de fumo que sobem do vale com um olhar de resignação e os ombros caídos. – Não vos vou pedir para lutarem connosco.

– Não? – O Garrick levanta as sobrancelhas.

– Não. – Lança-lhe um sorriso triste. – Quatro venéficos é o equivalente à pena de morte. O resto do meu grupo está a fazer as pazes com os deuses. – Vira-se para o Xaden. – Vim dizer-te para te ires embora. Não fazes ideia do que eles são capazes de manipular. Bastaram dois para destruir uma cidade inteira no mês passado. *Dois. Apenas.* Perdemos dois grupos a tentar detê-los. Se estão quatro lá em baixo… – Abana a cabeça. – Estão à procura de alguma coisa e vão matar todas as pessoas de Resson para conseguirem encontrá-la. Pega no teu bando e vai-te embora enquanto podes.

O medo aperta-me o peito, mas fico com o coração a doer ao pensar em deixá-los à porta da morte. É contra tudo aquilo que representamos, mesmo que não se trate de civis de Navarre.

– Temos dragões – diz a Imogen, com o tom mais agudo. – Isso conta para alguma coisa, com certeza. Não temos medo de lutar.

– Têm medo de morrer? Algum de vocês já esteve em combate? – O olhar da morena passa por todos nós e, de repente, sinto-me… jovem ao respondermos com o nosso silêncio. – Bem me parecia. Sim, os vossos dragões contam para

alguma coisa. Podem levar-vos para bem longe daqui e rapidamente. O fogo dos dragões não os vai matar. Só os punhais que nos têm trazido, e nós temos alguns. – Olha para o Xaden. – Obrigada por tudo o que fizeram. Mantiveram-nos vivos estes últimos anos e deram-nos uma oportunidade de lutar.

– Vocês vão lá para baixo para morrer – diz o Xaden terminantemente.

– Sim. – Ela assente com a cabeça quando se ouve mais uma explosão. – Leva o teu bando para fora daqui. Depressa. – Depois de rodar sobre o calcanhar, volta a descer o baluarte a passo decidido com a cabeça bem levantada antes de desaparecer na torre do lado oposto.

O Xaden cerra o maxilar e eu consigo ver a indecisão que lhe arde nos olhos.

Sinto um peso insuportável no estômago.

Se nos formos embora, morrem todos. Todos os civis. Todos os voadores. Não seríamos nós a matá-los, mas não deixaríamos de ser cúmplices das mortes.

Se lutarmos, provavelmente morremos com eles.

Podemos viver como cobardes ou morrer como cavaleiros.

Os ombros do Xaden endireitam-se e a pedra que tenho no estômago transforma-se em enjoo. Tomou uma decisão. Vejo-o nos traços do rosto, na postura determinada.

– A Sgaeyl diz que nunca fugiu de uma luta e hoje não vai ser a primeira vez. E eu também não vou ficar parado a ver pessoas inocentes a morrer. – Abana a cabeça. – Mas não vou pedir a nenhum de vocês que se junte a mim. Sou responsável por *todos* vocês. Nenhum de vocês atravessou o parapeito porque *queria*. Nenhum. Atravessaram-no porque eu fiz um acordo. Fui eu que vos obriguei a ir para o quadrante, por isso não vou censurar nenhum de vocês que queira ir para Eltuval em vez de ficar aqui. Façam as vossas escolhas. – Passa a mão pelo cabelo. – *Não te quero em perigo.*

Num mundo perfeito, eu não precisaria de ouvir mais nada.

– *Se os outros podem fazer uma escolha, eu também posso.*

O maxilar dele lateja.

– Somos cavaleiros – diz a Imogen quando se ouve mais uma explosão. – Defendemos os indefesos. É essa a nossa função.

– Salvaste cada um de nós que aqui está, primo – diz o Bodhi. – E estamos-te gratos. Agora, gostaria de fazer aquilo para que treinámos e, se isso significar que

não volto para casa, é porque a minha alma será confiada a Malek. Seja como for, não me importava de ver a minha mãe.

– Vou dizer-te a mesma coisa que te disse depois da Debulha no nosso primeiro ano quando decidimos começar a fazer o contrabando das armas – diz o Garrick. – Mantiveste-nos vivos estes anos todos; nós decidimos como vamos morrer. Estou contigo.

– Exatamente! – diz a Soleil, a tamborilar com os dedos acima do punhal embainhado junto à coxa. – Conta comigo.

O Liam dá um passo em frente e fica ao meu lado.

– Nós vimos os nossos pais serem executados porque tiveram a coragem de fazer o que está certo. Gostaria de pensar que a minha morte seria igualmente honrada.

Sinto um aperto no peito. Os pais deles morreram para divulgar a verdade enquanto o meu sacrificou o meu irmão para manter este segredo hediondo.

– Apoiado. – A Imogen faz que sim com a cabeça.

Todos fazem o mesmo.

Um a um, todos concordam até só restar eu.

O Xaden rouba-me o olhar.

Se pensas que alguma vez vais convencer uma Sorrengail a arriscar o pescoço por alguém de fora das suas próprias fronteiras, és um idiota. Não foi isto que o voador disse no lago?

Ele que se foda.

– *Tairn?* – Não sou só eu a ir para a guerra.

– *Vamos lambuzar-nos com os ossos deles, Prateada.*

Demasiado descritivo, mas faz passar a mensagem.

Não vou deixar pessoas inocentes morrer, independentemente do lado da fronteira em que vivam. Não vou deixar que os meus colegas de esquadra arrisquem a vida enquanto eu fujo, apesar da súplica que vejo nos olhos do Xaden.

Pelo menos, a Rhiannon, o Sawyer e o Ridoc não estão aqui. Vão viver e chegar ao segundo ano.

A Mira vai compreender. Não tenho dúvidas de que faria a mesma coisa.

Quanto à minha mãe… o punhal que tem na secretária significa que conhece os factos e não fez nada para os impedir. Pelos vistos, vou ser o segundo filho que

ela sacrifica para manter a existência dos venéficos em segredo.

– Eu já fui indefesa – digo ao Xaden a levantar o queixo. – E agora sou uma cavaleira. Os cavaleiros combatem.

Os outros gritam em concordância.

Mil emoções perpassam-lhe pelo rosto, mas o Xaden limita-se a baixar a cabeça em aquiescência antes de se dirigir para as muralhas.

– Liam. Faz-me o relato.

O irmão de acolhimento do Xaden coloca-se ao lado dele e foca os olhos no vale.

– Os voadores estão a caminho: são sete… seis. Parece que estão a tentar afastar o fogo dos civis, mas, caramba, os venéficos estão a manipular um tipo de fogo que eu nunca vi entre os cavaleiros. Três cercaram a cidade e um está a entrar em direção a uma estrutura no meio. Uma torre com um relógio.

O Xaden assente com a cabeça e divide-nos de acordo com os objetivos. O Garrick e a Soleil vão fazer a revista do perímetro para reconhecimento enquanto os restantes vão atacar os venéficos nos vários flancos de Resson, sempre de olho nas movimentações na torre do relógio à medida que vamos avançando para a aldeia.

– A única maneira de os eliminar é com o punhal.

– Isso significa que vamos ter de desmontar e lutar depois de levarmos os habitantes para um lugar seguro que consigamos encontrar – acrescenta o Garrick, com o rosto carregado. – Não atirem a única arma se não estiverem certos de que atingem o alvo.

O Xaden assente com a cabeça.

– Salvem todas as pessoas que puderem. Vamos.

Descemos os degraus e atravessamos o pátio em silêncio com o Xaden à frente. Quando saímos do posto avançado, os nossos dragões estão à nossa espera, todos empoleirados na aresta da cumeada a agitarem as patas nervosos a olhar para o posto comercial no vale.

Vou diretamente para o caminho entre o Tairn e a Sgaeyl.

– *Eu sabia que ias fazer a escolha certa* – diz a Sgaeyl, a olhar para o lugar onde o Xaden se aproxima ao lado do Liam, com uma passada perigosamente próxima da vertente da colina à minha esquerda. – *Ele também sabia. Embora não goste de te colocar em perigo, ele sabia que ias fazer esta escolha.*

– *Bem, ele conhece-me bastante melhor do que eu a ele.* – Levanto uma sobrancelha a olhar para ela.

Ela pestaneja.

– *Estás muito longe da rapariga trémula do pátio a tentar disfarçar o medo depois do Parapeito. Estás aprovada.*

– *Não estava à procura da tua aprovação.* – Se vou morrer, posso muito bem ser sincera nos meus últimos momentos.

Ela bufa e acaricia a cabeça do Tairn com a dela, mas ele está unicamente focado no posto comercial.

O terreno rochoso estala sob as minhas botas quando passo por baixo do Tairn para ir ter com a Andarna, que está entre as pernas dianteiras do meu dragão a ver o ataque a desenrolar-se no vale. Coloco-me mesmo à frente dela, bloqueando-lhe a vista do que só pode ser uma chacina.

– *Fica aqui e esconde-te.* – Não vou levar uma criança para a batalha, ponto final.

– *Fica aqui* – resmunga ela com sarcasmo em resposta.

Contenho um sorriso triste. É realmente uma pena que eu não vá poder vê-la a passar aqueles anos de rebeldia adolescente.

– *Concordo.* – O Tairn baixa um ombro para eu subir. – *És um alvo, pequenita.*

– *Estou a falar a sério* – advirto a Andarna, a afagar-lhe o nariz escamudo. – *Se não estivermos de volta de manhã ou se achares que há venéficos a aproximar-se, voa para o Vale para regressares a casa. Põe-te atrás das guarnições custe o que custar.*

As narinas dela inflamam-se.

– *Não te vou deixar aqui.*

Sinto uma dor imensa no peito, mas faço um esforço para contrariar o impulso de esfregar a área acima do meu coração e, em vez disso, endireito os ombros. Tenho de o dizer.

– Vais sentir o momento em que sabes que não há nada para deixar aqui. E pode deixar-te o coração em pedaços, mas, quando o sentires, voa daqui para fora. Promete-me que fazes isso.

Passam alguns instantes até que a Andarna assente finalmente com a cabeça.

– Vai lá – sussurro, a afagar-lhe a bela mandíbula uma última vez. Ela vai ficar bem. Vai conseguir voltar ao Vale. Não posso permitir-me outro tipo de

pensamento.

Ela vira-se e dirige-se para o posto avançado, e eu recomponho-me e passo por entre as pernas do Tairn para dar uma última olhada para o vale. O Xaden e o Liam estão à minha direita a fazer o mesmo.

Ouve-se um guincho a trespassar o ar e um enorme dragão cinzento emerge do vale duas cumeadas mais a sul… vindo da fronteira de Poromiel. Tem as duas pernas encolhidas sob o corpo colossal e voa para longe de nós e diretamente para Resson.

– Temos algum bando por perto? – pergunta o Liam.

– Não – responde o Xaden.

É como se o chão sob os meus pés se movesse.

Seria capaz de jurar que vi um bando de dragões do outro lado da fronteira. Não foi isto o que a Mira disse em Montserrat?

O dragão volta a soltar um guincho agudo, e cospe um jorro de fogo azul sobre a vertente da montanha, incendiando algumas árvores menores antes de chegar à planície onda está o Resson. Fogo. Azul.

Não. Não. *Não.*

– Serpes. – O meu coração sobe-me à boca. – Xaden, tem duas pernas e não quatro. Não é um dragão, é uma serpe. – Talvez se eu o disser mais algumas vezes acredite no que estou a ver.

Meus. Deuses. É isto o que a chefia tem vindo a *censurar*?

Deviam ser um mito e não criaturas de carne e osso. Mas, pensando bem, os venéficos também.

– Bem, lá se foi a nossa superioridade aérea – diz a Imogen à nossa frente antes de encolher os ombros. – Eles que se fodam. Também podem morrer.

– *Eles criaram abominações* – diz o Tairn, com um ronco baixo a ressoar-lhe no peito.

– *Sabias?*

– *Desconfiava. Porque é que achas que eu tenho sido tão duro contigo durante as manobras de voo?*

– *Tu e eu vamos ter de trabalhar nas nossas competências de comunicação.*

– Parece que agora temos a informação toda – diz o Liam.

– Alguém quer mudar de ideias? – pergunta o Xaden para a fila de cavaleiros. Nenhum de nós responde.

– Não? Então montem.

Eu dirijo-me para o ombro do Tairn e o Xaden vem ao meu encontro.

– Vira-te, Violência – ordena-me e eu rodo e olho-o. Ele desembainha um dos punhais que tem no corpo e enfia-o no lugar vazio que tenho junto às costelas. – Agora tens dois.

– Não me vais dar um sermão para me convenceres a ficar no posto? – pergunto, com as emoções descontroladas pela proximidade dele. Escondeu-me isto tudo, mas o meu coração dói-me só de o olhar.

– Se eu te pedisse para ficares aqui, ficavas? – Os olhos dele cravam-se nos meus.

– Não.

– Exatamente. Eu tento não me meter em lutas que sei que não posso vencer.

Os meus olhos dilatam-se.

– Por falar em saber que vais vencer lutas, o general Melgren vai saber o que aconteceu aqui. Vai poder saber o resultado da batalha imediatamente.

Ele abana a cabeça devagar e aponta para o pescoço onde a relíquia da rebelião lhe serpenteia a garganta.

– Lembras-te de quando te disse que tinha percebido que era um dom, não uma maldição?

– Lembro. – Quando eu estava na cama dele.

– Acredita em mim… por causa disto, o Melgren não vê um caralho.

Os meus lábios entreabrem-se quando me lembro de que o Melgren disse que gostava de pôr os olhos em cima do Xaden uma vez por ano.

– Estás a esconder-me mais algum segredo.

– Estou. – Ele fecha a mão em concha no meu pescoço e inclina-se para o meu espaço. – Não morras e prometo que te conto tudo o que quiseres saber.

Esta simples confissão deixa-me o coração apertado. E, por mais zangada que esteja, não consigo imaginar um mundo sem ele.

– Preciso que sobrevivas a isto, mesmo que deteste o facto de ainda te amar.

– Posso viver com isso. – Um canto da boca dobra-se-lhe quando baixa a mão e me vira as costas para se dirigir para a Sgaeyl.

O Tairn volta a baixar o ombro e eu subo, instalo-me na sela e afivelo as correias nas coxas depois de prender o meu saco atrás do assento. Está na hora.

– *Procura um bom esconderijo, Andarna. Não consigo suportar a ideia de tu seres ferida.*

– *Ataca diretamente a garganta* – diz ela, a caminhar para o posto avançado abandonado.

A Sgaeyl lança-se ao ar à minha direita e eu agarro bem os arções quando o Tairn se faz ao céu a bater as asas pesadas e largas.

– *Há alguma coisa naquele posto comercial. Todos o sentimos* – diz o Tairn quando guina ao lado da Sgaeyl, e se lança da cumeada num voo picado acentuado, deixando o estômago ficar para trás. As correias da sela fincam-se nas minhas coxas, mas fazem o seu trabalho e mantêm-me no assento quando baixo os óculos de voo para proteger os olhos do vento. Voamos para a sombra, uma vez que o Sol está a cair atrás dos Penhascos de Dralor, que encobrem a tarde.

Ouve-se mais uma explosão, que, desta vez, elimina um trecho das muralhas altas do posto. O Tairn trava e por pouco não vai de encontro a um cavaleiro de grifos, antes de se endireitar e planar sobre o posto a uma altura demasiado elevada para eu poder ouvir algo além dos gritos dos habitantes a correr pelas ruas e a dirigir-se para os portões da fortificação para se evadirem.

– *Para onde foi a serpe?* – pergunto ao Tairn.

– *Refugiou-se no vale. Não te preocupes, vai voltar.*

Oh. Que alegria.

O meu olhar varre os telhados do pequeno posto até que o consigo ver. Há uma figura em cima de uma torre de madeira com relógio, com uma capa roxa a esvoaçar ao vento, a lançar chamas azuis como se fossem punhais para os civis mais abaixo.

É mais aterrador do que qualquer ilustrador o poderia ter desenhado, com rios de veias vermelhas a raiar em todas as direções em redor de olhos desalmados consumidos pela magia. Tem o rosto descarnado, com maçãs do rosto salientes e lábios finos, uma mão nodosa agarrada a uma bengala vermelha comprida feita de madeira deformada.

– *Tairn!*

– *Sim, vamos.* – O Tairn guina para longe da Sgaeyl, dando uma volta difícil de descrever que nos leva para dentro da aldeia. Ao fim de alguns adejos, o fogo jorra-lhe da boca e incendeia a torre em pleno voo.

– *Apanhaste-o!* – Viro-me na sela para ver a estrutura de madeira a cair entre labaredas. No entanto, ao fim de poucos segundos o venéfico sai do meio das chamas sem um arranhão. – *Oh, merda. Ele ainda está lá* – grito quando voltamos a atravessar o posto para irmos para a área para que fomos destacados e censuro-me mentalmente por pensar que poderia ser assim tão simples. Não é por acaso que estas criaturas são o objeto da maioria das histórias de terror dos navarreses. E não é por serem fáceis de matar. Temos de nos aproximar o suficiente para lhes acertarmos com um punhal.

Viro-me para a frente ainda a tempo de ver uma massa gigante de asas e dentes a atravessar-se no nosso caminho com um guincho ensurdecedor. A cauda do Tairn vai de encontro às muralhas atrás de mim e desmorona a alvenaria quando ele evita uma serpe. Escapamos por pouco à ondulação uivante de fogo azul que lhe sai da boca e incendeia uma árvore próxima.

– *A serpe voltou!*

– *Não é a mesma* – berra o Tairn. – *Estou a dar ordens aos outros.*

Claro que está. O Xaden pode comandar os cavaleiros no campo, mas é claro que quem comanda os dragões é o Tairn.

A serpe dá meia-volta e dirige-se para o centro da aldeia, encolhendo as duas pernas e batendo as asas em teia de aranha. Traz uma cavaleira em indumentária de voo avermelhada muito parecida com a nossa e os olhos têm o mesmo tom vermelho e sinistro dos do venéfico na torre do relógio.

– *Xaden, há mais do que uma serpe.*

Dá-se um minuto de silêncio, mas eu sinto a surpresa evidente do Xaden e depois a raiva.

– *Se ficares separada do Tairn, chama, depois luta até eu chegar.*

– *Isso não vai acontecer. Eu não a vou deixar sair do meu dorso, chefe de divisão* – rosna o Tairn quando consigo ver bem pela primeira vez o espaço aéreo em cima da cidade, inundado de dragões, grifos e serpes, tal como na lenda da criação.

– *A Soleil encontrou uma entrada selada para o que parece ser uma mina* – diz o Xaden. – *Preciso…*

O Tairn vira-se bruscamente e desvia-se para as montanhas.

– *… que vejas se podes dar alguma cobertura ao Garrick e ao Bodhi para que eles possam evacuar a população* – conclui. – *O Liam está a caminho.*

– *A caminho*. – Sinto a pulsação a aumentar descontroladamente. – *Tairn, não consigo apontar.*

– *Vais conseguir* – diz ele como se fosse uma conclusão evidente. – *Estão a ser distribuídas ordens para os grifos.*

– *Os dragões conseguem falar com grifos?* – As minhas sobrancelhas alçam-se.

– *Naturalmente. Como achas que comunicávamos antes de os humanos chegarem?*

Baixo-me sobre o pescoço do Tairn quando disparamos por cima da cidade e passamos por uma clínica, o que parece ser uma escola e filas e mais filas de um mercado ao ar livre que, neste momento, está a arder. Não há sinal do venéfico com capa roxa que vimos na torre quando passamos por cima do corpo engelhado de um grifo e do seu cavaleiro perto do centro da cidade. Sinto o estômago a dar voltas, sobretudo quando vejo uma serpe a dar a volta para ir ter com eles… e a Sgaeyl está num caminho cruzado.

– *Ela aguenta-se* – recorda-me o Tairn. – *E ele também. Temos ordens a cumprir. Concentra-te.*

Concentração. Certo.

Passamos por pessoas em fuga das casas arruinadas, depois por cima das muralhas da povoação a caminho da abertura ao lado da montanha onde o Cauda de Moca Castanho da Soleil brande a cauda de encontro a tábuas de madeira que tapam o túnel abandonado. Há alguns edifícios fora da muralha na beira do caminho, mas pouco mais.

O Tairn faz uma curva apertada para a esquerda ao chegarmos, e a correia finca-se nas minhas pernas quando o meu peso se sacode com o movimento abrupto. Depois abre as asas para pairar à frente da Soleil, olhando Resson e a multidão aos gritos que corre os cem metros que nos separam das muralhas, liderada por um par de grifos e respetivos voadores, sempre a olhar para trás a perscrutar os céus.

Mas o que eles não veem é a venéfica a caminhar a passo largo na nossa direção vinda do portão norte, fixando o movimento da multidão com os olhos semicerrados. As veias de ambos os lados dos olhos dela são mais pronunciadas do que as do cavaleiro que vi há pouco e a longa capa azul que traz vestida faz lembrar a do venéfico de bordão que sobreviveu ao fogo na torre do relógio.

– *Já avisei a Fuil. Ela protege a Soleil* – diz o Tairn, a inclinar-se na direção da ameaça.

– *Leva-nos para longe de multidão.* – Já sinto o poder a fervilhar-me sob a pele.

Uma criança tropeça no caminho de terra e o meu coração sobressalta-se antes de o pai a apanhar e continuar a corrida.

O Deigh passa e vejo-o a pousar pelo canto do olho. Depois, foco-me na venéfica, levanto os braços e deixo que o meu poder se liberte.

Vê-se o clarão de um relâmpago. Uma secção da cidade desmorona-se.

Foda-se.

– *Continua. O Deigh diz que precisam de mais tempo!* – incita-me o Tairn.

Cometo o erro de me virar na sela e vejo que tanto o Liam como a Soleil desceram dos dragões e estão a encaminhar as pessoas para a mina, enquanto o Deigh e a Fluil guardam lados diferentes do caminho de evacuação. Se acontecer alguma coisa – se uma daquelas serpes que rodeiam a cidade decidir olhar na direção deles – ficam vulneráveis. Mas as pessoas que eles estão a proteger também.

Um trio de grifos chega a voar, todos com pessoas da povoação penduradas nas presas e a largá-las à entrada da mina para voltarem para trás e trazerem mais.

A energia percorre-me o corpo quando aponto um raio à venéfica que acaba por desfazer um edifício de fora da muralha junto à vertente à nossa direita. As tábuas racham-se e a madeira voa quando o edifício cai por terra.

A atenção da venéfica centra-se de súbito mais acima e sinto um nó no estômago quando ela me vê. Com os olhos a brilhar de malvadez, estende a mão para a frente e vira-a para dar um murro no ar.

Começam a cair rochas pela montanha abaixo.

A Soleil levanta as mãos e trava o deslizamento de pedras antes de esmagarem as pessoas que estão a correr para a mina mais abaixo. Tem os braços a tremer, mas as rochas caem para ambos os lados do caminho de evacuação e deixam o trajeto livre.

Eu volto-me de novo para a venéfica e suspiro.

Sente-se um poder bruto no ar que me levanta os pelos dos braços quando a venéfica se ergue, mas mantém as palmas das mãos no chão. A erva à volta dela

faz-se castanha, depois as flores do trevo silvestre murcham e as folhas enrolam-se e perdem toda a cor.

– *Tairn ela está…*

– *A canalizar* – rosna ele.

Lanço mais um raio de energia à medida que o terreno perde o viço em redor da venéfica, como se ela estivesse a drenar a própria essência da terra, mas cai demasiado perto do caminho e do retardatário a correr para lugar seguro para me deixar confortável.

– *Cuidado. O Deigh diz que o edifício do outro lado do caminho tem uma caixa com algo marcado com o brasão da família do Liam* – diz-me o Tairn quando lanço mais um raio que cai muito longe da venéfica. – *Ele diz que é altamente… instável* – conclui, a parar para me transmitir a informação.

– *Não estou preocupada com o edifício* – respondo enquanto o círculo de morte se expande debaixo das asas adejantes do Tairn e eu vou buscar mais poder ao meu dragão para me preparar para voltar a atacar.

A Soleil investe em direção à venéfica com a Fluil no seu encalço, o punhal em riste quando o resto do grupo de habitantes da aldeia chega ao túnel.

Tudo isto vale a pena se eles sobreviverem.

A onda de morte da venéfica continua a irradiar, aumentando o raio e apanhando o civil em fuga no meio do caminho. Ele cai, depois solta um grito mudo e enrosca-se até o corpo se transformar em não mais do que uma casca fina.

O ar congela-me os pulmões e o meu coração vacila. A venéfica acabou de…

– Soleil! – grito, mas já é tarde de mais. A cavaleira cambaleia durante alguns passos na zona de morte, e o dragão dela tenta alcançá-la, mas ambos acabam por se dobrar e cair, levantando-se uma nuvem de poeira com o impacto do corpo pesado da Fluil no chão.

Secam completamente em poucos segundos e os corpos ficam enrugados. Sinto que um torno me aperta o peito e, por um segundo, não consigo respirar. A venéfica tem ainda mais poder neste momento.

– *Diz ao Deigh!* – Olho por cima do ombro e vejo o Liam a correr em direção ao Deigh. Precisa de tempo.

– *Já disse.* – O Tairn rola para a esquerda quando vê uma bola de fogo a vir na nossa direção. É apenas a primeira de uma salva que nos obriga a recuar para o

outro lado do caminho.

– *Perdemos a Soleil* – digo ao Xaden.

A única resposta é uma onda de pesar, que eu sei que é dele.

Os grifos levantam voo e os cavaleiros que levam no dorso manipulam o que parece ser magia menor quando se aproximam duas serpes, ambas sem nenhum cavaleiro no dorso.

– *Diz-lhes para mudarem de tática. Não têm hipóteses se não puderem aproximar-se da venéfica* – digo ao Tairn.

Os grifos mudam de rumo e eu liberto o meu poder novamente e, desta vez, chego mais perto da venéfica. Ela fita-me furiosa e vira-se ao ouvir asas a bater.

O Garrick e os outros cavaleiros do terceiro ano estão a chegar. Ela está em inferioridade numérica e, caramba, espero que o perceba.

Os grifos juntam-se e investem sobre uma serpe que se aproxima ao mesmo tempo que o Liam monta e o Deigh se lança para o ar, escapando ao anel de morte que se expande, mas a outra serpe mergulha e segue em direção à venéfica.

Pela trajetória que está a seguir vai passar junto ao edifício a que o Liam aludiu.

– *Disseste que aquele edifício tinha material instável, não foi?* – pergunto.

– *Disse.*

Não tenho a certeza de que o vá atingir, mas…

– *Excelente ideia.*

O Tairn coloca-nos em posição, a pairar a cerca de seis metros do chão quando o Liam voa em direção aos grifos que estão acima de nós, a manipular lanças de gelo contra a garganta magoada da serpe. O sangue jorra quando a serpe cai do céu com um guincho ensurdecedor.

Uma já está.

A venéfica chega ao caminho e a serpe pousa a travar com as patas no chão na terra para ela poder montar.

– *Agora!* – grito.

O Tairn inspira e emana fogo puro quando a serpe se lança ao ar, incendiando o edifício e ateando fogo a tudo o que está no interior. O calor abrasa-me o rosto e cresta-me a bochecha quando o edifício explode e engole tudo à sua volta.

O incêndio chega muito perto de nós, mas o Tairn guina para a esquerda e evita as chamas por muito pouco.

Eu grito e levanto o punho quando damos meia-volta, com o vento a aliviar o ardor que sinto na bochecha. Já abatemos uma serpe, evacuámos uma boa parte das pessoas e não é possível que alguma coisa tenha sobrevivido àquela explosão.

O Tairn baixa uma asa e viramos bruscamente, a prepararmo-nos para voltarmos a passar pela fortificação. Olho para a direita e solto um grito abafado. Não só aquela explosão não matou a serpe, como a cavaleira está viva e de boa saúde a voar em direção a…

Merda. Merda. *Merda.*

Há mais serpes do que dragões a sair do vale a sul e estou a esforçar-me por não entrar em pânico quando um fogo azul escaldante passa de jorro ao nosso lado. Rodo na sela e vejo uma serpe atrás de nós, a aproximar-se rapidamente ao contornarmos as muralhas do posto.

– *Fazes ideia de como poderemos matar tantas serpes?* – pergunto ao Tairn, a sentir o pânico a instalar-se no meu peito como uma âncora que ameaça puxar-me para o caos dos meus pensamentos.

Há pelo menos seis serpes, pelo que consigo ver, todas elas com uma envergadura aterradora e dentes afiados, e estão a dirigir-se para nós.

– *Os mesmos métodos que nos podem matar a nós* – diz o Tairn, levando a serpe para longe do centro do posto, onde o Garrick e o Bodhi estão a pé, a perseguir o venéfico da torre do relógio com os punhais em riste.

– *Não tenho um dardo cruzado aqui à mão assim de repente!*

– *Não, mas tens relâmpagos e a faísca de um fará parar o coração de qualquer dragão.*

– *Diz-me que avisaste os outros sobre a forma como a Soleil e a Fluil morreram.* – Qualquer pessoa que esteja a tocar no chão fica vulnerável.

– *Todos sabem os riscos que correm.*

Deuses, ainda há miúdos lá em baixo, uns a gritar, outros num silêncio desolador com as mães a arrastar os corpos das ruas.

Não há palavras.

– *Temos de os atrair para longe da povoação* – digo ao Xaden, a virar-me para trás na sela até ao ponto em que as faixas que me prendem as coxas me permitem para ter uma noção mais exata do espaço aéreo e das serpes, algumas das quais parecem ter abrandado para cercar os restos da torre do relógio.

– *O que eles querem deve estar lá* – diz o Tairn.

– *Concordo com ambos. Façam o que puderem para dar tempo para os outros evacuarem* – responde o Xaden. – *Estamos a desocupar a ponta da povoação neste momento.* – Cala-se e uma onda de preocupação inunda a nossa barreira emocional. – *Tentem não morrer.*

– *Estamos a trabalhar nisso.*

Uma serpe mergulha e volta imediatamente a subir com uma perna humana entre os dentes.

Nós damos meia-volta, e dirigimo-nos para sul pelo posto comercial, longe do centro da cidade e do que quer que o Bodhi e o Garrick estão a fazer.

– *Elas não estão a seguir-nos* – ronca o Tairn. – *Temos de as tirar de lá.*

– *Aquela venéfica parece não ter gostado quando eu manipulei relâmpagos.*

– *És uma ameaça.*

– *Então vamos chamar-lhes a atenção e ameaçá-los.*

O Tairn rosna em aprovação.

Eu abro as comportas do poder do Tairn e deixo-o agitar-se e erguer-se em vagas debaixo da minha pele.

Assim que chegamos ao exterior da muralha, levanto as mãos e deixo-o irromper para fora de mim.

Os relâmpagos rasgam o céu, o que nos vale a atenção da horda de serpes, uma das quais se desvia da trajetória de voo e plana na nossa direção, com as caudas com rebarbas venenosas a agitar-se atrás dela.

Talvez esta não tenha sido a melhor ideia.

– *Agora estamos empenhados nisto* – lembra-me o Tairn.

Certo.

Estão finalmente fora da muralha.

Convoco mais poder e manipulo-o com os braços a tremer com o esforço que preciso de fazer para controlar o dilúvio de energia bruta que me percorre o corpo. O primeiro relâmpago cai mais longe da serpe do que o que eu gostaria de admitir. O terror enche-me a boca com o sabor de cinza. Não estou preparada para isto.

– *Tenta de novo.*

– *Eu não tenho controlo suficiente…*

– *Tenta outra vez!* – ordena o Tairn.

Eu volto a manipular, derrubando as paredes entre mim e o Tairn e sinto ainda mais energia dele a percorrer-me o corpo. O relâmpago rasga o céu em tons escuros com um clarão tão brilhante que até pestanejo.

– *Outra vez!*

Deixo o poder apoderar-se de mim uma e outra vez, concentrando-me na localização da serpe enquanto o Tairn evita os jorros de fogo azul. Por fim, um relâmpago atinge uma serpe atrás de nós, fazendo-a cair dos céus. Acaba a embater na vertente da montanha com um estrondo recompensador.

– *E o venéfico a que está vinculada?* – Tremo com o esforço de controlar o poder e luto para impedir que se apodere de mim. O suor escorre-me pelo rosto.

– *Espero que sejam como nós. Se matares a serpe o cavaleiro morre, mas é difícil ter a certeza com tantas serpes sem cavaleiro.*

– *«Espero» não é a melhor palavra neste momento…* – Rodo na sela e vejo, aterrorizada, mais duas serpes sem cavaleiros a sair do vale. – *Os civis precisam de mais tempo para chegar à mina. Vamos tentar dar-lho.*

O Tairn rosna em concordância e precipitamo-nos de volta para o posto.

O Xaden tem uma serpe dominada pela garganta e está a estrangulá-la com as sombras enquanto um cavaleiro do terceiro ano lança gelo contra o venéfico e os outros quatro estão a fazer tudo o que podem para afastar os recém-chegados com uma combinação de fogo de dragão e magia.

O poder sacode-se dentro de mim em ondas sucessivas, cada uma mais escaldante do que a anterior à medida que manipulo mais relâmpagos do que alguma vez manipulei nos treinos. Faço um movimento de braço e aponto outro relâmpago a uma serpe que está a voar junto ao portão da frente… ou o que costumava ser o portão da frente. Não acerto na serpe, mas atinjo uma torre vazia numa explosão que projeta enormes pedras para todas as direções, uma das quais atinge a cauda de uma serpe e a faz dar uma cambalhota em pleno voo.

O Tairn volta a guinar e a fazer uma curva acentuada para virarmos para trás. Respiro fundo e convoco um relâmpago que atinge diretamente uma serpe no alto dorso, provocando uma crepitação muito satisfatória. A enorme criatura guincha e embate numa vertente próxima com um estrondo ribombante.

Voltamos para mais um assalto e, inebriada pelo meu recente golpe fatal, lanço mais três relâmpagos em rápida sucessão. Infelizmente, mais velocidade não significa mais precisão e a carga de adrenalina também não me está a ajudar a

mira. No entanto, consigo provocar mais três explosões alarmantes, uma das quais distrai uma serpe deveras grande que estava no encalço do dragão do Bodhi, dando-lhe um momento de vantagem. O dragão do Bodhi aproveita para guinar com força para a esquerda e aparecer atrás da serpe para lhe ferrar os dentes no pescoço cinzento coriáceo. Ouve-se um estalo ameaçador e de seguida o dragão do Bodhi liberta o corpo sem vida da serpe, deixando-a cair ao chão quinze metros mais abaixo.

– *À esquerda!* – grito quando aparecem mais duas serpes atrás de nós.

Deixo as manobras evasivas a cargo do Tairn e concentro-me em lançar o máximo de relâmpagos possível quando vejo as serpes a ganhar-nos em velocidade. Os meus braços tremem e tornam-se mais fracos a cada relâmpago que tento controlar para não atingir os nossos próprios cavaleiros.

A Sgaeyl está no lado oeste do posto avançado e o coração sobe-me devagar até à boca quando ela voa baixinho e o Xaden dá um impressionante salto em corrida do dorso do dragão e aterra com uma cambalhota na rua. Quase de imediato, aparecem sombras a espalhar-se em todas as direções e a cobrir as pessoas que correm aos gritos para se protegerem das mandíbulas rosnadoras de serpes famintas.

Uma das serpes que vem no nosso encalço deve ter reparado que o Xaden não está na sela, porque encolhe as asas por um momento e inicia um voo picado para o chão, para as abrir imediatamente e travar no último momento de modo a ficar a planar poucos metros acima das sombras sedosas. Merda. Está a dirigir-se para o Xaden, com as mandíbulas bem abertas como se estivesse a planear arrebanhá-lo se ele fosse um pequeno petisco.

– *Xaden!* – grito alto, mas ele já reparou na serpe e lança uma corda de sombras para muito acima dos edifícios num laço perfeito que envolve a cabeça da Sgaeyl, que o puxa para cima para o tirar do posto e do caminho da serpe que se aproximava. Num minuto, o Xaden está pendurado na corda de sombras e no minuto seguinte está de volta à sela quando a Sgaeyl guina para fazer mais um voo rasante pela aldeia.

Mas eu estava tão focada no Xaden que me esqueci completamente da serpe que vinha no meu encalço. No entanto, o Tairn não se esqueceu e começa a subir cada vez mais alto, levando a serpe para longe do posto à medida que ganha altitude, a uma velocidade tão rápida que me começa a deixar maldisposta.

– *Violência!* – grita o Xaden. – *Atrás de ti!*

Olho para baixo e solto um grito surdo. Um jorro de fogo azul ergue-se em vagas na nossa direção.

– *Guina!*

O Tairn gira para a esquerda e eu salto da sela, segura apenas pelas correias quando ele faz uma pirueta para evitar o sopro que passa a rasar. Mas quando o Tairn se endireita, a serpe ainda está atrás de nós. O coração salta-me para a garganta quando ela abre a boca e os dentes aguçados e sangrentos batem a tentar alcançar o Tairn.

– Não! – Levanto os braços para lançar um relâmpago na direção dela e preparo-me para o impacto.

De repente, uma mancha azul aparece entre nós e a serpe é derrubada pelo corpo de um dragão azul-marinho: a Sgaeyl. As mandíbulas do dragão do Xaden rasgam a ilharga da serpe em várias dentadas rápidas e brutais que lhe arrancam a carne e espalham sangue pelo ar na mais violenta refeição em voo que já vi. Depois a Sgaeyl dá uma cambalhota e apanha a serpe devorada pela cabeça com a cauda de punhal, atirando-lhe o corpo morto para várias dezenas de metros de distância antes de cair com estrondo no chão.

A Sgaeyl ganha velocidade, guina e passa junto a nós com a asa a planar sob a do Tairn de forma quase afetuosa, o que é um contraste absoluto com o olhar ameaçador que me parece ser dirigido com o sangue da serpe ainda a pingar das mandíbulas. Mensagem recebida. Ela tem a responsabilidade de olhar pelo Xaden, tal como eu tenho de olhar pelo Tairn.

Viro-me rapidamente na sela para procurar serpes a toda a volta e digo ao Tairn:

– *Vamos subir para poder perceber melhor o que estamos a enfrentar.*

Ainda mal atingimos uma altitude de 300 metros em relação à povoação quando vislumbro o Liam e o Deigh a voar a toda a velocidade na direção oposta com um venéfico montado numa serpe no seu encalço.

– *O Liam precisa de ajuda!* – apresso-me a explicar.

– *A caminho* – diz o Tairn, a fazer uma pirueta no ar. Ficamos pendurados no céu por um segundo antes de as enormes asas do meu dragão começarem a bater e a virar-nos para irmos imediatamente atrás do Liam.

O venéfico ergue uma espécie de bordão e atira bolas de chamas azuis contra o Deigh, mas ele consegue evitá-las a todas e o Liam levanta-se e começa a correr pela espinha do dragão em direção à sua cauda de punhal. No último segundo, o Deigh usa a cauda para lançar o Liam pelo ar em direção à serpe. Nem sequer tenho tempo de gritar antes de ele aterrar agachado na traseira da serpe e sacar um dos punhais com runas como os dois que o Xaden me deu.

O venéfico vira-se de repente, levanta o bordão, mas o Liam é brutalmente rápido e corta-lhe a garganta com uma precisão doentia. A serpe deixa de bater as asas em poucos segundos e o corpo pesado cai desamparado ao chão, não sem antes o Liam lhe saltar do dorso no exato momento em que o Deigh voa baixo e o apanha com facilidade.

Uma serpe voa na nossa direção vinda da esquerda, aproximando-se a bater as enormes asas.

– *Tairn!* – As minhas veias enchem-se de poder e eu levanto as mãos, mas o Tairn rola virando-me o mundo de pernas para o ar e passa com as garras e a cauda de chicote de armas pela serpe, da garganta à cauda, abrindo-a em pleno voo antes de voltar a endireitar-se quando vê a serpe a deixar um rasto sangrento no chão.

O furor que sinto na cabeça não resulta apenas das acrobacias do Tairn.

Pela primeira vez desde que concordámos tentar defender os civis neste posto comercial, desde que nos disseram que havia quatro venéficos e nenhuma forma de podermos vencer, um pouco do pânico que me aperta o peito começa a abrandar. Pode ser que consigamos sobreviver hoje. Pode ser.

É então que outra serpe desce de uma nuvem acima de nós a mergulhar em direção ao Tairn num voo picado com as asas recolhidas para ganhar uma velocidade que a transforma numa lança com ponta dentada.

Não temos tempo para manobras evasivas. A serpe está a poucos segundos de nos atingir, mas a minha visão tinge-se de vermelho porque o Deigh aparece e vai de encontro à enorme criatura cinzenta.

Não há tempo para suspiros de alívio, uma vez que a colisão atira o Liam para fora do dorso do Deigh. Em queda, passa pela base do pescoço do Tairn a uma velocidade vertiginosa.

– Violet!

– Liam! – Agarro-lhe as mãos desamparadas quando ele roça pelo corpo do Tairn e seguro-o, deixando escapar um grito de dor quando sinto os ombros a estalar numa subluxação devida ao esforço de lhe suster o peso, e o Tairn faz uma curva apertada para ir atrás do Deigh. – Segura-te!

Com um esgar, o Liam avança devagar a gatinhar com os cotovelos apesar de estar num ângulo impossível, e agarra os arções da minha sela. Atiro-me para cima dele, a abrigar-lhe a cabeça e a agarrá-lo com tudo o que tenho quando o Tairn rola e guina para se manter perto do Deigh e da enorme serpe cinzenta sem deixar de estar em segurança.

Engalfinhados em batalha a poucos metros de distância, as presas de um rasgam as escamas do outro entre dentes a estalar… e o Deigh solta um rugido catastrófico de dor. Estão demasiado envolvidos para eu poder intervir e não há garantia que vá atingir a serpe e não o Deigh com o meu relâmpago.

Não posso fazer nada a não ser segurar o Liam.

Pego no cinto que nunca uso, envolvo-o no tronco do Liam e afivelo-o.

– Isto deve chegar para te segurar até te podermos levar de volta ao Deigh, mas não posso manipular sem o atingir! – grito, com o vento a fustigar-nos os corpos.

A agonia nos olhos dele tira-me o fôlego.

– Porque é que fizeste isso? – grito, com os dedos à procura de aderência nas peles que ele tem vestidas para o poder puxar para mais perto de mim. Acabo por conseguir agarrar-lhe a gola e faço força. – Porque é que arriscaste tanto? – Deuses, se alguma coisa lhes acontece…

O olhar dele colide com o meu.

– Aquela coisa ia tirar um pedaço do Tairn. Tu salvaste-me a vida e agora é a minha vez. Independentemente do que penses de mim por manter segredos, nós somos amigos, Violet.

É impossível responder porque o Tairn volta a rolar, num movimento que levanta o corpo inteiro do Liam e faz com que a correia de pele lhe escorregue até debaixo dos braços. Eu fecho as mãos nas costas das peles de voo do meu amigo, mas não há muito a que me possa agarrar. Passam instantes e eu não consigo respirar, não consigo pensar além do desespero de manter o Liam a salvo, até que o Tairn volta a endireitar-se e tenta manter-se o mais próximo possível do Deigh sem colocar nenhum de nós em risco ao fazê-lo.

Mas depois o grito do Deigh quando os dois se agarram num mergulho compunge-me até ao osso.

– *Não consegues fazer nada?* – suplico ao Tairn.

– *Estou a tratar disso!* – O Tairn lança-se para a direita e mergulha para se colocar junto ao duelo em espiral descendente pronto a atacar. Deveríamos ser nós a lutar pela vida, não o Liam e o Deigh.

E, deuses, o Deigh está a perder, o que significa que o Liam…

A minha garganta contrai-se. *Não*. Não vai acontecer.

– *Vem para cá!* – grito para o Xaden. A energia crepita a passar-me pelas mãos, mas não tenho um alvo claro. Eles estão a mover-se depressa de mais.

– *Estou a perseguir o venéfico nas muralhas!* – responde ele.

– *O Deigh está a lutar pela vida!*

O instante de terror que me aperta o peito como um torno não é meu. É do Xaden.

– *Se eu sair daqui estes civis morrem todos!*

Estamos por nossa conta. Um olhar rápido para o campo diz-me que todos os outros dragões estão ocupados nas suas próprias batalhas.

A cauda do Tairn balança em direção aos quartos traseiros da serpe e volta cheia de sangue, mas o raio da criatura não larga o Deigh. As garras agitam-se e fincam-se ainda mais nas escamas vermelhas.

– Deigh! – O grito do Liam é bruto, a voz quebra-se no final.

O Tairn atira-se para a frente e abocanha o ombro da serpe até jorrar sangue, mas não é suficiente. Dá uma volta para conseguir atacar a serpe de um ângulo melhor e o esforço quase que arranca o Liam de cima dele, mas a correia segura-o.

À direita, aparece outra serpe a voar na nossa direção.

– *À direita!*

O Tairn roda o corpo de chofre e mais rapidamente do que eu alguma vez o senti e ferra os dentes na garganta da nossa ameaça, sacode-a como uma boneca e abre as mandíbulas para a deixar cair dezenas de metros até à vertente da montanha.

De seguida, volta a mergulhar num voo picado para alcançar o Deigh e a serpe que se aproximam do chão a uma velocidade alarmante.

O meu coração é tomado pelo terror, ominoso e pesado.

– *Estamos a caminho!* – diz o Xaden.

Mas vai chegar tarde de mais.

– Violet! – grita o Liam por cima do vento, e eu tiro a atenção da batalha sangrenta ao nosso lado enquanto continuamos a descer vertiginosamente. – Temos de eliminar os cavaleiros.

– Eu sei! – respondo. – É o que vamos fazer! – Ele só tem de se aguentar. Ele e o Deigh.

– Não, o que quero dizer é que isso…

O Tairn volta a lançar-se na direção da serpe e somos atirados para o lado quando ele lhe faz mais um buraco nas asas com os dentes e lhe rasga a cauda com as presas, mas a criatura não larga o Deigh, determinada a matá-lo. Tem as asas em pedaços, mas parece não se importar e mantém as garras cravadas no baixo-ventre do dragão do Liam, como se estivesse disposta a morrer para conseguir matar.

– Vai correr tudo bem – prometo ao Liam a sentir o vento a rasgar-me as bochechas. Tem de ficar tudo bem; por muito que o chão se aproxime a toda a velocidade e esteja mais perto a cada segundo que passa, tem… de ficar tudo bem e mais nada.

O Deigh volta a gritar, mas o som é mais fraco e mais agudo do que o anterior. É um clamor.

– *Temos de subir!* – avisa o Tairn.

– Ele está a morrer! – O Liam estica-se para o outro lado do dorso do Tairn, a tentar chegar ao seu dragão como se, dessa forma, conseguisse tocar no Cauda de Punhal Vermelho uma última vez.

– Aguenta só… – começo, mas o guincho do Deigh fecha-me a garganta e tolhe-me a fala. Está a ser esviscerado e nós não podemos fazer nada.

A serpe ruge em vitória um instante antes de embaterem na vertente da montanha com um estrondo de arrepiar. A serpe afasta-se a coxear sobre as pernas traseiras e as presas que lhe guarnecem as pontas das asas.

O Deigh não se mexe.

O grito bruto do Liam despedaça-me o coração e o Tairn abre as asas e guina de repente para nos salvar do mesmo destino macabro.

– DEIGH. – A dor do Tairn irrompe-me pelo corpo quando ele cospe um jorro de fogo sobre a serpe em fuga e o choro da Andarna inunda-me o espírito.

Não. Se o Deigh…

– *Ele está…?* – Não sou capaz de terminar a pergunta.

– *Já não está entre nós.* – O Tairn muda de rumo e precipita-se para a colina junto às muralhas da cidade onde o Deigh caiu.

Não. Não. *Não.* Isso significa…

– Liam! – Tento agarrar o meu amigo quando aterramos a grande velocidade e as garras do Tairn se fincam no chão para pararmos junto ao corpo do Deigh.

– *Temos poucos minutos* – avisa o Tairn.

– Deigh – sussurra o Liam, caído e sem energia no dorso do Tairn.

– Eu levo-te para o pé dele – prometo, já a tentar, desorientada, desapertar a fivela das correias. – *O Deigh morreu* – grito para o Xaden e a minha voz sai trémula e fraca. – *O Liam está a morrer.*

– *Não.* – Sinto o terror, a pena e a raiva incomensurável do Xaden a envolver-me a cabeça e a misturar-se com as minhas emoções até a respiração me começar a doer.

Minutos. Temos minutos.

– Aguenta – sussurro para o Liam, a fazer um esforço para não chorar quando ele olha para mim com aqueles olhos azul-celestes, arregalados de choque e de dor. Depois de tudo aquilo de que o Liam abdicou por mim, isto é o mínimo que posso fazer por ele. Posso levá-lo ao Deigh da mesma forma que sei que ele me carregaria ao encontro do Tairn ou da Andarna. O Tairn deita-se completamente, baixa o enorme corpo ao máximo e eu desaperto a correia que me prende as coxas. Depois coloco os braços em volta do corpo volumoso do Liam e deslizamos pela ilharga do Tairn, até batermos com os pés na vertente rochosa da montanha mais distante do posto comercial.

O Deigh está deitado a menos de dez metros de distância com o corpo dobrado num ângulo pouco natural.

Isto não é justo. Isto não está certo. O Deigh não. O… Liam não. São os mais fortes do nosso ano. São os melhores de nós todos.

– Não consigo – diz o Liam, a cambalear para a frente e a tropeçar.

Apresso-me a agarrá-lo quando ele está a cair, mas o peso é demasiado para mim, e ficamos ambos de joelhos.

– Nós conseguimos – digo com a garganta comprimida a tentar colocar-lhe o braço em cima dos meus ombros. Estamos tão perto.

Se aparecer um venéfico, tratarei dele.

– Não conseguimos. – Ele deixa-se cair em cima de mim e desliza pela minha ilharga abaixo. Volto a tombar de joelhos e a cabeça dele cai-me no colo quando o corpo perde todo o viço. – Não faz mal, Violet – diz ele, a olhar para mim, e eu puxo os óculos para cima da cabeça para o ver mais claramente.

O Liam está com dificuldades em respirar.

– Faz mal, sim senhora. – Quero gritar contra a injustiça disto tudo, mas isso não vai ajudar. Empurro-lhe os óculos de voo para a testa com as mãos a tremer e depois afasto-lhe o cabelo que cai sobre os óculos. – Nada disto está certo. Fica, por favor – suplico, com as lágrimas que não consigo conter a escorrer-me pelas bochechas. – Luta para ficares. Por favor, Liam. Luta para ficares.

– No Parapeito – O rosto dele contorce-se de dor. – Tens de tomar conta da minha irmã.

– Liam. não. – Sufoco ao tentar falar com as lágrimas que se me atravancam na garganta. – Tu vais estar lá. – Afago-lhe o cabelo. Ele está bem. Fisicamente, o Liam está em perfeitas condições e, mesmo assim, estou a vê-lo a definhar. – Tens de estar lá. – Ele tem de sorrir para a irmã de quem tem tantas saudades há tanto tempo e mostrar-lhe aquela covinha que o rosto dele faz. Tem de lhe dar a pilha de cartas que lhe escreveu. Ele *merece-o* depois de tudo o que passou.

Não pode morrer por mim.

– *Tairn* – clamo. – *Diz-me o que fazer.*

– *Não há nada que possas fazer, Prateada.*

– Ambos sabemos que isso não vai acontecer. Diz-me que vais tomar conta da Sloane, por favor – suplica ele, com os olhos à procura dos meus com a respiração cada vez mais entrecortada. – Promete-me.

–Prometo – sussurro, a pegar-lhe na mão e a apertá-la, sem me preocupar em limpar as lágrimas que me escorrem dos olhos. – Eu vou tomar conta da Sloane. – O Liam está a morrer e eu não posso fazer nada. Ninguém pode fazer nada. Como raio é que todo este poder pode ser tão *inútil*?

A pulsação sob o meu polegar abranda.

– Ainda bem. Ainda bem. – Ele esboça um sorriso fraco e a covinha faz uma aparição tímida antes de a expressão esmorecer. – E eu sei que te sentes traída, mas o Xaden precisa de ti. E não estou a dizer apenas viva, Violet. Ele precisa de *ti.* Ouve-me bem, por favor.

– Está bem. – Assinto com a cabeça e tento forçar um sorriso molhado. Ele poderia pedir qualquer coisa neste momento e eu dar-lha-ia. – Obrigada, Liam. Obrigada por seres a minha sombra. Obrigada por seres meu amigo. – A minha visão turva-se e as lágrimas caem com mais insistência.

– Foi. Uma. Honra. – O peito do Liam sacode-se com os pulmões em dificuldades.

Uma rajada de vento sopra-me os cabelos soltos da trança para a frente da cara novamente. Segundos depois, sinto o Xaden a correr na nossa direção e uma torrente de emoções a sobrepor-se às minhas.

– Não, Liam – diz o Xaden com a voz embargada a agachar-se à nossa frente, com os músculos do rosto a esforçar-se para controlar a expressão, mas é impossível esconder o desespero que inunda a nossa conexão mental.

– Deigh – implora o Liam num sussurro sufocado, a virar a cabeça para o Xaden.

– Eu sei, mano. – O maxilar do Xaden lateja e os nossos olhares cruzam-se acima do Liam, apesar de eu ter os olhos imersos em lágrimas. – Eu sei. – Inclina-se para a frente e levanta o Liam com os braços, depois põe-se a pé e carrega-o. – Eu levo-te.

O Xaden caminha devagar no terreno de cascalho em direção ao corpo do Deigh, a dizer coisas que não consigo ouvir de onde estou ajoelhada. As rochas furam o tecido de pele e cravam-se nos meus joelhos quando o vejo a despedir-se do irmão de acolhimento.

O Xaden baixa o Liam, sentando-o contra o ombro imaculado do Deigh, depois ajoelha-se ao lado dele a fazer que sim devagar com a cabeça em resposta a alguma coisa que o Liam lhe disse.

O grito de uma serpe rasga o ar acima de nós e eu olho para cima de forma instintiva.

Vejo uma nuvem de asas cinzentas a bater na nossa direção vinda da zona mais alta do vale. Serpes. Dezenas e *dezenas* de serpes.

– *Olhem lá para o fundo do vale!*

A cabeça do Liam gira devagar quando ambos respondem ao meu alerta.

O Xaden baixa a cabeça e a minha respiração para quando vejo sombras a esfumar-se à volta dele, como uma explosão de ameaça ou dor.

Segundos depois, o grito surdo e angustiado que ele dá enche-me a cabeça com tal intensidade, que o meu coração se estilhaça como vidro a bater no chão de pedra.

Não preciso de perguntar. O Liam morreu.

O Liam, que nunca se queixou de ser a minha sombra, que nunca pensou duas vezes antes de ajudar, que nunca se gabava de ser o melhor do nosso ano. Morreu a proteger-me. Oh, deuses, ainda há uma hora lhe perguntei se alguma vez tínhamos sido amigos de verdade.

Bastou uma daquelas criaturas para matar o meu amigo; o que diabo podem *aquelas* todas conseguir?

Uma serpe coberta de sangue mergulha na nossa direção e o Tairn abre a asa por cima de mim. Ouço o som dos dentes dele a bater e um guincho agudo antes de recolher a asa.

– *Somos alvos no chão* – diz o Tairn quando a serpe voa para longe.

– Então vamos ser os caçadores. – Ponho-me a pé, cambaleante, a tempo de ver o Xaden a correr na minha direção.

– Violência! – O Xaden agarra-me os ombros e eu vejo-lhe a determinação nas feições. – O Liam disse-me para te dizer que há dois cavaleiros naquela horda.

– Porque é que ele haveria de me dizer e não… – Sinto que tenho uma bigorna no peito.

– Porque ele sabia que tinha de ser eu a empatar as serpes o máximo de tempo possível. – Ele estuda-me o rosto como se nunca mais o fosse ver.

– E eu sou a única que as pode matar a todas. – Manipular o meu poder tantas vezes vai matar-me, mas sou a nossa melhor hipótese. A melhor hipótese que *ele* tem de sobreviver.

– Tu consegues matá-los. – Puxa-me para junto dele e beija-me a testa. – Eu não existo sem ti – diz de encontro à minha pele.

Antes de eu poder reagir, vira-se para o vale e levanta os braços para erguer um muro de sombras que consome o espaço entre as cumeadas. – *Vai! Vou dar-te todo o tempo que conseguir!*

Todos os segundos contam e estes deverão ser os últimos que eu tenho… que *nós* temos.

Num primeiro momento, olho por cima do ombro, para trás do Tairn, e vejo as ruínas flamejantes do posto comercial. Os habitantes saem a correr das

muralhas, a fugir das serpes que as cercam mais acima. O meu estômago embrulha-se em face do nosso fracasso: não fomos capazes de evacuar todos os civis.

Num segundo momento, sorvo o ar cheio de fumo com sofreguidão e vejo um grifo solitário a voar por cima da bruma, seguido pelo Garrick e pela Imogen montados nos respetivos dragões, e não posso fazer mais do que esperar que os outros ainda estejam vivos.

Num terceiro momento, viro-me para os corpos inanimados do Liam e do Deigh e a raiva inunda-me as veias mais rapidamente do que qualquer relâmpago que já tenha manipulado. A horda de serpes atrás do muro do Xaden irá eviscerar o Tairn e a Sgaeyl como fizeram com o Deigh.

E o *Xaden*… por muito forte que seja, o Xaden não os vai conseguir conter para sempre. Já tem os braços a tremer com o esforço que está a fazer para controlar tanto poder. Será o primeiro a morrer se eu não for exatamente o que ele me chamou debaixo daquela árvore há tantos meses. *Violência.*

Há dezenas de serpes e eu sou só uma.

Tenho de ser tão estratega como o Brennan e tão confiante como a Mira.

Passei o último ano a tentar provar a mim própria que não tenho nada que ver com a minha mãe. Não sou fria. Não sou insensível. Mas talvez haja uma parte de mim que é mais como ela do que eu gosto de admitir.

Porque, neste momento, aqui ao lado do corpo morto do meu amigo e do seu dragão, a única coisa que eu quero é mostrar a estes cabrões exatamente até que ponto posso ser violenta.

Puxo os óculos para baixo quando me viro para o ombro do Tairn e monto-o imediatamente. Não preciso de lhe pedir para se lançar aos ares quando as nossas emoções estão tão alinhadas como estão neste momento. Queremos exatamente a mesma coisa. Vingança.

Afivelo as correias que me prendem as coxas quando o Tairn se projeta para cima, descolando a bater as enormes asas com vigor. A serpe coberta de sangue voltou para trás e o Tairn voa diretamente para ela. Não me interessa sequer se é a mesma que matou os nossos amigos. Vão morrer todas.

Assim que nos aproximamos, estendo as mãos, e liberto todo o meu poder com um grito gutural. O relâmpago atinge a serpe na primeira tentativa e deixa

o monstro a cair desamparadamente até embater no chão junto à muralha da aldeia.

Mas nunca chego a ver a que nos vem atacar da esquerda.

E só sinto o ronco de dor do Tairn.

Mas foi o terceiro irmão, que dominou o céu para lhe resgat o seu maior poder, que finalmente subjugou o irmão ciumento a grande e horrível custo.
– «A Origem», *As Lendas dos Baldios*



CAPÍTULO XXXVII

Rodo de chofre na sela e vejo uma venéfica – a que matou a Soleil, com veias dilatadas a espalhar-se como ramos a partir dos olhos vermelhos – a agarrar a espada que enfiou entre as escamas de trás das asas do Tairn.

– *Está uma venéfica no teu dorso!* – grito para o Tairn quando a venéfica lança uma bola de fogo em direção à minha cabeça. Passa tão perto que sinto o calor a crestar-me o pescoço.

O Tairn gira e começa a subir num voo estonteante que me atira todo o peso de volta para a sela. No entanto, a venéfica agarra-se bem, com as mãos fechadas na espada espetada nas escamas do meu dragão e os pés a voar. Assim que o Tairn se endireita, a venéfica olha-me fixamente como se eu fosse a sua próxima refeição e dirige-se decidida a mim sem nada a não ser determinação nos olhos e punhais serrados com pontas verdes em riste.

– *Há mais três serpes sem cavaleiro no meu encalço!* – grita o Tairn.

Foda-se. Há alguma coisa que me está a escapar. Está-me a acossar a cabeça como a pergunta para um teste cuja resposta eu sei que estudei.

– Não és um bocado pequena para cavaleira de dragões? – pergunta a venéfica com os dentes cerrados.

– Tenho tamanho suficiente para te matar. – O Tairn e eu estamos mortos se não fizer alguma coisa.

– *Preciso que te mantenhas direito* – digo ao Tairn, a desapertar as correias das coxas.

– *Não vais sair do assento!* – rosna o Tairn.

– *Não vou deixar que ela te mate!* – Ponho-me a pé e desembainho os dois punhais que o Xaden me deu hoje. Todos os desafios, todos os obstáculos, todas as horas que a Imogen passou na sala de pesos comigo, todas as vezes que o Xaden me levou para o tapete têm de servir para alguma coisa, não é assim?

Isto não passa de um desafio… com uma manipuladora de magia negra não particularmente fictícia… no parapeito.

Um parapeito voador em movimento.

– *Volta para o teu assento!* – ordena o Tairn.

– *Não a consegues sacudir. Ela deu-te mais um golpe. Vou ter de a matar.* – Afasto o medo para o lado. Não há lugar para ele aqui.

Sob a luz do ocaso e perante o brilho sinistro da cidade a arder no vale, evito o primeiro golpe da faca dela, depois o segundo, baixando-me e levantando o antebraço para bloquear um ataque de cima para baixo e deter o movimento do metal que pretendia atingir-me o rosto. A força do impacto provoca um estalo que eu sei ser de um dos meus ossos.

Uma dor lancinante paralisa-me por um momento em que o punhal me voa da mão. Só me resta um. Sinto o coração a palpitar quando os meus pés tocam num dos espigões do Tairn e eu tropeço.

Não posso sequer agarrar-me ao meu braço destroçado e latejante ao vê-la a avançar e a ganhar-me terreno com cada arremetida e investida dos punhais de ponta verde que tem nas mãos. É como se ela soubesse exatamente o que eu vou fazer antes de o fazer. Responde a cada um dos meus ataques com outro ainda mais rápido, como se já conhecesse o meu estilo de combate ao fim de poucos momentos de luta. É inacreditavelmente rápida. Nunca vi o Xaden nem a Imogen a movimentar-se a esta velocidade.

Consigo esquivar-me a cada ataque que faz, mas não há dúvida de que estou à defesa. Ela nem sequer está vestida com peles de voo, apenas com uma capa que parece uma vela esvoaçante, mas…

Sinto dor a irradiar na minha ilharga, ardente e dilacerante, e caio de costas, incrédula, quando vejo que um dos punhais que ela tinha na mão espetado logo abaixo da minha couraça de escamas de dragão.

O Tairn ronca e a Andarna guincha.

– *Violet!* – grita o Xaden.

– *Ela é demasiado rápida!* – Duvido que o punhal tenha atingido algum órgão vital naquela posição e tento conter as náuseas que me dão vontade de vomitar para não perder o único punhal para venéficos que me resta e retirar o dela do meu corpo. Mas há algo que não está bem. A ferida começa a *arder*, e eu procuro imediatamente manter o equilíbrio ao sentir um ácido a correr-me pelas veias. A ponta do punhal já não é verde quando me cai por entre os dedos.

– Tanto poder por explorar. Não admira que tenhamos sido chamados para aqui. Podias dominar o céu e resgatar-lhe todo o seu poder, mas aposto que não sabes o que fazer com ele, pois não? Os cavaleiros nunca sabem. Vou abrir-te em duas para ver de onde vêm esses relâmpagos espantosos. – Ela brande o outro punhal na minha direção e eu percebo que está a *brincar* comigo. – Ou talvez te deixe para ele. Vais desejar morrer se eu te entregar ao meu Mestre.

Ela tem um *professor?*

Não passa do raio de uma estudante, tal como eu, e, mesmo assim, domina-me com uma perna às costas. Mal consigo perceber em que mão é que ela tem o punhal. O meu braço tem uma pulsação própria e a minha ilharga está aos gritos.

– *Equilibra o terreno de jogo* – ordena o Xaden. Dividiu o poder dele e vejo sombras a aproximar-se vindas da montanha à minha esquerda e a envolver o mundo à minha volta, e à volta da venéfica, numa nuvem de escuridão total.

E eu tenho o poder da luz.

Sou eu que estou por cima neste momento e conheço o terreno do dorso do Tairn como a palma da minha mão. Desloco-me para a direita, onde consigo sentir a elevação do ombro e assumo uma postura de combate, seguro o punhal na mão boa e deixo que o meu poder expluda no escuro, iluminando o céu por um segundo crepitante e inestimável.

A venéfica está desorientada e vira-me as costas. Enfio-lhe o punhal com runas entre as costelas – no preciso lugar que o Xaden me mostrou há tantos meses – e retiro-o para não o perder. Ela recua, titubeante, e o rosto faz-se pardacento como cinza antes de ela cair do dorso do Tairn.

Eu vacilo, a andar de um lado para o outro, a sentir o ácido que me corre nas veias a arder com mais intensidade, como se me estivesse a queimar a partir de dentro.

– *Está morta* – consigo dizer-lhes, tentando levar as minhas palavras ao encontro do Tairn, do Xaden, da Andarna, da Sgaeyl… de quem quer que esteja a ouvir.

As sombras esfumam-se e deixam que a luz fina do crepúsculo me ilumine quando cambaleio em direção à sela, com a mão na ilharga para estancar o sangue que escorre da ferida do punhal.

– *Estás ferida* – acusa o Tairn.

– *Estou bem* – minto, a olhar com os olhos arregalados para o sangue preto que me escorre dos dedos como lama. Não é bom. Não é nada bom.

Não vou poder lutar corpo a corpo contra outro venéfico com esta ferida na ilharga. E, daqui a pouco, estarei muito fraca para manipular qualquer poder que seja. A minha melhor arma neste momento é a minha cabeça.

Inspiro fundo, procuro acalmar o coração e *penso*.

– Elas estão a cair – diz o Tairn, e tiro o olhar da minha ilharga e vejo três serpes a cair do céu e a embater na terra.

Serpes sem cavaleiros.

Criadas por venéficos.

E morreram todas porque eu matei uma venéfica.

Era isso o que o Liam estava a tentar dizer-me. Quando um dragão morre, o cavaleiro também morre. Mas, pelos vistos, quando um venéfico morre, morrem também todas as serpes que ele criou. Todas. É assim que podemos salvar toda a gente neste campo de batalha.

Há dois cavaleiros na horda que o Xaden está a conter.

– *Temos de eliminar os cavaleiros* – sussurro.

– *Sim* – concorda o Tairn, a acompanhar o meu pensamento. – *Excelente ideia.*

– *Estás disposto a arriscar a vida nesse palpite?* – Se eu estiver enganada, morremos ambos, assim como o Xaden e a Sgaeyl.

– *O meu palpite é em ti desde o primeiro dia* – diz ele, a guinar para voltar para o vale à medida que os outros dragões se apressam a vir atrás de nós juntamente com os respetivos cavaleiros, sem dúvida a seguir ordens do Tairn. Só o Garrick e o seu Cauda de Escorpião Castanho vão à nossa frente a voar baixo e rapidamente em direção ao Xaden. – *Três dos venéficos estão mortos, mas um está…*

Vejo, aterrorizada, um venéfico com um bordão tão grande como ele a sair da escuridão com o passo decidido e o olhar ameaçador fixado no Xaden.

– *À esquerda* – grito para o Xaden.

A Sgaeyl roda e cospe fogo contra o venéfico, mas ele nem sequer abranda a passada.

O Garrick inclina-se do assento e lança um punhal, mas, antes de alcançar o venéfico, a figura encapada finca o bordão no chão e desaparece como se nunca ali tivesse estado.

Desapareceu. Mas foi para onde?

– Que diabo? – grito para o vento.

– *Um general é capaz de reconhecer outro general e aquele é o chefe deles* – diz o Tairn.

O Mestre?

– *Não as consigo conter durante muito mais tempo!* – grita o Xaden, com os braços a tremer tanto que parece que o corpo vai rebentar pelas costuras quando nós nos precipitamos para a boca do vale.

– *Novo plano* – digo ao Xaden, e o Tairn dá tudo o que tem para voar mais depressa. – *Preciso que deixes as sombras caírem.*

– *O QUÊ?* – Ele já está a fraquejar; consigo percebê-lo pelos vultos que lhe deformam as sombras, serpes desesperadas por as penetrarem.

– *Tanto sofrimento.* – A dor na voz da Andarna deixa-me arrepiada.

Viro a cabeça para o posto comercial atrás de nós e vislumbro uma centelha de dourado. O meu coração estaca.

– *Não! Isso não é seguro para ti aí!*

– *Tu precisas de mim!* – grita ela.

– *Esconde-te, por favor. Um de nós tem de sobreviver a isto* – digo-lhe quando o Tairn passa por cima do Xaden e da Sgaeyl.

– *Xaden, tens de baixar as sombras. É a única maneira.*

– *Tairn!* – grita a Sgaeyl, com uma inflexão de medo na voz que eu nunca lhe tinha ouvido.

– *Não me peças isso.* – Até a *voz* do Xaden treme. As sombras vão baixar quer ele queira quer não. Está a aproximar-se do esgotamento.

– *Se alguma vez confiaste em mim, Xaden, preciso que o faças agora.* – Uso as palavras que ele me dirigiu antes, quase sem conseguir respirar devido à dor

lancinante que sinto na ilharga. O Xaden vai deixar-se levar por um esgotamento se não confiar em mim.

– *Foda-se!* – Num abrir e fechar de olhos, o muro de sombras cai e as serpes voam em direção a nós a uma velocidade aterradora. Se eu não for capaz de fazer isto, ninguém irá sobreviver. São demasiadas.

– *Encontra o cavaleiro mais poderoso, Tairn.* – É a melhor aposta. A única aposta.

Estamos a um minuto da colisão.

– *Depois de eu eliminar o cavaleiro, fica a faltar apenas um, Xaden. Mata esse e o resto das serpes caem com ele.*

– *Estou a caminho.*

Mas eu vou chegar primeiro. O Tairn é mais rápido do que a Sgaeyl.

– *Salvaste-nos só por teres conseguido contê-las durante tanto tempo.*

Quando ele começa a responder, eu finco o meu escudo e bloqueio-o para me concentrar.

A cabeça do Tairn roda para a esquerda e para a direita, à procura, e eu quebro todas as paredes dos Arquivos que me restam, mantendo um pé firme no chão de mármore.

– *Ali* – diz o Tairn, com a cabeça virada para a direita. – *Aquele.*

No canto da horda voadora está um venéfico sentado, com as veias carmesins a raiar-lhe as têmporas e a alastrar-se até às bochechas.

– *Tens a certeza?* – pergunto.

– *Absoluta.*

Vejo fogo azul a irromper da horda e mal consigo respirar antes de uma torrente de sombras se elevar das extremidades do vale e abafar as chamas.

O poder percorre-me os ossos em ondas sucessivas, fazendo o meu próprio ser vibrar com a quantidade de energia que estou a obrigar o meu corpo a conter.

– *Diz-me que o teu plano não consiste em tentares saltar para o dorso da serpe* – diz o Tairn quando eu sinto a minha respiração a vacilar. Só mais uns segundos e estaremos suficientemente perto.

– *Não preciso* – digo-lhe. – *Não ouviste o que a venéfica disse? Eu posso dominar o céu e resgatar-lhe todo o poder, mas vou precisar de cada bocadinho do teu para o conseguir.* – Liberto o meu sinete e ataco uma vez, mas não acerto na serpe, outra vez, e volto a não acertar.

Estão quase em cima de nós quando eu lanço relâmpago atrás de relâmpago, esforçando-me até ao limite enquanto o Xaden abafa as chamas azuis antes de elas me poderem queimar viva.

Não consigo apontar. Não estou pronta. Talvez se eu tivesse mais um ano ou dois de prática, mas não neste momento.

– *Preciso de mais, Tairn!*

– *Vais ter um esgotamento, Prateada!* – rosna ele, a evitar uma chama que o Xaden não conseguiu travar. – *Já estás a chegar aos limites.*

Os meus braços tremem quando os volto a levantar.

– *Esta é a única forma de os salvar. De salvar a Sgaeyl. Só tens de decidir se queres viver, Tairn. Mesmo que eu não sobreviva.*

– *Não vou ver outro cavaleiro morrer por não conhecer as suas próprias limitações. Mais um ataque pode ser o teu último. Sinto a tua força a esmorecer.*

– *Eu sei exatamente do que sou capaz* – prometo quando a energia me enche o corpo uma vez mais e o meu coração se sacode, com dificuldade em encontrar o ritmo certo. Quente. Estou tão quente que sinto que poderia irromper em chamas. Recebi poder de mais. – *Não sou o Naolin.*

O medo ameaça consumir-me quando vejo o venéfico a vir na nossa direção e a aproximar-se o suficiente para eu lhe ver a boca a rosnar, mas o terror que sinto não é meu. É do Tairn.

– *Deixa-me ajudar!* – grita a Andarna, e o meu coração incha mesmo a vacilar com a energia que me corre nas veias. Não tenho tempo de olhar para ver onde ela está… só espero que ainda esteja no posto avançado.

– *Só o que eu preciso* – digo-lhe.

Engulo em seco, com a mão boa fechada sobre um punhal a escorrer sangue, quando nos dirigimos para uma parede de serpes. Vou buscar o poder dourado, que se espalha pela minha espinha e explode através do meu corpo, parando o tempo à nossa volta.

O Tairn abre as asas e deixa-nos a pairar enquanto as serpes se movimentam na nossa direção, precioso centímetro atrás de outro centímetro, a lutar contra a magia da Andarna com a magia delas.

Tenho de *querer* matar aquele venéfico, e, deuses me valham, eu quero.

– *Agora!* – Estendo os braços em direção ao venéfico e convoco um relâmpago na esperança de que rasgue os céus, e ele aparece e espalha-se por todas as

direções, mas eu só tenho de controlar um dos seus veios azuis-prateados. Concentro-me no que está mais perto do venéfico e puxo-o para baixo em explosões lentas que desafiam o tempo. Os meus braços vibram e sinto o poder do Tairn a esticar os limites do meu corpo quando puxo o veio descendente para o lado, centímetro a centímetro com o que resta das minhas forças, até o colocar sobre o venéfico. – *Mais, Tairn!*

Ele ruge e o relâmpago atravessa-me o corpo, queimando-me os pulmões e consumindo-me o fôlego quando o dom da Andarna esmorece. Não tenho de estar perto dela para lhe sentir a fadiga, a força a definhar. Mas eu só posso aproveitar o que preciso. A Andarna não vai morrer hoje, mesmo que seja a única.

Só me restam alguns instantes ou este poder todo vai arder dentro de mim e consumir-me.

O Xaden solta um grito que atravessa as barreiras da minha cabeça e os sons da angústia e do medo que ele está a sentir são quase mais do que consigo aguentar. Mas não tenho tempo para me concentrar nele, para me perguntar o que irá acontecer se eu não for bem-sucedida. Porque neste momento estou concentrada na vingança com uma frieza que orgulharia até a minha mãe.

A puxar finalmente o relâmpago para baixo com a pele a ferver e a crepitar, liberto o tempo e endireito-me apenas o instante suficiente para ver o raio faiscar sem desvios e a matar o venéfico com o primeiro impacto de energia que liberta. Como se o tempo continuasse congelado, o corpo dele cai devagar do dorso da serpe.

No instante seguinte, mais de metade dos monstros caem do céu como se eles próprios tivessem sido atingidos e, como se tivesse estado à espera de que eu atingisse o meu objetivo, a ferida na ilharga ameaça queimar-me viva.

– *À esquerda!* – ronca o Tairn, a virar-se para a serpe e respetivo cavaleiro quando eles se dirigem para nós a toda a velocidade com olhos assassinos.

Uma corda de sombras voa à nossa frente e envolve o pescoço do venéfico no momento em que o Tairn guina para a esquerda para evitar a colisão e eu quase não consigo manter-me no assento.

O Xaden puxa o venéfico do dorso da serpe e arrasta-o para baixo, diretamente de encontro ao punhal que ele tem na mão esticada.

Caramba, às vezes esqueço-me de quão deslumbrantemente letal ele é.

Sabendo que estão todos vivos, deixo a gravidade reclamar o meu corpo e escorrego do dorso do Tairn.

– *VIOLET!* – ouço o Xaden a gritar durante a queda.

Caso se deparem com um veneno que não reconhecem, é melhor fazerem o tratamento com todo e qualquer antídoto.
Seja como for, o paciente morrerá, mas pelo menos desta forma terão aprendido alguma coisa.
– Guia Moderno para os Curandeiros do Major Frederick



CAPÍTULO XXXVIII

Acho que posso morrer hoje.

O ar passa de rajada e o meu estômago parece estar algures acima de mim.

Porque estou a cair.

Uma queda sem fim.

O Tairn ronca, e é o pânico, o tom daquele brado que me obriga a abrir os olhos o tempo suficiente para o ver a mergulhar ao meu encontro, mas não o consigo sentir na minha cabeça, não consigo sentir os meus pés no chão dos Arquivos, não consigo aceder ao meu poder. Estou bloqueada e já não estou ligada à terra.

Embato com as costas em alguma coisa que me tira o fôlego dos pulmões, abrandando-me a queda sem a parar, e uma luz dourada cintilante sobe e desce à minha volta. O vento para, os gritos de caos e destruição cessam, mas o ardor interior continua, consumindo-me como dentes em fogo. *Tempo.*

A Andarna parou o tempo com a força que lhe resta.

Eu estou no dorso dela, a cair… porque ela não tem força suficiente para me carregar, mas tem coragem suficiente para voar para esta batalha. Agora também tenho os olhos a arder. A Andarna não deveria estar aqui. Deveria estar

escondida no posto avançado, longe das serpes, que são três vezes maiores do que ela.

Terá sobrado alguma serpe? Conseguimos eliminá-las a todas?

Quando o tempo recomeça e o vento me fustiga a pele exposta, escorrego do dorso dela e sou recolhida e abraçada por braços humanos fortes.

– Violet. – Conheço esta voz cava e em pânico. O *Xaden*. Mas não me consigo mexer, não consigo sequer forçar os lábios a abrir-se para gritar com a dor de tudo quando ele pressiona a ferida. – Foda-se, deve ser veneno. Tens de lutar contra ele.

– Veneno. O punhal com a ponta verde.

Mas que veneno é que me poderia paralisar não só fisicamente, mas também magicamente?

– Eu tomo conta de ti. Só… não morras. Por favor, não morras.

Claro que ele quer que eu não morra. Sou essencial para a sobrevivência dele.

Preciso de recorrer a toda a força que tenho, mas consigo levantar as pálpebras por um segundo e o medo evidente nos olhos dele sobressalta-me o coração antes de perder a consciência.

– Talvez não seja veneno – diz alguém numa voz cava quando eu acordo, mas não consigo abrir os olhos. Talvez o Garrick? Deuses, dói-me tudo. – Talvez seja magia.

– Viste a forma como ela lançou aquele relâmpago diretamente contra a cabeça daquele venéfico? – pergunta alguém.

– Agora não – diz o Bodhi praticamente a rosnar. – Ela salvou-te o raio da vida. Salvou-nos a vida a *todos*.

Mas não é verdade. A Soleil e… o Liam estão mortos.

– O sangue dela está preto, caralho – atira o Xaden e os braços apertam-me ao encontro do peito dele.

– Tem de ser veneno – clama a Imogen… um som que nunca ouvi vindo dela. – Olhem para isto! Temos de a levar de volta a Basgiath. O Nolon *pode* ser capaz de ajudar.

Sim. O Nolon. Têm de me levar ao Nolon. Mas não o consigo dizer, não consigo fazer os lábios mexer-se, não consigo sequer usar os caminhos mentais

que se tornaram tão familiares para mim como a respiração. Ficar desligada do Tairn, da Andarna… do Xaden é uma tortura por si só.

– Isso é um voo de doze horas. – A voz do Xaden eleva-se. – E tenho quase a certeza de que tem o braço partido.

Estarei morta daqui a doze horas. A promessa de um doce olvido já paira nas redondezas da minha consciência, uma promessa de paz se eu aceitar deixar-me ir.

– Há um sítio mais próximo – diz o Xaden em voz baixa, e sinto os dedos dele a roçar-me a bochecha. O movimento é irritantemente terno.

Sou consumida por outra onda de fogo, que me cresta cada nervo, mas a única coisa que posso fazer é ficar aqui deitada e aguentar.

Alguém pare isto. Deuses, alguém pare isto.

– Não podes estar a falar a sério. – A voz de alguém baixa para um sussurro suspirado entre dentes.

– Vai colocar tudo em risco – avisa o Garrick quando o sono me chama, a única escapatória para a dor dilacerante.

O Tairn urra tão alto que a minha caixa torácica vibra. Pelo menos está perto.

– Eu não voltaria a dizer isso – murmura a Imogen – ou ele é capaz de te comer. E não te esqueças de que se ela morrer há uma possibilidade muito real de o Xaden morrer também.

– Não estou a dizer que ele não deve fazê-lo, só a lembrá-lo do que está em jogo – responde o Garrick.

Será que o Tairn sente a desconexão entre nós? Estará a sofrer como eu? Estaria a espada envenenada também? A Andarna consegue voar? Ou precisa de dormir?

Dormir. É isso o que eu quero. Um sono calmo, feliz e vazio.

– Estou-me nas tintas para o que me acontece! – grita o Xaden para alguém. – Vamos e isto é uma ordem.

– Não é preciso ordens, meu. Vamos salvá-la. – É o Bodhi. Penso eu.

– Faz jus à tua alcunha e luta contra isto, Violência – sussurra-me o Xaden ao ouvido. Depois diz mais alto a alguém mais distante. – Temos de a levar até ele. Vamos com os nossos dragões. – Sinto a oscilação quando ele começa a andar, mas a agonia do movimento contra a minha ferida é excessiva e extingo-me na escuridão.

Passam horas até eu voltar a acordar. Talvez segundos. Talvez dias. Talvez seja para sempre e eu tenha sido condenada a uma eternidade de tortura por Malek pela minha imprudência absoluta, mas não me consigo arrepender de os salvar.

Talvez seja melhor se eu morrer. Mas, nesse caso, o Xaden pode morrer.

Independentemente do muito que nos separa neste momento, não o quero morto. Nunca vou querer.

Um movimento constante do vento no meu rosto e o batimento ritmado de asas diz-me que estamos a voar e uso toda a energia que tenho para abrir uma única pálpebra quando passamos por cima dos Penhascos de Dralor. A vertente de 300 metros é inconfundível. Foi o que tornou a rebelião tyrrense não só possível, mas quase bem-sucedida.

O veneno caustica-me cada veia, cada terminação nervosa do corpo enquanto o percorre sem travão e me abranda a pulsação. Nem a ironia de eu poder morrer por ação de um veneno, que é um tema sobre o qual tenho um conhecimento sem paralelo, consegue fazer-me reunir a energia para falar, para dizer o que penso sobre um antídoto. Como poderei fazê-lo quando não sei o que foi usado em mim? Até há poucas horas, nem sequer sabia que os venéficos existiam fora das lendas e agora não há nada a não ser dor e morte.

É só uma questão de tempo, e o meu é curto.

A morte seria preferível a existir por mais um segundo que fosse neste corpo feito pira, mas, pelos vistos, é uma misericórdia que não me é permitida quando acordo sobressaltada.

Ar. Não tenho ar suficiente. Os meus pulmões têm dificuldade em inalar.

– Tens a certeza acerca disto? – pergunta a Imogen.

Cada passo que o Xaden dá traz uma nova onda de agonia que me começa na ilharga e se alastra em ondas pelo corpo todo.

– Deixa de lhe fazer sempre a mesma pergunta, caramba – atira o Garrick. – Ele já tomou uma decisão. Dá-lhe apoio ou põe-te no caralho, Imogen.

– E é uma má decisão– replica outro homem.

– Quando tiveres 107 cicatrizes nas costas, podes tomar as tuas decisões, Ciaran – rosna o Bodhi.

O rugido do Tairn sobressalta-me e contorço-me, o que só intensifica a tortura já indescritível que me afeta o corpo neste momento.

– O que é que disseste? – pergunta o Garrick algures à esquerda.

– Basicamente, ele disse que me cozinha vivo se eu falhar – responde o Xaden, a segurar-me com mais força. Creio que essa parte da ligação ainda se mantém. A minha bochecha cai ao encontro do peito dele e juro que o sinto a dar-me um beijo leve na testa, mas isso não pode ser verdade.

Não se guarda segredos da pessoa de quem gostamos, muito menos segredos que me vão custar a vida a qualquer momento se o batimento vacilante do meu coração servir de indicação.

Está a ter dificuldades em bombear o fogo líquido que me está a cauterizar as veias.

Deuses, quem me dera que ele me deixasse morrer e pronto.

Eu mereço-o. Sou a razão por que o Liam está morto. Tenho uma mente tão fraca que nem sequer percebi que o Dain me roubou as memórias e as usou contra mim… contra o Liam.

– Tens de lutar, Vi – sussurra o Xaden junto à minha testa à medida que avançamos. – Podes odiar-me à vontade quando acordares. Podes gritar, bater-me, atirar-me o raio dos punhais se quiseres, mas não podes morrer. Não podes fazer com que me apaixone por ti e depois morrer. Nada disto vale a pena sem ti. – A voz parece tão sincera que quase acredito nele.

E foi exatamente isso que me colocou nesta situação.

– Xaden? – grita uma voz familiar, mas não a consigo localizar. O Bodhi, talvez? Um dos do segundo ano? Tantos estranhos. E nenhum amigo.

O Liam morreu.

– Tens de a salvar.

Vocês são todos cobardes.
– As últimas palavras de Fen Riorson (censurado)



CAPÍTULO XXXIX

XADEN

– *E la vai ficar bem.* – A Sgaeyl nunca se tinha dignado a falar comigo com uma voz tão terna. Seja como for, não me escolheu por eu precisar de carinho. Escolheu-me por causa das cicatrizes que tenho nas costas e por ser o neto do seu segundo cavaleiro: o que não conseguiu sobreviver ao quadrante.

– *Não sabes se ela vai ficar bem. Ninguém sabe.* – Passaram três dias e a Violet ainda não acordou. Três dias intermináveis que eu passei nesta cadeira de braços, a caminhar na linha fina como o gume de uma faca que separa a sanidade da loucura, a estudar cada movimento do peito dela só para ter a certeza de que está a respirar.

Os meus pulmões só se enchem quando os dela fazem o mesmo e o intervalo entre as minhas pulsações é consumido por um medo penetrante e avassalador.

A Violet nunca foi frágil aos meus olhos, mas agora é, deitada no meio da minha cama, com os lábios pálidos e gretados e as pontas do cabelo mais desmaiadas do que o habitual tom de lâmina. Durante três dias, tudo nela me levava a crer que lhe drenaram a vida do corpo, deixando apenas uma sombra da alma debaixo da pele.

Mas hoje, pelo menos, a luz da manhã mostra que as bochechas têm um pouco mais de cor ao longo da marca escura dos óculos de voo do que ontem.

Sou um idiota sem nome. Deveria tê-la deixado em Basgiath. Ou ter deixado que fosse com o Aetos, mesmo que prejudicasse a Sgaeyl e o Tairn. Ela nunca deveria ter sido vítima do castigo do coronel Aetos. Por um crime que nem sequer sabia que estava a cometer. Não suspeitava tão-pouco.

Passo uma mão pelo cabelo. Ela não foi a única que sofreu.

O Liam estaria vivo.

O *Liam*. A culpa enleia-se a uma dor que me leva a alma e mal consigo respirar com o sofrimento que me vai no peito. Dei ordens ao meu irmão de acolhimento para que a mantivesse em segurança e foram essas ordens que o mataram. A morte dele é responsabilidade minha.

Deveria ter percebido o que nos esperava em Athebyne…

– *Deverias ter-lhe contado o que sabias sobre os venéficos. Fiquei à espera de que partilhasses a informação e agora ela está a sofrer* – rosna o Tairn. O dragão é a manifestação viva e cuspidora de fogo da minha vergonha. Mas, pelo menos, o vínculo que nos liga aos quatro continua ativo, o que significa que a Violet está viva, mesmo que ele não possa comunicar com ela.

O Tairn pode gritar comigo à vontade desde que o coração dela continue a bater.

– *Deveria ter feito muitas coisas de forma diferente.* – O que não deveria ter feito era lutar contra o que sentia por ela. Deveria ter-me agarrado a ela ao fim daquele primeiro beijo tal como queria e tê-la mantido sempre ao meu lado, deveria tê-la deixado entrar na minha vida por completo.

Sinto as pálpebras a arranhar como uma lixa sempre que pestanejo, mas estou a combater o sono com todos os ossos que tenho no corpo. É a dormir que ouço o seu grito desolador, o clamor a dizer que o Liam morreu, é a dormir que a ouço a chamar-me um traidor de merda vezes sem conta.

A Violet não pode morrer. E não é só porque existe a possibilidade de eu não sobreviver. Não pode morrer porque eu *sei* que não posso viver sem ela mesmo que sobreviva. Algures entre o choque da nossa atração no cimo daquele torreão, o momento em que me apercebi de que arriscou a vida ao abdicar de uma bota para ajudar outra pessoa no parapeito, naquele primeiro dia, e o momento em que me atirou aqueles punhais à cabeça debaixo do carvalho, vacilei. Deveria ter percebido o perigo de me aproximar de mais na primeira vez que a deitei de costas e lhe mostrei com que facilidade me podia matar no tapete – uma

vulnerabilidade que não mostrei a mais ninguém –, mas ignorei-o, pensando tratar-se de uma atração inegável em relação a uma mulher com uma beleza única. Quando a vi a chegar ao cimo do Guante e depois a defender a Andarna na Debulha, hesitei, pasmado com a astúcia e o sentido de honra que ela demonstrou. Quando entrei de rompante no quarto dela e vi a mão traiçoeira do Oren prestes a cortar-lhe o pescoço, a raiva que me levou a matá-los aos seis tão facilmente e sem um piscar de olhos deveria ter-me dito que estava a encaminhar-me para o abismo. E quando ela me sorriu depois de conseguir levantar o escudo com mestria ao fim de poucos minutos, e o rosto se iluminou enquanto a neve caía à nossa volta, o meu coração levou o golpe final.

Ainda nem sequer nos tínhamos beijado e eu já estava apaixonado.

Ou talvez tenha sido quando ela atirou as facas ao Barlowe ou quando o ciúme me corroeu depois de ver o Aetos a beijar-lhe a boca com que eu já tinha sonhado tantas vezes. Pensando bem, houve mil pequenos momentos que me levaram à perdição pela mulher que está a dormir na cama em que sempre a imaginei.

E nunca lho disse. Só abri a boca no momento em que ela estava a delirar por ação do veneno. Porquê? Porque tinha medo de lhe dar um poder sobre mim quando ela já o tinha todo? Por ela ser a filha da Lilith Sorrengail? Porque nunca deixou de dar segundas e terceiras oportunidades ao Aetos?

Não. Porque não lhe podia dar essas palavras sem ser completa e absolutamente sincero com ela, e depois da forma como olhou para mim no lago, da traição suprema …

O movimento dos lençóis chama-me os olhos de imediato para o rosto dela e inspiro completamente pela primeira vez desde que ela caiu do dorso do Tairn. A Violet tem os olhos abertos.

– Estás acordada. – A minha voz parece ter sido arrastada em gravilha quando eu pensava que isso só tinha acontecido com o meu coração.

Levanto-me, titubeante, e dou os dois passos que me separam da cama. A Violet está acordada. A Violet está viva. A Violet está… a sorrir? Deve ser um efeito de luz. O mais provável é que esta mulher me queira atear fogo.

– Posso ver a tua ilharga? – O colchão afunda-se ligeiramente quando me sento junto à anca dela.

Ela assente com a cabeça e estica os braços como um gato que tivesse estado a dormir ao sol antes de estender a mão para os lençóis.

Afasto os cobertores e desaperto-lhe o robe que lhe cobre a camisa de noite curta que lhe vesti naquela primeira noite. Levanto a bainha devagar acima da pele sedosa da anca a preparar-me para os fios pretos que lhe mancharam as veias durante o voo, mas que diminuíram ligeiramente desde que chegámos. Não há nada. Apenas uma linha prateada fina a três dedos da bacia. O ar irrompe-me pelos pulmões com o alívio.

– Milagrosa.

– O que é que é milagrosa? – crocita ela a baixar a cabeça para olhar para a cicatriz.

Merda. Eu seria um curandeiro horrível.

– Água. – A minha mão treme de exaustão, ou alívio, não me importa sequer qual dos dois, quando verto água do jarro que tenho na mesinha de cabeceira. – Deves ter a boca seca.

Ela esforça-se por se sentar, depois pega no copo e bebe tudo sem parar.

– Obrigada.

– *Tu.* – Pouso o copo na mesinha de cabeceira, viro-me para ela e fito aqueles olhos cor de avelã que me assombram desde o Parapeito. – Tu és milagrosa – concluo num sussurro. – Estava a morrer de medo, Violet. Não há palavras adequadas.

– Eu estou bem, Xaden – diz ela em voz baixa a levantar a mão para a pousar no meu coração palpitante.

– Pensei que te ia perder. – A confissão sai sufocada e talvez esteja a abusar da sorte depois de tudo o que a fiz passar, mas não consigo deixar de me inclinar para a frente e roçar-lhe os lábios na testa e depois na têmpora. Deuses, beijá-la-ia para sempre se achasse que iria evitar a discussão que nos espera e manter-nos neste momento puro em que posso chegar a acreditar que tudo pode ficar bem entre nós, que eu não fodi a melhor coisa que me aconteceu sem remissão.

– Não me vais perder. – Lança-me um olhar de perplexidade, a sorrir como se eu tivesse dito algo estranho. Depois aproxima-se de mim e beija-me.

Ela ainda me quer. A epifania deixa-me o coração a *levitar*. Levo o beijo mais fundo, passo-lhe a língua pelo lábio inferior macio e chupo-lhe delicadamente a curva suave. E não é preciso mais nada para a necessidade me inundar o sistema,

quente e ávida. É sempre assim entre nós: a mínima faísca desencadeia um fogo incontrolável que consume cada ideia que não esteja relacionada com a quantidade de maneiras de a fazer gemer. Vamos ter uma vida inteira de momentos desses à nossa frente, em que eu vou poder despi-la por completo e venerar-lhe cada curva e contracurva do corpo, mas este não é um deles, tendo em conta que só acordou há uns cinco minutos. Recuo e desligo-me devagar da boca dela.

– Eu vou compensar-te – prometo, a segurar-lhe as mãos delicadas com os meus dedos brutos. – Não estou a dizer que não vamos discutir nem que não me vais querer atirar esses punhais quando eu for um idiota, o que vai acontecer inevitavelmente, mas juro que vou tentar melhorar todos os dias.

– Compensar-me pelo quê? – Ela afasta-se com um sorriso inquiridor.

Pestanejo e franzo o sobrolho. Será que ela perdeu a memória?

– Do que é que tu te lembras? Quando chegámos aqui, o veneno já se tinha alastrado para o teu cérebro e…

Os olhos dela dilatam-se e algo muda, algo que me bate fundo no estômago como uma rocha quando puxa as mãos das minhas.

Ela desvia o olhar e os olhos ficam vidrados de uma forma que me diz que está a conferenciar com os dragões dela.

– Não entres em pânico. Está tudo bem. A Andarna não está bem igual, mas continua a ser… ela. – Está enorme agora, mas não o vou dizer à Violet neste momento. O dom dela também desapareceu, de acordo com o Tairn, mas temos tempo suficiente para partilhar as notícias. Em vez disso, digo: – O curandeiro disse-me que não tem a certeza de quais são os efeitos que o veneno pode ter a longo prazo, porque era algo que ele nunca tinha visto, e ninguém sabe quanto tempo vais demorar a recuperar as tuas memórias se houve algum dano permanente, mas tenho de te dizer…

Ela levanta a mão e olha em volta do quarto, como se estivesse a reparar onde estamos pela primeira vez, depois recua atabalhoadamente na cama e fecha o robe. A expressão nos olhos dela quando cambaleia até às enormes janelas do meu quarto é como um torno a apertar-me o peito.

As janelas têm uma vista sobre a montanha em que esta fortaleza está construída, bem como sobre o vale que a delimita, a fileira de árvores

carbonizadas que marcam o local onde a terra foi reduzida a cinzas e a sossegada vila de Aretia, que já foi uma cidade.

A vila que tanto nos esforçámos por reconstruir a partir de uma pilha de escórias e ruínas.

– Violet? – Mantenho os escudos levantados para tentar respeitar-lhe a privacidade quando me coloco ao lado dela, mas, deuses, preciso de saber em que é que ela está a pensar.

Os olhos arregalam-se ao varrerem a vila, cada estrutura com telhado verde idêntico à anterior e param no Templo de Amari, que era o marco mais conhecido além da nossa biblioteca.

– Onde estamos? E não te atrevas a mentir-me – diz ela. – Outra vez não.

Outra vez não.

– Lembras-te.

– Lembro-me.

– Graças aos deuses – murmuro, a levar a mão ao cabelo. É bom, prova que está verdadeiramente curada, mas… foda-se.

– Onde. Estamos? – Enuncia cada palavra com raiva e os olhos a entrefechar-se em mim. – Diz-me.

– A forma como estás a olhar para mim diz-me que já sabes. – É impossível que esta mulher brilhante não reconheça o templo.

– Isto parece Aretia. – Aponta para a janela. – Só há um templo com colunas como aquelas. Eu vi os desenhos.

– Sim. – Foda-se. Que. Mulher. Brilhante.

– Aretia foi destruída pelo fogo. Também vi *esses* desenhos. Aqueles que os copistas trouxeram dos anúncios públicos. A minha mãe disse-me que viu as cinzas com os seus próprios olhos. Por isso, diz-me: onde estamos? – A voz dela eleva-se.

– Aretia. – A sensação de lhe dizer a verdade é incrivelmente libertadora.

– Reconstruída ou nunca queimada? – Vira-me as costas.

– Em processo de reconstrução.

– Porque é que eu não li nada sobre isto?

Começo a dizer-lhe, mas ela levanta uma mão e eu espero. Também só demora um minuto a perceber.

Aponta para a minha relíquia da rebelião e diz:

– O Melgren não consegue ver o resultado quando há mais de três de vocês juntos. É por isso que vocês não se podem reunir.

Não posso evitá-lo. Sorrio. Foda-se, esta mulher brilhante é minha. Ou era minha. Vai voltar a ser minha se eu tiver voto na matéria. O que é pouco provável. Suspiro e perco o sorriso de imediato. Foda-se.

Não, não vou desistir enquanto ela não me disser para o fazer.

As coisas podem ser complicadas, mas nós também somos.

– Isso e o facto de nós já não termos importância suficiente para suscitar a atenção dos copistas. Não estamos escondidos. Só não estamos a… publicitar a nossa existência. – Que também é a razão por que este lugar ainda é tecnicamente… meu. Os nobres não estavam propriamente ansiosos por atirar o dinheiro para uma cidade reduzida a cinzas nem por pagarem impostos de terras que não podem usar. Um dia vão descobrir. Um dia vou perdê-lo. E também vou perder a cabeça. – Podes saber tudo o que quiseres. Basta perguntares.

Ela retesa-se.

– Diz-me uma coisa agora.

– O que quiseres.

– O… – Os ombros dela vacilam quando ela inspira. – O Liam está mesmo morto?

O *Liam.* Uma nova pontada de dor permeia-me as costelas. Passam alguns momentos de silêncio enquanto tento encontrar as palavras certas, mas não há palavras certas, pelo que tiro do bolso a escultura da Andarna do tamanho da palma da mão em que o Liam estava a trabalhar.

Ela vira-se para mim e os olhos pousam-se imediatamente na figura antes de marejarem.

– A culpa é minha.

– Não, é minha. Se eu te tivesse contado tudo mais cedo, estarias preparada. Provavelmente ter-nos-ias explicado como poderíamos matá-los. – A minha alma volta a quebrar-se quando ela limpa lágrimas gémeas com as costas das mãos. Pouso a figura nas mãos dela. – Eu sei que o deveria ter feito, mas não consegui queimá-la. Pusemo-lo a descansar ontem. Bem, os outros fizeram isso. Eu não saí deste quarto desde que aqui chegámos. – Os nossos olhares colidem e tenho de recorrer a todas as minhas forças para não lhe estender a mão, mas eu sei que sou o último lugar onde vai procurar conforto. – Não te deixei.

– Bem, é verdade que tens um interesse declarado na minha sobrevivência – graceja ela com um sorriso molhado e sarcástico. – Dá-me um segundo para me vestir e podemos falar.

– A expulsar-me do meu próprio quarto. – Recorro ao tom sarcástico e provocador que costumava sair tão facilmente quando estava com ela e recuo. – Essa é nova.

– Agora, Riorson.

Não consigo deixar de estremecer. Ela nunca usa o meu apelido. Talvez seja porque não gosta de se lembrar que sou filho do Fen Riorson e de tudo o que o meu pai lhe custou, mas sempre fui o Xaden para ela. A perda parece um abismo sem fundo, uma espécie de golpe de morte.

– Os aposentos de banho são por ali. – Aponto para a parede mais distante e dirijo-me para a saída, colocando a espada nas costas ao sair.

O meu primo está encostado à parede, a falar com o Garrick, que ostenta uma cicatriz nova de quinze centímetros entre a têmpora e o maxilar, mas ficam ambos em silêncio quando fecho a porta do quarto. Põem-se tensos e o Garrick endireita-se completamente.

– Está acordada.

– Graças a Amari – diz o Bodhi com os ombros a caírem. Continua com o braço ao peito, a recuperar dos quatro lugares em que o venéfico lho partiu.

– Ela vai ter de escolher. – Olho para o Garrick e reparo na preocupação que lhe turva os olhos. Já me disse que acha que ela vai guardar o nosso segredo. A preocupação é mais com o meu estado mental se ela não me perdoar por não lhe ter contado nada antes. – Ou vai manter o nosso segredo ou não.

– É algo que vais ter de resolver – responde ele. – E depois ensiná-la a escondê-lo do Aetos, se for essa a decisão dela.

– Alguma notícia dos voadores?

– A Syrena está viva, se é isso que estás a perguntar – responde o Bodhi. – E a irmã dela também. Mas os restantes… – Abana a cabeça.

Pelo menos elas salvaram-se e, agora que a Violet está acordada, posso finalmente respirar.

– Descobriste o que era aquela caixa que o Chradh procurava lá em Resson? – pergunto. O dragão do Garrick é extraordinariamente sensível a runas, o que

lhes permitiu localizar e recuperar a pequena caixa de ferro debaixo dos escombros da torre do relógio.

– Estão a trabalhar nisso neste momento. Espero que possamos ter uma resposta nas próximas horas. Fico contente por ela estar bem, Xaden. Vou contar aos outros. – Baixa a cabeça uma vez em aquiescência e dirige-se para o fundo do corredor, quase tão à vontade com os meandros do castelo como eu, tendo em conta que passou aqui todos os verões até à apostasia, ou *secessão,* que é o nome que os navarreses dão à rebelião do meu pai.

É curioso como as pessoas mudam o nome de tudo o que as deixa desconfortáveis. Perdemos a esperança de que o nosso rei viesse um dia a fazer o mais correto. E chamam-nos traidores a nós.

O Bodhi franze o nariz.

– O que foi?

– Cheiras a cu de dragão.

– Vai-te foder. – Dou uma snifadela e não o posso desmentir. – Vou usar o teu quarto.

– Vou considerá-lo um favor pessoal.

Ergo o dedo do meio e dirijo-me para o quarto dele.

Uma hora depois, estou de banho tomado e impacientemente à espera, à porta do meu quarto, vestido com um conjunto de peles lavadas com o Bodhi, que está a fazer o que pode para me animar como faz sempre, quando a porta se abre e vejo a Violet.

Quase engulo a língua ao ver-lhe o cabelo húmido e solto a enrolar-se até ao fundo dos seios. Não consigo sequer dizer o que é que aquela melena tem que me deixa em território de tenho-de-a-foder-já, e estou demasiado ocupado a esforçar-me para manter as mãos nas ilhargas para pensar na razão por que isto acontece.

Ela existe e eu fico excitado. Acabei por aceitar esta verdade peculiar ao longo do ano que passou.

O Bodhi ri-se com vontade e lança-me um esgar que é igualzinho ao que a minha tia costumava lançar-me.

– É bom ver-te a pé e de boa saúde, Sorrengail. – Depois dá-me uma palmada no ombro e vai-se embora, não sem olhar por cima do ombro. – Vou tratar do plano B. Boa sorte.

Deuses, quero puxá-la para os meus braços e amá-la até ela se esquecer de tudo menos do quão bons que somos juntos, mas tenho a certeza de que essa é a última coisa que vai querer outra vez.

– Volta para dentro – diz-me em voz baixa e o meu coração alvoroça-se.

– Já que estás a convidar-me. – Entro, apreensivo com a desconfiança que lhe vai nos olhos.

Quer a Violet acredite em mim ou não, nunca lhe menti. Nem uma única vez.

Só que também não lhe disse a verdade toda.

– Isto é tudo original? – pergunta ela, com o olhar a varrer o meu quarto.

– A maioria da fortaleza é de pedra – digo enquanto ela examina os arcos muito trabalhados do teto, a luz natural das janelas que ocupam a parede oeste. – A pedra não arde.

– Certo.

Eu engulo em seco. Com muita dificuldade.

– Acho que, depois de tudo o que viste, a pergunta que te faço antes de te contar tudo é muito simples. Estás connosco? Estás disposta a lutar ao nosso lado? – Ela pode muito bem decidir denunciar-nos a todos. Não sabia o suficiente para nos condenar, mas agora sabe.

– Estou convosco. – Assente com a cabeça.

O alívio assoma-me pelo corpo num acesso mais poderoso do que qualquer coisa que eu pudesse canalizar da Sgaeyl e estendo-lhe a mão.

– Desculpa por eu ter de manter… – As minhas palavras morrem-me na língua quando a vejo a recuar para me evitar.

– Não vai acontecer. – Vejo um mundo de dor a atravessar aqueles olhos de avelã e encolho-me todo. – Só por acreditar em ti e estar disposta a lutar contigo não quer dizer que te vou voltar a confiar o meu coração. E não posso estar com uma pessoa em quem não confio.

Algo no meu peito se desfaz.

– Nunca te menti, Violet. Nem uma única vez. E nunca o vou fazer.

Dirige-se para a janela e olha para baixo, antes de se virar devagar para mim.

– Nem sequer é por não me teres contado nada disto. Eu percebo. É a facilidade com que o fizeste. A facilidade com que eu te deixei entrar no meu coração e não obtive o mesmo em troca. – Ela abana a cabeça e eu vejo-o, o amor, mas está mascarado por defesas que a obriguei a construir por ter sido estúpido.

Amo-a. Claro que a amo. Mas se lho disser agora, ela vai pensar que o estou a fazer pelas razões erradas, e, para dizer a verdade, teria razão.

Não vou perder a única mulher por quem já me apaixonei sem dar luta.

– Tens razão. Guardei segredos – admito, voltando a aproximar-me dela um passo de cada vez até estar a menos de um passo. Pouso as mãos abertas no vidro de ambos os lados da cabeça dela, cercando-a levemente, mas ambos sabemos que podia desviar-se se quisesse. No entanto, não se mexe. – Demorei muito tempo a confiar em ti, muito tempo a aperceber-me de que me apaixonei por ti.

Alguém bate à porta. Eu ignoro-o.

– Não digas isso. – Ela levanta o queixo, mas eu reparo na forma como relanceia para a minha boca.

– Apaixonei-me por ti. – Baixo a cabeça e olho-lhe diretamente para aqueles olhos lindos. Pode estar zangada, e com razão, mas Malek sabe que não é volátil. – E sabes uma coisa? Podes já não confiar em mim, mas ainda me amas.

Ela entreabre os lábios, mas não o nega.

– Dei-te a minha confiança de graça uma vez, e uma vez é tudo a que terás direito. – Esconde a dor com um piscar de olhos rápido.

Nunca mais. Aqueles olhos nunca mais vão refletir dor provocada por mim.

– Fiz merda quando não decidi contar-te tudo mais cedo e nem sequer vou tentar justificar-me. Mas agora estou a confiar-te a minha vida. E a vida de *todos.* – Arrisquei tudo só por a trazer para aqui em vez de levar o corpo dela para Basgiath. – Contar-te-ei tudo o que quiseres saber e tudo o que não quiseres. Passarei todos os dias da minha vida a recuperar a tua confiança.

Tinha-me esquecido da sensação de ser amado – amado de verdade – tantos anos passados sobre a morte do meu pai. E a minha mãe… *não vou por aí.* Mas depois a Violet deu-me estas palavras, deu-me a confiança dela e eu lembrei-me. Raios me partam se não vou lutar para as manter.

– E se não for possível?

– Tu ainda me amas. É possível. – Deuses, o que eu anseio por beijá-la, por lhe lembrar exatamente o que somos juntos, mas não o vou fazer enquanto não mo pedir. – Não tenho medo de me esforçar, sobretudo quando tenho perfeita noção da doçura da recompensa. Preferia perder esta guerra inteira a viver sem ti, e se isso significar que tenho de me pôr à prova todos os dias, é o que farei. Tu deste-me o teu coração e eu vou ficar com ele. – Ela já é dona do meu, mesmo que não o tenha percebido ainda.

Os olhos dela arregalam-se, como se tivesse finalmente visto a determinação nos meus.

Chegou o momento de ela saber tudo. Conhecendo a Violet, sei que não vai ficar recolhida em segurança atrás das muralhas de Basgiath, sobretudo agora que sabe a corrupção que grassa dentro daquelas muralhas.

Vai combater nesta guerra ao meu lado.

Voltamos a ouvir alguém a bater à porta, desta vez com mais insistência.

– Foda-se, é impaciente ele – murmuro. – Tens cerca de vinte segundos para me fazer uma pergunta, se bem o conheço.

Ela pestaneja.

– Continuo a ter esperança de que aquela missiva em Athebyne tenha sido realmente sobre os Jogos de Guerra. Achas que existe a possibilidade de termos acabado no meio de um ataque de serpes naquele posto avançado por acaso?

– Isso não foi um acidente de certeza, irmãzinha – diz ele à porta.

Eu suspiro e afasto-me para o lado, a ver os olhos da Violet arregalar-se ao vê-lo à entrada do quarto.

– Eu disse-te que conhecia melhores mestres de venenos – digo-lhe baixinho. – Não foste curada. Foste reparada.

– Brennan? – Ela fica com os olhos cravados no irmão, boquiaberta de choque.

O Brennan limita-se a lançar-lhe um sorriso de orelha a orelha.

– Bem-vinda à revolução, Violet.

Agradecimentos

Em primeiro lugar e acima de tudo, agradeço ao meu Pai dos Céus pelas bênçãos que me tem dado e que vão além dos meus melhores sonhos.

Obrigada ao meu marido, Jason, por seres a melhor inspiração que uma escritora pode ter para o namorado perfeito dos livros e por me apoiares nas minhas formas de ir atrás dos meus sonhos. Obrigada por me dares a mão quando o mundo ficou instável e por me teres levado a todas as consultas médicas e gerido o calendário avassalador de um casal com quatro filhos e uma mulher com doença do tecido conjuntivo. Foste o nosso porto seguro durante as cirurgias e as consultas com os especialistas. Obrigada aos meus seis filhos, que me ensinam mais do que eu lhes vou ensinar. Vocês são a minha razão. Nunca duvidem que são essenciais para a minha existência. À minha irmã, Kate, amo-te de verdade. Aos meus pais, que estão sempre presentes quando preciso deles. À minha melhor amiga, Emily Byer, por vir sempre atrás de mim quando desapareço na cave de escrita durante meses.

Obrigada à minha equipa na Red Tower. Não há gratidão suficiente no mundo para dedicar à minha editora Liz Pelletier, por me dar a oportunidade de abrir as asas e escrever fantasia e me manter alimentada e a rir durante o período de 21 dias de edições finais. Não foram danificados computadores portáteis na escrita deste livro. Mas, falando a sério, este livro é o meu sonho. Obrigada por o concretizares com os teus conselhos, contributos, paciência e apoio incondicional. Não teria sido possível sem ti. À Stacy por o editar durante noites sem dormir. À Heather, ao Curtis, à Molly, à Jessica, à Riki e a todos os profissionais da Entangled e Macmillan por responderem a cadeias intermináveis de mensagens de *e-mail* e por colocarem este livro no mercado. À Madison e à Nicole por todas as notas incríveis e por ficarem acordadas a noite inteira durante a leitura. Elizabeth, obrigada por esta bela capa, e Bree e Amy, obrigada

pela arte primorosa. Obrigada à minha fenomenal agente Louise Fury, que nem pestanejou quando lhe disse que queria escrever uma fantasia e que me facilita a vida com o seu apoio constante.

Obrigada às minhas meninas, a nossa profana trindade, Gina Maxwell e Cindi Madsen: estaria perdida sem vocês. À Kyle, que tornou este livro possível. À Shelby e à Cassie por me manterem sempre organizada e por sempre me darem força. À Candi por tratar de tudo o que nos aparece pela frente com elegância e boa-vontade. À Stephanie Carder por ter tirado tempo para ler. A todos os *bloggers* e leitores que arriscaram em mim ao longo dos anos, nunca vos poderei agradecer o suficiente. Ao meu grupo de leitura, The Flygirls, por me trazerem alegria todos os dias.

Por último, porque és o meu início e o meu fim, obrigada de novo ao Jason. Há um pouco de ti em todos os heróis que escrevo.


O CONTINEN
MAR ESMERALDA
NAVAR
PROVÍNCIA DE LUCERAS
RIO LAROBOS
PROVÍNCIA DE MO
BASGIATH
CIDADE DE CALLDYR
PROVÍNCIA DE CALLDYR
PROVÍNCIA DE DEACONSHIRE
PROVÍNCIA DE TYRRENDOR
LEWELLEN
ARETIA
PENHASCOS DE DRALOR
OCEANO ÁRCTILO

Grupo Planeta

Planeta de Livros Portugal
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

2023, Rebecca Yarros
Direitos de tradução por acordo com
Sandra Bruna Agencia Literaria e
Alliance Rights Agency, LLC. SL.Todos os direitos reservados
2023, Planeta de Livros Portugal

Mapa da p. 11: Amy Acosta e Elizabeth Turner Stokes
Mapa das pp. 518 e 519: Melanie Korte

Título original: *Fourth Wing*

Design da capa: Bree Archer e Elizabeth Turner Stokes

Imagens da capa: ©Peratek, ©Stopkin, ©Darkness222y ©Detchana Wangkheeree/Shutterstock

Edição em epub: Outubro de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-799-8 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

www.planetadelivros.pt
planetaportugal
planetadelivros_pt
planetaportugal
planetadelivros_pt